



AS CRÔNICAS VAMPIRESCAS

# ANNE RICE

O VAMPIRO ARMAND

Rocco



Anne Rice

O VAMPIRO ARMAND

Tradução de

ADALGISA CAMPOS DA SILVA

Rio de Janeiro - 2000

nota de orelha do livro

o recente episódio das crônicas Vampirescas, Anne

Rice convoca mundos fascinantes para nos trazer a história de Armand

- eternamente jovem, com um rosto de anjo de Botticelli.

Armand, que apareceu em toda a sua

glória sinistra mais de vinte anos atrás, com o hoje clássico do cinema

Entrevista com o vampiro, o romance que estabeleceu mundialmente sua

autora.

Agora, acompanhamos Armand através dos séculos até a Kiev

Russa de sua meninice - uma cidade em ruínas dominada pelos

mongóis - a antiga Constantinopla, onde caçadores

tártaros vendem-no como escravo. E num suntuoso palácio de Veneza

do Renascimento, o vemos emocional e intelectualmente subjugado

ao grande vampiro Marius, que vive

entre os humanos sob a máscara de um pintor misterioso e recluso

que concederá a Armand o muito do sangue vampiresco.

À medida que o romance

chega ao clímax, passando por cenas de luxo e elegância,

emboscada, incêndio e culto diabólico na Paris do século XIX e na

Nova Orleans atual, vemos seu herói eternamente

vulnerável e romântico forçado a escolher entre sua imortalidade

crepuscular e a salvação de sua alma imortal.

fim da nota

Para Brandy Edwards, Brian Robertson e Christopher e Michele Rice

Jesus, falando a Maria Madalena:

Disse-lhe Jesus: Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai, mas

vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e

vosso Deus.

EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO, 20:1%

PARTE I

Corpo e Sangue

Disseram que uma criança havia morrido no sótão. Suas roupas foram

encontradas na parede.

Eu queria ir lá em cima, deitar junto à parede e ficar só.

De vez em quando, viam o fantasma da menina. Mas nenhum desses

vampiros conseguia realmente ver espíritos, pelo menos não como eu. Não

importa. Não era a companhia da menina que eu desejava - e sim estar

ali.

Eu não tinha mais nada a ganhar ficando ali com Lestat. Eu viera.

Fizera o que me propusera fazer. Não podia ajudá-lo.

Enervava-me ver aquele seu olhar fixo e imutável, e eu estava calmo

por dentro e cheio de amor pelos que me eram mais chegados - meus filhos

humanos, meu pequeno Benji de cabelos escuros e minha terna e graciosa

Sybelle-, mas ainda não me sentia suficientemente forte para levá-los

embora.

Saí da capela.

Nem sequer vi quem estava lá. O convento inteiro era agora morada de

vampiros. Não era um local tumultuado nem abandonado, mas não vi quem

ficou na capela quando saí.

Lestat estava como sempre estivera, deitado de lado no chão de mármore

da capela diante do enorme crucifixo, as mãos relaxadas, a esquerda logo

abaixo da direita, os dedos tocando o mármore de leve como se tivesse um

propósito, quando na verdade não havia nenhum. Os dedos da mão direita,

dobrados formavam um pequeno tubo na palma da mão onde a luz incidia, e

isso também parecia ter um significado, mas não havia nenhum.

Este era simplesmente o corpo preternatural que ali jazia sem vontade

ou ânimo, tão inconsciente quanto o rosto, a expressão quase

desafiadoramente inteligente, pois há meses Lestat não se mexia.

Os altos vitrais eram devidamente encobertos para ele antes do nascer

do sol.

À noite, resplandeciam com todas as velas maravilhosas  
espalhadas

junto às belas estátuas e relíquias que enchiam esse lugar  
outrora

santificado e sagrado.

Criancinhas mortais haviam assistido à missa debaixo desse  
teto alto e

abobadado; um padre entoara as palavras latinas num altar.  
<11>

Agora o lugar era nosso. Pertencia a ele-Lestat, o homem  
que jazia

imóvel no chão de mármore.

Homem. Vampiro. Imortal. Filho da Escuridão. Qualquer um  
desses termos

é excelente para ele. Olhando por cima do ombro para ele,  
nunca me

senti tão criança.

É isso que sou. Preencho a definição, como se ela estivesse

perfeitamente codificada em mim, e jamais houvesse  
qualquer outro

desígnio genético.



Eu devia ter uns dezessete anos quando Marius transformou-me em

vampiro. Eujá parara de crescer nessa época. Passei um ano com um metro

e sessenta e oito. Minhas mãos são delicadas como mãos de moça, e eu

era imberbe, como costumávamos dizerentão, naqueles anos do século XVI.

Eu não era um eunuco, não, absolutamente, mas sim um menino.

Era moda, então, meninos serem lindos como meninas. Só agora essa

semelhança parece interessante, e é por isso que gosto dos outros - os

meus: Sybelle com seus seios de mulher e suas pernas compridas de

menina, e Benji com seu rostinho redondo e intenso de árabe.

Eu estava no pé da escada. Nada de espelhos aqui, só as altas paredes

de tijolos, sem o reboco original, paredes que eram consideradas velhas

apenas para os Estados Unidos, encardidas pela umidade até dentro do

convento, todas as texturas e elementos aqui suavizados pelos verões

abafados de Nova Orleans e seus invernos úmidos e desagradáveis,

invernos verdes, eu chamo, porque as árvores aqui quase nunca estão

nuas.

Nasci num lugar de inverno eterno em comparação com este aqui. Não é

de espantar que na Itália ensolarada eu tenha esquecido completamente

as origens, e moldado minha vida a partir de meus anos com Marius. - Eu

não lembro. Era uma situação de tanto amor à devassidão, de estar tão

viciado no vinho e nas lutas refeições da Itália, e até na sensação do

mármore quente sob meus pés descalços quando os salões dopalazzo

tornavam-se pecaminosa e depravadamente aquecidos pelos fogos

exorbitantes de Marius.

Seus amigos mortais... seres humanos como eu naquela época...

repreendidos constantemente por esses gastos: lenha, óleo, velas. E,

para Marius, só serviam as melhores velas de cera de abelha. Cada

fragrância era significativa.

Pare de pensar nisso. Recordações não podem magoá-lo agora. Você veio

aqui por um motivo e já terminou, e precisa encontrar aqueles que ama,

seus jovens mortais, Benji e Sybelle, e precisa continuar.

A vida não era mais um palco onde o fantasma de Banquo vinha sempre

para sentar-se à mesa triste.

Minha alma doía.

Va Lá em cima. Deite um instante nesse convento de tijolos onde as

roupas da criança foram encontradas. Deite com a criança, assassinada

aqui neste convento, assim dizem os boateiros, os vampiros que assombram

essas galerias agora, que vieram ver o grande Vampiro Lestat em seu

sono de Endimião. <12>

Não senti assassinato algum aqui, só as ternas vozes das freiras.

Subi a escadaria, deixando meu corpo encontrar seu peso humano e seu

andar humano.

Após quinhentos anos, conheço esses truques. Eu poderia assustar todos

os jovens - os que estavam à toa e os que olhavam - tão certamente

quanto os antigos o faziam, até o mais modesto, pronunciando palavras

para evidenciar sua telepatia, ou desaparecendo quando resolviam ir

embora; ou, de vez em quando, até usando seu poder para fazer o prédio

tremer - uma façanha interessante mesmo com essas paredes de quarenta e

cinco centímetros com soleiras de cipreste que nunca apodrecem.

Ele deve gostar dessas fragrâncias aqui, pensei. Marius, onde está

ele? Antes de visitar Lestat, eu não queria muito falar com Marius e só

disse umas palavras de cortesia quando deixei meus tesouros sob seus

cuidados. Afinal de contas, eu trouxera meus filhos para uma espécie de

zoológico dos Não Mortos. Quem melhor para protegê-los senão meu amado

Marius, tão poderoso que ninguém aqui ousava questionar o menor pedido

seu. Não há ligação telepática entre nós, naturalmente - Marius me

criou, sou eternamente sua cria-, mas, tão logo isso me ocorreu,

percebi que sem o auxílio dessa ligação telepática eu não podia sentir a

presença de Marius no prédio. Não sei o que aconteceu naquele breve

intervalo em que me ajoelhei para olhar para Lestat. Eu não sabia onde

Marius estava. Não conseguia sentir os cheiros humanos conhecidos de

Benj nem de Sybelle. Uma pequena pontada de pânico paralisou-me.

Encontrava-me no segundo andar do prédio. Encostei-me na parede,

pousando os olhos com uma calma decidida no chão de pinho profundamente

envernizado. A luz fazia ilhas douradas nas tábuas. Onde estavam eles,

Benji e Sybelle? O que fui fazer trazendo-os para cá, dois humanos

maduros e adoráveis? Benji era um menino vivo de doze anos, Sybelle,

uma moça de vinte e cinco.

E se Marius, de alma tão generosa, tivesse sido negligente e os

deixado longe de seus olhos? - Estou aqui, jovem - a voz, brusca, era

suave, bem-vinda. Meu Criador estava no patamar logo abaixo, tendo

subido a escada atrás de mim, ou, mais exatamente, colocando-se ali com

seus poderes, cobrindo a distância precedente com uma velocidade

silenciosa e invisível. <13>

- Mestre - falei com um vestígio de sorriso. - Fiquei com um pouco de

medo por eles - era um pedido de desculpas. - Esse lugar me deprime.

Ele balançou a cabeça para cima e para baixo.

- Estou com eles, Armand. - A cidade está infestada de mortais. Há

comida suficiente para todos os vagabundos que vierem aqui. Ninguém vai

machucá-los. Mesmo se eu não estivesse aqui para dizer isso, ninguém

ousaria.

Agora fui eu quem balançou a cabeça. Eu não tinha tanta certeza, de

fato. Vampiros são perversos por natureza e fazem maldades e coisas

terríveis simplesmente por esporte. Matar o bicho de estimação mortal de

outro seria um bom entretenimento para uma criatura triste,

estrangeira, de passagem por aqui, atraída por acontecimentos

extraordinários.

- Você é uma maravilha, jovem - disse-me ele sorrindo. Jovem! Quem

mais me chamaria de jovem senão Marius, meu Criador, e o que são

quinhentos anos para ele? - Você entrou no sol, criança - prosseguiu

com a mesma preocupação estampada no rosto bondoso. - E sobreviveu para

contar a história.

- No sol, Mestre?

Questionei as palavras dele. Mas eu mesmo não desejava revelar mais

nada. Eu não queria falar ainda, contar o que acontecera, a lenda do

Véu de Verônica e do Rosto de Nosso Senhor estampado nele, e a manhã em

que abdiquei de minha alma com uma felicidade tão perfeita. Que fábula

foi isso!

Ele subiu para ficar perto de mim, mas manteve uma distância educada.

Sempre fora um cavalheiro, mesmo antes que essa palavra existisse. Na

Roma antiga, deveria haver um termo para designar uma pessoa daquelas,

sempre bemeducada, e fazendo questão de ser atenciosa, e inteiramente

bem-sucedida no exercício da cortesia para com o pobre e com o rico

igualmente. Este era Marius, e sempre foi Marius, até onde eu podia

saber.

Ele deixou a mão branca como a neve pousar no corrimão macio e sem



lustro. Vestia uma capa comprida de veludo cinza sem forma que já fora

perfeitamente extravagante, hoje surrada pelo uso e pela chuva, e seus

cabelos amarelos eram compridos como os de Lestat, refulgindo revoltos

naquela umidade, chegando a estar salpicados de gotas de orvalho

do jardim, o mesmo orvalho que ficara em suas sobancelhas douradas,

sombreando as longas pestanas reviradas em volta dos grandes olhos

azul-cobalto.

Tinha um jeito muito mais nórdico e glacial do que Lestat, cujos

cabelos puxavam mais para o dourado, com todas aquelas mechas

luminosas, e cujos olhos eram sempre prismáticos, absorvendo as cores à

sua volta, chegando até a adquirir um tom glorioso de violeta à menor

provocação do reverente mundo externo. <14>

Em Marius, eu via os céus ensolarados da natureza setentrional, olhos

de um fulgor constante que rejeitavam qualquer cor externa, portais

perfeitos de sua própria alma constantíssima.

- Armand - disse ele. - Quero que venha comigo.

- Aonde, Mestre, ir aonde? - perguntei. Eu também desejava ser cortês.

Ele, mesmo depois de uma disputa cerebral, sempre me fazia manifestar

esses instintos mais elevados.

- À minha casa, Armand, onde eles agora estão, Sybelle e Benji. Ah,

não tenha nenhum receio pelos dois. Pandora está com eles. Eles são

mortais incríveis, brilhantes, impressionantemente diferentes, e no

entanto parecidos. Eles o amam, e sabem tanto e vieram de muito longe

com você.

Corei com o sangue que me subiu à cabeça; o calor estava pungente e

desagradável, e então, quando o sangue refluiu da superfície de meu

rosto, fiquei mais fresco e estranhamente irritado por sentir alguma

sensação.

Era um choque estar ali e eu desejava que aquilo terminasse.

- Mestre não sei quem eu sou nesta nova vida - falei grato.

-Renascido? Confuso?-hesitei, mas não adiantava conter aquilo. -Não me

peça para ficar aqui, agora. Talvez quando Lestat se refizer, talvez

quando tiver passado um tempo suficiente... Não sei ao certo, só sei

que não estou podendo aceitar seu amável convite.

Balançou a cabeça para mim em sinal de aceitação. Com a mão, fez um

pequeno gesto de aquiescência. Sua velha capa cinza escorregara-lhe de

um dos ombros. Parecia não fazer caso disso. Suas roupas pretas de lã

finas estavam maltratadas, com uma barra descuidada de poeira nas

lapelas e nos bolsos. Isso não era correto nem usual para ele.

Ele tinha uma grande massa de seda branca no pescoço que fazia seu

rosto pálido parecer mais corado e mais humano do que pareceria sem o

contraste. Mas a seda estava desfiada, como que por espinhos. Em suma,

ele mais assombrava o mundo com essas roupas do que as vestia. Elas

eram apropriadas para uma pessoa estabanada, não para meu velho Mestre.

Acho que ele sabia que eu estava perdido. Eu olhava para o escuro lá

em cima. Queria chegar ao sótão, às roupas semi-ocultas da criança

morta. Fiquei pensando nessa história da criança morta. Tive a

impertinência de deixar minha mente vaguear, embora ele estivesse

esperando.

Ele me trouxe de volta com suas palavras amáveis.

- Sybelle e Benji estarão comigo quando você os quiser - disse ele.

Você pode nos encontrar. Não estamos longe. Você ouvirá a Appassionata

quando quiser. - Sorriu. <15>

- Você deu um piano a ela - retruquei. Falei da dourada Sybelle. Eu

excluía o mundo de minha audição preternatural e não queria agora

destampar os ouvidos sequer para o som adorável que ela tirava das

teclas, do qual eu já estava sentindo uma falta imensa.

Quando entramos no convento, Sybelle logo viu um piano e me perguntou

baixinho se podia tocá-lo. Não era na capela onde jazia Lestat, mas

numa outra sala ao lado, comprida e vazia. Eu lhe respondera que não

era muito apropriado, que poderia perturbar Lestat ali deitado, e não

podíamos saber o que ele pensava, nem o que sentia, nem se estava

angustiado e enredado em seus próprios sonhos.

- Talvez quando vier, você fique algum tempo - disse Marius.  
- Vai

gostar de ouvi-la tocando meu piano, e quem sabe então conversaremos, e

você poderá ficar conosco, e poderemos dividir a casa pelo tempo que

desejar.

Não respondi.

- É palaciana num estilo do Novo Mundo - explicou, com um sorriso meio

zombeteiro. - Não é nada longe. Tenho os jardins mais amplos e os

carvalhos mais velhos, mais velhos até do que aqueles da avenida, e

todas as janelas são portas. Você sabe o quanto gosto dessas coisas

assim. É o estilo romano. A casa está aberta para as chuvas de

primavera, e as chuvas de primavera aqui parecem um sonho.

- É, eu sei - murmurei. - Acho que está chovendo agora, não está?

sorri.

- Bom, estou todo respingado de chuva, sim - respondeu, quase

alegremente. - Venha quando quiser. Se não hoje à noite, então

amanhã...

- Ah, estarei lá hoje à noite - falei. Eu não queria ofendê-lo, de

modo nenhum, mas Benji e Sybelle tinham visto uma quantidade suficiente

de monstros de cara branca e voz aveludada. Estava na hora de ir

embora.

Olhei para ele com bastante audácia, gozando por um instante essa

atitude, superando uma timidez que fora nossa maldição neste mundo

moderno. Na Veneza antiga, ele resplandecera em suas roupas como os

homens então resplandeciam, sempre tão vivo e esplendidamente

enfeitado, o espelho da moda, para usar a antiga expressão elegante.

Quando cruzava a praça de São Marcos naquela suave claridade púrpura

do anoitecer, todos se viravam para vê-lo passar. O vermelho era sua

marca de orgulho, veludo vermelho - uma capa esvoaçante e um gibão

magnificamente bordado, e por baixo uma túnica de seda dourada, tão

popular naqueles tempos.

Ele tinha o cabelo de um jovem Lourenço de Medici, que parecia

extraído diretamente do mural.

- Mestre, eu o amo, mas agora preciso ficar sozinho - eu disse. - Você

não precisa de mim, precisa? Como pode? Nunca precisou realmente. - Na

mesma hora, arrependi-me. As palavras, não o tom, eram imprudentes. E

estando nossas mentes divididas por um sangue tão íntimo, receava que

ele interpretasse mal.

- Querubim, desejo você - retrucou magnânimo. - Mas posso esperar.

Parece que não faz muito tempo que eu disse essas mesmas palavras

quando estivemos juntos, e por isso torno a dizê-las.

Eu não conseguia dizer a ele que aquela era minha temporada de

companhia mortal, o quanto eu desejava simplesmente passar a noite

conversando com o pequeno Benji, que era tão sábio, ou ouvindo minha

querida Sybelle tocando sua sonata. Parecia irrelevante explicar mais.

E a tristeza tornou a cair sobre mim, pesada e inegavelmente, tristeza



de ter vindo a este convento abandonado e vazio onde estava Lestat, sem

conseguir ou sem querer se mexer ou falar, nenhum de nós sabia.

- Minha companhia agora não vai acrescentar nada, Mestre - falei. Mas

você me dará uma chave para encontrá-lo, claro, de modo que quando este

tempo passar... - deixei minhas palavras morrerem.

- Receio por você! - ele murmurou, com grande carinho.

- Mais do que antes, Mestre? - perguntei.

Ele refletiu um instante. Depois respondeu:

- Sim. Você ama duas crianças mortais. Elas são sua lua e suas

estrelas. Venha ficar comigo nem que seja um pouquinho. Diga-me o que

acha de nosso Lestat e do que aconteceu. Diga-me talvez, se eu prometer

ficar muito quieto e não pressioná-lo, dê-me sua opinião sobre tudo o

que viu tão recentemente.

- Você aborda isso com delicadeza, Mestre, eu o admiro. Está se

referindo a por que acredito em Lestat quando ele afirma ter estado no

Paraíso e no Inferno, ou ao que enxerguei ao olhar para a relíquia que

ele trouxe com ele, o Sudário de Verônica.

- Se quiser me contar. Mas, na verdade, gostaria que você viesse e

descansasse.

Pousei minha mão sobre a dele, maravilhado de ver que, apesar de tudo

por que eu passara, minha pele estava quase tão branca quanto a dele.

- Você será paciente com meus filhos até eu chegar, não? - perguntei.

- Eles se acham tão intrepidamente perversos, vindo aqui para estar

comigo, assobiando displicentemente no cadinho dos Não Mortos, por

assim dizer.

-Não Mortos-replicou com um sorriso de reprovação.-Um linguajar

desses, e em minha presença. Você sabe que odeio isso.

Plantou um beijo rápido em meu rosto. Isso me espantou, e em seguida

percebi que ele fora embora.

- Velhos truques! - falei em voz alta, imaginando se ele ainda estaria

suficientemente perto para me ouvir, ou se havia tapado os ouvidos para

mim com a mesma violência com que eu tapara os meus para o mundo de

fora.

Olhei para o lado, desejando a tranqüilidade, sonhando de repente com

caramanchões, não em palavras mas em imagens, como minha velha mente

faria, desejando deitar no meio das flores nos canteiros, desejando

encostar o rosto na terra e cantar baixinho para mim mesmo.

A primavera lá fora, o calor, a névoa úmida que se transformaria em

chuva. Tudo isso eu queria. Queria as florestas pantanosas além, mas

queria também Sybelle e Benji, e ter partido, e ter alguma vontade

para prosseguir.

Ah, Armand, você sempre carece exatamente disso, de vontade. Não deixe

a velha história se repetir agora. Proteja-se com tudo o que aconteceu.

Outro estava ali perto.

De repente pareceu-me terrível que um imortal que eu não conhecia se

intrometesse aqui em meus pensamentos aleatórios particulares, talvez

para fazer uma aproximação egoísta do que eu sentia.

Era apenas David Talbot.

Ele saiu da ala da capela, pelas salas de comunicação que ligam o

convento ao prédio principal onde eu estava no alto da escada do

segundo andar. Vi-o entrar no saguão. Atrás dele estava o vidro da porta

que levava à galeria, e, mais além, o suave clarão branco e dourado do

pátio lá embaixo.

- Agora está tranquilo- disse ele. - E o sótão está vazio e você sabe

que pode ir lá, claro.

- Vá embora - retruquei. Não estava com raiva, apenas me achava no

direito de querer que não lessem meus pensamentos e que deixassem

minhas emoções em paz.

Com impressionante serenidade, ele me ignorou, depois falou:

- Sim, tenho medo de você, um pouco, mas também sou terrivelmente

curioso.

- Ah, entendo, então isso desculpa o fato de você me ter seguido até

aqui?

- Eu não o segui, Armand. Eu moro aqui.

- Ah, sinto muito, então-admiti. -Eu não sabia. Acho que fico contente

com isso. Você o guarda. Ele nunca fica sozinho-eu me referia a Lestat,

claro.

-Todo mundo tem medo de você-replicou, calmamente. Ele se colocara a

poucos passos de mim, cruzando os braços displicentemente. - Sabe, é um

estudo e tanto as histórias e os hábitos dos vampiros.

- Não para mim - falei.

- Sim, estou vendo - ele insistiu. - Só estava pensando, e espero que

você me perdoe. Era sobre a criança no sótão. A criança que dizem ter

sido assassinada. É uma grande história, sobre uma pessoinha muito

pequena. Se tiver mais sorte do que todo mundo, talvez você veja o

fantasma da criança cujas roupas foram emparedadas.

- Importa-se se eu olhar para você? - retruquei. - Pergunto se você

vai meter o bedelho em minha cabeça com tanta descontração?

Conhecemo-nos algum tempo antes disso tudo acontecer: Lestat, a Viagem

Paradisíaca, este lugar. Nunca avaliei você realmente. Eu era

indiferente, ou educado demais, não sei qual dos dois.

Fiquei surpreso de ouvir minha voz tão inflamada. Eu era volátil, e

não era culpa de David Talbot.

- Estou pensando no conhecimento convencional a seu respeito -

continuei. -No fato de você não ter nascido neste corpo, de que era um

velho quando Lestat o conheceu, de que este corpo que você agora habita

pertencia a uma alma esperta que conseguiu ir passando de um ser vivo a

outro e se estabelecer aí com sua própria alma invasora.

Ele me abriu um sorriso bastante apaziguador.

-Assim disse Lestat-respondeu.-Assim escreveu. É verdade, naturalmente. Você sabe que é. Você sabia desde a outra vez que me viu.

- Passamos três noites juntos - eu disse. - E nunca questioneei você

realmente. Quer dizer, nunca o fitei diretamente nos olhos.

- Estávamos pensando em Lestat então.

- Não estamos agora?

- Não sei - disse ele.

- David Talbot - falei, avaliando-o friamente com os olhos. - David

Talbot, Superior Geral da Ordem dos Detetives Mediúnicos conhecida como

a Talamasca, foi catapultado para este corpo no qual ele agora circula

- não sei se eu estava parafraseando ou inventando isso à medida que eu

falava. - Ele foi fixado ou acorrentado dentro desse corpo, aprisionado

por muitas veias adoentadas, depois transformado em vampiro quando um

sangue inflamável e inestancável invadiu sua anatomia afortunada,

selando sua alma ali dentro e transformando-o em imortal, um homem de

pele bronzeada e cabelo preto seco, lustroso e grosso.

- Acho que você está certo - assentiu, indulgente e educado.

-Um belo cavalheiro cor de caramelo -prossigui -, andando com uma

desenvoltura tão felina e olhares tão iluminados que me lembra de tudo

o que era saboroso e é agora uma miscelânea de aromas: canela, cravo,

pimentas suaves e outras especiarias douradas, marrons ou vermelhas,

cujas fragrâncias podem atizar meu cérebro e mergulhar-me em desejos

eróticos que agora, mais do que nunca, vivem para se extinguir. A pele

dele deve cheirar a castanha de caju e cremes de amêndoas. Cheira mesmo.

Ele riu.



- Estou entendendo seu ponto.

Eu me chocara. Por um instante, fiquei infelicíssimo.

- Não sei ao certo se eu me entendo - repliquei num tom arrependido. -

Acho que é simples - disse ele. - Você quer que eu o deixe em paz. Eu

vi as absurdas contradições disso tudo de uma vez só.

- Olhe - murmurei rapidamente. - Estou perturbado - murmurei. Meus

sentidos se cruzam, como tantos fios para dar um nó: paladar, visão,

olfato, tato. Estou descontrolado.

Fiquei pensando preguiçosa e perversamente se poderia atacá-lo,

tomá-lo, derrubá-lo graças a minha habilidade e minha esperteza maiores

e provar-lhe o sangue sem o seu consentimento.

-Já tenho chã demais para isso- falou -, e por que você arriscaria

uma coisa dessas?

Que serenidade. O homem mais velho nele de fato comandava a carne mais

robusta e mais jovem, o sábio mortal com uma autoridade férrea sobre

todas as coisas eternas e com um poder sobrenatural. Que combinação de

energias! Bom beber o sangue dele, tomá-lo contra sua vontade. Não há

maior divertimento no mundo do que o estupro de um igual.

- Não sei - respondi envergonhado. Estupro não é coisa de homem. Não

sei por que o estou insultando. Sabe, eu queria ir embora logo. Quer

dizer, eu queria visitar o sótão, depois sair daqui. Queria evitar esse

tipo de paixão. Você é uma maravilha, e me acha uma maravilha, e isso é

formidável.

Deixei meus olhos passearem por ele. Estive cego para ele da última

vez que nos vimos, essa era a maior verdade.

Ele se vestiu para matar. Com o talento de antigamente, quando os

homens podiam andar como pavões, escolhera tons de sépia dourada e de

ferrugem para suas roupas. Ele estava elegante e limpo e todo enfeitado

com detalhezinhos cuidadosos de ouro puro, num relógio de pulso e em

botões e num alfinete esguio para sua gravata moderna,  
aquela tira de

cor que os homens usam nesta época, como se para nos  
deixar pegá- los no

laço com mais facilidade. Enfeite idiota. Mesmo sua camisa  
de algodão

acetinado era cor de cobre e tinha alguma coisa do sol e da  
terra

aquecida. Até seus sapatos eram marrons, lustrosos como  
dorso de

besouro.

Veio em minha direção.

- Sabe o que vou perguntar- disse. -Não lute com esses  
pensamentos

desarticulados, essas novas experiências, todo esse  
conhecimento

avassalador. Escreva um livro com isso para mim.

Eu não poderia ter previsto que esta seria sua pergunta.  
Fiquei

surpreso, docemente surpreso, mas mesmo assim pego  
desprevenido. Fazer

um livro? Eu? Armand?

Fui andando na direção dele, virei bruscamente e subi  
correndo a

escada do sótão, passando pelo terceiro andar e depois entrando no

quarto andar.

O ar estava abafado ali. Era um lugar que o sol aquecia diariamente.

Tudo era seco e doce, a madeira que parecia incenso e o assoalho

áspero.

- Menina, onde você está? - perguntei.

- Criança, você quer dizer - corrigiu ele.

Ele subira atrás de mim, demorando um pouco por cortesia.

Acrescentou:

- Ela nunca esteve aqui.

- Como sabe?

- Se ela fosse um fantasma, eu poderia chamá-la - disse ele.

Olhei por cima do ombro.

- Você tem esse poder? Ou isso é só o que você quer me dizer agora?

Antes que vá mais longe, deixe-me avisá-lo que quase nunca temos o

poder de ver espíritos.

- Sou completamente novo-explicou David.-Sou diferente dos outros.

Entrei para o Mundo das Trevas com faculdades diferentes. Ousarei

dizer, nós, a nossa espécie, os vampiros, evoluímos?

- A palavra convencional é estúpida - respondi.

Fui entrando mais no sótão. Espiei uma pequena câmara com estuque e

rosas descascadas, grandes rosas molengas vitorianas com folhas de um

verde pálido e esmaecido. Entrei na câmara.

A luz vinha de uma janela alta que uma criança não podia alcançar.

Impiedoso, pensei.

- Quem disse que uma criança morreu aqui? - perguntei. Tudo estava

limpo por baixo da sujeira dos anos. Não havia presença alguma. Parecia

perfeito e justo, nenhum fantasma para me reconfortar. Por que um

fantasma haveria de deixar um descanso gostoso por minha causa? Então eu

poderia talvez me abraçar com a memória dela, sua terna lenda. Como são

assassinadas crianças em orfanatos onde só freiras  
trabalham? Nunca

pensei nas mulheres como sendo tão cruéis. Secas, sem  
imaginação,

talvez, mas não agressivas como nós somos, para matar.

Dei um giro completo. Uma das paredes era revestida de  
escaninhos de madeira, e um dos escaninhos achava-se  
aberto, e lá

estavam os sapatinhos marrons batidos, Oxfords, como são  
chamados, com

cadarços pretos, e agora eu via, atrás de mim, o buraco  
todo

arreventado de onde rasgaram as roupas dela. - Todas  
caídas ali,

emboloradas e amassadas, lá estavam as roupas da  
menina. Uma quietude

baixou em mim como se a poeira desse lugar fosse um gelo  
fino, descendo

dos píncaros de montanhas arrogantes e monstruosamente  
egoístas para

congelar todas as coisas vivas, esse gelo, para encerrar de  
vez tudo o

que respirasse ou sentisse ou sonhasse ou vivesse. Ele falou  
em verso:

- "Não receies mais o calor do sol" - murmurou. - "Nem as violentas

fúrias do inverno. Não receies mais..."

Estremeci de prazer. Eu sabia os versos. Adorava-os.

Ajoelhei-me, como se diante do Sacramento, e toquei nas roupas dela.

- E ela era pequena, não tinha mais de cinco anos, e não morreu

absolutamente aqui. Ninguém a matou. Nada tão especial para ela.

- Como suas palavras desmentem seus pensamentos - disse ele.

- Não desmentem, penso simultaneamente em duas coisas. Há uma

distinção em ser assassinado. Eu fui assassinado. Ah, não por Marius,

como você poderá achar, mas por outros.

Eu sabia que estava falando baixo e de modo arrogante, porque o

objetivo disso não era teatro puro.

-As recordações me envolvem como velhas capas de pele. Levanto o braço

e a manga da memória o cobre. Olho em volta e vejo outros tempos. Mas

você sabe o que mais me assusta: é que esse estado, como tantos outros

comigo, não chegará a provar nada, mas vai durar séculos.

- O que você realmente teme? O que queria de Lestat quando veio aqui?

- David, eu vim para ver Lestat. Vim para descobrir como estavam as

coisas com ele, e por que ele jaz ali, imóvel. Eu vim... - eu não ia

dizer mais nada.

Suas unhas polidas davam um ar ornamental e especial às suas mãos,

faziam-nas parecer carinhosas, graciosas e encantadoras ao toque. Ele

pegou um vestidinho, rasgado, cinza, salpicado com pedaços de renda

ordinária. Todas as coisas vestidas de carne podem produzir uma beleza

estonteante se você se concentrar nelas o suficiente, e a beleza dele

saltava sem se desculpar.

- Apenas roupas. - Algodão florido, um pedaço de veludo com uma manga

fofa do tamanho de uma maçã para o século de braços nus dia e noite.



Absolutamente nenhuma violência em volta dela -  
comentou como se isso

fosse uma pena. - Só uma pobre criança, não acha, e triste  
por natureza

bem como por situação.

- E por que foram emparedados, conte-me isso! Que pecado  
cometeram

esses vestidinhos? - Suspirei. - Santo Deus, David Talbot, por  
que não

deixamos a menina ter suas próprias histórias e fama? Você  
me irrita.

Diz que pode ver fantasmas. Acha-os agradáveis? Você  
gosta de conversar

com eles. Eu poderia lhe contar sobre um fantasma...

- Quando me contará? Olhe, não vê o truque de um livro? -  
Ele se

levantou e espanou o joelho com a mão direita. Na  
esquerda tinha o

vestido franzido dela. Algo naquela cena toda me  
incomodou, uma

criatura alta segurando o vestido amassado de uma  
menina.

- Sabe, quando você pensa - falei virando-me para não ver o  
vestido na

mão dele-, nada justifica no mundo de Deus a existência de meninas e

meninos. Pense na outra questão delicada dos mamíferos. Entre

cachorrinhos, gatinhos ou potrinhos, há sexo? Sexo nunca é problema. A

coisa frágil e semidesenvolvida é assexuada. É indeterminada. Não há

nada tão esplêndido para se olhar como um menino ou uma menina. Minha

cabeça está tão cheia de idéias. Acho que explodirei se não fizer alguma

coisa, e você diz para fazer um livro para você. Você acha que é

possível, acha...

- O que eu acho é que quando você faz um livro, você conta a história

da forma como gostaria de saber dela!

-Não vejo grande sabedoria nisso.

- Bem, então pense, pois a maioria dos discursos é uma mera vazão de

nossos sentimentos, uma mera explosão. Ouça, veja a maneira como você

faz essas explosões.

- Não quero ver.

- Mas vê, porém não são as palavras que você quer ler.  
Quando você

escreve, algo diferente acontece. Você faz uma lenda, não importa quão

fragmentada ou experimental ou quão pouco caso faça de todas as

convenções e formas úteis. Tente isso para mim. Não, não, tenho uma

idéia melhor.

- Qual?

- Desça comigo a meus aposentos. Estou morando aqui, eu lhe disse. De

minhas janelas você pode ver as árvores. Não vivo como nosso amigo

Louis, vagando por esses cantos empoeirados e depois voltando a seu

apartamento da Rue Royale quando se convenceu novamente e pela milésima

vez de que ninguém pode fazer mal a Lestat. Tenho aposentos aquecidos.

Uso velas para ter uma iluminação antiga. Desça e deixe-me escrever sua

história. Fale comigo. Fique andando de um lado para o outro se quiser,

ou esbraveje, sim, esbraveje, e deixe-me escrever, e, mesmo assim, o

fato mesmo de eu estar escrevendo fará com que você dê uma forma a

isso. Você começará a...

- A quê?

- A me dizer o que aconteceu. Como você morreu e como viveu. -Não

espere milagres, desconcertante estudioso. Eu não morri em Nova York

naquela manhã. Quase morri.

Ele me deixara ligeiramente curioso, mas eu jamais poderia fazer o que

ele queria. Todavia, ele era honesto, espantosamente honesto, até onde

eu conseguia avaliar, e portanto sincero.

-Ah, então, eu não quis dizer literalmente. Quis dizer que você

deveria me contar como foi subir tão alto e entrar no sol, e sofrer

tanto, e, como você disse, descobrir em sua dor todas essas recordações, esses elos. Conte-me! Conte-me.

- Não se você pretender fazer uma história coerente - retruquei

irritado. Avaliei a reação dele. Eu não o estava incomodando. Ele

queria falar mais.

- Fazer uma história coerente? Armand, simplesmente escreverei o que

você contar. - Fez suas palavras parecerem simples e no entanto

curiosamente apaixonadas. - Promete?

Lancei-lhe um olhar divertido. Eu! Fazer isso. ! Ele sorriu. Embolou o

vestidinho e largou-o cuidadosamente para que caísse no meio da pilha

das roupas velhas da menina.

- Não modificarei uma sílaba - disse. - Venha ficar comigo, e fale .

comigo e seja o meu amor - ele tornou a sorrir.

De repente, veio em minha direção, mais ou menos com aquela atitude

agressiva com que há pouco eu imaginara abordá-lo. Afagou meu cabelo e

sentiu meu rosto e em seguida puxou meu cabelo para cima e encostou o

rosto em minhas melenas, e riu. Deu-me um beijo no rosto.

- Seu cabelo parece feito de âmbar, como se o âmbar pudesse derreter e

ser tirado de chamas de vela em longos fios etéreos e deixado secar

assim para fazer todas essas tranças lustrosas. Você é doce, com cara de

menino e bonitinho como uma menina. Por um momento, eu gostaria de ter

podido ver você vestido de veludo antigo da maneira como você era para

ele, para Marius. Gostaria de ter podido ver por um momento como você

ficava de meias e gibão cintado bordado com rubis. Olhe para você, a

criança gelada. Meu amor nem sequer o afeta. Isso não era verdade.

Os lábios dele eram quentes, e senti as presas embaixo, senti a

urgência em seus dedos apertando subitamente meu crânio. Esse contato

me arrepiou todo, meu corpo se contraiu, depois estremeceu, e a

sensação foi mais doce do que seria previsível. Essa intimidade

solitária me incomodou, incomodou-me o bastante para transformá-la, ou

livrar-me dela completamente. Melhor morrer ou estar longe, no escuro,

simples e solitário com lágrimas comuns.

Pelo olhar, achei que ele poderia amar sem dar nada. Não um

conhecedor, apenas um bebedor de sangue.

- Você me deixa com fome - sussurrei. - Não de você mas de alguém que

esteja condenado e no entanto vivo. Quero caçar. Pare com isso. Por que

me toca? Por que tanta delicadeza?

- Todo mundo o quer - disse ele.

- Ah, eu sei. Todo mundo destruiria uma criança culpada e esperta!

Todo mundo teria um garoto risonho que sabe onde pisa. Criança é melhor

para comer do que mulher, e menina se parece muito com mulher, mas

garotinho? Garotinho não é igual a homem, é?

- Não zombe de mim. Quis dizer que queria apenas tocar em você, sentir

como você é macio, como é eternamente jovem.

- Ah, sou eternamente jovem mesmo - respondi. - Você diz

coisas absurdas para alguém assim tão bonito. Vou sair.  
Preciso me

alimentar. E quando tiver terminado, quando estiver saciado  
e aquecido,

volto aqui para lhe contar tudo o que você quiser. - Afastei-  
me dele,

sentindo arrepios quando ele soltou meu cabelo. Olhei para  
ajanela

branca vazia, muito em cima para se ver as árvores. - Eles  
não

conseguiram ver nada verde aqui, e é primavera lá fora,  
prima- vera do

sul. Dá para sentir o cheiro por entre as paredes. Quero  
enxergar cores

só por um instante. Matar, beber sangue e ter flores.

- Não basta. Quero fazer o livro - disse ele. - Quero fazê-lo  
agora e

quero que você venha comigo. Não vou ficar por aí para  
sempre.

-Ah, bobagem, claro que vai. Acha que sou um boneco, não?  
Acha

que sou uma gracinha e feito de cera, e você fica desde que  
eu fique.

- Você é mauzinho, Armand. Tem cara de anjo e fala como  
um



bandido comum.

- Que arrogância! Pensei que você me quisesse.

- Só em determinados termos.

- Mentira, David Talbot - repliquei.

Passei por ele dirigindo-me à escada. As cigarras cantavam na

noite como muitas vezes fazem, a qualquer hora, em Nova Orleans. Pelas

vidraças da escadaria, vislumbrei as árvores floridas da primavera, o

pedaço de uma trepadeira enroscada na cobertura de uma varanda. Ele

seguiu. Descemos até o primeiro andar como se fôssemos homens normais e

saímos pelas faiscantes portas de vidro para a clara Napoleon Avenue com

seu doce e úmido parque verdejante no centro, um parque cheio de flores

cuidadosamente plantadas e de humildes árvores nodosas e envergadas. A

paisagem toda se movia com os sutis ventos do rio, e uma névoa úmida

dançava no ar mas não se fazia chuva, e folhinhas verdes vinham caindo

leves como cinza. Suave primavera do sul. Até o céu parecia  
prenhe da

estação, baixando e no entanto corando com reflexos da  
claridade,

parindo a névoa por todos os poros. Um perfume gritante  
emanava

dos jardins à esquerda e à direita, das flores- das-quatro-  
horas, como os

mortais chamam, uma trepadeira parecida com mato, mas  
infinitamente

doce, e as íris silvestres em riste como lâminas saindo da  
lama negra,

pétalas roucas monstruosamente grandes, amassando-se  
em muros velhos e

degraus de concreto, e, como sempre, havia rosas, rosas de  
velhas e

rosas de moças, rosas muito sadias para a noite tropical,  
rosas

cobertas de veneno.

Antigamente havia bondes nesta faixa central relvada. Eu  
sabia que os

trilhos corriam por esse gramado verde onde eu caminhava  
à frente dele,

rumo aos cortiços, ao rio, à morte, ao sangue. Ele vinha  
atrás de mim.

Eu conseguia andar de olhos fechados, sem tropeçar, e ver os bondes.

- Venha, siga-me - falei, descrevendo o que ele fazia, não o convidando.

Quarteirões e quarteirões em segundos. Ele continuou. Muito forte. O

sangue de toda uma corte do Vampiro Real corria dentro dele, sem

dúvida. Lestat podia criar os monstros mais letais, isto é, após seus

sedutores equívocos iniciais - Nicolas, Louis, Claudia -, nenhum dos

três capaz de cuidar de si mesmo sozinho, e dois morreram, e um sobrou

e talvez o vampiro mais fraco ainda esteja a circular no grande mundo.

Olhei para trás. Seu rosto contraído, escuro e lustroso espantou-me.

Ele parecia todo envernizado, encerado, polido, e tornei a pensar em

coisas condimentadas, amêndoas açucaradas e aromas deliciosos,

chocolates ao leite e um gostoso caramelo escuro, e de repente talvez

fosse bom agarrá-lo. Mas essas delícias substituíam um mortal podre,

barato, maduro e odorífero. E adivinhe? Apontei.

- Lá.

Ele olhou para onde mandei. Viu o alinhamento frouxo de prédios

velhos. Havia mortais por toda a parte espreitando, dormindo, sentados,

jantando, perambulando, em meio a escadinhas estreitas, atrás de

paredes descascadas e embaixo de tetos rachados.

Eu achara um, perfeito na maldade, uma grande rajada de brasas

odientas , de malícia e ganância e desprezo a arder enquanto ele me

aguardava.

Já havíamos passado a Magazine Street, mas não estávamos no rio,

apenas quase, e esta era uma rua que eu não me lembrava nem conhecia de

minhas perambulações por essa cidade - a cidade deles, de Louis e

Lestat -, apenas uma rua estreita com essas casas cor de madeira lavada

ao luar e janelas com cortinas improvisadas, e na sala  
estava esse

mortal arrogante atirado na cadeira grudado num aparelho  
de televisão e

tomando malte direto de uma garrafa marrom, ignorando as  
baratas e o

calor pulsante que entrava pela janela, essa coisa feia,  
suada, imunda e

irresistível, essa carne e esse sangue para mim.

A casa era tão infestada de vermes e insetos desprezíveis  
que parecia

apenas uma concha em volta dele, frágil e quebradiça e  
com todas as

sombras da mesma cor como uma floresta. Nenhum padrão  
moderno de

assepsia aqui. Até a mobília apodrecia naquela bagunça  
úmida. O mofo

cobria a geladeira branca que rangia. Só a cama individual e  
os trapos

malcheirosos indicavam domesticidade atual.

Era um ninho apropriado para se encontrar essa caça, esse  
pássaro

horrendo, esse suculento e depenável saco de ossos e  
sangue de plumagem

pobre.

Entreabri a porta, o fedor humano subindo como um enxame de mosquitos,

e assim tirei a porta das dobradiças, mas sem muito barulho. Pisei em

jornais espalhados sobre madeira pintada. Cascas de laranja transformadas em tiras de couro marrom. Baratas correndo. Ele nem ergueu

os olhos. Sua cara inchada de bêbado estava azul e fantasmagórica,

sobrancelhas pretas grossas e despenteadas, e no entanto ele parecia

bem possivelmente um tanto angelical, devido à luz da televisão.

Mexeu na caixinha de plástico mágica em sua mão para fazer os canais

mudarem, e a luz piscou e tremeu sem nenhum ruído, e aí ele deixou o

som aumentar, uma banda tocando, uma caricatura, gente aplaudindo.

Ruídos ordinários, imagens ordinárias como o lixo que o cercava. Tudo

bem, quero você. Ninguém mais quer.

Ele ergueu os olhos para mim, um garoto invasor, David muito afastado

para que ele o visse esperando.

Empurrei o televisor para o lado. O aparelho balançou, caiu no chão e

quebrou- se todo por dentro, como se contivesse uma quantidade de

ampolas de energia, e agora estilhaços de vidro.

Uma fúria momentânea dominou-o, carregando seu rosto com um

reconhecimento indolente.

Ele se levantou, braços abertos, e veio para mim.

Antes de cravar os dentes, vi que tinha cabelo comprido e emaranhado.

Sujo mas gostoso. Ele o usava amarrado com um trapo na nuca formando um

rabo farto que lhe descia pela camisa xadrez.

Enquanto isso, dentro dele havia uma quantidade de sangue licoroso e

embriagado de cerveja suficiente para dois vampiros, delicioso, feio, e

um coração enfurecido, lutador, e tanto corpo que estar em cima dele

era a mesma coisa que montar um touro.

No meio da refeição, todos os odores tornam-se doces, até os mais

repugnantes. Achei que morreria calmamente de alegria, como sempre.

Chupei com força suficiente para encher a boca, deixando o sangue

rolar na língua, para então encher meu estômago, se é que tenho

estômago, mas sobretudo para saciaressa imunda sede gulosa, mas não o

suficiente para imobilizá-lo.

Ele desfaleceu e lutou, e cometeu a estupidez de puxar meus dedos, e

depois a temeridade desastrada de tentar encontrar meus olhos.

Cerrei-os e deixei que ele os apertasse com aqueles polegares

gordurosos. Não adiantou. Sou um garoto invencível. Não se pode cegar

um cego. Eu estava muito cheio de sangue para me importar. Ademais,

estava gostoso. Esses fracos que querem nos arranhar só afagam.

Sua vida passou como se todo mundo que ele amou estivesse numa

montanha-russa debaixo de estrelas maravilhosas. Pior do que a pintura



de Van Gogh. Nunca conhecemos a paleta de quem  
matamos até a mente

expelir suas melhores cores.

E ele caiu logo. Acompanhei-o. Eu agora o envolvia todo  
com o braço

esquerdo, e deitei como criança em sua barrigona  
musculosa, e fiquei

sugando o sangue com as mais contundentes golfadas,  
transformando tudo

o que ele pensava e via e sentia só em cor, só quero cor,  
laranja puro,

e só por um segundo, quando ele morreu - quando a morte  
passou por mim,

como uma grande bola de força negra que acaba não sendo  
realmente nada,

nada senão fumaça ou menos ainda que isso -, quando essa  
morte entrou

em mim e tornou a sair como o vento, pensei: ao esmagar  
tudo o que ele

é, estarei privando-o de um conhecimento final?

Bobagem, Armand. Você sabe o que os espíritos sabem, o  
que os anjos

sabem. O filho da mãe está indo para casa! Para o Paraíso.  
Para o

Paraíso que não aceita você, e talvez nunca aceite.

Na morte, ele parecia excelente.

Sentei ao lado dele. Limpei a boca, não que houvesse alguma gota a ser

limpa. Os vampiros só bebem sangue em filmes. Até o imortal mais reles

é habilidoso demais para derramar uma gota. Limpei a boca porque o suor

dele me molhava os lábios e a cara e eu queria secá-lo.

Fiquei, no entanto, admirado que ele fosse grande e incrivelmente rijo

para toda aquela aparente circunferência. Admirei o cabelo preto

grudado em seu peito molhado onde a camisa inevitavelmente fora

rasgada.

Seu cabelo preto era algo para se olhar. Arranquei a tira que o

amarrava. Era um cabelo cheio e grosso como cabelo de mulher.

Ao certificar-me de que ele estava morto, enrolei seus cabelos na mão

esquerda no intuito de escalpelá-lo.

David arquejou.

- Precisa fazer isso?

- Não - respondi.

Alguns milhares de fios de cabelo já estavam arrancados,  
cada um

apenas com sua minúscula raiz ensangüentada piscando no  
ar como um

pequeno vagalume. Fiquei um instante segurando esse  
chumaço e depois

larguei-o atrás de sua cabeça virada.

Aqueles cabelos desenraizados caíram descuidadamente  
em sua face

áspera. Seus olhos estavam úmidos e como que despertos,  
uma geléia

moribunda. David saiu para a ruela. Carros passavam  
roncando e

chacoalhando. Um navio no rio cantava como um órgão a  
vapor.

Fui atrás dele. Espanei-me para tirar a poeira. Um golpe e  
eu poderia

ter feito a casa toda ruir, simplesmente desmoronando em  
cima daquela

imundície pútrida, morrendo suavemente em meio às outras  
casas para que

ninguém dentro delas aqui sequer soubesse, toda essa  
madeira molhada

simplesmente desabando.

Eu não conseguia tirar o gosto nem o cheiro do suor.

- Por que você foi tão contrário a eu arrancar o cabelo dele?

-

perguntei. - Eu só queria o cabelo, e ele está morto e não há o que

fazer e ninguém mais sentirá falta do cabelo preto dele.

Ele se virou com um sorriso irônico e me avaliou.

- Você me assusta com esse olhar - repliquei. - Será que

inadvertidamente mostrei ser um monstro? Você sabe, minha abençoada

mortal Sybelle, quando não está tocando a sonata de Beethoven chamada a

Appassionata, fica vendo eu me alimentar. Você quer que eu conte minha

história agora?

Olhei para o morto ao lado dele, que arqueava o ombro. No parapeito

adiante e acima dele havia uma garrafa de vidro azul com uma

flor-de-laranjeira dentro. Não é a coisa mais estranha?

- Quero sua história, sim - disse David. - Venha, vamos voltar juntos.

Só lhe pedi para não tirar o cabelo dele por um motivo.

- É? - perguntei. Olhei para ele. Curiosidade legítima. - Qual foi o

motivo então? Eu só ia arrancar o cabelo dele todo e jogar fora.

- Como arrancar as asas de uma mosca - comentou ele aparentemente sem

criticar.

- Uma mosca morta - respondi. Sorri descansadamente. - Vamos, por que

essa onda?

- Eu queria ver se você me escutaria - falou. - Só isso. Porque, se

escutasse, as coisas poderiam funcionar entre nós. E você parou. E

pronto.-Ele se virou e pegou meu braço.

- Não gosto de você - comentei.

- Ah, gosta, sim, Armand - retrucou. - Deixe-me escrever a história.

Ande de um lado para o outro, grite e esbraveje. Você está muito

importante e poderoso agora porque tem esses dois mortaizinhos

esplêndidos pendurados em cada gesto seu, e eles são como acólitos de

um deus. Mas você quer me contar a história, você sabe que quer. Vamos!

Não consegui conter o riso.

- Essas táticas já funcionaram para você? - Agora foi sua vez de rir e

ele riu, afável.

- Não, suponho que não - disse. - Mas me deixe colocar a coisa dessa

maneira, escreva para eles.

- Para quem?

- Benji e Sybelle. - Encolheu os ombros.

- Não? Não - respondi.

Escrever a história para Benji e Sybelle. Minha mente começou a

correr, para uma sala alegre e sadia, onde nós três estaríamos reunidos

anos depois eu, Armand, imutável, professor garoto - e Benji e

Sybelle, mortais na flor da idade, Benji transformado num cavalheiro

alto e maneiroso com um porte de árabe e o charuto preferido na mão, um

homem muito promissor, e minha Sybelle, uma mulher curvilínea e

maravilhosamente bem-feita de corpo então, e uma pianista ainda maior do

que poderia ser hoje, os cabelos dourados emoldurando um rosto oval de

mulher e lábios femininos carnudos cheios de entsaingang e radiosidade

secreta. Poderia eu ditar a história neste quarto e lhes dar o livro?

Este livro ditado para David Talbot? Poderia eu, ao libertá-los de meu

mundo alquímico, lhes dar este livro? Vão em frente, meus filhos, com

toda a riqueza e orientação que lhes... Sim, disse minha alma. No

entanto, virei-me e arranquei o escalpo de cabelo preto de minha vítima

e pisei nele com um pé de Rumpelstiltskin.

David permaneceu impassível. Os ingleses são educadíssimos.

- Muito bem - retruquei. - Eu lhe conto a minha história.

Os aposentos dele eram no segundo andar, perto de onde eu parara no

alto da escada. Que diferença daquelas galerias despidas e sem

calefação! Ele havia construído uma biblioteca para ele com mesas e

cadeiras. Havia uma cama de latão ali, seca e limpa.

- Estes são os aposentos dela - disse ele. - Você não lembra?

- Dora - falei.

Senti o perfume dela de repente. Ora, o perfume me envolvia todo. Mas

todos os seus objetos pessoais tinham desaparecido. Estes eram os

livros dele, tinham de ser. Eram novos exploradores espirituais- Dannion

Brinkley, Hilarion, Melvin Morse, Brian Weiss, Matthew Fox, o livro de

Urantia. Somem-se a isso textos antigos - Cassiodoro, Santa Teresa de

Ávila, Gregório de Tours, o Veda, o Talmude, a Torá, o Kama-Sutra-,

todos no original. Ele tinha alguns romances, algumas peças e alguma

poesia desconhecidos.

- Sim - ele sentou-se à mesa. - Eu não preciso de luz. Você quer?

- Não sei o que lhe dizer.



- Ah - ele sacou sua caneta mecânica. Abriu um caderno de papel

impressionantemente branco, pautado de finas linhas verdes. - Você

saberá o que me dizer. - Olhou para mim.

Fiquei me abraçando, por assim dizer, deixando a cabeça pender como se

fosse cair e eu fosse morrer. Meus cabelos longos estavam soltos.

Pensei em Sybelle e Benjamin, minha garota calma e meu garoto

exuberante.

- Você gostou deles, David, de meus filhos? - perguntei.

- Gostei, desde o instante em que os vi, quando você os trouxe. Todo

mundo gostou. Todo mundo olhou com amor e respeito para eles. Que

porte, que encanto. Acho que todos sonhamos com confidentes desse

tipo, fiéis companheiros mortais de uma graça irresistível, que não

sejam gritantemente loucos. Eles amam você, e no entanto não estão

apavorados nem extasiados.

Fiquei imóvel. Calado. Fechei os olhos. Ouví em meu coração a marcha

rápida e vigorosa da Appassionata, aquelas ondas de música retumbantes

e incandescentes, cheias de vibrações metálicas, Appassionata. Só que

estava em minha cabeça. Nada de Sybelle dourada de pernas compridas.

- Acenda as velas que tiver- falei timidamente. - Quer fazer isso para

mim? Seria gostoso ter muitas velas e, olhe, a renda de Dora está

pendurada nas janelas, lavada e cheirosa. Sou um apreciador de renda,

esta é de Bruxelas, ou alguma muito parecida, sim, sou louco por renda.

- Claro, vou acender as velas - disse ele.

Eu estava de costas para ele. Ouvei o delicioso e seco crepitar de um

pequeno fósforo de madeira. Senti o cheiro que exalou ao queimar, e em

seguida veio a fragrância líquida do pavio que se inclinou e se

enroscou, e a luz subiu, encontrando as tábuas de cipreste do teto de

madeira listrado lá em cima. Outro estalo, outra série de doces

ruidozinhos crepitantes, e a claridade aumentou e se derramou sobre mim

e caiu quase brilhando pela parede escura.

- Por que você fez isso, Armand? - perguntou ele. - Ah, o Véu tem o

Cristo estampado, de alguma forma, sem dúvida, parecia mesmo ser o Santo

Véu de Verônica e, Deus sabe, milhares de outros acreditam nisso, sim,

mas por que em seu caso, por quê? O Véu era resplandecentemente lindo,

sim, concedo-lhe isto, Cristo com Seus espinhos e Seu sangue, e Seus

olhos fixos em nós, nós dois, mas por que acredita nisso tão

completamente, Armand, depois de tanto tempo? Por que foi para Ele? Foi

isso que tentou fazer, não?

Balancei a cabeça negativamente. Falei num tom suave e súplice.

- Para trás, professor - repliquei, virando-me bem devagar. - Atenção

à sua página. Isso é para você, e para Sybélle. Ah, é para meu pequeno

Benji também. Mas de certa forma, é minha sinfonia para Sybelle. A

história começa há muito tempo. Talvez eu nunca me tenha dado conta

realmente há quanto, até esse exato momento. Você ouve e escreve. Deixe

que eu seja aquele que grita e esbraveja.

- 2 -

Olho para minhas mãos. Penso na expressão "feito não por mãos

humanas". Sei o que isso significa, embora toda vez em que escutei a

expressão dita com emoção tinha a ver com o que saíra de minhas mãos.

Gostaria de pintar agora, pegar um pincel e experimentar do jeito que

experimentei então, em transe, furiosamente, de uma vez só, cada linha e

massa de cor, cada mistura, cada decisão definitiva.

Ah, estou muito desorganizado, muito intimidado pelo que recordo.

Deixe-me escolher um lugar para começar. Constantinopla-  
recém-dominada

pelos turcos, com isso quero dizer uma cidade muçulmana  
há menos de um

século quando para lá fui levado, um garoto escravo,  
capturado nas

terras selvagens de seu país para o qual ele mal sabia o  
nome adequado:

a Horda Dourada.

A memória já foi arrancada de mim, junto com a linguagem  
ou qualquer

capacidade de raciocinar de forma consistente. Lembro-me  
dos quartos

sórdidos que devem ter existido em Constantinopla porque  
outras pessoas

falavam, e, pela primeira vez, desde que eu havia sido  
arrancado do que

eu não conseguia lembrar, pude entender o que as pessoas  
diziam.

Falavam grego, claro, esses comerciantes que negociavam  
com escravos

para bordéis da Europa. Não conheciam nenhuma fidelidade  
religiosa, que

era só o que eu conhecia, infelizmente, sem detalhes.

Fui atirado num grosso tapete turco, a cobertura decorativa  
que se via

num palácio, um tapete para exhibir mercadorias caras.

Meu cabelo era comprido e estava molhado; alguém o  
escovara a ponto de

me machucar. Todos os meus pertences foram arrancados  
de mim e de minha

memória. Eu estava nu por baixo de uma túnica velha e  
esgarçada de

tecido dourado. A sala era quente e úmida. Tinha fome,  
mas, sem

esperança de comer, sabia que essa era uma dor que  
apertava e depois ia

embora sozinha. A túnica deve ter me dado um esplendor  
de coisa

descartada, o brilho fraco de um anjo caído. Tinha mangas  
em forma de

sino compridas e me batia nos joelhos.

Quando fiquei em pé, descalço, evidentemente, vi esses  
homens e soube

o que eles queriam, que isso era um vício e uma coisa  
desprezível, e

seu preço era o Inferno. Imprecações de velhos  
desaparecidos ecoavam em

meus ouvidos: bonito demais, mole demais, pálido demais,  
olhos cheios

demais do Diabo, ah, o sorriso diabólico.

Quão concentrados estavam estes homens na discussão, na  
barganha. Como

me olhavam sem jamais me olhar nos olhos.

De repente, ri. As coisas estavam sendo feitas com muita  
pressa.

Aqueles que me entregaram me haviam abandonado.  
Aqueles que me

esfregaram nunca saíram das banheiras.

Eu era uma trouxa atirada no tapete.

Por um instante, veio-me uma noção de minha pessoa como  
já tendo sido

alguém de língua afiada, cínico e profundamente cômico da  
natureza dos

homens em geral. Ri porque aqueles mercadores pensaram  
que eu fosse

uma menina.

Esperei, escutando, captando esses pedacinhos de  
conversa.

Estávamos numa sala ampla, com um teto baixo em  
baldaquim, em cuja

seda havia espelhinhos aplicados e os arabescos de que os turcos tanto

gostavam, e as lâmpadas, embora fumarentas, eram perfumadas e soltavam

uma fuligem escura e nebulosa que me ardia nos olhos.

Os homens com aqueles turbantes e aquelas túnicas cintadas não me eram

mais estranhos do que a língua. Mas eu captava muito pouco do que eles

falavam. Meus olhos procuravam uma saída. Não havia nenhuma. Havia

homens pesados e mal-encarados postados próximo às entradas. Um homem

mais afastado sentado a uma mesa usava um ábaco para contar. Ele tinha

pilhas e pilhas de moedas de ouro. Um dos homens, alto e magro, só maçãs

do rosto e mandíbulas, com os dentes podres, veio em minha direção e

sentiu meus ombros e meu pescoço. Depois levantou a túnica. Fiquei

imóvel, não furioso nem conscientemente com medo, apenas paralisado.

Essa era a terra dos turcos, e eu sabia o que eles faziam com garotos.



Só que eu nunca vira um quadro nem ouvira uma história real dessa

terra, nem conhecera ninguém que tivesse vivido realmente nela,

penetrado nela e voltado para casa.

Casa. Decerto devo ter desejado esquecer quem eu era. Devo ter. A

vergonha provavelmente tornou isso uma imposição. Mas naquele momento,

naquela sala que parecia uma tenda com seu tapete florido, entre os

mercadores e negociantes de escravos, eu me esforçava para lembrar,

como se, ao descobrir em mim um mapa, eu pudesse segui-lo para sair

dali e voltar a meu lugar.

Eu realmente me lembrava das pradarias, das terras selvagens, terras

aonde não se vai, a não ser para... Mas aquilo era um branco. Eu havia

estado nas pradarias, desafiando a sorte, estupidamente mas não contra

a vontade. Transportava algo extremamente importante. Apeei do cavalo,

desamarrei aquela grande trouxa do arreio de couro e corri agarrado à

trouxa.

- As árvores! - gritou, mas quem era ele?

Eu sabia, porém, o que ele estava dizendo, que eu precisava chegar ao

bosque e lá pôr este tesouro, esta coisa mágica e esplêndida que estava

dentro da trouxa, "feita não por mãos humanas".

Não cheguei tão longe. Quando me agarraram, larguei a trouxa e eles

nem sequer foram atrás dela, pelo menos que eu tenha visto. Pensei, ao

ser suspenso no ar: isso não é para ser encontrado assim, embrulhado em

pano dessejeito. Tem de ser colocado nas árvores.

Eles devem ter me estuprado no barco porque não me lembro de ir para

Constantinopla. Não me lembro de sentir fome, frio, indignação ou medo.

Agora aqui, pela primeira vez, conheci as particularidades do estupro,

a graxa fétida, as discussões, as imprecações por causa da "ruína do

cordeiro". Senti uma impotência monstruosa e insuportável.

Homens abomináveis, homens contra Deus e contra a natureza.

Rugi como um animal para o mercador de turbante, e ele me deu um forte

tapa no ouvido que me derrubou. Fiquei caído no chão olhando para ele

com todo o desdém que podia expressar. Não me levantei, nem quando ele

me chutou. Eu não iria falar.

Jogado em seus ombros, fui carregado dali por um pátio apinhado, e,

depois de passar por camelos ejumentos fétidos e montes de sujeira,

pelo porto onde os navios aguardavam e pela plataforma de embarque, fui

posto no porão do navio.

Era outra imundície, o cheiro de haxixe, o corre-corre dos ratos a

bordo. Fui atirado num catre de pano. De novo, procurei a saída e só vi

a escada por onde havíamos descido e ouvi muitos homens tagarelando lá

em cima.

Ainda estava escuro quando o navio zarpou. Uma hora depois, eu estava

tão enjoado que só queria morrer. Encolhi-me no chão e fiquei o mais

imóvel possível, escondendo-me inteiramente embaixo do tecido macio

daquela túnica velha. Dormi o máximo que pude.

Quando acordei, havia um velho ali. Ele usava outro tipo de traje,

menos assustador para mim que o dos turcos de turbante, e tinha um

olhar bondoso. Abaixou-se perto de mim. Falava uma língua de uma

maciez e uma doçura incomuns, mas eu não conseguia entendê-lo.

Uma voz lhe disse em grego que eu era mudo, não tinha inteligência e

rosnava como um animal.

Hora de rir de novo, mas eu estava enjoado demais.

O mesmo grego disse ao velho que eu não havia sido quebrado nem

ferido.

Fui marcado com um preço alto.

O velho fez uns gestos de recusa ao abanar a cabeça negativamente e

dizer umas frases cantadas na nova língua. Segurou-me e, delicadamente,

me fez ficar em pé. Levou-me para uma pequena cabine, toda forrada de

seda vermelha. Passei a viagem toda nesta cabine, com exceção de uma

noite.

Nesta noite - e não consigo situá-la em termos da viagem - acordei, e,

encontrando deitado a meu lado esse velho que nunca me tocava senão

para afagar-me e consolar-me, subi a escada e saí para o convés,

ficando um bom tempo a contemplar as estrelas.

Estávamos ancorados num porto, e uma cidade de prédios escuros

azulados, tetos abobadados e torres de sino despenhava pelas falésias

até o porto onde os archotes viravam embaixo dos arcos ornamentados de

uma arcada.

Tudo isso, o litoral civilizado, parecia-me provável, atraente, mas

não me ocorreu que eu pudesse pular do navio e me libertar. Homens

perambulavam embaixo dos arcos. Embaixo do mais próximo de mim, um

homem com um traje estranho e um capacete reluzente, uma grande espada

larga pendurada na cinta, montava guarda encostado na ornamentada

coluna bifurcada, maravilhosamente esculpida para parecer uma árvore a

sustentar o claustro, como o vestígio de um palácio para dentro do qual

este canal para navios houvesse sido toscamente aberto.

Não olhei para a costa muito depois deste primeiro longo e memorável

vislumbre. Olhei para o céu e sua corte de criaturas míticas para sempre

fixas nas estrelas todo-poderosas e inescrutáveis. Negra era a noite

além dessas estrelas, tão iguais ajóias que velhos poemas me voltaram à

mente, até o som de hinos cantados só por homens.

Segundo me lembro, horas se passaram antes que me pegassem, me

batessem violentamente com um chicote de couro e me arrastassem

novamente para o porão. Eu sabia que a surra terminaria quando o velho

me visse. Ele ficou furioso e trêmulo. Abraçou-me, e tornamos a nos

deitar. Ele era velho demais para pedir alguma coisa de mim.

Eu não o amava. Estava claro para o estúpido mudo que esse homem o

considerava algo muito valioso, a ser conservado para a venda. Mas eu

precisava dele e ele me enxugava as lágrimas. Eu dormia o quanto podia.

Enjoava sempre que o mar se encrespava. Às vezes o calor bastava para

me enjoar. Eu não sabia o que era calor de verdade. O homem me

alimentava tão bem que às vezes eu achava que ele estava me engordando

como a um bezerro para ser vendido pela carne.

Quando chegamos a Veneza, já entardecia. Eu não tinha idéia da beleza

da Itália. Estava isolado lá embaixo naquele porão sórdido com o velho

carcereiro, e, ao ser levado à cidade, vi logo que minhas  
suspeitas

sobre o velho carcereiro estavam absolutamente corretas.

Numa sala escura, começou uma discussão feia entre ele e  
outro homem.

Nada poderia me fazer falar. Nada poderia me fazer indicar  
que eu

estivesse entendendo alguma coisa que acontecia comigo.  
No entanto eu

estava, sim. Dinheiro trocou de mão. O velho saiu sem olhar  
para trás.

Tentaram ensinar-me coisas. A nova língua macia e  
acariciante me

envolia. Garotos chegaram, sentaram-se a meu lado,  
tentaram me

persuadir com beijos e abraços. Beliscavam meus mamilos  
e tentavam

tocar as partes secretas que eu aprendera a nem sequer  
olhar por causa

da triste oportunidade de pecado.

Muitas vezes, resolvi rezar. Mas descobri que não lembrava  
das

palavras. Até as imagens eram indistintas. Apagaram-se  
para sempre as



luzes que me haviam guiado pela vida afora. Cada vez que eu ficava

absorto em meus pensamentos, alguém me batia ou me puxava o cabelo.

Eles sempre vinham com ungüentos depois de me baterem. Tinham o

cuidado de tratar da pele esfolada. Uma vez, quando um homem me deu um

tapa na cara, outro gritou e agarrou-lhe a mão no ar antes que ele

acertasse o segundo golpe.

Eu recusava comida e bebida. Eles não conseguiam me fazer aceitar nem

uma coisa nem outra. Eu não conseguia. Não escolhi morrer de fome.

Simplesmente não podia fazer nada para me manter vivo. Sabia que

estava indo para casa. Estava indo para casa. Eu morreria e iria para

casa. Seria uma passagem terrível e dolorosa. Eu choraria se estivesse

sozinho. Mas nunca estava. Teria de morrer na frente das pessoas. Há

uma eternidade eu não via a luz do dia. Até as lâmpadas feriam-me os

olhos pelo fato de eu estar tanto no escuro. Mas sempre havia gente

ali.

A lâmpada ficaria mais clara. Eles sentaram num círculo em volta de

mim com carinhas encardidas e mãos rápidas que pareciam patas afastando

meu cabelo do rosto e me sacudindo pelos ombros. Virei-me para a

parede.

Um ruído me fazia companhia. Este seria o fim de minha vida. O ruído

era o da água lá fora. Ouvia-se a água batendo no muro. Eu sabia quando

um barco passava e ouvia as pilastras de madeira rangendo, e pousava a

cabeça na pedra e sentia a casa balançar na água como se não a

tivéssemos a nosso lado mas sim estivéssemos plantados nela, o que

obviamente estávamos.

Uma vez sonhei com minha casa, mas não lembro como era o lugar.

Acordei, gritei e ouvi uma saraivada de saudações das sombras, vozes

lisonjeiras, sentimentais. Pensei que desejasse ficar sozinho.  
Não

desejava. Quando me trancaram quatro dias e quatro noites  
num quarto

escuro sem pão nem água, comecei a gritar e a bater nas  
paredes.

Ninguém apareceu. Depois de algum tempo, caí num  
estupor. Quando a porta

se abriu, foi com um tranco violento. Sentei-me, cobrindo os  
olhos. A

lâmpada era uma ameaça. Minha cabeça latejava. Mas senti  
um perfume

suave e insinuante, um misto de cheiro de lenha doce  
ardendo no inverno

quando neva, de flores esmagadas e de óleo pungente.  
Senti algo duro me

tocando, algo de madeira ou latão, mas que se mexia como  
se fosse

orgânico. Afinal, abri os olhos e vi que um homem me  
abraçava, e aquelas

coisas inumanas, que pareciam de pedra ou latão, eram  
seus dedos

brancos, e ele me olhou com ávidos e meigos olhos azuis.

- Amadeo - ele disse.

Ele estava todo vestido de veludo vermelho e era deslumbrantemente

alto. O cabelo louro, repartido ao meio à moda dos santos, vinha

escorrido até os ombros e cascadeava sobre o manto em cachos

reluzentes. Tinha uma testa lisa sem nenhuma ruga, e sobancelhas altas

e retas de um dourado suficientemente escuro para lhe dar uma expressão

transparente e determinada. As pestanas reviradas pareciam fios de ouro

a sair- lhe das pálpebras. E, quando sorria, seus lábios se injetavam

subitamente com uma cor pálida que realçava ainda mais seu contorno

cheio e bem cuidado.

Eu o conhecia. Falei com ele. Jamais poderia ter visto tais milagres

no rosto de qualquer outra pessoa.

Ele me sorriu com uma expressão muito boa. Tinha o lábio superior e o

queixo glabros. Eu não conseguia ver nenhum pêlo nele, e seu nariz era

fino e delicado embora suficientemente grande para ser proporcional aos

outros traços magnéticos de seu rosto.

- Não o Cristo, meu filho - disse ele. - Mas alguém que vem com sua

própria salvação. Venha para meus braços.

-Estou morrendo, Mestre.-Qual era a minha língua? Mesmo agora, não sei

dizer qual era. Mas ele me entendeu.

-Não, criança, você não está morrendo. Você agora vai ficar sob a

minha proteção, e talvez, se as estrelas estiverem conosco, se elas

forem bondosas conosco, você não morrajamais.

- Mas você é o Cristo, eu o conheço!

Ele sacudiu a cabeça negando, e, da forma mais humana, baixou os olhos

ao fazer isso e sorriu. Seus lábios generosos se abriram e só vi os

dentes brancos de um humano. Ele me levantou pelas axilas e beijou

minha garganta, e arrepieime tanto que fiquei paralisado. Fechei os

olhos e senti seus dedos sobre eles, e ouvi-o dizer em meu ouvido:

- Durma enquanto o levo para casa.

Quando acordei, estávamos numa enorme banheira.  
Nenhum veneziano

jamais possuiu banheira como essa, posso dizer isso agora  
depois de

tudo o que vi, mas o que sabia eu das convenções desse  
lugar? Este era

um palácio de verdade. Eu já vira palácios.

Desvencilhei-me do pano de veludo em que eu estava  
deitado - a capa

vermelha dele, se não me engano-e vi um grande leito  
guarnecido de

cortinas à minha direita e, mais adiante, a banheira  
propriamente

dita, funda e oval. De uma concha sustentada por anjos a  
água jorrava

para dentro da banheira, o vapor subia dessa grande  
superfície e, no

vapor, estava meu Mestre. Seu peito branco estava nu e os  
mamilos eram

rosados. Seu cabelo, afastado da testa lisa e reta, parecia  
ainda mais

grosso, lindo e esplendorosamente louro do que antes.

Ele me chamou com um gesto.

Fiquei com medo da água. Ajoelhei na borda e enfiei a mão ali dentro.

Com uma velocidade e uma graça espantosas, ele me pegou e me levou para

dentro da piscina morna, empurrando-me até a água cobrir meus ombros e

depois inclinando minha cabeça para trás.

Tornei a olhar para ele. Lá em cima, o teto azul-celeste estava

coberto de anjos espantosamente vivos com enormes asas de penas

brancas. Eu jamais vira anjos assim tão encaracolados e

resplandecentes, pulando daquele jeito, sem qualquer restrição ou

elegância, para exibir sua beleza humana em membros musculosos e vestes

fluidas, em cachos esvoaçantes. Aquilo parecia um tanto louco, essas

figuras robustas e travessas, essa orgia de brincadeiras celestiais lá

em cima, para onde subia aquele vapor transformando-se em luz dourada.

Olhei para meu Mestre. Seu rosto estava bem à minha frente. Beije-me

de novo, sim, faça aquilo, o arrepio, beijo... Mas ele era da mesma

espécie que aqueles seres pintados, era um deles, e isso alguma forma

de paraíso gentio, um lugar pagão de deuses de soldados onde tudo é

vinho, fruta e carne. Eu chegara ao lugar errado.

Ele jogou a cabeça para trás. Soltoou uma risada sonora. Tornou a pegar

um punhado de água que derramou em meu peito. Abriu a boca e, por um

instante, vislumbrei algo muito errado e perigoso, dentes que pareciam

de lobo. Mas os dentes desapareceram, e apenas os seus lábios me

chuparam a garganta, depois o ombro. Só os seus lábios chupavam o mamilo

quando tentei cobri-lo tarde demais.

Gemi com tudo isso. Abandonei-me a ele dentro daquela água morna, e

seus lábios foram do meu peito à minha barriga. Ele chupava a pele

suavemente como se estivesse tirando dela o sal e o calor, e até sua



testa roçando-me o ombro enchia-me de censações  
excitantes. Passei o

braço em volta dele e, quando ele descobriu o pecado  
propriamente dito,

senti esse pecado explodir, como uma besta disparando  
uma flecha. Senti

partir essa flecha, essa estocada, e gritei.

Ele me deixou ficar deitado por alguns instantes encostado  
a ele. Banhou-me

lentamente. Tinha um pano macio com o qual me enxugou  
o rosto. Molhou-me

a cabeça para lavar meu cabelo.

Então, quando achou que eu já havia descansado o  
suficiente, recomeçou

com os beijos.

Antes do amanhecer, acordei no travesseiro dele. Sentei na  
cama e vi-o

vestindo aquela grande capa e cobrindo a cabeça. O quarto  
estava

novamente cheio de garotos, mas estes não eram os tristes  
e descarnados

tutores do bordel. Esses garotos ali em volta da cama eram  
bem-apessoados, bem alimentados sorridentes e meigos.

Vestiam túnicas de cores vivas, cuidadosamente plissadas e usadas com

cintos apertados que lhes davam uma graça feminina. Todos tinham

cabelos compridos e viçosos.

Meu Mestre olhou para mim, e, numa língua que eu conhecia, sabia

perfeitamente, disse que eu era seu filho único, e que ele ainda

voltaria naquela noite, e então eu já teria visto um novo mundo.

- Um novo mundo! - exclamei. - Não, não me deixe, Mestre. Não quero o

mundo inteiro. Quero você!

- Amadeo - disse ele em sua língua particular de confiança, debruçando

na cama, o cabelo agora seco e lindamente escovado, as mãos macias com

talco. - Você me tem para sempre. Deixe os garotos lhe darem de comer

e vesti-lo. Você pertence a mim, Marius Romanus, agora.

Virei-me para eles e dei-lhes as ordens naquela língua macia e

cantada. E, pelo ar alegre que demonstravam, parecia que ele lhes dera

doces e ouro. - Amadeo, Amadeo-cantavam eles enquanto me rodeavam.

Seguraram-me para que eu não pudesse seguir Marius. Falavam comigo num

grego fluente e corrido, e essa língua para mim não era tão fácil. Mas

eu entendia.

Venha conosco, você é um de nós, precisamos ser bons com você,

precisamos ser especialmente bons com você. Eles me vestiram

apressadamente com roupas usadas, discutindo entre si sobre minha

túnica (estaria à altura?), e essas meias desbotadas, bem, eram só para

agora! Calce os chinelos; tome, um paletó que ficava apertado em

Riccardo. Aquelas roupas pareciam de rei.

-Nós o amamos-disse Albinus, o mais importante abaixo de Riccardo ,

contrastando dramaticamente com o moreno Riccardo, pelos cabelos louros

e olhos verdes-claros.

Os outros meninos eu não conseguia diferenciar direito, mas esses dois

eram fáceis de observar.

- Sim, nós o amamos - disse Riccardo, afastando o cabelo para trás e

piscando para mim.

Tinha a pele mais lisa e escura que a dos outros e olhos ferozmente

pretos. Segurou minha mão e vi seus dedos esguios. Todos aqui tinham

dedos finos. Tinham dedos iguais aos meus, e os meus, no meio dos de

meus irmãos, eram incomuns. Mas eu não podia pensar nisso.

Uma hipótese fantástica ocorreu-me, a de que eu, o pálido, o que fazia

toda a confusão, o que tinha dedos finos, havia sido raptado para a

terra boa que era o meu lugar. Mas essa hipótese era fabulosa demais

para ser digna de crédito.

Minha cabeça doía. Vi lampejos mudos dos cavaleiros atarracados que me

capturaram, do fétido porão do navio no qual fui trazido para

Constantinopla, lampejos de macilentos homens ocupados, discutindo ao

me levarem para lá.

Santo Deus, por que alguém me amava? Para quê? Marius Romanus, por que

você me ama?

O Mestre sorriu ao acenar da porta. O capuz lhe envolvia a cabeça, uma

moldura rubra para suas belas maçãs do rosto e seus lábios carnudos.

Meus olhos ficaram rasos d'água.

Uma névoa branca envolvia o Mestre quando a porta se fechou atrás

dele. A noite estava acabando. Mas as velas ainda ardiam.

Entramos num salão, e vi que estava cheio de pinturas, potes de tinta

e pincéis em jarros de barro prontos para serem usados. Grandes

quadrados de tecido - tela - aguardavam a pintura.

Esses garotos não preparavam suas tintas com gema de ovo como se

fazia na época. Misturavam os vivos pigmentos pulverizados diretamente

com os óleos cor de âmbar.

Grandes porções de tinta brilhante me aguardavam em pequenos potes.

Peguei o pincel quando me deram. Olhei para o pano branco esticado no

qual eu devia pintar.

- Não de mãos humanas - disse eu.

Mas o que significavam essas palavras? Ergui o pincel e comecei a

pintar esse homem louro que me resgatara da escuridão e da miséria.

Joguei a mão com o pincel, molhando as cerdas nos jarros de tinta creme,

rosa e branca e chapando essas cores na tela curiosamente resiliente.

Mas não conseguia fazer um quadro. Nada aparecia!

- Não por mãos humanas! - murmurei. Larguei o pincel. Cobri o rosto

com as mãos.

Procurei as palavras em grego. Quando as disse, vários rapazes

balançaram afirmativamente a cabeça, mas não captaram o significado.

Como poderia eu explicar-lhes a catástrofe? Olhei para meus dedos. O

que acontecera com... Aí todas as lembranças se apagaram e de repente

fiquei com Amadeo.

-Não consigo pintar. - Eu fitava a tela, a confusão de tintas. - Talvez

se fosse madeira, e não tecido, eu conseguisse.

O que eu poderia fazer? Eles não compreendiam.

Ele não era o Senhor Vivo, meu Mestre, o louro, o louro de olhos azuis

glaciais.

Mas era o meu Senhor. E eu não conseguia fazer aqui lo que era para

ser feito. Para me reconfortar, para me distrair, os rapazes pegaram

seus pincéis e logo me deixaram espantados com pinturas que fluíam

naturalmente de suas pinceladas rápidas.

Um rosto de garoto, maçãs do rosto, boca, olhos, sim, e uma farta

cabeleira de um tom acobreado. Meu Deus, era eu... aquilo não era uma

tela e sim um espelho. Eu era esse Amadeo. Riccardo pegou o pincel para

refinar a expressão, para dar profundidade aos olhos e criar uma

feitiçaria na língua de modo a parecer que eu estava quase falando. Que

mágica violenta era essa que fazia um rapaz surgir do nada, com a maior

naturalidade, num ângulo descontraído, de cenho franzido e melenas

revoltas a cobrir-lhe a orelha?

Parecia ao mesmo tempo linda e irreverente essa figura sensual, fluida

e abandonada.

Riccardo ia soletrando em grego o que escrevia. Então, largou o

pincel. Exclamou:

- Um retrato muito diferente é o que nosso Mestre tem em mente. -

Pegou os desenhos.

Eles me levaram pela casa, o palazzo, como diziam, ensinando-me a

palavra com prazer.

A casa inteira era cheia dessas pinturas-nas paredes, nos tetos, em

painéis e telas empilhados-, quadros enormes cheios de edificações em



ruínas, colunas quebradas, vegetação exuberante,  
montanhas distantes e

um interminável fluxo de gente corada, os cabelos viçosos e  
as roupas

deslumbrantes sempre amassadas e panejando ao vento.  
Era como as

grandes bandejas de frutas e carnes que eles traziam e  
colocavam à

minha frente. Uma desordem louca, uma fartura pela  
fartura, um grande

banho de cores e formas. Era como o vinho, doce e leve  
demais.

Era como a cidade lá embaixo quando eles abriam  
as janelas, e vi os

pequenos barquinhos pretos - gôndolas, até naquela hora -  
ao sol

resplandecente, navegando pelas águas esverdeadas,  
quando vi os homens

com suas suntuosas capas escarlates ou douradas  
caminhando com passo

apressado pelo cais.

Acotovelamo-nos em nossas gôndolas, um bando de nós, e  
de repente

passamos num silêncio gracioso e rápido por entre aquelas  
fachadas,

cada casarão imponente como uma catedral, com seus arcos estreitos e

pontiagudos, suas janelas em forma de lótus, seu revestimento reluzente

de pedra branca. Até as residências mais antigas e mais tristes, não tão

ornadas mas assim mesmo de tamanho descomunal, eram pintadas de cor, um

rosa tão fechado que parecia resultar de pétalas esmagadas, um verde

tão denso que parecia ter sido misturado com aquela própria água turva.

Saímos na praça de São Marcos, em meio àquelas longas arcadas

fantasticamente regulares de ambos os lados.

Achei que aquele era o próprio ponto de encontro do Paraíso enquanto

eu contemplava as centenas de pessoas perambulando diante dos domos

dourados da igreja ao longe.

Domos dourados. Domos dourados.

Uma história antiga sobre domos dourados me havia sido contada, e eu

os via numa pintura sombria, não? Domos sagrados, domos perdidos,

domos em chamas, uma igreja violada, como eu havia sido violado. Ah,

ruína, não havia mais ruína, arrasada pela súbita erupção à minha volta

do que era vital e sadio! Como tudo isso havia nascido de cinzas

invernais? Como eu havia morrido no meio da neve e dos incêndios e

ressurgira aqui embaixo desse sol acariciante?

Sua luz doce e cálida banhava mendigos e comerciantes; iluminava

príncipes passando com pajens que lhes seguravam as pomposas caudas de

veludo, os livreiros que espalhavam seus livros embaixo de toldos

escarlates, tocadores de alaúde que disputavam uns trocados.

Os produtos do vasto mundo diabólico eram exibidos nas lojas e

barracas do mercado-objetos em vidro como eu nunca havia visto,

incluindo taças de todas as cores possíveis, sem falar nas pequenas

figuras que incluíam animais e seres humanos e outras miudezas

transparentes. Havia contas de rosário maravilhosamente brilhantes e

bem torneadas; rendas de padrões suntuosos e graciosos, incluindo até

reproduções em branco de torres de igrejas e casinhas com portas

ejanelas; grandes plumas de pássaros cujo nome eu desconhecia; outras

espécies exóticas batendó asas e guinchando em gaiolas douradas; e os

mais finos e ricamente trabalhados tapetes coloridos, só que lembravam

demaís os poderosos turcos e sua capital de onde eu viera. No entanto,

quem resiste a esses tapetes? Proibidos por lei de representar o ser

humano, os muçulmanos representavam flores, arabescos labirínticos e

outros desenhos semelhantes com cores vivas e uma exatidão assombrosa.

Havia óleos para lâmpadas, velas, círios, incenso, e grandes exposições

dejóias de indescritível beleza e o delicadíssimo trabalho de ourives e

prateiros, em chapa e em peças ornamentais antigas e recém-feitas.

Havia lojas que só vendiam especiarias; havia lojas que vendiam

medicamentos e remédios; havia estátuas de bronze, cabeças de leão,

lanternas e armas. Havia mercadores de tecidos com as sedas do Oriente,

as mais finas lãs tingidas de tons incríveis, algodão e linho e bordados finíssimos e uma profusão de fitas.

Os homens e as mulheres aqui pareciam riquíssimos, banquetecendo-se

displícitamente com tortas de carne fresca em casas de pasto, bebendo

vinho tinto e comendo bolos cheios de creme.

Havia livreiros oferecendo os novos livros impressos, dos quais os

outros aprendizes me falaram com entusiasmo, explicando a maravilhosa

invenção da imprensa, que só recentemente tornara possível aos homens

adquirir não apenas livros com palavras e letras mas também com

desenhos.

Venezajátivera dezenas de pequenas gráficas onde as impressoras

trabalhavam com afinco produzindo livros em grego bem como em latim, e

na língua vernácula - a suave língua cantada - que os aprendizes

falavam entre si.

Eles me deixaram parar liara encher os olhos com essas maravilhas, as

máquinas que faziam páginas de livros.

Mas eles tinham suas tarefas, sim, Riccardo e os outros tinham de

pegar estampas e gravuras dos pintores alemães para nosso Mestre,

pinturas feitas pelas novas impressoras de antigas maravilhas de

Memling, Van Eyck ou Hieronymus Bosch. Nosso Mestre estava sempre

interessado nelas. Estas gravuras trouxeram o norte para o sul. Nosso

Mestre era um campeão de milagres como esse. Nosso Mestre estava feliz

porque havia mais de cem impressoras em nossa cidade, porque podia

jogar fora seus exemplares imprecisos de Lívio e Virgílio e agora ter

novos textos impressos corrigidos.

Ah, era muita informação.

E não menos importante do que a literatura ou as pinturas do universo

era a questão de minhas roupas. Tínhamos de fazer os alfaiates pararem

tudo para me vestir adequadamente segundo os pequenos desenhos que meu

Mestre fizera com giz.

Cartas de crédito manuscritas tinham de ser levadas aos bancos. Eu

devia ter dinheiro. Todo mundo devia ter dinheiro. Eu nunca tocara em

tal coisa. O dinheiro era bonito-ouro ou prata-florentinos, florins

alemães, groschens da Boêmia, belas moedas de ouro cunhadas no domínio

dos governantes de Veneza chamados de doges, moedas exóticas da velha

Constantinopla. Recebi um saquinho de moedas sonantes só para mim.

Amarrávamos nossas "bolsas" no cinto.

Um dos rapazes comprou para mim uma coisinha maravilhosa porque

fiquei olhando para ela. Era um relógio mecânico. Eu não conseguia

entender o que era essa coisinha que tiquetaqueava, toda  
incrustada de

pedras preciosas, sequer todas as mãos apontadas para o  
céu me

ensinariam. Afinal, com um susto, percebi: por baixo  
daquelas

filigranas e pinturas, daquele vidro estranho e daquela caixa  
cravejada

de pedras, aquilo era um relóginho!

Segurei-o e fiquei tonto. Jamais soubera que os relógios  
fossem algo

mais que coisas grandes e veneráveis em campanários ou  
em paredes.

- Agora carrego o tempo - murmurei em grego, olhando para  
meus amigos.

- Amadeo - falou Riccardo. - Conte as horas para mim.

Eu queria dizer que essa prodigiosa descoberta tinha um  
significado,

um significado pessoal. Era uma mensagem para mim de um  
outro mundo

esquecido muito depressa e muito perigosamente. O  
tempo já não era mais

tempo e nunca seria. O dia não era dia, nem a noite era  
noite. Eu não



conseguia articular isso, nem em grego nem em qualquer outra língua, nem

mesmo em meus pensamentos febris. Enxuguei o suor da testa. Apertei os

olhos por causa do sol claro da Itália. Vi os pássaros que voavam em

grandes bandos, como pequenos riscos de pena adejando em uníssono.

Creio ter dito tolamente:

- Estamos no mundo.

- Estamos no centro dele, em sua maior cidade! - exclamou Riccardo,

levando-me para o meio da multidão. - Haveremos de vê-lo antes de nos

trancarmos no alfaiate, isso é garantido.

Mas primeiro era hora da loja de doces, do milagre do chocolate com

açúcar, de caldas de um vermelho indescritível porém brilhante e doces

amarelos. Um dos rapazes mostrou-me seu livrinho com as mais

assustadoras gravuras, homens e mulheres abraçados em atitudes

concupiscentes. Eram as histórias de Boccaccio. Riccardo disse que as

leria para mim, que aquele era mesmo um excelente livro para me ensinar

italiano. E também me ensinaria Dante.

Boccaccio e Dante eram florentinos, explicou um dos outros rapazes,

mas, considerando tudo, os dois não eram tão maus.

Nosso Mestre adorava todos os tipos de livros, fui informado, não

havia erro em se gastar todo o dinheiro em livros, ele ficava sempre

satisfeito com isso. Eu acabaria vendo que os professores que iam à

casa me enlouqueceriam com suas aulas. Era o studia humanitatis que

todos precisamos aprender, e esse estudo incluía história, gramática,

retórica, filosofia e autores antigos... todas essas palavras

fascinantes cujo significado só se revelou a mim à custa de muita

repetição e demonstração nos dias seguintes.

Tampouco nunca parecíamos bons demais para nosso Mestre, esta era

outra lição que precisei aprender. Ouro e correntes de prata, colares

com medalhões e outros enfeites me foram trazidos e pendurados em meu

pescoço. Eu precisava de anéis, anéis com pedrarias. Tínhamos de

barganhar vigorosamente com os joalheiros para comprá-los, e saí disso

com uma esmeralda verdadeira do Novo Mundo e dois anéis de rubi

gravados com inscrições de prata que eu não conseguia ler.

Eu não me refazia da visão de minha mão com um anel. Até hoje,

passados quinhentos anos, tenho um fraco por anéis preciosos. Só

durante aqueles séculos em Paris quando eu era um penitente, um dos

Filhos da Noite descalços de Satã, só durante este longo sono, abdiquei

de meus anéis. Mas logo chegaremos a esse pesadelo.

Por ora, esta era Veneza, eu era filho de Marius e vivia brincando com

seus outros filhos de uma forma que se repetiria por anos a fio.

Vamos ao alfaiate.

Enquanto me tiravam as medidas, me alfinetavam e me vestiam, os

rapazes me contaram histórias de todos aqueles venezianos ricos que

procuravam nosso Mestre querendo ter até mesmo uma parte ínfima de seu

trabalho. Quanto ao Mestre, ele, alegando estar muito infeliz, não

vendia nada mas às vezes fazia o retrato de um homem ou uma mulher que

o impressionasse. Esses retratos quase sempre transformavam a pessoa

num tema mitológico-deuses, deusas, anjos, santos. Nomes que conhecia e

nomes que eu nunca ouvira saltavam das línguas dos rapazes. Parecia que

aqui todos os ecos das coisas sagradas eram varridos numa nova onda. A

memória me sacudia só para me libertar. Santos e deuses seriam a mesma

coisa? Não haveria um código ao qual eu deveria permanecer fiel, que de

certa forma ditava que essas coisas não passavam de mentiras bem

elaboradas? Eu não conseguia esclarecer isso em minha cabeça, e à minha

volta havia tanta felicidade, sim, felicidade.

Parecia impossível que essas caras brilhantes e simples mascarassem

perversidade. Eu não acreditava. No entanto, todo prazer para mim era

suspeito. Ficava fascinado quando conseguia não ceder e derrotado

quando me rendia, e, com o tempo, eu me rendia cada vez mais facilmente.

Este dia de iniciação foi apenas um em centenas, não, em milhares que

se seguiriam, e não sei quando comecei a entender com alguma precisão o

que meus companheiros diziam. Essa hora chegou, porém, e bastante

rápido. Não me lembro de ficar muito tempo sendo o ingênuo.

Essa primeira excursão foi algo mágico. E, lá no alto, o céu estava de

um azul-cobalto perfeito, com a brisa do mar úmida e fresca. Lá em cima

reuniam-se as nuvens céleres que vi tão maravilhosamente representadas

nas pinturas do palazzo, e tive a primeira pista de que as pinturas de

meu Mestre não mentiam. Na verdade, quando entramos, graças a uma

permissão especial, na capela dos doges, em São Marcos,  
fiquei sufocado

com seu esplendor- suas paredes de mosaicos dourados.  
Mas senti outro

duro choque ao me descobrir virtualmente sepultado em luz  
e riquezas.

Aqui estavam imagens perfeitas e sombrias, imagens de  
santos que eu

conhecia.

Não eram mistério, para mim, os moradores de olhos  
amendoados dessas

paredes marteladas, severos em suas túnicas retas, orando  
de mãos

postas. Eu conhecia suas auréolas, conhecia os pequenos  
orifícios

furados no ouro para fazê-las brilhar com um brilho ainda  
mais mágico.

Conhecia o julgamento desses patriarcas de barba que me  
olhavam

impassíveis quando parei, paralisado, incapaz de prosseguir.

Caí no chão de pedra. Estava passando mal.

Tive de ser retirado da igreja. O barulho da praça elevava-se  
acima de

mim como se eu estivesse descendo para um terrível  
desfecho. Queria

avisar a meus amigos que aquilo era inevitável, não era culpa deles.

Os rapazes estavam atrapalhados. Eu não podia explicar. Aturdido,

suando em bicas e caído na base de uma coluna, eu os ouvia desanimado

explicarem em grego que essa igreja era só parte de tudo o que eu havia

visto. Por que isso deveria me assustar tanto? Sim, era antiga, sim,

era bizantina, como tanta coisa em Veneza.

-Nossos navios comerciam com Bizâncio há séculos. Somos um império

marítimo. - Tentei entender isso.

O que veio claro em minha dor foi apenas que esse lugar não havia sido

um julgamento especial sobre mim. Eu dali fora tirado tão facilmente

quanto para ali fora levado. Os rapazes de voz macia e mãos delicadas

que me rodeavam e me ofereciam vinho fresco para beber e frutas para

comer para eu poder me recuperar não tinham medo desse lugar.

Virando para a esquerda, avistei o cais, o porto. Corri para lá,

aterrado com a visão dos navios de madeira. Estavam ancorados em

carreiras de quatro e cinco, porém mais à frente encenava-se o maior

milagre: grandes galeões bojudos de madeira, as velas colhendo a brisa,

os remos graciosos batendo na água, saindo para o mar.

Para trás e para a frente o tráfego andava, as enormes barcas de

madeira perigosamente perto umas das outras entrando e saindo da barra

de Veneza, enquanto outras, não menos graciosas e impossíveis,

ancoradas, descarregavam uma fartura de mercadorias.

Levando-me, trôpego, para o Arsenale, meus companheiros me

reconfortavam com a visão dos navios sendo construídos por homens

comuns. Em dias vindouros, eu passaria horas no Arsenale, observando os

engenhosos processos pelos quais seres humanos construíam barcas tão

imensas que, em minha cabeça, deveriam afundar.



De vez em quando, em lampejos, eu via imagens de rios gelados, de

barcaças e chatas, de homens rústicos fedendo a gordura animal e couro

rançoso. Mas essas últimas delícias imperfeitas do mundo gelado do qual

eu viera se esvaneceram.

Talvez se essa cidade não fosse Veneza, esta história seria diferente.

Em todos os meus anos em Veneza, jamais me cansei do Arsenale, de ver

a construção dos navios. Eu não tinha problema de entrar graças a umas

palavras gentis e umas moedas, e era sempre uma alegria para mim ver

essas estruturas fantásticas serem construídas a partir de um esqueleto

abaulado, tábuas envergadas e mastros pontiagudos.

Neste primeiro dia, apressaram-nos por esse pátio de milagres.

Bastava.

Sim, bem, era Veneza, esse lugar que precisava apagar-me da mente,

pelo menos por algum tempo, o tormento coagulado e alguma existência

anterior, alguma congestão de todas as verdades que eu não desejava

enfrentar.

Meu Mestre nunca estaria ali, se ali não fosse Veneza.

Menos de um mês depois ele me contaria sem rodeios o que cada uma das

idades da Itália tinha a lhe oferecer, como gostava de ver

Michelângelo, o grande escultor, trabalhando em Florença, como ia ouvir

os grandes professores em Roma.

- Mas Veneza tem uma arte milenar - ele falou ao erguer o pincel para

pintar o enorme painel diante dele. - Veneza é em si mesma uma obra de

arte, uma metrópole de templos domésticos impossíveis, construídos lado

a lado como colméias e mantidos num néctar sempre fluente por uma

população de abelhas diligentes. Olhe nossos palácios, só eles já merecem

ser vistos.

Com o tempo, ele começou a me dar aulas sobre a história de Veneza,

como os outros, detendo-se na natureza da República, que, embora

despótica em suas decisões e ferozmente hostil para o estrangeiro, era

uma cidade de homens "iguais". Florença, Milão, Roma - essas cidades

estavam caindo sob o poder de uma pequena elite ou famílias e indivíduos

poderosos, ao passo que Veneza, apesar de todas suas falhas, continuava

governada por seus senadores, seus mercadores poderosos e seu Conselho

dos Dez.

Naquele primeiro dia, nasceu em mim um eterno amor por Veneza. Aquela

cidade parecia singularmente desprovida de horrores, um lar caloroso até

para seus mendigos bem-vestidos e espertos, uma colméia de prosperidade

e paixão vibrante bem como de espantosa riqueza.

E, no alfaiate, não estava eu sendo transformado em príncipe como meus

novos amigos?

Olhe, eu não tinha visto a espada de Riccardo? Eles eram todos nobres.

- Esqueça tudo o que se passou antes - disse Riccardo.  
Nosso Mestre é

nosso Senhor, e somos seus príncipes, somos sua corte real.  
Você agora é

rico e nada pode magoá-lo.

-Não somos meros aprendizes no sentido comum- interveio  
Albinus. Vamos

ser enviados para a Universidade de Pádua. Você vai ver.  
Recebemos aulas

de música e dança e etiqueta tão regularmente quanto de  
ciência e

literatura. Você terá tempo de ver os rapazes que voltam  
para nos

visitar, todos cavalheiros de posses. Ora, Giuliano era um  
próspero

advogado, e um dos outros rapazes era médico em Torcello,  
uma

cidade-ilha aqui perto. Mas todos têm recursos  
independentes quando

deixam o Mestre - explicou Albinus. - É só que o Mestre,  
como todos os

venezianos, odeia o ócio. Somos tão ricos quanto senhores  
preguiçosos do

estrangeiro que não fazem nada a não ser provar nosso  
mundo como se

fosse um prato de comida.

Ao cabo dessa primeira aventura ensolarada, essas boas-vindas ao seio

da escola de meu Mestre e sua esplêndida cidade, fui penteado, arrumado

e vestido com as cores que ele escolheria definitivamente para mim,

azul-celeste para as meias, um veludo azul-noite para um paletó curto e

cintado, e uma túnica de um tom mais claro de azul-cobalto bordada com

pequenas flores-de-lis francesas em fio grosso de ouro. Podia ter um

toque cor de vinho para os acabamentos e as peles; pois, quando o vento

do mar aumentava no inverno, esse paraíso tornava-se o que esses

italianos chamam de frio.

Quando anoiteceu, saracoteei no chão de mármore com os outros,

dançando um pouco ao som dos alaúdes tocados pelos rapazes mais moços,

acompanhados pela delicada música do virginal, o primeiro instrumento de

teclado que então eu vira.

Quando o crepúsculo morreu lindamente no canal em frente às janelas

estreitas terminando em arcos pontiagudos do palácio, fiquei perambulando, captando relances esparsos de minha imagem nos muitos

espelhos escuros que se erguiam do chão de mármore até o teto do

corredor, do salão, da alcova, ou qualquer quarto finamente mobiliado

que eu encontrasse.

Cantei novas palavras em uníssono com Riccardo. O grande estado de

Veneza era chamado de Sereníssima. Os barcos escuros dos canais eram

gôndolas. O vento que chegaria em breve e nos enlouqueceria a todos

chamava-se Sirocco. O mais importante governante dessa cidade mágica era

o doge, nosso livro essa noite com o professor era Cícero, o instrumento

musical que Riccardo pegou e tocou beliscando as cordas era o alaúde. O

grande dossel da imponente cama do Mestre era um baldaquim enfeitado a

cada quinze dias com uma nova franja de ouro.

Eu estava extasiado.

Eu não tinha simplesmente uma espada mas sim um punhal.

Que confiança. Eu era mesmo um cordeirinho para esses outros, e

bastante cordeiro para mim mesmo. Mas jamais alguém me confiara essas

armas de bronze e de aço. De novo, a memória pregava peças. Eu sabia

atirar uma lança de madeira, sabia... Infelizmente, isso se esfumou, e

em torno dessa fumaça apareceu que eu não me dedicara às armas, mas sim

a uma outra coisa, algo imenso que exigia tudo o que eu podia dar. As

armas me eram vedadas.

Bem, não mais. Não mais. Não mais. A morte me engolira inteiro e me

lançara ali. No palazzo de meu Mestre, num salão de cenas de batalha

brilantemente pintadas, com mapas no teto, com janelas de grossas

vidraças, saquei minha espada com uma exclamação cantada e aponte-i-a

para o futuro. Com minha adaga, após examinar as esmeraldas e os rubis

em seu punho, cortei uma maçã em dois com um ruído de espanto.

Os rapazes mais velhos riram de mim. Mas o ambiente era simpático,

gentil. Logo chegaria o Mestre. Olhe. De sala em sala, os mais jovens

dentre nós, menininhos que não haviam saído conosco, agora andavam

depressa, acendendo archotes e candelabros com suas velas. Fiquei à

porta, olhando para mais um e mais outro e mais outro. A claridade

explodia Silenciosamente em cada uma dessas salas.

Um homem alto, muito sombrio e simples, entrou segurando um livro

velho. Seu longo cabelo e sua túnica simples de lã eram pretos. Os olhos

miúdos eram alegres, mas a boca fina era pálida, com um ríctus

agressivo.

Os meninos todos gemeram.

Janelas altas e estreitas foram fechadas por causa da friagem da



noite.

No canal lá embaixo, os homens cantavam enquanto remavam suas

gôndolas, vozes sonoras, como que salpicando as paredes, delicadas,

efervescentes, para depois irem morrendo.

Comi toda aquela maçã suculenta. Nesse dia eu comera mais fruta,

carne, pão, doces e balas do que um ser humano seria capaz de comer. Eu

não era humano. Era um rapaz faminto.

O professor estalou os dedos, depois tirou do cinto um grande chicote

que estalou na própria perna.

- Agora venham - disse ele aos rapazes.

Ergui os olhos quando o Mestre apareceu.

Todos os rapazes, grandes e altos, infantilizados e másculos, correram

para ele, abraçaram-no e penduraram-se nele enquanto ele inspecionava a

pintura que haviam feito naquele longo dia.

O professor aguardava em silêncio, inclinando-se humildemente para o

Mestre.

Atravessamos as galerias, a companhia toda, o professor no fim do

grupo. O Mestre esticou os braços, e era um privilégio sentir o toque de

seus dedos alvos e frios, um privilégio pegar um pedaço de suas grossas

mangas de veludo que arrastavam.

- Venha, Amadeo, venha conosco.

Eu só queria uma coisa, e ela logo chegou.

Os meninos foram despachados com um homem que deveria ler Cícero. As

mãos firmes do Mestre com suas unhas refulgentes viraram-me e

dirigiram-me para seus aposentos privados.

Aí era privado, as portas de madeira pintadas abriram-se de uma vez,

os braseiros acesos perfumados com incenso, uma fumaça aromática saindo

das lâmpadas de latão. Havia travesseiros macios na cama, um jardim

florido de seda pintada e bordada, cetim floral, rico chenile, brocados

intrincados. Ele fechou o cortinado escarlate da cama. A  
claridade

tornou-o transparente. Vermelho, vermelho e vermelho.

Era a cor dele, ele me disse, como o azul seria a minha.

Numa língua universal, ele me cortejou, alimentando-me  
com as imagens:

- Seus olhos castanhos ficam dourados quando o fogo os  
ilumina -

murmurou. - Ah, mas eles são cintilantes e escuros, dois  
espelhos

reluzentes nos quais eu me vejo até quando eles guardam  
seus segredos;

esses portais escuros de uma alma rica.

Eu estava perdidíssimo no azul glacial de seus olhos e no  
coral macio

e brilhante de sua boca.

Ele deitou comigo, beijou-me, passando os dedos  
suavemente pelo meu

cabelo, sem puxar os fios, e me provocou arrepios no couro  
cabeludo e

entre as pernas. Seus polegares, tão duros e frios, afagaram  
minhas

faces, meus lábios, minhas mandíbulas, excitando a carne.  
Virando minha

cabeça da direita para a esquerda, ele me deu beijos ávidos e delicados

dentro do ouvido.

Eu era jovem demais para um prazer tão efervescente.

Não sei se era mais o que as mulheres sentiam. Achei que aquilo não

podia terminar. Tornou-se uma agonia de êxtase estar preso em suas mãos,

sem poder escapar, contorcendo-me e sentindo esse êxtase repetidas

vezes.

Ele me ensinou palavras na nova língua depois, a palavra para o

revestimento duro e frio do chão que era mármore de Carrara, a palavra

para as cortinas que era seda fiada, os nomes dos "peixes" e

"tartarugas" e os "elefantes" bordados nos travesseiros, a palavra para

o leão urdido na tapeçaria da pesada colcha propriamente dita.

Enquanto eu escutava, enlevado, todos os detalhes grandes e pequenos,

ele me contou de onde provinham as pérolas bordadas em minha túnica,

como elas vieram das ostras do mar. Rapazes haviam mergulhado nas

profundezas para trazer essas preciosidades redondas à superfície,

carregando-as em suas próprias bocas. Esmeraldas provinham de minas no

interior da terra. Os homens matavam por elas. E diamantes, ah, veja

esses diamantes. Ele tirou um anel do dedo e colocou-o no meu, afagando

meu dedo com delicadeza ao certificar-se de que o anel cabia. Os

diamantes são a luz branca de Deus, disse ele. Diamantes são puros.

Deus. O que era Deus! O choque me percorreu o corpo. Parecia que a

cena à minha volta murcharia.

Ele me observou enquanto falava, e parecia que às vezes eu o ouvia

claramente, embora ele não tivesse movido os lábios nem emitido um som.

Fiquei agitado. Deus, não me deixe pensar em Deus. Seja meu Deus.

- Dê-me sua boca, dê-me seus braços - murmurei. Minha fome espantou-o

e deleitou-o.

Ele riu baixinho ao me responder com mais beijos fragrantes e

inofensivos. Seu hálito quente saiu num jato macio e sibilante em minha

virilha.

- Amadeo, Amadeo, Amadeo - disse ele.

- O que significa esse nome, Mestre? - perguntei. - Por que o dá para

mim? - Acho que ouvi um eu antigo em minha voz, mas talvez tenha sido

apenas esse príncipezinho recém-nascido enfeitado e envolto em

preciosidades que tenha escolhido essa voz macia e respeitável mas

todavia corajosa.

- Amado de Deus - disse ele.

Ah, eu não podia suportar ouvir isso. Deus, o Deus inescapável. Eu

estava perturbado, apavorado.

Ele pegou minha mão estendida e dobrou meu dedo para apontar para um

infante alado bordado com contas reluzentes numa surrada almofada

quadrada que estava a nosso lado.

- Amadeo - repetiu. - Amado do Deus do amor.

Ele achou o relógio que tiquetaqueava na pilha de minhas roupas ao

lado da cama. Pegou-o e sorriu ao olhar para ele. Não havia visto muitos

desses relógios. Uma maravilha. Eram suficientemente caros para reis e

rainhas.

- Você terá tudo o que quiser-disse ele.

- Por quê?

- Por cachos avermelhados como esses - afagou meus cabelos -, por

olhos do castanho mais profundo e mais simpático. Por uma pele como o

creme de leite fresco pela manhã; por lábios que não se distinguem das

pétalas de uma rosa.

De madrugada, ele me contou lendas de Eros e Afrodite; embalou-me com

a fantástica tristeza de Psiquê, amada por Eros e impedida de vê-lo à

luz do dia. Caminhei a seu lado por corredores gelados, seus dedos

apertando meus ombros enquanto ele me mostrava as  
belas estátuas de

mármore branco de seus deuses e deusas, todos amantes -  
Daphne, os

graciosos membros transformados em galhos de louro  
quando o deus Apolo

procurava-a desesperadamente; Leda impotente nas garras  
do poderoso

cisne.

Ele guiou minhas mãos pelas curvas do mármore, as faces  
nitidamente

cinzeladas e muito polidas, as panturrilhas rijas de pernas  
núbeis, as

fendas glaciais de bocas entreabertas. Depois, trouxe meus  
dedos para

seu rosto. Ele parecia a própria estátua viva, feita mais

maravilhosamente do que qualquer outra e, ao erguer-me  
com mãos fortes,

exalou um calor intenso, o calor de um hálito doce em  
suspiros e

palavras sussurradas.

No fim da semana, eu não me lembrava de uma palavra  
sequer de minha

língua materna.



Numa tempestade de adjetivos oferecidos, fiquei na praça e observei

enfeitado o Grande Concílio de Veneza marchando ao longo do Molo, a

missa solene sendo cantada no altar de São Marcos, os navios saindo nas

ondas transparentes do Adriático, os pincéis mergulhando em busca de

suas cores para misturá-las nos potes de barro: rosa garança, escarlata,

carmim, cereja, cerúleo, turquesa, verde, amarelo-ocre, terracota,

quinacridona, citrino, sépia, Violeta Caput Mortuum - ah, lindo demais -

e uma laca espessa chamada sangue de Dragão.

Na dança e na esgrima, eu era excelente. Meu parceiro preferido era

Riccardo, e logo vi que em todas as habilidades eu me aproximava desse

rapaz mais velho, chegando a superar Albinus, que ocupara este lugar até

eu aparecer, embora agora não demonstrasse má vontade para comigo.

Esses rapazes eram como meus irmãos.

Eles me levaram à casa da linda e esguia cortesã, Bianca Solderini,

uma graciosa e incomparável feiticeira de cabelos ondulados à moda de

Botticelli, olhos cinzentos amendoados e uma inteligência generosa e

meiga. Eu era a atração em sua casa sempre que eu queria, entre as moças

e os rapazes que passavam horas lendo poesia, falando de guerras

estrangeiras, aparentemente intermináveis, e dos últimos pintores e de

quem seria o próximo a receber qual encomenda.

Bianca tinha uma vozinha infantil que combinava com seu rosto de

menina e seu narizinho. Sua boca era apenas um botão de rosa. Mas era

esperta e ativa. Rejeitava friamente amantes possessivos; gostava de

ter sempre a casa cheia. Qualquer pessoa corretamente vestida ou

portando uma espada era automaticamente admitida. Quase só os que

desejavam possuí-la eram rejeitados.

Visitantes da França e da Alemanha eram comuns na casa de Bianca, onde

todos, seja de localidades distantes, seja do país, tinham curiosidade a

respeito de Marius, para todos e para nós mesmos um homem misterioso

embora tivéssemos sido instruídos a jamais fazer perguntas desnecessárias

a seu respeito, e só podíamos sorrir quando nos perguntavam se ele

pretendia casarse, se ele pintaria este ou aquele retrato, se estaria em

casa em tal data para esta ou aquela pessoa ir visitá-lo.

Às vezes eu adormecia no divã na casa de Bianca ou até em uma de suas

camas, ouvindo as vozes abafadas dos nobres que lá iam, sonhando com a

música que era sempre do tipo mais tranqüilo e embalador.

De vez em quando, em ocasiões excepcionais, o próprio Mestre aparecia

lá para me pegar e a Riccardo, sempre causando uma pequena sensação no

portego, ou salão principal.

Ele jamais pegava uma cadeira. Nunca tirava a capa com o capuz. Mas

sorria com graça a tudo o que lhe era solicitado e às vezes oferecia um

retratinho que havia feito de Bianca.

Estou vendo agora esses minúsculos retratos que ele lhe deu ao longo

dos anos, todos incrustados de jóias.

- Você capta minha imagem de memória com tanta precisão  
- disse ela ao

beijá-lo.

Vi a reserva com que ele a manteve afastada de seu peito e seu rosto

duros e frios, plantando-lhe beijos na face os quais transmitiam o

encanto da maciez e da doçura que teriam sido destruídas pelo contato

com ele.

Eu passava horas lendo com a ajuda do professor Leonardo de Pádua,

falando em uníssono com ele ao aprender o esquema do latim, depois do

italiano e novamente do grego. Eu gostava tanto de Aristóteles quanto de

Platão ou Plutarco ou Lívio ou Virgílio. Na verdade, eu não os entendia

muito. Estava fazendo o que o Mestre mandava, deixando o conhecimento

acumular-se em minha mente.

Eu não via motivo para falar sem parar como Aristóteles fazia, sobre

coisas criadas. As vidas dos antigos que Plutarco contava com tanto

espírito eram histórias excelentes. Mas eu queria conhecer pessoas

contemporâneas. Preferia cochilar no divã de Bianca a discutir os

méritos deste ou daquele pintor. Ademais, eu sabia que o Mestre era o

melhor.

Este era um mundo de amplos salões, paredes ornamentadas, luz

perfumada e generosa e um desfile regular de alta moda, ao qual me

acostumei inteiramente, semjamais enxergar o sofrimento e a miséria dos

pobres da cidade. Até os livros que eu lia refletiam esse novo âmbito ao

qual eu ficara tão preso que nada poderia me trazer de volta ao passado

de confusão e dor.

Aprendi a tocar canções no virginal. Aprendi a tanger o alaúde e a

cantar com voz macia, embora só cantasse canções tristes. O Mestre

adorava essas canções. Fazíamos um coro de quando em quando, todos os

rapazes juntos, e apresentávamos ao Mestre nossas próprias composições e

às vezes nossas próprias danças.

Nas tardes quentes, jogávamos cartas quando o previsto era descansarmos. Riccardo e eu escapulíamos para jogar nas tavernas.

Bebemos demais uma ou duas vezes. O Mestre soube e logo deu um basta

nisso. Horrorizou-se particularmente com o fato de eu estar embriagado e

ter caído no Grande Canal, precisando de um socorro desajeitado e

histérico. Eu poderia jurar que ele empalidecera ao ouvir isso, que vi a

cor deixar suas faces lívidas. Ele chicoteou Riccardo por isso. Fiquei

envergonhadíssimo. Riccardo aceitou a punição como um soldado sem gritos

nem comentários, imóvel diante de uma grande lareira na biblioteca, de

costas para receber os golpes nas pernas. Depois, ajoelhou-se e beijou o

anel do Mestre. Prometi nunca mais me embriagar.

Embriaguei-me no dia seguinte, mas tive a sensatez de irtrôpego para a

casa de Bianca e meter-me embaixo de sua cama, onde eu poderia adormecer

sem perigo. Antes da meia-noite, o Mestre tirou-me dali. Pensei: agora

vou apanhar. Mas ele apenas me pôs na cama, onde adormeci antes de poder

me desculpar. Quando acordei, vi-o em sua escrivaninha, escrevendo tão

depressa como pintava, num livro grande que ele sempre conseguia

esconder antes de sair da casa.

Quando os outros dormiam mesmo, inclusive Riccardo, nas piores tardes

de verão, eu saía e alugava uma gôndola. Deitava-me de costas e ficava

olhando para o céu enquanto deslizávamos pelo canal e para as águas mais

turbulentas do coração do golfo. Eu ia de olhos fechados na volta para

poder ouvir os mínimos gritos vindos dos prédios sossegados na hora da

sesta, as águas malcheirosas batendo em fundações podres, o guincho das

gaivotas no céu. Não me importava com os mosquitos nem com o cheiro dos

canais.

Uma tarde, não voltei para trabalhar nem para as aulas em casa. Entrei

numa taverna para ouvir os músicos e os cantores e, de outra feita,

deparei-me com uma peça sendo encenada num palco armado numa praça

defronte a uma igreja. Ninguém se zangava comigo por essas idas e

vindas. Nada se relatava. Não havia testes para aferir o que eu ou

qualquer outro aprendera.

Às vezes eu dormia o dia inteiro, ou até ficar curioso. Era um prazer

extremo acordar e encontrar o Mestre trabalhando, quer no estúdio,



subindo e descendo nos andaimes enquanto pintava sua tela maior, ou

simplesmente perto de mim, à sua mesa no quarto, escrevendo.

Sempre havia comida para todos, lustrosos cachos de uva e melões

maduros abertos para nós, e delicioso pão refinado com um azeite

fresquíssimo. Eu comia azeitonas pretas, fatias de queijo macio e

alhos-porós frescos da horta do terraço. O leite vinha frio em jarros de

prata.

O Mestre não comia nada. Todos sabiam disso. O Mestre nunca estava em

casa de dia. Com o Mestre nunca se falava sem reverência. O Mestre

conseguia ler a alma de um rapaz. O Mestre sabia separar o bem do mal, e

sabia o que era engano. Os rapazes eram bons rapazes. À boca pequena, às

vezes se falava de maus rapazes que haviam sido expulsos da casa quase

que imediatamente. Mas ninguém jamais falava do Mestre sequer de uma

forma trivial. Ninguém mencionava o fato de que eu dormia na cama do

Mestre.

Diariamente ao meio-dia, fazíamos juntos formalmente uma refeição de

ave assada, cordeiro tenro, suculentos pedaços de carne.

Três ou quatro professores vinham a qualquer hora para instruir os

vários grupinhos de aprendizes. Alguns trabalhavam enquanto outros

estudavam.

Eu podia passar da aula de latim à de grego. Podia folhear os sonetos

eróticos e ler o que conseguisse até Riccardo acudir e provocar uma

gargalhada geral com sua leitura, para a qual os professores tinham de

esperar.

Nesta leniência, eu prosperava. Aprendi depressa, e sabia responder a

todas as perguntas casuais do Mestre, apresentando minhas próprias

perguntas ponderadas.

O Mestre pintava quatro noites por semana, e, em geral, de meia-noite

até a aurora, quando desaparecia. Nada o interrompia nessas noites. Ele

subia no andaime com uma facilidade espantosa, parecendo um grande

macaco branco, e, deixando cair displicentemente a capa escarlate,

pegava o pincel da mão do menino que o segurava para ele e pintava com

tanta fúria que nos salpicava todos de tinta enquanto olhávamos pasmos.

Sob o seu gênio, paisagens inteiras ganhavam vida em horas; pessoas

reunidas eram desenhadas nos mínimos detalhes. Trabalhava cantarolando

em voz alta; ia anunciando o nome dos grandes escritores ou heróis ao

retratá-los de memória ou baseado na imaginação. Atraía nossa atenção

para suas cores, as linhas que escolhia, os truques de perspectiva que

mergulhavam os grupos de personagens palpáveis e entusiasmados em

jardins, salões, palácios e galerias de verdade.

Somente o trabalho de preencher os claros era deixado para os rapazes

executarem pela manhã - colorir panos, asas, grandes trechos de carne

aos quais o Mestre voltaria para dar forma enquanto a tinta a óleo

ainda estivesse maleável, o piso reluzente de palácios antigos que após

seus retoques finais pareciam mármore de verdade recuando sob os pés

gorduchos de seus filósofos e santos.

O trabalho nos atraía natural e espontaneamente. Havia dúzias de telas

e painéis inacabados dentro do palácio, todos tão realistas que

pareciam portais de outro mundo.

Gaetano, um dos mais jovens de nós, era o mais talentoso. Mas qualquer

dos rapazes, salvo eu, equiparava-se aos aprendizes do ateliê de

qualquer pintor, mesmo os do ateliê de Bellini.

Às vezes, havia um dia de receber. Bianca então se regozijava porque

iria receber para o Mestre, e vinha com seus criados fazer as honras da

casa. Homens e mulheres das melhores casas de Veneza vinham ver as

obras do Mestre. As pessoas espantavam-se com seus poderes. Só depois

de ouvir o que elas diziam nesses dias, percebi que meu Mestre não

vendia quase nada, mas enchia seu palácio com as próprias obras, e que

ele tinha suas próprias versões de temas famosíssimos, desde a escola

de Aristóteles até a Crucificação de Cristo. Cristo. Esse era o Cristo

de cabelos encaracolados, corado, musculoso e com ar humano, o Cristo

deles. O Cristo parecido com Cupido ou Zeus.

Eu não me importava de não saber pintar tão bem como Riccardo e os

outros, de quase sempre me satisfazer em segurar os potes para eles,

lavar os pincéis, apagar os erros que precisavam ser corrigidos. Eu não

queria pintar. Não queria. Só de pensar nisso, ficava com câibras nas

mãos e o estômago embrulhado.

Eu preferia as conversas, as piadas, a especulação sobre o porquê de

nosso fabuloso Mestre não aceitar encomendas, embora recebesse

diariamente cartas convidando-o a competir por este ou aquele mural a

ser pintado no Palácio Ducal ou em alguma das mil igrejas da ilha.

Eu observava a cor se espalhando hora a hora. Aspirava a fragrância

dos vernizes, dos pigmentos, dos óleos.

De vez em quando uma raiva letárgica me dominava, mas não de minha

falta de habilidade.

Outra coisa me atormentava, algo que tinha a ver com as posturas

úmidas e tempestuosas das figuras pintadas, com aquelas reluzentes

faces rosadas e o céu de nuvens céleres ao fundo, ou a ramagem densa

das árvores escuras.

Parecia loucura isso, essa reprodução desenfreada da Natureza. Com dor

de cabeça, fui caminhando sozinho com um passo ligeiro pelo cais até

encontrar uma igreja antiga e um altar ornamentado com santos tesos de

olhos apertados, morenos, macilentos e rígidos: o legado de Bizâncio,

como eu vira em São Marcos em meu primeiro dia. Minha alma doía demais

enquanto eu contemplava com reverência essas antigas propriedades.

Praguejei quando meus novos amigos me acharam. Ajoelhei, determinado,

recusando-me a demonstrar saber que eles lá estavam. Tapei os ouvidos

para não ouvir as risadas de meus novos amigos. Como podiam rir dentro

da igreja com aquelas gotas de sangue como besouros negros saindo das

mãos e dos pés esmaecidos do Cristo torturado?

De vez em quando eu adormecia diante de altares antigos. Eu escapulira

de meus companheiros. Estava só e feliz naquelas pedras frias e úmidas.

Imaginava ouvir a água embaixo do piso.

Peguei uma gôndola para Torcello e lá procurei a velha Catedral de

Santa Maria Assunta, famosa por seus mosaicos, que;  
segundo alguns,

tinham o mesmo esplendor antigo que os mosaicos de São Marcos.

Esgueirei-me sob os arcos baixos, olhando para a antiga iconóstase e os

mosaicos da abside. Lá no alto, na curva posterior da abside, estava a

grande Virgem, a Theotokos, a que carregava Deus. Seu rosto era

austero, quase amargo. Uma lágrima brilhava em sua face esquerda. Ela

segurava o menino Jesus, mas também tinha nas mãos um lenço, a marca da

Mater Dolorosa.

Compreendi essas imagens enquanto elas me gelaram a alma. Minha cabeça

girava e o calor da ilha e a catedral silenciosa me deixaram enjoado.

Mas fiquei ali. Passeei pela iconóstase e orei.

Achei que ninguém podia me achar ali. Quando a noite foi chegando,

sentime realmente mal. Sabia que estava com febre, mas procurei um



canto da igreja e só o contato de meu rosto e minhas mãos estendidas

com o frio do chão de pedra aliviou-me um pouco. Se erguesse a cabeça,

eu via diante de mim cenas terríveis do Juízo Final, de almas condenadas ao Inferno. Mereço essa dor, pensei.

O Mestre veio me buscar. Não me lembro da volta ao palácio.

Aparentemente, de alguma forma, em questão de segundos, ele me pusera

na cama. Os rapazes banhavam minha testa com panos frios. Fizeram-me

beber água. Uma pessoa disse que eu estava com "a febre", e outra

disse: - Fique quieto.

O Mestre cuidava de mim. Eu tinha pesadelos de que não conseguia me

lembrar ao acordar. Antes do amanhecer, o Mestre me beijou e me

abraçou. Jamais amei tanto a dureza fria de seu corpo como durante essa

febre, envolvendo-o em meus braços, estreitando meu rosto contra o

dele.

Ele me deu algo quente e picante para beber numa taça.  
Em seguida,

beijou-me, e novamente apareceu a taça. Meu corpo encheu-se de um fogo

curativo. Mas quando ele voltou naquela noite, a febre tinha piorado de

novo. Não sonhei tanto quanto vaguei, meio dormindo meio acordado, por

terríveis corredores escuros, sem conseguir achar um lugar quente ou

limpo. Minhas unhas estavam encardidas. A certa altura, vi uma pá em

movimento, e vi a sujeira, e receei que a sujeira fosse me cobrir, e

comecei a gritar.

Riccardo cuidava de mim, segurando minha mão, dizendo-me que logo a

noite cairia, e o Mestre decerto chegaria.

- Amadeo - disse o Mestre. Ele me levantou como se eu ainda fosse

mesmo uma criancinha.

Perguntas em excesso formavam-se em minha mente. Eu iria morrer? Aonde

o Mestre estava me levando agora? Eu estava envolto em veludo e peles e

ele me carregava, mas como?

Estávamos numa igreja em Veneza, em meio a pinturas novas de nosso

tempo. As indispensáveis velas ardiam. Homens oravam. Ele me virou em

seus braços e mandou-me olhar para o enorme altar à minha frente.

Apertando os olhos doloridos, obedeci e vi a Virgem nas alturas sendo

coroada por seu amado Filho, Cristo Rei.

- Olhe a doçura no rosto dela, a expressão natural dela - murmurou o

Mestre. - Ela está sentada ali como alguém pode estar sentado aqui na

igreja. E os anjos, olhe para eles, os meninos alegres em volta das

colunas embaixo dela. Olhe a serenidade e a delicadeza dos sorrisos

deles. Isto é o Paraíso, Amadeo. Isso é o bem.

Meus olhos sonolentos dirigiram-se à pintura lá no alto.

- Veja o Apóstolo falando com tanta naturalidade com a pessoa ao lado

dele, como os homens podem falar numa cerimônia dessas. Olhe no alto,

Deus Pai, olhando satisfeito para todos lá embaixo.

Tentei formular perguntas, dizer que não era possível. Esta combinação

da carnalidade com a beatitude, mas não conseguia encontrar palavras

eloqüentes. A nudez dos anjos era encantadora e inocente, mas eu não

conseguia acreditar nisso. Era uma mentira de Veneza, uma mentira do

Ocidente, uma mentira do próprio Diabo.

- Amadeo - continuou ele -, não há bem que se baseie em sofrimento e

crueldade; não há bem que precise se fundamentar na privação de

criancinhas. Amadeo, do amor de Deus nasce a beleza em todos os lugares.

Olhe essas cores; essas são as cores criadas por Deus.

Em seu colo, os pés balançando, os braços em volta de seu pescoço,

deixei os detalhes do imenso altar entrarem em minha consciência.

Repassei de trás para diante, de trás para diante, aqueles pequenos

toques que eu amava.

Levantei o dedo para apontar. Aquele leão sentado tão calmamente aos

pés de São Marcos, e, olhe, as páginas do livro de São Marcos, as

páginas se mexem enquanto ele as vira. E o leão é manso e delicado e

amigo como um cão de lareira.

- Isso é o Paraíso, Amadeo - disse-me ele. - O que quer que o passado

tenha martelado em sua alma, esqueça.

Sorri, e lentamente, erguendo os olhos para os santos, as fileiras e

fileiras de santos, comecei a rir baixo e confidencialmente no ouvido

do Mestre.

- Eles estão todos falando, murmurando, conversando entre si como se

fossem senadores venezianos.

Ouvi a gargalhada baixa e reprimida que ele deu em resposta.

-Ah, acho que os senadores têm mais decoro, Amadeo. Eu nunca os vi em

situação tão informal, mas isso é o Paraíso, como eu disse.

-Ah, Mestre, olhe ali. Um santo está segurando um ícone,  
um belo

ícone. Mestre, preciso lhe contar... - interrompi-me. A febre  
subiu e

comecei a suar. Meus olhos ardiam, e eu não conseguia  
enxergar. -

Mestre, estou na selva, estou correndo, preciso botar isso  
nas árvores.

- Como poderia ele saber do que eu estava falando, que eu  
me referia à

lembrança daquela desesperada fuga passada pelos  
campos selvagens com a

sagrada trouxa sob minha guarda, a trouxa que deveria ser  
desembrulhada

e colocada nas árvores. - Olhe, o ícone.

Enchi-me de mel. Um mel espesso e doce. Vinha de uma  
fonte gelada mas

não importava. Eu conhecia essa fonte. Meu corpo era como  
uma taça

sendo mexida de modo que tudo o que era amargo se  
dissolveu nos fluidos

do mel, dissolveu-se num vórtice para deixar apenas mel e  
um calor de

sonho.

Quando abri os olhos, eu estava em nossa cama. Estava todo frio. A

febre passara. Virei-me e levantei-me.

Meu Mestre estava sentado à sua mesa. Lia o que aparentemente acabara

de escrever. Prendera o cabelo com um pedaço de fio. Seu rosto estava

belíssimo, descoberto por assim dizer, com aquelas maçãs salientes e

aquele nariz liso e fino. Ele me olhou, e sua boca operou o milagre do

sorriso comum.

- Não corra atrás dessas recordações - disse ele. Falou isso como se

estivéssemos conversando todo o tempo enquanto eu dormia. - Não vá à

igreja de Torcillo para encontrá-las. Não vá aos mosaicos de São Marcos.

Quando chegar a hora, todas essas coisas nocivas voltarão.

- Tenho medo de lembrar - disse eu.

- Eu sei - respondeu ele.

-Como pode saber?-perguntei.-Guardo esse adereço meu coração. Ela é

minha. - Senti muito por ter falado com tanta audácia, mas fosse qual

fosse a minha culpa, a audácia era cada vez mais freqüente.

- Você duvida mesmo de mim? - perguntou ele.

- Seus dotes são incomensuráveis. Todos sabemos e nunca falamos sobre

isso, e você nunca fala sobre isso.

- Então por que você não coloca sua fé em mim em vez de em coisas das

quais você só se recorda pela metade.

Ele deixou a escrivaninha e veio para minha cama.

- Venha. Sua febre cedeu. Venha comigo.

Levou-me a uma das muitas bibliotecas do palácio, salas em desordem

onde havia manuscritos espalhados sem critério e livros empilhados.

Raramente ele trabalhava nessas salas. Atirava os volumes ali para

serem catalogados pelos rapazes, levando aquilo de que precisava para a

escrivaninha em nosso quarto.

Andou entre as estantes até encontrar uma pasta, uma coisa molenga de



couro antigo amarelado, gasta nas pontas. Seus dedos brancos alisaram

uma página grande de pergaminho. Pousou-a na escrivaninha de carvalho

para que eu visse.

Uma pintura, antiga.

Era o desenho de uma grande igreja com domos ornamentados, lindíssima

e majestosa. Havia inscrições ali. Eu conhecia as letras, mas não

conseguia fazer as palavras virem à minha mente ou à minha língua.

- Kiev Rus - explicou. Kiev Rus.

Um horror insuportável abateu-se sobre mim. Antes de conseguir

deter-me, falei:

- Está em ruínas, incendiada. Não existe este lugar. Não é vivo como

Veneza. Está em ruínas, e é frio, imundo e desesperado. Sim, essa é

exatamente a palavra. -Eu estava tonto. Achei que estivesse vendo uma

saída da desolação, só que essa saída era fria e escura e, por caminhos

tortuosos, conduzia a um mundo de escuridão eterna, onde a terra fria

exalava o único cheiro para as mãos, a pele, as roupas da pessoa.

Desvencilhei-me e corri do Mestre. Corri por toda a extensão do

palácio.

Desci correndo para as salas escuras que davam para o canal. Quando

voltei, encontrei-o sozinho no quarto. Lia, como sempre. Estava com o

livro que ultimamente era seu prefêrito, *Consolatio philosophiae*, de

Beócio, e ergueu pacientemente os olhos para me fitar quando entrei.

Fiquei ali pensando em minhas dolorosas lembranças. Eu não conseguia

alcançá-las. Então deixe estar. Elas corriam para o nada como as folhas

nas alamedas, as folhas que às vezes caem dos pequenos jardins suspensos

numa ventania e vêm descendo pelos muros verdes patinados.

- Não quero - tornei a dizer.

Só havia um Senhor Vivo. Meu Mestre.

-Algum dia isso tudo se esclarecerá para você, quando tiver força para

usar isso - disse ele. Fechou o livro. - Por ora, deixe-me consolá-lo.

Ah, sim, eu estava prontíssimo para isso.

-- 3 --

Ah, quão longos podiam ser os dias sem ele. Quando anoitecia, eu

cerrava os punhos enquanto as velas eram acesas.

Havia noites em que ele não aparecia de todo. Os rapazes diziam que

ele partira em missões importantíssimas. A casa precisava funcionar

como se ele estivesse presente.

Eu dormia em sua cama vazia, e ninguém me perguntava nada. Vasculhava

a casa à procura de qualquer pista pessoal dele. Perguntas me

atormantavam. Eu temia que elejamais voltasse.

Mas ele sempre voltava.

Quando subia as escadas, eu corria para seus braços. Ele me segurava,

me abraçava, me beijava e só então deixava que eu caísse suavemente de

encontro a seu peito duro. Meu peso não era nada para ele, embora

parecesse que dia a dia eu crescia e ganhava peso.

Eu nunca seria outra coisa senão o rapaz de dezessete anos que você

está vendo agora, mas como podia um homem tão esguio como ele me

levantar com tanta facilidade?

Não sou um menor abandonado nem nunca serei. Sou uma criança forte.

Eu gostava mais - se eu tivesse que partilhar com os outros - quando

ele lia para nós em voz alta.

Cercando-se de candelabros, ele falava com uma voz contida e

simpática. Lia a Divina comédia de Dante, o Decameron de Boccaccio, ou,

em francês, o Roman de la Rose ou os poemas de François Villon. Falava

as línguas novas que precisávamos entender tão bem como entendíamos

grego e latim. Alertou-nos que a literatura não se confinaria mais às

obras clássicas.

Ficávamos calados, sentados em volta dele em almofadas ou no chão nu.

Alguns ficavam de pé ao lado dele. Outros sentavam-se descansando nos

calcanhares.

Às vezes, Riccardo tocava alaúde para nós e cantava aquelas melodias

que aprendera com o professor, ou mesmo as músicas irreverentes que

aprendia na rua. Cantava pesarosamente canções de amor e nos fazia

chorar com isso. O Mestre observava-o com olhos amorosos.

Eu não sentia ciúme. Só eu partilhava a cama do Mestre.

Às vezes, ele até fazia Riccardo sentar-se do lado de fora do quarto e

tocar para nós. O obediente Riccardo nunca pedia para entrar.

Meu coração disparava quando as cortinas se fechavam em volta de nós.

O Mestre abria minha túnica, às vezes até rasgando-a de brincadeira,

como se ela não passasse de uma peça jogada fora.

Eu afundava na colcha de cetim embaixo dele; abria as pernas e deixava

os joelhos acariciarem-no, entorpecido e vibrando com o roçar de seus

dedos em minha boca.

Certa vez, eu estava quase dormindo. O ar tinha um tom róseo e

dourado. O quarto estava quente. Senti seus lábios nos meus e sua

língua fria penetrar como língua de cobra em minha boca. Um líquido

encheu-me a boca, um néctar saboroso e ardente, uma poção tão fina que

a senti percorrer meu corpo até a pontinha dos dedos. Senti essa poção

descendo-me pelo torso e entrando em minhas partes mais íntimas. Eu

ardia. Ardia.

- Mestre - murmurei. - O que é esse truque agora que é mais doce que

os beijos?

Ele deitou a cabeça na almofada. Virou-se para o outro lado.

- Dê-me isso de novo, Mestre - pedi.

Ele deu, mas só quando quis, em gotas, e com lágrimas  
vermelhas que de

vez em quando ele deixava que eu lhe lambesse dos olhos.

Acho que um ano inteiro se passou antes que eu voltasse  
para casa uma

noite, afogueado com o ar do inverno, vestido com minha  
melhor roupa

azul-escura para ele, com meias azul-celeste e os mais  
caros sapatos de

esmalte dourado que eu poderia encontrar no mundo, um  
ano antes de eu

entrar naquela noite e atirar meu livro no canto do quarto  
com um

grande gesto de enfado, pondo as mãos na cintura e  
fuzilando-o com os

olhos, enquanto ele, sentado em sua cadeira de espaldar  
alto, olhava as

brasas no braseiro, colocando as mãos sobre as brasas,  
observando as

chamas.

- Pois bem - falei arrogante, com a cabeça para trás, o  
próprio homem

do mundo, um veneziano sofisticado, um príncipe no  
mercado com toda uma

corte de mercadores para atendê-lo, um erudito que lera demais. - Pois

bem continuei. - Há um grande mistério aqui e você sabe disso. Está na

hora de me contar.

- O quê? - perguntou ele com amabilidade suficiente.

- Por que você nunca... Por que nunca sente nada! Por que lida comigo

como se eu fosse uma boneca? Por que nunca...?

Pela primeira vez, vi seu rosto corar; vi seus olhos brilharem e se

apertarem e depois se arregalarem com lágrimas avermelhadas.

- Mestre, você me assusta - murmurei.

- O que quer que eu sinta, Amadeo? - perguntou ele.

- Você, Mestre, parece um anjo ou uma estátua - disse eu, só que agora

eu estava mais manso e trêmulo. - Mestre, você brinca comigo e eu sou o

brinquedo que sente tudo. - Aproximei-me. Toquei na camisa dele,

procurei desatá-la.

- Deixe-me...



Ele pegou minha mão. Pegou meus dedos e levou-os aos lábios e

enfiou-os na boca, afagando-os com a língua. Ergueu os olhos e ficou me

olhando. Bastante diziam seus olhos. Sinto bastante.

-Eu lhe daria qualquer coisa-disse eu em tom de súplica. Pus a mão

entre suas pernas. Ah, ele estava maravilhosamente duro. Isso não era

incomum, mas ele precisava me deixar levá-lo mais longe; precisava

confiar em mim.

- Amadeo - disse ele.

Com aquela força inexplicável, ele me levou para a cama. Mal se

poderia dizer que ele havia se levantado da cadeira. Parecia que

estávamos ali e de repente estávamos em meio às nossas almofadas

conhecidas. Pisquei. Parecia que as cortinas se haviam fechado em volta

de nós sem que ele tivesse tocado nelas, algum truque da brisa que

entrava pelas janelas. Sim, ouça as vozes do canal lá embaixo. Como o

que se canta na rua sobe pelas paredes em Veneza, a cidade dos

palácios!

-Amadeo-disse ele, os lábios em minha garganta como haviam estado mil

vezes, só que agora senti uma pontada, aguda, rápida. Um fio pregado em

meu coração foi subitamente puxado. Virara a coisa entre as minhas

pernas, e nada mais que isso. Sua boca se aninhou contra a minha, e

aquele fio arrebentou de novo, e de novo. Sonhei, acho que vi outro

lugar. Acho que vi as revelações que eu sentia dormindo e que nunca

permaneciam quando eu acordava. Acho que segui uma trilha para

essesjorros de fantasia que eu conhecia dormindo e apenas dormindo. Isso

é o que quero de você.

-Evocêprecisater isso-disse eu, palavras impulsionalaspara o presente

quase esquecido enquanto eu flutuava encostado nele, sentindo-o tremer,

sentindo-o eletrizado com isso, sentindo-o estremecer,  
sentindo-o puxar

esses fios de dentro de mim, acelerando meu coração e  
quase me fazendo

gritar, sentindo-o adorar isso, e retesar as costas e deixar  
seus dedos

tremerem e dançarem enquanto ele se contorcia contra  
mim. Beba, beba,

beba.

Ele se desvencilhou e deitou de lado.

Sorri deitado de olhos fechados. Senti meus lábios. Senti  
uma gotícula

do néctar ainda grudada em meu lábio, e minha língua foi  
buscá-la e

sonhei.

Sua respiração era pesada e ele estava melancólico. Ainda  
tremia, e,

quando encontrou-me, sua mão estava instável.

- Ah - disse eu ainda sorrindo e beijando-lhe o ombro.

- Eu o magôo! - disse ele.

- Não, absolutamente, doce Mestre - respondi. - Mas eu o  
magôo! Eu o

tenho agora!

- Amadeo, você banca o diabo.

-Não quer que eu banque, Mestre? Não gostou disso? Tirou o meu sangue

e isso o transformou em meu escravo!

Ele riu.

- Então esse é o efeito que você coloca nisso, não é?

- Humm. Me ame. O que importa? - perguntei.

-Nunca conte aos outros-disse ele. Não havia medo nem fraqueza nem

vergonha nesse pedido.

Virei-me, erguendo-me nos cotovelos e olhei para ele, para seu perfil

calmo voltado para o outro lado.

- O que eles fariam?

-Nada-respondeu ele. - É o que eles iriam pensar e sentir que importa.

E não tenho tempo nem lugar para isso. - Olhou para mim. - Seja

misericordioso e sábio, Amadeo.

Durante um bom tempo, fiquei calado. Apenas olhava para ele. Só aos

poucos percebi que estava assustado. Por um instante pareceu que o medo

obliteraria o calor do momento, a glória macia da luz radiosa

aumentando nas cortinas, de planos reluzentes em seu rosto ebúrneo, a

doçura de seu sorriso. Então uma preocupação mais elevada e mais grave

anulou o medo.

- Você não é absolutamente meu escravo, é? - murmurei.

- Sou - disse ele quase rindo de novo. - Sou, se você precisa saber.

- O que aconteceu, o que você fez, o que foi que...

Ele encostou o dedo em meus lábios.

- Você acha que sou igual aos outros homens? - perguntou.

- Não - respondi, mas o medo subiu na palavra e estrangulou a ferida.

Tentei me deter, mas, antes que conseguisse fazê-lo, abracei-o e tentei

apertar o rosto contra seu pescoço. Ele era duro demais para essas

coisas, embora pegasse minha cabeça e a beijasse no alto, embora me

puxasse o cabelo para trás e afundasse o polegar em meu rosto.

- Quero que algum dia você saia daqui - disse ele. - Quero que vá

embora. Você levará bens materiais e tudo o que eu tiver podido lhe

ensinar. Levará sua graça e as muitas artes que aprendeu, a realidade

de saber pintar, tocar qualquer música que eu lhe pedir, se já souber

fazer, de saber dançar tão maravilhosamente. Você levará essas

realizações com você e sairá em busca daquelas coisas preciosas de que

deseja.

- Só quero você.

-E quando se lembrar dessa época, quando, à noite, estando semi-acordado e, deitado no travesseiro de olhos fechados, pensar em

mim, esses nossos momentos parecerão corrompidos e estranhíssimos.

Parecerão bruxaria e as palhaçadas dos loucos, e este quarto

aconchegante talvez se torne a câmara perdida de segredos obscuros e

isso poderá lhe trazer sofrimento.

- Não irei.

-Lembre-se então de que isso era amor-disse ele.-Que isso era mesmo a

escola do amor na qual você curou suas feridas, na qual aprendeu a

falar novamente, sim, até a cantar, e na qual nasceu da criança

arrasada como se ela fosse apenas uma casca de ovo, e você, o anjo,

saindo dele e subindo com asas grandes e fortes.

- E se eu nunca for embora por livre e espontânea vontade? Você me

jogaria de uma janela para eu ter que voar ou cair? Fechará todas as

portas depois que eu passar? É melhor fechar, porque vou bater até cair

morto. Não quero ter asas que me afastem de você.

Ele me estudou por um tempo longuíssimo. Eu jamais fora olhado com um

prazer tão ininterrupto da parte dele, e ele nunca havia deixado meus

dedos curiosos tocarem em sua boca por tanto tempo.

Finalmente ele se levantou a meu lado e delicadamente forçou-me para

baixo. Seus lábios, sempre levemente rosados como o miolo das pétalas

das rosas brancas, foram ficando vermelhos enquanto eu olhava. Era uma

reluzente linha vermelha correndo entre seus lábios e irrigando todos

os finos veios de que eram feitos os lábios, colorindo-os na perfeição,

como o vinho poderia colorir, só que esse fluido era tão brilhante que

seus lábios tremeluziam, e, quando ele os abria, o vermelho explodia

como se fosse uma língua enroscada.

Minha cabeça foi erguida. Peguei aquilo com minha própria boca.

O mundo fugiu-me dos pés. Adernei e fiquei à deriva, abri os olhos e

não vi nada quando ele fechou a boca sobre a minha.

- Mestre, eu morro com isso! - murmurei. Agitei-me embaixo dele,

procurando encontrar um lugar firme nesse vazio intoxicante e

indistinto. Meu corpo se debatia e rolava com prazer, meu membros se



retesando e depois flutuando, meu corpo inteiro saindo dele, de seus

lábios, através de meus lábios, meu corpo, o próprio mesmo e o suspiro

do Mestre.

Veio a pontada, veio a lâmina, incomensuravelmente minúscula e afiada,

perfurando minha alma. Contorci-me como se tivesse sido trespassado por

um espeto. Ah, isso poderia ensinar aos deuses do amor o que era amor.

Isso era a minha libertação se eu conseguisse apenas sobreviver.

Cego e trêmulo, fui unido a ele. Senti sua mão tapar-me a boca, e só

então dtivi meüs gritos abafados.

Segurei seu pescoço, estreitando-o contra minha garganta com toda a

força - Faça, faça!

Quando acordei, era dia claro.

Ele havia ido embora há muito, como sempre fazia. Fiquei deitado

sozinho. Os rapazes ainda não haviam chegado.

Levantei da cama e fui até ajanela alta e estreita, o tipo  
dejanela

que há em toda parte em Veneza, isolando a canícula do  
verão e os

ventos gélidos do Adriático quando inevitavelmente  
chegam.

Abri as grossas vidraças e olhei para os muros em frente  
àquele meu

refúgio seguro como tantas vezes fizera.

Uma criada sacudia o esfregão em um balcão distante lá em  
cima. Do

outro lado do canal, eu a observava. Seu rosto parecia lívido  
e

infestado de alguma coisa, como se ela estivesse coberta  
de minúsculos

seres vivos, uma agitação de formigas. Ela não sabia! Apoiei  
as mãos no

parapeito e olhei mais atentamente. Era apenas a vida  
dentro dela, o

trabalho da carne dentro dela que fazia a máscara de seu  
rosto parecer

que se movia. Mas suas mãos pareciam horrendas, nodosas  
e inchadas, e o

pó de sua vassoura fixando cada ruga.

Sacudi a cabeça. Ela estava longe demais para que eu fizesse essas

observações.

Num aposento distante, os rapazes conversavam. Hora de trabalhar. Hora

de levantar, mesmo no palácio do Senhor da noite que nunca aparece de

dia. Longe demais para eu os ouvir.

E esse veludo agora, essa cortina feita com o tecido preferido do

Mestre, parecia pele, não veludo, eu via cada fibrazinha. Larguei-a.

Fui procurar o espelho. A casa tinha dezenas de grandes espelhos

trabalhados, todos com molduras elaboradas e repletas de minúsculos

querubins. Achei o espelho alto da ante-sala, a alcova atrás de portas

empenadas porém lindamente pintadas onde eu guardava minhas roupas.

A luz da janela me seguiu. Eu me vi. Mas eu não era uma massa

fervilhante e podre, como aquela mulher parecia. Meu rosto era liso

como o de um bebê e imaculadamente branco.

- Eu quero aquilo! - murmurei. Eu sabia.

- Não - ele me disse.

Isso foi quando ele veio naquela noite. Esbravejei, fiquei andando de

um lado para o outro e gritei com ele.

Ele não me deu explicações longas, nem feitiçaria nem ciência, ambas

as quais seriam facílimas para ele. Só me disse que eu ainda era

criança, e havia coisas a serem saboreadas que ficariam perdidas para

sempre.

Chorei. Eu não queria trabalhar nem pintar nem estudar nem fazer nada

nesse mundo.

- Isso perdeu o sabor por algum tempo-disse ele paciente. - Mas você

vai ficar surpreso.

- Com o quê?

- Com o quanto há de lamentar quando tiver acabado completamente,

quando você for perfeito e imutável como eu e todos aqueles erros

humanos puderem ser triunfantemente suplantados por uma série nova e

mais assombrosa de falhas. Não peça isso de novo.

Eu teria achado melhor morrer então, com ódio, furioso e amargurado

demais para falar.

Mas ele não terminara.

-Amadeo-disse ele, a voz carregada de tristeza. -Não diga nada. Não

precisa. Eu lhe darei isso imediatamente quando achar que chegou a

hora. Diante disso, corri para ele como uma criança, atirando-me em seu

pescoço, dando mil beijos em seu rosto gelado apesar de seu sorriso de

desdém.

Afinal suas mãos ficaram como se fossem de ferro. Não haveria

brincadeira de sangue nessa noite. Eu precisava estudar. Precisava

recuperar as lições que eu desprezara de dia.

Ele tinha de cuidar dos aprendizes, das tarefas deles, da imensa tela

em que andava trabalhando, e eu obedeci.

Mas, bem antes do amanhecer, vi que ele mudou. Os outros já tinham ido

há muito tempo para a cama. Eu folheava um livro obedientemente quando

o vi olhando de sua cadeira com um olhar fixo, animalesco, como se um

rapinante tivesse entrado dentro dele e expulsado todas as suas

faculdades civilizadas, deixando-o assim, faminto, de olhos vidrados e

boca avermelhada, o sangue fúlgido encontrando seus milhares de

trilhazinhas pelas margens aveludadas de seus lábios.

Ele se levantou, uma coisa drogada, e veio em minha direção com um

ritmo de movimentos estranhos e infundiu o terror mais glacial em meu

coração. Seus dedos faiscaram, fecharam-se, chamaram.

Corri para ele. Ele me ergueu com ambas as mãos, segurando meus braços

com a maior delicadeza, e mordeu-me o pescoço. Da sola dos pés,

subindo-me pelas costas, pelos braços, pelo pescoço e pelo couro

cabeludo, senti.

Onde ele me atirou, não sei. Seria em nossa cama ou em almofadas

improvisadas que ele encontrou em outro salão mais próximo?

-Me dê-pedi, sonolento, e, quando aquilo me entrou na boca, eu estava

inconsciente.

Ele disse que eu precisava ir aos bordéis, aprender o que significava

copular direito - não apenas de brincadeira como fazíamos entre os

rapazes.

Veneza tinha muitas dessas casas, muito bem dirigidas e dedicadas ao

prazer com o ambiente mais luxuoso. Defendia-se firmemente que tais

prazeres eram pouco mais que pecados veniais aos olhos do Cristo, e os

rapazes elegantes freqüentavam estes estabelecimentos abertamente.

Eu conhecia uma casa de mulheres particularmente refinadas e

talentosas, onde havia beldades muito altas, viçosas, de olhos muito

claros do norte da Europa, algumas cujos cabelos louros eram quase

brancos, consideradas de certa forma diferentes das italianas mais

baixas que víamos todo dia. Não sabia que a diferença fosse algo tão

prioritário para mim, pois já me deslumbrara com a beleza de rapazes e

mulheres italianos desde que chegara. Moças venezianas de pescoço de



cisne com elegantes toucados almofadados com fartos véus transparentes

eram quase irresistíveis para mim. Mas então o bordel tinha todas as

qualidades de mulheres, e o principal era montar tantas quantas eu

pudesse.

Meu Mestre me levou a essa casa, pagou para mim, uma fortuna em

ducados, e disse à viçosa e encantadora amante que viria me pegar

dentro de alguns dias.

Dias!

Fiquei branco de ciúme e ardendo de curiosidade ao vê-lo partir- a

figura majestosa de sempre com aquelas vestes carmins, entrando na

gôndola e dirigindo- me uma piscadela esperta quando o barco o levou.

Acabei ficando três dias na casa das mulheres mais voluptuosas

disponíveis em Veneza, acordando tarde, comparando pele cor de oliva

com pele clara e me regalando em examinar  
despreocupadamente os pêlos

inferiores de todas as belezas, distinguindo os mais sedosos  
dos

grossos e mais enroscados.

Aprendi pequenas sutilezas de prazer, tais como quão doce  
era ter os

mamilos mordidos (de leve, e elas não eram vampiras) e ter  
os pêlos das

axilas, que em mim eram escassos, puxados afetuosamente  
nos momentos

apropriados. Mel dourado era passado em minhas partes  
baixas só para ser

lambido por anjos risonhos.

Havia mais truques íntimos, naturalmente, incluindo atos  
bestiais que,

estritamente falando, eram crimes mas que nessa casa  
eram simplesmente

equipamentos variados a mais para festins sadios e  
atormetadores. Tudo

era feito com graça, os fumegantes banhos perfumados  
eram trazidos com

freqüência em grandes tinas de madeira, flores boiando na  
superfície da

água tingida de rosa, e eu às vezes ficava deitado à mercê de um bando

de mulheres de voz macia arrulhando para mim como passarinhos nos

beirais, lambendo-me como gatinhos e me fazendo cachinhos no cabelo.

Eu era o pequeno Ganimedes de Zeus, um anjo caído dos quadros mais

obscenos de Botticelli (muitos dos quais, aliás, estavam neste bordel,

depois de resgatados da "Fogueira das Vaidades" erguida em Florença

pelo rígido reformador Savonarola, que instara com o grande Botticelli

para simplesmente... queimar seu belo trabalho!), um pequeno querubim

caído do teto da catedral, um príncipe veneziano (figura que tecnicamente não havia na República) enviado às mãos delas pelos

inimigos para que elas o deixassem inutilizado de tanto desejo.

Meu desejo ficou mais quente. Se a pessoa tivesse que ser humana para

o resto da vida, isso era divertidíssimo, cair entre almofadas turcas

com ninfas daquelas que a maioria dos homens apenas vislumbra em

sonhos em florestas mágicas. Cada fenda macia era um invólucro novo e

exótico para meu espírito brincalhão.

O vinho era delicioso, e a comida, uma maravilha, incluindo pratos

doces e picantes dos árabes, e era bem mais extravagante e exótica que

a servida na casa do Mestre. (Quando lhe contei, ele contratou quatro

chefs novos.)

Aparentemente, eu não estava acordado quando o Mestre veio buscar-me,

e levou-me não sei como para casa, daquele seu jeito misterioso e

infalível, e encontrei-me de novo em minha cama.

Eu sabia que era só ele que eu queria quando abri os olhos. E parecia

que os repastos sensuais dos últimos dias só me deixaram mais faminto,

mais inflamado e mais ansioso para ver se seu corpo branco e encantado

reagiria aos truques mais ternos que eu aprendera. Atirei-me nele

quando ele finalmente apareceu atrás das cortinas, e afrouxei-lhe a

camisa e chupei-lhe os mamilos, descobrindo que, apesar de brancos e

frios, eram macios e estavam intimamente ligados de uma forma

aparentemente normal à raiz de seus desejos.

Ele ficou ali deitado, gracioso e calado, deixando-me brincar com ele

como minhas professoras haviam brincado comigo. Quando finalmente me

deu os beijos sanguinolentos, todas as lembranças de contato humano

foram obliteradas, e fiquei deitado em seus braços, incapaz de qualquer

outra coisa, como sempre. Parecia que nosso mundo então não era

meramente um mundo da carne, mas de um encanto mútuo ao qual todas as

leis naturais cediam.

Na segunda noite, antes do amanhecer, fui procurá-lo no estúdio onde

ele pintava os aprendizes dormindo espalhados como os apóstolos infiéis

no Getsêmani.

Ele não pararia por causa de minhas perguntas. Coloquei-me atrás dele,

envolvi-o com os braços e, nas pontas dos pés, perguntei-lhe baixinho

no ouvido.

- Diga, Mestre, precisa dizer-me, como ganhou esse sangue mágico?

mordi-lhe as orelhas e afaguei-lhe os cabelos. Ele não parava de pintar.

- Você nasceu assim, estarei errado ao supor que foi transformado...

- Pare com isso, Amadeo - murmurou ele, e continuou pintando.

Trabalhava furiosamente no rosto de Aristóteles, o homem idoso barbado

e de calva incipiente daquele enorme quadro, A academia.

-Mestre, existe em você uma solidão que o leve a mandar qualquer

pessoa ter um amigo de seu próprio feitio, confiar seu coração a alguém

capaz de compreender?

Ele se virou, espantado pela primeira vez com minhas perguntas.

- E você, anjinho mimado - replicou, baixando a voz para mantê-la

delicada-, acha que pode ser esse amigo? Você é inocente!  
Será inocente

a vida inteira. Tem coração de inocente. Recusa-se a aceitar  
a verdade

que não corresponda a uma fé arraigada que sempre faz de  
você o

mongezinho, o acólito...

Recuei, mais irritado do que nunca com ele.

-Não, eu não serei uma coisa dessas! -declarei. -Já sou um  
homem na

pele de um garoto, e você sabe disso. Quem mais sonha  
com o que você é,

e com a alquimia de seus poderes? Quem me dera tirar uma  
taça de seu

sangue e estudá-lo como os médicos estudariam e  
determinar a composição

dele e como é diferente do fluido que corre em minhas  
veias! Sou seu

pupilo, sim, seu aluno, sim, mas, para isso, preciso ser  
homem. Quando

toleraria a inocência? Quando dormimos juntos, chama isso  
de inocência?

Sou um homem.

Ele estourou numa gargalhada espantadíssima. Era uma  
delícia vê-lo tão

surpreso.

- Conte-me seu segredo - pedi. Abracei seu pescoço e encostei a cabeça

em seu ombro. - Existiu uma Mãe tão branca e forte como você que o

tenha parido, a carregadora de Deus, de seu ventre celestial?

Ele pegou meus braços e afastou-me dele, para poder me beijar, e sua

boca foi insistente e assustou-me por um momento. Depois, essa boca

passeou por minha garganta, chupando minha carne e enfraquecendo-me, e

deixando-me sinceramente disposto a ser qualquer coisa que ele

quisesse.

- Da lua e das estrelas, sim, sou feito, dessa brancura soberana que é

a substância das nuvens e da inocência - disse ele. - Mas mãe nenhuma

me pariu, você sabe que é assim. Já fui homem, um homem envelhecendo.

Olhe... - levantou meu rosto com as duas mãos e me fez estudar o seu. -



Você está vendo aqui vestígios das rugas de velhice que já tive, aqui

no canto dos olhos.

- Não é nada-murmurei, pensando em consolá-lo se essa imperfeição o

perturbasse. Ele refulgia em seu esplendor, sua maciez lustrosa. As

expressões mais simples faiscavam em seu rosto incandescente.

Imagine uma figura de gelo, feita com tanta perfeição quanto a

Galatéia de Pigmaleão, jogada no fogo, e chiando, e derretendo, e, no

entanto, as feições maravilhosamente intactas ainda... bem, assim era

meu Mestre quando emoções humanas o contaminavam, como agora.

Ele amassou meus braços deliciosamente e tornou a beijar-me.

- Homenzinho, boneco, elfo - murmurou. - Você continuaria eternamente

assim? Já não se deitou comigo o bastante para saber o que posso e o

que não posso gozar?

Eu o conquistei, mantive-o cativo durante a hora que precedeu sua

partida. Mas na noite seguinte ele me despachou para uma casa de prazer

mais clandestina e ainda mais suntuosa, uma casa que mantinha apenas

garotinhos para as paixões alheias.

Era organizada à moda oriental, e acho que misturava os luxos do Egito

com os da Babilônia, suas pequenas celas de treliça dourada e colunetas

de latão cravejado de lápis-lazúli prendendo os panos dos tetos sobre

divãs de madeira dourada ornados com borlas e forrados de damasco por

baixo. O ar era impregnado de incenso, e a iluminação era fraca e

calma.

Os rapazes nus, bem alimentados, núbeis e de membros roliços eram

ávidos, fortes, tenazes e colocavam nos jogos seus próprios desejos

másculos e incontidos. Parecia que minha alma era um pêndulo oscilando

entre o prazer sincero da conquista e o desfalecimento da entrega a

membros e vontades mais fortes, e as mãos mais fortes que me jogavam

ternamente de um lado para o outro. Cativo entre dois amantes hábeis e

determinados, fui perfurado e amamentado, socado e esvaziado até dormir

mais profundamente que nunca sem a magia do Mestre em casa.

Isso era só o começo.

Em algum momento em meu sonho embriagado, acordei e me vi cercado de

seres que não pareciam masculinos nem femininos. Só dois deles eram

eunucos, operados com tanta habilidade que podiam erguer suas armas de

confiança tão bem quanto qualquer rapaz. Os outros simplesmente

partilhavam o gosto de seus companheiros por tinta. Todos tinham olhos

delineados de preto e sombreados de púrpura, com cílios revirados e

endurecidos para conferir à sua expressão um alheamento sinistro e

insondável. Seus lábios pintados pareciam mais fortes que lábios de

mulher e mais exigentes, empurrando-me em seus beijos como se o elemento

masculino que lhes dera músculos e órgãos duros também lhes tivesse dado

uma virilidade até na boca. Eles tinham sorriso de anjo. Anéis dourados

enfeitavam seus mamilos. Seus pêlos de baixo eram polvilhados de ouro.

Não protestei quando me dominaram. Eu não temia extremos, e até os

deixei amarrar meus pulsos e meus tornozelos à cama, para que pudessem

melhor exercer seu ofício.

Era impossível temê-los. Fui crucificado com prazer. Seus dedos

insistentes nem me deixavam fechar os olhos. Acariciavam-me as

pálpebras, forçavam-me a olhar. Eles passavam pincéis grossos em meus

membros. Esfregavam-me com óleos. Chupavam sem parar, como se fosse

néctar, a seiva ardente que eu expelia, até eu gritar em vão que não

conseguia expelir mais. Por diversão, contabilizaram minhas "pequenas

mortes", e fui virado e algemado e preso enquanto caía num sono

extático.

Quando acordei, não sabia o que era hora nem preocupação. A densa

fumaça de um cachimbo entrou-me pelas narinas. Aspirei-a, saboreando o

cheiro forte e familiar do haxixe.

Passei quatro noites ali. De novo, fui despachado.

Dessa vez, acordei grogue, coberto apenas com uma camisa de seda creme

fina e rasgada. Estava deitado num divã trazido do bordel mesmo, mas

aqui era o estúdio do Mestre, e lá estava ele, sentado ali perto,

pintando meu retrato, obviamente, num pequeno cavalete do qual só

tirava os olhos para olhar rapidamente para mim.

Perguntei as horas e que noite era aquela. Ele não respondeu.

- Então você está zangado por eu ter gostado? - perguntei.

- Mandei-o ficar quieto - respondeu.

Recostei-me, cheio de frio, e subitamente magoado,  
sozinho, talvez, e

querendo infantilmente esconder-me em seus braços.

Amanheceu e ele me deixou, sem dizer mais nada. O  
quadro era uma

obraprima de obscenidade. Eu estava em posição de dormir  
na margem de

um rio, um fauno medíocre, que um pastor alto, o Mestre  
em pessoa, em

vestes sacerdotais vigiava. O bosque à nossa volta era  
denso e

ricamente executado com árvores de tronco descascado e  
folhagem

empoeirada. A água do regato parecia molhada ao toque,  
tão inteligente

era o realismo da pintura, e minha própria figura parecia  
ingênua e

profundamente adormecida, minha boca semi-aberta numa  
expressão natural,

meu cenho visivelmente perturbado por sonhos  
desagradáveis.

Atirei o quadro no chão, furioso, querendo borrá-lo.

Por que ele não havia dito nada? Por que me obrigava a ter  
essas aulas

que nos afastavam? Por que ficava com raiva de mim só por eu ter feito

o que ele mandara? Fiquei imaginando se os bordéis seriam um teste para

minha inocência, e se suas admoestações para que eu gozasse tudo seriam

mentiras.

Sentei-me em sua escrivaninha, peguei sua pena e escrevi uma mensagem

para ele.

"Você é o Mestre. Deve saber de tudo. É insuportável ser governado por

alguém que não sabe. Limpe o caminho, pastor, ou deponha seu bastão."

O fato era que eu havia sido arrancado do prazer, da bebida, da

distorção de meus sentidos, e estava sozinho só para estar com ele e

para sua orientação e bondade e para tranquilizá-lo de que eu lhe

pertencia.

Mas ele se fora.

Saí para passear. Passei o dia inteiro nas tavernas, bebendo, jogando

cartas, deliberadamente atraindo as moças bonitas que a isso se

prestavam, para mantêlas a meu lado enquanto eu jogava os vários jogos

de azar.

Então anoiteceu. Deixei-me seduzir, sem graça, por um inglês bêbado,

um nobre claro e sardento com antiquíssimos títulos franceses e

ingleses, um dos quais era Marquês de Harlech, em viagem pela Itália

para ver as grandes maravilhas, e absolutamente inebriado com suas

muitas delícias, entre elas a prática da sodomia numa terra estranha.

Naturalmente, ele me achou 1 indo. Todo mundo não achava? Ele mesmo

não era nada feio. Até suas sardas tinham um certo encanto,

especialmente dado seu escandaloso cabelo cor de cobre.

Ele me levou a seus aposentos num belo palácio supermobiliado e fez

amor comigo. Não foi de todo ruim. Gostei de sua inocência e sua fálta



dejeito. Seus olhos azuis-claros e redondos eram uma maravilha; ele

tinha uns braços incrivelmente grossos e musculosos e uma barba ruiva

tratada mas deliciosamente áspera. Escreveu poemas para mim em latim e

francês e declamou-os com um grande encanto. Após uma ou duas horas

fazendo o papel do dominador selvagem, ele revelou que desejava que eu

o cobrisse. E disso, gostei muito. Assim brincamos depois, eu sendo o

soldado conquistador, e ele, a vítima no campo de batalha, e às vezes eu

o chicoteava de leve com um cinturão de couro antes de tomá-lo, o que

nos deixava espumando bastante. De vez em quando ele implorava que eu

confessasse quem eu realmente era e onde ele poderia encontrar-me

depois, o que, evidentemente, eu não iria fazer. Fiquei lá três noites

com ele, conversando sobre as ilhas misteriosas da Inglaterra e lendo em

voz alta para ele poemas italianos, e até tocando de vez em quando

bandolim para ele e cantando todas as meigas canções de amor que eu

sabia.

Ele me ensinou bastante inglês de baixo calão e quis levar-me para

casa. Precisava botar a cabeça no lugar, disse; precisava voltar às

suas responsabilidades, suas propriedades, sua mulher escocesa odiosa,

perversa e adúltera cujo pai era um assassino, e a seu filhinho

inocente de cuja paternidade ele tinha certeza, por causa do cabelo

ruivo encaracolado tão parecido com o dele.

Ele me sustentaria em Londres numa casa deslumbrante de sua

propriedade, um presente de Sua Majestade o Rei Henrique VII. Agora não

conseguiria viver sem mim, os Harlech tinham de ter o que precisavam

ter, e só me restava ceder a ele. Se eu fosse filho de um nobre

importantíssimo, eu deveria confessar, e alguém cuidaria desse

empecilho. Por acaso eu odiava meu pai? O dele era um patife, todos os

Harlech eram e tinham sido patifes desde a época de Eduardo, o

Confessor. Deixaríamos Veneza naquela noite mesmo.

- Eu não conheço Veneza e você não conhece a nobreza veneziana-disse

eu indulgente. - Pense nisso tudo. Você seria esquartejado por tentar

fazer isso.

Agora eu estava vendo que ele era bastante jovem. Já que todos os

homens mais velhos me pareciam velhos, eu não tinha pensado nisso antes.

Ele não deveria ter mais de vinte e cinco anos. E também era louco.

Deu um pulo na cama, aquele cabelo cor de cobre esvoaçando, e sacou um

punhal, um formidável estilete italiano, e ficou me encarando de cima.

- E então o que você vai querer? - perguntei.

Ouviu-se um estalo atrás dele. Tive certeza de que havia alguém do

lado de fora daquelas janelas de madeira fechadas, embora estivéssemos

três andares acima do Grande Canal. Eu lhe disse isso. Ele acreditou.

- Sou de uma família de animais assassinos-menti. - Eles irão atrás de

você até o fim do mundo se pensar em me levar daqui; não deixarão pedra

sobre pedra em seus castelos, cortarão você ao meio e arrancarão sua

língua e suas partes íntimas, que eles mandarão para seu rei num

embrulho de veludo. Agora acalme-se.

-Ah, seu demoniozinho esperto e atrevido-disse ele-, você parece um

anjo e discursa como um taverneiro com essa voz máscula doce e

aveludada.

- Sou, assim mesmo - disse eu alegre.

Levantei-me, vesti-me às pressas, avisei-lhe que não me matassejá,

pois eu voltaria tão logo pudesse, desejando estar só com ele, e,

dando-lhe um beijo apressado, dirigi-me à porta.

Ele vacilava na cama, ainda com o punhal na mão. As plumas haviam

pousado em sua cabeça cor de cenoura, seus ombros e sua barba. Ele

parecia realmente perigoso.

Perdi a conta das noites em que estive ausente.

Eu não consegui encontrar igrejas abertas. Queria companhia.

Estava escuro e frio. Soara o toque de recolher. Obviamente o inverno

veneziano me parecia ameno depois das terras nevadas do norte, onde

nasci, mas assim mesmo era um inverno úmido e opressivo, e, embora

purificada por brisas, a cidade era inóspita e de uma quietude que não

era natural. O céu ilimitado desaparecia em densos nevoeiros. As

próprias pedras exalavam a friagem, como se fossem blocos de gelo.

Numa escada de água, sentei-me, sem me importar que a escada estivesse

brutalmente molhada, e caí em prantos. O que eu aprendera com tudo

isso? Senti-me sofisticadíssimo com essa educação. Mas isso não me

alegrava, e parecia que minha solidão era pior que a culpa,  
pior que a

sensação de estar condenado.

Na verdade, parece que a solidão substituía aquela velha  
sensação. Eu

tinha medo de estar absolutamente só. Sentado ali, olhando  
para a nesga

de Paraíso negro, para as poucas estrelas vagando acima  
das casas,

senti como seria terrível perder simultaneamente o Mestre e  
a culpa,

ser expulso para um lugar onde nada se desse ao trabalho  
de me amar ou

de me condenar, estar perdido e vagando pelo mundo só  
tendo como

companheiros aqueles humanos, aqueles rapazes e aquelas  
moças, o lorde

inglês com seu punhal, até minha amada Bianca. Foi à casa  
dela que fui.

Meti-me embaixo de sua cama, como havia feito no  
passado, e dali não

sairia. Ela estava cuidando de um bando de ingleses, mas  
felizmente não

de meu amante ruivo, que sem dúvida continuava  
tropeçando nas

plumasPensei: bem, se aparecer, meu simpático lorde Harlech não fará

papel de idiota para se arriscar a passar vergonha diante de seus

conterrâneos. Ela entrou, linda com aquele vestido de seda violeta com

uma fortuna em pérolas radiosas no pescoço. Ajoelhou e aproximou a

cabeça da minha.

- Amadeo, o que houve com você?

Eu nunca havia pedido seus favores. Que eu soubesse, ninguém fazia uma

coisa dessas. Mas naquele meu frenesi adolescente, nada parecia mais

adequado do que eu devastá-la.

Saí de baixo da cama e fui fechar as portas, para que o burburinho de

seus convidados nos deixassem em paz.

Quando me virei, ela se ajoelhou, olhando para mim, o cenho franzido e

os aveludados lábios entreabertos numa vaga expressão de espanto que me

encantou. Eu queria estraçalhá-la com minha paixão, mas sem tanta

força, obviamente, presumindo o tempo todo que ela se recomporia

depois como se um belo vaso, todo quebrado, pudesse novamente se

recompor juntando todos os mais ínfimos caquinhos e recuperando o

esplendor até com um brilho mais fino.

Puxei-a pelos braços e joguei-a na cama. Era um caso à parte essa

maravilha ; na qual ela dormia sozinha, até onde todos os homens

sabiam. Tinha cisnes dourados na cabeceira e colunas sustentando um

dossel emoldurado que exibia uma pintura de ninfas dançando. Suas

cortinas eram douradas e transparentes. Essa cama não dava a impressão

de inverno, como a de meu Mestre em veludo vermelho.

Ajoelhei-me e beijei-a enlouquecido por seus olhos lindos e

inteligentes, que me fitavam tranquilos enquanto isso. Segurei seus

pulsos, juntei suas mãos e agarrei-as, ficando livre para rasgar-lhe o

belo vestido. Rasguei-o com cuidado fazendo com que todos os



botõezinhos de pérola caíssem para o lado, e seu cinto , foi aberto e

por baixo havia seu corpete de barbatanas e renda. Este, abri como se

fosse uma casca apertada.

Seus seios eram pequenos e doces, delicados e infantis demais para o

bordel onde a volúpia era o principal. Assim mesmo, eu pretendia

pilhá-los. Cantarolei um trecho de uma canção para ela, e então ouvi-a

suspirar. Abaixei-me, ainda segurando firmemente seus pulsos, e chupei

com força seus mamilos e depois larguei. Bati alegremente em seus

peitos, da esquerda para a direita até eles ficarem cor-de-rosa. Ela

estava corada e continuava com o cenho franzido, as rugas quase

incongruentes em sua testa lisa. Seus olhos pareciam duas opalas, e,

embora piscasse devagar, de umá forma quase sonolenta, ela não se

esquivou.

Terminei meu serviço em suas roupas frágeis. Abri sua saia e

abaixei-a, encontrando-a esplêndida e deliciosamente nua como imaginei.

Eu realmente não tinha idéia do que havia embaixo das saias de uma

mulher respeitável em termos de obstáculos. Ali não havia nada senão o

ninhozinho dourado de seus pêlos púbicos, bem macio abaixo de sua

barriguinha apenas levemente arredondada, e uma umidade a cintilar

entre suas pernas.

Vi logo que gostava de mim. Dificilmente se poderia dizer que ela

estivesse indefesa. E aquele brilho que eu via escorrer por entre as

pernas enlouqueceu-me. Mergulhei nela, espantando-me ao constatar quão

estreita ela era e como se , encolhia, pois não estava muito

acostumada, e senti um pouquinho de dor. Fiz força nela, deleitando-me

em vê-la corar. Eu me apoiava em cima dela no braço direito, porque não

queria soltar seus pulsos. Ela se contorcia, e suas tranças  
louras se

soltaram daquele seu toucado de pérolas e fitas, e ela ficou  
toda

molhada e cor-de-rosa e lustrosa, como a curva interna de  
uma grande

concha.

Por fim, eu já não estava conseguindo me conter, e quando  
ia

desistindo da sincronicidade, ela sucumbiu ao suspiro final.  
Gozei ao

mesmo tempo, e nos movemos juntos, ela fechou os olhos,  
que se injetaram

de sangue como se ela estivesse morrendo, e agitou a  
cabeça num

derradeiro frenesi antes do relaxamento.

Rolei na cama e cobri o rosto com os braços, como se  
estivesse para

ser esbofeteado.

Ela riu, e realmente me bateu de repente, com toda a força  
nos braços.

Não foi nada. Fingi que chorava de vergonha.

- Olhe o que você fez com meu lindo vestido, seu  
satirozinho

horroroso, seu conquistador secreto! Seu menino vil e precoce!

Senti seu peso sair da cama. Ouvi-a se vestindo. Ela cantava para si

mesma. - O que seu Mestre vai pensar disso, Amadeo? - perguntou.

Destapei o rosto e procurei localizar de onde vinha sua voz. Ela se

vestia atrás de seu biombo pintado, um presente de Paris, se bem me

lembrava, oferecido por um de seus poetas franceses preferidos.

Apareceu rapidamente, vestida com o mesmo esplendor anterior com um

vestido verde primavera claro, bordado com as flores do campo. Ela

parecia um verdadeiro jardim de delícias com essas minúsculas

florezinhas bordadas com fios caros em seu corpete novo e suas longas

saías de tafetá.

- Bem, o que o grande Mestre vai dizer quando descobrir que seu amante

é um verdadeiro deus dos bosques ,

- Amante? - eu estava pasmo.

Ela tinha modos muito delicados. Sentou-se e começou a pentear o

cabelo emaranhado. Não usava pintura e seu rosto não ficara marcado por

nossas brincadeiras, e seu cabelo solto era um esplendoroso capuz de

ouro refulgente. A Sua testa era lisa e alta.

- Botticelli criou-a-murmurei.

Eu lhe dizia isso muitas vezes, porque ela era parecidíssima com as

beldades do pintor. De fato, todo mundo achava isso e de vez em quando

lhe levava miniaturas dos quadros desse famoso pintor florentino. Pensei

nisso, pensei em Veneza e nesse mundo em que eu vivia, pensei nela, uma

cortesã, recebendo aque les quadros castos porém lasc ivos como se

fosse uma santa.

Ecoaram em minha cabeça palavras antigas que me foram ditas há muito

tempo, quando estava ajoelhado diante de uma beleza antiga e polida, e

acheime no auge, que eu precisava pegar o pincel e pintar apenas "o que

representava a palavra de Deus".

Não havia tumulto em mim, só uma grande mistura de correntes, enquanto

eu a observava refazer as tranças, entremeando as mechas com os fios de

pérولا e as fitas verde-água, fitas essas bordadas com as mesmas lindas

florezinhas que lhe ornavam o vestido. Seus seios estavam corados,

saltando-lhe do corpete justo. Eu queria rasgá-lo de novo.

- Minha linda Bianca, o que a faz dizer que sou amante dele?

- Todo mundo sabe-murmurou ela. - Você é o favorito dele. Acha que o

enfureceu?

- Ah, se eu pudesse- disse eu. Sentei-me na cama. - Você não conhece o

Mestre. Nada o faz levantar a mão para mim. Nada o faz sequer levantar

a voz. Ele mandou que eu saísse para aprender todas as coisas, para

aprender o que os homens podem saber.

Ela sorriu com um movimento de cabeça afirmativo.

- Então você veio se esconder embaixo da cama.

- Eu estava triste.

- Tenho certeza-respondeu.-Bem, agora durma, e se ainda estiver aqui

quando eu voltar, aqueço-o. Mas preciso lhe dizer, meu bagunceiro, que

você jamais deixará escapar uma palavra descuidada sobre o que se

passou aqui? Você é tão criança para eu precisar lhe dizer isso? - Ela

se abaixou para me beijar.

- Não, minha pérola, minha beleza, você não precisa me dizer. Eu jamais

contarei a ele.

Ela levantou e recolheu as pérolas soltas e as fitas amassadas, os

vestígios do estupro. Esticou a cama. Parecia encantadora como um cisne

humano, páreo para os cisnes dourados de sua cama semelhante a um

barco.

- Seu Mestre saberá - disse ela. - Ele é um grande mágico.

- Você tem medo dele? Medo em geral, Bianca, não por causa de mim?

- Não - respondeu ela. - Ele passou a ser o mundo para você como só um

ente dessa grandeza pode ser. E agora você está de fora, louco para

voltar para lá. Um homem como aquele passa a ser tudo para você, e sua

voz sábia torna-se o parâmetro de tudo. Nada do que está além tem valor,

porque ele não vê e não declara que seja valioso. Portanto você não tem

outra escolha senão deixar os restos que estão fora da luz dele e

voltar para ela. Você precisa ir para casa.

Ela saiu, fechando as portas. Dormi, recusando-me a ir para casa.

Na manhã seguinte, tomei o desjejum com ela e passei o dia inteiro com

ela. Nossa intimidade me dera uma idéia radiosa dela. Por mais que ela

falasse do Mestre, agora eu só tinha olhos para ela, nesses seus

apostos que tinham seu perfume e todas suas coisas íntimas e

especiais.

Eu nunca esquecerei Bianca. Nunca.



Contei-lhe, como se pode contar a uma cortesã, tudo sobre os bordéis

que eu já freqüentara. Talvez eu me lembre deles com tantos detalhes

pelo fato de ter contado a ela. Contei-lhe com palavras delicadas,

claro. Mas contei-lhe. Conteilhe como o Mestre queria que eu aprendesse

tudo e me levava pessoalmente a essas academias esplêndidas.

- Pois bem, está ótimo, mas você não pode ficar aqui, Amadeo. Ele o

levou a lugares onde você tem o prazer de muita companhia. Talvez não o

queira permanentemente na companhia de uma pessoa só.

Eu não queria ir. Mas anoiteceu, e a casa se encheu daqueles seus

poetas ingleses e franceses, e a música e as danças começaram, eu não

queria compartilhá-la com o mundo de admiradores.

Observei-a durante algum tempo, confusamente consciente de que eu a

tivera em seu quarto secreto como nenhum daqueles seus admiradoresjá a

havia tido ou poderia vir a tê-la, mas isso não me aliviou. Eu queria

algo do Mestre, alguma coisa final e conclusiva e obliterante, e

enlouquecido por este desejo, de súbito plenamente consciente dele,

embriaguei-me numa taberna, embebedando-me o suficiente para ficar

desagradável, e fui às cegas para casa. Sentia-me corajoso e desafiador

e muito independente por ter ficado tanto tempo longe do Mestre e de

todos seus mistérios.

Ele pintava furiosamente quando voltei. Estava no alto do andaime, e

imaginei que estivesse pintando os rostos dos filósofos gregos,

trabalhando a alquimia graças à qual expressões vivas saíam de seu

pincel, como se antes reveladas do que aplicadas.

Ele estava com uma túnica manchada, comprida até os pés. Não se voltou

quando entrei. Cada braseiro da casa parecia ter sido levado para a

sala a fim de lhe dar a claridade que ele desejava.

Os rapazes estavam assustados com a velocidade com que ele cobria a

tela. Logo vi, ao entrar no estúdio, que ele não estava trabalhando no

quadro da Academia grega. Estava fazendo um retrato meu. No quadro, eu

estava de joelhos, um rapaz de nosso tempo, com meus cabelos compridos

e umas roupas discretas, como se eu tivesse deixado o mundo de cores

fortes, e, numa atitude aparentemente inocente, tinha as mãos postas,

em posição de oração. Estava cercado de anjos de fisionomia meiga e

esplendorosos como sempre pareciam, só que agraciados com asas negras.

Asas negras. Grandes asas emplumadas. Quanto mais eu olhava para a

tela, mais hediondas pareciam. O rapaz de cabelos fulvos parecia real

olhando mansamente para o céu, e os anjos pareciam ávidos embora

tristes.

Mas nada no quadro era tão monstruoso quanto o espetáculo do Mestre

pintando isso, de sua mão e seu pincel açoitando a tela,  
fazendo céus,

nuvens, frontões quebrados, asas de anjo, claridade.

Os rapazes agarravam-se uns aos outros, convencidos da  
loucura ou da

feitiçaria dele. O que seria? Por que ele se revelava com  
tanta

displicência para aqueles cujas mentes estavam em paz  
antes?

Por que traía nosso segredo, mostrando não ser mais  
homem do que

aquelas criaturas aladas que pintava! Por que o Senhor  
havia perdido a

paciência daquele jeito?

De repente, enfurecido, ele atirou um pote de tinta no canto  
do

apartamento. Uma mancha verde-escura desfigurou a parede.  
Ele praguejou e

gritou numa língua que nenhum de nós conhecia.

Atirou os potes no chão, e a tinta derramou toda do  
andaime de madeira

formando grandes borrões lustrosos. Arremessou os pincéis  
como se

fossem flechas.

- Saíam daí, vão para suas camas. Não quero vê-los, inocentes. Vão

embora.

Os aprendizes fugiram dele. Riccardo foi reunir os meninos menores.

Todos saíram correndo porta fora.

Ele sentou-se no andaime, as pernas balançando, e simplesmente ficou

olhando para mim lá embaixo, como se não soubesse quem eu era.

- Desça, Mestre - falei.

Seu cabelo estava desgrenhado e salpicado de tinta. Ele não demonstrou

estar surpreso com minha presença, não se sobressaltou ao ouvir a minha

voz. Sabia que eu estava lá. Sabia de tudo. Ouvia o que se falava em

outras salas. Conhecia os pensamentos das pessoas que o cercavam. Ele

estava impregnado de magia, e, quando eu bebia dessa magia, ficava

tonto.

- Deixe-me penteá-lo - disse eu.

Fui insolente, eu sabia.

Sua túnica estava manchada e suja. Ele limpou o pincel nela várias

vezes. Uma de suas sandálias caiu ruidosamente no chão de mármore.

Peguei-a.

- Mestre, desça. Se eu disse alguma coisa para preocupá-lo, não vou

tornar a dizer.

Ele não me respondia.

De repente minha raiva toda veio à tona, minha solidão por ter sido

separado dele durante dias a fio, obedecendo às suas ordens, e agora

voltar para casa e encontrá-lo com aquele olhar selvagem e desconfiado

para mim. Eu não toleraria aquele olhar perdido, ignorando-me como se

eu não estivesse ali. Ele precisava admitir que eu era a causa de sua

raiva. Precisava falar.

Senti vontade de chorar.

Seu rosto ficou angustiado. Eu não conseguia olhar para isso; não

conseguia pensar que ele sentia dor como eu, como os outros rapazes. Eu

estava revoltadíssimo. - Você assusta todo mundo egoistamente, Senhor e

Mestre! - declarei.

Sem olhar para mim, ele desapareceu ventando, e ouvi seus passos

correndo pelas salas vazias.

Eu sabia que ele andava numa velocidade que os homens não conseguiam

dominar. Corri atrás dele, só para ouvir as portas do quarto serem

fechadas na minha cara, para ouvir a tranca se fechar antes que eu

conseguisse alcançar o ferrolho.

- Mestre, deixe-me entrar-gritei.-Só fui porque você mandou.-Dei

voltas e voltas. Era quase impossível arrombar essas portas.

Esmurrei-as e chutei-as. - Mestre, você me mandou para os bordéis.

Mandou-me fazer coisas execráveis.

Depois de muito tempo, sentei-me no chão, encostado na porta, e fiquei

chorando e gemendo. Fiz um grande escarcéu. Ele esperou até eu parar.

- Vá dormir, Amadeo - disse. - Minhas fúrias não têm nada a ver com você.

Impossível. Mentira! Eu estava furioso e insultado, e magoado e com

frio! Essa casa toda estava fria que era uma desgraça.

- Então deixe que sua paz e tranquilidade tenham a ver comigo, Mestre!

disse eu. - Abra essa porta desgraçada.

- Vá para a cama com os outros - disse ele com calma. - O seu lugar é

com os outros, Amadeo. Eles são os seus queridos. São de sua espécie.

Não procure a companhia de monstros.

- Ah, é isso o que você é? - perguntei com desprezo e irritação. -

Você que pode pintar como Bellini ou Mantegna, que sabe ler todas as

palavras e falar todas as línguas, que tem um amor infinito e uma

paciência na mesma medida, um monstro? É isso? Um monstro nos abriga



embaixo de um teto e nos dá de comer todos os dias com alimentos da

cozinha dos deuses! Ah, é mesmo, um monstro.

Ele não respondeu.

Fiquei com mais raiva. Desci para o térreo. Peguei um grande machado

de batalha da parede. Era uma de muitas armas em exibição naquela casa,

e até então eu mal a notara. Bem, já estava na hora de notar, pensei.

Estou farto desse frio. Não agüento. Não agüento.

Subi e ergui o machado diante da porta. Naturalmente ele rompeu a

madeira frágil, estraçalhando o painel pintado, quebrando toda aquela

laca antiga e as lindas rosas amarelas e vermelhas. Puxei-o e tornei a

golpear a porta. Desta vez a fechadura foi arrombada. Dei um pontapé na

estrutura avariada e ela caiu.

Espantadíssimo, ele estava sentado em sua enorme cadeira de carvalho

olhando para mim, segurando os dois braços de cabeça de leão. Atrás

dele, assomava a imensa cama com seu rico baldaquim vermelho debruado de

ouro.

- Que ousadia! - ele exclamou.

Num instante, ele estava diante de mim. Pegou o machado e arremessou-o

com facilidade contra a parede de pedra em frente. Então pegou-me e

atirou-me na cama. A cama toda estremeceu, o baldaquim e os

cortinados. Nenhum homem poderia ter-me feito voar tão longe. Mas ele

consequira. Batendo os braços e as pernas, aterrissei nos travesseiros.

- Monstro desprezível! - gritei.

Virei-me, equilibrei-me e ergui-me apoiado no lado esquerdo,

fuzilando-o com o olhar, um joelho torcido. Ele estava de costas para

mim. Ia fechar as portas internas do apartamento, que estavam abertas e

por isso não foram quebradas. Mas parou. Virou-se. Seu rosto assumiu

uma expressão brincalhona.

- Ah, que temperamento horrível nós temos com essa cara de anjo

comentou, suave.

- Se sou anjo - repliquei, recuando da beira da cama -, pinte-me com

asas pretas.

- Você ousa derrubar minha porta - cruzou os braços. -  
Precisarei lhe

dizer por que não tolerarei uma coisa dessas de você, nem de ninguém?

Ficou me olhando com as sobrancelhas erguidas.

- Você me tortura - respondi.

- Ah, de fato, como e desde quando?

Eu queria gritar. Queria dizer "só amo você". Em vez disso, falei:

- Detesto você.

Ele não conseguiu fazer outra coisa senão rir. Abaixou a cabeça, a mão

fechada sob o pescoço, enquanto olhava para mim.

Então estendeu a mão e estalou os dedos.

Ouvi um farfalhar nas salas lá fora. Sentei-me na cama, petrificado de

espanto. Vi a longa vara do professor deslizando pelo chão como se

empurrada para cá por um pé-de-vento, então ela se torceu, envergou e

ficou em pé e caiu na mão dele que aguardava. Atrás dele, as portas

internas se fecharam e o ferrolho deslizou para a tranca com um barulho

metálico.

Recuei na cama.

- Será um prazer lhe dar uma surra - disse ele, sorrindo com doçura, o

olhar quase inocente. - Você pode registrar isso como outra experiência

humana, mais ou menos como brincar com seu lorde inglês.

- Dê logo. Odeio você - retruquei. - Eu sou homem e você nega isso.

Ele tinha um ar superior e gentil, mas não divertido.

Veio em minha direção e agarrou minha cabeça, e atirou-me de cara na

cama.

- Demônio! - exclamei.

- Mestre - retrucou ele calmamente.

Senti seu joelho encostar na base de minhas costas, e a vara desceu-me

nas coxas. Naturalmente eu não estava usando nada além das meias finas

que a moda ditava, logo era o mesmo que estar nu.

Gritei de dor e então fechei a boca. Quando senti as próximas

vergastadas nas pernas, engoli o som, furioso de me ouvir deixar

escapar por descuido um gemido impossível. Ele descia o pau sem parar

em minhas coxas e em minhas panturrilhas também. Furioso, esforcei-me

para ficar em pé, apoiando-me em vão nas cobertas com o dorso da mão.

Eu não conseguia me mexer. Estava imobilizado pelo joelho dele, e ele me

batia sem que nada o detivesse.

De repente, mais rebelde do que nunca, resolvi brincar com isso. Que

eu me danasse se fosse ficar ali chorando, e as lágrimas começavam a

aflorar em meus olhos.

Fechei-os, cerrei os dentes e decidi que cada golpe era a divina cor

vermelha que eu adorava, e que a dor lancinante que eu sentia era

vermelha, e que o ardor que se avolumava em minha perna depois era

dourado e doce.

- Ah, que gostoso! - provoquei.

- Você faz um trato de idiota, menino! - disse ele.

Bateu-me mais rápido e com mais força. Eu não conseguia conservar

minhas belas visões. Doía, doía como a peste.

- Não sou um menino! - gritei. Senti uma sensação de molhado na perna.

Sabia que estava sangrando. - Mestre, está pretendendo me desfigurar?

- Não há nada pior para um santo decaído do que ser um diabo horrendo!

Mais golpes. Eu sabia que estava sangrando em mais de um ponto. Eu

ficaria todo machucado. Não conseguiria andar.

- Não sei do que está falando! Pare!

Para meu espanto, ele parou. Cobri o rosto com o braço e soluzei.

Fiquei soluçando um bom tempo, e minhas pernas ardiam como se a vara

ainda estivesse batendo nelas. Parecia que eu continuava recebendo

vergastadas, mas não estava. Fiquei torcendo, tomara que essa dor se

transforme de novo em algo quente, algo gostoso, que fique formigando

como nas primeiras vezes. Assim estaria bem, mas essa dor está

terrível. Odeio-a!

De repente, senti-o cobrir-me. Senti seu cabelo fazendo cócegas em

minhas pernas. Senti seus dedos quando ele pegou aquelas meias

esfarrapadas e rasgou-as, arrancando-as muito rápido de minhas duas

pernas, que ficaram nuas. Ele pôs a mão embaixo de minha túnica e

soltou o resquício do calção. A dor latejava. Piorou, depois melhorou um

pouco. O ar estava frio em minhas equimoses. Quando ele tocou nelas,

senti um prazer tão terrível que só consegui gemer.

- Vai tornar a derrubar minha porta?

- Nunca - murmurei.

- Vai me desafiar de alguma forma específica?
- Nunca de forma nenhuma.
- O que tem a dizer?
- Eu o amo.
- Tenho certeza.
- Mas eu amo - disse eu choroso.

Suas carícias em minha carne magoada eram insuportavelmente

deliciosas. Eu não ousava levantar a cabeça. Apertei o rosto contra a

colcha bordada e áspera, contra a figura do grande leão ali bordado, e

engoli em seco e deixei as lágrimas rolarem. Senti uma calma total; esse

prazer me tirava todo o controle das pernas. Fechei os olhos, e seus

lábios chegaram em minhas pernas. Ele beijou um dos ferimentos. Achei

que eu fosse morrer. Eu iria para o céu, isso sim, algum outro céu mais

alto e mais delicioso até do que esse céu veneziano. Embaixo de mim,

minha virilha estava viva com uma força grata, desesperada e isolada. O



sangue ardente escorreu pela equimose. Sua língua  
ligeiramente áspera

tocou-a, lambeu-a, comprimiu-a, e o inevitável  
formigamento provocou um

incêndio dentro de meus olhos fechados, um incêndio  
violento do outro

lado de um horizonte mítico na escuridão de minha mente  
cega.

Lá foi ele para a próxima equimose, e vieram os fos de  
sangue e a

lambida de sua língua, e a dor terrível se foi e nada mais  
havia senão

um doce latejar. E quando ele passou à próxima, pensei:  
não consigo

suportar isso, simplesmente vou morrer.

Ele andava rápido, de equimose em equimose, depositando  
seu beijo

mágico e sua lambidela, e eu estremecia todo e gemia.

- Um castigo e tanto! - disse eu de repente, arquejando.

Foi uma coisa terrível de se dizer! Na mesma hora,  
arrependi-me

daquele atrevimento.

Mas a mão dele já vinha descendo violenta nas minhas  
nádegas.

- Eu não quis dizer isso - falei. - Quer dizer, eu não quis parecer

tão ingrato. Quer dizer, sinto muito ter dito isso! -Mas veio outra

palmada tão forte quanto a primeira. - Mestre, tenha pena de mim. Estou

confuso! - gritei.

Suas mãos pousaram em mim, na superfície quente que ele golpeará, e

pensei: ah, agora ele vai me bater até eu ficar inconsciente. Mas seus

dedos só apertaram a pele, que não estava rompida, só quente como os

primeiros vergões da vara ficaram. Senti de novo seus lábios na

panturrilha da perna esquerda, e o sangue e sua língua. O prazer me

percorreu todo, e, inerte, deixei o ar escapar de meus lábios num

rosário de suspiros.

- Mestre, Mestre, Mestre, eu o amo.

- Sim, bem, isso não é incomum - murmurou ele.

Não parava de beijar. Lambia o sangue, eu me contorcia sob o peso de

sua mão em minhas nádegas.

-Mas a questão, Amadeo, é por que eu o amo? Por quê? Por que precisei

entrar naquele bordel fétido e ver você? Sou forte por natureza... seja

ela qual for...

Ele beijou gulosamente uma grande equimose em minha coxa. Eu o sentia

chupá-la, e depois sua língua lambê-la, comendo o sangue, e depois seu

sangue escorrendo nela. O prazer fazia sucessivos choques me

percorrerem. Eu não via nada, embora achasse que agora eu estava de

olhos abertos. Esforcei-me para certificar-me de que estava, mas não via

nada, só uma névoa dourada.

- Eu o amo, eu o amo mesmo - disse ele. - E por quê? Inteligente, sim,

bonito, sim, e dentro de você, as relíquias queimadas de um santo!

- Mestre, não sei o que está me dizendo. Nunca fui santo, nunca, não

afirmo ser santo, sou um ser miserável, desrespeitoso e ingrato. Ah, eu

o adoro. É tão bom ser indefeso e estar à sua mercê.

- Pare de zombar de mim.

- Mas não estou zombando - respondi. - Quero falar a verdade, quero

ser um idiota para a verdade, um idiota para... Quero ser um idiota para

você.

- Não, não acho que você queira zombar de mim. Você é sincero. Não

percebe o absurdo disso.

Ele havia terminado seu avanço. Minhas pernas haviam perdido qualquer

forma que possuísem em minha mente enevoada. Eu só conseguia ficar ali

deitado, vibrando dos pés à cabeça com seus beijos. Ele deitou a cabeça

em meus quadris, no local quente onde ele havia dado palmadas, e senti

seus dedos subirem embaixo de mim e me tocarem nas partes mais íntimas.

Meu órgão endureceu em sua mão, endureceu com a infusão de seu sangue

cauterizante, porém mais ainda com o jovem varão em mim que tantas vezes

havia misturado o prazer com a dor quando ele queria.  
Cada vez mais duro

eu ficava, e mexia os quadris embaixo da cabeça e dos  
ombros dele que

estava deitado em minhas nádegas e segurava o órgão com  
firmeza, e

então, em espasmos violentos e incomparáveis, expeli um  
jato forte em

seus dedos escorregadios. Ergui-me no cotovelo e olhei para  
ele. Ele

estava sentado na cama, contemplando o sêmen pérola  
grudado em seus

dedos.

- Santo Deus, é isso o que você quer? - perguntei. - Ver a  
brancura

viscosa em sua mão?

Ele me olhou angustiado. Ah, e que angústia.

- Isso não quer dizer - perguntei - que chegou a hora?

O sofrimento em seus olhos era demasiado grande para eu  
interrogá-lo

mais.

Atordoado e cego, deixei-o virar-me de costas e rasgar  
minha túnica e

meu paletó. Senti-o erguer-me e então senti a ferroada de seu ataque a

meu pescoço. Uma dor violenta concentrou-se em volta do meu coração,

diminuindo bem na hora em que fiquei com medo, e depois afundei na cama

perfumada ao lado dele; ejunto a seu peito, agasalhado embaixo das

cobertas que ele puxou sobre nós, dormi.

Ainda era noite fechada quando abri os olhos. Eu aprendera com ele a

sentir quando ia amanhecer. E o amanhecer ainda estava longe.

Olhei em volta procurando por ele. Vi-o no pé da cama. Ele estava

vestido com seu veludo vermelho mais fino. Usava uma jaqueta de mangas

cortadas e uma túnica pesada de colarinho alto. Seu manto era de veludo

vermelho debruado de arminho. Seu cabelo estava bem escovado e

ligeiramente untado de óleo, o que lhe dava um brilho civiliadíssimo e

artificial, todo penteado para trás e caindo-lhe nos ombros em cachos

afetados. Ele parecia triste.

- Mestre, o que é isso?

- Tenho que me ausentar por algumas noites. Não, não é por raiva de

você, Amadeo. É só uma dessas viagens que preciso fazer. Há muito já

deveria ter viajado.

-Não Mestre, agora não, por favor. Sinto muito, eu lhe imploro! O que

eu...

- Filho. Vou ver Aqueles Que Precisam Ser Guardados. Não tenho escolha

quanto a isso.

Por um momento, fiquei calado. Tentei entender o que suas palavras

denotavam. Sua voz estava mais baixa, ele falara sem convicção.

- O que é isso, Mestre? - perguntei.

- Uma noite dessas, talvez eu o leve comigo. Pedirei autorização... A

voz dele ficou ecoando.

- Para que, Mestre? Quando precisou da autorização de alguém para

alguma coisa?

Minha intenção era que a pergunta soasse simples e sincera, mas eu via

agora que tinha algo de impertinência.

- Tudo bem, Amadeo - disse ele. - Peço autorização de vez em quando

aos Anciãos. Só isso. A quem mais? - Ele parecia cansado. Sentou-se ao

meu lado, encostou em mim e beijou minha boca.

- Anciãos, Mestre? Refere-se Àqueles Que Precisam Ser Guardados essas

criaturas como você?

- Seja gentil com Riccardo e os outros. Eles o adoram - disse ele.

Choraram por você o tempo todo em que esteve fora. Não acreditaram muito

quando eu lhes disse que você estava voltando para casa. Então Riccardo

foi espioná-lo com o lorde inglês e ficou apavorado que eu acabasse com

você e com medo de que o inglês o matasse. Esse seu lorde inglês tem uma

fama e tanto, atirando o punhal no quadro de qualquer taberna. Você



precisa se dar com assassinos comuns? Aqui, em se tratando daqueles que

tiram a vida, você tem um incomparável. Quando foi à casa de Bianca,

eles não tiveram coragem de me contar, mas ficaram imaginando cenas

fantásticas para que eu não pudesse ler seus pensamentos. Como são

dóceis aos meus poderes.

-Eles o amam, meu Senhor-disse eu.-Graças a Deus você me perdoa por

ter ido àqueles lugares. Farei tudo o que desejar.

- Então boa-noite. - Ele se levantou para partir.

- Mestre, quantas noites?

-No máximo três-disse ele por cima do ombro.

Dirigiu-se à porta, uma figura alta e galante coberta com um manto.

- Mestre.

- Sim.

- Serei muito bom, um santo - eu disse. - Mas se eu não for, o Mestre

me bate de novo, por favor?

Na hora em que vi sua expressão de raiva, arrependi-me do que disse. O

que me fazia dizer essas coisas!

-Não diga que não queria dizer isso! -disse ele lendo meus pensamentos

e ouvindo as palavras antes que eu pudesse proferi-las.

- Não. E só que odeio quando você vai embora. Pensei que talvez se eu

implicasse com você, você não iria.

- Pois eu vou. E não implique comigo. Como política, não implique

comigo.

Ele já havia saído, mas mudou de idéia e voltou.  
Encaminhou-se para a

cama. Esperei pelo pior. Ele iria me bater e depois não estaria por

perto para beijar a equimose.

Mas ele não fez isso.

- Amadeo, quando eu não estiver aqui, pense naquilo - disse ele.

Eu estava sóbrio, olhando para ele. Sua própria atitude me fez

refletir antes de dizer uma palavra.

- Em tudo, Mestre? - perguntei.

- Sim - disse ele. Depois voltou e me beijou. - Você será eternamente

assim? - perguntou. - Esse homem, esse jovem que você é agora?

-Serei, Mestre! Eternamente, e com você! -Queria lhe dizer que eu

podia fazer tudo que um homem faria, mas isso parecia absolutamente

insensato, e também não soaria verdadeiro para ele.

Ele pousou a mão afetuosamente em minha cabeça, alisando meu cabelo

para trás.

- Há dois anos, venho observando você - disse ele. - Você cresceu tudo

o que podia crescer, mas é pequeno, e tem cara de bebê, e, apesar de

toda a sua saúde, você é frágil e ainda não é o homem forte que

certamente deverá ser.

Eu estava fascinado demais para interrompê-lo. Quando ele fez uma

pausa, esperei. Ele suspirou. Fitou o vazio como se não conseguisse

encontrar palavras.

- Quando você não estava aqui, seu lorde inglês puxou um punhal para

você, mas você não teve medo. Lembra-se? Isso aconteceu há menos de dois

dias.

- Sim, Mestre, foi uma estupidez.

- Você poderia facilmente ter morrido então - disse ele erguendo as

sobrancelhas. - Facilmente.

-Mestre, por favor, revele esses mistérios para mim -disse eu.-Conte-me

como conseguiu seus poderes. Confie-me esses segredos. Faça com que eu

possa estar com você para sempre. Não dou a mínima importância ao meu

juízo dessas coisas. Rendo-me ao seu.

- Ah, sim, você se rende se eu satisfizer o seu pedido.

- Bem, Mestre, isso é uma forma de rendição, de me submeter a você, à

sua vontade e ao seu poder, e, sim, eu aceitaria isso e seria como você.

É isso o que você promete, Mestre, é isso o que sugere, que pode me

tornar igual a você? Pode me encher com esse seu sangue que me

escraviza, e isso será realizado? Às vezes parece que sei disso, Mestre,

que você pode fazer isso, e no entanto fico pensando se sei só porque

você sabe, e você está sozinho para me fazer isso.

- Ah! - Ele pôs as mãos no rosto, como se eu o tivesse desagradado

completamente.

Eu não sabia o que fazer.

-Mestre, se o ofendi, me bata, faça qualquer coisa comigo mas não me

vire as costas. Não tape os olhos para não olhar para mim, Mestre,

porque não posso viver sem esse seu olhar. Explique isso para mim,

Mestre, elimine o que nos separa; se for só ignorância, então elimine

isso.

-Ah, vou eliminar-disse ele. - Você é tão inteligente e decepcionante,

Amadeo. Você seria mesmo o bobo de Deus, como há muito tempo lhe

disseram que um santo deveria ser.

- Você me confunde, Mestre. Não sou santo, mas bobo, sim, porque

imagino que isso seja uma forma de sabedoria e quero isso porque você

preza a sabedoria.

- Digo que você parece simples, e de sua simplicidade vem um

entendimento esperto. Sou sozinho. Ah, sim, sou sozinho e sozinho para

contar minhas tristezas, pelo menos. Mas quem sobrecarregaria uma pessoa

tão jovem como você com minhas tristezas? Amadeo, que idade acha que

tenho? Avalie minha idade com a sua simplicidade.

- Você não tem idade, Mestre. Não come nem bebe, nem muda com o tempo.

Não precisa de água para se limpar. Tem a pele lisa e resistente a todas

as coisas da natureza. Mestre, todos sabemos disso. Você é uma coisa

limpa e perfeita.

<88>

Ele sacudiu a cabeça. Eu o estava agoniando quando queria exatamente o

oposto.

- Eu já fiz isso - murmurou ele.

- O que o meu Mestre fez?

- Ah, trouxe-o para mim, Amadeo, por ora... - Ele se deteve. Franziu o

cenho, e seu rosto estava tão macio e pensativo que me doeu. - Ah, mas

essas são apenas ilusões egoístas. Eu poderia levá-lo com um monte de

ouro e plantá-lo numa cidade distante onde...

- Mestre, me mate. Me mate antes de fazer isso, ou certifique-se de

que a sua cidade esteja fora do mundo conhecido, porque eu voltarei!

Gastarei o último ducado de seu monte de ouro para vir para cá e bater à

sua porta.

Ele parecia desgraçado, mais humano do que eu jamais havia visto,

sofrendo e trêmulo com o olhar perdido, mergulhado na interminável linha

escura que nos separava. Agarrei-me a seu ombro e beijei-o.  
Havia uma

intimidade mais viril devido a meu ato rude de algumas  
horas atrás.

-Não, não há tempo para esses consolos-disse ele. -Preciso  
ir. O dever

me chama. Coisas antigas também me chamam, coisas que  
há muito tempo eu

tenho de carregar. Estou exausto!

- Não vá agora à noite. Quando amanhecer, leve-me com  
você, Mestre,

leve-me aonde você se esconde do sol. É do sol que você  
precisa se

esconder, não é, Mestre, você que pinta céus azuis e a luz  
de Febo com

mais brilho do que aqueles que vêem essas coisas, você  
nunca as vê...

- Pare - implorou ele, pressionando os dedos em minha  
cabeça. - Pare

com seus beijos e seu raciocínio e me obedeça.

Ele respirou fundo, e pela primeira vez em toda a minha  
vida com ele

vi-o pegar um lenço do bolso e enxugar a testa e os lábios.  
O pano era

de um vermelho desmaiado.



Ele olhou para o lenço.

- Quero lhe mostrar uma coisa antes de ir- disse ele. - Vista-se,

rápido. Vamos, eu lhe ajudo.

Em poucos minutos, eu estava completamente vestido para a noite fria

de inverno. Ele me pôs uma capa preta nos ombros e me deu luvas forradas

de pele e me pôs um gorro de veludo preto na cabeça. Os sapatos que ele

escolheu eram botas de couro preto, que antes ele não queria que eu

usasse. Ele acha lindo os tornozelos dos rapazes, e não gostava de

botas, embora nos deixasse usá-las de dia quando ele não podia ver. Ele

estava tão perturbado, tão infeliz, e seu rosto, apesar da limpeza

descorada estava tão impregnado desses sentimentos que não consegui

deixar de abraçá-lo e beijá-lo, só para fazer seus lábios se

entreabrirem, só para sentir sua boca se fechando na minha. ~:~ rr. "r

z:~ Fechei os olhos. Senti sua mão cobrir meu rosto e minhas pálpebras.

Ouvi uma barulheira em volta, como se as portas de madeira estivessem

batendo e os estilhaços daquela porta que quebrei estivessem voando, e

as cortinas estivessem se enfunando e se rompendo. O ar frio da noite me

envolveu. Ele me pôs no chão, cego, e percebi que eu estava pisando no

cais. Eu ouvia o ruído da água do canal perto de mim, lambendo,

lambendo, sendo agitada pelo vento que fazia o mar correr para a cidade,

e ouvi um barco de madeira batendo insistentemente numa doca. Ele deixou

os dedos escorregarem, e abri os olhos.

Estávamos longe do palazzo. Desconcertei-me ao ver que estávamos tão

longe mas não me surpreendi muito. Ele podia fazer milagres, e assim me

contar isso agora. Estávamos em becos afastados, num pequeno

desembarcadouro, num canal estreito. Eu nunca me aventurara neste bairro

pobre de trabalhadores.

Vi as varandas traseiras das casas, com suas janelas de ferro, e senti

o mau cheiro dos dejetos que boiavam nas águas agitadas pelo vento

invernal. Ele se virou e me levou para longe da beira do canal, e, por

um momento, não consegui enxergar. Sua mão branca cintilava. Vi um dedo

que apontava e, em seguida, um homem dormindo numa gôndola apodrecida

que havia sido posta no seco em cima de toras. O homem se mexeu e se

descobriu. Vi seu vulto volumoso e nervoso resmungando e nos xingando

por termos ousado perturbar seu sono. Procurei meu punhal. Vi a lâmina

do homem faiscar. A mão branca do Mestre, brilhando como quartzo,

pareceu apenas encostar no punho do infeliz e fazer a arma voar e cair

rolando nas pedras. Atordoadado e furioso, o homem atacou o Mestre numa

tentativa desastrada de derrubá-lo. O Mestre pegou-o facilmente, como se

ele não passasse de uma faixa de lã malcheirosa. Vi o rosto do Mestre.

Ele abriu a boca. Apareceram dois dentinhos afiados como punhais quando

mordeu a garganta do homem. Ouvi o homem gritar, mas só por um instante,

então seu corpo fétido se aquietou.

Espantado e fascinado, observei quando o Mestre fechou os olhos macios

, os cílios dourados parecendo prateados no escuro, e ouvi um ruído

baixo e molhado, quase inaudível mas sugerindo horrivelmente algo

fluindo, e esse algo tinha a ver com o sangue do homem. O Mestre

estreitou-se mais ainda contra a vítima, os dedos brancos bem visíveis

persuadindo o fluido vital a sair do corpo moribundo, enquanto dava um

longo suspiro doce de quem saboreava. Bebeu. Bebeu, e não havia dúvida.

Até torceu um pouco a cabeça como se para sugar mais rápido o último

gole, e aí o vulto do homem, agora aparentemente frágil e maleável,

estremeceu-se todo, como se estivesse tendo uma última convulsão e

depois aquietou-se.

O Mestre levantou-se e passou a língua nos lábios. Não aparecia

nenhuma gota de sangue. Mas o sangue era visível. Era visível dentro do

Mestre. Seu rosto adquiriu um brilho corado. Ele se virou e olhou para

mim, e pude distinguir o rubor vivo de suas faces, o vermelho reluzente

de seus lábios.

- É daí que vem isso, Amadeo - disse ele.

Empurrou o cadáver para mim, aquelas roupas imundas roçaram em mim, e

quando a cabeça morta caiu para trás pesadamente, ele a empurrou mais

para perto, obrigando-me a ver o rosto grosseiro e sem vida do homem

condenado. Ele era jovem, tinha barba, não era bonito, estava exangue e

morto. Uma nesga branca aparecia embaixo de cada pálpebra mole e

inexpressiva. Uma baba gordurosa pendia de seus dentes amarelados e

podres, de sua boca sem alento e sem cor.

Eu estava sem fala. Medo, asco, não havia nada disso.  
Simplesmente

pasma. Se pensasse, acharia que foi maravilhoso.

Num repentino acesso do que parecia raiva, o Mestre atirou  
o corpo do

homem no canal. Ouviu-se o barulho que fez ao cair na  
água. O Mestre me

agarrou, e vi as janelas passando por mim. Quase gritei  
quando subimos

mais alto que os telhados. Tapou minha boca com as duas  
mãos. Movia-se

muito depressa, como se algo o impulsionasse ou o  
empurrasse para cima.

Rodopiamos ou assim pareceu, e quando abri os olhos  
estávamos num quarto

familiar. Havia longas cortinas douradas à nossa volta.  
Estava quente

ali. No escuro, vi a silhueta cintilante de um cisne dourado.  
Era o

quarto de Bianca, seu santuário particular, o quarto dela  
mesmo.

- Mestre! - exclamei, com medo e repulsa por termos  
entrado no quarto

dela daquela maneira, sem dizer uma palavra sequer.

Das portas fechadas, uma nesga de luz estendia-se pelo assoalho de

madeira e pelo grosso tapete persa. Estendia-se sobre as plumas

entalhadas de sua cama de cisne.

Então, ouviram-se os passos apressados de Bianca, em meio a uma nuvem

de vozes alegres, para que ela pudesse investigar sozinha o barulho que

ouviu. Um vento frio entrou no quarto pela janela aberta quando ela abriu

a porta. Para evitar a correnteza, ela as fechou, destemida, e esticou o

braço com uma precisão infalível e levantou o pavio de sua lâmpada. A

chama aumentou e vi-a olhando para meu Mestre, embora também tivesse me

visto, com certeza. Ela estava igual, dojeito que eu a deixara há muitas

horas, vestida de veludo dourado e seda, as mechas enroladas na nuca

para dar peso às volumosas tranças que lhe caíam pelas costas num

esplendor ondulado.

Sua carinha logo assumiu uma expressão interrogativa e alarmada.

- Mariüs - disse. - Como entra aqui assim agora em meus aposentos

privados? Como entra pelajanela, e com Amadeo? O que é isso, ciúme de

mim?

- Não, só que eu queria uma conissão - respondeu o Mestre. Sua voz

tremia. Ao aproximar-se dela de dedo em riste para acusá-la, ele me

segurava com força pela mão, como se eu fosse uma criancinha... -

Conte-lhe, meu anjo querido, conte-lhe o que está por trás de seu rosto

fabuloso.

-Não sei do que está falando, Marius. Mas você me irrita. E ordeno que

saia de minha casa. Amadeo, o que tem a dizer sobre este abuso?

-Não sei, Bianca- murmurei. Eu estava apavorado. Nunca ouvira a voz do

Mestre tremer, e nunca ouvira ninguém chamá-lo pelo nome com tanta

intimidade.



- Saia de minha casa, Marius. Agora. Dirijo-me ao homem honrado que há

em você.

- Ah, então como se foi o seu amigo Marcellus, o florentino, aquele

que mandaram você atrair para cá com sua lábia, aquele em cuja bebida

você deitou veneno suficiente para matar vinte homens?

A expressão de minha donzela se fragilizou mas não se endureceu

realmente. Ela parecia uma princesa de porcelana avaliando meu Mestre

irritado e trêmulo.

- O que é isso para você, meu Senhor? - perguntou ela. - Você agora é

o Grande Conselho ou o Conselho dos Dez? Acuse-me diante dos tribunais,

se quiser, seu bruxo furtivo! Prove o que está dizendo.

Havia nela uma grande dignidade nervosa. Ela ergueu a cabeça e empinou

o queixo.

-Assassina-disse o Mestre.-Estou vendo agora na cela solitária de sua

mente muitas confissões, muitos atos cruéis e importunos,  
muitos

crimes...

- Não, você não pode me julgar! Mágico você pode ser, mas  
não é nenhum

anjo, Marius. Não você com seus garotos.

Ele a arrastou, e novamente vi sua boca se abrir. Vi seus  
dentes

letais. -Não, Mestre, não! - Soltei sua mão que já não me  
segurava com

força e voei em cima dele aos socos, apartando os dois com  
o meu corpo e

batendo nele com toda a força. - Não pode fazer isso,  
Mestre. Não

importa o que ela tenha feito. Você está procurando esses  
motivos para

quê? Chamá-la de importuna? Ela! E o que há com você?

Bianca caiu para trás de encontro à cama e esforçou-se  
para subir no

colchão, as pernas dobradas. Recuou para a escuridão.

- Você é o Satanás do Inferno em pessoa - murmurou ela. - É  
um

monstro, já vi. Amadeo, ele nunca me deixará viver.

-Deixe-a viver, Mestre, ou eu morro com ela! -disse eu.-Ela é apenas

uma aula aqui. E não quero vê-la morrer.

O mestre estava infelicíssimo. Atordoados. Afastou-me dele, amparando-me para eu não cair. Dirigiu-se para a cama, mas não para

persegui-la. Sentou-se ao lado dela. Ela recuou mais ainda para a

cabeceira, procurando em vão alcançar o cortinado dourado, como se

aquilo pudesse salvá-la.

Eramiúdas estavam pálidas, com os ferozes olhos azuis vidrados e

arregalados.

- Somos assassinos juntos, Bianca - murmurou ele para ela. Esticou o

braço. Precipitei-me à frente, mas só para ser detido displicentemente

por sua mão direita, e, com a esquerda, ele lhe afastava os cachinhos

soltos da testa. Ficou com a mão pousada em sua cabeça como se fosse um

padre dando uma bênção.

- Tudo por necessidade grosseira, senhor - disse ela. - Afinal que

escolha eu tinha? - Que corajosa ela era, forte como prata temperada com

aço. -Uma vez que recebi as incumbências, o que fazer, pois sei o que é

para serfeito e para quem? Como eles eram espertos. Foi uma poção que

levou dias para matar a vítima longe de meus aposentos aconchegantes.

- Chame aqui seu opressor, filha, e envenene-o em vez daqueles que ele

indica.

- É, isso deve resolver - disse eu precipitadamente. - Matar o homem

que a levou a isso.

Ela parecia mesmo pensar nisso e depois sorriu.

-E os guardas dele, a família dele? Vão querer me estrangular pela

grande traição.

-Eu o matarei para você, doçura-disse Marius. -E, por isso, você não

ficará me devendo nenhum crime importante, só o seu gentil esquecimento

do apetite que viu em mim essa noite.

Pela primeira vez, a coragem dela pareceu fraquejar. Seus olhos se

encheram de lindas lágrimas transparentes. Percebia-se nela um ligeiro

cansaço. Ela deixou a cabeça pender por um momento.

- Você sabe quem ele é, sabe onde ele mora, sabe que ele está em

Veneza agora.

- Ele é um homem morto, minha bela senhora - disse o Mestre.

Passei o braço em volta do pescoço dele, beijei sua testa. Ele

continuava olhando para ela.

-Então venha, querubim-disse-me ele sem tirar os olhos dela. - Vamos

livrar o mundo desse florentino, esse banqueiro que usa Bianca para

acabar com aqueles que lhe deram contas em segredo.

Essa inteligência espantou Bianca, mas de novo ela deu um sorriso

delicado de quem sabe das coisas. Quão graciosa era ela, quão desprovida

de orgulho e amargura. Quão rejeitados eram esses horrores.

O Mestre estreitou-me com o braço direito. Com a mão esquerda, tirou

de dentro do paletó uma bela pérola grande em forma de pêra. Parecia

algo de valor inestimável. Ele a deu a Bianca, que só a pegou com alguma

hesitação, observando-a cair na palma de sua mão preguiçosa.

- Deixe-me beijá-la, querida princesa - disse ele.

Para meu espanto, ela consentiu, e ele então a cobriu de beijos leves,

e vi que ela franziu a testa com um olhar deslumbrado, e seu corpo ficou

sem energia. Ela recostou nos travesseiros e adormeceu profundamente.

Retiramo-nos. Pensei ter ouvido as janelas se fecharem quando passamos.

A noite estava úmida e escura. Eu tinha a cabeça encostada no ombro de

Marius. Mesmo que eu quisesse, não poderia olhar para cima nem me mexer.

- Obrigado, querido Mestre, por não tê-la matado - murmurei.

-Ela é mais que uma mulher prática-disse ele.-Ainda está inteira. Tem

a inocência e a esperteza de uma duquesa ou uma rainha.

- Mas aonde vamos agora?

-Estamos aqui, Amadeo. Estamos no telhado. Olhe em volta. Está ouvindo

o rumor lá embaixo?

Eram tamborins, tambores e flautas tocando.

- Ah, então eles vão morrer no próprio banquete - disse o Mestre

pensativo. Ele estava na beira do telhado, segurando o gradil de pedra.

O vento soprava seu manto para trás, e ele voltou os olhos para as

estrelas.

- Quero ver tudo - eu disse.

Ele fechou os olhos como se eu lhe tivesse dado um soco.

-Não pense que sou frio, Mestre - disse eu. -Não pense que estou farto

de ver coisas brutais e cruéis. Sou apenas o bobo, o bobo de Deus. Não

questionamos, se estou bem lembrado. Rimos e aceitamos e transformamos a

vida toda em alegria.

- Então desça comigo. Há muitos desses florentinos espertos. Ah, mas

estou faminto. Passei fome por causa de uma noite como esta. Talvez os

mortais sintam-se assim quando caçam animais selvagens de grande porte.

Quanto a mim, ao descermos do telhado para o salão de banquetes deste

palazzo novo e decorado com esmero, fiquei excitadíssimo. Homens iriam

morrer. Homens seriam assassinados. Homens perversos, que seduziram a

bela Bianca, seriam mortos sem risco para meu todo-poderoso Mestre ou

para qualquer pessoa que eu conhecesse ou amasse. Um exército de

mercenários não poderia ter sentido menos compaixão por esses

indivíduos. Os venezianos atacando os turcos talvez tivessem mais

sentimentos pelo inimigo do que eu. Eu estava fascinado; o cheiro de

sangue já me impregnava na medida em que era simbólico. Queria ver correr



sangue. De qualquer forma, não gostava mesmo de florentinos e não

entendia os banqueiros, e efetivamente desejava uma vingança rápida, não

só para aqueles que haviam abusado da bela Bianca mas também para

aqueles que a colocaram no caminho da sede do Mestre. Então que seja.

Entramos num salão de banquetes amplo e imponente, onde um grupo de

sete homens se regalava com um maravilhoso assado de porco. Tapeçarias

flamengas, todas novíssimas e com maravilhosas cenas de caça de senhores

e damas com seus cavalos e cães, pendiam de grandes varas de ferro pelo

salão, cobrindo até as janelas e chegando pesadas até o chão. O piso

formava um finíssimo mosaico de mármore de diversas cores, com desenhos

de pavões com jóias em suas grandes caudas em leque. A mesa era muito

larga, e nela havia três homens sentados do mesmo lado, praticamente

babando em cima de pilhas de pratos de ouro repletos de ossos de ave e

espinhas de peixe, e do porco assado propriamente dito, pobre criatura

inchada, que ainda conservava a cabeça, abocanhando ignominiosamente a

indefectível maçã, como se essa fruta fosse a expressão final de seu

derradeiro desejo.

Os outros três homens - todos jovens, bonitos, de certa forma, e

bastante atléticos, pelo aspecto de suas pernas bem torneadas - dançavam

numa engenhosa roda, as mãos se encontrando no centro, enquanto um

pequeno grupo de rapazes tocava os instrumentos cuja marcha retumbante

havíamos escutado no telhado. Tudo parecia de certa forma engordurado e

sujo como resultado do festim. Mas nenhum membro do grupo deixava de ter

o cabelo farto e comprido da moda, e túnicas e calções de seda

enfeitados e pesadamente bordados. Não havia fogo para aquecimento, e de

fato nenhum daqueles homens precisava disso, e todos estavam enfeitados

com paletós de veludo debruados de arminho empoados, raposa prateada ou

qualquer outra pele branca.

O vinho estava sendo servido nas taças por alguém que parecia

completamente incapaz de dominar uma ação dessas. E os três que

dançavam, embora tivessem uma coreografia elegante para fazer, também

discutiam e se empurravam numa espécie de ridicularização dos passos que

todos conheciam.

Vi logo que os criados haviam sido dispensados. Muito vinho fora

derramado fora das taças. Um enxame de mosquitinhos sobrevoava, embora

fosse inverno, as reluzentes carcaças não totalmente comidas e os montes

de frutas úmidas. Uma névoa dourada pairava sobre a sala. Era fumaça de

tabaco dos vários tipos de cachimbo que os homens fumavam. O fundo das

tapeçarias era invariavelmente azul- escuro, e isso aquecia o ambiente,

realçando o brilho das roupas coloridas dos músicos e dos convidados do

jantar.

De fato, quando entramos naquela sala enfumaçada e quente, fiquei

tonto com a atmosfera, e, quando o Mestre mandou-me sentar numa das

cabeceiras da mesa, o fiz mais por fraqueza, embora evitasse tocar a

superfície da mesa e muito menos a borda dos vários pratos. Os foliões

ruidosos e corados não notaram nossa presença. O barulho dos músicos

bastava para nos tornar invisíveis, porque sobrepujava os sentidos. Mas

mesmo num silêncio absoluto, os homens estavam embriagados demais para

nos terem visto. De fato, o Mestre, após dar-me um beijo no rosto,

encaminhou-se para um espaço vago no centro da mesa, provavelmente

deixado por um dos que saltitavam ao som da música, e sentou-se no banco

forrado. Só então os dois homens sentados a seu lado, que gritavam

obstinadamente um com o outro por qualquer motivo,  
repararam nesse

convidado esplendoroso de escarlate.

O Mestre havia deixado cair o capuz, e seu cabelo  
compridíssimo tinha

uma forma maravilhosa. Parecia o Cristo de novo na Última  
Ceia com um

nariz fino e uma boca meiga e carnuda, o cabelo louro muito  
bem

repartido ao meio, o volume avivado pela umidade da noite.  
Olhou para

cada um dos convidados, e, para meu espanto, ao olhar  
para ele, vi-o

entrando na conversa da mesa, discutindo com os  
convidados as

atrocidades infligidas aos venezianos que estavam em  
Constantinopla

quando o sultão turco de vinte e um anos, Mehmet II,  
conquistou a

cidade. Parecia que se discutia como os turcos invadiram  
realmente a

capital sagrada, e um homem dizia que se os navios  
venezianos não

tivessem deixado Constantinopla, abandonando-a antes do  
fim, a cidade

poderia ter sido salva. Não havia a menor chance, dizia outro, um ruivo

forte de olhos aparentemente dourados. Que beleza! Se esse era o patife

que desencaminhara Bianca, eu estava vendo por quê. Entre a barba e o

bigode ruivos, seus lábios formavam exuberante arco de Cupido, e seu

queixo tinha a força das figuras de mármore sobre-humanas de

Michelangelo.

- Durante quarenta e oito dias, os canhões dos turcos bombardearam os

muros da cidade - declarou ele a seu consorte - e acabaram entrando. O

que se poderia esperar? Você já viu armas como aquelas?

O outro, um homem lindo de cabelos pretos e pele cor de oliva e maçãs

do rosto redondas bem próximas do nariz pequeno e dos grandes olhos

negros aveludados, ficou furioso e disse que os venezianos agiram como

covardes, e que, se tivesse vindo, a frota de apoio poderia ter detido

até os canhões. Com o punho, ele fazia o prato à sua frente chacoalhar.

- Constantinopla foi abandonada! - declarou. - Veneza e Gênova não

ajudaram. Nesse dia, deixaram o maior império da Terra ruir.

- Não foi isso - disse o Mestre um tanto discretamente, erguendo as

sobrancelhas e inclinando a cabeça ligeiramente para o lado. Olhou

lentamente para cada um dos presentes. - Houve de fato muitos venezianos

corajosos que vieram acudir Constantinopla. Acho, e com razão, que mesmo

se toda a frota veneziana tivesse vindo, os turcos teriam continuado. O

sonho do jovem sultão Mehmet II era conquistar Constantinopla e ele nunca

se deteria.

Ah, isso estava interessantíssimo. Eu estava pronto para uma aula de

história vermelha, para ter uma boa visão de todos. Coloquei a cadeira

num ângulo que me permitisse ver melhor os dançarinos, que mesmo

desajeitados compunham uma cena e tanto, nem que fosse pelo movimento de

suas longas mangas bordadas e a percussão no chão de mármore de seus

sapatos enfeitados com pedrarias. O ruído da mesa, jogando para trás a

cabeleira ricamente encaracolada, foi encorajadíssimo pelo Mestre, e lhe

dirigiu um olhar de adoração selvagem.

- Sim, sim, aqui está um homem que sabe o que aconteceu, e você está

mentindo, seu tolo - disse ele para o outro. - E você sabe que os



genoveses lutaram bravamente até o fim. Três navios foram enviados pelo

Papa; furaram o bloqueio do porto, chegando ao lado de Rumeli Hisar, o

castelo maligno do sultão. Foi Giovanni Longo, e você pode imaginar que

coragem?

- Francamente, não! -disse o de cabelos pretos, debruçando-se na

frente do Mestre como se este fosse uma estátua.

-Foi uma ação corajosa-disse o Mestre com displicência. -Por que diz

bobagens em que não acredita? Ora, você sabe o que aconteceu aos navios

venezianos capturados pelo sultão.

- Sim, fale sobre isso. Você entraria naquele porto? - perguntou o

florentino ruivo. - Sabe o que fizeram com os navios venezianos

capturados seis meses antes? Decapitaram todos os homens a bordo.

- Menos o comandante! - gritou um dos dançarinos que se virara para

entrar na conversa, mas continuava dançando para não perder o passo. -

Eles o empalaram num poste. O comandante era Antonio Rizzo, um dos

melhores homens que já existiram. - O homem continuou dançando, fazendo

um gesto brusco de desprezo por cima do ombro. Então escorregou ao dar a

pirueta e quase caiu. Seus parceiros de dança o ampararam. O de cabelos

pretos sentado à mesa balançou a cabeça.

- Se tivesse sido uma frota veneziana completa... - exclamou. - Mas

vocês florentinos e vocês venezianos são todos iguais, traiçoeiros,

apostando dos dois lados.

O Mestre olhava para ele, achando graça.

- Não ria de mim - disse o de cabelos pretos. - Você é veneziano. Já o

vi milhares de vezes. Você e esse rapaz!

Apontou para mim. Olhei para o Mestre, que apenas sorriu. Então ouvi-o

falar baixinho claramente para mim, de modo que escutei suas palavras

como se ele estivesse a meu lado e não a metros de distância.

- Testemunho dos mortos, Amadeo.

O de cabelos pretos pegou a taça, tomou uns goles de vinho e derramou

outros tantos na barba pontuda.

- Uma cidade inteira de cúmplices filhos da mãe! - sentenciou. - Só

serviam para uma coisa, e isso era tomar dinheiro emprestado ajuro alto

depois de gastarem tudo que tinham em roupas caras.

- Você tem que falar - disse o ruivo. - Parece um maldito pavão. Eu

deveria lhe cortar o rabo. Vamos voltar a Constantinopla já que tem tanta

certeza de que ela poderia ser salva!

- Agora você é um maldito veneziano.

- Sou banqueiro, sou um homem de responsabilidade -disse o ruivo.

Admiro quem enriquece comigo. - Pegou sua taça, mas, em vez de beber o

vinho, jogou-o na cara do de cabelos pretos.

O Mestre não se deu ao trabalho de inclinar-se para trás, portanto,

sem dúvida, levou alguns respingos de vinho. Olhava para aquelas caras

suadas e coradas à sua direita e à sua esquerda.

- Giovanni Longo, um dos genoveses mais corajosos a capitanear um

navio, permaneceu naquela cidade durante todo o sítio - exclamou o

ruivo. Isso é coragem. Eu investiria dinheiro num homem assim.

- Não sei por quê - interveio o dançarino, o mesmo de antes. Deixou a

roda por um tempo suficiente para declarar: - Ele perdeu a batalha, e,

além do mais, seu pai foi sensato o bastante para não financiar nenhum

deles.

-Não ouse! - interrompeu o ruivo. -Um brinde a Giovanni Longo e aos

genoveses que lutaram com ele. - Agarrou o jarro, quase derrubando-o,

entornou vinho em seu copo e na mesa e tomou um gole fundo. - E um

brinde a meu pai. Que Deus tenha piedade de sua alma imortal. Pai,

massacrei seus inimigos, e vou massacrar aqueles que fazem da ignorância

um passatempo.

Virou-se, cutucou o Mestre e falou:

- Aquele seu garoto é uma beleza. Não se apresse. Pondere. Quanto?

O Mestre deu uma gargalhada com uma naturalidade e uma doçura que eu

nunca ouvira em suas risadas.

- Faça uma oferta, de algo que possa me interessar-  
respondeu o Mestre

olhando de esguelha para mim, com um brilho dissimulado no olhar.

Parecia que cada homem naquela sala estava me avaliando, e, entenda,

esses aí não gostavam de garotos; eram apenas italianos modernos, que,

embora gerassem filhos como deles era exigido e corrompessem mulheres

sempre que aparecia uma chance, apreciavam um jovem carnudo e suculento,

como os homens hoje apreciam uma torrada dourada com creme azedo e o

melhor caviar.

Não pude deixar de sorrir. Mate-os, pensei, massacre-os.  
Senti-me

cativante e até bonito. Alguém aí, diga que faço lembrar  
Mercúrio

perseguido as nuvens na Primavera de Botticelli, mas o  
ruivo,

encarando-me com um olhar malicioso e brincalhão, disse:

- Ah, ele é o David de Verrocchio, o modelo de verdade para  
a estátua

de bronze. Não tente dizer que não é. E imortal, ah, sim,  
estou vendo,

imortal. Ele não morrerá nunca. - Ergueu de novo a taça.  
Então, enfiou a

mão na jaqueta forrada de arminho empoado e tirou um rico  
medalhão de

ouro com um imenso diamante tabla. Arrancou a corrente  
do pescoço e

apresentou orgulhosamente a pedra ao Mestre, que a  
observou a balançar à

sua frente como se fosse um orbe que devesse enfeitiçá-lo.

-Para todos nós- saudou o de cabelos pretos, virando-se  
para me

encarar. Os outros gargalhavam. Os dançarinos gritavam:

- Sim e para mim também.

- Se eu não for segundo com ele, nada.

E: - Aqui, para ir primeiro, antes de você.

Esta última frase foi dita pelo ruivo, mas ajóia que o dançarino

atirou para o Mestre, um anel de carbúnculo com uma faiscante pedra

púrpura, eu não conhecia.

- Uma safira - sussurrou o Mestre, com um olhar provocante para mim. -

Amadeo, você aprova?

O terceiro dançarino, um louro um tanto mais baixo que qualquer dos

presentes e com um pequeno calombo no ombro esquerdo, saiu da roda e

veio em minha direção. Tirou todos os anéis, como se descalçasse luvas,

e atirou-os todos a meus pés.

- Sorria com doçura para mim, jovem deus - disse ele, embora estivesse

arfando por causa da dança, e com o colarinho de veludo encharcado.

Cambaleava e quase caiu, mas conseguiu levar isso na galhofa, fazendo

uma pirueta pesada ao voltar para a dança. A música continuava

percutindo. Como se os dançarinos achassem que ela devia afogar a

própria bebedeira de seus mestres.

- Alguém quer saber do sítio de Constantinopla? - perguntou o Mestre.

- Fale-me sobre Giovanni Longo -pedi baixinho.

Todos os olhos voltavam-se para mim.

- É o sítio de... Amadeo, foi isso?... Sim, Amadeo, isso eu guardei!

gritou o dançarino louro.

- Daqui a pouco, senhor - comentei. - Mas me ensine um pouco de

história.

- Seu danadinho - interveio o de cabelos pretos. - Você nem pegou os

anéis dele.

-Meus dedos estão cobertos de anéis-respondi educadamente, o que era

verdade.

O ruivo imediatamente voltou à carga.



- Giovanni Longo resistiu a quarenta dias de bombardeio.  
Lutou a noite

inteira quando o turco rompeu o bloqueio. Nada o  
assustava. Foi levado

para um lugar seguro só por ter sido ferido.

- E os carlhões - perguntei. - Eram enormes?

- E suponho que você estava lá! - gritou o moreno para o  
louro, antes

que este pudesse me responder.

-Meu pai estava lá! -disse o ruivo. -E sobreviveu para contar  
a

história. Estava no último navio a sair do porto com os  
venezianos, e,

antes que comece a falar, vou lhe avisando para não falar  
mal de meu pai

ou daqueles venezianos. Eles salvaram os cidadãos, a  
batalha estava

perdida:..

- Eles desertaram, você quer dizer - disse o moreno.

- Quero dizer que foram embora levando os refugiados  
indefesos depois

da vitória dos turcos. Está chamando meu pai de covarde?  
Você não

entende mais de boas maneiras do que entende de guerra.  
É idiota demais

para alguém brigar com você, e está bêbado demais.

- Amém - disse o Mestre.

- Conte a ele - falou o ruivo ao Mestre. - Você, Marius De Romanus,

conte a ele. - Tomou mais um gole. - Conte a ele sobre o massacre, o que

aconteceu. Conte a ele como Giovanni Longo lutou junto às muralhas até

ser atingido no peito. Ouça, seu louco idiota! - gritou para o amigo.

-Ninguém sabe mais sobre ele do que Marius De Romanus. Bruxos são

espertos é o que diz minha prostituta, e um brinde a Bianca Solderini. -

Ele esvaziou o copo.

- Sua prostituta? - perguntei. - Diz isso de uma mulher como essa, e

aqui, diante de homens bêbados e desrespeitosos?

Eles não me fizeram caso, nem o ruivo, que já estava de novo esvaziando

o copo, nem os outros. O louro veio cambaleando para mim.

-Eles estão bêbados demais para se lembrar de você, lindo-disse. -Mas

eu não.

- Tropece na dança - eu disse. - Não tropece em suas investidas para

mim.

- Seu pirralhinho desgraçado - xingou o homem, e caiu em minha

direção, desequilibrando-se. Tombou para a direita, escorregou da

cadeira e caiu no chão. Os outros estouraram na gargalhada. Os dois

dançarinos remanescentes desistiram da coreografia.

-Giovanni Longo foi corajoso-comentou o Mestre calmamente, observando

tudo e em seguida voltando seu olhar frio para o ruivo. - Todos foram

corajosos. Mas nada poderia salvar Bizâncio. Chegara sua hora.

Acabara-se o tempo dos imperadores e dos limpadores de chaminé. E, no

holocausto que se seguiu, muita coisa se perdeu para sempre. Centenas de

bibliotecas foram incendiadas. Textos e mais textos sagrados com todos

os seus imponderáveis mistérios viraram fumaça.

Afastei-me do agressor bêbado, que rolava no chão.

- Seu cachorrinho de estimação nojento! - gritou para mim o homem

estatelado. - Me dê a mão, estou mandando.

- Ah - disse eu -, mas acho que você quer mais do que isso.

- E vou ter! - insistiu ele, mas escorregou apenas e tornou a cair

para trás com um gemido de infelicidade. Um dos outros homens à mesa -

bonito porém mais velho, de longos e fartos cabelos grisalhos ondulados,

o rosto sulcado por belas rugas, que até então estivera calado,

deliciando-se com um osso de carneiro - olhou-me por cima do osso e para

o agressor que se contorcia no chão tentando ficar em pé.

-Humm. Então Golias cai, Davizinho-disse ele, sorrindo para

mim.Cuidado com a língua, Davizinho, não somos todos gigantes idiotas, e

suas pedras ainda não são para atirar.

Retribuí-lhe o sorriso.

- Sua brincadeira é de mau gosto como a de seu amigo.  
Quanto a minhas

pedras, como colocou, elas ficarão bem aqui na bolsa onde  
estão,

esperando que você tropece em seu amigo.

- Você diz os livros?-perguntou o ruivo a Marius,  
completamente alheio

a essa pequena discussão. - Os livros foram queimados na  
queda da maior

cidade do mundo?

- Sim, esse sujeito gosta de livros - disse o moreno. -  
Senhor, é

melhor olhar seu garoto. Ele é um homem liquidado, a  
dança mudou.

Diga-lhe para não zombar dos mais velhos.

Os dois dançarinos vieram em minha direção, tão bêbados  
como o homem

que caíra. Vieram me acariciar, tornando-se  
simultaneamente um animal de

quatro braços com bafo fortemente perfumado.

- Você ri para nosso amigo rolando no chão? - perguntou um  
deles,

dando-me uma joelhada entre as pernas.

Recuei, escapando por pouco do golpe grosseiro.

- Pareceu-me a coisa mais gentil a fazer- respondi. -Já que ele caiu

por me adorar. Não mergulhem em devoções desse tipo, senhores. Não tenho

a menor inclinação para responder às suas preces.

O Mestre se levantara.

- Estou cansado disso - disse ele numa voz fria e clara que ecoou

pelas tapeçarias penduradas. Havia um tom glacial em seu modo de falar.

Todos olharam para ele, até o homem lutando para se levantar.

- É mesmo! -disse o moreno erguendo os olhos. - Marius De Romanus , é?

Já ouvi falar em você. Não tenho medo de você.

- Que bom para você - murmurou o Mestre com um sorriso. Pôs a mão na

cabeça do homem, que se afastou bruscamente, quase caindo do banco, mas

agora definitivamente com medo. Os dançarinos avaliaram o Mestre,

decerto tentando ver até que ponto seria fácil dominá-lo. Um deles

tornou a virar para mim.

- Preces, Inferno! - disse.

- Cuidado com meu Mestre. Você o cansa, e, quando está cansado, ele

endoida. - Puxei o braço quando ele estava querendo me pegar. Recuei

mais ainda, para o meio dos músicos, e a música envolveu-me como uma

nuvem protetora. Dava para ver o pavor em seus rostos, no entanto,

tocaram mais rápido ainda, ignorando o suor em suas testas.

- Doce, doce, cavalheiros-disse eu. -Estou gostando. Mas toquem um

réquiem, por favor.

Eles me olharam desesperados mas sem qualquer outra expressão. O

tambor seguia tocando e a flauta produzia aquela melodia serpenteante e

a sala pulsava com os acordes do alaúde. O louro no chão gritava por

socorro, sem conseguir levantar de jeito nenhum, e os dois dançarinos

foram acudi-lo, embora um ficasse me observando. O Mestre olhou para o

insolente de cabelos pretos, ergueu-o do banco com uma das mãos e foi

beijar seu pescoço. O homem ficou suspenso no ar, paralisado como um

pequeno mamífero na boca de uma fera, e quase ouvi o grande sorvo de

sangue escorrer dele enquanto o cabelo de meu Mestre se arrepiava e caía

para cobrir o repasto fatal. Rapidamente, ele largou o homem. Só o ruivo

observava tudo isso. E, em sua embriaguez, parecia não saber o que

fazer. De fato, ele ergueu uma sobrancelha , atônito, e tornou a beber

da taça imunda. Lambeu os dedos da mão direita, um a um, como se fosse

um gato, quando o Mestre deixou seu companheiro moreno cair de cara na

mesa, na verdade, bem numa bandeja de frutas.

- Bêbado idiota - disse o ruivo. - Ninguém luta por valor, honra ou

decência.

- Não muitos de qualquer maneira - replicou o Mestre encarando-o.



- Aqueles turcos dividiram o mundo em dois - disse o ruivo, ainda

contemplando o morto, que decerto olhava com um ar idiota para ele da

bandeja amassada. Eu não conseguia ver a cara do defunto, mas me

excitava tremendamente saber que estava morto.

-Agora venham, cavalheiros-disse o Mestre-, e venha cá você que deu

tantos anéis a meu menino.

- Ele é seu filho? - gritou o louro corcunda, que afinal estava de pé.

Afastou os amigos. Virou-se e passou à intimação. - Serei um pai melhor

para ele do que vocêjamais foi.

O Mestre apareceu subitamente e sem fazer nenhum ruído ao lado dele na

mesa. Suas roupas assentaram-se imediatamente como se ele só tivesse

dado um passo. O ruivo nem sequer pareceu ver isso.

- Skanderbeg. O grande Skanderbeg, faço um brinde a ele - disse o ruivo

, aparentemente para si mesmo. - Ele morreu há muito tempo, e me dêem

apenas cinco Skanderbegs que organizarei uma nova cruzada para resgatar

nossa cidade dos turcos.

- De fato, quem não faria isso com cinco Skanderbegs - disse o homem

mais velho da ponta da mesa, aquele atracado com o osso. Ele limpou a

boca no pulso nu. - Mas não há general como Skanderbeg, e nunca houve,

exceto o próprio. O que há com Ludovico? Seu idiota!

Levantou-se. O Mestre havia passado o braço em volta do louro que o

empurrava, bastante desanimado com o fato de o Mestre ser inamovível.

Enquanto era empurrado pelos dois dançarinos que queriam libertar o

companheiro, o Mestre tornou a dar seu beijo fatal. Girou o homem e

pareceu sugar-lhe o sangue num grande sorvo. Numa fração de segundos,

fechou os olhos do homem com dois dedos brancos e deixou o corpo

escorregar para o chão.

- Chegou a vez de vocês morrerem, bons cavalheiros - disse ele aos

dançarinos que se afastaram dele. Um deles sacou a espada.

- Não seja tão estúpido! - gritou o companheiro. - Você está bêbado.

Nunca há de...

-Não, você não vai -disse o Mestre com um pequeno suspiro. Seus lábios

estavam mais róseos do que eu jamais havia visto, e o sangue que ele

bebera desfilava em suas faces. Até seus olhos estavam mais brilhantes.

Ele agarrou a espada do homem e, com uma pressão do polegar, partiu o

metal, de modo que o homem ficou segurando apenas um pedaço.

- Como ousa! - gritou o homem.

- Como você ousou é mais preciso! - cantou o ruivo à mesa.

- Partida

ao meio, é? Que tipo de aço é esse?

O roedor deu uma sonora gargalhada e jogou a cabeça para trás.

Arrancou outro naco de carne do osso.

O Mestre liquidou com o que brandia a espada partida, e agora, para

descobrir a veia, quebrou-lhe o pescoço com um estalido alto. Os outros

três pareceram ouvir isso - o roedor de osso, o dançarino alerta e o

ruivo. Em seguida, o Mestre abraçou o último dos dançarinhos. Segurou o

rosto do homem como se num gesto de amor e bebeu de novo, sorvendo-lhe a

garganta de modo que só vi o sangue rapidamente, um verdadeiro dilúvio

vermelho, que o Mestre cobriu com a boca e a cabeça inclinada.

Eu via o sangue escorrendo para a mão do Mestre. Mal podia esperar que

ele levantasse a cabeça, o que ele fez bem depressa, mais até do que com

a última vítima, e olhou para mim com um ar sonhador e sua fisionomia

estava toda em chamas. Parecia tão humano quanto qualquer homem ali na

sala, mesmo enlouquecido com aquela sua bebida especial, como eles

estavam com o vinho comum deles.

Seus cachos louros estavam colados na testa suada, e vi que tinham um

belo brilho de sangue.

A música parou bruscamente.

Não foi a destruição mas sim o aspecto do Mestre que a fizera parar,

enquanto ele deixava esta última vítima, um saco de ossos frouxo,

escorregar para o chão.

- Réquiem - falei de novo. - Os fantasmas deles vão lhes agradecer,

gentis cavalheiros.

- Isso - disse Marius aos músicos aproximando-se deles - ou fugir da

sala.

- Digo fugir da sala - murmurou o tocador de alaúde. Na mesma hora

todos eles foram se encaminhando para a porta. Com pressa, puxavam e

puxavam o ferrolho, praguejando e gritando.

O Mestre recuou e recolheu os anéis em volta da cadeira onde ele

estivera sentado.

- Meus rapazes, vocês vão embora sem receber - disse.

Com todo aquele pavor lacrimoso e indefeso, os músicos viraram e viram

os anéis sendo atirados em cima deles, e, estúpida e avidamente, cada

qual pegou, envergonhado, um tesouro atirado pelo Mestre. Então as

portas se abriram de par em par contra a parede. Eles saíram, quase

batendo no alisar, e as portas então se fecharam

- Isso foi inteligente! -observou o homem com o osso, que ele

finalmente pôs de lado, já que não tinha mais carne. - Como você faz,

Marius De Romanus? Ouvi dizer que é um mágico poderoso. Não sei porque o

Grande Conselho não o acusa de bruxaria. Deve ser esse seu dinheiro

todo, não?

Olhei para o Mestre. Eu jamais o vira tão encantador como agora,

corado com esse sangue novo. Eu queria tocar nele. Queria ir para seus

braços. Seus olhos estavam embriagados e meigos quando ele olhou para

mim. Mas ele desfez aquele olhar sedutor e voltou para a mesa,

contornando-a direito, e ficou ao lado do homem que se regalara com o

osso. O homem grisalho olhou para ele e, em seguida, para seu

companheiro ruivo.

-Não seja tolo, Martino-disse ao ruivo.-Deve ser perfeitamente legal

ser bruxo no Vêneto desde que a pessoa pague seu imposto. Ponha seu

dinheiro no banco de Martino, Marius De Romanus.

- Ah, mas eu ponho - disse Marius De Romanus, meu Mestre  
- e me dá um

rendimento bastante bom.

Tornou a sentar entre o morto e o ruivo, que parecia encantado e

animado por fazê-lo voltar.

- Martino - disse o Mestre. - Vamos falar mais sobre a queda dos

impérios. Por que seu pai estava com os genoveses?

O ruivo, agora bastante inflamado com a discussão toda, declarou com

orgulho que seu pai havia sido o representante do banco da família em

Constantinopla, e que havia morrido depois em virtude dos ferimentos de

guerra sofridos naquele dia derradeiro e terrível.

- Ele viu - disse o ruivo -, viu as mulheres e as crianças

massacradas. Viu os sacerdotes arrancados dos altares de Santa Sofia.

Ele conhece o segredo.

- O segredo - zombou o velho. Ele mudou de lugar na mesa e empurrou o

morto do banco para o chão. - Meu Deus, seu filho da mãe sem coração -

disse o ruivo. - Ouviu o crânio do defunto rachar?

- Não trate meu convidado dessa maneira, não se quiser ficar vivo.

Aproximei-me mais da mesa.

-Sim, venha cá, sim, lindo-disse o ruivo.-Sente-se.-Ele voltou para

mim seus olhos dourados resplandecentes. - Sente aqui, à minha frente.

Meu Deus. Olhe ali o Francisco. Juro que ouvi o crânio dele rachar.



- Ele está morto - disse Marius com voz macia. - Por enquanto, tudo

bem, não se preocupem com isso. - Seu rosto estava ainda mais brilhante

com o sangue que ele havia bebido. Na verdade, possuía agora uma cor

uniforme, toda radiosa, e seu cabelo parecia mais louro ainda em

contraste com a pele corada. Havia uma minúscula teia de veias dentro de

cada um de seus olhos, não depreciando em nada sua beleza assombrosa e

resplândecente. - Ah, muito bem, ótimo, eles estão mortos - o ruivo deu

de ombros. Sim, eu estava lhes contando, e é melhor vocês anotarem isso

porque eu sei. Os padres pegaram o cálice sagrado do Exército Sagrado e

foram para um esconderijo em Santa Sofia. Meu pai viu isso com os

próprios olhos. Conheço o segredo.

- Olhos, olhos, olhos - disse o velho. - Seu pai deve ter sido um

pavão para ter tantos olhos!

-Cale a boca senão corto sua garganta-disse o ruivo.-Olhe o que você

fez com Francisco, derrubando-o assim. Meu Deus! - Fez o sinal-da-cruz

um tanto preguiçosamente.

- A cabeça dele está sangrando atrás.

Meu Mestre virou-se e, abaixando-se, apanhou esse sangue com os dedos.

Virou-se lentamente para mim e depois para o ruivo. Chupou o sangue de

um dos dedos.

-Morto-dísse com um sorrisinho.-Mas está bastante quente e grosso. -

Riu devagar.

O ruivo estava fascinado como uma criança num espetáculo de

marionetes. O Mestre estendeu a mão ensangüentada com a palma para cima

e sorriu como que dizendo:

"Quer provar?"

O ruivo agarrou o pulso de Marius e lambeu-lhe o sangue do indicador e

do polegar.

-Humm, muito bom-disse. -Todos os meus companheiros têm sangue do

melhor.

- Não diga - disse meu Mestre. Eu não conseguia tirar os olhos de seu

rosto cambiante. Agora parecia que suas faces estavam mais escuras, ou

talvez fosse apenas a curva que formavam quando ele sorria. Seus lábios

estavam rosados.

- E ainda não acabei, Amadeo - murmurou ele. - Apenas comecei. - Ele

não está muito ferido! - insistiu o velho. Estudou a vítima no chão.

Estava preocupado. Tê-lo-ia matado?-É só um simples corte na parte

posterior da cabeça, nada mais. Não é?

- É, um cortezinho - disse Marius. - Que segredo é esse, meu caro

amigo?-Ele estava de costas para o velho, falando com o ruivo com muito

mais interesse do que antes.

- Sim, por favor - disse eu. - Qual é o segredo? - perguntei. - O

segredo é que os padres fugiram?

-Não, criança, não seja obtuso! -disse o ruivo olhando para mim. Ele

era vigorosamente lindo. Bianca o teria amado? Ela nunca disse.

- O segredo, o segredo - disse ele. - Se não acredita nesse segredo,

não acreditará em nada, sagrado ou não.

Ergueu a taça. Estava vazia. Pegou o jarro e encheu-a com aquele vinho

escuro e de aroma delicioso. Considerei a hipótese de prová-lo, então

senti uma repulsa.

- Bobagem - murmurou o Mestre. - Beba ao passamento deles. Vá em

frente. Aqui está uma taça limpa.

- Ah, sim, me perdoe - disse o ruivo. - Não lhe ofereci uma taça. Meu

Deus, pensar que joguei um simples diamante tabla na mesa para você,

quando eu queria seu amor.

- Pegou a taça, um objeto rico e extravagante de prata cravejado de

pedrinhas.

Agora eu via que as taças formavam um conjunto, todas cinzeladas com

figurinhas delicadas e incrustadas com essas mesmas pedrinhas

brilhantes. Pousou essa taça na mesa, batendo com ela. Pegou o jarro de

minha mão, encheu a taça e empurrou-a para mim. Achei que ficaria tão

enjoado que vomitaria no chão. Olhei para ele, para seu rosto meigo ali

perto e seu lindo cabelo vermelho chamejante. Deu um sorriso infantil,

mostrando dentes pequenos mas perfeitos, muito brancos, e pareceu louco

por mim, divagando, sem dizer uma palavra.

-Tome, beba-disse o Mestre. -Seu caminho é perigoso, Amadeo, beba para

conhecer e beba para ter força.

-O Mestre não está zombando de mim agora, está?- perguntei, olhando

para o ruivo, embora falasse com Marius.

- Eu o amo, como sempre amei - disse o Mestre -, mas você vê mesmo

alguma coisa no que digo, pois estou endurecido pelo sangue humano. É

sempre o que acontece. Só passando fome encontro uma pureza etérea.

- Ah, e você me afasta da penitência em cada momento crítico - disse

eu -, e me leva para os sentidos e para o prazer.

O ruivo e eu estávamos de olhos fechados. No entanto, ouvi Marius me

responder.

-Matar é uma penitência, Amadeo, a dificuldade é essa. É uma

penitência matar por nada, nada, nem por "honra, valor ou decência", como

diz nosso amigo aqui.

- Sim - assentiu "nosso amigo", que se virou para Marius e depois

novamente para mim.

- Beba! - Passou-me a taça.

- E quando tudo estiver pronto, Amadeo, recolha essas taças e leve-as

para casa para que eu tenha um troféu de meu fracasso e de minha

derrota, pois serão iguais, e uma lição para você também. Raramente as

coisas são tão ricas e claras como estão para mim agora. O ruivo

inclinou-se à frente, firme no namoro, e levou a taça a meus lábios. -

Davizinho, você será rei quando crescer, lembra-se? Ah, quero adorá-lo

agora, esse homenzinho de faces macias que você é, e implorar por um

salmo de sua harpa, um só, contanto que seja dado por sua livre e

espontânea vontade.

O Mestre disse baixinho:

- Você pode atender o pedido de um moribundo?

- Acho que ele está morto! - disse o homem grisalho num tom

irritantemente alto.

- Olhe, Martino, acho que o matei mesmo; a cabeça dele está sangrando

como um maldito tomate. Olhe!

- Ah, pare de falar nele! - interrompeu Martino, o ruivo, sem deixar

de me encarar. - Satisfaça o pedido de um moribundo, Davizinho -

prosseguiu ele. - Estamos todos morrendo, e eu por você, e para que você

morra comigo, só um pouquinho, em meus braços? Vamos fazer uma

brincadeirinha com isso. Vai diverti-lo, Marius De Romanus. Você me verá

montar nele e afagá-lo com um ritmo interessante, e verá uma escultura

de carne que vira uma fonte, enquanto o que eu estiver ejaculando para

dentro dele jorrar dele em minha mão.

Fechou a mão como se já tivesse segurando meu órgão. Continuava me

fitando. Depois, baixinho, disse:

- Sou macio demais para fazer minha escultura. Deixe-me beber de você.

Tenha piedade dos sedentos.

Arranquei a taça de sua mão vacilante e bebi todo o vinho. Meu corpo

se contraiu. Pensei que o vinho fosse voltar. Fiz com que descesse.

Olhei para o Mestre.

- Que feio, odeio isso.



- Ah, bobagem - disse ele sem mover os lábios. - Há beleza por todo

- Maldição se ele não estiver morto - disse o velho.

Chutou o corpo de Francisco no chão.

- Martino, estou fora daqui.

-Fique-ordenou Marius. - Eu lhe darei um beijo de boa-noite.

- Pegou o

velho pelo pulso e pulou em sua garganta, mas como terá visto isso o

ruivo, que deu apenas uma olhadela turva antes de continuar sua

adoração? Tornou a encher a taça. Ouviu-se um gemido emitido pelo homem

grisalho, ou terá sido por Marius? Eu estava petrificado. Quando ele

deixasse a vítima, eu veria ainda mais sangue fervilhando nele, e daria

o mundo para vê-lo branco novamente, meu deus de mármore, meu pai

entalhado em nossa cama íntima. O ruivo levantou-se à minha frente

debruçando-se sobre a mesa e encostou os lábios úmidos nos meus.

- Morro por você, garoto! - disse.

- Não, você morre por nada - disse Marius.

- Mestre, ele não, por favor! - gritei. Caí para trás, quase

me desequilibrando no banco. O braço do Mestre se interpôs entre nós, e

sua mão cobriu o ombro do ruivo. - Qual é o segredo - gritei

freneticamente -, o segredo de Santa Sofia, aquele no qual precisamos

acreditar?

O ruivo estava completamente atônito. Sabia que estava

embriagado. Sabia que as coisas em volta dele não faziam sentido. Mas

achou que era porque estivesse bêbado. Olhou para o braço de Marius na

frente de seu peito, e até virou-se e olhou para os dedos que lhe

seguravam o ombro. Então olhou para Marius, e eu também olhei. Marius

era humano, totalmente humano. Não havia vestígio do deus impermeável e

indestrutível. O sangue fervilhava em seus olhos e seu rosto. Estava

corado como um homem depois de uma corrida, e seus lábios estavam

ensangüentados, e, ao lambê-los, sua língua era vermelho-rubi. Ele

sorriu para Martino, o último deles, o único poupado. Martino desviou os

olhos de Marius e olhou para mim. Imediatamente, amoleceu e perdeu a

defensiva. Falou com reverência.

- Em pleno sítio, enquanto os turcos tomavam a igreja de assalto, alguns dos padres deixaram o altar de Santa Sofia - disse ele. -

Levaram o cálice do Sacramento Abençoado, o Corpo e o Sangue de Nosso

Senhor. Estão escondidos nas câmaras secretas de Santa Sofia, e no

momento exato em que recuperarmos a cidade, no momento exato em que

recuperarmos a grande igreja de Santa Sofia, quando expulsarmos os

turcos de nossa capital, esses mesmos padres voltarão. Sairão do

esconderijo e subirão a escadaria do altar, continuarão a dizer a missa

no ponto exato em que foram obrigados a parar.

- Ah - suspirei, maravilhado com isso. - Mestre - falei baixinho. Esse

é um bom segredo para salvar a vida de um homem, não é?

- Não - disse Marius. - Já conheço a história, e ele transformou nossa

Bianca em prostituta.

O ruivo esforçou-se para seguir nossas palavras, para sondar a

profundidade de nosso diálogo.

- Uma prostituta? Bianca? Dez vezes assassina, mas prostituta, não.

Nada tão simplório como uma prostituta. - Ele estudou Marius como se

achasse realmente lindo esse homem corado, excitado e apaixonado. E era

mesmo.

- Ah, mas você lhe ensinou a arte de matar - disse Marius quase terno,

massageando o ombro do homem, enquanto o envolvia por trás com o braço

esquerdo, até a mão esquerda encontrar a direita e imobilizá-lo. Ele

baixou a testa para encostar na têmpora de Martino.

-Humm-Martino estremeceu todo.-Bebi demais. Jamais ensinei uma coisa

dessas a ela.

-Ah, ensinou sim, e lhe ensinou a matar por essas quantias insignificantes.

- Mestre, o que é isso para nós?

-Meu filho perdeu a cabeça-disse Marius, ainda olhando para Martino. -

Esquece que vou matá-lo em nome de nossa doce senhora, que você passou

para trás com suas tramas piegas e sinistras.

- Ela me retribuiu um serviço - disse Martino. - Deixe-me ter o

garoto!

- Como disse?

- Você está pretendendo me matar, então me mate. Mas deixe-me ter o

garoto. Um beijo, é só o que peço. Um beijo, o mundo é isso. Estou

bêbado demais para qualquer outra coisa!

- Por favor, Mestre, não consigo suportar isso - reagi.

- Então, como suportará a eternidade, meu filho? Não sabe que é isso

que pretendo lhe dar? Que poder existe abaixo de Deus que possa me

aniquilar?

Ele me lançou um olhar furioso, porém parecia mais uma encenação do

que uma expressão sincera.

- Já aprendi minhas lições - disse eu. - Só detesto vê-lo morrer.

- Ah, sim, então você já aprendeu. Martino, beije meu filho se ele

permitir, e atenção, beije com delicadeza.

Fui eu que me debrucei na mesa então e dei meu beijo no rosto do

homem. Ele virou e abocanhou minha boca, faminto, com um bafo azedo de

vinho, mas estimulante e eletricamente quente.

As lágrimas afloraram em meus olhos, abri a boca para ele e deixei sua

língua penetrar em mim. E de olhos fechados, senti-a estremecer, e os

lábios dele se retesarem, como se transformados num muro preso a mim e

sem conseguir fechar. O Mestre o tinha, tinha sua garganta, e o beijo

foi congelado, e, chorando, tateei às cegas para encontrar em seu

pescoço o ponto exato em que o Mestre cravara os dentes malignos. Senti

os lábios aveludados do Mestre, senti os dentes duros embaixo deles,

senti o pescoço macio. Abri os olhos e afastei-me. Meu infeliz Martino

suspirou, gemeu, e fechou os lábios, e caiu para trás com os olhos

entreabertos imobilizado pelo Mestre. Virou a cabeça lentamente para o

Mestre. Num tom baixo e áspero, a voz embriagada, falou:

- Por Bianca...

- Por Bianca - repeti.

Chorei, abafando os soluços com a mão. O Mestre parou. Com a mão

esquerda, alisou o cabelo molhado e emaranhado de Martino.

- Por Bianca - disse em seu ouvido.

- Jamais...jamais deveria tê-la deixado viver - foram as últimas

palavras , suspiradas por Martino. Sua cabeça caiu para a frente sobre o

braço direito de Marius. O Mestre beijou sua nuca e deixou-o escorregar

para a mesa.

- Encantador até o fim - disse. - Intrinsecamente um

verdadeiro poeta.

Levantei, empurrando o banco para trás, e fui para o centro da sala.

Fiquei . ali aos prantos, e já não dava para abafar os soluços. Procurei

um lenço no bolso, e quando ia enxugar as lágrimas, tropecei no corpo

daquele corcunda e quase caí. Dei um grito, um grito terrível, fraco e

ignominioso. Afastei-me dele e dos corpos de seus companheiros até

encostar na tapeçaria pesada e áspera e sentir o cheiro do pó e dos fios

do bordado.

- Ah, então era isso o que você queria de mim - solucei.

Solucei de verdade. - Que eu odiasse isso tudo, que chorasse por eles,

lutasse por eles, implorasse por eles.

Ele continuava à mesa, Cristo da Última Ceia, o cabelo repartido ao

meio, o rosto brilhante, as mãos rosadas uma sobre a outra, a me olhar

com seus olhos quentes e volúveis.



- Chore por um deles, ao menos um! - disse ele. Sua voz ficou irada. -

Será pedir muito? Que uma morte seja lamentada entre tantas? -

Levantou-se da mesa. Parecia tremer de raiva. Cobriu o rosto com o lenço,

soluçando. - Por um mendigo sem nome que fazia um barco de cama não

temos lágrimas temos e nossa linda Bianca não sofrerá por termos bancado

o jovem Adônis em sua cama! E não choramos por nenhum daqueles a não ser

por este, o pior de todos, sem dúvida, porque ele nos lisonjeia, não é!

- Eu o conhecia - murmurei - Quer dizer, nesse espaço de tempo,

conheci-o e...

- E queria que os outros corressem de você, anônimos como raposas na

moita! - Apontou para as tapeçarias representando a Caçada da Corte. -

Olhe com olhos de homem para o que lhe mostrei.

A sala escureceu de repente, as muitas velas bruxulearam. Levei um

susto, mas foi apenas ele que veio postar-se à minha frente olhando para

mim, um ser febril e rubro cujo calor eu podia sentir como se cada poro

seu exalasse um hálito quente.

- Mestre - gritei, engolindo os soluços. - Está feliz com o que me

ensinou ou não? Está feliz com o que aprendi ou não! Não brinque comigo

em relação a isso! Não sou seu boneco. Não, isso nunca. O que quer que

eu seja, então? Por que essa raiva?-Estremeci todo, as lágrimas

realmentejorrando de meus olhos. - Eu queria ser forte para você, mas...

eu o conheci.

- Por quê? Por que ele o beijou? a mão esquerda e puxou-me para ele. -

Marius, pelo amor de Deus!

Ele abaixou, agarrou meu cabelo com violencia e Ele me beijou. Como

Martino havia me beijado, sua boca igualmente humana e quente. Ele

escorregou a língua na minha, e não senti sangue mas sim paixão máscula.

Seu dedo ardia em meu rosto.

Desvencilhei-me dele. Ele me soltou.

- Ah, volte para mim, meu branco frio, meu deus -  
murmurei. Deitei o

rosto em seu peito. Dava para ouvir seu coração. Eu o ouvia  
bater. Eu

nunca ouvira isso, nunca ouvira uma pulsação dentro da  
capela de pedra

de seu corpo. - Volte para mim, professor indiferente. Eu  
não sei o que

você quer.

-Ah, meu querido-murmurou ele. -Ah, meu amor. - E lá veio  
a velha

chuva diabólica de seus beijos, não o fingimento de um  
homem apaixonado,

mas sim sua afeição, macia como pétalas, tantos tributos  
deixados em meu

rosto e meu cabelo. - Ah, meu lindo Amadeo, ah, meu filho -  
disse ele.

- Quero que me ame - murmurei. - Quero que me ame e me  
leve para

dentro de você. Sou seu.

Em silêncio, ele me abraçou. Adormeci em seus ombros.  
Uma leve brisa

entrou, mas não balançou as pesadas tapeçarias em que  
senhores e damas

franceses passeavam em sua floresta eternamente verde,  
entre cães que

estariam sempre latindo e pássaros que estariam sempre  
cantando.

Finalmente, ele me soltou e recuou. Afastou-se de mim,  
cabisbaixo,

encurvado. Então, chamou-me com um gesto preguiçoso,  
no entanto, saiu da

sala depressa demais.

Desci a escadaria de pedra correndo atrás dele até a rua. As  
portas

estavam abertas quando chegamos lá. O vento frio secou  
minhas lágrimas.

Tirou o calor maligno da sala. Corri atrás dele pelo cais e  
pelas pontes

até a praça. Só o alcancei quando cheguei ao Molo, e lá  
estava ele

caminhando, um homem alto de capa e capuz vermelhos, já  
depois de São

Marcos e na direção do porto. Corri atrás dele. O vento do  
mar estava

gelado e fortíssimo. As rajadas me levavam e eu me sentia  
duplamente

purificado.

-Não me deixe, Mestre - gritei. Minhas palavras foram engolidas, mas

ele ouviu. Ele parou, como se realmente fosse por minha causa. Virou-se

e esperou que eu o alcançasse, e então pegou a mão que eu estendia.

- Mestre, ouça a minha lição - falei. - Julgue meu trabalho. -

Recobrei o fôlego às pressas e prossegui. - Vi-o beber daquelas pessoas

malignas, sentindo-se culpado de um grande crime. Vi-o tomar o sangue

com o qual precisa viver. E, à sua volta, existe esse mundo perverso,

essa selva de homens que não são melhores que os animais. Esses homens

que produzirão para você um sangue doce e rico como sangue inocente.

Estou vendo. É isso o que você pretendia que eu visse, e conseguiu.

Seu rosto estava impassível. Ele apenas me estudou. Parecia que aquela

sua febre ardente estava passando. Os archotes ao longo das arcadas ao

longe iluminavam seu rosto, que embranquecia e estava duro como nunca.

Os navios rangiam no porto. Ouviam-se murmúrios e choros talvez dos

insones ou dos que nunca dormem. Olhei para o céu, receando ver a

claridade fatal. Ele já teria partido.

- Se eu beber uma coisa dessas, Mestre, o sangue dos maus e daqueles

que eu dominar, ficarei como você?

Ele balançou a cabeça negando.

- Muitos homens já beberam sangue de outro homem, Amadeo - o tom de

sua voz era baixo porém calmo. Ele estava de novo de posse de seu juízo,

sua maneira de ser, o que parecia ser sua alma. - Você ficaria comigo e

seria meu pupilo e meu amor?

- Sim, Mestre, para sempre, ou pelo tempo que a natureza nos der. -Ah,

não falei em sentido figurado. Somos imortais. E só um inimigo pode nos

destruir: é o fogo que arde naquele archote ali, ou no sol nascente. É

doce pensar que, quando afinal estivermos cansados de todo esse mundo,

há o sol nascente. - Sou seu, Mestre. - Abracei-o e tentei vencê-lo com

beijos. Ele os suportou, e até sorriu, mas não se mexeu.

Porém quando parei e cerrei o punho direito como se fosse lhe dar um

soco, coisa que eu jamais faria, para meu espanto, ele começou a ceder.

Virou-se e me estreitou naquele seu abraço forte e sempre cuidadoso.

- Amadeo, não posso continuar sem você - falava num tom baixo e

desesperado. - Eu pretendia lhe mostrar o mal, não um esporte. Pretendia

lhe mostrar o preço perverso de minha imortalidade. E mostrei. Mas, ao

mostrar, eu mesmo vi esse preço, e meus olhos estão ofuscados e estou

magoado e cansado.

Encostou a cabeça na minha, e me abraçou com força.

-Faça o que quisercomigo, Mestre. Faça-me sofrere desejo sofrimento,

se for o que você quiser. Sou o seu bobo. Sou seu.

Ele me soltou e me beijou formalmente.

- Quatro noites, meu menino - disse ele. Afastou-se. Beijou os dedos e

plantou esse último beijo em meus lábios, e foi-se embora. - Estou indo

para um dever antigo. Quatro noites. Até lá.

Fiquei sozinho na friagem da madrugada. Fiquei sozinho debaixo de um

céu pálido. Eu sabia que não deveria procurá-lo. Deprimidíssimo, voltei

pelos becos, cortando caminho por pontezinhas para vagar no coração da

cidade desperta, para que eu não sabia. Fiquei um tanto surpreso ao

perceber que havia voltado para a casa dos homens assassinados. Fiquei

surpreso ao ver a porta da casa ainda aberta, como se a qualquer momento

fosse aparecer um criado. Ninguém apareceu. Lentamente, o céu foi

clareando e se tingindo de um azul esmaecido. Uma névoa pairava ao longo

do canal. Atravessei a pontezinha, entrei na casa e subi. Uma claridade



embaçada entrava pelas venezianas. Encontrei o salão de banquetes onde

as velas ainda ardiam. O cheiro de fumo, cera e comida picante estava

próximo e impregnava o ar. Não se ouvia outro som senão o zumbido das

moscas. O vinho derramado secara na mesa formando poças. Os cadáveres

estavam livres de todas aquelas marcas furiosas da morte.

Tornei a ficar enjoado, trêmulo de tão enjoado. E respirei fundo para

não vomitar. Então percebi por que viera. Os homens naquela época usavam

capas curtas sobre asjaquetas, às vezes presas, como você deve saber. Eu

precisava de uma, e peguei-a, arrancando-a do corcunda, que estava quase

deitado de cara no chão. Era uma fulgurante capa amarelo-canário

debruada de raposa branca e forrada de seda pesada. Amarrei suas pontas

formando um saco e corri a mesa dos dois lados recolhendo as taças,

esvaziando-as antes de guardá-las no saco. Logo o saco ficou vermelho

com as sobras do vinho e a gordura da mesa onde eu o  
pousava. Quando

terminei, esperei para certificar-me de que não me escapara  
nenhuma

taça. Eu pegara todas. Estudei os defuntos - meu ruivo  
Martino

adormecido, o rosto no mármore nu, numa poça de vinho, e  
Francisco, de

cuja cabeça escorria um filete de sangue escuro. As moscas  
zumbiam em

cima do sangue como da gordura em volta dos restos do  
assado de porco.

Um batalhão de besourinhos pxetos, muito comuns em  
Veneza pois vêm na

água, atravessava a mesa rumo ao rosto de Martino. Uma  
luz silenciosa e

cálida entrava pela porta. Amanhecera. Dei uma olhada  
geral, que gravou

em minha mente os detalhes desta cena para todo o  
sempre, e fui para

casa.

Os rapazes estavam acordados e ocupados quando cheguei.  
Um velho

carpinteirojá estava lá, consertando a porta que eu  
destruíra a

machadadas. Entreguei à criada aquele saco volumoso cheio de taças

chacoalhando, e ela, sonolenta e tendo acabado de chegar, o pegou sem

comentários. Senti uma tensão por dentro, uma sensação súbita e

desagradável de que eu iria explodir. Meu corpo parecia pequeno demais,

um continente demasiado imperfeito para tudo o que eu sabia e sentia.

Minha cabeça latejava. Eu queria me deitar, mas primeiro precisava falar

com Riccardo. Precisava encontrar os tu precisava. Andei a casa toda até

deparar com eles, reunidos para uma aula com o jovem advogado que vinha

de Pádua só umas duas vezes por mês para nos iniciar no direito.

Riccardo viu-me à porta e fez sinal para que eu ficasse calado. O

professor estava falando.

Eu não tinha nada a dizer. Apenas fiquei encostado na porta, olhando

meus amigos. Eu os amava. Sim, eu os amava. Daria a vida por eles! Eu

sabia disso, e com um alívio tremendo comecei a chorar.  
Riccardo viu que

eu me afastava e, saindo da sala, veio a mim.

- O que foi, Amadeo? - perguntou.

Eu estava alucinado demais com meu próprio tormento.  
Tornei a ver

o jantar do massacre. Virei-me para Riccardo e estreitei-o em  
meus

braços, reconfortado com seu calor e sua textura humana  
comparada à do

Mestre, e contei-lhe que daria a vida por ele, por qualquer  
um deles,

pelo Mestre também.

- Mas por que, o que é isso, por que me confessar isso  
agora? -

perguntou ele.

Eu não podia lhe contar sobre o massacre. Não podia lhe  
contar sobre a

minha frieza diante dos homens morrendo.

Fui para o quarto do Mestre, deitei-me e tentei dormir.

No fim da tarde, quando acordei com as portas fechadas,  
levantei da

cama e fui para a escrivaninha do Mestre. Para meu  
espanto, vi o livro

ali, o livro que ficava sempre escondido. Obviamente eu não podia

folheá-lo, mas estava aberto numa página toda escrita em latim, e embora

parecesse um latim estranho, e difícil para mim, não havia como

interpretar errado as palavras finais:

"Como pode tanta beleza esconder um coração tão ferido e inflexível, e

por que preciso amá-lo, por que preciso apoiar-me com minha fraqueza em

sua força irresistível ainda que indômita? Não é ele o espírito funéreo

e murcho de um morto vestido de criança?"

Senti uma dormência estranha no couro cabeludo e nos braços.

É isso que eu era? Um coração ferido e insensível! O espírito funéreo

e murcho de um morto vestido de criança? Ah, mas eu não poderia negar

isso; não poderia dizer que não fosse verdade. E no entanto quão

doloroso, quão definitivamente cruel parecia. Não, cruel, não,

simplesmente implacável e preciso, e com que direito eu esperava

qualquer outra coisa?

Comecei a chorar.

Deitei em nossa cama, como era meu costume, e afofei os travesseiros

mais macios, fazendo um ninho para meu braço esquerdo dobrado e minha

cabeça. Quatro noites. Como iria eu resistir a isso? O que ele queria de

mim? Que eu me lançasse para todas as coisas que eu conhecia e amava e

me retirasse delas como um garoto mortal. Era isso que ele mandaria. E o

que eu devia fazer. O destino me concedia só umas poucas horas.

Fui acordado por Riccardo, que pôs na minha cara um bilhete lacrado.

- Quem enviou isso? - perguntei sonolento. Sentei-me na cama e ,

enfiando o polegar na dobra do papel, rompi o lacre.

-Leia e me conte. Quatro homens vieram entregá-lo. Um grupo de quatro.

Deve ser uma coisa importantíssima.

- É-concordei desdobrando o papel -, e para fazê-lo ficar tão assustado também. Ele ficou ali em pé de braços cruzados. Li.

"Meu querido e adorado, Fique dentro de casa. Em hipótese nenhuma saia

de casa, e barre quem tentar entrar. Seu perverso lorde inglês, o

marquês de Harlech, descobriu sua identidade por meio dos expedientes

mais inescrupulosos, e, em sua loucura promete levá-lo de volta com ele

para a Inglaterra ou deixá-lo desfeito à porta de seu Mestre. Confesse

tudo a seu Mestre. Só a força dele pode salvá-lo. E mande-me mesmo alguma

coisa escrita, ou eu também perderei a cabeça por sua causa, e por causa

das histórias de horror contadas hoje de manhã em cada canal e cada

praça para todos ouvirem. Sua dedicada Bianca."

O VAMPIRO ARMAND

- Bem, droga-suspirei dobrando a carta.-Marius vai passar quatro dias

fora, e agora isso. Deverei me esconder debaixo desse teto durante essas

quatro noites cruciais?

- É melhor - disse Riccardo.

- Então você sabe da história.

-Bianca me contou. O inglês, depois de localizá-lo aqui e ter ouvido

dizer que você estava aqui o tempo todo, ia destruir a casa dela se os

convidados todos não o tivessem detido.

- E porque não o mataram, pelo amor de Deus - disse eu enojado. Ele

pareceu preocupadíssimo e solidário.

- Acho que contavam com o nosso Mestre para isso - disse - já que é

você que o homem deseja. Como pode ter certeza de que o Mestre vai

passar quatro noites fora? Quando ele já disse esse tipo de coisa? Ele

entra e sai sem avisar ninguém.

- Humm, não discuta comigo - respondi pacientemente. - Riccardo, ele

vai passar quatro noites sem vir aqui, e eu não vou ficar trancado nessa

casa, não enquanto Lorde Harlech provocar baixaria.



- É melhor você ficar aqui ! - respondeu Riccardo. - Amadeo, esse

inglês é um espadachim famoso. Pratica com um mestre do esgrima. É o

terror das tabernas. Você viu isso quando o conheceu. Pense no que faz.

Ele é famoso pelo que é negativo, não por nada de positivo.

- Então venha comigo. Você só precisa distraí-lo e eu o pego.

-Não, você é um bom espadachim, de fato, mas não conseguirá pegar um

homem que já treinava com a espada antes de você nascer.

Deiteime novamente no travesseiro. O que eu deveria fazer? Estava

louco para sair no mundo, louco para olhar as coisas com essa grande

noção de teatralidade e significação de meus últimos dias entre os

vivos, e agora isso! E o homem que valera algumas noites de prazer

violento sem dúvida estava apregoando aos quatro ventos seu

descontentamento.

Parecia ruim, mas eu precisava ficar em casa. Não havia o que

fazer. Eu queria muito matar esse homem, matá-lo eu mesmo com meu punhal

ou minha espada, e embora eu tivesse uma boa chance para isso, o que era

essa aventura insignificante diante do que me esperava quando o Mestre

voltasse? O fato era que eu já havia deixado o mundo das coisas normais,

o mundo das contas a acertar, e não poderia ser atraído para uma tolice

capaz de me privar do estranho destino para o qual eu caminhava.

- Muito bem, e Bianca está a salvo desse homem? - perguntei a

Riccardo.

- Bastante. Ela tem tantos admiradores que não cabem na porta de sua

casa, e pôs todos contra ele e a seu favor. Agora, escreva-lhe um

bilhete de agradecimento sensato e me jure também que vai ficar dentro

de casa.

Levantei-me e fui para a escrivaninha do Mestre. Peguei a pena. Fui

detido por um barulho terrível, seguido por uma série de gritos agudos e

irritantes. Os gritos ecoavam pelas salas de pedra da casa. Ouvi uma

correria. Riccardo deu um pulo, alerta, e segurou o punho da espada.

Peguei minhas armas, desembainhando meu florete e meu punhal.

- Meu bom Jesus, o homem não pode estar aqui em casa.

Um grito terrível abafou os outros.

O menor de nós, Giuseppe, apareceu à porta lívido, os olhos arregalados.

- O que diabos está havendo? - perguntou Riccardo, segurando-o.

- Ele foi ferido. Olhe, está sangrando! - eu disse.

- Amadeo, Amadeo - meu nome ecoava na escadaria de pedra. Era a voz do

inglês. O garoto se dobrava de dor. O ferimento era na barriga, da maior

crueldade.

Riccardo estava fora de si.

- Feche as portas! - gritou.

- Como posso fazer isso - retruquei -, quando os outros rapazes podem

topar com ele?

Corri para o salão e para o portego, o grande salão da casa. Outro

rapaz, Jacope, estava todo encolhido, ajoelhado no chão. Vi o sangue

escorrendo nas pedras.

- Ah, isso não é justo; isso é um massacre de inocentes! - gritei. -

Lorde Harlech, apareça. Você vai morrer.

Ouvi Riccardo gritar atrás de mim. O menino obviamente estava morto.

Corri para a escada.

- Lorde Harlech, estou aqui! - gritei. - Apareça, seu covarde selvagem

, seu assassino de crianças! Tenho uma mó pronta para seu pescoço!

Riccardo me fez girar.

- Lá, Amadeo - murmurou. - Estou com você. - Sua espada zuniu quando

ele a sacou. Ele era muito melhor espadachim do que eu, mas esta batalha

era minha.

O homem estava no fundo do portego. Eu esperava que ele estivesse

embriagado e trôpego, mas não tive essa sorte. Vi num instante que

qualquer sonho de me levar à força que ele porventura tivesse já se

esvanecera. Ele matara dois garotos e sabia que sua luxúria o levava a

essa situação fatal. Este dificilmente era um inimigo incapacitado pelo

amor.

- Meu Jesus, ajude-nos! - murmurou Riccardo.

- Lorde Harlech! - gritei. - Você tem a ousadia de transformar a casa

de meu Mestre em matadouro! - Afastei-me de Riccardo, abrindo espaço

para nós dois, e fiz um gesto para que ele se adiantasse, afastando-se

do final da escada. Sopesei o florete. Não era suficientemente pesado.

Por Deus, desejei ter treinado mais.

O inglês veio em minha direção, um homem mais alto do que eu havia

notado antes, com braços muito compridos, o que seria uma grande

vantagem, a capa esvoaçando, os pés calçados com botas pesadas, o

florete em riste e o punhal italiano comprido na outra mão. Pelo menos

ele não tinha uma espada de verdade e pesada. Embora o enorme salão o

fizesse parecer menor, mesmo assim ele era alto e tinha uma exuberante

cabeleira cor de cobre. Seus olhos azuis estavam injetados de sangue,

mas tinha firmeza no andar e no olhar assassino. Seu rosto estava

molhado de lágrimas amargas.

- Amadeo - gritou ele ao entrar no amplo salão. - Você me arrancou o

coração do peito enquanto eu estava vivo e respirando, e o levou com

você! Estaremos juntos essa noite no Inferno!

-- 6 --

O alto e comprido portego de nossa casa, a sala de entrada, era um

lugar perfeito para se morrer. Não havia nada ali dentro para estragar

seu deslumbrante piso de mosaicos com aqueles círculos de mármore de

diversas cores e aquele padrão festivo de flores e passarinhos selvagens

em volutas. Tínhamos o campo inteiro para lutar, sem nenhuma cadeira no

caminho para nos impedir de matar um ao outro. Avancei no inglês antes

de tertido tempo de admitir de fato que eu ainda não era muito bom

espadachim, nunca demonstrarajeito para aquilo e não tinha idéia do que

o Mestre gostaria que eu fizesse agora, isto é, o que me aconselharia a

fazer se ali estivesse. Fiz várias investidas ousadas contra lorde

Harlech, que ele defendeu com tanta facilidade que eu deveria ter

desanimado. Mas quando achei que iria recobrar o fôlego e talvez até

fugir, ele me acertou uma punhalada no braço esquerdo. O corte doeu e me

enfureceu. Tornei a atacá-lo, agora conseguindo com muita sorte

atingi-lo na garganta. Foi apenas um arranhão, mas sangrava copiosamente

em sua túnica, e ele ficou com tanta raiva quanto eu de ter-se cortado.

- Seu diabinho desgraçado e horroroso - disse. - Você me fez adorá-lo

para me atrair e me esquartejar a seu bel-prazer. Prometeu que voltaria!

De fato, ele usou esse tipo de barragem verbal o tempo todo em que

lutamos. Parecia precisar disso, como se fosse o tambor e o pífaros que

incitavam os soldados.

- Venha agora, seu anjinho desprezível, vou cortar essas suas asas!

gritou.

Ele me fez recuar com uma saraivada rápida de golpes. Tropecei,

desequilibrei-me e caí, mas consegui me levantar, aproveitando que

estava abaixado para acertá-lo perigosamente perto do escroto enquanto

me punha de pé, o que o sobressaltou. Investi contra ele, sabendo agora



que arrancar aquilo não levava a nada. Ele se esquivou de minha lâmina,

riu de mim e me acertou com o punhal, agora no rosto.

- Porco! - gritei antes de conseguir me deter. Eu não sabia que era

tão vaidoso. No rosto, nada menos que isso. Ele o cortara. Meu rosto.

Senti o sangue jorrando como jorra de ferimentos na face, e tornei a

investir contra ele, agora esquecendo todas as regras do duelo e

golpeando o ar com minha espada numa série alucinada e furiosa de

círculos. Então, enquanto ele se defendia freneticamente à direita e à

esquerda, abaixei-me rapidamente e cravei-lhe o punhal no ventre,

rasgando-o para cima até ser detido por seu cinturão de couro incrustado

de ouro. Recuei enquanto ele procurava me massacrar com as duas armas.

Então ele largou-as e, como fazem os homens, levou as mãos ao ferimento

que expelia ar. Caiu de joelhos.

- Acabe com ele! - gritou Riccardo. Ficou recuado, como um homem

honrado.-Acabe com ele agora, Amadeo, senão eu acabo. Pense no que ele

fez embaixo desse teto.

Ergui a espada. O homem de repente agarrou a dele com a mão

ensangüentada e brandiu-a para mim, gemendo, com esgares de dor.

Levantou-se e investiu para mim a um só tempo. Pulei para trás. Ele caiu

de joelhos. Passava mal e tremia. Largou a espada, tornando a segurar

seu ventre ferido. Não morreu, mas não podia continuar lutando.

- Ah, Deus-disse Riccardo. Agarrou seu punhal. Obviamente conseguiria

liquidar o homem desarmado.

O inglês caiu de lado, encolhendo-se. Fazia esgares e deitou a cabeça

no chão de pedra, com uma expressão formal ao respirar fundo. Lutava com

uma dor terrível e a certeza de que iria morrer.

Riccardo adiantou-se e encostou a ponta da espada no rosto de lorde

Harlech.

- Ele está morrendo, deixe-o morrer - falei. Mas o homem continuava

respirando. Eu queria matá-lo, queria mesmo, mas era impossível matar

alguém deitado ali assim tão plácido e tão corajoso. Seu olhar assumiu

uma expressão sábia, poética.

- E então isso termina aqui -disse ele num tom baixo que talvez

Riccardo nem tenha ouvido.

- Sim, termina - disse eu.

- Acabe nobremente com isso.

- Amadeo, ele assassinou as duas crianças! - gritou Riccardo.

- Pegue seu punhal, lorde Harlech! - chutei a arma para ele.

Empurrei-a bem em sua mão. - Pegue-a, lorde Harlech. - O sangue me

escorria pelo rosto e pelo pescoço, viscoso, fazendo cócegas. Era

insuportável. Eu preferia limpar meus ferimentos a me incomodar com meu

oponente.

Ele virou de barriga para cima. O sangue saía de sua boca e de suas

entranhas. O rosto estava molhado e brilhante, e a respiração, muito

difícil. Ele parecia jovem de novo, jovem como parecera ao me ameaçar,

um garoto que crescera demais com uma xamejante cabeleira encaracolada.

- Pense em mim quando começar a suar, Amadeo - disse ele, num tom

ainda baixo, e agora rouco. - Pense em mim quando perceber que sua vida

também terminou.

- Passe-o na espada - murmurou Riccardo. - Ele pode levar dois dias

para morrer com esse ferimento.

- E você não terá os dois dias - retrucou lorde Harlech do chão,

arquejando -, com os cortes envenenados que lhe fiz. - Está sentindo nos

olhos? Seus olhos estão ardendo, não, Amadeo? O veneno entra no sangue e

ataca primeiro os olhos. Está tonto?

-Seu filho da mãe-disse Riccardo. Ele espetou o florete no homem, uma

vez, duas, três, por cima da túnica. Lorde Harlech contraiu o rosto.

Pestanejou, e de sua boca saiu uma última gota de sangue. Estava morto.

- Veneno? - murmurei. - Veneno na lâmina? -  
instintivamente, levei a

mão ao corte que ele me fizera no braço. Meu rosto, porém, trazia o

ferimento mais profundo.

- Não toque na espada dele. Veneno!

- Ele estava mentindo, venha, deixe-me lavá-lo-falou  
Riccardo.-Não há

tempo a perder.

Ele tentou tirar-me dali.

- O que vai fazer com ele, Riccardo! O que podemos fazer!  
Estamos aqui

sem o Mestre. Há três mortos nessa casa, talvez mais.  
Enquanto eu

falava, ouvi passos nos dois extremos do grande salão. Os  
meninos

estavam saindo dos esconderijos, e com eles vi um dos  
professores, que

aparentemente os estava mantendo fora do caminho. Eu  
estava dividido

quanto a isso. Mas os meninos eram todos crianças, e o professor andava

desarmado, era um erudito indefeso. Os garotos mais velhos todos já

havam saído, como era o costume pela manhã. Ou assim pensei.

- Vamos, precisamos levar todos eles para um lugar decente  
- eu disse.

- Não toquem nas armas. - Fiz sinal para os pequenos se aproximarem.

Vamos levá-lo para o melhor quarto, venha. E os meninos também.

Enquanto se esforçavam para obedecer, alguns dos meninos começaram a

chorar.

- Você, dê uma mão aqui! - disse eu ao professor. - Cuidado com as

armas envenenadas. - Ele arregalou os olhos para mim.

- É sério. É veneno.

- Amadeo, você está todo sangrando! - gritou ele em pânico.

- Que

armas envenenadas? Santo Deus, salve a nós todos!

-Ah, pare com isso- interrompi. Mas já não conseguia agüentar aquela

situação, e, enquanto Riccardo se encarregava de transportar os corpos,

corri para o quarto do Mestre para cuidar de meus ferimentos.

Na pressa, derramei toda a água do gomil na bacia, e peguei uma toalha

para aparar o sangue que me escorria do pescoço para dentro da camisa.

Uma sujeira viscosa.

Praguejei. Minha cabeça flutuava, e quase caí. Segurando a borda da

mesa, disse a mim mesmo que não fosse o bobo de lorde Harlech. Riccardo

tinha razão. Lorde Harlech inventara aquela mentira sobre o veneno!

Envenenar a lâmina, pois sim!

Mas enquanto eu me dizia isso, vi um arranhão, aparentemente feito por

seu florete no dorso de minha mão direita. Minha mão inchava como se

tivesse sido picada por um inseto venenoso. Toquei em meu braço e em meu

rosto. Os ferimentos estavam inchando grandes vergões formando-se atrás

dos cortes. A tonteira voltou. O suor escorria de mim para dentro da

bacia, que agora estava cheia de uma água vermelha que parecia vinho.

- Ah, meu Deus, o Diabo fez isso comigo - disse eu. Virei-me e o

quarto inteiro começou a adernar e a balançar. Cambaleei.

Alguém me segurou. Nem sequer vi quem era. Tentei dizer o nome de

Riccardo, mas a língua estava grossa em minha boca.

Sons e cores misturaram-se num borrão quente e pulsante. Então, com

uma clareza espantosa, vi o baldaquim bordado da cama do Mestre no alto.

Riccardo estava em cima de mim. Ele falava comigo depressa e num tom

algo desesperado, mas eu não conseguia entender o que ele dizia. Na

verdade, parecia que ele falava uma língua estrangeira, bonita, muito

doce e melodiosa, mas eu não entendia uma palavra.

- Estou com calor - eu disse. - Estou ardendo, estou tão quente que

não dá para agüentar. Preciso de água. Ponha-me na banheira do Mestre.



Ele não pareceu de todo ter-me ouvido. Continuava com aquele seu

discurso óbvio. Senti sua mão em minha testa, e ela me queimava,

positivamente me queimava. Pedi-lhe que não encostasse em mim, mas isso

ele não ouviu, e nem eu! Eu nem estava falando. Eu queria falar, mas

minha língua estava muito pesada e muito grande. você vai pegar o

veneno, eu queria dizer. Não conseguia. Fechei os olhos. Felizmente,

adormeci. Vi um grande mar fervilhando, na costa da ilha do Lido, cheio

de ameias e lindo ao sol do meio-dia. Eu estava flutuando nesse mar,

talvez numa pequena barca, ou então boiando de costas mesmo. Eu não

sentia a água propriamente dita, mas parecia que não havia nada entre

mim e aquelas ondas suaves que eram grandes e lentas e fáceis e me

levavam para cima e para baixo. Ao longe, uma grande cidade reluzia na

costa. Primeiro achei que fosse Torcello, ou até Veneza, e que eu havia

sido virado de alguma forma e ia boiando no rumo da ilha.  
Então vi que

era muito maior que Veneza, com grandes torres  
pontiagudas espelhadas,

como se fossem inteiramente de vidro. Ah, era tão lindo.

- Estou indo para lá? - perguntei.

As ondas pareciam me envolver, não como se estivessem  
me afogando, mas

sim como se fossem apenas um cobertor pesado de luz  
silenciosa. Abri os

olhos. Vi o vermelho do baldaquim de tafetá lá em cima. Vi  
a franja

dourada pregada no cortinado de veludo da cama, e depois  
vi Bianca

Solderini ali. Ela segurava um pano.

-Não havia veneno suficiente naquelas lâminas para matá-  
lo-disse ela.

- O veneno só o deixou indisposto. Agora, me escute,  
Amadeo, você

precisa respirar com convicção e ter força de vontade para  
lutar contra

essa indisposição e ficar bom. Você precisa pedir ao próprio  
ar para

fortalecê-lo, e ter fé nisso, isto é, precisa respirar fundo e

lentamente, sim, exatamente, e precisa perceber que esse veneno está

saindo em seu suor, e não deve acreditar nesse veneno, e não deve ter

medo.

- O Mestre saberá - disse Riccardo. Parecia esgotado e infeliz, e seus

lábios tremiam. Seus olhos estavam marejados. Ah, sinal agourento, com

certeza. - O Mestre saberá de alguma forma. Ele sabe de tudo. O Mestre

interromperá a viagem e voltará para casa.

- Lave o rosto dele - disse Bianca calmamente. - Lave o rosto dele e

fique calado.

Como era corajosa!

Eu mexia a língua mas não conseguia articular palavras. Queria dizer

que eles precisavam me avisar quando o sol se pusesse, pois só então o

Mestre poderia chegar. Era certo que havia uma chance. Só então. Ele

poderia aparecer.

Virei a cabeça para outro lado, evitando-os. O pano me queimava.

- Devagarinho, com calma - disse Bianca. - Inspire, sim, e não tenha

medo.

Passei um bom tempo ali deitado, pairando logo abaixo do estado de

consciência plena, e agradecido pelo fato de suas vozes não serem

estridentes, e o contato deles não ser dos mais terríveis, mas sua era

horrível, e eu estava desesperado para me refresca.

Agitei-me e tentei me levantar uma vez, mas fiquei terrivelmente

enjoadado, a ponto de vomitar. Com grande alívio, percebi que eles haviam

me deitado de costas.

- Segure minhas mãos - disse Bianca, e senti seus dedos

segurando os meus, tão pequenos e tão quentes, quentes como tudo mais,

quente como o Inferno, pensei, mas eu estava enjoado demais para pensar

em Inferno, enjoado demais para pensar em qualquer coisa senão vomitar

as entranhas numa bacia e chegar a algum lugar fresco. Ah, abram

asjanelas, abram asjanelas para o frio entrar. Não me importo, abram!

Parecia bastante desagradável que eu pudesse morrer, e nada mais.

Sentir-me melhor era muito mais importante, e nada me perturbava em

relação à minha alma ou a qualquer mundo que estivesse por vir. Então,

bruscamente, tudo mudou.

Senti-me subir, como se alguém tivesse me puxado da cama pela

cabeça e quisesse fazer-me passar pelo baldaquim e pelo teto do quarto.

De fato, olhei para baixo, e para meu grande espanto vi-me deitado na

cama. Vi-me como se não tivesse baldaquim sobre meu corpo para bloquear

a visão. Eu parecia muito mais bonito do que jamais pensara ser. Entenda,

isso era absolutamente imparcial. Eu não exultava com minha própria

beleza. Só pensei: que lindo rapaz. Como foi bem aquinhado por Deus!

Olhe para suas mãos esguias e delicadas, como elas jazem  
ao lado dele, e

olhe para o ruivo fechado de seu cabelo. E aquele era eu o  
tempo todo, e

eu não sabia disso nem pensava nisso, nem imaginava que  
efeito causava

naqueles que me viram enquanto eu circulava na vida.

Eu não acreditava em suas lisonjas. Só tinha desprezo por  
sua paixão.

De fato, até o Mestre antes parecera um ser fraco e  
desiludido por

jamais ter me desejado.

Mas eu agora entendia por que as pessoas tinham de certa  
forma

enlouquecido. O garoto morrendo ali na cama, o garoto que  
era a causa

das lágrimas ali naquele amplo quarto, o garoto parecia a  
personificação

da pureza e a personificação da juventude à beira da vida.

O que não fazia sentido para mim era a comoção no quarto.  
Por que todo

mundo estava chorando? Vi um padre à porta, um padre  
que eu conhecia de

uma igreja próxima e eu podia ver que os meninos  
discutiam com ele e não

queriam deixá-lo perto de mim enquanto eu estava na cama, receando que

eu tivesse medo.

Tudo aquilo parecia uma embrulhada sem sentido. Riccardo não devia

torcer as mãos. Bianca não devia trabalhar tanto com aquele pano molhado

e aquelas palavras meigas mas obviamente desesperadas. Ah, pobre

criança, pensei. Você poderia ter tido um pouco mais de compaixão por

todo mundo se soubesse como era lindo, e poderia ter se achado um

pouquinho máis forte e capaz de ganhar algo para você mesmo. Por isso,

you pregou peças astutas naqueles que o cercavam, porque não acreditava

em você mesmo nem sequer sabia quem era. Parecia muito claro o erro

disso tudo. Mas eu estava indo embora desse lugar! A mesma correnteza

que havia me sugado daquele lindo corpojovem que jazia na cama me puxava

para dentro de um túnel de vento feroz e uivante.

O vento rodopiava em volta de mim, encerrando-me e estreitando-me

completamente nesse túnel, mas eu conseguia ver outros seres ali que

observavam enquanto estavam presos no turbilhão e eram levados pela

fúria incessante desse vento. Vi olhos me fitando. Vi bocas abertas como

que em agonia. Fui sendo puxado cada vez mais para cima nesse túnel. Não

senti medo, mas senti uma fatalidade. Eu não podia me ajudar.

Esse foi seu erro quando você estava naquele garoto ali embaixo,

peguei-me pensando. Mas isso realmente não tem jeito. E, como concluí,

cheguei ao fim desse túnel. Ele se dissolveu. Eu estava na costa daquele

lindo mar fervilhante. Eu não estava molhado das ondas, mas eu as

conhecia, e disse em voz alta: "Ah, estou aqui, cheguei em terra! Olhe,

lá estão as torres de vidro." Quando ergui os olhos, vi que a cidade

estava longe, depois de uma série de colinas verdejantes, e que uma



trilha levava a ela, e que o caminho era deslumbrantemente florido de

ambos os lados. Eu nunca vira flores daquele tipo, nunca vira aquelas

formas e aquelas formações de pétalas, e nunca vira aquelas cores na

vida. Não havia nomes no cânone artístico para aquelas cores. Eu não

podia nomeá-las com os poucos rótulos fracos e inadequados que eu

conhecia.

Ah, iriam os pintores de Veneza algum dia se espantar com essas cores,

pensei. E imaginar como elas transformariam nosso trabalho, como

inflamariam nossos quadros se ao menos pudessem ser descobertas em

alguma fonte que pudesse ser transformada em pigmento e misturada com

nossos óleos. Mas que coisa inútil ! Já não era mais necessário

pigmento. Toda a glória que a cor pudesse realizar estava aqui revelada

nesse mundo. Eu via isso nas flores; via na relva diversa. Via no céu

infinito que se erguia lá em cima e por trás da cidade  
ofuscante ao

longe, e o céu também cintilava com sua grande harmonia  
de cores,

misturando-se e tremeluzindo como se as torres dessa  
cidade antes fossem

de uma milagrosa energia vicejante do que de matéria ou  
massa morta

terrena.

Uma grande gratidão emanava de mim; todo o meu ser  
entregou-se a essa

gratidão.

- Senhor, agora estou vendo - disse eu em voz alta. - Vendo  
e

entendendo. - Naquele instante realmente me pareciam  
muito claras as

implicações dessa beleza variada e cada vez maior, desse  
mundo pulsante

e radioso. Era algo tão impregnado de significação que tudo  
era

respondido, tudo era inteiramente solucionado.

Murmurei a palavra "sim" repetidas vezes. Balançava a  
cabeça

afirmativamente, e depois achei um absurdo me dar ao  
trabalho de dizer

com palavras qualquer coisa que fosse.

Uma grande força emanava da beleza. Essa força me cercava como se

fosse o ar ou uma brisa ou a água, mas não era nada disso. Era muito

mais rarefeita e difusa, e, embora me sustentasse com um poder incrível,

era invisível e não tinha pressão nem forma palpável. A força era o

amor. Ah, sim, pensei, é o amor, é o amor completo, e, em sua

completude, o amor dá sentido a todas as coisas que já conheci na vida,

cada decepção, cada mágoa, cada passo em falso, cada abraço, cada beijo

não passava de um vislumbre dessa aceitação e desse bem sublime, pois os

maus passos me mostraram o que me faltava, e as coisas boas, os abraços,

me mostraram um lampejo do que o amor poderia ser.

Minha vida absolutamente toda, sem excluir nada, ganhou sentido com

esse amor, e, ao me maravilhar com esse fato, aceitando-o completamente

e sem pressa nem questionamento, iniciou-se um processo milagroso. Minha

vida inteira veio a mim na forma de todas as pessoas que eu já

conhecera.

Vi minha vida desde os primeiros momentos ao instante que me levara

até ali. Não era uma vida terrivelmente notável; não tinha grandes

segredos nem reviravoltas nem matérias prenhes que tivessem transformado

meu coração. Pelo contrário, era apenas uma série de milhares de

acontecimentos insignificantes, e esses acontecimentos envolviam todas

as almas que eu já tocara; agora eu via os sofrimentos que eu infligira

e as palavras ditas por mim que trouxeram alívio, e vi o resultado das

coisas mais sem importância que eu fizera. Vi o salão de banquetes dos

florentinos, e, novamente no meio deles, vi a solidão que os levou à

morte. Vi o isolamento e a tristeza de suas almas enquanto lutavam para

continuar vivos.

O que eu não conseguia ver era o rosto do Mestre. Não conseguia ver

quem ele era. Não conseguia enxergar dentro de sua alma. Mas isso não

tinha importância. Na verdade, só percebi depois, quando tentei recontar

tudo. O que importava agora era só que eu entendia o que significava

querer bem aos outros e querer bem à vida propriamente dita. Percebi o

que significava quando eu pintava paisagens, não as paisagens rubras e

sanguinolentas e vibrantes de Veneza, mas sim aquelas em estilo

bizantino antigo, que antes fluíam do meu pincel com tanta naturalidade

e perfeição. Vi então que eu pintara coisas maravilhosas e vi os efeitos

do que eu pintara... e pareceu então que uma quantidade imensa de

informações me inundava. De fato, aquilo era de uma riqueza tão grande e

tão fácil de compreender que senti uma enorme alegria leve.

O conhecimento era parecido com o amor e com a beleza;  
de fato,

percebi com uma grande felicidade triunfante que isso tudo  
- o

conhecimento, o amor e a beleza - era uma coisa só.

- Ah, sim, como alguém podia não ver isso. É tão simples! -  
pensei.

Tivesse eu um corpo com olhos, eu teria chorado, mas seria  
um pranto

doce. De qualquer forma, minha alma venceu todas as  
coisas pequenas e

enervantes. Fiquei quieto, e o conhecimento, os fatos, por  
assim dizer,

as centenas e centenas de pequenos detalhes que eram  
gotículas

transparentes de um fluido mágico que me percorria e me  
penetrava,

enchendo-me e se esvaindo para dar lugar a mais daquela  
grande chuva de

verdade - tudo isso pareceu desaparecer de repente.

Lá longe estava a cidade de vidro e, mais além, um céu  
azul, azul como

o céu de meio-dia, só que ostentava todas as estrelas  
conhecidas.

Saí para a cidade. De fato, saí com tal ímpeto e tal convicção que

foram necessárias quatro pessoas para me segurar. Parei. Estava

espantado. Mas eu conhecia esses homens. Eram padres, velhos padres de

minha terra natal, que haviam morrido muito antes de eu sequer ter

atendido a meu chamado, que estava bem claro para mim, e eu sabia seus

nomes e como eles haviam morrido. Na verdade, eram os santos de minha

cidade e das grandes catacumbas de onde eu vivera.

- Por que me seguram - perguntei. - Onde está meu pai? Ele está aqui

agora, não?-Mal fiz essa pergunta, vi meu pai. Ele estava exatamente

igual ao que sempre fora.

Era um homem grande e hirsuto, vestido de couro para caçar, com uma

grande barba grisalha e cabelos grossos e fulvos, da cor do meu. Seu

rosto estava corado por causa do vento frio, e seu lábio inferior

aparecia entre o bigode grosso e a barba grisalha, estava úmido e rosado

da forma como eu lembrava. Seus olhos continuavam com aquele tom de

porcelana azul brilhante. Dava aquele seu aceno descompromissado e

cordial e sorria. Parecia exatamente como se estivesse saindo para os

campos, apesar do conselho e das advertências de todos, sem medo nenhum

dos mongóis ou tártaros que o atacavam. Afinal de contas, ele estava com

aquele seu grande arco, o arco que só ele conseguia encordoar, como se

fosse um herói mítico das grandes estepes, e tinha suas próprias flechas

pontiagudas e seu grande sabre com o qual podia cortar a cabeça de um

homem com um golpe só.

- Pai, por que eles estão me segurando? - perguntei.

Ele parecia vidrado. Seu sorriso simplesmente desapareceu e seu rosto



ficou totalmente inexpressivo, e depois, para minha tristeza, para minha

grande tristeza e meu grande choque, ele desapareceu totalmente e sumiu.

Os padres a meu lado, os homens com aquelas longas barbas grisalhas e

aqueles hábitos negros, falaram comigo baixinho num tom solidário e

disseram:

- Andrei, ainda não está na hora de você vir.

Eu estava profundamente angustiado, profundamente. Na verdade, estava

tão triste que não conseguia articular palavras de protesto. Na verdade,

eu entendia que nenhum protesto que eu pudesse fazer era relevante, e

então um dos padres me deu a mão.

- Não, com você é sempre assim - disse. - Pergunte.

Ele não movia os lábios ao falar, mas não era necessário. Eu o ouvia

claramente e sabia que ele não queria o meu mal. Era incapaz de uma

coisa dessas.

- Então por que não posso ficar? - perguntei. - Por que não podem me

deixar ficar quando eu quero e quando vim de tão longe.

- Pense em tudo o que você viu. Você sabe a resposta.

E eu precisava confessar que de repente não sabia a resposta. Era

complexa e no entanto profundamente simples, e tinha a ver com todo o

conhecimento que eu adquirira.

- Você não pode levar isso de volta com você - disse o padre.

Esquecerá todas as coisas específicas que aprendeu aqui. Mas lembre a

lição geral de seu amor pelos outros, e o amor deles por você, o

crescimento do amor na própria vida à sua volta, isso é o que importa.

Parecia uma coisa maravilhosa e abrangente! Não parecia um simples

clichê insignificante. Parecia algo tão imenso, tão sutil, e no entanto

tão completo que todas as dificuldades mortais desmoronariam diante de

sua verdade.

Fui imediatamente devolvido a meu corpo. Voltei a ser imediatamente o

garoto de cabelos fulvos morrendo na cama. Senti uma dormência nas mãos

e nos pés. Contorci-me, e minhas costas arderam terrivelmente. Eu estava

em chamas, suando e me contorcendo como antes, só que, agora, estava com

os lábios todos rachados e a língua cortada e cheia de bolhas.

- Água - pedi. - Água, por favor.

Ouviram-se soluços baixos das pessoas que me cercavam. Misturavam-se

com risadas e expressões de assombro. Eu estava vivo, e eles acharam que

eu estivesse morto. Abri os olhos e olhei para Bianca.

- Não vou morrer agora - eu disse.

-O que é, Amadeo?-perguntou ela. Abaixou-se e encostou o ouvido em

meus lábios.

- Não está na hora - eu disse.

Trouxeram-me vinho branco fresco. Estava misturado com mel e limão.

Sentei-me e bebi aquilo tudo aos goles.

- Isso não basta - disse eu baixinho, fraco, mas eu estava adormecendo. Afundei-me nos travesseiros e senti o pano de Bianca

passar em minha testa e meus olhos. Que doce mercê era aquilo, e quão

imensamente nobre para dar aquele pequeno conforto, que era o mundo

inteiro para mim. O mundo inteiro. O mundo inteiro. Eu esquecera o que

havia visto do outro lado! Abri os olhos. Lembre-se, pensei desesperadamente. Mas eu lembrava vivamente do padre, como se tivesse

acabado de falar com ele em outra sala. Ele dissera que eu não podia

lembrar. E havia muito mais coisas, infinitamente mais, coisas que só meu

mestre poderia entender.

Fechei os olhos. Dormi. Os sonhos não conseguiam chegar a mim. Eu

estava doente demais, com muita febre, mas, à minha maneira, estendido

sobre uma consciência da cama úmida e quente e o ar indolente embaixo do

baldaquim, sobre as palavras indistintas dos rapazes e a doce

insistência de Bianca, dormi mesmo. As horas soavam. Eu sabia que horas

eram, e aos poucos fui sentindo algum conforto no sentido de que fui me

acostumando com o suor que me melava a pele e a sede que me machucava a

garganta, e fiquei deitado sem protestar, divagando, esperando o Mestre

chegar.

Tenho tantas coisas para lhe contar, pensei. Você vai saber sobre a

cidade de vidro! Preciso explicar isso logo... mas eu não conseguia

lembrar direito. Um pintor, sim, mas que tipo de pintor, e como, e meu

nome? Andrei? Quando haviam me chamado assim?

Lentamente por sobre a minha consciência do leito de doente e do

quarto úmido caiu o véu escuro do Paraíso. Espalhadas em todas as

direções estavam as estrelas sentinelas, luzindo esplendorosamente sobre

as torres refulgentes da cidade de vidro, e nessa semi-sonolência, agora

auxiliadas pela mais calma e mais feliz ilusão, as estrelas cantavam

para mim.

Cada qual, de sua posição fixa na constelação e no vazio, emitia um

precioso som cintilante, como se grandes cordas fossem tangidas no

interior de cada orbe incandescente por meio de suas revoluções

brilhantes transmitidas para todo o universo.

Sons como eu nunca ouvira com meus ouvidos terrenos. Mas não há

protesto que possa se aproximar dessa música etérea e translúcida, essa

harmonia e essa sinfonia de celebração.

"Senhor, se sois música, isso seria a vossa voz, e contra vósjamais

poderia prevalecer qualquer discordância. Vós com isso purificaríeis de

todo ruído inconveniente o mundo comum, a expressão mais plena de vosso

desígnio mais intrincado e maravilhoso, e toda banalidade se

esvaneceria, esmagada por essa perfeição retumbante."

Essa foi minha prece, minha prece sincera, vindo numa  
língua antiga,

com a maior intimidade e a maior naturalidade enquanto eu  
dormia.

Fiquem comigo, formosas estrelas, implorei, e façam com  
que eu nunca

procure compreender essa fusão de luz e som, mas apenas  
me dêem a ela

completa e inquestionavelmente.

As estrelas cresceram e ficaram infinitas em sua fria luz  
majestosa, e

lentamente a noite se foi, permanecendo uma única  
claridade gloriosa e

autogerada. Sorri. Senti meu sorriso com dedos cegos sobre  
meus lábios,

e enquanto a luz ficava mais clara e cada vez mais próxima,  
como se

fosse um oceano de claridade, senti um grande frescor  
salvador por todos

meus membros.

- Não se esvaneça, não desapareça, não me deixe. - Meu  
murmúrio sera

uma coisinha triste. Afundei a cabeça latejante no  
travesseiro.

Mas terminara o tempo dessa claridade imponente e avassaladora, e

agora ela precisava sumir e deixar a luz comum de velas bruxulear contra

meus olhos semicerrados, e eu precisava ver a escuridão suave em volta

de minha cama e objetos simples, como um rosário de contas de rubi e

cruz de ouro colocado sobre minha mão direita, e, ali à minha esquerda,

um livro de orações, as páginas dobrando-se delicadamente com a brisa

leve que também agitava o tafetá macio em sua moldura de madeira lá em

cima.

Quão encantador era mesmo tudo isso, essas coisas simples e comuns que

formavam esse momento silencioso e elástico. Aonde foram minha

encantadora enfermeira de pescoço de cisne e meus camaradas chorosos? A

noite os teria vencido e confinado ao local em que dormiam, a fim de que

eu pudesse acalantar esses momentos calmos de vigília?

Eu tinha mil recordações vivas na mente.



Abri os olhos. Todos tinham ido embora, exceto um que estava sentado a

meu lado na cama, olhando-me com olhos sonhadores e distantes, de um

azul frio, olhos muito mais claros que um céu de verão, fixos em mim com

uma luz próxima e facetada, tão vazios e indiferentes.

Meu mestre ali, de braços cruzados, parecendo um estranho assistindo

àquela cena como se nada pudesse atingir sua grandeza cinzelada. A

expressão desprovida de sorriso em seu rosto parecia estar ali desenhada

para sempre.

- Impiedoso! - murmurei.

-Não, ah, não - disse ele. Seus lábios não se moveram. - Mas me conte

a história inteira de uma vez. Descreva essa cidade de vidro.

- Ah; sim, falamos nisso, não? daqueles padres que disséram que eu

precisava voltar, e daquelas pinturas antiqüíssimas, que achei tão

lindas. Não feitas por mãos humanas, entende, mas sim pelo poder de que

fui investido, o qual me foi transmitido, e bastava eu pegar o pincel e

lá estavam a Virgem e os santos para eu descobrir.

- Não se desfaça dessas formas antigas - disse ele, e de novo seus

lábios não davam sinal da voz que tão distintamente eu ouvia, uma voz

que atingia meus ouvidos como nenhuma outra voz humana poderia atingir,

com aquele tom, aquele timbre. - Pois formas mudam, e o racional de hoje

não passa da superstição de amanhã, e naquela antiga contenção está uma

grande intenção sublime, uma pureza infatigável. Mas me conte mais uma

vez sobre a cidade de vidro.

Suspirei.

- Você viu o vidro fundido, como eu vi-repliquei-, saindo do fogo, uma

massa incandescente numa temperatura terrivelmente alta presa à haste de

ferro, uma coisa que derrete e escorre para que a vara de condão do

artista possa puxá-la e esticá-la, ou enchê-la de ar para formar um vaso

perfeitamente arredondado. Bem, era como se esse vidro saísse da

própria Mãe Terra úmida, uma torrente jorrando para as nuvens, e, desses

grandes jatos líquidos, tivessem nascido as torres repletas da cidade de

vidro - sem imitar qualquer forma construída pelo homem, mas perfeitas

como a força aquecida da terra naturalmente ordenara, em cores

inimagináveis.

Quem vivia num lugar desses? Quão longínquo parecia, e no entanto

completamente atingível. A poucos minutos a pé por doces colinas de

relva macia e tremulantes flores folhudas dos mesmos tons fantásticos,

uma aparição silenciosa, estrondosa e impossível.

Olhei para ele, porque eu estivera olhando de novo para minha visão.

- Diga-me o que essas coisas significam - pedi. - Onde é esse lugar, e

por que fui autorizado a vê-lo?

Ele suspirou com tristeza, olhou para o outro lado e tornou a olhar

para mim, a expressão alheia e inflexível como antes, só  
que agora eu

via em seu rosto o sangue que, mais uma vez, como na  
noite passada, era

bombeado de veias humanas cheio de calor humano, e sem  
dúvida fora seu

último repasto naquela mesma noite.

- Você nem vai sorrir agora enquanto diz adeus? - perguntei.  
- Se essa

frieza amarga agora é só o que você sente, e você vai me  
deixar morrer

dessa febre violenta? Estou morto de enjôo, você sabe.  
Sabe a náusea que

estou sentindo, sabe a dor dentro de minha cabeça, sabe a  
dor em todas

minhas juntas e como esses cortes ardem em minha pele  
com esse veneno

incontestável. Por que você está tão distante, e no entanto  
está aqui,

de volta, para sentar a meu lado e não sentir nada?

- Sinto o amor que sempre senti quando olho para você,  
meu menino, meu

filho, meu amor doce e duradouro. Eu sinto. Está guardado  
aqui dentro

onde deve estar, talvez, e pode morrer, pois você vai morrer, sim, e

então talvez seus padres venham pegá-lo, pois como podem não pegar

quando não há volta?

- Ah, mas e se houver muitas terras? E se, na segunda queda, eu me

sentir ainda em outra costa, com enxofre subindo da terra fervente e não

a beleza que primeiro me foi revelada? Estou sofrendo, essas lágrimas

estão escaldantes. Tanta coisa está perdida. Não posso me lembrar.

Parece que falo muito essas coisas. Não consigo lembrar!

Estiquei o braço. Ele não se moveu. Minha mão ficou pesada e caiu no

livro de orações esquecido. Senti a textura dura das páginas sob meus

dedos.

- O que matou seu amor? Foram as coisas que eu fiz? Eu ter trazido

para cá o homem que assassinou meus irmãos? Ou eu ter morrido e visto

essas maravilhas? Responda-me.

- Eu ainda o amo. Sempre amarei por todas as minhas noites e todos os

meus dias adormecidos. Seu rosto é uma jóia que me foi dada, que não

posso esquecer nunca, embora possa perdê-la tolamente. Seu brilho há de

me torturar para sempre. Amadeo, pense de novo nisso, abra sua mente

como se ela fosse uma concha e deixe-me ver a pérola de tudo o que lhe

ensinaram.

- Você consegue, Mestre? Consegue entender como o amor e somente o

amor pode significar tanto e como o mundo todo deveria ser feito de

amor? As próprias folhas de relva, a folhagem das árvores, os dedos

dessa mão que o procuram? Amor, Mestre. Amor. E quem acreditará em

coisas assim simples e imensas quando há credos e filosofias

inteligentes e labirínticos de complexidade criada pelo homem e sempre

sedutora? Amor. Éscuto-o, vejo-o. Isso foi o delírio de uma mente

febril, uma mente com medo da morte?

- Talvez - disse ele, o rosto ainda impassível e imóvel. Seus olhos

eram estreitos, prisioneiros da própria rejeição daquilo que viram. -

Ah, sim -disse ele. - Você morre e eu lhe aviso, e acho que talvez para

você só haja uma costa, e aí você encontrará de novo seus padres, sua

cidade.

- Não é a minha hora - respondi. - Eu sei. E uma afirmação dessas não

pode ser desfeita simplesmente por algumas horas. Quebre o relógio. Eles

queriam dizer, pela vida encarnada de uma alma, não estava na hora. Um

destino gravado na minha mão infantil não se realizará tão cedo nem será

vencido facilmente.

- Posso mudar as coisas, meu filho - disse ele. Dessa vez seus lábios

se moveram. Seu rosto adquiriu um corado suave e doce e seus olhos se

arregalaram, sem estar na defensiva, aquela pessoa antiga que eu

conhecia e por quem tinha carinho. - Posso tão facilmente tirar a força

que ainda lhe resta.

Debruçou-se sobre mim. Vi os minúsculos matizes nas pupilas de seus

olhos, as estrelas brilhantes e pontiagudas por trás das íris escuras.

Seus lábios, tão maravilhosamente decorados com todas as miúdas linhas

dos lábios humanos, eram rosados, como se um beijo humano lá residisse.

- É tão fácil para mim tomar um último gole fatal de seu sangue de

menino, um derradeiro trago de todo o frescor de que tanto gosto, e em

meus braços terei um cadáver de tamanha beleza que todos os que o virem

chorarão, e esse corpo não me dirá nada. Você se foi, isso eu sei, e

nada mais.

- Diz essas coisas para me torturar? Mestre, se eu não puder ir lá,

quero estar com você!

Seus lábios tremiam em franco desespero. Ele parecia um homem, e só



isso, o sangue rubro de cansaço e tristeza pairando no canto de seus

olhos. Sua mão, agora esticada para tocar meu cabelo, tremia. Peguei-a

como se fosse um galho alto e balouçante de uma árvore. Levei seus dedos

a meus lábios como se fossem um punhado de folhas e beijei-os. Virando a

cabeça, coloquei-os em meu rosto ferido. Senti o latejar do corte

envenenado embaixo deles. Porém, com nitidez, senti um forte tremor

dentro deles.

Pisquei.

- Quantos morreram essa noite para alimentá-lo?-murmurei.

-E como é

possível isso, e o amor ser exatamente a coisa de que o mundo é feito?

Você é bonito demais para passar despercebido. Estou perdido. Não

consigo entender. Mas será que poderia esquecer, se de agora em diante

eu tivesse de viver como um simples rapaz mortal?

- Você não pode viver, Amadeo - retrucou com tristeza. - Não pode

viver! - A voz dele falseou. - O veneno penetrou muito fundo em você, e

pequenas gotas do meu sangue não podem alcançá-lo. - Seu rosto estava

angustiado. -Menino, eu não posso salvá-lo. Feche os olhos. Tome meu

beijo de despedida. Não há amizade entre mim e aqueles na costa

distante, mas eles precisam tomar o que morre tão naturalmente.

- Mestre, não! Mestre. Não posso tentar isso sozinho, Mestre, eles me

mandaram de volta, e você está aqui, e estava preso a mim, e como eles

podiam não ter sabido?

- Amadeo, eles não se importavam. Os guardas dos mortos são de uma

indiferença poderosa. Eles falam de amor, mas não de séculos de

ignorância que provoca os maiores erros. Que estrelas são essas que

cantam tão lindamente quando o mundo inteiro está definhando em

dissonância? Eu gostaria que você forçasse a mão deles, Amadeo. -

Naquela dor, sua voz quase mudou de tom. - Amadeo, com que direito eles

me encarregam do seu destino?

Dei uma risadinha triste.

A febre me sacudiu. Uma grande onda de enjôo me dominou. Se eu me

mexesse ou falasse, sentia um terrível engulho que me sacudia à toa. Eu

preferia a morte a sentir isso.

- Mestre, eu sabia que você faria uma poderosa análise desse assunto

disse eu.

Tentei não sorrir com uma expressão amarga ou sarcástica, mas sim

procurar a verdade simples. Respirar agora estava difícilimo. Parecia

que eu poderia deixar de respirar sem qualquer incômodo. Lembrei-me dos

incentivos todos de Bianca.

- Mestre - disse eu -, não há nesse mundo horror sem redenção final.

- Sim, mas para alguns - enfatizou ele - qual é o preço de uma

salvação dessas? Amadeo, como eles ousam me requisitar para os desígnios

obscuros deles! Oxalá fossem ilusões. Não fale mais sobre a luz

maravilhosa deles. Não pense nisso.

-Não, Mestre? E para conforto de quem limpo tanto a minha mente? Quem

está morrendo aqui?

Ele sacudiu a cabeça.

- Vá em frente, esprema as lágrimas de sangue de seus olhos - disse

eu. - E que morte está esperando, Mestre, pois me disse que até para

você não era impossível morrer? Explique-me se ainda resta algum tempo

antes que toda a luz que eu venha a conhecer saia de mim e a terra

devore ajóia encarnada que, para você, deixou a desejar.

- Nunca deixou - murmurou ele.

- Então venha, aonde vai, Mestre? Mais conforto, por favor. Quantos

minutos ainda tenho?

- Não sei - murmurou ele. Virou-se para o outro lado e abaixou a

cabeça. Eujamais o vira tão abatido.

- Deixe-me ver sua mão - disse eu num tom fraco. - Há bruxas

enrustidas que, na penumbra das tabernas de Veneza, ensinaram-me a ler

as linhas da mão. Vou lhe dizer a data provável de sua morte. Dê-me sua

mão. Eu mal podia ver. Uma névoa descera sobre todas as coisas. Mas eu

estava sendo sincero.

- Você chega muito tarde - retrucou ele. - Já não há mais linhas. -

Ele me mostrou a palma da mão. - O tempo apagou o que os homens chamam

de destino. Não tenho nenhum.

- Sinto muito que você vá - disse eu. Virei a cabeça para o outro

lado, deitando-a no linho fresco do travesseiro. - Você me deixaria

agora, amado mestre? Eu preferiria a companhia de um padre e de minha

velha enfermeira se você não a tiver mandado para casa. Eu o amei de

todo o coração, mas não desejo morrer em sua companhia superior.

Através de uma névoa, vi seu vulto aproximando-se de mim. Senti suas

mãos segurarem meu rosto e virá-lo para ele. Vi o brilho de seus olhos

azuis, chamas gélidas, indistintas porém ardendo ferozmente.

- Muito bem, meu lindo. Este é o momento. Quer vir comigo e ser como

eu? - Sua voz era rica e tranqüilizadora, embora cheia de dor.

- Sim, eternamente seu.

- Eternamente para viver em segredo do sangue do malfeitor, como eu

vivo, e guardar esses segredos até o fim do mundo, se preciso for.

- Farei isso. Eu quero.

- Para aprender comigo todas as lições que eu puder dar.

- Sim, todas.

Ele me levantou da cama. Tropecei nele, a cabeça girando e doendo de

tanto que gritei.

- Só um pouquinho, meu amor, meu amorjovem e terno - disse ele em meu

ouvido.

Fui posto dentro da água morna do banho, despido com delicadeza de

minhas roupas, a cabeça cuidadosamente encostada na borda ladrilhada.

Deixei os braços boiarem na água. Senti a água lambendo meus ombros. Ele

apanhava punhados de água para me banhar. Primeiro banhou o meu rosto e

depois o resto. Seus dedos duros e sedosos passavam em meu rosto.

- Nem um só fio de barba ainda, e no entanto você tem dotes de homem

lá embaixo, e agora precisa superar os prazeres que tanto amou.

- Farei isso-murmurei.

Um ardorterrível açoitou meu rosto. O talho foi aberto. Tentei tocar

na ferida, mas ele segurou minha mão. Foi só o sangue dele que caía na

chaga. E enquanto a carne comichava e ardia, senti o ferimento fechando.

Fez o mesmo com o arranhão em meu braço e depois com o pequeno arranhão

no dorso de minha mão. De olhos fechados, rendi-me ao prazer sinistro e

paralisante daquilo. Ele tornou a me tocar, afagando suavemente meu

peito, minhas partes íntimas, examinando primeiro uma perna, depois a

outra, procurando a menor fissura ou falha na pele, talvez. Novamente

aqueles calafrios de prazer me dominaram. Senti que me tiravam da água,

embrulhavam em panos quentes, e depois senti aquele vento que significava

que ele estava me carregando, que se movia mais rápido do que qualquer

espião poderia ver. Senti meus pés nus pisarem o chão de mármore, e, com

a febre que eu tinha, esse choque frio era muito gostoso.

Ficamos no estúdio. Estávamos de costas para o quadro em que ele

estivera de árvores rodeava duas figuras fustigadas pelo vento. A mulher

era Daphne, os braços erguidos transformando-se nos galhos do louro, já

cheio de folhas, os pés como raízes que procuravam as profundezas da

terra escura embaixo dela. E atrás dela, o belo e desesperado deus



Apolo, um campeão de cabelos dourados e membros musculosos, chegando

atrasado para impedir que ela fugisse mágica e freneticamente de seus

braços ameaçadores, impedir aquela metamorfose fatal.

- Veja as nuvens indiferentes lá em cima - murmurou o Mestre em meu

ouvido. Apontou para os raios de sol que ele pintara com mais habilidade

do que os homens que diariamente olham para aquilo. Disse palavras que

eu confiara a Lestat há tanto tempo quando lhe contei minha história,

palavras que ele salvou tão implacavelmente das poucas imagens dessa

época que consegui lhe dar.

Ouçó a voz de Marius quando repito essas palavras, as últimas que

eujamais ouviria enquanto mortal:

-Este é o único sol que vocêjamais tornará a ver. Mas um milênio de

noites será seu para ver uma luz como mortal nenhum jamais viu, para

roubar das estrelas distantes, como se você fosse Prometeu, uma

iluminação infinita para entender todas as coisas.

E eu, que enxergara uma luz celestial muito mais maravilhosa naquele

reino do qual eu fora afastado, só desejava que ele a eclipsasse agora

para sempre. <137>

-- 8 --

Os salões íntimos do Mestre: uma sucessão de aposentos em que ele

havia coberto as paredes com cópias impecáveis das obras daqueles

pintores que ele tanto admirava - Giotto, Fra Angélico, Bellini.

Estávamos na sala da grande obra de Benozzo Gozzoli, da Capela Medici em

Florença: A procissão dos magos. Na metade do século, Gozzoli criara

essa visão, revestindo com ela três paredes da câmara sagrada.

Mas meu Mestre, com aquela memória e habilidade sobrenaturais,

ampliara a grande obra, unindo o conjunto e pendurando-o numa só parede

de sua imensa e larga galeria. Perfeita com a obra original de Gozzoli

avultava-se esta, com suas hordas de jovens florentinos lindamente

vestidos, cada rosto pálido um estudo de inocência pensativa, montados

em cavalos deslumbrantes seguindo a magnífica figura do jovem Lourenço de

Medici em pessoa, um rapaz de cabelos castanhos claros macios e

encaracolados que lhe chegavam aos ombros, e um rubor carnal nas faces

brancas. Com uma expressão tranqüila, suntuoso naquela jaqueta dourada

de mangas fendidas, montado num cavalo branco lindamente ajaezado, ele

parecia contemplar com indiferença o espectador do quadro. Não havia um

detalhe da pintura indigno do outro. Até os arreios e as mantas do

cavalo eram um maravilhoso trabalho em ouro e veludo, à altura das

mangas justas da túnica de Lourenço e de suas botas vermelhas de cano

longo.

Mas o encantamento da pintura emanava com mais força do  
rosto dos

rapazes, bem como dos poucos velhos que compunham a  
grande procissão,

todos com bocas pequenas e olhando para os lados, como  
se um olhar

direto fosse quebrar o encanto. Eles iam seguindo rumo a  
Belém, passando

por castelos e montanhas.

Para iluminar esta obra-prima, havia dezenas de  
candelabros de prata

acesos dos dois lados da sala. As grossas velas brancas da  
mais pura

cera de abelha emitiam uma claridade suntuosa. Lá em  
cima, uma selva

gloriosa de nuvens pintadas cercava uma formação oval de  
santos que

flutuavam tocando as mãos estendidas uns dos outros  
enquanto nos olhavam

com benevolência. Não havia nenhum móvel cobrindo  
aquele chão

polidíssimo de mármore de Carrara rosado. Grandes placas  
quadradas com

volutas de folhas verdes formavam uma borda salteada para esse chão,

que, não fosse por essas placas, era liso, intensamente lustroso,

agradável de se pisar descalço. Encontrei-me contemplando essa galeria

de superfícies gloriosas com a fascinação de um cérebro febril. A

procissão dos magos, erguendo-se como se erguia para cobrir toda a

parede à minha direita, parecia emitir uma pletora de sons de verdade...

o barulho surdo dos cascos dos cavalos, o arrastar dos pés dos homens

que caminhavam ao lado dos cavalos, o farfalhar das moitas de flores

vermelhas ao fundo e até os gritos dos esparsos caçadores que, com seus

cães, seguiam pelas trilhas das montanhas ao longe.

O Mestre estava no meio da sala. Tirara aquelas vestes de veludo

vermelho. Vestia apenas um roupão aberto de tecido dourado que lhe

chegava até os pés descalços e tinha mangas compridas em forma de sino.

Eu vestia um roupão de brilho e simplicidade semelhantes.

- Venha, Amadeo - disse ele.

Eu estava fraco, com sede de água, mal conseguindo ficar em pé. Mas

ele sabia disso, e nenhuma desculpa parecia adequada. Fui indo um tanto

trôpego passo a passo, até chegar a seus braços.

Suas mãos me afagaram a cabeça.

Ele franziu a boca. Uma terrível e assombrosa sensação de inexorabilidade me invadiu.

- Você agora vai morrer para estar comigo na vida eterna- murmurou ele

em meu ouvido. - Em nenhum momento precisa ter medo. Mantereí seu

coração a salvo em minhas mãos. Seus dentes cravaram-se profundamente

em mim, cruelmente com a precisão de punhais gêmeos, e ouvi meu coração

bater.

Meus intestinos mesmos se contraíram, e senti um nó no estômago. No

entanto, um prazer selvagem percorreu todas minhas veias, um prazer

dirigido aos ferimentos em meu pescoço. Eu sentia meu sangue correr para

o Mestre, para sua sede e minha morte inevitável. Até minhas mãos

estavam paralisadas, vibrando. Na verdade, de repente, eu parecia ser

apenas um mapa de circuito elétrico, todo aceso, como se o Mestre, com

um ruído baixo, óbvio e cauteloso, bebesse o sangue de minha vida. O

barulho de seu coração, lento, regular, um palpar profundo e

retumbante, enchia-me os ouvidos.

A dor em meus intestinos transmutou-se em puro êxtase suave; meu corpo

perdeu todo o peso, toda a percepção de si mesmo no espaço. Seu coração

batia dentro de mim. Minhas mãos sentiam seus longos cachos sedosos, mas

eu não os segurava. Eu

flutuava, sustentado apenas pelo pulsar insistente do coração e o

movimento eletrizante de meu sangue correndo.

- Agora eu morro - murmurei. Esse êxtase não podia durar. Bruscamente,

o mundo morreu.

Fiquei sozinho na orla marítima desolada e ventosa.

Era a terra para a qual eu viajara antes, mas que diferença!  
Faltavam

aquele sol fulgurante e aquela profusão de flores. Os padres  
estavam lá,

mas seus hábitos eram empoeirados e escuros e cheiravam  
a terra.

Conhecia esses padres, conhecia-os bem. Sabia seus  
nomes. Conhecia

aqueles seus rostos finos e barbados, o cabelo ralo e oleoso  
e o chapéu

de feltro que usavam. Conhecia o encardido de suas unhas  
e o vazio

faminto de seus olhos encovados e brilhantes. Eles me  
chamaram.

Ah, sim, de volta para meu lugar. Subimos cada vez mais  
alto até o

penhasco da cidade de vidro, e a cidade aparecia ao fundo,  
à nossa

esquerda, e como estava deserta e abandonada. Toda a  
energia fundida que

iluminava aquela profusão de torres transparentes se  
extinguira, fora



desligada na fonte. Nada restava das cores ardentes exceto um resíduo de

tonalidades opacas embaixo de uma extensão amorfa de céu cinzento e

desesperançado. Ah, que tristeza ver a cidade de vidro sem seu fogo

mágico.

Uma orquestra de sons emanava da cidade, um tilintar, como vidros se

tocando monotonamente. Não era um som musical. Continha apenas um turvo

desespero luminoso.

- Ande, Andrei - disse um dos padres para mim.

Sua mão suja de lama seca me tocava e me puxava, machucando meus

dedos. Olhei para eles e vi que eram magros e terrivelmente brancos.

Minhas falanges brilhavam como se já tivessem sido descarnadas, mas não

tinham. Minha pele toda mantinha-se meramente presa a mim, faminta e

frouxa como a pele deles.

Diante de nós apareceu o rio, cheio de placas de gelo e grandes

emaranhados de paus escuros, alagando a baixada com uma água suja.

Tínhamos de atravessá-lo a pé, e a água fria nos machucava. No entanto,

seguimos em frente, nós quatro, os três padres guias e eu. No alto

erguiam-se os outrora dourados domos de Kiev. Era nossa Santa Sofia,

imóvel após os hediondos massacres e conflagrações dos mongóis que

arrasaram nossa cidade e todas suas riquezas, todos seus homens e suas

mulheres perversos e mundanos.

- Venha, Andrei.

Eu conhecia essa porta. Era do Mosteiro das Covas. Só velas iluminavam

essas catacumbas, e o cheiro de terra sobrepujava tudo, até o fedor de

suor seco em corpos sujos e doentes.

Eu segurava o cabo áspero de madeira de uma pequena pá. Escavei o

monte de terra. Abri a parede macia de cascalho, até me deparar com um

homem não morto mas sim sonhando enquanto a terra lhe cobria o rosto.

- Ainda está vivo, irmão? - murmurei, para esta pessoa enterrada até o

pescoço.

- Ainda, irmão Andrei, dê-me só o que me sustente - disseram

os lábios rachados. As pálpebras brancas não se abriram. - Dê-me só

isso, a fim de que nosso Senhor e nosso Salvador, o próprio Cristo,

escolha a hora em que devo voltar para casa.

-Ah, irmão, como você é corajoso-disse eu. Levei-lhe à boca um cântaro

de água. Formou-se lama em seus lábios enquanto ele bebia. Ele tornou a

deitar a cabeça no cascalho macio.

-E você, filho-disse ele respirando com dificuldade, afastando-se

muito ligeiramente do cântaro oferecido -, quando terá forças para

escolher sua cela de terra entre nós, seu túmulo, e esperar pela vinda

de Cristo?

- Logo, eu rogo, irmão - respondi. Recuei. Ergui a pá. Escavei até a

próxima cela e logo fui assaltado por um fedor terrível e inconfundível.

O padre a meu lado me amparou.

- Nosso bom irmão Joseph está finalmente com o Senhor - disse ele.

Acabou-se, descubra o rosto dele para que possamos ver com nossos

próprios olhos que ele morreu em paz.

O fedor aumentou. Só seres humanos mortos fedem tanto. É o cheiro das

tumbas e das carroças desoladas vindo daqueles bairros onde a peste

estava no auge. Receei ficar enjoado. Mas continuei cavando, até afinal

desenterrarmos a cabeça do morto. Calvo, um crânio revestido de pele

encolhida.

Ouviram-se as preces dos irmãos atrás de mim.

- Tape isso, Andrei.

- Quando terá coragem, irmão? Só Deus pode dizer-lhe quando...

-Coragem de quê!

- Conheço essa voz explosiva, esse homem de ombros largos correndo

pela catacumba. Não há como confundir seu cabelo e sua barba

avermelhados, seu gibão de couro e suas armas penduradas no cinto de

couro.

- É isso o que vocês fazem com meu filho, o pintor de ícones?

Ele me agarrou pelo ombro, como fizera mil vezes, com aquela mesma

pata imensa que me batia até eu perder os sentidos.

- Solte-me, por favor, seu animal ignorante - murmurei. - Estamos na

casa de Deus.

Ele me arrastou e caí de joelhos. Meu hábito estava rasgando, o tecido

preto se esgarçando.

- Pai, pare e vá embora - disse eu.

- No fundo dessas covas para enterrar um garoto que pinta bem como os

àtejos!

- Irmão Ivan, pare com essa gritaria. É Deus quem deve decidir o que

cada um de nós fará.

Os padres correram atrás de mim. Fui arrastado para a sala de

trabalho. Havia fileiras de ícones pendurados no teto, cobrindo toda a

parede em frente. Meu pai atirou-me na cadeira perto da mesa grande e

pesada. Ergueu o castiçal de ferro com sua vela bruxuleante e queixosa

para acender todas as outras velas em volta. A iluminação incendiou sua

barba volumosa. Longos pêlos cinzentos saltavam de suas sobancelhas

grossas, penteados para cima, diabólicos.

- Você age como o bobo da cidade, pai - murmurei. - É um milagre eu

não ser também um mendigo imbecil.

- Cale a boca, Andrei. Ninguém lhe ensinou boas maneiras aqui, é

óbvio. Você precisa que eu lhe bata.

Deu-me um murro no pé do ouvido. Fiquei com a orelha dormente.

- Pensei que já tivesse lhe batido o suficiente antes de trazê-lo para

cá, mas não - disse ele, tornando a me bater.

- Sacrilégio! - exclamou o padre, pairando acima de mim. -  
O garoto

está consagrado a Deus.

- Consagrado a um bando de malucos - disse meu pai. Tirou  
um pacote do

casaco. - Seus ovos, irmãos! -disse com desprezo. Largou o  
couro macio e

tirou um ovo. - Pinte, Andrei. Pinte para lembrar a esses  
doidos que

você ganhou o dom do próprio Deus.

-E é o próprio Deus quem pinta o quadro-protestou o padre,  
o

presbítero, cujo cabelo, de tão seboso, estava quase preto.  
Ele passou

entre mim e meu pai. Meu pai pousou todos os ovos menos  
um.

Debruçando-se sobre uma tigela de barro em cima da mesa,  
ele quebrou a

casca desse, separando cuidadosamente a gema e  
deixando o resto cair em

seu pedaço de couro.

- Olhe só, gema pura, Andrei. - Ele suspirou e depois jogou a  
casca

quebrada no chão. Pegou ajarrinha e juntou água à gema.

- Misture, misture suas tintas e pinte. Lembre-se destas...

- Ele pinta quando Deus o chama para trabalhar-declarou o presbítero,

e quando Deus o chama para se enterrar, para viver a vida do recluso, do

eremita, ele se enterra.

- Como o Diabo - disse meu pai. - O próprio príncipe Michael pediu um

ícone da Virgem. Andrei, pinte! Pinte-me três que eu possa dar ao

príncipe o ícone que ele pede e levar os outros para o longínquo castelo

do primo dele, o príncipe Feodor, como ele pediu.

- Esse castelo foi destruído, pai - disse eu com desprezo. - Feodor e

todos os homens dele foram massacrados pelas tribos selvagens. Você não

encontrará nada lá nas terras selvagens, só pedra. Pai, você sabe disso

tão bem quanto eu. Já fomos suficientemente longe para ter podido

constatar essa destruição.

-Iremos se o príncipe quiser-disse meu pai-e deixaremos o ícone nos



galhos da árvore mais próxima do local em que o irmão dele morreu.

-Futilidade e loucura - disse o presbítero. Outros padres entraram na

sala. Houve muita gritaria.

- Fale claramente comigo e deixe a poesia de lado! - gritou meu pai.

Deixe meu garoto pintar. Andrei, misture suas tintas. Faça suas preces,

mas comece.

- Pai, você me humilha. Eu o desprezo. Tenho vergonha de ser seu

filho. Não sou seu filho. Não serei seu filho. Cale essa sua boca imunda

do contrário não pintarei nada.

- Ah, esse é o meu garoto dócil, com mel escorrendo da língua, e as

abelhas que deixaram o mel ali deixaram o ferrão também.

Ele me bateu de novo. Dessa vez fiquei tonto, mas recusei-me a levar

a mão à cabeça. Meu ouvido latejava.

- Orgulhoso de você mesmo, Ivan, o Idiota! - eu disse. - Como posso

pintar quando não consigo ver e nem sequer sentar na cadeira?

Os padres gritavam. Discutiam entre si.

Tentei concentrar-me na pequena fileira de jarras de barro prontas

para a gema e a água. Finalmente comecei a misturar a gema com a água.

Melhor trabalhar e deixá-los de fora. Eu ouvia a risada satisfeita de

meu pai.

- Agora, mostre a eles, mostre a eles o que eles pretendem emparedar

vivo ; na lama.

- Pelo amor de Deus - disse o presbítero.

- Pelo amor de imbecis idiotas-disse meu pai.-Não bastater um grande

pintor. Vocês precisam ter um santo. - Você não sabe o que seu filho é.

Foi Deus quem o guiou para trazê-lo aqui.

- Foi dinheiro - disse meu pai.

Ouviram-se exclamações de indignação dos padres.

- Não minta para eles - disse eu com voz abafada. - Você sabe muito

bem que foi orgulho.

- Sim, orgulho-disse meu pai-de que meu filho pudesse  
pintar o Rosto

de Cristo ou de Sua Santa Mãe como um mestre! E vocês, a  
quem entrego

esse gênio, são ignorantes demais para ver isso.

Pôs-se a triturar os pigmentos de que eu precisava, o pó

avermelhado, e depois misturá-lo bem com a gema e a  
água até cada

pequeno fragmento se dissolver e a tinta ficar lisa e  
perfeitamente fina

e homogênea. Para o amarelo e depois para o vermelho.

Brigavam por minha causa. Meu pai levantou a mão para o  
presbítero,

mas eu não me dei ao trabalho de olhar. Ele não teria  
coragem. No

desespero, chutou minha perna, provocando-me uma  
cãibra, mas fiquei

quieto. Continuei misturando a tinta. Um dos padres  
aproximou-se de mim

e colocou uma tábua caiada à minha frente, pronta para  
receber a imagem

sagrada.

Enfim eu estava pronto. Abaixei a cabeça. Fiz o sinal da cruz à

nossa moda, tocando primeiro o ombro direito, não o esquerdo.

- Santo Deus, dai-me o poder, dai-me a visão, dai às minhas mãos a

educação que só o vosso amor pode dar! - Imediatamente vi o pincel em

minha mão sem saber como o havia pegado, e o pincel começou a correr,

traçando o rosto oval da Virgem, depois as linhas caídas de seus ombros

e depois o esboço de suas mãos cruzadas. Agora, as exclamações que eles

emitiam eram elogios à pintura. Meu pai ria de satisfação.

- Ah, meu Andrei, meu geniozinho de Deus ferino, mordaz desagradável

e ingrato.

- Obrigado, pai -murmurei com ironia, naquela concentração que

parecia um transe, enquanto observava assombrado o trabalho do pincel.

Lá estava o cabelo da Virgem, grudado na cabeça e repartido ao meio. Eu

não precisava de nenhum instrumento para traçar a circunferência de sua

auréola perfeitamente redonda. Os padres seguravam pincéis limpos para

mim. Um segurava um trapo limpo.

Peguei um pincel para a tinta vermelha que então misturei com pasta

branca, até ficar no tom certo da carne.

- Isso não é um milagre!

- A questão é exatamente essa - disse o presbítero entre dentes. - É

um milagre, irmão Ivan, e ele fará o que Deus mandar.

- Ele não vai se encerrar aqui, seu danado, não enquanto eu for

vivo. Ele vem comigo para as terras selvagens.

Caí na gargalhada.

- Pai - eu lhe disse com sarcasmo. - Meu lugar é aqui.

- Ele é a melhor figura da família, e vem comigo para as terras

selvagens - disse meu pai aos outros, que estavam em polvorosa

protestando e negando.

- Por que coloca essa lágrima no olho de Nossa Santa Mãe, irmão

Andrei?

- É Deus que dá a lágrima a ela - retrucou um deles.

- É Nossa Senhora das Dores. Ah, veja as lindas pregas do manto

dela.

- Ah, olhe, o menino Jesus! - disse meu pai, e até sua expressão

estava reverente. - Ah, pobre menino Deus, prestes a ser crucificado e

morrer! - Sua voz estava baixa pela primeira vez e quase meiga. - Ah,

Andrei, que dom. Ah, mas olhe, olhe os olhos e a mãozinha da criança, a

carne do polegar, a mãozinha dela.

- Até você está tocado pela luz de Cristo - disse o presbítero.  
-

Até um imbecil violento como você, irmão Ivan.

Os padres me rodearam. Meu pai tinha na mão uma porção de jóias

faiscantes.

- Para as auréolas, Andrei. Pinte rápido, o príncipe Michael ordenou

que partíssemos.

-Loucura, eu lhe digo! - Todos falavam ao mesmo tempo.  
Meu pai

virou-se e ergueu o punho. Olhei para cima, querendo pegar  
uma tábua

limpa. Minha testa estava molhada de suor. Continuei  
trabalhando.

Terminara três ícones.

Fiquei na maior felicidade. Era gostoso sentir aquele calor,  
estar

tão consciente disso, e eu sabia, embora não dissesse nada,  
que meu pai

tornara isso possível, meu pai, tão alegre e corado e  
dominador com

aqueles ombros largos e aquela cara brilhante, a quem me  
era suposto

odiar.

A Mater Dolorosa com seu Filho, e a toalha para suas  
lágrimas, e o

próprio Cristo. Cansado, com os olhos embaçados, recostei-  
me na cadeira.

Aquele lugar estava insuportavelmente frio. Ah, se ali  
tivesse apenas

uma pequena lareira. E minha mão, minha mão esquerda  
estava enregelada.

Só a direita estava boa por causa do ritmo com o qual eu trabalhara. Eu

queria chupar os dedos da mão esquerda, mas não dava, não ali naquele

momento, com todo mundo reunido para elogiar os ícones.

- Magistral. O trabalho de Deus.

Uma terrível noção de tempo me invadiu, a sensação de que eu

estivera muito longe desse momento, longe desse Mosteiro das Covas ao

qual eu prometera minha vida, longe dos padres que eram meus irmãos,

longe de meu pai desbocado e imbecil, que, apesar de sua ignorância, era

muito orgulhoso. Lágrimas escorriam de seus olhos.

- Meu filho - disse.

Apertou meu ombro orgulhosamente. Era bonito à sua maneira, um homem

bom e forte, sem medo de nada, um verdadeiro príncipe quando estava

entre seus cavalos, seus cães e seus seguidores, entre os quais, eu, seu

filho, um dia me incluía.



- Deixe-me em paz, seu cretino cabeça dura - disse eu. Sorri para

ele para insultá-lo mais. Ele riu. Estava feliz demais, orgulhoso demais

para ser provocado.

- Olhem o que meu filho fez. - Sua voz tinha um tom de celação. Ele

ia começar a chorar. E nem sequer estava bêbado.

- Não por mãos humanas - disse o padre.

- Não, naturalmente que não! - Explodiu a voz escarninha de meu pai.

- Simplesmente pelas mãos de meu filho Andrei, só isso.

Uma voz aveludada falou em meu ouvido:

- Deseja você mesmo colocar as jóias nas auréolas, irmão Andrei, ou

prefere que eu execute essa tarefa?

Olhe, estava terminado, a pasta aplicada, as pedras colocadas, cinco

no ícone de Cristo. O pincel estava novamente em minha mão para pintar o

cabelo castanho de Cristo, que era repartido ao meio e puxado para atrás

das orelhas aparecendo só parcialmente de ambos os lados de seu pescoço.

A pena apareceu em minha mão para engrossar e escurecer as letras pretas

no livro aberto que Cristo segurava na mão esquerda. O Senhor Deus

contemplava, sério e severo da tábua de madeira, a boca vermelha e reta

embaixo dos cornos de seu bigode castanho.

- Agora venha, o príncipe está aqui, o príncipe chegou.

Do lado de fora da entrada do mosteiro, a neve caía em rajadas

violentas. Os padres ajudaram-me com meu colete de couro, minha jaqueta

de carneiro. Afivelaram meu cinto. Era gostoso sentir de novo o cheiro

desse couro, respirar ar puro. Meu pai estava com a minha espada. Era

pesada e antiga, trazida de alguma batalha que ele travara contra os

cavaleiros teutônicos em terras do extremo oriente, as pedras preciosas

há muito arrancadas do punho, mas uma ótima espada de combate.

Em meio à névoa, surgiu um vulto a cavalo. Era o próprio príncipe

Michael, de chapéu de pele, capa e luvas forradas de pele, o grande

senhor que governava Kiev para nossos conquistadores católicos romanos,

cuja fé ele não aceitava porém nos deixava viver a nossa vida

reservadamente. Vestia uma bela roupa de veludo estrangeiro e ouro, uma

figura elegante adequada às cortes reais da Lituânia, das quais ouvíamos

histórias fantásticas. Como ele suportava Kiev, a cidade em ruínas?

O cavalo empinou. Meu pai correu para tomar as rédeas e ameaçou o

animal como ameaçara a mim.

- O Ícone pae - o príncipe Feodor estava bem - embrulhado em lã

para eu carregar. Segurei o punho de minha espada.

- Ah, você não vai levá-lo nessa missão atéia - protestou o presbítero. Príncipe Michael, Excelência, nosso poderoso governante,

diga a esse homem ateu que ele não pode levar o nosso Andrei.

Vi o rosto do príncipe em meio à neve, quadrado e forte, com

sobrancelhas e barba grisalhas e olhos azuis imensos e duros.

- Deixe-o ir, padre - gritou ele para o padre. - O rapaz caça com Ivan desde os quatro anos. Jamais alguém abasteceu minha mesa, e a sua, com tanta fartura, padre. Deixe-o ir.

O cavalo recuou. Meu pai puxou as rédeas. O príncipe Michael

soprou a neve dos lábios.

Nossos cavalos foram conduzidos à frente, o imponente garanhão de

meu pai com aquele pescoço graciosamente curvo e o cavalo mais baixo que

havia sido meu antes que eu viesse para o Mosteiro das Covas.

- Eu voltarei, padre - prometi ao presbítero. - Dê-me sua bênção. O

que posso fazer contra esse meu pai delicado, afável e piedosíssimo

quando o próprio príncipe Michael ordena?

- Ah, cale essa sua boquinha asquerosa - disse meu pai. - Acha que

quero ouvir isso até chegar ao castelo do príncipe Feodor?

- Você vai ouvir isso até o Inferno-declarou o presbítero.-Está

levando meu melhor noviço para a morte.

- Noviço, noviço para um buraco na terra! Você toma as mãos que

pintam essas maravilhas...

- Deus as pintou-murmurei eu com ironia-, e você sabe disso, pai.

Quer parar de exibir sua falta de fé e sua agressividade.

Eu estava montado em meu cavalo. Tinha o ícone amarrado em lâ a meu

peito.

- Não acredito que meu irmão Feodor esteja morto! - disse o

príncipe, tentando controlar a montaria, emparelhando-a com a de meu

pai. - Talvez esses viajantes tenham visto alguma outra ruína, algum

antigo...

- Nada sobrevive agora nas estepes - protestou o presbítero.

-

Príncipe, não leve Andrei. Não o leve.

O padre correu ao lado de meu cavalo.

- Andrei, você não encontrará nada. Só capim e árvores balançando ao

vento. Deixe o ícone numa árvore. Faça isso pela vontade de Deus, para

que, quando o encontrarem, os tártaros conheçam o Divino poder do

Altíssimo. Deixe-o lá para os pagãos. E venha para casa.

A neve caía com tanta violência que eu não conseguia ver-lhe o

rosto. Olhei para os domos despidos de nossa catedral, aquele vestígio

da glória bizantina deixado pelos invasores mongóis, que agora exigiam

seu ganancioso tributo por intermédio de nosso príncipe católico. Quão

árida e desolada estava a minha terra natal. Fechei os olhos e desejei o

cubículo de barro da cova, o cheiro de terra à minha volta, os sonhos

com Deus e com a Sua Bondade que me vinham quando eu estava

semi-enterrado.

- volte para mim, Amadeo. Volte. Não deixe seu coração parar!

Girei nos calcanhares.

- Quem me chama? - O espesso véu branco da neve dissolveu-se para

revelar ao longe a cidade de vidro, escura e brilhante como se aquecida

por fogueiras infernais. A fumaça subia para alimentar as nuvens

agourentas do céu negro. Dirigi-me para a cidade de vidro.

volte para mim, Amadeo. Não deixe seu coração parar!

Deixei cair o ícone ao tentar controlar minha montaria. A faixa de

lã desamarrara. Cavalgamos, cavalgamos. O ícone saiu quicando morro

abaixo ao nosso lado, desembrulhado.

Vi o rosto brilhante de Cristo.

Fui pego por braços fortes, que me puxaram para cima como num

redemoinho.

- Solte-me - protestei. Olhei para trás. No chão gelado, jazia o

ícone, e o olhar fixo e interrogativo do Cristo. Senti dedos firmes

apertando meu rosto. Pisquei e abri os olhos. A sala estava aquecida e

clara. O rosto conhecido do Mestre assomava bem em cima de mim, seus

olhos azuis injetados de sangue.

- Beba, Amadeo - disse ele. - Beba de mim.

Caí de cabeça na garganta dele. A fonte de sangue  
começara a jorrar.

O sangue borbulhava saindo de sua veia, escorrendo para a  
gola de seu

roupão dourado. Encostei a boca ali. Lambi o sangue. Dei  
um grito quando

o sangue me inflamou.

- Sugue esse sangue de mim, Amadeo. Sugue com força!

Minha boca encheu-se de sangue. Apertei os lábios contra  
sua pele

branca e sedosa para não perder nenhuma gota. Engoli  
fundo. Num relance

obsuro, vi meu pai cavalgando pelas estepes, uma figura  
imponente

vestida de couro, a espada firmemente presa ao cinto, a  
perna torta, a

bota marrom esfolada firme no estribo. Ele virou à  
esquerda, subindo e

descendo garbosamente na sela com as passadas largas de  
seu cavalo

branco.

- Pois bem, deixe-me, seu covarde, seu garoto descarado e  
miserável!



Deixe-me! - Ele olhava para frente. - Rezei para isso, Andrei, rezei

para que eles não pegassem você para aquelas catacumbas imundas, aquelas

celas escuras na terra. Bem, então minha prece foi atendida! Vá com

Deus, Andrei. Vá com Deus. Vá com Deus!

O rosto do Mestre estava enlevado e lindo, uma chama branca contra a

luz ondulante de inúmeras velas. Eu o via no alto. Eu estava deitado no

chão. Meu corpo cantava com o sangue. Levantei-me, a cabeça girando.

- Mestre.

Ele estava na ponta da sala, descalço no chão rosado e polido, braços estendidos.

- Venha cá, Amadeo, venha cá, para tomar o resto.

Esforcei-me para obedecer. As cores da sala gritavam em volta de

mim. Vi a procissão dos magos.

- Ah, isso é tão real, tão absolutamente vivo!

- Venha cá, Amadeo.

- Estou fraco demais, Mestre. Estou desfalecendo, estou morrendo

nessa claridade gloriosa.

Fui andando pé ante pé, embora isso parecesse impossível. Ia

devagar, chegando cada vez mais perto dele. Tropecei.

- Então engatinhe, venha. Venha cá.

Segurei seu roupão. Eu precisava chegar lá em cima se quisesse o

sangue. Estiquei-me e segurei seu braço direito. Levantei-me, encostando

naquele tecido dourado até ficar de pé. De novo, abracei-o; de novo

encontrei a fonte. Bebi, bebi e bebi. Num jato iluminado, o sangue

desceu para minhas entranhas. Passou por minhas pernas e meus braços. Eu

era um Titã. Esmaguei-o embaixo de mim.

- Dê-me esse sangue - murmurei. - Dê-me esse sangue. - O sangue

flutuava em meus lábios e me descia pela garganta. Era como se suas mãos

frias de mármore tivessem tomado meu coração. Eu ouvia esse órgão

lutando, batendo, as válvulas se abrindo e fechando, o gorgolejar do

sangue de Marius a invadi-lo, o movimento das válvulas ao receber o

sangue, aproveitando-o, meu coração ficando cada vez maior e mais forte,

minhas veias se assemelhando a uma rede de numerosos tubos metálicos

desse fluido potentíssimo.

Deitei no chão. Ele estava de pé a meu lado, de braços abertos para

mim.

- Levante, Amadeo. Venha, venha para meus braços.

Tome.

Chorei. Solucei. Mínhas lágrimas eram vermelhas, e minha mão estava

suja de vermelho.

- Ajude-me, Mestre.

- Ajudo, sim. Venha, tente ajudar-se você mesmo.

Eu estava de pé com essa força nova, como se todas as limitações

humanas tivessem acabado, como se fossem amarras que se tivessem

soltado. Pulei em cima dele, puxando seu roupão para trás, para melhor

encontrar o ferimento.

- Faça um ferimento novo, Amadeo.

Mordi, perfurando a carne, e o sangue esguichou em meus lábios.

Pressionei a boca contra o corpo dele.

- Escorra para dentro de mim. . .

Meus olhos se fecharam. Vi as terras selvagens, o capim ao vento, o

céu azul. Meu pai cavalgava e cavalgava com o pequeno bando atrás. Seria

eu um deles?

- Rezei para você escapar- gritou ele para mim, rindo-, e você

escapou. Maldito seja você, Andrei. Maldito seja você e sua língua

ferina e suas mãos mágicas de pintor. Maldito seja você, seu pirralho

desbocado, maldito seja você. - Ele ria sem parar, e continuava

cavalgando, o capim abaixando quando ele passava.

- Pai, olhe! - gritei com esforço. Eu queria que ele visse as ruínas

do castelo. Mas estava com a boca cheia de sangue. Eles tinham razão. A

fortaleza do príncipe Feodor estava destruída, e o próprio príncipe já se

fora há muito. O cavalo de meu pai recuou bruscamente ao chegar no

primeiro monte de pedras coberto de mato.

Com um choque, senti o chão de mármore embaixo de mim, tão

maravilhosamente quente. Apoiei-me com as duas mãos. Levantei-me. Aquele

padrão rosado pululante era tão denso, tão profundo, tão maravilhoso que

parecia água congelada para fazer a melhor pedra. Eu poderia ficar

eternamente contemplando suas profundezas.

- Levante-se, Amadeo, mais uma vez.

Ah, era fácil levantar agora, alcançar seu braço e depois seu ombro.

Perfurei a carne de seu pescoço. Bebi. O sangue me percorreu todo,

revelando de novo com um choque minha forma completa contra a escuridão

de minha mente. Vi o corpo do garoto que era meu, com braços e pernas,

enquanto eu respirava com essa forma naquele calor e  
naquela claridade

que me envolviam, como se todo o meu ser tivesse se  
transformado num

grande órgão multiporoso para enxergar, ouvir, respirar. Eu  
respirava

com milhões de bocas minúsculas e fortes.

O sangue saciou-me até eu não agüentar mais.

Fiquei diante do Mestre. Em seu rosto, vi apenas a suspeita  
de

cansaço, a mais ínfima dor em seus olhos. Vi pela primeira  
vez as

verdadeiras rugas de sua antiga humanidade em seu rosto,  
os sulcos

inevitáveis no canto de seus olhos serenamente fechados.  
As pregas de

seu roupão brilhavam, a luz propagando-se nelas quando o  
pequeno gesto

do Mestre as agitou. Ele apontou. Apontou para A procissão  
dos magos.

-Agora sua alma e seu corpo físico estão ligados para  
sempre-disse

ele. - E com seus sentidos vampíricos, o sentido da visão, do  
tato, do

olfato e do paladar, você conhecerá o mundo todo. Não lhe virando as

costas e entrando nas celas escuras da terra, mas sim abrindo os braços

para a glória infinita, você verá o esplendor absoluto da criação de

Deus e os milagres feitos, em Sua Divina Indulgência, pelas mãos dos

homens.

A multidão vestida de seda de A procissão dos magos pareceu andar.

Tornei a ouvir os cascos dos cavalos na terra macia e o arrastar das

botas. Tornei a pensar ter visto os cães pulando pelas encostas ao

longe. Vi as moitas floridas a balançar à passagem da rica procissão; vi

as pétalas das flores a voar. Animais maravilhosos brincavam no denso

arvoredo. Vi o príncipe Lourenço, montado em seu cavalo, virar aquela

cabeçajovem, exatamente como meu pai virara, e olhar para mim. O mundo

além dele ia passando, o mundo com seus penhascos brancos, seus

caçadores em seus corcéis baios e seus cães saltitantes.

-Acabou-se, Mestre-disse eu, e quão sonora e ressonante eraminha

voz, reagindo a tudo o que eu via.

- O quê, meu filho?

-A Rússia, o mundo das terras selvagens, o mundo daquelas terríveis

celas escuras dentro da úmida Mãe Terra.

Dei várias voltas. A fumaça subia da infinidade de velas acesas. A

cera escorria e pingava na prata cinzelada que as sustentava, pingando

até naquele chão lustroso e imaculado. O chão era como o mar, de repente

tão transparente, tão sedoso, e, lá em cima, as nuvens pintadas no mais

doce azul infinito. Parecia que havia uma névoa emanando dessas nuvens,

uma névoa úmida de verão feita de terra misturada com mar.

Tornei a olhar para a pintura. Fui até ela e bati-lhe com as mãos, e

fiquei contemplando os castelos brancos no alto dos morros, as delicadas



árvores podadas, a natureza violenta e sublime que aguardava com tanta

paciência o percurso preguiçoso de meu olhar transparente.

- Quanta coisa! - murmurei. Não havia palavras para descrever os

tons profundos de marrom e dourado da barba do mago exótico, ou o

sombreado da cabeça do cavalo branco, ou do rosto do homem calvo que o

conduzia, ou a graça dos camelos de pescoço arqueado, ou a massa de

flores deslumbrantes sendo pisadas sem ruído.

- Vejo isso com todo meu ser - suspirei. Fechei os olhos e encostei

na parede, recordando perfeitamente todos os aspectos enquanto o domo de

minha mente transformava-se neste quarto mesmo, e a parede estava lá

pintada por mim. - Vejo sem omitir nada. Vejo tudo - murmurei.

Senti o braço do Mestre em meu peito. Senti seu beijo em meu cabelo.

- Consegue ver de novo a cidade de vidro? - ele perguntou.

- Consigo fazê-la! - exclamei. Deixei a cabeça rolar em seu peito.

Abri os olhos e tirei do tumulto de tintas diante de mim as cores exatas

que eu queria, e fiz essa metrópole de vidro borbulhante erguer-se em

minha imaginação, até as torres furarem o céu. - Está ali, vê?

Numa torrente de palavras confusas e engraçadas, descrevi a cidade,

as agulhas verdes, amarelas e azuis das torres a balançar e brilhar na

luz celestial.

- Vê? - indaguei.

- Eu, não. Mas você, sim -disse o Mestre. - E isso é mais que suficiente.

No quarto escuro, vestimo-nos na madrugada negra.

Nada era difícil, nada tinha o peso e a resistência antigos. Parecia

que bastava eu passar os dedos na camisa para abotoá-la.

Descemos correndo, e os degraus da escada pareciam desaparecer sob

meus pés e fundir-se com a noite. Escalar os muros escorregadios do

palazzo não era nada, firmar os pés nas fendas da pedra, pousar num tufo

de samambaias e mato ao tentar alcançar as barras de uma janela e

finalmente abrir a grade não eram nada, e com que facilidade deixei cair

lá embaixo na água verde a pesada grade de metal. Que delícia vê-la

afundar, ver a água espirrar em volta daquele peso caindo, ver o reflexo

dos archotes na água.

- Estou caindo lá dentro.

- Venha.

Dentro da câmara, o homem levantou-se da escrivaninha. Para

proteger-se do frio, ele enrolara uma tira de lã em volta do pescoço.

Seu roupão azul-escuro tinha uma faixa de ouro e pérolas. Homem rico,

banqueiro. Amigo do Florentino, não chorando o prejuízo sobre as várias

páginas de pergaminho recendendo a tinta preta, mas sim calculando os

ganhos inevitáveis, todos os sócios assassinados a punhaladas ou por

envenenamento, ao que parecia, num salão de banquetes privado.

Terá ele adivinhado agora que fomos nós, o homem de capa vermelha e

o garoto de cabelos fulvos, que entramos por sua janela do quarto andar

nessa noite gelada de inverno?

Peguei-o como se ele fosse o amor de minha juventude e tirei a faixa

de lã que envolvia a artéria na qual eu iria me alimentar.

Ele implorou que eu parasse, que dissesse o meu preço. Quão plácido

parecia meu Mestre, observando só a mim, enquanto o homem implorava e eu

o ignorava, apenas procurando sua grande veia pulsante e irresistível.

-Sua vida, preciso tê-la, senhor-murmurei. -Sangue de ladrão é forte

, não é?

-Ah, menino-gritou ele, a determinação esboroando-se-, Deus envia

Sua justiça numa forma improvável assim?

Era forte, pungente e estranhamente rançoso esse sangue humano,

misturado com o vinho que ele bebera e as ervas dos alimentos que ele

comera, e quase púrpura escorrendo em meus dedos à luz daquelas suas

lâmpadas antes que eu pudesse lambê-lo.

No primeiro sorvo senti seu coração parar.

- Vá com calma, Amadeo - murmurou o Mestre:

Soltei-o e o coração recuperou-se.

- Assim, chupe lentamente, lentamente, deixando o coração

bombear o sangue para você, sim, e seja delicado com os dedos para que

ele não sofra sem necessidade, porque ele está tendo o pior destino

possível, que é saber que está morrendo.

Caminhamos juntos pelo cais estreito. Eu já não precisava

me equilibrar, embora meu olhar estivesse perdido nas profundezas das

águas cantantes, águas que o mar distante, entre muitas conexões

obstruídas, punha em movimento. Eu queria tocar no musgo úmido das

pedras. Estávamos numa pequena praça, deserta, diante das portas

angulosas de uma igreja alta de pedra. A igreja estava fechada, com

todas as janelas cerradas, todas as portas trancadas. Toque de recolher.

Silêncio.

- Outra vez, lindo, pela força que isso lhe dará - disse o

Mestre, e suas presas mortais cravaram-se em mim enquanto suas mãos me

mantinham preso.

- Você me enganaria? Você me mataria? - murmurei sentindo-me

novamente indefeso, não havendo esforços preternaturais suficientemente

fortes que eu pudesse convocar para escapar de suas garras. O sangue foi

sugado de mim numa onda gigante que deixou meus braços balançando e

tremendo, os pés dançando como se eu fosse um enforcado. Esforcei-me

para permanecer consciente. Empurrei-o. Mas o fluxo continuou

escorrendo, de todas as minhas fibras para dentro dele.

- Agora, outra vez, Amadeo, tome-o de mim. Ele me deu um golpe

certo no peito. Quase me derrubou. Eu estava tão fraco que caí à

frente, só no último instante segurando sua capa. Levantei-me e dei-lhe

uma gravata com o braço esquerdo. Ele recuou, endireitando-se,

dificultando as coisas para mim. Mas eu estava muito determinado, muito

provocado e muito decidido a zombar de suas lições.

- Muito bem, doce Mestre - disse eu rasgando de novo sua

pele. - Eu o tenho e tomarei todas as gotas do seu sangue, a não ser que

você seja rápido, rapidíssimo. - Só então percebi! Eu também tinha

minúsculas presas! Ele começou a rir baixinho, senti mais prazer vendo

que aquele de quem eu me alimentava ria embaixo dessas presas novas. Com

toda a força procurei arrancar seu coração. Ouvi-o gritar e depois rir

espantado. Chupei e chupei seu sangue, engolindo com um som rouco e

deselegante. - Venha, deixe-me ouvi-lo gritar de novo! - murmurei,

sugando o sangue avidamente, alargando o talho com os dentes, meus

dentes afiados e crescidos, essas presas que eu tinha agora, feitas para

essa execução. - Venha, implore misericórdia, Mestre. xxx

Sua risada era doce. Tomei seu sangue gole após gole, feliz e

orgulhoso com seu riso indefeso, com o fato de que ele caíra de joelhos

na praça e que eu ainda o tinha, e ele agora precisava levantar o braço

para me empurrar.

- Não consigo mais beber! - declarei.

Fiquei deitado nas pedras. O céu gelado estava escuro e salpicado

de estrelas brancas incandescentes. Contemplei-o, deliciosamente

consciente da pedra embaixo de mim, da superfície dura sob minhas costas

e minha cabeça. Nenhuma preocupação agora com a sujeira, a umidade, a

ameaça de doença. Nenhuma preocupação com o que poderiam estar pensando

os homens que olhavam da janela. Nenhuma preocupação com o adiantado da

hora. Olhem para mim, estrelas. Olhem para mim enquanto olho para vocês.



Silenciosos e reluzentes, esses olhinhos do céu.

Comecei a morrer. Uma dor lancinante atacou meu estômago e passou

para meus intestinos.

- Agora, tudo o que restar de um garoto mortal vai deixar você -

disse o Mestre. - Não tenha medo.

-Acabou a música?-murmurei. Virei-me e passei os braços em volta do

Mestre, que estava deitado a meu lado, a cabeça deitada no cotovelo. Ele

me abraçou.

- Posso lhe cantar uma canção de ninar? - disse ele baixinho.

Afastei-me dele.

Um líquido sujo começou a escorrer de mim. Instintivamente fiquei

envergonhado, mas essa sensação lentamente desapareceu. Ele me pegou no

colo, com a facilidade de sempre, e encostou meu rosto em seu pescoço.

Ventava muito à nossa volta. Então senti a água fria do Adriático e me

vi caindo nas inconfundíveis ondas do mar. O mar era salgado e delicioso

e não ameaçava. Rolei e rolei, e, achandome sozinho, tentei me orientar.

Eu estava ao largo, perto da ilha do Lido. Olhei para a ilha principal.

E vi, em meio à grande quantidade de navios ancorados, os archotes

acesos do Palazzo Ducale, com uma visão que era assombrosamente clara.

Ouvi o vozerio do porto escuro, como se estivesse nadando secretamente

no meio dos navios, embora eu não estivesse.

Que poder extraordinário escutar esse vozerio, conseguir desenvolver

a habilidade de perceber uma voz determinada e ouvir seus resmungos de

madrugada, e depois afinar o ouvido para escutar uma outra voz ainda e

deixar outras palavras penetrarem. Fiquei flutuando um pouco sob o céu,

até que a dor passou inteiramente. Senti-me purificado e não queria

estar sozinho. Virei-me e nadei sem esforço para o porto, nadando

debaixo d'água quando me aproximava dos navios.

O que agora me espantava era eu conseguir ver debaixo d'água! Havia

vida suficiente para meus olhos vampíricos enxergarem as imensas âncoras

alojadas no fundo lodoso da laguna, e ver os cascos arqueados dos

galeões. Era todo um universo submarino. Eu queria explorá-lo mais, mas

ouvi a voz do Mestre-não uma voz telepática, como agora chamaríamos, mas

sim sua voz audível chamando-me baixinho para voltar à praça onde ele me

esperava.

Tirei as roupas sujas e saí da água nu, correndo para ele naquela

escuridão gelada, exultante porque a própria friagem pouco significava.

Ao vê-lo, abri os braços e sorri.

Ele segurava uma capa de pele que ele abriu para me receber, secando

o meu cabelo e enrolando-me com ela.

- Você sente sua nova liberdade. Seus pés descalços não se afetam

com o frio das pedras. Se você se cortar, sua pele resiliente regenera-se instantaneamente, e nenhum animalzinho rasteiro das trevas

lhe provocará repulsa. Não podem lhe fazer mal. As doenças não lhe podem

fazer mal. - Ele me cobriu de beijos. - O sangue mais pestilento apenas

o alimentará, enquanto seu corpo preternatural o purifica e o absorve.

Você é uma criatura poderosa, e aqui dentro? Em seu peito, que agora

toco com minha mão, está seu coração, seu coração humano.

- É mesmo, Mestre? - perguntei.

Eu estava alegre, estava brincalhão. Por que ainda tão humano?

- Amadeo, você me achou desumano? Cruel?

Eu sacudira a água do cabelo, que secara quase instantaneamente.

Agora saíamos da praça de braço dado, a pesada capa de pele me cobrindo.

Quando não respondi, ele parou e tornou a me abraçar e começou a me

beijar avidamente.

- Você me ama como sou agora, mais ainda que antes - eu disse.

- Ah, sim - ele respondeu. Abraçou-me asperamente e beijou minha

garganta toda, meus ombros e começou a beijar meu peito.

- Agora não

posso machucá-lo, não posso extinguir sua vida com um abraço acidental.

Você é meu, de minha carne, de meu sangue.

Ele parou. Estava chorando. Não queria que eu visse. Virou de costas

quando tentei pegar seu rosto com minhas mãos impertinentes.

- Mestre, eu o amo - declarei.

- Preste atenção - ele me afastou, obviamente constrangido com suas

lágrimas. Apontou para o céu. - Você sempre saberá quando a manhã

estiver chegando, se prestar atenção. Está sentindo? Está ouvindo os

pássaros? No mundo inteiro há desses pássaros que cantam logo antes da

aurora.

Pensei algo sinistro e terrível. Que uma das coisas de que eu

sentira falta no Mosteiro das Covas embaixo de Kiev era o barulho dos

pássaros. Lá nas estepes, caçando com meu pai, cavalgando pelos bosques,

eu adorava o canto dos pássaros. Nunca ficamos muito tempo nas

miseráveis choupanas ribeirinhas de Kiev sem aquelas viagens proibidas

às terras selvagens das quais tantos não voltaram.

Mas isso acabara. Eu tinha toda a doce Itália à minha volta, a doce

Sereníssima. Tinha o Mestre e a grande magia voluptuosa de sua

transformação. - Para isso fui às terras selvagens - murmurei. - Para

isso ele me tirou do Mosteiro naquele último dia.

O Mestre olhou-me com tristeza.

- Espero que sim - disse. - O que sei do seu passado li em sua mente

quando ela estava aberta para mim, mas agora está fechada, fechada

porque transformei você num vampiro, igual a mim, e não podemos conhecer

a mente um do outro. Somos muito próximos, o sangue que compartilhamos faz

um barulho ensurdecedor em nossos ouvidos quando  
tentamos conversar em

silêncio um com o outro, por isso, largo para sempre essas  
terríveis

imagens daquele Mosteiro subterrâneo tão cintilante em  
seus pensamentos,

mas sempre com agonia, sempre beirando o desespero.  
Sim, desespero, e

tudo isso foi embora como folhas soltas de um livro jogadas  
ao vento.

Foi embora, assim.

Ele me apressou. Estávamos indo para casa. Era para outro  
lado pelos

becos internos.

- Vamos agora para nosso berço - disse ele -, que é nossa  
cripta,

nossa cama que é nosso túmulo.

Entramos num velho palazzo dilapidado, habitado apenas  
por uns

poucos pobres.

Não gostei. Eu tinha sido educado por ele no luxo. Mas logo  
entramos

num porão, o que aparentemente era uma impossibilidade  
na malcheirosa

Veneza pantanosa, mas se tratava realmente de um porão.  
Descemos uma

escadaria de pedra, passando por grossas portas de bronze,  
que homens

sozinhos não conseguiam abrir, até a escuridão retinta que  
encontramos

no último aposento.

-Eis aqui um truque - murmurou o Mestre - que uma noite  
dessas você

terá força suficiente para conseguir fazer.

Ouvi uma crepitação, um assobio, e surgiu uma grande  
tocha acesa em

sua mão. Ele a acendera apenas com a mente.

-A cada década você ficará mais forte, e depois a cada  
século, e

descobrirá muitas vezes em sua longa vida que seus  
poderes deram um

salto mágico. Teste-os cuidadosamente e proteja o que  
descobrir. Use com

inteligência o que descobrir. Nunca fuja de qualquer poder,  
pois isso é

uma tolice tão grande quanto um homem fugir de sua força.

Balancei a cabeça positivamente, contemplando as chamas  
fascinado.



Eu nunca vira cores assim num fogo simples, e esse fogo não me causava

aversão, embora eu soubesse que era a única coisa capaz de me destruir.

Ele havia dito isso, não?

Ele fez um gesto. Eu deveria olhar o quarto.

Que câmara esplêndida era. Tinha o piso de ouro! Até o teto era de

ouro. Dois sarcófagos de pedra erguiam-se no centro do aposento, cada

qual ornado com uma figura entalhada à moda antiga, isto é, severa e

mais solene que o natural; e, ao me aproximar, vi que essas figuras eram

cavaleiros de capacete, com túnicas longas e espadas de lâmina larga

entalhadas junto a seus flancos, mãos enluvadas postas em posição de

oração, olhos fechados num sono eterno. Cada qual havia levado um banho

de ouro e de prata e sido cravejado com inúmeras pequeninas pedras

preciosas. Os cintos dos cavaleiros eram cravejados de ametistas.

Safiras enfeitavam a gola de suas túnicas. Topázios refulgiam nas

bainhas de suas espadas.

- Essa fortuna não é uma tentação para um ladrão? - perguntei. -

Largada como está no porão dessa casa em ruínas?

Ele riu sinceramente.

- Você já está me ensinando a ser cuidadoso? - perguntou sorrindo.

Que resposta insolente! Nenhum ladrão consegue entrar aqui. Você não

avaliou sua força quando abriu as portas, Olhe o ferrolho que fechei

quando entramos, já que está tão preocupado. Agora veja se consegue

abrir a tampa do caixão. Ande. Veja se sua força é igual à sua

petulância.

- Eu não tive intenção de ser insolente - protestei. - Graças a Deus

você está sorrindo. - Abri a tampa e depois empurrei a parte inferior

para o lado. Aquela tampa não era nada para mim, embora eu soubesse que

era de pedra e pesava. - Ah, entendo - falei, aquietado. Deilhe um

sorriso radioso e inocente. O interior era forrado de damasco púrpura

real.

- Entre neste berço, meu menino-disse ele.-Não tenha medo enquanto

espera o nascer do sol. Quando ele chegar, você estará dormindo um sono

suficientemente profundo.

-Não posso dormir com você?

-Não, aqui nesta cama que preparei há muito tempo para você, aqui é

o seu lugar. Eu tenho o meu que é estreito aqui a seu lado, e não dá

para dois. Mas você agora é meu, meu, Amadeo. Conceda-me um último grupo

de beijos, ah, doce, sim, doce...

- Mestre, não me deixe irritá-lo nunca. Não me deixe nunca...

- Não, Amadeo, seja meu provocador, meu questionador, meu pupilo

audacioso e ingrato. - Ele parecia ligeiramente triste. Empurrou-me

delicadamente. Mostrou o caixão.

O cetim adamascado púrpura cintilou.

- Então vou-me deitar aí - murmurei -, tão jovem. Vi a  
sombra de dor

em seu rosto depois que falei isso. Arrependi-me de ter  
falado. Eu

queria me desdizer, mas ele fez sinal para que eu  
continuasse.

Ah, como eram frias as malditas almofadas, e duras.  
Coloquei a tampa

no lugar, por cima de mim, e fiquei quieto ali deitado,  
ouvindo, ouvindo

a tocha sendo apagada e o ranger de pedra contra pedra  
quando ele abriu

seu túmulo. Ouvi sua voz:

- Boa-noite, meu jovem amor, meu amor criança, meu filho -  
disse

ele.

Deixei meu corpo ficar inerte. Que delícia era esse  
relaxamento

simples. Lá na minha longínqua terra natal, os monges  
cantavam no

Mosteiro das Covas. Sonolentemente, refleti sobre todas as  
coisas que eu

lembrava. Eu havia voltado para minha terra em Kiev. Com minhas

lembranças, fizera um quadro para me ensinar tudo o que eu pudesse

saber. E, nos últimos momentos de consciência noturna, dei-lhes um adeus

definitivo, adeus a suas crenças e suas restrições.

Imaginei A procissão dos magos esplendidamente fulgurante na parede

do Mestre, a procissão que seria minha para estudar quando o sol

tornasse a se pôr. Com aquele meu espírito selvagem e apaixonado, aquele

meu coração vampírico recém-nascido, pareceu-me que os Reis Magos haviam

vindo não só para o nascimento de Cristo, mas também para meu

renascimento.

Se eu havia pensado que minha transformação em vampiro significava o

fim de meu a rendizado com Marius ou de sua tutela sobre mim, estava

redondamente enganado. Não fui liberado logo para me espojar nas

alegrias de meus novos poderes. Na noite seguinte à minha metamorfose,

minha educação começou a sério. Eu agora deveria me preparar não para

uma vida temporal mas sim para a eternidade. O Mestre informou-me que

fora feito vampiro quase quinhentos anos atrás, e que havia membros de

nossa espécie espalhados pelo mundo todo. Misteriosos desconfiados e

muitas vezes miseravelmente solitários, os peregrinos da noite, como o

Mestre os chamava, em geral não tinham preparo para a imortalidade e

nada faziam de sua existência senão uma sucessão de desastres

melancólicos até se consumirem de desespero e se imolarem em alguma

fogueira medonha ou entrando na luz do sol.

Quanto aos muito velhos, aqueles que, como o Mestre, conseguiram

resistir à passagem de impérios e épocas, estes eram, na maioria,

misantropos procurando para si mesmos cidades em que udessem reinar

superiores entre os mortais, expulsando novatos que tentassem

compartilhar seu território, mesmo se isso significasse destruir

criaturas de sua própria espécie.

Veneza era o incontestável território do Mestre, sua reserva de caça

e sua própria arena particular, na qual ele podia presidir todos os jogos

que julgasse relevantes para ele nessa época da vida.

- Tudo passa- disse ele -, menos você. Você precisa escutar o que

digo porque minhas lições são, em primeiro lugar, lições de sobrevivência; os acessórios vêm depois. A lição primeira era que só

matamos "o malfeitor". Esta fora, nos séculos mais nebulosos do tempo

antigo, uma missão solene confada aos bebedores de sangue, e realmente

havia uma religião obscura nos envolvendo na época da antigüidade pagã

na qual os vampiros eram reverenciados como portadores de justiça para

quem tivesse agido mal.

" Jamais tornaremos a deixar uma superstição dessas envolver a nós e

ao mistério de nossos poderes. Não somos infalíveis. Não recebemos



nenhuma missão de Deus. Vagamos pela terra como os felinos gigantes das

grandes selvas e não temos mais direito sobre aqueles que matamos do que

qualquer criatura que procura viver.

"Mas é um princípio infalível que o massacre dos inocentes enlouquece. Acredite em mim quando lhe digo que para sua paz de espírito

você precisa se alimentar dos maus, precisa aprender a amá-los em toda

sua imundície e degeneração, e precisa viver das visões da maldade deles

que inevitavelmente lhe encherão o coração e a alma durante o

assassinato.

"Mate um inocente e mais cedo ou mais tarde você sentirá culpa, e

com isso você ficará impotente e finalmente em desespero. Você pode

achar que somos muito cruéis e muito frios para isso. Pode sentir-se

superior aos seres humanos e desculpar seus excessos predatórios

alegando estar apenas buscando o sangue necessário à vida. Mas a longo

prazo isso não funciona.

"A longo prazo, você aprende que é mais humano que monstro, tudo o

que é nobre em você decorre de sua humanidade, e sua natureza realçada

só pode levá-lo a valores mais humanos ainda. Você acabará ficando com

pena das pessoas que você mata, mesmo as mais irrecuperáveis, e acabará

amando tão desesperadamente os humanos que haverá noites em que a fome

lhe parecerá de longe preferível ao repasto de sangue."

Aceitei isso sinceramente, e logo mergulhei com o Mestre nas zonas

licenciosas de Veneza, no mundo selvagem de tabernas e vício, coisa que,

na qualidade de misterioso e bem-vestido "aprendiz" de Marius De

Romanus, eu nunca havia visto. Obviamente eu conhecia lugares em que se

bebia, conhecia cortesãs elegantes como nossa querida Bianca, mas não

conhecia realmente os ladrões e os assassinos de Veneza, e era destes

que eu me alimentava.

Logo, logo, entendi o que o Mestre tinha em mente quando disse que

eu precisava desenvolver um gosto pelo mal e conservar esse gosto. As

visões de minhas vítimas tornaram-se mais fortes para mim com cada

assassinato. Comecei a ver cores brilhantes quando matava. De fato, às

vezes, eu via essas cores dançando em volta de minhas vítimas antes até

de me aproximar delas. Alguns homens parecem andar em sombras

avermelhadas, e outros emitir uma luz laranja flamejante. A raiva de

minhas vítimas piores e mais tenazes muitas vezes tinha um tom de

amarelo brilhante que me ofuscava, queimando-me, por assim dizer, tanto

quando eu atacava como enquanto eu bebia todo o sangue da vítima.

No início, eu era um assassino terrivelmente violento e impulsivo.

Deixado por Marius num covil de assassinos, eu trabalharia com uma fúria

estabanada, arrancando minha presa da taberna ou do cortiço,

encurralando-a no cais e depois dilacerando sua garganta como se eu

fosse um cão selvagem. Eu bebia sofregamente, muitas vezes rompendo o

coração de minha vítima. Uma vez que o coração arrebenta, uma vez que o

homem está morto, nada há para bombear o sangue para dentro de você. Por

isso não é tão bom.

Mas o Mestre, apesar de todos seus nobres discursos sobre as

virtudes dos humanos e de sua firme insistência em nossas próprias

responsabilidades, ensinou-me a matar com sutileza.

- Beba devagar - dizia.

Caminhávamos às margens estreitas dos canais onde havia margem.

Atravessávamos de gôndola procurando, com nossos ouvidos preternaturais,

escutar conversas que parecessem dirigidas a nós.

- E na metade dos casos, você não precisa arrancar as vítimas de

suas casas. Fique do lado de fora, leia o pensamento da pessoa, jogue-lhe

uma isca silenciosa. Se você ler os pensamentos da vítima,  
é quase certo

que ela poderá receber sua mensagem. Você pode atrair  
sem palavras. Pode

exercer uma atração irresistível. Quando ela sair para ir até  
você,

então, tome-a.

"Ejamais é necessário que ela sofra, nem que haja  
realmente

derramamento de sangue. Abrace-a, ame-a se quiser.  
Acaricie-a lentamente

e crave seus dentes com cuidado. Então banquetee-se tão  
lentamente

quanto puder. Assim o coração dela o ajudará.

"Quanto às visões e essas cores de que você fala, procure  
aprender

com elas. Deixe a vítima na hora da morte contar-lhe o que  
puder sobre a

vida. Se passarem diante de você imagens da longa vida  
dela, observe-as,

ou, antes, saboreie-as. Sim, saboreie-as. Devore-as  
lentamente como

devora o sangue da vítima. Quanto às cores, deixe que elas  
o impregnem.

Deixe que a experiência toda o inunde. Isto é, seja ao mesmo tempo ativo

e absolutamente passivo. Faça amor com sua vítima. E fique sempre atento

procurando ouvir o momento exato em que o coração pára de bater. Você aí

sentirá uma sensação inegavelmente orgiástica, mas esse momento pode

passar despercebido.

"Suma com o corpo depois, ou certifique-se de ter apagado qualquer

sinal de perfuração na garganta da vítima. Um bocadinho de seu sangue na

ponta de sua língua basta para fazer isso. Em Veneza, é comum

encontrar cadáveres. Você não precisa se esforçar muito. Mas, quando

caçamos nos vilarejos afastados, muitas vezes você pode precisar

enterrar os restos mortais."

Eu ansiava por todas essas lições. Era um prazer magnífico

caçarmos juntos. Acabei logo deduzindo que Marius fora estabado nos

assassinatos que cometera para eu presenciar antes de minha

transformação. Eu soube então, como talvez tenha deixado claro nesta

história, que ele queria que eu sentisse pena dessas vítimas; queria que

eu sentisse horror. Queria que eu visse a morte como uma abominação. Mas

devido à minha juventude, à minha dedicação a ele e à violência cometida

contra mim em minha curta vida mortal, eu não reagira como ele havia

esperado.

Fosse porque fosse, ele agora era um assassino muito mais hábil.

Muitas vezes tomávamos a mesma vítima, juntos, eu bebendo da garganta de

nosso cativo, enquanto ele chupava seu pulso. Às vezes ele se deleitava

segurando a vítima para mim enquanto eu bebia o sangue todo. Sendo novo,

eu tinha sede todas as noites. Podia passar três noites sem matar, sim, e

às vezes passava, mas na quinta noite de abstinência- isso foi testado eu

estava fraco demais para me levantar do sarcófago. Então isso queria

dizer que, se e quando eu porventura estivesse sozinho, eu precisava

matar pelo menos a cada quatro noites.

Meus primeiros meses foram uma orgia. Cada assassinato parecia mais

eletrizante, mais paralisantemente delicioso que o anterior. A simples

visão de uma garganta nua era capaz de me provocar um tal estado de

excitação que eu ficava como um animal, sem conseguir falar nem me

controlar. Quando abria os olhos naquela fria escuridão de pedra, eu

imaginava carne humana. Sentia a textura dessa carne nas mãos nuas e a

queria, e a noite para mim não podia ter outros acontecimentos antes de

pegar aquela que seria sacrificada à minha necessidade.

Durante um bom tempo depois do assassinato, sensações doces e

latejantes me percorriam enquanto o sangue perfumado encontrava todos os

cantos de meu corpo, enquanto bombeava seu magnífico calor para meu



rosto. Isso, e exclusivamente isso, era suficiente para me absorver

completamente, jovem como eu era.

Mas Marius não tinha intenção de deixar que eu me espojasse em

sangue, o predador jovem apressado, sem pensar em mais nada a não ser se

fartar noite após noite.

- Você precisa mesmo aprender a sério história e filosofia e direito

disse-me ele. - Não está destinado à Universidade de Pádua agora. Está

destinado a durar.

Então, quando nossas missões furtivas terminavam, e voltávamos ao

palazzo aconchegante, ele me fazia ler. De qualquer maneira, queria que

eu mantivesse uma certa distância de Riccardo e dos outros, receando que

eles desconfiassem da mudança que ocorrera.

De fato, ele me disse que eles "sabiam" da mudança conscientemente

ou não. Seus corpos sabiam que eu já não era humano, embora suas mentes

pudessem custar um pouco a aceitar o fato.

- Mostre a eles só cortesia, amor e a mais completa tolerância, mas

mantenha distância - disse-me Marius. - Quando eles perceberem que o

impensável aconteceu, você terá deixado claro que não é inimigo deles,

que realmente continua sendo o Amadeo, de quem eles gostam, e que,

embora tenha mudado, não mudou em relação a eles.

Compreendi isso. Imediatamente senti um amor maior por Riccardo. Senti isso por todos os meninos.

- Mas Mestre - perguntei -, você nunca perde a paciência

com eles, com , o fato de eles terem um raciocínio mais lento, de serem

desajeitados? Eu os amo, ' sim, mas certamente você os vê sob um prisma

mais pejorativo do que eu.

- Amadeo - disse ele meigamente -, eles todos vão morrer.

Sua expressão estava carregada de tristeza. Senti isso totalmente,

na mesma hora, que era o modo como agora eu sentia as coisas. As

sensações vinham numa torrente e ensinavam suas lições de

uma vez só. Eles todos vão morrer. Sim, e eu sou imortal. Depois disso,

eu só podia ser paciente com eles, e, de fato, eu me divertia com o modo

como eu olhava para eles e os estudava, sem deixar que soubessem, mas me

deliciando com todos os detalhes deles como se eles fossem exóticos

porque... morreriam. Há coisas demais para descrever, coisas demais. Não

consigo encontrar uma maneira de colocar no papel tudo que ficou claro

para mim só nos primeiros meses. E não houve nada que eu aprendesse

naquela época que depois não tivesse sido aprofundado.

Eu enxergava processo em tudo o que via; farejava corrupção,

mas também enxergava o mistério do crescimento, a magia das coisas

desabrochando e amadurecendo, e na verdade todo processo, seja de

amadurecimento, seja de morte, encantava-me e fascinava-me, isto é,

exceto a desintegração da mente humana.

Meu estudo de administração e direito era mais um desafio. Embora eu

lesse infinitamente mais rápido e com uma compreensão quase instantânea

da sintaxe, precisava me obrigar a me interessar por assuntos como a

história do Direito Romano da antigüidade, e o grande código do

imperador Justiniano, chamado CorpusJuris Civilis, que o Mestre achava

um dos melhores códigosjá escritos.

- O mundo só está melhorando - ensinou-me Marius. - Com cada século,

a civilização fica mais apaixonada pela justiça, os homens comuns fazem

grandes progressos no sentido de compartilhar a riqueza que antes era o

prêmio dos poderosos, e a arte se beneficia de todo aumento de

liberdade, ficando cada vez mais imaginativa, mais criativa e mais bela.

Eu só conseguia entender isso teoricamente. Não acreditava em direito

nem , me interessava pelo assunto. Na verdade, em tese, eu tinha um

total desprezo pelas idéias do Mestre. O que quero dizer é que eu não o

desprezava, mas tinha um desprezo subjacente tão completo pelo direito,

por instituições legais e governamentais que eu nem sequer compreendia.

O Mestre dizia que compreendia.

- Você nasceu numa terra sinistra e selvagem - disse. - Eu gostaria

de poder fazer você recuar duzentos anos no tempo, para aquela época

antes que Batu, o filho de Gêngis Khan, saqueasse a magnífica cidade de

Kiev Rus, para a época em que os domos de sua Santa Sofia eram mesmo

verdes, e seu povo cheio de engenhosidade e esperança.

- Ouvi falar ad nauseam dessa antiga glória - disse eu calmamente,

sem querer irritá-lo. -Encheram-me com essas histórias dos velhos tempos

quando eu era menino.

Naquela miserável casa de madeira em que morávamos, a poucos metros

do rio congelado, eu escutava essas idiotices tiritando perto do iogo.

Havia ratos em nossa casa. Lá, de bonito, só havia os ícones e as

canções de meu pai. Só havia depravação naquela terra, e estamos

falando, como você sabe, de uma terra imensa. Você não pode saber o

tamanho da Rússia a não ser que tenha estado lá, a não ser que tenha

estado, como estive com meu pai, nas florestas geladas ao norte de

Moscou, ou em Novgorod, ou em Cracóvia, a leste. Interrompi-me. - Não

quero pensar nessa época nem nesse lugar - eu disse. - Na Itália não se

pode sonhar em suportar um lugar desses.

-Amadeo, a evolução da lei, do governo, é diferente em cada terra e

com cada povo. Escolhi Veneza, como já lhe disse, há muito tempo, porque

é uma grande República, e porque seu povo está firmemente ligado à Mãe

Terra pelo simples fato de ser um povo de mercadores envolvidos com o

comércio. Adoro a cidade de Florença porque sua grande família, os

Medici, é de banqueiros, não ociosos aristocratas titulados que

desprezam qualquer tipo de esforço em nome de algo que eles acreditam

ter sido dado por Deus. As grandes cidades da Itália são feitas de

homens que trabalham, homens que criam, homens que fazem, e, por causa

disso, há uma maior compaixão por todos os sistemas e oportunidades

infinitamente maiores para homens e mulheres de todos os níveis.

Fiquei desanimado com essa conversa. O que importava isso?

- Amadeo, o mundo agora é seu - disse o Mestre. - Você precisa olhar

para os movimentos maiores da história. Com o tempo, o estado do mundo

acabará por oprimi-lo, e você descobrirá, como todos os imortais

descobrem, que não pode simplesmente fechar o coração para isso,

sobretudo você.

- Por quê? - perguntei um tanto irritado. - Acho que posso fechar os

olhos. Que me importa se um homem é banqueiro ou mercador? Que me

importa se vivo numa cidade que constrói sua própria frota mercante?

Posso ficar eternamente olhando as pinturas desse palazzo, Mestre. Ainda

nem comecei a ver todos os detalhes de A procissão dos magos e já há

tantas outras. E as pinturas todas dessa cidade?

Ele sacudiu a cabeça

- O estudo da pintura vai levá-lo ao estudo do homem, e o estudo do

homem vai levá-lo a lamentar ou celebrar o estado do mundo dos homens.

Não acreditei, mas eu não estava autorizado a mudar o currículo.

Estudei como me mandaram. Agora, o Mestre tinha muitos dons que eu não

possuía, mas, segundo ele, eu iria desenvolvê-los com o tempo. Ele

conseguia fazer fogo com a mente, mas só em condições ideais- isto é,



ele conseguia acender uma tochajá preparada com breu.  
Era capaz de

escalar um prédio sem esforço apoiando-se apenas em um  
ou outro

parapeito para tomar impulso e subir com movimentos  
graciosos e rápidos,

e chegava a qualquer profundidade embaixo d'água.  
Obviamente sua visão e

sua audição vampíricas eram muito mais fortes e apuradas  
que as minhas,

e, enquanto as vozes me perturbavam, ele sabia calá-las  
enfaticamente.

Eu precisava aprender isso, e de fato me esforçava  
desesperadamente

para tal, pois havia épocas em que Veneza inteira parecia  
nada mais que

uma cacofonia de vozes e orações.

Mas o grande poder que ele possuía e eu não era sua  
capacidade de

alçar vôo e vencer distâncias imensas com grande  
velocidade. Isso me

fora demonstrado muitas vezes, mas quase sempre, ao me  
levantar e me

carregar, ele forçara minha cabeça para baixo para que eu  
não pudesse

ver onde nem como havíamos ido.

Por que ele era tão reticente a esse respeito eu não conseguia

entender.

Finalmente, uma noite, quando ele se recusou a nos transportar como

que magicamente para a Ilha do Lido, para que pudéssemos apreciar uma

das cerimônias noturnas de fogos de artifício e navios iluminados com

tochas na água, insisti na pergunta.

- É um poder assustador-disse ele calmamente. - É assustador não ter

os pés na terra. Nos primeiros estágios, isso não acontece sem suas

mancadas e seus acidentes. À medida que a pessoa ganha experiência,

subindo suavemente para a atmosfera mais alta, esfria não só para o

corpo mas também para a alma. Não parece preternatural, mas sim

sobrenatural. - Eu podia ver que ele sofria com isso. Balançou a cabeça.

- É o único talento que parece genuinamente inumano. Não posso aprender

com os humanos a melhor forma de usá-lo. Com todos os outros talentos,

os humanos são meus professores. O coração humano é a minha escola. Com

esse não. Eu viro o mágico; viro o bruxo ou o feiticeiro. É uma coisa

sedutora, e a pessoa pode ficar escrava disso.

- Mas como? - perguntei.

Ele estava confuso. Nem queria falar sobre aquilo. Finalmente ficou

apenas um pouco impaciente.

- Às vezes, Amadeo, você me atormenta com perguntas. Você pergunta

se eu lhe devo essa instrução. Pode acreditar, não devo.

-Mestre, você me criou e insiste em minha obediência. Por que eu

haveria de ler A história de minhas calamidades, de Abelardo, ou os

escritos de Duns Scotus da Universidade de Oxford se você não me fizesse

ler?-Parei. Lembrei de meu pai e de como eu não parava de agredi-lo com

palavras cáusticas, respostas impertinentes e críticas. Fiquei

desanimado. - Mestre, explique isso.

Ele fez um gesto como se para dizer "Ah, tão simples, hã?" - Está

bem - prosseguiu. - É assim. Posso subir muito nos ares e deslocar-me

muito depressa. Não consigo entrar nas nuvens muitas vezes. Elas em

geral estão mais altas do que eu. Mas posso locomover-me tão rápido que

o mundo vira um borrão. Vejo-me em terras estranhas quando desço. E lhe

digo, apesar de toda a magia, isso é uma coisa profundamente chocante e

perturbadora. Às vezes fico perdido, tonto, inseguro quanto a meus

objetivos ou minha vontade de viver, depois de usar esse poder. As

transições são muito rápidas; isto é, talvez. Nunca falei sobre isso com

ninguém, e agora estou falando com você, e você é um garoto, e não pode

começar a entender.

Eu não começava.

Mas, pouquíssimo tempo depois, foi desejo dele fazermos uma viagem

mais longa do que qualquer uma que já fizéramos. Era apenas uma questão

de horas, mas, para meu total espanto, viajamos entre o crepúsculo e o

início da noite para a cidade de Florença. Lá, deixado num mundo

totalmentp diferente do mundo da região da Venécia, caminhando

calmamente no meio de uma raça inteiramente diferente de italianos,

entrando em igrejas e palácios de estilo diferente, compreendi pela

primeira vez o que ele queria dizer. Entenda, eu já havia visto

Florença, viajando como o aprendiz mortal de Marius, com um grupo dos

outros. Mas aquilo que eu vira rapidamente não foi nada comparado com o

que vi como vampiro. Agora eu tinha os instrumentos de avaliação de um

deus menor.

Mas era noite. A cidade estava sob o toque de recolher. E as pedras

de Florença pareciam mais escuras, mais opacas, lembrando uma fortaleza,

as ruas estreitas e sombrias, já que não eram clareadas por faixas

luminescentes de água como as nossas. Os palácios de Florença não tinham

os extravagantes ornamentos mouriscos dos prédios famosos de Veneza, as

fantásticas fachadas de pedra polida. Seu esplendor ficava fechado, como

é mais comum nas cidades italianas. No entanto a cidade era rica, cheia

de delícias para os olhos.

Afinal de contas era Florença - a capital do homem chamado Lourenço,

o Magnífico, a irresistível figura que dominava a cópia de Marius do

grande mural que eu vira na noite de meu renascimento negro, um homem

que havia morrido há poucos anos apenas.

Encontramos a cidade ilicitamente movimentada, embora estivesse

bastante escuro, com grupos de homens e mulheres passeando pelas ruas

pavimentadas, e pairava um clima sinistro de agitação na Piazza della

Signoria, uma das mais importantes das muitas praças da cidade.

Acabara de haver uma execução ali naquele dia, um acontecimento nada

comum em Florença, ou em Veneza. Fora uma morte na fogueira. Eu sentia o

cheiro de lenha e carne torrada embora as evidências todas tivessem sido

removidas dali antes de anoitecer.

Eu tinha uma aversão natural por essas coisas, o que nem todo mundo

tem, diga-se de passagem, e me aproximava da cena cautelosamente, sem

querer, com esses sentidos aguçados, ser perturbado por algum horrível

vestígio de crueldade.

Marius sempre nos mandara tomar cuidado para não "gostar" desses

espetáculos, e nos colocarmos mentalmente no lugar da vítima se

quiséssemos aprender ao máximo com o que víamos.

Como a história ensina, em execuções, o povo costuma ser cruel e

indisciplinado, às vezes insultando a vítima por medo, acho eu. Nós, os

meninos de Marius, sempre achamos terrivelmente difícil unir mentalmente

a nossa sorte à pessoa que estivesse sendo enforcada ou queimada. Em

resumo, ele tirara toda a graça da coisa para nós.

Naturalmente, como esses rituais aconteciam quase sempre de dia,

Marius nunca os presenciara.

Agora, enquanto rumávamos para a grande Piazza della Signoria, eu

via que ele estava incomodado com a fuligem que ainda pairava no ar e

com os cheiros desagradáveis. Notei também que passávamos facilmente

pelas pessoas, dois vultos rápidos envoltos em mantos escuros. Nossos

pés quase não faziam barulho. Era o dom vampírico que permitia que nos

deslocássemos furtivamente, desaparecendo depressa com uma graça

instintiva da vista de algum observador repentino e ocasional.

- É como se fôssemos invisíveis, lembre-se - murmurou ele.

- Mas quem morreu aqui hoje? As pessoas estão nervosas e com medo.



Ouçã. Há satisfação e há pranto.

Ele não respondeu. Fiquei aflito.

- O que é isso? Não pode ser uma coisa comum - disse eu. -  
A cidade

está alerta e inquieta demais.

- É o grande reformador deles, Savonarola - disse Marius. -  
Ele foi

enforcado hoje aqui e depois queimado. Graças a Deus já  
estava morto

antes que o fogo o pegasse.

- Você deseja misericórdia para Savonarola? - perguntei. Eu  
estava

intrigado. Este homem, talvez um grande reformador aos  
olhos de alguns,

sempre fora amaldiçoado por todos os meus conhecidos. Ele  
condenara os

prazeres dos sentidos, negando a validade da própria escola  
em que o

Mestre achava que todas as coisas deveriam ser  
aprendidas.

- Desejo misericórdia para qualquer homem -disse Marius.  
Ele fez

sinal para que eu seguisse, e nos deslocamos para a rua  
vizinha.

Fomos embora da praça medonha.

- Até para esse, que convenceu Botticelli a botar seus próprios

quadros nas Fogueiras das Vaidades? - perguntei. - Quantas vezes, nas

cópias que fez de trabalhos de Botticelli, você me mostrou detalhes de

graça e beleza que não queria que eu jamais esquecesse?

- Vai discutir comigo até o fim do mundo? - disse Marius. - Estou

contente que meu sangue tenha lhe dado forças em todos os aspectos, mas

você precisa questionar qualquer palavra que me sai da boca?-Lançou-me

um olhar furioso, deixando a luz dos archotes ali perto iluminar em

cheio seu sorriso um tanto zombeteiro. - Alguns estudantes acreditam

nesse método, e acham que verdades maiores emergem da tensão contínua

entre professor e aluno. Mas eu não! Acho que você precisa esperar

minhas lições calarem em sua mente pelo menos cinco minutos antes de

começar a contra- atacar.

- Você tenta zangar comigo mas não consegue.

- Ah, que confusão! -disse ele como se estivesse praguejando.

Caminhava rápido à minha frente.

Aquela ruela florentina era lúgubre, antes parecia um corredor de

uma casa grande do que uma rua urbana. Senti saudades da brisa de

Veneza, ou melhor, meu corpo sentiu, por hábito. Eu estava bastante

fascinado de estar ali.

- Não fique tão exasperado - disse eu. - Por que eles se viraram

contra Savonarola?

- Dê tempo aos homens e eles se viram contra qualquer pessoa. Ele

dizia que era um profeta, divinamente inspirado por Deus, e que este era

o fim dos tempos, e essa é a queixa cristã mais cansativa e mais velha

que há no mundo, pode crer. O fim dos tempos! O cristianismo é uma

religião baseada na noção de que estamos vivendo no fim dos tempos! É

uma religião alimentada pela capacidade que os homens têm de esquecerem

todos os erros do passado e se prepararem de novo para o fim dos tempos.

Sorri, mas com amargura. Eu queria articular um pressentimento

forte, de que vivíamos sempre no fim dos tempos, e isso estava gravado

em nosso coração, porque éramos mortais, quando de repente me dei conta

inteiramente de que eu já não era mais mortal, senão na medida em que o

próprio mundo era mortal. E achei que entendia mais visceralmente do que

nunca o clima intencionalmente sombrio de minha infância na remota Kiev.

Vi novamente as catacumbas barrentas e os monges semi-enterrados que me

animaram a me tornar um deles.

Tirei isso da cabeça, e como Florença estava clara ao chegarmos na

grande Piazza del Duomo toda iluminada por archotes - diante da grande

catedral de Santa Maria del Fiore.

- Ah, meu pupilo realmente ouve de vez em quando - ironizou Marius.

- Sim, estou mais que contente que Savonarolajá não exista mais. Mas

alegrarse com o fim de alguma coisa não é aprovar o desf le interminável

de crueldades que é a história humana. Eu desejava que fosse diferente.

Sacrifícios públicos tornam-se grotescos em todos os aspectos. Embotam

os sentidos do povo. Nessa cidade, mais que em qualquer outra, esses

sacrifícios são um espetáculo. Os florentinos gostam, como gostamos de

nossas regatas e procissões. Então Savonarola morreu. Bem, se houve

algum homem que tenha pedido a morte, foi Savonarola, prevendo como

previu o fim do mundo, amaldiçoando príncipes do púlpito, levando

grandes pintores a imolarem suas obras. Que vá para o inferno.

-Mestre, olhe, o Batistério, vamos, vamos ver as portas. A praça

está quase vazia. Venha, é a nossa chance de ver os bronzes. - Puxei-o

pela manga. Ele me seguiu e parou de resmungar, mas não estava

diferente.

O que eu queria ver eram obras que não se vêem agora em Florença, e,

na verdade, quase todos os tesouros dessa cidade e de Veneza que

descrevi aqui podem ser vistos agora. Basta você ir lá. Os painéis da

porta feitos por Lorenzo Ghiberti eram a minha alegria, mas havia também

um trabalho antigo feito por Andrea Pisano, tnostrando a vida de São

João Batista, e esse eu não queria deixar de ver.

Tão afiada era essa visão vampírica que, enquanto eu estudava essas

detalhadas cenas em bronze, era difícil conter os suspiros de prazer.

Este momento é tão claro. Acho que eu acreditava na época que nada mais

poderia me magoar nem me entristecer, que eu havia descoberto o bálsamo

da salvação no sangue vampírico, e o estranho é que, enquanto narro

minha história agora, estou pensando de novo a mesma coisa.

Apesar de infeliz agora, e provavelmente para sempre, acredito

novamente na importância capital da carne. Penso nas palavras de D. H.

Lawrence, o escritor do século XX, que, em seus escritos sobre a Itália,

recordou a imagem de Blake do "Tyger, Tyger, burning bright / In the

forests of the night".\* As palavras de Lawrence são: \* Tigre, Tigre, a

refulgir / Nas florestas da noite. (N. da T.) ~ i.

"Esta é a supremacia da carne, que tudo devora, e se transfigura

numa magnífica chama rajada, uma sarça ardente mesmo. Esta é uma forma

de transfiguração na chama eterna, a transfiguração pelo êxtase da

carne."

Mas fiz uma coisa arriscada para um contador de histórias. Abandonei

minha trama, como garanto que o vampiro Lestat (que é mais talentoso

talvez do que eu, e tão apaixonado pela imagem do tigre de William Blake

na noite, e que, goste ele de admitir ou não, usou o tigre em seu

trabalho no mesmo dia) me diria, e preciso voltar logo a esse momento na

Piazza del Duomo, onde me deixei ficar no passado ao lado de Marius,

contemplando o gênio de Ghiberti cantando em bronze as Sibilas e os

santos.

Apreciávamos essas coisas com calma. Marius disse baixinho que,

depois de Veneza, Florença era sua cidade preferida, pois aqui muita

coisa havia florescido magnificamente.

-Mas não consigo viver sem mar, nem aqui-confessou.-E, como você

está vendo aí em volta, essa cidade abraça seus tesouros com uma

vigilância sombria, enquanto em Veneza, as próprias fachadas de nossos

palácios são oferecidas a Deus Todo-Poderoso em pedra brilhante ao

lunar.



- Mestre, nós servimos a Ele? - insisti. - Sei que você condena os

monges que me educaram, condena os delírios de Savonarola, mas pretende

me guiar por outro caminho para o mesmo Deus?

- Exatamente, Amadeo, pretendo - disse Marius - e não quero como o

pagão que sou admitir isso com tanta facilidade, pois sua complexidade

pode ser mal interpretada. Mas admito. Encontro Deus no Sangue. Encontro

Deus na carne. Acho que não é por acaso que o misterioso Cristo esteja

para sempre presente para seus seguidores em Carne e Sangue no Pão da

Transubstanciação.

Fiquei emocionadíssimo com essas palavras! Parecia que o próprio sol

que eu renegara para sempre tivesse voltado para iluminar a noite.

Entramos por uma porta lateral naquela catedral escura que chamavam

de Duomo. Fiquei contemplando o altar no final da grande nave. Seria

possível que eu pudesse ter o Cristo de uma forma nova?  
Afinal de

contas, talvez eu não tivesse renunciado a ele para sempre.  
Tentei

verbalizar essas idéias perturbadas para o Mestre. Cristo...  
de uma nova

forma. Eu não conseguia explicar, e finalmente disse:

- Tropeço nas palavras.

- Amadeo, todos tropeçamos, como tropeçam todos os que  
entram para a

história. O conceito de um Grande Ser vem tropeçando  
pelos séculos; as

palavras Dele e os princípios a Ele atribuídos correm mesmo  
atrás Dele.

Então o pregador puritano, o eremita faminto e enlameado,  
esse rico

Lourenço de Medici aqui, querendo celebrar o seu Senhor  
em ouro, tinta e

mosaicos, todos esses se apoderam de Cristo.

- Mas Cristo é o Senhor Vivo? - murmurei.

Nenhuma resposta.

Minha alma chegou a um ponto extremo de agonia. Marius  
me deu a mão

e disse que devíamos ir então furtivamente para o mosteiro de São

Marcos.

- É a santa casa que entregou Savonarola - ele disse. -  
Vamos

entrar lá sem que os piedosos habitantes saibam.

Mais uma vez nos deslocamos como que por magia. Só senti os braços

fortes do Mestre, e nem vi a porta quando saímos e fomos para esse outro

local. Eu sabia que ele queria me mostrar o trabalho do artista chamado

Fra Angélico, há muito falecido, que trabalhara a vida inteira nesse

mesmo mosteiro, um monge pintor,

como talvez eu estivesse destinado a ser, lá naquele longínquo

Mosteiro das Covas.

Em questão de segundos, pousamos silenciosamente na relva úmida do

claustro quadrado de São Marcos, o tranqüilo jardim cercado pelas

loggias de Michelozzo, seguros entre aquelas paredes.

Imediatamente, muitas preces chegaram a meus ouvidos vampíricos,

preces desesperadas e agitadas dos irmãos que haviam tido simpatia por

Savonarola ou sido leais a ele. Levei as mãos à cabeça como se este tolo

gesto humano pudesse sinalizar ao Divino que eu já não tinha capacidade

de agüentar mais nada.

O Mestre interrompeu a corrente receptora de pensamento com sua voz

tranqüilizadora.

- Venha - disse, segurando minha mão. - Vamos entrar nas celas uma

por uma. Há luz suficiente para você ver as obras desse monge.

- Está dizendo que Fra Angélico pintou as próprias celas em que os

monges dormem? - Eu achara que suas obras estariam na capela e nas

outras salas públicas ou comunais.

- Por isso quero que você veja as celas - insistiu o Mestre.

Ele me levou por uma escada que dava numa ampla galeria de pedra.

Fez a primeira porta se abrir e entramos delicadamente,  
depressa e em

silêncio, sem perturbar o monge encolhido em sua cama  
dura, a cabeça

suando no travesseiro.

-Não olhe para a cara dele - disse o Mestre com delicadeza.

- Se

olhar, vai ver os pesadelos que ele tem. Eu queria que você  
visse a

parede. O que está vendo, agora, olhe!

Compreendi logo. Essa arte de Fra Giovanni, chamado  
Angélico em

homenagem a seu talento sublime, era uma estranha  
mistura da arte

sensual de nosso tempo com a piedosa e abnegada arte do  
passado.

Contemplei a luminosa e elegante interpretação da prisão  
de Cristo

no Horto Getsêmani. As figuras chapadas e esguias eram  
muito parecidas

com as imagens longilíneas e elásticas dos ícones russos, e  
no entanto

as expressões eram suavizadas com emoções comoventes e  
genuínas.

Parecia que uma bondade impregnava todos os seres ali,  
não apenas o

próprio Nosso Senhor, condenado a ser traído por um dos  
Seus, mas

também os Apóstolos, que olhavam, e até o infeliz soldado,  
com sua

túnica de malha, que ia levar o Senhor dali, e os soldados  
vigiam.

Fiquei extasiado com essa bondade inconfundível, essa  
aparente

inocência contagiante, essa compaixão sublime do artista  
por todos os

atores dessa peça trágica que compunha o preâmbulo da  
salvação do

mundo.

Para outra cela fui imediatamente levado. De novo a porta  
se abriu

quando Marius deu o comando, e o ocupante adormecido do  
aposento nunca

soube que estivemos lá.

Esse afresco mostrava novamente o Jardim da Agonia e  
Cristo antes da

prisão, sozinho entre os Apóstolos adormecidos, implorando  
ao Pai

Celeste que lhe desse forças.

Vi novamente a comparação com os estilos antigos com  
quais, eu, como

russo, sentia-me tão seguro. As pregas no tecido, o uso de  
arcos, a

auréola em cada cabeça, a disciplina do conjunto - tudo  
estava ligado

ao passado, no entanto, mais uma vez via-se o reflexo do  
novo calor

italiano, o inegável amor italiano pela humanidade de todos,  
até do

próprio Nosso Senhor.

Fomos de cela em cela. Percorremos a vida de Cristo para  
trás e para

a frente, visitando a cena da Primeira Comunhão, na qual,  
de modo tão

comovente, Cristo distribuiu o sangue contendo seu corpo e  
seu sangue,

como se fosse o celebrante na missa, e depois o Sermão da  
Montanha, no

qual as pedras plissadas e lisas em volta de Nosso Senhor e  
seus

ouvintes pareciam tão de pano como sua túnica graciosa.

Quando chegamos à Crucificação, na qual Nosso Senhor  
entregou a São

João sua Santa Mãe, fiquei confrangido com a agonia no rosto do Senhor.

Quão pensativa em sua angústia era a expressão da Virgem, e quão

resignado era o santo a seu lado, com seu semblante florentino meigo e

louro, tão parecido com o de mil outras figuras pintadas nessa cidade,

com uma incipiente barba castanhoclara.

Justo quando achei que tinha entendido perfeitamente as lições do

Mestre, deparamo-nos com outra pintura, e senti uma ligação ainda mais

intensa com os tesouros de minha meninice e o esplendor silencioso e

incandescente do monge dominicano que ornamentara essas paredes.

Finalmente, deixamos esse lugar de lágrimas e preces murmuradas limpo e

encantador.

Saímos na noite e voltamos a Veneza, deslocando-nos na escuridão

fria e barulhenta, e chegando em casa a tempo de sentar um pouco no

aconchego da câmara sinuosa e conversar.



- Está vendo? - insistiu Marius. Ele estava na escrivaninha com a

pena na mão. Mergulhava-a na tinta e escrevia enquanto conversávamos,

virando a página grande de pergaminho de seu diário. - Lá em Kiev, as

celas eram a própria terra, úmida e pura, mas escura e onívora, a boca

que acaba comendo toda vida, que acaba arruinando toda arte.

Estremeci. Fiquei esfregando os braços, olhando para ele.

- Mas em Florença, o que esse sutil professor Fra Angélico legou a

seus irmãos? Pinturas magníficas para lhes lembrar o Martírio de Nosso

Senhor? - Fra Angélico jamais fez pouco de deleitar a vista dos

outros, de encher os olhos das pessoas com todas as cores que Deus lhes

deu o poder de enxergar, pois lhes deu dois olhos, Amadeo, e não para

serem... não para serem fechados na terra escura.

Refleti durante um bom tempo. Saber essas coisas em teoria era uma

coiza. Ter passado pelas celas silenciosas e adormecidas do mosteiro,

ter visto os princípios do Mestre gravados ali por um monge em pessoa

era outra.

- Essa é uma época gloriosa - disse Marius delicadamente. - O que

era bom no tempo antigo está sendo redescoberto e ganhando uma forma

nova. Você me pergunta: Cristo é o Senhor? Eu digo, Amadeo, que ele

pode ser, pois jamais ensinou outra coisa senão amor, ou foi isso que

seus apóstolos, sabendo ou não, nos levaram a crer...

Esperei que ele prosseguisse, pois sabia que havia terminado. O

quarto estava deliciosamente quente e limpo e luminoso. Guardo sempre

junto ao coração um retrato dele nesse momento, o Marius alto e louro,

a capa vermelha jogada para trás deixando o braço livre para segurar a

pena, o rosto liso e brilhante, os olhos azuis procurando a verdade

para além daquele tempo e de qualquer outro no qual ele tenha vivido. O

livro pesado estava apoiado numa estante baixa e portátil de modo a

ficar num ângulo confortável para ele. O tinteirinho ficava dentro de um

suporte de prata trabalhada. E os pesados candelabros atrás dele, com

suas oito velas grossas a derreter, tinham uma infinidade de querubins

semi-embutidos na prata ricamente cinzelada, agitando as asas, talvez

para sair voando, e carinhas redondas viradas para cá e para lá com

olhos grandes e alegres embaixo de cachinhos revoltos. Parecia uma

platéia de anjinhos para ver e ouvir Marius falando, muitas e muitas

carinhas espiando com indiferença dos candelabros de prata, sem sentir a

cera pura que escorria.

-Não posso viver sem essa beleza-exclamei de repente, embora tivesse

procurado evitar. - Não dá para suportar a vida sem ela. Ah, meu Deus,

mostraste-me o Inferno e ele ficou lá atrás, certamente na terra em que

nasci.

Ele ouviu minha pequena prece, minha pequena confissão, minha

súplica desesperada. - Se Cristo é o Senhor-disse ele, voltando ao seu

ponto, trazendo-nos os dois de volta à lição-, se Cristo é o Senhor,

que beleza de mi lagre é esse mistério cristão - Seus olhos estavam

marejados de lágrimas. - O próprio Senhor ter vindo ao mundo e se feito

carne para melhor nos conhecer e nos compreender. Ah, que Deus, criado à

imagem do homem por Sua vontade, foi melhor do que um que se tornasse

Carne? Sim, eu lhe diria, sim, o seu Cristo, o Cristo deles, o Cristo

até dos monges de Kiev, Ele é o Senhor! Apenas tome nota sempre das

mentiras que dizem em nome Dele, e do que eles fazem. Pois Savonarola

invocava o nome Dele quando elogiava um inimigo estrangeiro avançando

em Florença, e aqueles que queimaram Savonarola como um falso profeta,

até eles, ao acender a fogueira embaixo do corpo inerte do infeliz, até

eles invocaram Cristo, o Senhor.

Não consegui conter as lágrimas.

Ele ficou calado, talvez me respeitando, ou pondo as idéias em

ordem. Então mergulhou de novo a pena na tinta e ficou um bom tempo

escrevendo, muito mais rápido do que os homens escrevem, mas com graça

e destreza, sem nenhuma rasura.

Afinal, pousou a pena. Olhou para mim e sorriu.

- Comecei a lhe mostrar umas coisas, sem nenhum plano. Eu queria que

essa noite você visse os perigos desse poder de voar, que podemos com

muita facilidade nos transportar para outros lugares, e que essa

sensação de entrar e sair com tanta facilidade é uma ilusão da qual

precisamos ter consciência. Mas olhe, como saiu tudo diferente.

Não respondi.

- Eu queria que você ficasse com um pouco de medo - ele disse.

- Mestre - falei, enxugando o nariz com o dorso da mão -,  
pode

deixar que ficarei com medo direitinho quando chegar a  
hora. Terei este

poder, eu sei. Estou sentindo. E, por ora, acho que é um  
poder

esplêndido, e, por causa dele, um pensamento sinistro cai  
no meu

coração.

- Que pensamento? - perguntou ele com a maior gentileza.

- Sabe,

acho que seu rosto angelical não está mais preparado para  
coisas

tristes do que aqueles pintados por Fra Angélico. Que  
sombra é essa que

estou vendo? Que pensamento sinistro é esse?

- Leve-me lá, Mestre - tremia, no entanto falei. - Vamos usar  
seu

poder para cobrir quilômetros e quilômetros da Europa.  
Vamos para o

norte. Leve-me para ver aquela terra cruel que se tornou  
um purgatório

em minha imaginação. Leve-me de volta a Kiev.

Ele demorou a responder.

A manhã vinha chegando. Ele pegou a capa e a túnica,  
levantou-se

descendeu e subiu comigo para o telhado.

Avistávamos ao longe as águas do Adriático que já estavam  
clareando,

faiscando ao luar e à luz das estrelas, para além da floresta  
conhecida

dos mastros dos navios. Luzinhas piscavam nas ilhas  
distantes. O vento

estava ameno e cheio de sal e frescor do mar, delicioso  
como só pode

achar quem perdeu completamente o medo do mar.

- Seu pedido é corajoso, Amadeo. Se você realmente quiser,  
amanhã à

noite começaremos a viagem.

- Você já fez alguma viagem para tão longe?

- Em quilômetros, em distância, sim, muitas vezes - disse ele. -  
Mas em

busca de conhecimento de outra pessoa? Não, nunca fui tão  
longe.

Ele me abraçou e me levou para o palazzo onde nossa  
tumba ficava

escondida. Eu estava cheio de frio quando chegamos à escada de pedra

encardida, onde dormiam tantos pobres. Fomos desviando deles até

chegar à entrada do porão.

- Acenda o archote para mim, Mestre - pedi. - Estou tiritando. Quero

ver o ouro à nossa volta, se me der licença.

- Pronto, aí está - disse ele. Estávamos em nossa cripta diante dos

dois sarcófagos ornamentados. Toquei na tampa do que era meu, e

subitamente me veio outro pressentimento, de que todos os que eu amava

resistiriam por muito pouco tempo.

Marius deve ter visto essa hesitação. Passou a mão direita pelo fogo

mesmo do archote e encostou os dedos aquecidos em meu rosto. Depois me

deu um beijo no lugar que guardara aquele calor, e seu beijo foi

quente.



Levamos quatro noites para chegar a Kiev.

Só caçávamos de madrugada, antes do amanhecer.

Fazíamos nossos túmulos em locais de sepultamento mesmo, nas

masmorras de castelos antigos e esquecidos, e nos sepulcros

subterrâneos de igrejas abandonadas e em ruínas, onde os profanos

agora estavam acostumados a armazenar gado e feno.

Eu poderia contar histórias dessa viagem, daquelas bravas fortalezas

que rondávamos quase de manhãzinha, e daquelas vilas selvagens das

montanhas onde encontramos o pecador em sua morada rústica.

Naturalmente, Marius via lições nisso tudo, ensinando-me como era

fácil encontrar esconderijos e aprovando a velocidade com a qual nos

deslocávamos pela mata cerrada, e não tinha medo dos esparsos

povoamentos primitivos que visitávamos por causa de minha sede. Ele me

elogiava por eu não me esquivar dos lúgubres ninhos de ossos

empoeirados em que nos deitávamos de dia, lembrando-me que esses locais

de sepultamento, por já terem sido pilhados, tinham menos probabilidade

de ser perturbados pelos homens mesmo durante o dia.

Nossas roupas venezianas elegantes logo ficaram imundas, mas

tínhamos casacões forrados de pele para a viagem, que davam conta de

tudo. Até nisso, Marius via uma lição. A de que precisávamos nos

lembrar de quão frágil e sem sentido era a proteção que nossas roupas

nos forneciam. Os homens mortais esquecem-se de como usar as roupas de

forma leve e de que elas são uma simples cobertura para o corpo e nada

mais. Os vampiros não devem esquecer isso nunca, pois somos muito menos

dependentes de nossa indumentária do que os homens.

Na última manhã antes de chegarmos a Kiev, eu já conhecia

perfeitamente as florestas montanhosas. O terrível inverno do norte nos

envolvía. Havíamos deparado com uma de minhas  
lembranças mais

intrigantes: a presença da neve.

- Já não me dói pôr a mão na neve - disse eu, pegando  
aquela neve

geladinha e passando-a no rosto. - Já não fico enregelado ao  
vê-la, e,

de fato, como é linda, cobrindo as cidades e os casebres  
mais pobres com

seu manto! Mestre, olhe, olhe como ela reflete a luz até das  
estrelas

mais fracas.

Estávamos no limite da terra que os homens chamam de  
Horda Douradaas

planícies meridionais da Rússia, as quais, por duzentos  
anos, desde a

conquista de Gêngis Khan, eram perigosíssimas para os  
fazendeiros, e

muitas vezes fatais para o exército ou o cavaleiro.

Kiev Rus outrora incluía esses prados belos e férteis, que se  
estendiam para leste, quase até a Europa, bem como para  
sul da cidade

de Kiev onde nasci.

- O último trecho não vai ser nada - avisou o Mestre. -  
Vamos

fazê-lo amanhã à noite para que você esteja descansado  
quando avistar

sua terra.

E ali num penhasco rochoso olhando para o capim selvagem  
balançando

ao vento invernal lá embaixo, pela primeira vez desde que  
virara

vampiro, senti uma falta tremenda do sol. Eu queria ver  
essa terra à

luz do sol. Não ousava confessar isso ao Mestre. Afinal de  
contas,

quantas bênçãos um ser pode querer?

Na última noite, acordei logo após o sol se pôr. Tínhamos  
encontrado

um lugar no subsolo de uma igreja num vilarejo hoje  
desabitado. As

horríveis hordas mongóis, que destruíram várias vezes  
minha terra

natal, haviam há muito incendiado essa cidade, ou pelo  
menos foi o que

Marius me contou, e essa igreja nem teto tinha. Não sobrara  
ninguém ali

para arrancar as pedras do chão a fim de vendê-las ou usá-las numa

construção, então descemos por uma escada esquecida para nos deitar com

os monges lá sepultados há algumas centenas de anos.

Ao levantar da tumba, vi um retângulo de céu lá no alto, no local de

onde o Mestre havia retirado um bloco de mármore do piso, sem dúvida

uma lápide inscrita, para que eu pudesse subir. Subi com um impulso.

Isto é, dobrei as pernas e dei um impulso com toda a força para cima,

como se pudesse voar, passei por essa abertura e pousei em pé.

Marius, que sempre levantava antes de mim, estava sentado ali perto.

Imediatamente, deu a esperada gargalhada de aprovação.

- Você andou escondendo esse truquezinho para uma hora como essa?

perguntou.

Olhando em volta, fiquei ofuscado com a neve. Estava apavorado, só

de ver os pinheiros gelados que haviam brotado nas ruínas da igreja.

Mal podia falar.

-Não - consegui dizer. - Eu não sabia que era capaz de fazer isso.

Não sei a altura que posso pular nem a força que tenho. Mas você gostou?

- Gostei, por que não deveria ter gostado? Quero que você seja

suficientemente forte para que ninguém possa machucá-lo.

-E quem faria isso, Mestre? Viiajamos pelo mundo, mas quem sabe

quando vamos ou voltamos?

- Há os outros, Amadeo. E há outros aqui. Posso ouvi-los se eu

quiser, mas há uma boa razão para não os ouvir.

Compreendi.

- Você abre a mente para os ouvir, e eles sabem que você está aqui?

- Sim, esperto. Já está preparado para ir para casa?

Fechei os olhos. Fiz o sinal da cruz como costumávamos fazer,

tocando o ombro direito antes do esquerdo. Lembrei-me de meu pai.

Estávamos nos campos selvagens e ele estava em pé no estribo com aquele

seu arco gigante, que só ele conseguia envergar, como o mítico Ulisses,

disparando uma flecha após a outra nos invasores que nos atacavam,

cavalgando como se ele próprio fosse um dos turcos ou tártaros, tamanha

era sua habilidade. Uma flecha após a outra, sacada com um movimento

rápido da aljava às suas costas, entrava no arco e era disparada naquele

matagal agitado pelo vento enquanto seu cavalo ia galopando a toda. Sua

barba vermelha balançava naquela ventania furiosa, e o céu era de um

azul tão rico que...

Interrompi essa oração e quase perdi o equilíbrio. O Mestre me

segurou.

- Reze, já, já, você terá acabado com isso tudo - disse ele.

- Beije-me - pedi -, dê-me seu amor, abrace-me como sempre me

abraçou, preciso disso. Oriente-me. Mas me abrace, sim. Deixe-me

encostar a cabeça em você. Preciso de você, sim. Sim, quero que seja

uma coisa rápida, e que todas lições que estiverem aqui,  
em minha

mente, sejam levadas para minha terra.

Ele sorriu.

- Sua terra agora é Veneza? Já tomou sua decisão?

-Já, agora mesmo percebo isso. O que está para lá é a terra  
natal,

que nem sempre é a nossa terra. Vamos?

Levando-me nos braços, ele se faz ao ar. Fechei os olhos,  
mesmo

perdendo o último relance das estrelas imóveis. Parecia que  
eu estava

dormindo encostado a ele, sonhadoramente e sem medo.

Então ele me colocou no chão.

Na mesma hora, reconheci esse morro grande e escuro, e as  
florestas

de carvalho sem folhas com os troncos escuros congelados  
e os galhos

esqueléticos. Eu avistava lá embaixo a faixa brilhante do rio  
Dnieper.

Meu coração galopava dentro de mim. Procurei as torres  
tristes da

cidade alta, a cidade que chamávamos de Cidade de  
Vladimir, que era a



Kiev antiga.

Montes de escombros que outrora formavam as muralhas da cidade

estavam a poucos metros de mim.

Fui na frente, passando com facilidade por cima desses montes, e

passeando no meio das ruínas das igrejas, igrejas que eram de um

esplendor lendário quando Batu Khan incendiou a cidade no ano de 1240.

Eu crescera em meio a essa floresta de igrejas antigas e mosteiros

em ruínas, muitas vezes correndo para assistir à missa em nossa

catedral de Santa Sofia, um dos poucos monumentos poupados pelos

mongóis. Em sua época, a catedral era um espetáculo de cúpulas

douradas, dominando todas as das outras igrejas, e dizia-se que era

mais imponente que sua homônima da longínqua Constantinopla, sendo maior

e atulhada de tesouros.

O que eu conhecera eram vestígios majestosos, uma casca ferida.

Eu não estava querendo entrar na igreja agora. Bastava vê-la de

fora, porque eu já sabia, pelo tempo feliz que eu passara em Veneza,

exatamente como fora essa igreja nos áureos tempos. Pelos mosaicos e

pinturas bizantinos esplêndidos de São Marcos e pela velha igreja

bizantina na ilha veneziana de Torcello eu entendia a maravilha que

havia ali para todo mundo ver. Quando pensei no povo animado de Veneza,

seus estudantes, seus eruditos, seus advogados, seus mercadores, eu

imaginava uma vitalidade densa nessa cena desolada.

Havia muita neve, e poucos russos estavam na rua naquele início de

noite gelado. Portanto, tínhamos a cidade para nós, percorrendo suas

ruas com facilidade, sem precisar ver onde pisávamos como os mortais

precisariam.

Chegamos a um extenso ameado em ruínas, uma proteção amorfa agora

embaixo da neve, e dali olhei para a cidade baixa, a cidade que

chamávamos de Podil, a única verdadeira cidade de Kiev que restava, a

cidade onde, numa casa rústica de madeira e barro há poucos metros do

rio, eu crescera. Olhei para os telhados inclinados, sua palha coberta

de neve purificadora, suas chaminés fumegando, e para ruas tortas e

estreitas cheias de neve. Um grande gradeado de casas desse tipo e

outros prédios formaram-se há muito à margem do rio e conseguiram

sobreviver aos sucessivos incêndios e até aos piores ataques dos

turcos.

Era uma cidade de mercadores e artesãos, todos ligados ao rio e aos

tesouros que este trazia do Oriente e ao dinheiro que alguns pagavam

pelos bens que o rio levava para o sul e para o mundo europeu.

Meu pai, o caçador indômito, vendia peles de urso que ele mesmo

trazia sozinho da grande floresta que se espraiava para o norte. Peles

de raposa, castor, ovelha, todas essas ele negociava, e tamanha era sua

força e sua sorte que nenhum homem e nenhuma mulher em nossa casajamais

vendeu seus trabalhos nem ficou sem comida. Se passávamos fome, e

passamos, era porque o inverno comia a comida, a carne desaparecia e

não havia nada para o ouro de meu pai comprar.

Senti o fedor de Podil ali das ameias da cidade de Vladimir. Senti o

fedor de peixe podre, de gado, de gente suja, da lama do rio.

Enrolei-me na capa, soprando a neve do forro de pele ao senti-la na

boca, e olhei para as cúpulas escuras da catedral contra o céu.

- Vamos a pé, vamos depois do castelo do Voievoda - falei. - Está

vendo aquele prédio de madeira? Você nunca haveria de chamá-lo de

palácio ou castelo na bela Itália. Aqui é um castelo.

Marius balançou afirmativamente. Fez um pequeno gesto

tranqüilizador. Eu não lhe devia nenhuma explicação desse lugar

estrangeiro de onde eu viera.

O Voievoda era nosso governante, que, no meu tempo, era o príncipe

Michael da Lituânia. Eu não sabia quem era agora.

Surpreendi-me com o fato de ter usado a palavra adequada para ele.

Naquela minha visão fatídica, eu não tinha consciência da língua, e a

palavra estranha que significava governante, "voievoda", não saiu de

minha boca. Mas eu o vi nitidamente então, com seu chapéu redondo de

pele, sua pesada túnica de veludo escuro e suas botas de feltro.

Fui na frente.

Aproximamo-nos do prédio atarracado, que mais parecia uma fortaleza

do que qualquer outra coisa, feito como era com aquelas toras enormes.

Suas paredes se erguiam com uma inclinação graciosa; suas muitas torres

tinham o telhado em quatro patamares. Via seu telhado central, uma

espécie de domo de madeira pentagonal, sua silhueta rígida contra o céu

estrelado. Havia archotes acesos diante de suas pesadas portas e ao

longo de seus muros. Todas as janelas estavam cerradas como proteção

contra a noite e o frio do inverno.

Houve um tempo em que eu considerava aquele edifício o mais

imponente da cristandade.

Não foi nenhuma façanha atordoar os guardas com algumas palavras

rápidas e alguns movimentos ágeis, passar por eles e entrar no castelo

propriamente dito. Entramos pelos fundos, por um depósito, e fomos até

um ponto em que tínhamos uma boa visão do pequeno grupo de nobres e

senhores aglomerados no salão em volta daquele fogo que rugia, sob as

vigas nuas do teto de madeira. Estavam sentados em imensas cadeiras

russas cujos entalhes geométricos não eram nenhum mistério para mim,

colocadas sobre coloridos tapetes turcos estendidos no chão. Bebiam em

taças de ouro, o vinho sendo servido por dois criados vestidos de

couro, e suas vestes longas e cintadas eram azuis e vermelhas e

douradas, de tons vivos como os desenhos dos tapetes.

Tapeçarias européias cobriam as paredes toscamente revestidas de

estruque. As mesmas cenas antigas de caça nas florestas sem fim da

França, da Inglaterra e da Toscana.

Numa mesa comprida guarnecida com velas acesas havia uma refeição

simples de carne e aves.

A sala era tão fria que esses senhores conservavam os chapéus de

pele. Quão exótico aquilo me parecera quando, em menino, fui levado com

meu pai à presença do príncipe Michael, que era eternamente grato a

meu pai por suas bravas façanhas de caçar nos campos selvagens ou de

entregar carregamentos de valores aos aliados do príncipe nos fortes

lituanos do oeste.

Mas estes eram europeus. Eu nunca os respeitara.

Meu pai me ensinara muito bem que eles não passavam de  
lacaio do

Khan, pagando pelo direito de nos governar.

- Ninguém se levanta contra esses ladrões - dizia meu pai. -  
Então

deixe que eles cantem suas canções de honra e valor. Não  
querem dizer

nada. Você, escute as canções que eu canto.

E meu pai sabia cantar algumas canções.

Apesar de toda sua energia na sela, de toda sua destreza  
com o arco

e flecha e de sua força bruta com a adaga, ele tinha dedos  
longos e

hábeis para tirar música das cordas de uma harpa velha e  
cantar com

inteligência as canções narrativas de outrora, quando Kiev  
era uma

grande capital, suas igrejas rivalizando com as de Bizâncio,  
suas

riquezas a maravilha do mundo inteiro.

Num instante, eu estava pronto para ir embora. Dei uma  
última olhada



para me lembrar desses homens, acotovelados como  
estavam com suas taças

de vinho douradas, descansando as grandes botas forradas  
de pele em

extravagantes banquetas turcas, todos encolhidos, suas  
sombras cobrindo

as paredes. Então, sem que eles percebessem que  
havíamos estado lá,

fomos embora.

Estava na hora de ir para a outra cidade no alto do morro,  
Pechersk,

embaixo da qual ficavam as muitas catacumbas do Mosteiro  
das Covas.

Estremeci só de pensar nisso. Parecia que a boca do  
mosteiro iria me

engolir e que eu deveria me enfiar na Mãe Terra úmida,  
procurando

eternamente a luz das estrelas, sem jamais encontrar a  
saída.

Mas entrei lá, passando pela lama e pela neve, e de novo  
com uma

desenvoltura macia de vampiro. Agora fui na frente,  
quebrando as trancas

silenciosamente com minha força superior e levantando as  
portas ao

abri-las para que não forçassem as dobradiças que rangiam,  
e

deslocando-me rapidamente pelos aposentos, de modo que  
olhos mortais

não percebiam nada mais do que sombras frias, se alguma  
coisa percebiam.

O ar ali estava quente e parado, uma bênção, mas a  
memória me dizia

que não havia sido assim tão quente para um menino  
mortal. No

escritório, à luz fumarenta do óleo barato, vários irmãos

debruçavam-se sobre suas escrivaninhas inclinadas,  
fazendo suas cópias,

como se a prensa de impressão não lhes interessasse, e  
certamente não

interessava.

Dava para ver os textos que eles estavam copiando, e eu os  
conhecia

- o Paterikon do Mosteiro das Covas de Kiev, com suas  
maravilhosas

histórias dos fundadores do mosteiro e de seus muitos  
santos

coloridos.

Nesta sala, trabalhando naquele texto, eu aprendera a ler e  
escrever

perfeitamente. Esgueirei-me encostado à parede até conseguir ver a

página que um monge copiava, a mão esquerda firmando o modelo frágil

que ele reproduzia.

Eu sabia de cor essa parte do Paterikon. Era a história de Isaac.

Demônios haviam enganado Isaac. Apareceram-lhe como lindos anjos,

pretendendo mesmo ser o próprio Cristo. Quando Isaac caiu naquela

história, eles dançaram alegremente e o insultaram. Mas, após muita

meditação e muita penitência, Isaac enfrentou esses demônios.

O monge acabara de mergulhar a pena na tinta e escrevia as palavras

que Isaac falou:

`Quando me enganastes sob a forma de Jesus Cristo e dos anjos, não

éreis dignos daquela posição. Mas agora apareceis com vossas

verdadeiras cores..."

Olhei para o outro lado. Tão fundido com a parede, eu poderia ficar

ali eternamente sem ser visto. Lentamente, olhei para as outras páginas

que o monge copiara, e que estavam secando. Encontrei uma passagem

anterior que eu nunca esquecera, descrevendo Isaac nos dois anos que

ele passou deitado, alheio ao mundo, imóvel e sem comida:

"Pois Isaac estava com o espírito e o corpo enfraquecidos e não

conseguia virar-se, levantar-se, nem sentar-se; apenas ficava ali

deitado de lado, e muitas vezes acumulavam-se vermes de seus excrementos

e de sua urina embaixo de suas coxas."

Os demônios haviam levado Isaac a isso com aquele engodo. Essas

tentações, essas visões, essa confusão e essa penitência eu mesmo

esperara experimentar pelo resto da vida quando entrei ali em criança.

Escutei a pena arranhando o papel. Recuei, sem ser visto, como se eu

nunca tivesse aparecido.

Olhei para meus irmãos eruditos.

odos eram macilentos, vestidos com roupas de lã barata, recendendo a

suor e sujeira antigos, e suas cabeças estavam praticamente raspadas.

Suas barbas compridas eram ralas e despenteadas.

Achei que conhecia um deles, até chegara a amá-lo, mas isso me

pareceu uma coisa remota, não que já não merecia consideração. A

Marius, que estava a meu lado fiel como uma sombra, confessei que não

teria podido suportar isso, mas nós dois sabíamos que era mentira.

Provavelmente eu teria suportado e teria morrido sem jamais conhecer

outro mundo.

Entrei no primeiro dos longos túneis em que os monges estavam

sepultados, e, fechando os olhos e encostando na parede de barro,

fiquei escutando os sonhos e as preces daqueles que haviam sido

sepultados vivos por amor a Deus.

Aquilo era o que eu imaginara e exatamente como eu lembrava. Ouvi as

palavras conhecidas e não mais misteriosas sussurradas no  
eslavo da

igreja. Vi as imagens prescritas. Senti a chama crepitante da  
verdadeira devoção e do verdadeiro misticismo alimentada  
com o fogo

fraco de nossas vidas de negação absoluta.

Fiquei de cabeça baixa. Encostei a testa na terra. Desejei  
encontrar

o menino, de alma tão pura, que havia aberto essas celas  
para trazer

para os eremitas uma quantidade de comida e água apenas  
suficiente

para mantê-los vivos. Mas não conseguia encontrar o  
menino. E só fiquei

com uma pena violenta dele, por elejá ter sofrido ali, magro,  
miserável, desesperado e ignorante, ah, tão terrivelmente  
ignorante, com

uma única alegria sensual na vida que era ver as cores do  
ícone se

incendiarem. Sufoquei um soluço. Virei a cabeça e caí  
idiotamente nos

braços de Marius.

- Não chore, Amadeo - disse ele com ternura em meu  
ouvido.

Ele afastou meu cabelo dos olhos, e, com aquele polegar macio, até

enxugou minhas lágrimas.

- Dê adeus a todos eles agora, filho - disse ele.

Fiz que sim com a cabeça.

Num piscar de olhos, estávamos lá fora. Não falei com ele. Ele me

seguiu. Desci a ladeira para a cidade ribeirinha.

O cheiro do rio se acentuou, o fedor de gente aumentou, e finalmente

chegamos à casa que eu sabia que fora minha. De repente, que loucura

isso parecia! O que eu procurava? Avaliar isso tudo por meus novos

padrões? Confirmar para mim mesmo que enquanto criança mortal eu nunca

tivera a menor chance? Meu Deus, não havia justificação para o que eu

era, um ímpio bebedor de sangue, alimentando-me dos ensopados sensuais

do mundo veneziano corrompido, eu sabia. Seria isso um exercício inútil

de autojustificação? Não, uma outra coisa me atraía para aquela casa

retangular e comprida, como tantas outras, suas paredes grossas de

barro divididas por madeiras toscas, seu telhado de quatro coberturas

cheias de estalactites de gelo pingando, essa casa grande e tosca que

era o meu lar.

Tão logo cheguei, dei a volta na casa. A neve estava toda derretida,

e, de fato, a água do rio escorria pela rua e inundava tudo como

acontecia quando eu era criança. A água entrava em minhas finas botas

venezianas. Mas não conseguia paralisar meus pés como antes, porque

agora eu tirava minhas forças de deuses desconhecidos aqui e de

criaturas para as quais esses camponeses imundos, dos quais eu já havia

sido um, não tinham nome.

Encostei a cabeça na parede tosca, como eu havia feito no mosteiro,

encostando na argamassa como se a solidez fosse me proteger e me



transmitir tudo o que eu quisesse saber. Dava para ver por um pequeno

furo nos blocos de barro que estavam sempre se desfazendo, e vi,

iluminada por aquela luz familiar das velas e aquela claridade forte das

lâmpadas, minha família reunida em volta de um grande fogão de tijolos.

Eu conhecia todas aquelas pessoas, embora tivesse esquecido alguns

de seus nomes. Eu sabia que eram parentes e conhecia a atmosfera que

estavam partilhando. Mas eu precisava enxergar além dessa pequena

reunião. Precisava saber se essas pessoas estavam bem. Precisava saber

se depois daquele dia fatídico em que fui raptado, e meu pai sem dúvida

assassinado nas terras selvagens, eles tinham conseguido prosseguir com

o vigor costumeiro. Eu precisava saber, talvez, o que eles rezavam

quando pensavam em Andrei, o menino com o dom para fazer ícones com

tanta perfeição, ícones não feitos por mãos humanas.

Ouvi a harpa lá dentro, ouvi canto. Era a voz de um de meus tios, um

tão jovem que poderia ser meu irmão. Seu nome era Borys, e, desde

criança, ele cantava bem, decorando com facilidade as antigas sagas dos

cavaleiros e heróis, e era uma delas, muito trágica e cheia de ritmo,

que ele agora cantava. A harpa era pequena e velha, a harpa de meu pai,

e Borys tangia as cordas no compasso de suas frases enquanto quase

declamava a história de uma batalha animada e fatídica para a antiga e

grande Kiev.

Escutei as cadências conhecidas que eram transmitidas por nosso povo

de cantor a cantor há centenas de anos. Levantei os dedos e descasquei

um pouco da argamassa. Vi pelo buraquinho o canto do ícone - bem em

frente à reunião de família em volta das labaredas tremeluzentes do

fogão aberto.

Ah, que espetáculo! Em meio a dezenas de tocos de velas e lamparinas

de barro cheias de gordura combustível, havia mais ou menos uns vinte

ícones, alguns muito velhos e escurecidos em suas molduras de ouro, e

outros radiosos como se ontem mesmo tivessem ganhado vida pelo poder de

Deus. Havia ovos pintados enfiados no meio das pinturas, ovos

lindamente decorados e coloridos com padrões que eu conseguia lembrar

bem, embora até com meus olhos de vampiro eu agora estivesse muito longe

para vê-los. Muitas vezes eu observara as mulheres enfeitando esses ovos

sagrados para a Páscoa, aplicando neles a cera quente derretida com

suas penas de madeira para fazer as fitas ou as estrelas ou as cruzes

ou as linhas que significavam os chifres do carneiro, ou o símbolo que

significava a borboleta ou a garça. Uma vez aplicada a cera, o ovo era

mergulhado em tinta fria de uma cor incrivelmente forte. Parecia que

havia uma variedade infinita e possibilidades infinitas de significado

nesses padrões e signos simples.

Esses ovos frágeis e lindos eram guardados para curar os doentes ou

para dar proteção contra tempestades. Eu escondera desses ovos no pomar

para dar sorte na colheita vindoura. Uma vez colocara um em cima da

porta da casa onde minha irmã foi morar quando casou.

Havia uma linda história sobre esses ovos decorados dizendo que

desde que se seguisse o costume, desde que existissem esses ovos, o

mundo estaria a salvo do monstro do Mal que estava sempre querendo vir e

devorar tudo o que existia. Era gostoso ver esses ovos colocados ali no

soberbo canto dos ícones, como sempre, entre os rostos santos. O fato de

eu ter esquecido esse costume parecia uma vergonha e um aviso de uma

tragédia iminente. Mas os rostos santos me pegaram de repente e eu

esqueci isso tudo. Vi o rosto de Cristo refletindo a luz do fogo, meu

Cristo brilhante e carrancudo, como O pintei tantas vezes. Eu fizera

tantas dessas pinturas, e, no entanto, como essa era parecida com

aquela perdida naquele dia nos capinzais das terras selvagens! Mas isso

era impossível. Como alguém poderia ter recuperado o ícone que eu

deixara cair quando os invasores me capturaram? Não, na certa devia ser

outro, pois, como eu disse, eu havia feito muitos antes que meus pais

tivessem tido a coragem de me levar para os monges. Ora, meus ícones

estavam por essa cidade toda. Meu pai até os levava para o príncipe

Michael como nobres presentes, e o príncipe é quem havia dito que os

monges precisavam ver minha habilidade. Quão sério parecia agora Nosso

Senhor comparado com a lembrança dos Cristos ternos e pensativos de Fra

Angélico ou o nobre e sofrido Senhor de Bellini. E, no entanto, Ele

estava excitado com meu amor! Ele era o Cristo à nossa moda antiga, à

moda antiga, amoroso em linhas severas, amoroso em cores escuras,

amoroso à maneira de minha terra. E Ele estava excitado com o amor que

eu achava que Ele me dava! Comecei a ficar enjoado. Senti as mãos do

Mestre em meus ombros. Ele não me puxou para trás como eu receava.

Simplesmente me segurou e encostou o rosto em meu cabelo. Eu estava

quase indo. Já chegava, não? Mas a música parou. Uma mulher ali, minha

mãe, seria? Não, mais jovem, minha irmã Anya, já moça, falava

cansadamente de como meu pai poderia cantar de novo se conseguissem de

alguma forma esconder a bebida dele e fazê-lo voltar ao que era. Meu tio

Borys deu um sorriso escarninho. Ivan era um caso perdido, disse Borys.

Ivan nunca mais ficaria sóbrio e morreria em breve. Ivan estava

envenenado de álcool, tanto das finas bebidas que ele ganhava dos

comerciantes vendendo o que ele roubava dessa própria casa, como da

cerveja camponesa que ele recebia daqueles que maltratava, sendo ainda

o terror da cidade. Fiquei todo arrepiado. Ivan, meu pai, vivo? Ivan,

vivo para tornar a morrer com tanta desonra? Ivan não massacrado nos

campos selvagens? Mas naquelas suas cabeças duras, os pensamentos dele

e as palavras dele pararam juntos. Meu tio cantou outra canção, uma

canção para dançar. Ninguém dançava nessa casa, onde todos estavam

cansados do trabalho, e as mulheres quase cegas remendando as pilhas de

roupas que tinham no colo. Mas a música os animava, e um deles, um

garoto mais moço do que eu era quando morri, meu irmãozinho, disse

baixinho uma prece por meu pai, pedindo que ele não morresse de frio

naquela noite, como tantas vezes quase morrera, ao cair bêbado na neve

como caía.

- Por favor, traga-o para casa - murmurou o menino.

Então, atrás de mim, ouvi Marius dizer, procurando colocar as coisas

em ordem e me acalmar.

- Sim, parece que é verdade, sem dúvida. Seu pai está vivo.

Antes que ele pudesse me mandar tomar cuidado, virei-me e abri a

porta. Era um ato impetuoso, uma imprudência, e eu deveria ter pedido

permissão a Marius, mas eu era, como lhe disse, um pupilo

indisciplinado. Eu precisava fazer isso. O vento varreu a casa. As

figuras amontoadas tiritaram de frio e se envolveram nos grossos

capotes de pele. O fogo na boca do fogão de tijolos ardia lindamente.

Eu sabia que devia tirar o chapéu, que, no caso, era o capuz, e que

devia olhar para o canto do ícone e me benzer, mas não consegui. Na

verdade, para me esconder, eu cobrira o rosto com o capuz ao fechar a

porta. Eiquei sozinho encostado ali. Tapava a boca com a capa de pele,



de modo que nada se via de meu rosto exceto os olhos, e talvez uma mecha

de cabelo avermelhado.

- Por que a bebida acabou com Ivan? - murmurei, lembrando-me da

antiga língua russa. - Ivan era o homem mais forte dessa cidade. Onde

está ele agora?

Eles ficaram preocupados e irritados com minha intromissão. As

labaredas no fogão crepitaram e dançaram com aquela lufada de ar puro.

O canto do ícone parecia um grupo de chamas radiantes em si mesmo, com

suas imagens brilhantes e suas velas salteadas, outro fogo de uma

espécie diferente e eterna. O rosto de Cristo ficou claro para mim

naquela luz bruxuleante, os olhos como que fixos em mim enquanto eu

estava encostado ali à porta.

Meu tio se levantou e jogou a harpa nos braços de um garoto mais moço

que eu não conhecia. Vi no escuro as crianças sentadas em suas camas

guarnecidas com pesadas colchas. Vi seus olhos brilhantes  
a me olhar no

escuro. Os outros aglomeraram-se à luz do fogo e me  
encararam. Vi minha

mãe, enrugada e triste como se séculos tivessem  
transcorrido desde que

eu a deixara, uma verdadeira velha no canto, agarrada ao  
tapete que lhe

cobria o colo. Estudei-a, tentando imaginar a causa de sua  
decadência.

Desdentada, decrepita, os dedos nodosos e esfolados e  
brilhantes de

tanto trabalhar, talvez ela fosse apenas uma mulher sendo  
levada

depressa demais para a sepultura.

Fui assaltado por muitos pensamentos e palavras, como se  
estivesse

recebendo uma saraivada de golpes. Anjo, demônio,  
visitante noturno,

terror das trevas, o que você é? Vi mãos erguidas, fazendo  
às pressas o

sinal da cruz. Mas os pensamentos vieram claros em  
resposta à minha

indagação.

Quem não sabe que Ivan, o Caçador, virou Ivan, o Penitente,  
Ivan, o

Bêbado , Ivan, o Louco, por causa do dia nas terras  
selvagens em que

não conseguiu impedir que os tártaros raptassem seu  
amado filho

Andrei?

Fechei os olhos. Era pior que a morte o que acontecera com  
ele! E eu

nunca imaginara, nunca ousara pensar nele vivo, nem tivera  
a

consideração de esperar que ele estivesse vivo, nem  
pensara qual

poderia ser seu destino caso ele estivesse? Veneza estava  
cheia de

lojas em que eu poderia ter-lhe escrito uma carta, uma  
carta que os

grandes venezianos poderiam levar para algum porto em  
que ela poderia

ter sido despachada pelas famosas estradas postais do  
Khan.

Eu sabia disso tudo. O Andreizinho egoísta sabia disso tudo,  
dos

detalhes que poderiam ter selado o passado com clareza,  
permitindo que

ele o esquecesse. Eu poderia ter escrito:

"Família, estou vivo e feliz, embora nunca mais possa voltar para

casa. Tomem esse dinheiro que estou enviando para meus irmãos e irmãs e

minha mãe..."

Mas, então, nunca cheguei de fato a saber. O passado fora desgraça e

caos. Sempre que a cena mais banal se avivava, o tormento reinava.

Meu tio estava diante de mim. Ele era grande como meu pai e estava

bem vestido com uma túnica de couro cintada e botas de feltro.

Olhava-me com calma mas com severidade.

-Quem é você que chega à nossa casa assim?-perguntou.-O que é esse

príncipe aí diante de nós? Está trazendo alguma mensagem para nós?

Então fale , e perdôo-o por ter arrombado a fechadura de nossa porta.

Prendi o fôlego. Eu não tinha mais perguntas. Sabia que podia

encontrar Ivan, o bêbado. Que ele estava na taberna com os pescadores e

os comerciantes de peles, pois aquele era o único recinto fechado de que

ele gostava além de sua casa.

Levei a mão-esquerda à bolsa que eu sempre carregava, amarrada ao

cinto como deveria ser. Soltei-a e entreguei-a a este homem. Ele apenas

olhou para ela. Depois levantou-se, ofendido, e recuou.

Então, pareceu parte integrante de uma cena intencional com a casa.

Vi a casa. Vi a mobília entalhada à mão, o orgulho da família que a

fizera, os crucifixos de madeira e os castiçais entalhados que

seguravam as muitas velas. Vi os símbolos pintados decorando as

molduras de madeira das janelas, as prateleiras onde se exibiam belas

panelas, chaleiras e tigelas feitas em casa. Vi todos eles orgulhosos,

então, a família toda, as mulheres que bordavam, bem como aquelas que

remendavam, e lembrei-me com uma certa paz da estabilidade e do

aconchego de sua vida cotidiana.

No entanto era uma vida triste, ah, tristíssima, comparada ao mundo

que eu conhecia.

Adiantei-me e mostrei-lhe novamente a bolsa, e disse com uma voz

abafada, ainda escondendo o rosto:

- Suplico-lhe que tenha a bondade de aceitar isso para que eu possa

salvar minha alma. É da parte de seu sobrinho, Andrei. Ele está muito

longe na terra para a qual os mercadores de escravos o levaram e nunca

mais voltará para casa. Mas está bem e precisa compartilhar um pouco do

que tem com a família. Ele me pede que lhe diga quais de vocês estão

vivos e quais faleceram. Se eu não lhe der esse dinheiro, e se não o

aceitar, serei condenado ao Inferno.

Não veio nenhuma resposta verbal da parte deles. Mas tive o que

desejava de suas mentes. Consegui tudo. Sim, Ivan estava vivo, e agora

eu, esse homem estranho, estava dizendo que Andrei também estava vivo.

Ivan pranteava um filho que, além de vivo, estava rico. A vida é uma

tragédia, de uma forma ou de outra. O que é certo é que você morre.

- Eu lhe suplico - disse eu.

Meu tio pegou a bolsa estendida, mas com desconfiança. A bolsa

estava cheia de ducados de ouro, que valiam em qualquer lugar.

Deixei cair a capa e tirei a luva esquerda, e depois os anéis que

cobriam cada dedo de minha mão. Opala, ônix, ametista, topázio,

turquesa. Fui para o outro lado do fogo, passando pelo homem e pelos

meninos, e coloquei esses anéis respeitosamente no colo da velha que

hav ia sido minha mãe. Ela ergueu os olhos. Eu podia ver que, num

instante, ela saberia quem eu era. Tornei a cobrir o rosto, mas com a

mão esquerda, tirei o punhal da cinta. Era apenas uma Misericórdia

pequena aquele punhalzinho que um guerreiro leva para a batalha a fim de

despachar suas vítimas se elas ainda estiverem vivas mas já sem

esperança de salvação. Era um objeto decorativo, mais um enfeite do que



uma arma, e sua bainha folheada a ouro era toda cravejada de pérolas

perfeitas.

-Para você-disse eu. - Para a mãe de Andrei, que sempre gostou de

seu colar de pérolas de água-doce. Aceite isso pela alma de Andrei.

Depositei o punhal aos pés de minha mãe.

Em seguida curvei-me profundamente, quase encostando no chão, e saí,

sem olhar para trás, fechando a porta ao passar, e continuando por

perto, para ouvidos enquanto

se levantavam de um pulo e se acotovelavam para ver os anéis e o

punhal, e alguns para ver a tranca.

Por um momento, fraquejei de tanta emoção. Mas nada iria me impedir

de fazer o que eu desejava. Não apelei para Marius, porque seria

covarde pedir-lhe apoio para isso, ou aceitar que ele me apoiasse. Fui

descendo a rua coberta de neve rumo à taberna mais próxima ao rio, onde

achei que meu pai podia estar. Raramente eu entrava ali quando era

criança, e quando o fazia era só para chamar meu pai para voltar para

casa. Eu não me lembrava direito daquele lugar, a não ser que era onde

os estrangeiros bebiam e praguejavam.

Era um prédio comprido, feito com as mesmas toras toscas de minha

casa, com a mesma argamassa de barro e as mesmas rachaduras e fendas

para deixar passar aquele frio medonho. Seu telhado era muito alto, com

umas seis camadas para dividir o peso da neve, e em seus beirais também

havia estalactites de gelo pingando, como em minha casa.

Eu achava maravilhoso que os homens pudessem viver assim, que o

próprio frio não os impelisse a construir um abrigo melhor e mais

definitivo, mas, ao que parecia, ali sempre fora assim, com os pobres,

os enfermos, os sobrecarregados e os famintos sendo muito sacrificados

pelo inverno violento e recebendo muito pouco da primavera e do verão

curtos, e a resignação passando a ser afinal sua maior virtude.

Mas talvez eu estivesse errado sobre tudo isso naquela época, e

talvez esteja agora. O importante é isso: aquele era um lugar de

desesperança, e, embora não fosse feio, pois lenha e barro e neve e

tristeza não são feios, era um lugar sem beleza a não ser pelos ícones,

e talvez pelo vulto das graciosas cúpulas de Santa Sofia no alto do

morro ao longe, contra o céu estrelado. E isso não bastava.

Quando entrei na taberna, contei uns vinte homens à primeira vista,

todos eles bebendo e conversando uns com os outros com uma cordialidade

que me surpreendeu, dada a natureza espartana desse local, que não

passava de um abrigo para a noite, o qual os mantinha reunidos em

segurança ao redor da grande fogueira. Ali não havia ícones para

reconfortá-los. Mas alguns deles estavam cantando, e havia o

indefectível tocador de harpa, tangendo seu pequeno instrumento de

corda, e outro tocando um flautim.

Havia muitas mesas, algumas com toalhas, outras nuas, em volta das

quais esses camaradas se reuniam, e alguns dos homens eram

estrangeiros, como eu me lembrara. Três eram italianos, ouvi logo, e

imaginei que fossem genoveses. Havia realmente mais estrangeiros do que

eu esperara. Mas estes eram homens atraídos pelo comércio do rio, e

talvez Kiev não estivesse tão pobre naquela altura.

Para não chamar atenção, adiantei-me e fui para o fundo da sala à

esquerda, onde era escuro e talvez um viajante europeu vestido com

ricas peles pudesse passar despercebido, pois, afinal de contas, boas

peles talvez fossem algo que eles de fato pareciam ter.

Essas pessoas estavam demasiado embriagadas para se importar com

quem eu era. O balconista do bar tentou se animar com a idéia de um novo

freguês, mas depois continuou cochilando apoiado na mão. A música

prosseguia, outra daquelas sagas, mas essa era muito menos alegre do

que a que meu tio cantara lá em casa, porque acho que o músico estava

muito cansado.

Vi meu pai.

Ele estava estirado num banco largo, tosco e engordurado, vestido

com seu gibão de couro e coberto com sua capa de pele maior e mais

pesada, meticulosamente dobrada, como se os outros lhe tivessem feito

as honras depois de ele ter falecido. Sua capa era de pele de urso, o

que o marcava como um homem bastante rico. Ele roncava naquele sono

embriagado, recendendo a álcool, e não se mexeu quando ajoelhei-me a

seu lado e olhei para seu rosto.

Suas faces, apesar de mais magras, continuavam coradas, mas estavam

encovadas, e havia manchas grisalhas bem definidas em seu bigode e sua

longa barba. Achei que ele havia perdido um pouco de cabelo nas

têmporas e que sua testa lisa estava mais angulosa, mas isso poderia

ter sido uma ilusão. A carne em volta de seus olhos parecia flácida e

escura. Suas mãos, cruzadas embaixo da capa, não estavam aparecendo,

mas eu podia ver que ele continuava forte, corpulento, e que seu amor

pela bebida ainda não o havia destruído.

Tive subitamente uma noção perturbadora de sua vitalidade; sentia o

cheiro de seu sangue e de sua vida, como se de uma possível vítima

tropeçando em meu caminho.

Tirei tudo isso da cabeça e fiquei olhando para ele, amando-o e só

pensando que estava felicíssimo por ele estar vivo! Ele havia saído das

estepes selvagens. Escapara daqueles homens, que pareciam os próprios

arautos da morte.

Puxei um banco para poder ficar calmamente sentado ao lado de meu

pai, estudando seu rosto.

Eu não havia calçado a luva esquerda.

Pus minha mão agora fria em sua testa, de leve, sem querer tomar

liberdades, e ele lentamente abriu os olhos. Estavam sujos, porém ainda

lindamente brilhantes, apesar de injetados de sangue e úmidos, e ele

me olhou meigamente, calado. por alguns instantes, como se não tivesse

por que se mexer, como se eu fosse uma visão perto de seus sonhos.

Senti o capuz escorregar para trás e não fiz nada para segurá-lo. Eu

não podia ver o que ele via, mas sabia o que era-seu filho, com um

rosto barbeado, igual ao que o filho tinha quando esse homem o

conhecia, e longos cabelos acobreados soltos, em ondas polvilhadas de

neve.

Mais adiante, parecendo meras silhuetas corpulentas contra o clarão

do fogo, os outros cantavam e conversavam. E o vinho corria.

Nada se interpunha entre mim e esse momento, entre mim e esse homem

que tentara vencer os tártaros, que disparara uma flecha após a outra

contra seus inimigos, enquanto choviam flechas do adversário sobre ele

em vão.

-Eles nunca o feriram - murmurei. -Eu o amo e só agora sei como você

era forte. - Estaria minha voz sequer sendo audível?

Ele piscou ao olhar para mim, e então vi que passou a língua nos

lábios. Seus lábios eram vivos, como coral, brilhando em meio à pesada

franja vermelha do bigode e da barba.

- Eles me feriram - disse baixinho, mas com voz firme. - Eles me

acertaram, duas vezes, no ombro e no braço. Mas não me mataram, e não

soltaram Andrei. Caí do cavalo. Levantei-me. Eles não me acertaram nas

pernas. Corri atrás deles. Corri muito e continuei atirando. Eu tinha



uma maldita seta espetada bem aqui no ombro direito.

Sua mão surgiu de debaixo da capa de pele e ele a colocou na curva

escura de seu ombro direito.

- Continuei atirando. Eu nem sentia. Vi-os indo embora. Eles o

levaram. Nem sei se ele estava vivo. Não sei. Será que se dariam ao

trabalho de levá-lo se o tivessem ferido? Havia setas por toda parte.

Caía uma chuva de setas! Eles deviam ser uns cinqüenta. Mataram a

metade dos homens! Eu disse aos outros: vocês precisam continuar

atirando, não parem um segundo sequer, não se acovardem, fiquem

atirando, e, quando não tiverem mais setas, saquem a espada e corram

atrás deles, entrem no meio deles, apeiem, apeiem perto da cabeça do

cavalo de vocês e ataquem-nos. Bem, talvez eles tenham feito isso. Não

sei.

Ele baixou as pálpebras. Deu uma olhada em volta. Queria levantar, e

então olhou para mim.

- Dê-me alguma coisa para beber. Compre alguma coisa decente. O

homem tem xerez espanhol. Traga-me desse vinho, uma garrafa. Diabos,

antigamente, eu ficava esperando os comerciantes lá no rio, e nunca

precisava comprar nada de ninguém. Traga-me uma garrafa de xerez. Estou

vendo que você é rico.

- Sabe quem sou eu? - perguntei.

Ele olhou para mim completamente aturdido. Esta pergunta nem sequer

lhe ocorrera.

- Você vem do castelo. Fala com sotaque lituano. Não quero saber

quem você é. Compre um vinho para mim.

- Com sotaque lituano? - perguntei baixinho. - Que coisa medonha.

Acho que é sotaque veneziano e estou, envergonhado.

- Veneziano? Bem, não se envergonhe. Deus sabe que eles tentaram

salvar Constantinopla, tentaram. Foi tudo para o inferno. O mundo vai

acabar em chamas. Traga-me um vinho antes que ele acabe, está bem?

Levantei-me. Será que eu ainda tinha algum dinheiro? Eu estava

pensando nisso quando a figura sinistra e silenciosa do Mestre surgiu à

minha frente e me entregou a garrafa do xerez espanhol, aberta e pronta

para meu pai beber.

Suspirei. O cheiro do vinho não significava nada para mim agora, mas

eu sabia que era do bom, e além do mais era o que ele queria.

Enquanto isso, ele se sentara no banco e contemplava a garrafa em

minha mão. Pegou-a e bebeu-a tão avidamente como eu bebo sangue.

- Olhe bem para mim - disse eu.

- Está escuro aqui, idiota - disse ele. - Como posso olhar bem para

alguma coisa? Humm, mas esse é bom. Obrigado.

De repente, ele parou com a garrafajusto embaixo da boca. Foi

estranha a maneira como ele parou. Era como se estivesse na floresta e

acabasse de sentir que um urso ou alguma outra fera mortal fosse

atacá-lo. Ficou paralisado, com a garrafa na mão, e só seus olhos se

mexeram quando ele olhou para mim.

- Andrei - murmurou.

- Estou vivo, pai - disse eu delicadamente. - Eles não me mataram.

Pegaram-me como prêmio e venderam-me para ganhar dinheiro. E fui levado

de navio para o sul e novamente para o norte até a cidade de Veneza, e

é aí que estou morando.

Os olhos dele estavam calmos. De fato, uma serenidade linda tomou

conta dele. Ele estava embriagado demais para que seu lado racional se

revoltasse ou para que uma surpresa barata o deleitasse. Ao contrário,

a verdade inundou-o como uma onda, dominando-o, e ele compreendeu todas

suas ramificações, que eu não sofrera, que estava rico, que estava bem.

- Eu estava perdido - disse eu no mesmo tom delicado, que certamente

era apenas audível para ele. - Eu estava perdido, sim, mas fui achado

por outra pessoa, um homem bom, e fui recuperado, e desde então não

sofri mais. Fiz uma longa viagem para lhe contar isso, pai. Nunca soube

se você estava vivo. Nunca sonhei. Quer dizer, achei que você tivesse

morrido naquele dia em que o mundo inteiro morreu para mim. E agora

estou vindo aqui lhe dizer que não deve nunca chorar por mim.

- Andrei - murmurou, mas sua expressão não mudou. Ele exprimia

apenas um espanto calmo. Estava quieto ali sentado, segurando com as

duas mãos a garrafa que pusera no colo, os ombros largos bem retos e o

cabelo ruivo grisalho mais comprido do que eujamais havia visto,

confundindo-se com a pele de seu capote. Era um homem lindíssimo.

Precisei ter olhos de monstro para saber disso. Precisei ter uma visão

demoníaca para ver a força em seus olhos aliada à potência de sua

compleição de gigante. Só seus olhos injetados de sangue traíam sua

fraqueza.

- Agora me esqueça, pai. Esqueça-me, como se os monges tivessem me

mandado embora. Mas lembre-se disso, por sua causa, eu nunca serei

sepultado naquelas tumbas de terra do mosteiro. Não, outras coisas

podem me acontecer. Mas esse sofrimento eu não terei. Por sua causa,

porque você não aceitava isso, porque você chegou naquele dia e ordenou

que eu o acompanhasse, que eu fosse seu filho.

Virei-me para sair. Ele se atirou à frente, agarrando a garrafa pelo

gargalo com a mão esquerda e me segurando pelo pulso com aquela sua

poderosa mão direita. Puxou-me para ele como se eu fosse um simples

mortal, com sua antiga força, e encostou os lábios em minha cabeça

inclinada.

Ah, meu Deus, não permita que ele saiba! Não permita que ele sinta

nenhuma mudança em mim! Eu estava desesperado. Fechei os olhos.

Mas eu era jovem, e não tão duro nem tão gelado como o Mestre, não,

nem a metade da metade da metade. E ele só sentiu a maciez de meu

cabelo, e talvez uma maciez gelada, com perfume de inverno em minha

pele.

- Andrei, meu anjo dourado, meu filho talentoso!

Voltei-me e agarrei seu braço esquerdo. Cobri sua cabeça de beijos,

como eu nunca teria feito quando criança. Estreitei-o junto ao meu

coração.

-Pai, não beba mais -disse eu em seu ouvido. -Levante-se e volte a

ser aquele caçador. Seja o que você é, pai.

- Andrei, ninguém jamais acreditará em mim.

- E quem são eles para lhe dizer isso se você tornar a ser você

mesmo , homem? - perguntei.

Olhamo-nos nos olhos um do outro. Eu estava de boca fechada para que

ele jamais visse os dentes afiados em minha boca que o sangue de

vampiro me dera, os pequeninos dentes de vampiro como um homem sagaz

como ele, o caçador natural, poderia ver muito distintamente.

Mas ele não estava procurando uma desqualificação dessas aqui. Ele

só queria amor, e amor trocamos entre nós.

- Preciso ir, não tenho escolha. Roubei este tempo para vir vê-lo.

Pai, diga à minha mãe que eu é que estive lá em casa hoje, e que eu é

que lhe dei os anéis e dei a bolsa a seu irmão.

Recuei. Sentei-me no banco ao lado dele, pois ele havia posto os pés

no chão. Tirei a luva direita e olhei para os sete ou oito anéis que eu

usava, todos eles de ouro ou prata e cravejados de pedras preciosas,

então fui tirando um a um, sob seus sonoros gemidos de protesto, e

depositei aquele punhado de jóias em sua mão.

Como era macia e quente a sua mão, como era corada e viva!



- Aceite-os porque tenho um mundo deles. E lhe escreverei e lhe

enviarei mais, mais para você não precisar fazer nada exceto o que

tiver vontade de fazer -cavalgar e caçar, e contar histórias dos velhos

tempos junto ao fogo. Compre uma boa harpa com isso, compre livros para

os pequenos, se quiser, compre tudo o que quiser.

-Não quero isso, quero você, meu filho.

- Sim, e eu quero você, meu pai, mas este pequeno poder é tudo o que

podemos ter.

Segurei sua cabeça com as duas mãos, exibindo minha força, talvez

insensatamente, mas imobilizando-o enquanto o beijava. Depois, com um

demorado abraço afetuoso, levantei-me para partir.

Saí tão depressa da sala que ele não poderia ter visto nada a não

ser a porta fechando.

Nevava. Avistei o Mestre a alguns metros dali e fui a seu encontro,

e começamos a subir a colina. Eu não queria que meu pai saísse lá fora.

Queria ir embora o quanto antes.

Eujá ia pedir que entrássemos na velocidade vampírica e saíssemos de

Kiev quando vi um vulto correndo em nossa direção. Era uma mulherzinha,

seu pesado e comprido abrigo de pele arrastando na neve molhada. Ela

trazia alguma coisa brilhante nos braços.

Fiquei imobilizado, escoltado pelo Mestre. Era minha mãe que viera

me ver. Era minha mãe a caminho da taberna, e em seus braços, diante de

mim, estava um ícone do Cristo carrancudo, aquele para o qual eu

ficara olhando tanto pela fresta da parede da casa.

Prendi a respiração. Ela ergueu o ícone com as duas mãos e ofereceu-o

a mim.

- Andrei - murmurou ela.

- Mãe - eu disse. - Guarde esse ícone para os pequenos, por favor -

abraçei- a e beijei-a. Quão mais velha, quão miseravelmente velha ela

parecia. Mas as gravidezes haviam feito isso com ela, tirando-lhe as

forças, nem que fosse pelos bebês que seriam enterrados em pequenas

covas no chão. Pensei em quantos bebês ela havia perdido quando eu era

garoto, e quantos mais ainda antes que eu nascesse. Ela os chamava de

seus anjos, seus bebezinhos, sem tamanho para viver. - Guarde isso - eu

lhe disse. - Guarde isso para a família aqui.

- Está bem, Andrei - disse ela. Ela me olhou com olhos apagados,

sofredores. Eu podia ver que ela estava morrendo. Compreendi de repente

que não era só a idade que a acabava, nem o trabalho com os filhos.

Ela estava doente por dentro, e haveria realmente de morrer em breve.

Senti um tal pavor, ao olhar para ela, um tal pavor de todo o mundo

mortal. Era apenas uma doença aborrecida, comum e inevitável.

- Adeus, querido anjo - me despedi.

-Adeus, meu querido anjo-respondeu ela.-Meu coração e minha alma

estão felizes por você ser um príncipe nobre. Mas me mostre, você faz o

sinal da cruz da maneira correta?

Quão desesperada ela parecia! Estava sendo sincera. Queria dizer

simplesmente, teria eu conseguido toda essa riqueza aparente

convertendo-me à igreja do Ocidente? Era isso o que ela queria dizer.

- Mãe, você está me submetendo a um teste simples. Fiz o sinal-da-

cruz para ela, à nossa moda, à moda oriental, da direita para a

esquerda, e sorri.

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça. Então, tirou

cuidadosamente uma coisa de dentro da roupa e me deu, só largando depois

que estendi as duas mãos em concha para recebê-lo. Era um ovo de Páscoa

pintado de vermelho-escuro. Um ovo perfeito e finamente decorado. Tinha

listras amarelas no sentido do comprimento, e, no centro criado pelas

listras, havia uma rosa perfeita pintada ou uma estrela de oito pontas.

Olhei para o ovo e balancei a cabeça para minha mãe. Peguei um lenço de

puro linho flamengo e enrolei o ovo, acolchoando-o bem, e guardei

fielmente o pequeno fardo nas dobras da túnica por baixo da jaqueta e do

capote. Abaixei-me e dei-lhe mais um beijo na face ressecada e flácida.

- Mãe - disse eu -, a Alegria de Todas as Dores, é isso o que você é

para mim!

- Meu doce Andrei - respondeu ela. - Vá com Deus, se tiver de ir.

Ela olhou para o ícone. Queria que eu o visse. Virou-o para que eu

pudesse ver o rosto dourado de Deus, tão lustroso e bem feito como no

dia em que eu o pintara para ela. Só que eu não o pintara para ela. Não,

era o próprio ícone que eu levava naquele dia em nossa marcha para as

terras selvagens.

Ah, que maravilha meu pai tê-lo trazido de volta com ele,  
desde

aquela longínqua cena dessa perda. Mas por que não? Por  
que um homem

como ele não faria uma coisa dessas?

A neve caía no ícone pintado. Caiu no rosto severo de Nosso

Salvador, que se inflamara sob meu pincel como que por  
um passe de

mágica, um rosto que, com aqueles lábios severos e lisos e  
aquele cenho

ligeiramente franzido significava amor. Cristo, meu Senhor,  
podia

parecer ainda mais severo nos mosaicos de São Marcos.  
Cristo, meu

Senhor. De qualquer maneira, e em qualquer estilo, era  
cheio de amor

ilimitado. A neve caía em rajadas e parecia derreter ao tocar  
em seu

rosto. Receei por esse frágil pedaço de madeira, essa  
reluzente imagem

laqueada, destinada a brilhar sempre. Mas ela também  
pensou nisso, e,

com o capote, rapidamente protegeu o ícone da umidade da  
neve que

derretia.

Nunca mais tornei a ver esse ícone.

Mas haverá alguém que agora precise me perguntar o que significa um

ícone para mim? Haverá alguém que precise saber agora por que, quando

me deparei com o rosto de Cristo no Véu de Verônica, quando Dora

segurou no alto esse Véu trazido de Jerusalém e da hora da paixão de

Cristo pelo próprio Lestat, passando pelo Inferno até chegar ao mundo,

caí de joelhos e exclamei: "É o senhor?"

-- 11 --

A volta de Kiev pareceu uma viagem no tempo, para um lugar que

realmente era o meu.

Veneza inteira, quando voltei, parecia compartilhar o faiscar da

câmara folheada a ouro na qual fiz meu túmulo. Deslumbrado, eu passava

as noites vagando, com ou sem Marius, sorvendo o ar puro  
do Adriático

e espiando as esplêndidas moradias e os palácios do  
governo aos quais

me acostumei nos últimos anos.

Os cultos noturnos nas igrejas atraíam-me como o mel atrai  
moscas.

Eu bebia a música dos coros, o cântico dos padres e,  
sobretudo, a

atitude alegre e sensual dos fiéis, como se tudo isso fosse  
um bálsamo

para as minhas partes em carne viva por causa de minha  
volta ao

Mosteiro das Covas.

Mas, no fundo do coração, eu reservava uma chama viva e  
tenaz de

reverência pelos monges russos do Mosteiro das Covas.  
Tendo vislumbrado

algumas palavras do santo irmão Isaac, entrei na memória  
viva de seus

ensinamentos-o irmão Isaac, que fora um bobo de Deus e  
um eremita,

alguém que via espíritos, a vítima do Diabo e depois seu  
conquistador em

nome de Cristo.



Eu tinha uma alma religiosa, sem dúvida, e recebera dois grandes

modos de pensamento religioso, e agora, ao render-me a uma guerra entre

esses modos, fiz guerra a mim mesmo, pois embora não tivesse intenção

de abrir mão dos luxos e das glórias de Veneza, da beleza sempre

refulgente das lições de Fra Angélico e das impressionantes realizações

iluminadas de todos aqueles que o seguiram, criando beleza para Cristo,

eu secretamente beatificava o perdedor em minha batalha, o abençoado

Isaac, que, com minha mentalidade infantil, eu imaginava tendo seguido o

verdadeiro caminho do Senhor.

Marius conhecia minha luta, sabia do domínio que Kiev exercia sobre

mim, e sabia da importância crucial de tudo isso para mim. Ele entendia

melhor do que ninguém que cada ser briga com seus próprios anjos e

demônios, cada ser sucumbe a um conjunto essencial de valores, um tema,

por assim dizer, que é inseparável de uma vida como deve ser.

Para nós, a vida era a vida vampírica. Mas em todos os sentidos era

vida, e vida sensual e carnal. Eu não podia mergulhar nessa vida fugindo

das compulsões e obsessões que eu sentia como rapaz mortal. Ao

contrário, elas agora eram ampliadas.

Antes de completar um mês de minha volta, vi que tinha dado o tom de

minha atitude para com o mundo à minha volta. Eu deveria aproveitar a

beleza luxuriante da pintura, da música e da arquitetura italianas,

sim, mas faria isso com o fervor de um santo russo. Transformaria todas

as experiências sensuais em bondade e pureza. Eu aprenderia, teria mais

entendimento, mais compaixão pelos mortais à minha volta, e nunca

deixaria de pressionar minha alma para ser o que eu julgava bom. O bem

estava acima de tudo; o bem era ser gentil. Era não desperdiçar nada.

Era pintar, ler, estudar, escutar, até rezar, embora eu não tivesse

certeza, e a quem eu rezava, era aproveitar qualquer oportunidade para

ser generoso com os mortais que eu não matava.

Quanto aos que eu matava, eles deveriam ser eliminados com

misericórdia, e eu deveria me tornar o senhor absoluto da misericórdia,

jamais causando sofrimento ou confusão, na verdade atraindo minhas

vítimas ao máximo com encantos induzidos por minha voz doce ou pela

profundidade de meu olhar comovente, ou por outro poder que

aparentemente eu possuísse ou fosse capaz de desenvolver, um poder para

entrar na mente do pobre mortal indefeso e assisti-lo na confecção de

suas próprias imagens reconfortantes para que a morte se tornasse o

bruxuleio de uma chama num êxtase, e depois o silêncio mais doce. Eu

também me concentrava em gozar o sangue, em me aprofundar além da

necessidade turbulenta de minha sede, para saborear esse fluido vital

que eu roubava de minha vítima e sentir mais plenamente aquilo que

vinha com ela para a morte definitiva, o destino de uma alma mortal.

Minhas aulas com Marius foram temporariamente interrompidas. Mas

afinal ele chegou delicadamente e disse-me que estava na hora de

estudar novamente a sério, que havia coisas que precisávamos fazer.

- Faço meu próprio estudo - disse eu. - Você sabe disso muito bem.

Sabe que não tenho andado por aí ocioso, e sabe que minha mente é tão

ávida quanto meu corpo. Você sabe disso. Então me deixe em paz.

- Muito bem, mestrezinho - disse ele meigamente -, mas você precisa

voltar para a escola que mantenho para você. Tenho coisas que você

precisa conhecer.

Durante cinco noites, liberei-me dele. Então, enquanto eu dormitava

em sua cama depois da meia-noite, tendo passado o início da noite na

praça de São Marcos num grande festival, escutando música e assistindo

aos malabaristas, assustei-me ao receber uma chicotada sua nas pernas.

- Acorde, menino - disse ele.

Virei-me e olhei para cima. Fiquei espantado. Ele estava ali em pé,

de braços cruzados, segurando aquele chicote comprido. Usava uma túnica

longa e cintada de veludo púrpura e seu cabelo estava preso na nuca.

Senti as chicotadas como nunca havia sentido quando eu era mortal. Eu

estava mais forte, mais resistente a elas, mas por uma fração de

segundo cada golpe rompeu minha guarda preternatural, causando uma

minúscula e intensa explosão de dor. Fiquei furioso. Tentei sair da

cama, e provavelmente teria batido nele, tamanha era a minha irritação

por ser tratado dessa maneira. Mas ele pôs um joelho em minhas costas e

ficou me chicoteando até eu gritar. Então, endireitou-se e me arrastou

pela gola. Eu estava trêmulo de raiva e confuso.

- Quer mais? - perguntou.

- Não sei - respondi, desvencilhando-me, o que ele permitiu com um

sorrisinho. - Talvez sim! Ora meu coração é da maior importância para

você, ora sou um colegial. É isso?

- Você já teve tempo suficiente para chorar - disse ele - e para

reavaliar o que recebeu. Agora é voltar ao trabalho. Vá para a

escrivania e prepare-se para escrever. Senão lhe bato mais um pouco.

Comecei a discursar.

- Não vou ser tratado assim. Não há nenhuma necessidade disso. O que

devo escrever? Já escrevi vários volumes em minha alma. Acha que pode

me colocar à força naquela abominável forminha do aluno obediente,

acha que isso é apropriado para as idéias cataclísmicas que tenho de

considerar, acha...

Ele me esbofeteou. Fiquei tonto. Quando meus olhos se desanuviaram,

encarei- o.

- Quero sua atenção de novo. Quero que você saia de sua meditação.

Vá para a escrivaninha e me faça um resumo do que sua viagem à Rússia

significou para você, e o que agora você vê aqui que antes não

conseguia ver. Seja conciso, use seus melhores símiles e metáforas e

escreva depressa e com clareza para mim.

- Que táticas grosseiras - resmunguei. Mas meu corpo latejava por

causa das chicotadas. Era uma dor completamente diferente da de um

corpo mortal, mas doía, e eu odiei aquilo.

Sentei diante da escrivaninha. Eu ia escrever algo realmente

grosseiro como "Aprendi que sou escravo de um tirano". Mas quando ergui

os olhos e o vi ali de chicote em punho, mudei de idéia.

Ele sabia que aquele era o momento perfeito para se aproximar de mim

e me beijar. E fez isso, e vi que eu erguera o rosto para receber seu

beijo antes que ele abaixasse a cabeça. Isso não o deteve.

Senti a felicidade avassaladora de ceder a ele. Passei meu braço em

volta de seus ombros.

Ele me soltou após um instante demorado e doce, e então escrevi

muitas frases, descrevendo bastante o que já expliquei anteriormente.

Escrevi sobre a luta interna que se travava dentro de mim entre o

carnal e o ascético; escrevi sobre minha alma russa buscando o nível de

exaltação mais elevado. Pintando o ícone, eu encontrara esse nível, mas

o ícone satisfizera a necessidade dos sentidos porque era belo. E

enquanto escrevia, percebi pela primeira vez que o estilo russo antigo,

o estilo bizantino antigo encarnava uma luta entre o sensual e o



ascético, as imagens contidas, chapadas, disciplinadas, envolvidas por

um colorido rico, o todo exalando puro deleite para os olhos e

representando renúncia.

Enquanto eu escrevia, o Mestre foi embora. Percebi isso, mas não

importava. Eu estava absorto na escrita, e aos poucos fui deixando

aquela minha análise das coisas e comecei a contar uma história antiga.

"Antigamente, quando os russos não conheciam Jesus Cristo, o grande

príncipe Vladimir de Kiev - e naquele tempo Kiev era uma cidade

magnífica - enviou emissários para estudarem as três religiões do

Senhor: a religião muçulmana, que esses homens acharam frenética e

fétida; a religião da Roma papal, na qual esses homens não encontraram

nenhuma glória; e finalmente o cristianismo de Bizâncio. Na cidade de

Constantinopla, os russos foram levados para ver as magníficas igrejas

nas quais os católicos gregos adoravam o seu Deus, e  
acharam esses

prédios tão lindos que não sabiam se estavam no Paraíso ou  
ainda na

terra. Jamais haviam visto algo tão esplêndido; tiveram  
certeza então de

que Deus vivia entre os homens na região de  
Constantinopla, por isso

foi essa religião que a Rússia adotou. Foi, portanto, a beleza  
que deu

origem à nossa Igreja russa. Em Kiev, outrora, os homens  
podiam

descobrir o que Vladimir procurava recriar, mas agora que  
Kiev está em

ruínas e os turcos tomaram a Santa Sofia de Constantinopla,  
a pessoa

precisa vir a Veneza ver a grande Theotokos, a Virgem que é  
aquela que

carrega Deus, e seu filho quando se torna o Pantokrator, o  
Divino

Criador de todas as coisas. Em Veneza, encontrei nos vivos  
mosaicos de

ouro e nas imagens vigorosas de uma nova era o próprio  
milagre que

trouxe a Luz de Cristo Nosso Senhor à minha terra natal, a  
Luz de

Cristo Nosso Senhor que continua ardendo no Mosteiro das Covas."

Larguei a pena. Deixei a folha de lado e deitei a cabeça nos braços

e fiquei chorando baixinho, sozinho no silêncio de um quarto

penumbroso. Eu não me importava se me batessem, me chutassem ou me

ignorassem.

Finalmente, Marius veio me buscar para me levar para nossa cripta, e

agora vejo, séculos depois, olhando para trás, que o fato de ele ter me

obrigado a escrever naquela noite me fez lembrar para sempre das lições

daquela época.

Na noite seguinte, depois de ler o que eu havia escrito, ele estava

arrependido por ter me batido e disse que tinha dificuldade de tratar-me

como qualquer outra coisa que não uma criança, mas que eu não era uma

criança. Antes, eu era um espírito parecido com o de uma criança -

ingênuo e maníaco em minha busca de certos temas.

Ele nunca esperara me amar tanto.

Eu queria ficar alheio e distante, por causa da surra, mas não

consegui. Eu me admirava que seu toque, seus beijos, seus abraços

significassem mais para mim do que significavam quando eu era humano.

-- 12 --

Quisera sair agora do alegre quadro em que estou com Marius em

Veneza e continuar esta história na cidade de Nova York, nos tempos

modernos. Quero ir para o instante naquele quarto, na cidade de Nova

York, em que Dora segurava o Véu de Verônica, a relíquia que Lestat

trouxe de sua viagem ao Inferno, pois aí eu teria uma história contada

em duas metades perfeitas-da criança que eu fora e do fiel que me

tornara, e da criatura que hoje sou.

Mas não posso me enganar com tanta facilidade. Sei que o que

aconteceu com Marius e comigo nos meses seguintes à minha viagem à

Rússia faz parte de minha vida. Não há nada a fazer senão atravessar a

Ponte dos Suspiros de minha vida, a longa ponte escura a cobrir séculos

de minha existência torturada, ligando-me aos tempos modernos. O fato de

Lestat ter descrito tão bem o meu tempo nessa travessia não significa

que eu possa escapar sem acrescentar minhas próprias palavras, e

sobretudo meu próprio reconhecimento do bobo de Deus que eu seria

durante trezentos anos. Quisera ter escapado desse destino. Quisera que

Marius tivesse escapado do que nos aconteceu. Agora é evidente que ele

sobreviveu à nossa separação com muito mais força e percepção do que eu.

Mas ele já era um ser sábio de muitos séculos, e eu ainda era uma

criança.

Nossos últimos dias em Veneza não foram prejudicados por qualquer

premonição do que estava para vir. Vigorosamente, ele me ensinava as

lições essenciais.

Uma das mais importantes era como passar por humano no meio de seres

humanos. Desde minha transformação, eu nunca me dera bem com os outros

aprendizes, e evitara completamente minha amada Bianca, para com quem eu

tinha uma dívida de gratidão não apenas pela amizade passada mas também

por ela ter tratado de mim quando eu estive tão doente. Agora, eu

precisava enfrentar Bianca, ou pelo menos Marius assim decretou. Era eu

quem tinha de escrever uma carta cortês para ela explicando que, devido

à minha doença, não me fora possível ir a seu encontro antes.

Então, certa noite, cedo, após uma breve caçada em que bebi o sangue

de duas vítimas, fomos visitá-la, carregados de presentes para ela, e a

encontramos rodeada daqueles seus amigos ingleses e italianos.

Marius vestira-se elegantemente de veludo azul-escuro para a

ocasião, pela primeira vez com um capote da mesma cor, o que era raro

nele, e insistira para que eu me vestisse de azul-celeste, sua cor

preferida para mim. Eu levava os figos de vinho e tortas doces numa

cesta para ela.

Encontramos sua porta aberta como sempre, e entramos discretamente,

mas ela nos viu logo.

Assim que a vi, senti um desejo confrangedor por um certo tipo de

intimidade, ou seja, queria contar-lhe tudo o que acontecera! Obviamente

isso era proibido, e aprender a amá-la sem confiar nela - isso era

algo que Marius insistia que eu aprendesse.

Ela se levantou e veio a meu encontro, e envolveu-me em seus braços,

aceitando os costumeiros beijos ardentes. Vi logo por que Marius

insistira em duas vítimas para aquela noite. Eu estava quente e corado

de sangue.

Bianca não sentiu nada que a assustasse. Passou os braços macios em

volta de meu pescoço. Estava radiosa com um vestido de seda amarela e

de veludo verde-escuro, o vestido de baixo amarelo, salpicado de rosas

bordadas, e tinha os seios brancos precariamente cobertos como só uma

cortesã os teria.

Quando comecei a beijá-la, tomando cuidado para esconder dela minhas

pequenas presas, eu não sentia fome porque o sangue de minhas vítimas

fora mais que suficiente. Beijei-a com amor e só com amor, rapidamente

pensando em tórridas lembranças eróticas, o corpo certamente

demonstrando a urgência que tivera com ela no passado. Eu queria

apalpá-la toda, como um cego poderia apalpar uma escultura, para melhor

ver cada curva com as mãos.



- Ah, você não está apenas bem, está esplêndido - disse Bianca. -

Você e Marius, entrem, venham, vamos para aquela sala. - Ela fez um

gesto displicente para os convidados, que de qualquer maneira estavam

entretidos, conversando, discutindo, jogando cartas em pequenos grupos.

Ela nos levou para sua sala mais íntima contígua a seu quarto, um

apartamento atulhado de cadeiras e sofás de damasco medonhamente caro, e

mandou que eu sentasse.

Eu me lembrava das velas, lembrava que jamais devia me aproximar

de mais delas, mas devia usar as sombras para que nenhum mortal tivesse

a oportunidade ideal de estudar minha pele diferente e mais perfeita.

Isso não foi muito difícil, pois, mesmo gostando de claridade e

tendo uma queda pelo luxo, ela mandara espalhar os candelabros para

criar um ambiente. A falta de luz também faria com que se notasse

menos o brilho de meus olhos; eu sabia disso também. E quanto mais eu

falava mais animado eu ficava, mais humano eu parecia.

A quietude era um perigo para nós quando estávamos entre mortais,

Marius me ensinara, pois na quietude parecemos perfeitos e sobrenaturais e finalmente até ligeiramente horríveis aos mortais, que

sentem que não somos o que parecemos. Segui todas essas regras. Mas

estava nervoso por não poderjamais lhe contar o que fora feito comigo.

Comecei a falar. Expliquei que a doença fora inteiramente debelada, mas

que Marius, muito mais sábio do que qualquer médico, ordenara isolamento

e repouso. Quando eu não estava de cama, estava sozinho, lutando para

recobrar as forças. - Aproxime-se ao máximo da verdade, para mentir

melhor - ensinara Marius. Agora eu seguia essas palavras.

- Ah, mas achei que tivesse perdido você - disse ela. - Quando você

mandou dizer, Marius, que ele estava se recuperando, a princípio não

acreditei em você. Achei que queria suavizar a verdade inevitável.

Que linda ela era, uma flor perfeita! Seu cabelo louro era repartido

ao meio, com uma mecha grossa de cada lado enrolada com pérolas e presa

atrás com uma presilha também incrustada de pérolas. O resto de seu

cabelo caía à la Botticelli, em louras ondas luzidias até os ombros.

- Você o curou mais completamente do que qualquer ser humano poderia

ter curado - disse-lhe Marius. -Minha tarefa foi lhe dar uns remédios

antigos que só eu conheço. E depois deixar esses remédios agirem. -

Ele falou com simplicidade, mas achei-o triste.

Uma tristeza terrível apoderou-se de mim. Eu não podia contar a ela

o que eu era, nem como ela estava diferente, como parecia ricamente

opaca com sangue humano comparada a nós, e como sua voz adquirira para

mim um novo timbre que era puramente humano e atizava delicadamente

meus sentidos se ela dissesse uma só palavra.

-Bem, vocês dois estão aqui, e precisam vir sempre-disse ela.-Nunca

mais deixem uma separação dessas ocorrer. Marius, eu quis procurá-lo,

mas Riccardo me disse que você queria paz e sossego. Eu teria tratado

de Amadeo em qualquer estado.

-Eu sei, minha querida-disse Marius.-Mas, como eu disse, ele estava

precisando era de isolamento, e sua beleza intoxica e talvez você nem

perceba o quanto suas palavras são estimulantes. - Isso não foi dito

em tom de lisonja mas soou como uma confissão sincera.

Ela abanou a cabeça um tanto triste.

- Descobri que Veneza não é meu lar se você não estiver aqui. - Ela

olhou cautelosamente para a ante-sala e passou a falar num tom de voz

baixo. - Marius, você me libertou daqueles que tinham poder sobre mim.

- Foi simplíssimo - disse ele. - Foi um prazer, na verdade. Que

grosseiros eram aqueles homens, seus primos, se não me engano, e

ansiosos para usar você e sua fama de grande beleza em suas

negociatas.

Ela corou, e ergui a mão para lhe pedir que tivesse cuidado com as

palavras. Eu sabia agora que, durante o massacre do salão de banquetes

florentino, ele havia lido na mente das vítimas toda a sorte de coisas

que eu desconhecia.

- Primos? Talvez - disse ela. - Eu convenientemente esqueci isso.

Que eram um terror para quem eles atraíam oferecendo empréstimos

altíssimos e oportunidades arriscadas, isso eu posso dizer sem sombra

de dúvida. Marius, as coisas mais estranhas aconteceram, coisas que eu

nunca imaginara.

Eu gostava do ar sério em suas feições delicadas. Ela parecia linda

demais para ter cérebro.

- Estou mais rica - disse ela - já que posso ficar com a maior parte

de minha própria renda, e outras pessoas (essa é a parte estranha),

outras pessoas, agradecidas pelo desaparecimento de nosso banqueiro e

de nosso extorsionário, cumularam-me de presentes de ouro e jóias, sim,

até este colar, olhe, e você sabe que essas são todas pérolas do mar e

do mesmo tamanho, e este colar é uma verdadeira fieira delas, veja, e

eu ganhei tudo isso, embora tenha afiançado mil vezes não ter sido a

mandante da execução.

- Mas e a culpa? - perguntei. - E o perigo de uma acusação pública?

- Eles não têm quem os defenda nem quem chore por eles - disse ela

depressa. Plantou-me mais uma série de beijos no rosto. - E hoje, os

amigos que tenho no Grande Conselho estavam aqui como sempre, para ler

alguns poemas novos para mim e ficar sossegados onde pudessem encontrar

um descanso dos clientes e das intermináveis exigências de suas

famílias. Não, não acho que serei acusada de coisa alguma, e, como é

sabido, na noite dos assassinatos, eu estava aqui com aquele inglês

horrível, Amadeo, aquele mesmo que tentou matá-lo, que naturalmente...

- Sim, o quê? - perguntei.

Marius apertou os olhos ao olhar para mim. Fez um pequeno sinal,

batendo na testa com o dedo enluvado. Leia a mente dela, queria dizer.

Mas eu não podia pensar em tal coisa. O rosto dela era lindo demais.

- O inglês que desapareceu - disse ela. - Acho que se afogou por aí,

que estava andando por aí embriagado e caiu num canal ou, pior ainda,

na laguna. Naturalmente o Mestre me havia dito que cuidara de todos os

nossos problemas com o inglês, mas eu nunca lhe perguntara

especificamente de que forma.

- Então acham que você contratou matadores para liquidar os

fforentinos? - perguntou-lhe Marius.

- Parece que sim - disse ela. - E há até quem ache que eu também

liquidei o inglês. Tornei-me uma mulher bastante poderosa, Marius.

Ambos riram, sendo a dele a gargalhada profunda e metálica de um ser

preternatural, e a dela uma gargalhada mais alta e mais consistente com

o som de seu sangue humano.

Eu queria entrar na mente dela. Tentei, mas logo descartei a idéia.

Estava inibido, exatamente como ficava com Riccardo e os rapazes com

quem eu tinha mais intimidade.

De fato, parecia uma invasão tão terrível da privacidade da pessoa

que eu só usava esse poder quando estava caçando para achar aqueles que

eram maus e que eu devia matar.

- Amadeo, você está corando, o que é? - perguntou Bianca. - Suas



faces estão escarlates. Deixe-me beijá-las. Ah, você está quente como

se a febre tivesse voltado.

- Olhe nos olhos dele, anjo - disse Marius. - São transparentes.

- Você tem razão - fitou-me com uma curiosidade tão meiga e tão

franca que a tornava irresistível para mim.

Afastei a seda amarela de seu vestido de baixo e o pesado veludo

verdeescuro de seu corpete sem manga e beijei-lhe o ombro nu.

- Sim, você está bem - ela amorosamente encostou os lábios úmidos em

meu ouvido.

Eu ainda estava corado quando recuei.

Olhei para ela e entrei em sua mente; parecia que eu soltara o

prendedor de ouro entre seus seios e separara suas volumosas saias de

veludo verde-escuro. Contemplei a fenda entre seus seios semi-expostos.

Sangue ou não sangue, eu me lembrava de uma paixão tórrida por ela, e

sentia isso agora de uma estranha maneira global, não localizada no

órgão esquecido como era antes. Eu queria pegar seus seios e chupá-los

lentamente, excitando-a, deixando-a molhada e perfumada para mim e

fazendo sua cabeça cair para trás. Sim, corei. Um desfalecimento doce e

confuso me dominou.

Quero vocês, quero vocês, você e Marius, os dois em minha cama,

juntos, um homem e um menino, um deus e um querubim. Isso era o que sua

mente estava me dizendo, e ela estava lembrando de mim. Vi-me como se

num espelho esfumaçado, um garoto nu a não ser por uma camisa aberta de

mangas compridas, sentado nas almofadas ao lado dela, exibindo o órgão

semi-ereto, sempre pronto para ser completamente excitado por seus

lábios ternos ou suas mãos brancas esguias e graciosas.

Tirei isso tudo da cabeça. Concentrei meu olhar só em seus belos

olhos amendoados. Ela me estudou, sem desconfiança mas fascinada. Seus

lábios não estavam pintados de uma maneira vulgar qualquer mas eram

naturalmente rosados, e suas longas pestanas, escurecidas e enroladas

apenas com uma pomada transparente, pareciam pontas de estrelas em volta

de seus olhos radiosos.

Quero vocês, quero vocês. Estes eram seus pensamentos. Eles batiam

em meus ouvidos. Abaixei a cabeça e ergui as mãos.

- Anjos queridos - disse ela. - Vocês dois! - murmurou para Marius.

Pegou minhas mãos. - Venham comigo.

Eu tinha certeza de que ele iria levar aquilo até o fim. Ele me

alertara para evitar ser observado de perto. Mas ele só se levantou da

cadeira e dirigiu-se ao quarto, abrindo as duas portas pintadas.

Das salas distantes, ouvia-se o burburinho das conversas e das

risadas: Agora se cantava. Alguém tocava virginal. Tudo isso

prosseguia.

Fomos para a cama dela. Eu tremia todo. Vi que o Mestre estava

vestido com uma grossa túplica e um belo gibão azul-escuro que eu mal

notara antes. Usava luvas macias de um azul-escuro, perfeitamente

ajustadas a seus dedos, e tinha as pernas completamente cobertas com

meias de cashmere macio que chegavam até os belos sapatos pontiagudos.

Ele havia coberto toda a superfície dura, pensei.

Tendo encostado na cabeceira da cama, Marius não se constrangeu de

ajudar Bianca a sentar-se bem a seu lado. Olhei para o outro lado

quando me instalei junto a ela. Quando ela se virou para mim,

segurando meu rosto e tornando a me beijar avidamente, vi-o fazer algo

que eu jamais tinha visto.

Levantando o cabelo dela, pareceu beijá-la na nuca. Isso ela não

sentiu nem acusou. Quando ele recuou, porém, seus lábios estavam

sanguinolentos. E erguendo o dedo da mão enluvada, ele passou esse

sangue, o dela, só umas gotinhas de um corte superficial, sem dúvida,

no rosto todo. A mim isso pareceu um reflexo vivo, e a ela pareceria

algo muito diferente.

Avivava os poros da pele dele, que haviam ficado quase invisíveis, e

aprofundava algumas rugas em volta de seus olhos e de sua boca, as

quais, não fosse por isso, eram invisíveis. Dava-lhe um ar mais

humano, em geral, e servia como uma barreira para o olhar dela, que

agora estava tão próximo.

- Tenho meus dois, como sempre sonhei - disse ela baixinho.

Marius colocou-se diante dela, e, abraçando-a, começou a beijá-la

mais avidamente do que eujamais a beijara. Por alguns instantes, fiquei

espantado e com ciúmes, mas então a mão livre dela me puxou mais para

perto, e ela se virou para mim, tonta de desejo, e me beijou também.

Marius puxou-me parajunto dela, de modo que eu estava encostado em

suas curvas macias, sentindo tódo o calor que emanava de suas coxas

voluptuosas. Ele estava em cima dela, mas com leveza, sem deixar seu

peso machucá-la, e, com a mão direita, levantou-lhe as saias e passou os

dedos entre suas pernas.

Aquilo era ousadíssimo. Fiquei encostado no ombro dela, olhando para

a elevação de seus seios, e, mais adiante, o pequeno monte coberto de

seu sexo onde a mão dele estava pousada.

Ela deixara para trás todo decoro. Ele lhe beijava o pescoço e os

seios enquanto seus dedos pegavam suas partes baixas, e ela começou a

se contorcer com um desejo indisfarçado, a boca aberta, pestanejando, o

corpo subitamente todo molhado e perfumado com esse calor novo.

Este era o milagre, percebi, um ser humano ser levado a essa

temperatura mais elevada, e assim exalar todos os seus doces aromas e

até emitir um brilho invisível e forte de emoções; era como alimentar o

fogo até as labaredas crescerem.

O sangue de minhas vítimas fervilhava em meu rosto enquanto eu a

beijava. Parecia transformar-se novamente em sangue vivo, aquecido por

minha paixão, e, no entanto, minha paixão não tinha qualquer foco

demoníaco. Apertei a boca contra a pele de sua garganta, cobrindo o

local onde a artéria aparecia como um rio azul a descer de sua cabeça.

Mas eu não queria machucá-la. Não sentia necessidade disso. Na verdade,

só senti prazer ao abraçá-la, ao enfiar o braço entre ela e Marius,

para poder aninhá-la bem enquanto ele continuava a brincar com ela, os

dedos subindo e descendo no montinho macio de seu sexo.

- Você me provoca, Marius - murmurou ela, agitando a cabeça. O

travesseiro estava molhado embaixo dela e impregnado com o perfume de

seu cabelo. Beijei seus lábios. Eles se colaram à minha boca. Para não

deixar sua língua descobrir meus dentes vampíricos, introduzi minha

língua nela. Sua boca de baixo não podia ser mais doce, mais apertada,

mais molhada.

- Ah, então isso, minha doçura - disse Marius ternamente, os dedos

deslizando dentro dela.

Ela ergueu os quadris, como se os dedos a estivessem levantando como

ela queria que levantassem.

- Ah, que Deus me ajude - murmurou ela, e então veio a plenitude de

sua paixão, o sangue afluindo em seu rosto, e o fogo rosado

espalhando-se por seus seios. Afastei o tecido e vi o rubor consumir

seu busto, seus mamilos enrijecidos como duas passinhas.

Fechei os olhos e fiquei deitado a seu lado. Deixei-me sentir a



paixão balançá-la, e então ela esfriou um pouco e pareceu ficar

sonolenta. Virou a cabeça. Seu rosto estava calmo. Suas pálpebras

fechadas recobriam lindamente seus olhos. Ela suspirou, e seus lindos

lábios se abriram com naturalidade.

Marius afastou-lhe o cabelo do rosto como uma escova, alisando os

pequenos caracóis molhados de suor, e depois beijou-lhe a testa.

- Agora durma, sabendo que está em segurança - disse-lhe ele. -

Cuidarei de você para sempre. Você salvou Amadeo- murmurou.-Manteve-o

vivo até eu poder vir.

Como se estivesse sonhando, ela se virou para olhar para ele, os

olhos vidrados e lentos.

- Não sou bastante bonita para você me amar só por isso? -

perguntou. Percebi de repente que o que ela disse era amargo, e que ela

estava lhe fazendo uma confidência. Eu podia sentir os pensamentos

dela.

- Eu a amo esteja você vestida de ouro e pérolas ou não, fale você

com espírito e desembaraço ou não, tenha você um lugar bem iluminado e

elegante em que eu possa descansar ou não, eu a amo por causa desse

seu coração aí dentro, que socorreu Amadeo mesmo sabendo do risco de os

amigos do inglês lhe fazerem mal, amo-a pela coragem e por seu

conhecimento da solidão.

Ela arregalou os olhos por alguns instantes. - Por meu conhecimento

da solidão? Ah, eu sei muito bem o que significa estar absolutamente

só.

- Sim, corajosa, e agora você sabe que a amo - murmurou ele. - Você

sempre soube que Amadeo a amava.

- Sim, eu a amo - assenti, deitado a seu lado, abraçando-a. - Bem,

agora você sabe que também o amo.

Ela o estudou como pôde naquele seu langor.

- Tenho tantas perguntas na ponta da língua - disse.

- Elas não têm importância - disse Marius. Ele a beijou e acho que

deixou os dentes encostarem em sua língua. - Tiro todas as suas

perguntas e as joga fora. Agora durma, coração virginal - disse ele. -

Ame quem você quiser, em segurança nesse amor que sentimos por você.

Era o sinal para a retirada.

Enquanto eu estava ao lado do pé da cama, ele a cobriu com as

cobertas bordadas, tendo o cuidado de dobrar o rico lençol de linho

flamengo sobre a borda mais áspera do cobertor branco de lã, e beijou-a

de novo, mas ela parecia uma menininha, delicada e segura, e ferrada no

sono.

Lá fora, quando estávamos na beira do canal, ele levou a mão

enluvada ao nariz e saboreou o perfume dela que aí ficara.

- Você aprendeu muito hoje, não? Não pode lhe dizer nada a respeito

de quem é. Mas vê quão perto pode chegar?

- É - disse eu. - Mas só se eu não quiser nada em troca.

- Nada? - perguntou ele. Lançou-me um olhar de reprovação. - Ela lhe

deu lealdade, afeição, intimidade; o que mais você poderia querer em

troca?

- Agora nada - disse eu. - Você me ensinou muito bem. Mas o que eu

tinha antes era a compreensão dela, o fato de ela ser um espelho no qual

eu podia estudar minha imagem e assim julgar meu próprio crescimento.

Ela agora não pode ser esse espelho, pode?

- Pode, de muitas maneiras. Mostre-lhe por gestos e palavras simples

quem você é. Não precisa lhe contar histórias de bebedores de sangue

que só a enlouqueceriam. Ela pode reconfortá-lo maravilhosamente bem

sem jamais saber o que lhe faz mal. E você precisa lembrar que

dizer-lhe tudo seria destruí-la. Imagine isso.

Fiquei calado durante um bom tempo.

- Aconteceu alguma coisa com você - disse ele. - Você está com esse

ar solene. Fale.

- Ela pode ser transformada no que nós...

- Amadeo, você me leva a outra lição. A resposta é não.

- Mas ela envelhecerá e morrerá, e...

- Claro que sim, como é para acontecer. Amadeo, quantos de nós podem

existir? E baseados em que haveríamos de trazê-la para nós? E

haveríamos de querê-la como companheira para sempre? Haveríamos de

querê-la como nossa pupila? Haveríamos de querer os gritos dela se o

sangue mágico a enlouquecesse? Não é para qualquer pessoa esse sangue,

Amadeo. Exige uma grande força e um grande preparo, coisas que encontrei

em você. Mas não vejo nela.

Concordei com a cabeça. Eu sabia o que ele queria dizer. Eu não

precisava pensar em tudo o que me acontecera, nem sequer me lembrar do

rústico berço da Rússia onde fui criado. Ele estava certo.

- Você vai querer dividir esse poder com eles todos - disse. -  
Saiba

que não pode. Saiba que, com cada um que você cria, vem  
uma obrigação

terrível e um perigo terrível. Os filhos se insurgem contra os  
pais, e

com cada bebedor de sangue que você cria, você cria um  
filho que viverá

eternamente sentindo amor por você ou ódio. Sim, ódio.

- Não precisa dizer mais nada - murmurei. - Eu sei. Eu  
entendo.

Fomos para casajuntos, para os salões iluminadíssimos do  
palazzo. Eu

soube então o que ele queria de mim, que eu me  
misturasse aos rapazes,

meus velhos amigos, que eu fosse especialmente gentil  
com Riccardo, que

se culpava, logo percebi, pela morte daqueles poucos  
indefesos que o

inglês matara naquele dia fatídico.

- Finja, e ganhe mais força a cada fingimento - ele me disse  
no

ouvido. -Ou melhor, aproxime-se, seja amoroso e ame, sem  
se dar ao luxo

da honestidade completa. Pois o amor pode ligar tudo.

-- 13 --

Nos meses seguintes, aprendi mais do que jamais poderei contar aqui.

Estudei vigorosamente, e prestei atenção até no governo da cidade, que

achei basicamente enfadonho como qualquer governo, e li avidamente os

grandes eruditos cristãos, enchendo meu tempo com Abelardo, Duns Scotus

e outros pensadores que Marius prezava.

Marius também encontrou para mim uma pilha de livros de literatura

russo; então, pela primeira vez, pude estudar em livros o que eu só

conhecia das canções de meus tios e de meu pai no passado. A princípio

julguei que isso seria muito penoso para uma investigação séria, mas

Marius ditava as ordens e com sabedoria. O valor inerente do tema logo

absorveu minhas dolorosas recordações, resultando num conhecimento e

num entendimento maiores.

Todos esses documentos eram em eslavo eclesiástico, a língua escrita

de minha infância, e logo passei a lê-los com uma facilidade extraordinária. O poema das campanhas de Igor me deleitava, mas eu

também gostava dos escritos, traduzidos do grego, de São João

Crisóstomo. Eu também me deliciava com as fantásticas histórias do rei

Salomão e da descida da Virgem ao Inferno, obras que não faziam parte do

Novo Testamento aprovado, mas que eram muito evocativas da alma russa.

Li nossa grande crônica, A história dos anos passados. Li também Orações

sobre a queda da Rússia e a História da destruição de Riasan.

Este exercício, a leitura de minhas histórias nativas, ajudou-me a

compará-las com outras coisas que aprendi. Em suma, tirou-as do reino dos

sonhos pessoais.

Aos poucos, fui vendo a sabedoria que havia nisso. Eu escrevia meus



relatórios para Marius com mais entusiasmo. Pedi mais manuscritos em

eslavo eclesiástico, e logo tive para ler a Narrativa do piedoso

príncipe Dovmont e sua coragem e As heróicas façanhas de Mercurius de

Smolerrsk. Finalmente, acabei considerando um puro prazer as obras em

eslavo eclesiástico, e guardava-as para depois do horário de estudo

oficial, quando eu podia desfiar as velhas lendas e até inventar a

partir delas minhas próprias canções tristes.

Às vezes, eu cantava essas canções para os outros aprendizes quando

eles iam dormir. Eles achavam a língua muito exótica, e às vezes

bastavam a música e minha inflexão triste para fazê-los chorar.

Riccardo e eu, enquanto isso, voltamos a ser grandes amigos. Ele

nunca perguntou por que eu agora era uma criatura noturna como o

Mestre. Nunca mergulhei nas profundezas de sua mente. Obviamente eu

mergulharia se fosse para minha segurança ou pela segurança de Marius,

mas eu usava minha inteligência vampírica para explicá-lo de outra

maneira, e sempre achei-o dedicado, discreto e leal.

Certa vez perguntei a Marius o que Riccardo achava de nós.

- Riccardo me deve muito para questionar qualquer coisa que eu faça

- respondeu Marius, mas sem qualquer arrogância.

- Então ele é muito mais bem-educado do que eu, não? Pois eu lhe

devo a mesma coisa e questiono tudo o que você diz.

- Você é um diabinho esperto e maldoso mesmo. - Marius concedeu com

um sorrisinho. - Riccardo tinha um pai bêbado que o perdeu num jogo de

cartas para um mercador selvagem que o fazia trabalhar noite e dia.

Riccardo odiava o pai, e você nunca odiou o seu. Riccardo tinha oito

anos quando o comprei por um colar de ouro. Ele já havia visto o que

havia de pior de homens em quem os filhos não despertam uma piedade

natural. Você viu o que os homens são capazes de fazer com o corpo dos

filhos por prazer. Não é tão ruim. Riccardo, sem conseguir acreditar

que uma criança novinha pudesse despertar a compaixão de alguém, não

acreditava em nada até eu lhe dar um abrigo seguro e enchê-lo de

cultura e dizer-lhe em termos com os quais ele podia contar que ele era

meu príncipe.

"Mas, para lhe responder mais de acordo com a forma de sua pergunta,

Riccardo acha que sou mágico, e que, com você, resolvi partilhar meus

encantos. Ele sabe que você estava quase morrendo quando lhe confiei

meus segredos, e que não o provoco nem provoco os outros com essa

honra, mas antes a considero como a lgo de terríveis conseqüências. Ele

não está atrás do nosso conhecimento. E dará a vida para nos defender."

Aceitei isso. Eu não sentia a necessidade de confiar em Riccardo

como sentia de confiar em Bianca.

- Sinto necessidade de protegê-lo - disse eu ao Mestre. -  
Rogo para

que ele nunca precise me proteger.

- Sinto a mesma coisa - disse Marius. - Sinto isso por todos  
eles.

Deus foi muito misericordioso com o seu inglês fazendo com  
que ele não

estivesse vivo quando cheguei em casa e encontrei meus  
pequenos

assassinados por ele. Não sei o que eu teria feito. O fato de  
ele tê-lo

ferido já foi suficientemente ruim. O fato de ter depositado  
dois

sacrifícios infantis a seu orgulho e a sua amargura à minha  
porta foi

ainda mais desprezível. Você fez amor com ele e podia lutar  
com ele.

Mas os meninos que estavam no caminho dele eram  
inocentes.

Fiz que sim com a cabeça.

- O que aconteceu com os restos mortais dele? - perguntei.

- Uma coisa tão simples - disse ele encolhendo os ombros. -  
Por que

deseja saber? Eu também posso ser supersticioso. Piquei-o em pedacinhos

e espalhei os pedacinhos ao vento. Se as velhas lendas forem

verdadeiras ao dizerem que a sombra dele suspira pela restauração do

corpo, então a alma dele vaga nos ventos.

- Mestre, o que acontecerá com nossas sombras se nossos corpos forem

destruídos?

- Só Deus sabe, Amadeo. Eu não tenho esperanças de saber. Já vivi

muito para pensar em me destruir. Meu destino talvez seja o mesmo de

todo o mundo físico. Que tenhamos vindo do nada e voltemos para o nada

é algo inteiramente possível. Mas vamos gozar nossas ilusões de

imortalidade, como os mortais gozam as deles.

Ótimo. O mestre ausentou-se duas vezes do palazzo, quando partiu

naquelas viagens misteriosas que ele não me explicaria agora mais do

que já explicara. Eu odiava essas ausências, mas sabia que elas serviam

para testar meus poderes. Eu precisava governar a casa com delicadeza e

discrição, e precisava caçar sozinho e fazer um relato, quando Marius

voltasse, do que eu havia feito com meu tempo de lazer.

Depois da segunda viagem, ele voltou cansado e mais triste que o

normal. Disse, como já havia dito uma vez, que "Aqueles Que Deviam Ser

Guardados" pareciam estar em paz.

- Odeio o que essas criaturas são! - exclamei.

- Não, nunca me diga uma coisa dessas, Amadeo! - explodiu ele.

Num relance, vi-o mais furioso e descontrolado do que nunca em nossas

vidas. Não tenho certeza se algum dia o vi realmente furioso.

Ele se aproximou de mim e eu recuei, realmente com medo. Mas na hora

em que me esbofeteou com força, ele já estava senhor de si, e aquilo

foi apenas o golpe de sempre para sacudir o cérebro.

Aceitei-o e lancei-lhe um fulminante olhar exasperado.

- Você age como criança - disse eu -, uma criança bancando o

dominador, e assim eu preciso dominar meus sentimentos e agüentar isso.

Obviamente gastei todas as minhas reservas para dizer isso,

especialmente quando minha cabeça estava rodando, e fechei o rosto com

uma máscara tão dura de desprezo que de repente ele desatou a rir.

Comecei a rir também.

- Mas realmente, Marius - disse eu, sentindo-me muito atrevido -, o

que são essas criaturas de quem você fala? - Dei um tom simpático e

reverente à minha sapiência. Afinal de contas, minha pergunta era

sincera. - Você volta para casa infelicíssimo, Mestre. Sabe que volta.

Então o que elas são, e por que precisam ser preservadas?

- Amadeo, não me faça mais perguntas. Às vezes, justo antes do

amanhecer, quando meus medos são maiores, imagino que temos inimigos

entre os bebedores de sangue, e que eles estão perto.

- Outros? Fortes como você?

- Não, os que vieram nos últimos anos não são fortes como eu, e é

por isso que eles se foram.

Eu estava fascinado. Ele já havia dado a entender isso, que mantinha

nossa área livre dos outros, mas não aprofundava o assunto, e agora

parecia que a tristeza o havia amaciado e ele estava disposto a falar.

- Mas imagino que haja outros, e que eles virão perturbar nossa paz.

Não terão uma boa justificativa. Nunca têm. Vão querer caçar na Venécia,

ou terão formado um batalhãozinho obstinado, e tentarão nos destruir

por puro esporte. Imagino... mas a questão é, meu filho, e você é meu

filho, seu esperto!, não lhe digo mais do que o que você precisa saber

sobre os mistérios antigos. Assim, ninguém pode vasculhar sua mente de

aprendiz à procura de seus segredos mais profundos, com a sua



cooperação ou sem o seu conhecimento, ou contra a sua vontade.

- Se temos uma história digna de ser conhecida, Mestre, você deve me

contar. Que mistérios antigos? Você me prende no meio de livros sobre

história humana. Obrigou-me a aprender grego e até essa miserável

escrita egípcia, que ninguém conhece, e vive me argüindo sobre o

destino da Roma e da Atenas da Antigüidade. E sobre as batalhas de cada

Cruzada enviada de nossas costas à Terra Santa. Mas e nós?

- Sempre aqui - disse ele. - Eu lhe falei. Antigos como a própria

humanidade. Sempre aqui, e sempre poucos, e sempre lutando e lutando

melhor quando estão sozinhos e só tendo necessidade do amor de um ou

dois outros no máximo. A história é essa, clara e simples. Espero que a

escreva para mim nas cinco línguas que sabe.

Ele sentou-se na cama, desgostoso, deixando a bota enlameada

encostar no cetim. Caiu para trás nos travesseiros. Estava realmente

rude e estranho e parecendo um jovem.

- Marius, vamos lá - insisti. Eu estava na escrivaninha. - Que mistérios antigos? O que são Aqueles Que Deviam Ser Guardados?

- Vá procurar em nossas masmorras, menino - disse ele, com um tom

sarcástico. - Encontre as estátuas que tenho da chamada época pagã. Você

encontrará coisas tão úteis como Aqueles Que Deviam Ser Guardados.

Deixeme em paz. Uma noite dessas, eu lhe contarei, mas, por ora,

dou-lhe o que conta. Em minha ausência era suposto você estudar.

Conte-me o que aprendeu.

Ele de fato havia mandado que eu aprendesse tudo sobre Aristóteles,

não nos manuscritos que eram moeda corrente na praça, mas num texto

antigo que ele possuía e que, segundo dizia, era grego mais puro. Eu

lera tudo.

- Aristóteles - disse eu. - E Santo Tomás de Aquino. Ah, bem, grandes sistemas dão conforto, e quando nos sentirmos entrando em

desespero, devemos conceber grandes esquemas a partir do nada que nos

cerca, e aí não escorregaremos, mas ficaremos pendurados num cadafalso

criado por nós, tão sem sentido quanto o nada, mas muito detalhado para

ser descartado com tanta facilidade.

- Muito bem - disse ele com um suspiro eloqüente. - Talvez alguma

noite, num futuro longínquo, você tenha uma atitude mais esperançosa,

mas como você não pode estar mais animado e feliz do que está, por que

devo reclamar?

- Temos que ter alguma origem - disse eu, forçando a outra questão.

Ele estava abatido demais para responder.

Finalmente, reanimou-se, levantando-se dos travesseiros e vindo em

minha direção.

- Vamos sair. Vamos encontrar Bianca e vesti-la de homem.  
Traga suas

melhores roupas. Ela precisa ser libertada por uns tempos  
daqueles

salões.

- Mestre, talvez isso seja um grande choque para você, mas  
Bianca,

como muitas mulheres, já tem esse hábito. Fantasiada de  
garoto, ela vive

saindo para rondar pela cidade.

- Sim, mas não conosco - disse ele. - Vamos lhe mostrar os  
piores

lugares! - Ele fez uma cara teatral cômica. - Vamos.

Eu estava excitado.

Tão logo lhe contamos o pequeno plano, ela também ficou  
excitada.

Fomos entrando com uma braçada de roupas finas, e ela  
imediatamente

escapuliu conosco para se vestir.

- O que trouxeram para mim? Ah, vou ser Amadeo hoje à  
noite,

maravilha - disse ela.

Saiu da sala deixando os convidados, que, como sempre,  
seguiram

fazendo o que estavam fazendo sem ela, muitos homens cantando em volta

do virginal e outros discutindo calorosamente no jogo de dados.

Ela se despiu, ficando nua como Vênus saindo das águas. Nós dois a

vestimos com calções azuis, túnica e gibão. Apertei-lhe o cinto, e

Marius predeulhe o cabelo com um chapéu mole de veludo.

- Você é o rapaz mais bonito da região de Venécia - disse ele recuando. - Algo me diz que terei que protegê-la com a nossa vida.

- Vão mesmo me levar aos piores antros? Quero ver os lugares

perigosos! - Jogou os braços para cima. - Dêem-me o meu estilete. Não

esperam que eu saia desarmada.

- Tenho as armas adequadas para você - disse Marius. Ele havia

trazido uma espada com um cinto lindamente cravejado de diamantes que

predeu na cintura da jovem. - Tente sacar essa espada. Não é um florete

maleável. É uma espada de guerra. Venha.

Ela pegou o punho com as duas mãos e sacou-a com um movimento largo

e seguro.

- Quisera ter um inimigo que estivesse pronto para morrer - exclamou

ela.

Olhei para Marius. Ele olhou para mim. Não, ela não podia ser um de

nós.

- Seria muito egoísmo - disse-me ele no ouvido.

Não pude deixar de imaginar, se eu não estivesse morrendo depois

daquela minha luta com o inglês, se aquela náusea com aquele suadouro

não tivessem me derrubado, teria ele me transformado em vampiro?

Descemos os três correndo a escada de pedra e saímos para o cais. Lá

estava nossa gôndola coberta à nossa espera. Marius deu o endereço.

- Tem certeza de que quer ir lá, Senhor? - perguntou o gondoleiro,

chocado porque conhecia o bairro onde a escória dos marujos

estrangeiros se reunia, bebia e brigava.

- Absoluta - disse Marius.

Quando a gôndola começou a deslizar por aquelas águas escuras,

passei o braço ao redor da suave Bianca. Recostado nas almofadas,

senti-me invulnerável, imortal, certo de que nadajamais derrotaria nem

a mim nem a Marius, e que, aos nossos cuidados, Bianca estaria sempre

segura.

Como eu estava redondamente errado!

Nove meses talvez tivemos juntos após nossa viagem a Kiev. Nove ou

dez, talvez, não tenho como marcar o clímax por nenhum acontecimento

externo. Deixe-me dizer apenas, antes de prosseguir para o desastre

sangrento, que Bianca esteve sempre conosco naqueles últimos meses.

Quando não estávamos espionando os farristas, estávamos em nossa casa,

onde Marius a retratava, concebendo-a como esta ou aquela deusa, como a

bíblica Judite com a cabeça do florentino como seu  
Holofernes, ou a

Virgem Maria contemplando enlevada um Menino Jesus,  
todas executadas na

perfeição como qualquer imagem pintada por Marius.

Talvez alguns desses retratos existam até hoje.

Uma noite, quando todos dormiam menos nós três, Bianca,  
prestes a

sucumbir num divã enquanto Marius pintava, suspirou e  
disse:

- Gosto demais da companhia de vocês. Não quero nunca  
voltar para

casa.

Quisera que ela nos amasse menos. Quisera que ela não  
estivesse ali

na noite fatídica de 1499, justo antes da virada do século,  
quando o

Alto Renascimento estava no auge, para ser sempre  
celebrado por

artistas e historiadores, quisera que ela estivesse a salvo  
quando

nosso mundo se incendiou.



Se leu O vampiro Lestat, você sabe o que aconteceu, pois mostrei

tudo a Lestat em visões há duzentos anos. Lestat começou a escrever as

imagens que lhe dei a conhecer, a dor que partilhei com ele. E embora

agora eu proponha reviver esses horrores, enriquecer a história com

minhas próprias palavras, há pontos em que não posso melhorar suas

palavras, e talvez as evoque livremente de vez em quando.

Tudo começou de repente. Acordei e vi que Marius havia aberto a

tampa dourada do sarcófago. Um archote ardia atrás dele na parede.

- Depressa, Amadeo, eles estão aqui. Querem incendiar nossa casa.

- Quem, Mestre? E por quê?

Ele me arrancou do caixão reluzente, e subi correndo atrás dele para

o primeiro andar daquela casa em ruínas.

Ele estava com a capa e o capuz vermelhos, e andava tão rápido que

precisei de toda a minha energia para acompanhá-lo.

- São Aqueles Que Deviam Ser Guardados? - perguntei.

Ele passou o braço em volta de mim, e lá fomos nós para o telhado

de nosso palácio.

- Não, filho, é um bando de tolos bebedores de sangue, decididos a

destruir todo o trabalho que fiz. Bianca está aqui, à mercê deles, e os

meninos também.

Entramos pelas portas do telhado e descemos a escada de mármore.

Subia uma fumaça dos andares inferiores.

- Mestre, os meninos estão gritando! - berrei.

Bianca veio correndo para o pé da escada lá embaixo.

- Marius! Marius, eles são demônios. Use sua magia! - gritou ela, os

cabelos escorrendo do divã, as roupas abertas. - Marius! - Seu gemido

ressoou pelos três andares do palazzo.

- Santo Deus, as salas estão todas em chamas! - gritei. - Precisamos

de água para apagar isso. Mestre, as pinturas!

Marius debruçou-se no corrimão e de repente apareceu lá embaixo, ao

lado dela. Quando corri ao encontro dele, vi um bando de figuras

vestidas de negro cercarem-no, e, para meu horror, tentarem atear fogo

às suas roupas com as tochas que brandiam, emitindo gritos medonhos e

praguejando embaixo daqueles capuzes. De todos os cantos, vinham esses

demônios. Os gritos dos aprendizes mortais eram terríveis.

Marius empurrou os assaltantes, transformando seu braço num grande

arco, as tochas rolando no chão de mármore. Ele enrolou Bianca em sua

capa.

- Eles querem nos matar! - gritou ela. - Querem nos queimar, Marius,

já mataram os meninos, e outros eles capturaram!

De repente mais daquelas figuras negras vieram correndo antes que os

primeiros atacantes pudessem levantar-se. Vi o que eles eram. Todos

tinham as mesmas caras e mãos brancas que nós; todos possuíam o sangue

mágico. Eram criaturas como nós!

Mais uma vez, Marius foi atacado, só para jogar todos eles longe. As

tapeçarias da grande galeria estavam em chamas. Rolos de fumaça negra e

perfumada saíam das salas adjacentes. A fumaça encheu a escada. Uma

infernalluz tremeluzente clareou de repente o local como se fosse dia.

Atirei-me à luta com os demônios, achando-os espantosamente fracos.

E, pegando uma daquelas tochas, avancei neles, fazendo-os recuar para

longe de mim, exatamente como o Mestre havia feito.

- Blasfemo, herege! - sibilou um deles.

- Demônio idólatra, pagão! - praguejou outro.

Eles vieram, e enfrentei-os novamente, ateando fogo às suas vestes

de modo que eles gritaram e fugiram para a segurança das águas do

canal. Mas eles eram muitos. Inúmeros outros entraram na galeria

enquanto estávamos lutando.

De repente, para meu horror, Marius empurrou Bianca na direção da

porta de entrada do palazzo, que estava aberta.

- Corra, querida, corra. Vá para longe da casa.

Violentemente, ele enfrentou os que queriam segui-la, correndo atrás

dela , derrubando-os um a um quando eles tentavam detê-la, até que a vi

sair pela porta e desaparecer.

Não havia tempo para nos certificarmos de que ela chegara a um lugar

seguro. Outros deles haviam me cercado. As tapeçarias em chamas

despencavam das varas. Estátuas eram derrubadas e quebravam ao cair no

chão. Fui praticamente arrastado por dois dos pequenos demônios que se

agarraram a meu braço esquerdo, até eu enfiar o archote na cara de um e

deixar o outro completamente em chamas.

- Para o telhado, Amadeo, venha! - gritou Marius.

- Mestre, as pinturas, as pinturas nos depósitos! - gritei.

- Esqueça as pinturas. É tarde demais. Meninos, fujam daqui, fujam

já, salvem-se do incêndio.

Derrubando os atacantes, ele subiu a escada e me chamou do patamar

superior.

- Venha, Amadeo, expulse-os, tenha confiança em sua força, menino,

lute. Chegando ao segundo andar, eu estava cercado por todos os lados,

e mal eu ateava fogo a um já havia outro em cima de mim, e, sem

procurar me queimar, agarraram-me os braços e as pernas. Seguraram-me

todo, até acabarem me arrancando a tocha da mão.

- Mestre, deixe-me, vá embora! - gritei.

Virei-me, esperneando e contorcendo-me, e olhei para ele lá em cima,

novamente cercado, e agora com tochas foram mergulhadas em sua capa

enfundada, cem tições acesos golpearam seu cabelo dourado e seu rosto

branco enfurecido. Era como um enxame de insetos em chamas, e assim, com

esse número e essa tática, o enxame o imobilizou; então, com um forte

estrondo, seu corpo todo ficou em chamas.

- Marius! - eu gritava e gritava, sem conseguir tirar os olhos dele,

ainda lutando com meus captores, conseguindo soltar as pernas para logo

ser novamente seguro por dedos frios e violentos,  
empurrando-os com os

braços para logo ser imobilizado de novo. - Marius! - Esse  
grito saiu

de dentro de mim com toda minha aflição e meu terror.

Parecia que nada que eu algum dia já havia receado  
pudesse ser tão

horroroso, tão insuportável quanto vê-lo lá em cima, no  
corrimão de

pedra, completamente engolido pelo fogo. Em menos de um  
segundo, sua

silhueta esguia transformou-se num vulto negro, e acho que  
vi seu

perfil, a cabeçajogada para trás, enquanto seu cabelo  
explodia e seus

dedos eram como pequenas aranhas negras saindo do fogo  
para pegar ar.

- Marius! - gritei.

Todo o conforto, toda a bondade, toda a esperança ardiam  
nessa

figura negra que meus olhos não largavam, nem quando ela  
encolheu e

perdeu toda a forma perceptível. Marius! Minha vontade  
morreu.



O que sobrou foi um vestígio, e este, como se comandado por uma alma

secundária feita de sangue mágico e poder, continuou lutando

automaticamente. Jogaram uma rede em mim, uma rede de malhas de aço

tão pesada e tão fechada que de repente eu não conseguia ver nada, só me

sentir preso lá dentro, rolando, na mão dos inimigos. Eu estava sendo

levado da casa.

Ouvia gritos à minha volta. Ouvia a corrida dos que me carregavam e,

quando o vento passou uivando por nós, vi que tínhamos chegado na orla

marítima. Para os porões de um navio fui carregado, os ouvidos ainda

cheios de gemidos mortais. Os aprendizes foram presos junto comigo. Fui

jogado entre eles, seus corpos macios e frenéticos empilhados em cima

de mim e a meu lado, e eu, preso na rede, nem sequer podia falar para

dizer palavras de consolo, e aliás não tinha palavras para lhes dar.

Senti os remos subindo e descendo, o indefectível chapinhar da água,

e o grande galeão de madeira estremeceu e zarpou para o mar aberto.

Ganhou velocidade como se não houvesse noite para se opor à sua

passagem, e os remadores iam remando com uma força e uma energia que

homens mortais não poderiam ter exigido, levando a embarcação para o

sul.

- Blasfemo - ouvi murmurarem em meu ouvido. Os meninos soluçavam e

rezavam.

- Parem com essas orações ímpias - disse uma fria voz preternatural

- vocês, criados do pagão Marius. Vocês morrerão pelos pecados de seu

senhor, vocês todos.

Ouvi uma risada sinistra, ressoando como uma trovoadas baixa a

sobressair entre os sons úmidos e abafados de sua aflição e seu

sofrimento. Ouvi uma gargalhada demorada, seca e cruel.

Fechei os olhos, entrei profundamente dentro de mim.  
Estava deitado

na terra do Mosteiro das Covas, um espectro de mim  
mesmo, tombando nas

mais seguras e mais terríveis das recordações.

- Meu Deus - murmurei sem mover os lábios -, salvai-os,  
ejuro-vos

que hei de me enterrar vivo entre os monges para sempre,  
renunciarei a

todos os prazeres, não farei nada senão louvar Vosso Santo  
Nome.

Senhor Deus, libertaime. Senhor, Deus... - Mas quando a  
loucura do

pânico me dominou, quando perdi completamente a noção  
de tempo e espaço,

chamei por Marius. - Marius, pelo amor de Deus, Marius!

Alguém me bateu. Um pé com um calçado de couro chutou-  
me a cabeça.

Outro, as costelas, outro ainda pisou-me a mão. Eu estava  
cercado

desses pés perversos, chutando-me e machucando-me.  
Amoleci. Vi os

choques dos golpes como tantas cores, e pensei com  
amargura, ah, que

lindas cores, sim, cores. Então vieram os gemidos mais fortes de meus

irmãos. Eles também precisam sofrer isso, e que refúgio mental eles têm,

esses jovens estudantes frágeis, todos tão bem-amados e tão

bem-ensinados e preparados para o grande mundo, para se encontrarem

agora à mercê desses demônios cujo objetivo eu desconheço, cujo

objetivo está além de qualquer coisa que eu possa conceber.

- Por que fazer isso conosco? - murmurei.

- Para castigá-lo! - murmurou delicadamente uma voz. - Para

castigá-lo por todos os seus atos fúteis e heréticos, pela vida mundana

e ímpia que você levava. O que é o Inferno comparado a isso, jovem?

Ah, os executores do mundo mortal diziam isso mil vezes quando

levavam os hereges para a fogueira.

- O que é o fogo do Inferno comparado a esse breve sofrimento? - Ah,

essas mentiras hipócritas e arrogantes.

- Acha isso? - perguntou a voz. - Cuidado com seus pensamentos,

jovem, pois há aqueles que podem vasculhar sua mente desprovida de

todos os seus pensamentos. Pode não haver Inferno para você, filho,

mas haverá sofrimento eterno. Suas noites de luxo e lascívia terminaram. A verdade o aguarda.

Mais uma vez, recolhi-me a meu esconderijo mental mais profundo. Eu

já não tinha mais corpo. Estava deitado no mosteiro, no chão, sem

sentir o corpo. Pus a mente para trabalhar no tom das vozes a meu

redor, vozes tão doces e dignas de pena. Reconheci os meninos pelo nome

e contei-os lentamente. Mais da metade de nossa companhia, nossa

esplêndida companhia angelical, estava nessa abominável prisão.

Não escutei Riccardo. Mas depois, quando nossos captores interromperam temporariamente seus abusos, ouvi Riccardo, sim. Ele

entoava uma ladainha em latim, num murmúrio cru e desesperado.

- Bendito seja Deus.

Os outros respondiam depressa.

- Bendito seja Seu Santo Nome.

E assim prosseguiram as preces, a voz se enfraquecendo gradualmente

no silêncio até que só se ouvia Riccardo rezando. Eu não dei as

respostas. No entanto, ele prosseguiu, agora que seus captores

felizmente dormiam, rezando para se consolar, ou talvez apenas para a

glória de Deus. Ele passou da ladainha ao Pater Noster, e daí para as

palavras antigas e confortadoras da Ave Maria que ele repetia sem parar,

como se rezando um rosário, sozinho, enquanto estava ali deitado, preso

no porão do navio.

Não falei nenhuma palavra com ele. Nem sequer deixei que ele

soubesse que eu estava ali. Eu não poderia salvá-lo. Não poderia

consolá-lo. Nem sequer poderia explicar esse destino terrível que nos

coube. Sobretudo eu não poderia revelar o que vira: o Mestre morrendo,

nosso grande líder perecendo na simples e eterna agonia do fogo.

Eu entrara num estado de choque próximo ao desespero. Deixei minha

mente recuperar a visão de Marius ardendo. Marius, uma tocha viva,

virando-se e contorcendo-se no fogo, os dedos erguidos para o alto como

aranhas numa labareda laranja. Marius estava morto; Marius estava

queimado. Havia muitos deles para Marius. Eu sabia o que ele teria dito

se tivesse vindo como um espectro consolador para mim:

"Simplesmente, eles eram muitos para mim, Amadeo, muitos. Não

consegui detê-los, embora tentasse."

Comecei a ter pesadelos. O navio ia navegando noite adentro,

levando-me para longe de Veneza, para longe da ruína de tudo em que eu

acreditava, tudo o que me era caro.

Acordei com vozes cantando e com o cheiro de terra, mas não era

terra da Rússia. Já não estávamos no mar. Estávamos presos em terra.

Ainda preso na rede, escutei vozes preternaturais ocas cantando com

um entusiasmo perverso o horrendo hino Dies Irae, ou Dias da Ira. Um

bumbo dava o ritmo animado, como se aquilo fosse antes uma música para

dançar do que um terrível lamento do Fim dos Tempos. As palavras em

latim prosseguiam, falando do dia em que o mundo seria transformado em

cinzas, em que as grandes trombetas do Senhor soariam para dar o sinal

da abertura de todas as sepulturas. A própria morte e a natureza

estremeceriam. Todas as almas seriam reunidas, nenhuma alma poderia

esconder qualquer coisa do Senhor. Em Seu livro, cada pecado seria lido

em voz alta. A vingança recairia sobre todos. Quem estava lá para nos

defender, senão o Juiz em Pessoa, Nosso Senhor Majestoso? Nossa única

esperança era a misericórdia de Nosso Deus, o Deus que sofrera na Cruz



por nós, que não permitiria que Seu sacrifício fosse em vão.  
Sim, belas

palavras antigas, mas elas saíam de uma boca perversa, a  
boca de alguém

que nem sequer conhecia seu significado, que percutia seu  
ávido tambor

como se pronto para um festim.

Uma noite se passara. Estivemos presos e agora estávamos  
sendo

libertados da prisão, enquanto a vozinha medonha cantava  
acompanhando

seu animado tamborzinho.

Ouvi os sussurros dos rapazes mais velhos, procurando  
consolar os

mais novos, e a voz regular de Riccardo garantindo a todos  
que

certamente eles logo descobririam o que essas criaturas  
desejavam, e

talvez fossem soltos.

Só eu ouvi por todo lado a gargalhada sussurrada e  
endiabrada. Só eu

sabia quantos monstros preternaturais estavam por ali à  
espreita,

quando fomos levados para o clarão de uma fogueira  
monstruosa.

Cortaram a rede que me prendia. Rolei, agarrando a relva.  
Olhei para

cima e vi que estávamos numa grande clareira sob as  
estrelas luminosas

altas e indiferentes. Era o ar de verão, e árvores altíssimas e  
frondosas nos rodeavam. Mas o rugido da fogueira violenta  
distorcia

tudo. Os meninos, acorrentados juntos, roupas rasgadas,  
rostos

arranhados e sujos de sangue, gritaram freneticamente ao  
ver-me, no

entanto, fui arrancado dali e seguro, um bando de  
demoniozinhos

encapuzados agarrados às minhas mãos.

- Não posso ajudá-los! - gritei.

Aquilo era egoísta e terrível. Vinha de meu orgulho. Só  
causou

pânico entre eles.

Vi Riccardo, tão maltratado quanto os outros, virando de um  
lado

para o outro, tentando acalmá-los, as mãos atadas à frente,  
o gibão

quase todo rasgado nas costas. Ele se voltou para mim, e  
juntos olhamos

em volta para a grande roda de figuras com roupas escuras que nos

cercavam. Podia ele ver a brancura de seus rostos e suas mãos? Sabia

ele, instintivamente, quem eram eles?

- Sejam rápidos se quiserem nos matar! - gritou ele. - Não fizemos

nada. Não sabemos quem vocês são nem por que nos capturaram. Somos

todos inocentes.

Fiquei comovido com a coragem dele, e pus a cabeça no lugar. Eu

precisava parar de me encolher horrorizado com aquela última lembrança

do Mestre, e imaginá-lo vivo e pensar no que ele me mandaria fazer.

Eles eram mais numerosos que nós, isso era óbvio, e eu agora podia

detectar sorrisos no rosto das figuras encapuzadas, que, apesar de

esconder os olhos, revelavam aquelas bocas rasgadas e retorcidas.

- Onde está o líder aqui? - perguntei, levantando a voz acima do

limite da capacidade humana. - Naturalmente vocês vêem que esses

meninos são apenas mortais! Sua questão deve ser comigo!

As figuras vestidas de preto que compunham aquele grande cordão ali

em volta começaram a cochichar entre si ao ouvir aquilo. As que estavam

perto do bando de meninos acorrentados se apertaram. E com outras que

eu mal podia ver jogando mais lenha e breu na fogueira, aquilo parecia

o inimigo preparado para agir. Dois casais se colocaram diante dos

aprendizes que, chorando e gemendo, aparentemente não percebiam o que

aquilo significava.

Eu vi logo.

- Agora vocês precisam falar comigo, raciocinar comigo! - berrei,

empurrando os que me seguravam. Para meu horror, eles apenas riram.

De repente os tambores recomeçaram, alguns com vezes mais alto do

que antes, como se tivéssemos uma roda de percussionistas em volta de

nós e do fogo sibilante e crepitante.

Eles adotaram aquela batida regular do hino Dies Irae, e de repente

todas aquelas figuras da roda se endireitaram e se deram as mãos.

Começaram a cantar as palavras em latim do terrível dia de infortúnio.

Cada figura começou a dançar alegremente, erguendo os joelhos numa

marcha alegre enquanto centenas de vozes cantavam as palavras do ritmo

óbvio de uma dança. Aquilo era uma zombaria feia das palavras

lamentáveis.

Os tambores eram acompanhados pelo assobio agudo das flautas e pelas

batidas insistentes dos tamborins, e, de repente, toda a roda de

dançarinos, ainda de mãos dadas, mexia-se, corpos balançando de um lado

para o outro da cintura para cima, cabeças oscilando, bocas sorridentes.

- Deeee - sooor - demm, deee - sooor - demm! - cantavam.

Entrei em pânico. Mas não conseguia desvencilhar-me de meus

captores. Gritei.

O primeiro par de seres com aqueles hábitos negros diante dos

meninos quebrara as correntes do primeiro deles que deveria sofrer e

atirara seu corpo para o alto. O segundo par o pegou e, com grandes

impulsos preternaturais, atirou a criança indefesa na fogueira.

Com gritos de dar dó, o menino caiu nas chamas e desapareceu, e os

outros aprendizes, agora convencidos de seu destino, choraram e

soluçaram loucamente, mas em vão. Um após o outro, meninos eram

separados dos outros e atirados ao fogo. Eu andava para a frente e para

trás, chutando o chão e meus adversários. Uma vez soltei um braço para

logo ser agarrado por três outras figuras com dedos que apertavam com

violência. Solucei.

- Não façam isso, eles são inocentes, não os matem. Não.

Por mais alto que eu gritasse, podia ouvir os gritos dos meninos que

estavam morrendo queimados, Amadeo, salve-nos, fosse aquele terror

final com ou sem palavras. Finalmente, todos os vivos entoaram esse

refrão:

- Amadeo, salve-nos! - mas o bando estava reduzido à metade e logo

só restava um quarto dos meninos, contorcendo-se e debatendo-se

enquanto eram finalmente levantados para aquela morte indescritível.

Os tambores continuavam tocando, acompanhados do chocalhar dos

pandeiros e do gemido melodioso das cornetas. As vozes faziam um coro

medonho, cada sílaba avivada com veneno à medida que o hino era

cantado.

- Chega dessas suas coortes! - sibilou uma figura mais próxima a

mim. - Então você está chorando por eles, está? Quando deveria devorar

cada um deles pelo amor de Deus!

-O amor de Deus!-exclamei.-Como ousa falar do amor de Deus!  
Você matou

crianças! - Consegui virar e chutá-lo, machucando-o muito  
mais do que

ele esperava, mas como sempre, três outros guardas  
tomaram-lhe o lugar.

Finalmente, no sinistro clangor do fogo, só restavam três  
crianças

de rosto branco, as mais novas de nossa casa, e nenhuma  
delas emitia um

som. Foi lúgubre o seu silêncio, rostinhos molhados e  
trêmulos, ao

serem lançadas, olhos vidrados e descrentes, nas chamas.

Chamei seus nomes. A plenos pulmões, gritei:

- No Céu, meus irmãos, no Céu, vocês vão para os braços de  
Deus!

Mas como seus ouvidos mortais poderiam ouvir isso com  
aquela música

ensurdecadora dos cantadores.

De repente, percebi que Riccardo não estava entre

eles. Riccardo escapara ou fora poupado, ou preservado  
para algo pior.

Franzi o cenho para melhor conseguir trancar esses  
pensamentos na



mente, receando que esses animais se lembrassem de Riccardo. Mas fui

arrancado de meus pensamentos e arrastado para a pira.

- Agora você, corajoso, pequeno Ganimedes dos blasfemos, você, seu

querubim teimoso e descarado.

- Não!

- Finquei pé.

Aquilo era impensável. Eu não podia morrer daquela maneira; não

poderia ir para o fogo. Freneticamente, raciocinei comigo mesmo: mas

você acabou de ver seus irmãos morrerem, por que não você?, e no entanto

eu não conseguia aceitar a possibilidade disso, não, não eu, eu era

imortal, não!

- Sim, você, e o fogo o assará como os assou. Está sentindo o cheiro

da carne deles assando? Dos ossos carbonizados deles? Fui jogado para o

alto por suas mãos poderosas, a uma altura que me permitiu sentir meus

cabelos ao vento, e ver o fogo de cima, sentindo suas  
aniquiladoras

ondas de calor baterem em meu rosto, meu peito, meus  
braços abertos. Fui

caindo estatelado na fogueira, naquela trovoada de lenha  
crepitante e

labaredas agitadas cor de laranja. Então eu morro! Pensei,  
se é que

pensei . alguma coisa, mas acho que tudo o que conheci foi  
pânico e

rendição, rendição ao que seria uma dor indescritível. Mãos  
me

agarraram, a lenha queimada despencando e rugindo  
embaixo de mim. Eu

estava sendo arrastado para fora da fogueira. Estava sendo  
arrastado

pelo chão. Minhas roupas em chamas estavam sendo  
pisadas. Minha túnica

incendiada foi arrancada. Eu arquejava. Meu corpo todo  
ardia, aquele

ardor terrível de carne queimada, e revirei calmamente os  
olhos

à procura de esquecimento. Venha, Mestre, venha se existir  
um paraíso

para nós, venha a mim. Visualizei-o, queimado, um  
esqueleto preto, mas

ele abriu os braços para me receber. Um vulto apareceu à minha frente.

Eujazia sobre a Terra Mãe úmida, graças a Deus, ainda com as mãos e o

rosto chamuscados e o cabelo fumegando. O vulto tinha ombros largos,

cabelos negros, e era alto. Ergueu duas mãos brancas fortes e grossas e

tirou o capuz, revelando uma basta e lustrosa cabeleira preta. Seus

olhos eram grandes com as escleróticas cor de pérola e as pupilas

negras, e suas sobrancelhas, embora muito grossas, eram lindamente

arqueadas sobre os olhos. Ele era vampiro, como os outros, mas um de

singular beleza e imensa presença, olhando de cima para mim, como se

estivesse mais interessado em mim do que nele, embora esperasse ser o

centro das atrações. Um pequeno calafrio me percorreu, porque ele

parecia, graças a esses olhos e à boca lisa que lembrava o arco de

Cupido, ser dotado de algo semelhante à razão humana.

- Você servirá a Deus?- perguntou. Sua voz era culta e gentil, e

seus olhos não expressavam escárnio. - Responda- me, servirá, pois se

não servir, será jogado de volta na fogueira.

Meu corpo todo ardia. Nenhum pensamento me ocorria a não ser que o

que ele falava era impossível, não fazia sentido, logo, eu não podia

dar uma resposta. Imediatamente, seus perversos ajudantes tornaram a me

levantar, rindo, acompanhando aquele hino cantado incessantemente com

vigor.

- Para o fogo, para o fogo!

- Não! - gritou o líder. - Vejo nele o amor puro a nosso Salvador. -

Ele ergueu a mão. Os outros relaxaram a pressão com que me seguravam

pelas pernas e pelos braços abertos suspenso no ar.

- Você é bom? - murmurei desesperado para o vulto. - Como pode ser?

- Chorei.

Ele se aproximou. Debruçou-se sobre mim. Que beleza ele possuía!

Seus lábios cheios eram um perfeito arco de Cupido, como já disse, mas

só agora vi sua cor viva e escura, natural, e a sombra regular da

barba, raspada pela última vez na vida mortal, sem dúvida, que cobria

suas faces e seu queixo, dando-lhe aquela máscara vigorosa de homem.

Sua testa alta parecia feita de um osso branquíssimo só por contraste,

com têmporas arredondadas e a nascente do cabelo, penteado graciosamente

para trás, formando um bico-de-viúva, constituindo uma impressionante

moldura para seu rosto.

Mas foram os olhos, sim, como sempre acontece comigo, os olhos que

me atraíram, os grandes olhos amendoados e faiscantes.

- Filho - murmurou ele. - Eu iria sofrer esses horrores se não fosse

por Deus?

Chorei mais ainda.

Já não sentia medo. Não me importava que eu estivesse em sofrimento.

A dor era vermelha e dourada, como as chamas haviam sido, e me

percorria como se fosse líquida, mas embora eu a sentisse, ela não me

doía, e eu não me importava.

Sem protestar, fui levado de olhos fechados para uma passagem onde o

arrastar dos pés das pessoas que me carregavam ecoava fracamente no

teto baixo e nas paredes. Solto para rolar no chão, virei-me de bruços,

triste por estar num ninho de trapos velhos sem poder sentir a umidade

da Mãe Terra quando eu precisava dela, e aí isso também já não tinha

qualquer importância, e deitei o rosto no linho sujo e comecei a

adormecer, como se tivesse sido posto ali para dormir.

Minha pele escaldada era algo à parte, não algo meu. E soltei um

longo suspiro, sabendo, embora não formasse palavras na mente, que meus

pobres meninos estavam em segurança na morte. O fogo não os pôde ter

torturado por muito tempo, não. Estava muito quente, e certamente suas

almas devem ter fugido para o Céu como rouxinóis que tivessem entrado

naquela zona de calor fumarenta. Meus meninos já não eram da terra e

ninguém lhes podia fazer mal. Todas as coisas boas que Marius fizera

para eles, os professores, as técnicas que lhes ensinaram, as lições que

eles aprenderam, sua dança, seu riso, seu canto, as obras que eles

pintaram - tudo isso se fora, e as almas foram para o Céu com asas

brancas e macias.

Teria eu ido atrás? Teria Deus recebido a alma de um bebedor

de sangue em seu Paraíso de nuvens douradas? Teria eu trocado o som

horrível desses demônios cantando em latim pelo reino da música dos

anjos? Por que aqueles próximos a mim permitem esses pensamentos em

mim? - pois certamente eles lêem meus pensamentos.

Eu podia sentir a presença do líder, o de olhos escuros, o poderoso.

Talvez eu estivesse aqui com ele a sós. Se ele conseguisse entender

isso, se pudesse dar significado a isso e assim conter ; a

monstruosidade, ele poderia ser um santo de Deus. Vi monges imundos e

famintos em covas. Virei-me de costas, deleitando-me na espetacular dor

vermelha e amarela que me inundou, e abri os olhos.

-- 15 --

Uma voz doce e confortadora falou comigo, diretamente.

- As obras fúteis de seu mestre estão todas queimadas; só restam as

cinzas das pinturas dele. Que Deus o perdoe, por ele ter usado seus

poderes sublimes não a serviço de Deus mas sim a serviço do Mundo, da

Carne e do Diabo, sim, digo o Diabo, embora seja o Diabo quem



habitualmente nos carregue, pois o Maligno se orgulha de nós e se

satisfaz com a nossa dor. Mas Marius serviu ao Diabo sem ter

consideração pelos desejos de Deus, e as mercês que Deus nos concedeu,

em vez de queimar nas chamas do Inferno, governarmos nas sombras da

terra.

- Ah - murmurei. - Estou entendendo sua filosofia distorcida.

Não veio nenhuma reprimenda.

Aos poucos, embora eu preferisse apenas escutar a voz, minha vista

foi entrando em foco. Havia crânios humanos, calcinados e cobertos de

poeira, enfiados na abóbada de terra acima. Crânios enfiados na terra

e unidos com argamassa, formando um teto completo, como conchas do mar

calcinadas. Conchas do cérebro, pensei, pois o que sobra desses crânios

que se projetam da mistura de argamassa e barro senão a abóbada que

recobre o cérebro e os orifícios redondos antes preenchidos pelos olhos

gelatinosos, argutos como bailarinos, sempre vigilantes para relatar os

esplendores do mundo para a mente protegida pela carapaça.

Toda de crânios, uma abóbada de crânios, e, na junção da abóbada com

as paredes, um cordão de fêmures a toda a volta, e abaixo do cordão, os

ossos da forma mortal colocados a esmo, sem obedecer a um padrão, como

não obedecem as pedras ligadas com argamassa para fazer uma parede.

Todo de ossos, esse lugar, e iluminado com velas. Sim, eu sentia o

cheiro das velas, da mais pura cera de abelha, como para os ricos.

- Para os ricos não - disse a voz, atenciosamente -, para a igreja,

pois esta é a igreja de Deus, embora o Diabo seja nosso Superior Geral,

o santo fundador de nossa Ordem, então por que não cera de abelha?

Você, um veneziano fútil e mundano, é que pode achar isso um luxo,

confundir isso com a riqueza em que você se espojava como um porco na

lama.

Ri baixinho.

- Quero ouvir mais dessa sua lógica generosa e idiota - disse eu. -

Seja o Tomás de Aquino do Diabo. Fale.

- Não zombe de mim -disse ele em tom súplice e sincero. -  
Eu o salvei

do fogo.

A essas horas eu estaria morto se não fosse você.

- Quer arder nas chamas?

- Não, sofrer assim, não. Não suporto a idéia de que eu ou  
qualquer

pessoa deva sofrer assim. Mas morrer, sim.

- E que destino acha que terá se morrer? O fogo do Inferno  
não é

cinquenta vezes mais quente que a fogueira que  
acendemos para você e

seus amigos? Você é filho do Inferno; desde o primeiro  
momento em que

o blasfemo Marius infundiu-lhe nosso sangue. Não se pode  
modificar

essejuízo. Você é mantido vivo por um sangue amaldiçoado,  
antinatural e

agradável a Satã, e agradável a Deus só porque Ele precisa de Satã para

exibir Sua bondade, e para dar à humanidade uma opção entre o bem e o

mal.

Tornei a rir, mas da forma mais respeitosa possível.

- Vocês são tantos - disse eu.

Virei a cabeça. As numerosas velas me ofuscaram, mas não foi

desagradável. Era como se as chamas daqueles pavios fossem de uma

espécie diferente das daquelas que consumiram meus irmãos.

- Esses mortais mimados eram seus irmãos? - perguntou ele. Sua voz

era firme.

- Acredita em toda essa podridão que está me dizendo? - perguntei,

imitando o seu tom.

Ele riu, e foi uma risada decente e discreta, como se estivéssemos

na igreja comentando baixinho o absurdo de um sermão. Mas ali não havia

a presença do Santo Sacramento como haveria numa igreja consagrada,

então por que cochichar?

-Querido-disse ele.-Seria tão simples torturá-lo, virar pelo avesso

sua cabecinha arrogante e transformá-lo apenas num instrumento de

gritos estridentes. Não seria nada emparedá-lo para que seus gritos

não fossem altos demais para nós e sim apenas um acompanhamento

agradável para nossas meditações de cada noite. Mas não gosto dessas

coisas. Por isso sirvo tão bem ao Diabo; nunca cheguei a gostar do mal

ou da maldade. Desprezo essas coisas, e quisera poder olhar para um

crucifixo, eu olharia e choraria como chorei quando era mortal.

Fechei os olhos, abandonando todas as chamas dançantes que

salpicavam a escuridão. Enviei meu poder mais forte e mais furtivo para

dentro de sua mente, mas dei com uma porta fechada.

- Sim, essa é a minha imagem para não deixar você entrar.

Dolorosamente literal para um infiel tão preparado. Mas sua dedicação

ao Senhor Cristo foi cultivada entre pessoas literais e ingênuas, não?

Mas olhe, aí vem alguém com um presente para você que apressará

enormemente nosso acordo.

- Acordo, que acordo será esse? - perguntei.

Eu também ouvi o outro. Um cheiro forte e terrível penetrou em

minhas narinas. Não me mexi nem abri os olhos. Ouvi o outro rindo

daquela maneira surda tão aperfeiçoada pelos que cantaram o Dies Irae

com um tom dos mais lascivos. O cheiro era mefítico, um cheiro de carne

humana queimada ou algo assim. Eu detestava. Comecei a virar a cabeça e

tentei me deter. Barulho e dor eu podia suportar, mas não esse odor

terrível, terrível.

- Um presente para você, Amadeo - disse o outro.

Ergui os olhos. Encarei um vampiro na forma de um jovem com cabelo

louro quase branco e a compleição esguia de um escandinavo. Ele

segurava uma urna com as duas mãos. Então, virou a urna.

- Ah, não, pare! - Joguei as mãos para cima. Eu sabia o que era

aquilo. Mas era tarde demais.

As cinzas foram despejadas em cima de mim. Fiquei sufocado e gritei,

e virei-me de bruços. Eu não conseguia tirar aquela poeira dos olhos

nem da boca.

- As cinzas de seus irmãos, Amadeo - disse o vampiro escandinavo.

Ele desatou numa gargalhada selvagem.

Impotente, deitado de cara no chão e as mãos dos dois lados do

rosto, sacudime todo, sentindo o peso quente das cinzas. Afinal,

virei-me e revirei-me, ajoelhei, depois fiquei em pé. Recuei até a

parede. Um grande suporte de ferro cheio de velas virou, as pequenas

chamas formando um arco em minha visão turva, as velas caindo na lama.

Ouvi o chacoalhar de ossos. Atirei os braços na frente do rosto.

- O que aconteceu com nossa linda compostura? - perguntou o vampiro

escandinavo. - És um querubim chorão, não? Era assim que seu Mestre o

chamava, querubim, não? Olhe! - Ele puxou meu braço, e com a outra mão

tentou passar as cinzas em mim.

- Seu diabo desgraçado! - gritei. Fiquei louco de raiva e

indignação. Agarrei sua cabeça com as duas mãos e torci-lhe o pescoço

com toda a força, quebrando-lhe todos os ossos. Depois, dei-lhe um

chute violento com o pé direito. Ele caiu de joelhos, gemendo, ainda

vivo com aquele pescoço quebrado, mas não viveria inteiro, prometi.

Chutei-o então com todo o peso do pé, arrancando-lhe a cabeça do tronco

de onde o sangue jorrava aos borbotões.

- Ah, agora olhe só para você - disse eu fitando seus olhos

frenéticos. As pupilas continuavam dançando. - Ah, morra, sim, para seu



próprio bem. Enfiei os dedos em seus cabelos, e, virando-me de um lado

para o outro, peguei uma vela com a mão direita, arranquei-a do suporte

de ferro e enfiei-a em suas órbitas, uma de cada vez, até que ele não

enxergou mais.

- Ah, então isso também pode ser feito assim-disse eu olhando para

cima e piscando com o brilho das velas.

Lentamente, divisei sua figura. Com o cabelo preto grosso e ondulado

todo embaraçado, ele estava sentado num canto, as vestes negras caindo

até o chão. em volta do banco, o rosto ligeiramente virado para o outro

lado, mas olhando para mim, de modo que pude facilmente identificar os

traços de seu rosto na claridade. Um rosto nobre e lindo, com os lábios

carnudos tão fortes como os imensos olhos.

- Jamais gostei dele- disse em tom suave, erguendo as sobrancelhas-,

embora deva lhe dizer que você me impressiona, e eu não esperava que

ele nos deixasse tão cedo.

Estremeci. Um frio pavoroso me invadiu, uma raiva feia e desalmada,

sobrepunhando a tristeza, a loucura, a esperança. Tive ódio da cabeça que

eu segurava e queria largá-la, mas aquela coisa ainda vivia. As órbitas

estremeciam, sangrando, e a língua corria de um lado para o outro na

boca.

- Ah, isso é uma coisa revoltante! - exclamei.

-Ele sempre dizia coisas diferentes assim-disse o de cabelos pretos. Ele era pagão, está vendo. Isso você nunca foi. Quero dizer que

ele acreditava nos deuses da floresta do norte, e em Tor, sempre dando

a volta ao mundo com seu martelo...

- Vai ficar falando sem parar -perguntei.-Preciso queimar essa

coisa mesmo depois disso, não? - perguntei.

Ele me lançou o sorriso inocente mais encantador.

- Você é um idiota por estar aqui - murmurei.

Minhas mãos tremiam incontrolavelmente.

Sem esperar resposta, virei e peguei mais uma vela, tendo apagado

completamente a outra, e ateei fogo ao cabelo do defunto. O fedor me

enjoou. Emiti um som semelhante a choro de menino.

Larguei a cabeça em chamas em cima do corpo vestido e sem cabeça.

Atirei a vela no fogo, para que a cera o alimentasse. Peguei as outras

velas que eu havia derrubado e joguei-as no fogo, recuando ao sentir um

grande calor a subir do morto.

A cabeça pareceu rolar nas chamas, mais do que seria de esperar,

então peguei o candelabro de ferro que eu derrubara, e, usando-o como

um ferro de remexer braseiro, bati com ele naquela massa incandescente

para amassar o que havia embaixo do fogo.

No final, suas mãos estendidas se fecharam, os dedos se enfiando nas

palmas. Ah, viver assim, pensei deprimido, e empurrei com o ferro os

braços de encontro ao tronco. O fogo recendia a andrajos e sangue

humano, sangue que sem dúvida ele havia bebido, mas não exalava nenhum

outro cheiro humano, e, desesperado, vi que o havia incendiado bem no

meio das cinzas de meus amigos. Bem, aquilo parecia adequado.

- Vocês estão vingados num deles - disse eu com um suspiro derrotado.

Larguei o rústico candelabro. Deixei aquela criatura ali. O salão

era grande. Descalço, já que o fogo queimara meus sapatos de feltro,

fui para outro lugar amplo em meio a candelabros de ferro, onde a boa

terra úmida era preta e parecia limpa, e lá tornei a me deitar, como me

deitara antes, pouco me importando que o moreno tivesse uma boa visão

da minha pessoa ali, já que eu nunca estivera tão à sua frente.

- Conhece aquele culto nórdico? - perguntou, como se nada de

terrível tivesse acontecido. - Ah, que Tor está sempre dando voltas com

seu martelo, e o círculo vai diminuindo cada vez mais, e do lado de

fora há o caos, e estamos aqui, condenados dentro do círculo de calor

cada vez menor. Nunca ouviu isso? Ele era um pagão, criado por

renegados mágicos que o usavam para matar os inimigos. Ainda bem que me

vi livre dele, mas por que está chorando?

Não respondi. Era um desespero absoluto, essa câmara de crânios

medonha, os milhares de velas iluminando restos mortais apenas, e essa

criatura, essa linda criatura forte de cabelos pretos dando as ordens

em meio a todo esse horror, totalmente insensível diante da morte de

alguém que a servira e agora era um monte de ossos malcheirosos a

arder.

Imaginei que estava em casa. Eu estava seguro no quarto do Mestre.

Estávamos sentados. Ele lia um texto em latim. Não se importava com o

que diziam as palavras. Estávamos rodeados de acessórios da

civilização, coisas doces e bonitas, e os tecidos do quarto haviam sido

todos trabalhados por mãos humanas.

- Futilidades - disse o de cabelos pretos. - Coisas fúteis e tolas,

mas você acabará vendo isso. É mais forte do que eu julgava. Mas então

ele tinha muitos séculos, o seu Criador, ninguém sequer menciona um

tempo em que Marius não existia, o lobo solitário, que não tolera

ninguém em seu território, Marius, o destruidor de jovens.

- Nunca soube que ele tenha destruído senão os que eram maus -

murmurei.

- Somos maus, não? Todos nós somos maus. Então ele nos destruiu sem

remorso. Pensou que estivesse livre de nós. Deu-nos as costas! Achava

que éramos indignos de suas atenções, e veja como ele desperdiçou toda a

força dele com um garoto. Mas devo dizer que você é um garoto

lindíssimo.

Ouviu-se um barulho, um farfalhar maligno, não desconhecido. Senti

cheiro de rato.

- Ah, sim, meus filhos, os ratos - disse ele. - Eles vêm a mim. Quer

ver? Quer virar-se e olhar para mim? Não pense mais em São Francisco,

com seus passarinhos e seus esquilos e o lobo do lado. Pense em

Santino, com seus ratos.

Olhei realmente. Prendi a respiração. Sentei no chão e fiquei olhando para ele. Uma ratazana cinzenta sentada em seu ombro enfiava em

seu ouvido o focinho miúdo com aqueles bigodes, enrolando o rabo atrás

de sua cabeça. Outra viera sentar-se tranqüilamente em seu colo, como

se estivesse encantada. Havia outras reunidas a seus pés.

Como que relutando em se mexer para não assustá-las, ele enfiou

cuidadosamente a mão numa tigela de migalhas de pão. Só aí senti o

cheiro, misturado ao dos ratos.

Ele oferecia um punhado de migalhas à ratazana em seu ombro, que

comeu agradecida e com uma delicadeza estranha, depois jogou outras

migalhas no colo, onde três ratos logo vieram se banquetear.

- Acha que gosto dessas coisas? - perguntou ele. Fitou-me

intensamente, arregalando os olhos para enfatizar as palavras. Seu

cabelo preto era um denso véu emaranhado em seus ombros, sua testa,

muito lisa e branca, reluzindo à luz das velas.

- Acha que gosto de viver aqui nas entranhas do mundo - perguntou

ele triste -, embaixo da grande cidade de Roma, onde a terra filtra os

dejetos da multidão podre, e de ter esses vermes como familiares? Acha

que nunca fui de carne e osso, ou que, tendo passado por essa

transformação por amor a Deus Todo-Poderoso e a Seu Plano Divino, eu

não deseje a vida que você viveu com seu Mestre ganancioso? Não tenho



olhos para ver as cores vivas que seu Mestre espalhava nas telas? Não

gosto dos sons das músicas ímpias?

Deu um suspiro agonizante.

- O que Deus criou ou permitiu que se criasse que seja desagradável

em si mesmo? - prosseguiu. - O pecado não é repulsivo em si mesmo. Que

absurdo achar que é! Ninguém passa a gostar da dor. Só podemos esperar

suportá-la.

- Por que tudo isso? - perguntei. Eu estava quase vomitando, mas

contive o enjôo. Respirei o mais fundo possível para deixar os cheiros

dessa câmara de horrores inundar meus pulmões e parar de me atormentar.

Recostei-me, cruzando as pernas para poder estudá-lo. Limpei as

cinzas dos olhos.

- Por quê? Seus temas são completamente conhecidos, mas o que é esse

reino de vampiros de hábitos negros de monge?

- Somos os Defensores da Verdade - respondeu com sinceridade.

- Ah, quem não é defensor da verdade, pelo amor dos Céus - falei com

amargura. - Olhe, o sangue de seu irmão em Cristo está grudado em

minhas mãos! E você fica aí sentado olhando, o replicante caprichoso de

um ser humano, aí todo cheio de sangue, como se isso tudo fosse

conversa fiada à luz de velas!

-Mas você tem uma língua cáustica para alguém com um rosto tão meigo

- disse com frieza e admiração. - Parece muito dócil com esses ternos

olhos castanhos e esse cabelo vermelho cor de outono, mas é esperto.

- Esperto? Você queimou meu Mestre! Destruiu-o. Queimou seus filhos!

Sou seu prisioneiro aqui, não sou? Para quê? E você me fala do Senhor

Jesus Cristo? Você? Você? Responda-me, o que é essa confusão de

imundície e elegância, feita de barro e velas abençoadas!

Ele riu. Seus olhos franziam nos cantos, e sua expressão era alegre

e doce. Seu cabelo, apesar de sujo e desgrenhado, conservava o brilho

preternatural. Como ele seria refinado se estivesse livre dos ditames

desse pesadelo!

- Amadeo - disse ele. - Somos os Filhos da Escuridão - explicou

pacientemente. - Nós, os vampiros, somos feitos para ser o fragelo do

homem, como é a peste. Somos parte das provas e das tribulações desse

mundo; bebemos sangue e matamos para a glória de Deus que deseja testar

suas criaturas humanas.

- Não diga horrores. - Tapei os ouvidos. Encolhi-me.

- Ah, mas você sabe que isso é verdade - insistiu ele sem levantar a

voz. - Sabe disso enquanto me vê com esse hábito e olha em volta de meu

quarto. Estou preso para o Senhor Vivo como os monges antigamente antes

de aprenderem a pintar cenas eróticas nas paredes.

- Está dizendo loucuras, e não sei por que faz isso. - Eu não queria

me lembrar do Mosteiro das Covas!

- É por que encontrei meu objetivo aqui e o objetivo de Deus, e nada

é mais elevado. Você haveria de querer ser amaldiçoado e sozinho, e

egoísta e sem propósito? Daria as costas para um desígnio tão magnífico

que nem uma só criancinha é esquecida! Acha que poderia viver para

sempre sem o esplendor daquele grande esquema, lutando para negar o

trabalho de Deus em cada coisa bela que você cobiçou e conseguiu?

Fiquei calado. Não pense nos velhos santos russos. Sabiamente, ele

não insistiu. Ao contrário, bem baixinho, sem aquele ritmo diabólico,

entoou o hino latino...

Dies irae, dies illa Solvet saeculum in favilla Teste David cum Sibylla  
Quantus tremor est futurus...

O dia da ira, esse dia transformará a terra em cinzas. Como Davi e

Cibele previram Que grande tremor haverá...

- E nesse dia, o Último Dia, teremos deveres para com Ele, nós Seus

Anjos Negros levaremos as almas perversas para o Inferno de acordo com

Sua Divina Vontade.

Tornei a olhar para ele.

- E depois o apelo final desse hino, que Ele tenha piedade de nós,

Sua Paixão não foi por nós?

Cantei baixinho em latim: i Recordare, Jesu pie , Quod sum causa

tuae viae...

Lembraí-vos, Jesus misericordioso, Que fui a causa de vosso caminho...

Continuei insistindo, mal tendo espírito para isso, a fim de acusar

plenamente o horror.

- Que monge havia lá no mosteiro de minha infância que não esperasse

um dia estar com Deus? O que me diz agora, que nós, os Filhos da

Escuridão, servimos a Ele sem esperanças de estar com Ele algum dia?

Ele pareceu abatido.

- Rezo para que haja algum segredo que não conheçamos - murmurou.

Ficou com um olhar distante, como se estivesse mesmo rezando. - Por que

Ele não ama Satã quando Satã trabalha tão bem? Como Ele pode não nos

amar? Não compreendo, mas sou o que sou, que é isso, e você é igual. -

Olhou-me, erguendo ligeiramente as sobrancelhas sublinhando seu

espanto. - E devemos servi-Lo. Do contrário estamos perdidos.

Deixou o banco e aproximou-se de mim, sentando-se à minha frente no

chão, pernas cruzadas, esticando o braço comprido para pousar a mão em

meu ombro. - Criatura esplêndida - disse eu -, e pensar que Deus o criou

da mesma forma como criou os meninos que você destruiu hoje, os corpos

perfeitos que você entregou ao fogo.

Ele estava profundamente angustiado.

- Amadeo, adote outro nome e venha conosco, fique conosco.

Precisamos de você. E o que você fará sozinho?

- Diga-me por que matou o Mestre.

Ele me soltou e deixou a mão cair no regaço formado por seu hábito

negro esticado entre os joelhos.

- Somos proibidos de usar nossos talentos para deslumbrar os

mortais. Somos proibidos de enganá-los com nossos truques. Somos

proibidos de procurar o conforto da companhia deles. Somos proibidos de

entrar nos lugares de luz.

Nada disso me surpreendeu.

- Somos monges tão puros de coração quanto os de Cluny - disse.

Fazemos os nossos mosteiros rígidos e sagrados, e caçamos e matamos

para aperfeiçoar o Jardim de Nosso Senhor como um Vale de Lágrimas. -

Fez uma pausa, e, num tom ainda mais suave e especulativo, prosseguiu.

- Somos como as abelhas que picam e os ratos que roubam o grão; somos

como a Morte Negra que vem para levar jovens ou velhos, feios ou

bonitos, para que homens e mulheres tremam diante do poder de Deus.

Olhou para mim, implorando compreensão.

- Catedrais se erguem da poeira - disse - para mostrar milagres ao

homem. E, nas pedras, o homem esculpe a Dança Macabra para mostrar que

a vida é breve. Carregamos foices no exército do esqueleto roubado que

está gravado em mil portais, mil muros. Somos os seguidores da Morte,

cuja cara cruel está desenhada em milhões de livrinhos de oração usados

tanto por ricos como por pobres. - Seus olhos eram imensos e vagos.

Percorriam a cela abobadada em que estávamos. Eu podia ver o reflexo das

velas nas pupilas negras de seus olhos. Eles se fecharam por um momento,

depois se abriram, mais claros, mais brilhantes.



- Seu Mestre conhecia essas coisas - disse ele pesaroso. -  
Conhecia.

Mas era de uma época pagã, teimoso e zangado, e sempre recusando a

graça de Deus. Em você, ele viu a graça de Deus, porque sua alma é

pura. Você é jovem e terno e se abre como a flor da lua para receber a

luz da noite. Você agora nos odeia, mas acabará vendo.

- Eu não sei se jamais verei alguma coisa - eu disse. - Estou frio e

sou pequeno e não estou sabendo o que é sentimento, desejo, nem sequer

ódio. Não o odeio, embora devesse odiar. Estou vazio. Quero morrer.

- Mas será a vontade de Deus quando você morrer, Amadeo - disse ele.

-Não a sua. -Ele me olhou com um ar severo, e vi que já não podia

esconder dele minha recordação; os monges de Kiev, morrendo lentamente

de fome em suas celas de terra, dizendo que precisavam se alimentar,

pois a vontade de Deus determinaria quando deveriam morrer.

Tentei esconder essas coisas, guardei essas pequenas imagens em mim

e as tranquei. Não pensei em nada. Uma palavra me veio à boca: horror.

E depois a idéia de que até agora eu fora um tolo.

Apareceu outra criatura na sala. Era uma vampira. Entrou por uma

porta de madeira, fechando-a cuidadosamente após ter passado, como

faria uma boa freira, para evitar um barulho desnecessário. Ela foi até

ele e postou-se atrás dele.

Sua farta cabeleira grisalha estava emaranhada e imunda, como a

dele, e também formara um belo manto pesado e consistente atrás de seus

ombros. Suas roupas eram andrajos antigos. Usava o cinto nos quadris,

como as mulheres de tempos idos, adornando um belo vestido que revelava

sua cintura fina e as agradáveis curvas de suas ancas, o traje nobre que

se vê nas figuras de pedra esculpidas em ricos sarcófagos. Seus olhos,

como os dele, eram imensos como que para convocar cada preciosa

partícula de luz da escuridão. Sua boca era forte e carnuda, e a bela

ossatura de suas faces e seu queixo tinha um bom brilho para a fina

camada de poeira prateada que a recobria. Seu pescoço e seu busto

estavam quase nus.

- Ele vai ser um de nós? - perguntou ela. Sua voz era tão encantadora, tão reconfortante, que me comoveu. - Estou rezando por

ele. Ouvi-o chorar interiormente embora ele não emita nenhum som.

Desviei a vista, destinado a ser antipatizado por ela, minha inimiga, que matara aqueles que eu amava.

- Sim-anuiu Santino, o de cabelos pretos.-Ele vai ser um de nós, e

pode ser um líder. Tem muita força. Matou Alfredo ali, está vendo? Ah,

foi maravilhoso ver o que ele fez, com tanta violência e com um ar

zangado tão infantil.

Ela olhou para a ruína do que aquele vampiro havia sido, e eu mesmo

não sabia o que sobrara. Não me virei para ver.

Uma profunda tristeza suavizou a expressão dela. Que linda deveria

ter sido em vida! Que linda seria ainda sem aquela poeira que a

recobria!

Seus olhos de repente me fuzilaram, acusadores, e em seguida se

abrandaram.

- Pensamentos fúteis, meu filho - disse. - Não vivo para espelhos

como seu Mestre vivia. Não preciso de sedas nem veludos para servir ao

meu Senhor. Ah, Santino, ele é tão novinho, olhe só - falava de mim. -

Séculos atrás, eu poderia ter escrito versos em homenagem a tamanha

beleza, por ela ter vindo aqui embelezar o rebanho sujo de Deus, um

lírio na escuridão ele é, o filho de uma fada plantado pelo luar no

berço de uma ordenhadora para servir ao mundo com seu olhar feminino e

sua voz varonil.

As lisonjas dela me irritaram, mas era insuportável para mim nesse

Inferno perder a beleza pura e a profunda doçura de sua voz. Não liguei

para o que ela disse. E, ao olhar para seu rosto branco onde as muitas

veias haviam formado câmoros na pedra, vi que ela era velha demais para

minha violência impetuosa. Mas matar, sim, arrancar a cabeça do corpo,

sim, e apunhalar com velas, sim. Pensei essas coisas de dentes

cerrados, e pensei nele, como eu o liquidaria, se ele não era tão

velho, com aquela pele cor de oliva, não tinha nem a metade da idade

dela, mas esses ímpetos morreram como ervas daninhas arrancadas de

minha mente por um vento norte, o vento gelado de minha vontade

morrendo dentro de mim.

Ah, mas eles eram lindos.

- Você não renunciará inteiramente à beleza - disse ela meigamente,

talvez depois de sorver meus pensamentos, apesar de todos os meus

artifícios para ocultá-los. - Você verá outra variante da beleza, uma

beleza agressiva e variada, quando beber a vida e vir aquele

maravilhoso desenho corpóreo virando uma teia brilhante enquanto você o

esgota, e pensamentos moribundos caem mesmo sobre você como mantos

lastimosos para confundir seus olhos e torná-lo apenas a escola dessas

pobres almas que você envia mais rápido para a glória ou a perdição,

sim, beleza. Você verá nas estrelas uma beleza que poderá ser para

sempre o seu consolo. E na terra, sim, na própria terra, você

encontrará mil tons de escuridão. Isso será a sua beleza. Você apenas

renega as cores vivas da humanidade e a luz desafiadora dos ricos e dos

fúteis.

- Não renego nada - disse eu.

Ela sorriu, seu rosto ganhando um calor irresistível, o longo manto

de seus fartos cabelos brancos encaracolando-se aqui e ali no reflexo

ardente das velas. Olhou para Santino.

- Como ele entende bem as coisas que dizemos - comentou.  
- E no

entanto parece o garoto levado que zomba de todas as coisas

desconhecidas.

- Ele sabe, ele sabe - respondeu o outro com surpreendente amargura.

Alimentou seus ratos. Olhou para ela e para mim. Parecia refletir e

até cantarolar novamente o antigo canto gregoriano. Ouvi outros no

escuro. E, ao longe, ainda se ouviam tambores, mas aquilo era

insuportável. Olhei para o teto daquele local, os crânios sem olhos e

sem boca contemplando tudo com uma paciência inesgotável. Olhei para

eles, a figura sentada de Santino meditando ou absorto em seus

pensamentos, e por trás dele, dominando-o, o vulto escultural da vampira

em seus andrajos, o cabelo grisalho repartido ao meio, o rosto

enfeitado pela poeira.

- Aqueles Que Deviam Ser Guardados, filho, quem eram? - perguntou

ela de repente.

Santino ergueu a mão direita e fez um gesto aborrecido.

- Allesandra, sobre isso ele não sabe. Pode ter certeza. Marius era

esperto demais para lhe contar. E o que aconteceu com essa velha lenda

que perseguimos há tanto tempo? Aqueles Que Deviam Ser Guardados. Se

forem de natureza tal que precisem ser guardados, então já não existem

mais, pois Marius já não existe para guardá-los.

Um tremor me percorreu, um terror que explodiria num choro

incontrolável, eu os deixar ver isso, não, que abominação. Marius não

existia mais... Santino apressou-se em prosseguir, como se com medo de

mim.



- Deus assim quis. Deus quis que os prédios desmoronassem, todos os

textos fossem roubados ou queimados, todas as testemunhas do mistério

fossem destruídas. Pense nisso, Allesandra. Pense. O tempo cobriu todas

aquelas palavras escritas pelas mãos de Mateus, Marcos, Lucas, João e

Paulo. Onde existe um só manuscrito que traga a assinatura de

Aristóteles? E Platão, quem dera tivéssemos um fragmento do que ele

jogou no fogo enquanto trabalhava febrilmente...

- O que são essas coisas para nós, Santino? - perguntou ela com ar

de reprovação, mas pousando a mão na cabeça dele ao olhar para baixo.

Afagoulhe os cabelos como se fosse sua mãe.

- Quis dizer que esse é o caminho de Deus - disse Santino-, o

caminho de sua criação. Até o que está escrito na pedra é apagado pelo

tempo, e cidades podem acabar embaixo do fogo e das cinzas de montanhas

que rugem. Quis dizer que a terra come tudo, e agora o levou, levou

essa lenda, esse Marius, essa criatura bem mais velha do que qualquer

outra que algum dia conhecemos pelo nome, e com ele vão seus preciosos

segredos. Então, que assim seja.

Segurei as mãos para impedi-las de tremer. Fiquei calado.

- Havia uma cidade onde eu morava - prosseguiu ele, em voz baixa.

Estava agora com uma ratazana gorda e preta nos braços, alisando seu

pêlo como se ela fosse o gato mais lindo, e o animal, com aquele

olhinho, parecia incapaz de se mexer, o rabo enrolado como uma grande

foice virada para baixo. - Era uma linda cidade, com muralhas altas, e

uma feira e tanto a cada ano; palavras não podem descrever onde todos

os mercadores mostravam seus produtos e todos os vilarejos próximos e

distantes enviavam jovens e velhos para comprar dançar, festejar...

parecia um lugar perfeito! No entanto foi tomado pela peste.

A peste chegou, sem respeitar muralha nem torre, invisível aos

homens do Senhor, e ao pai no campo e à mãe na horta. A peste levou todo

mundo, e aparentemente todo mundo menos os mais perversos. Em minha

casa, eles me encerraram, com cadáveres intumescidos de meus irmãos e

irmãs. Foi um vampiro que me encontrou, pois, indo ali à cata de

alimento, ele não encontrou outro sangue para beber a não ser o meu. E

havia tantos!

- Não abrimos mão de nossa história por amor a Deus? - perguntou

Allesandra com o maior cuidado. Sua mão alisava o cabelo de Santino,

afastando-o da testa. Os olhos dele estavam enormes, cheios de idéias e

recordações, mas quando tornou a falar ele me olhou sem sequer me ver.

- Agora lá não há muralhas. Há árvores e mato crescendo entre montes

de escombros. E em castelos distantes, encontram-se pedras que

pertenceram ao castelo de nosso senhor, às nossas ruas bem calçadas,

nossas melhores casas. É da natureza desse mundo que todas as coisas

sejam devoradas e o tempo é uma boca tão sangüinária quanto qualquer

outra.

Fez-se um silêncio. Eu não conseguia parar de tremer. Meu corpo

estremecia. Um gemido saiu de meus lábios. Olhei de um lado para o outro

e abaixei a cabeça, segurando a garganta para não gritar.

Quando ergui de novo os olhos, falei.

- Não vou servir a vocês - murmurei. - Estou vendo o seu jogo.

Conheço as suas escrituras, a sua piedade, o seu amor à resignação!

Vocês são aranhas com suas teias escuras e intrincadas, nada mais que

isso, e procriar por sangue é só o que sabem, só sabem tecer suas

armadilhas aborrecidas em volta disso, desgraçados como os pássaros que

fazem ninho na sujeira ou em batentes de mármore. Podem contar suas

mentiras. Odeio vocês. Não vou servi-los.

Que encantadora a expressão com que me olharam!

- Ah, pobre menino - suspirou Allesandra. - Você apenas começou a

sofrer. Porque precisa ser por orgulho e não por Deus?

- Eu os amaldição!

Santino estalou os dedos. Foi um gesto imperceptível. Mas do escuro,

entrando por portas que pareciam bocas mudas nas paredes de barro,

chegaram seus criados, encapuzados e vestidos com aqueles hábitos. Eles

me levantaram segurando-me pelos membros, mas não me debati.

Arrastaram-me para uma cela de barras de ferro e paredes de barro. E

quando tentei cavar um buraco para escapar dali, meus dedos encontraram

pedra com uma cinta de ferro e não pude mais cavar.

Deitei-me. Chorei. Chorei pelo Mestre. Pouco me importava se alguém

ouvisse ou risse de mim. Pouco me importava. Eu só sabia o que era

perda e naquela perda o tamanho de meu amor, e, ao saber o tamanho de

meu amor, de certa forma eu podia sentir seu esplendor. Chorei e

chorei. Virei-me e pus-me a rastejar. Arranquei punhados de terra,

depois fiquei quieto, apenas deixando as lágrimas rolarem.

Allesandra estava ali segurando as barras de ferro.

- Pobre criança - murmurou. - Estarei com você, sempre com você.

Basta chamar meu nome.

- E por que isso? Por quê? - gritei, a voz ecoando nas paredes

duras. Responda.

- Nas profundezas do Inferno - disse ela - os demônios não se amam?

Passou-se uma hora. A noite ia avançada.

Eu estava sedento.

Ardia de sede. Ela sabia. Encolhi-me no chão, a cabeça baixa,

acocorado. Eu morreria antes de tornar a beber sangue. Mas era tudo o

que eu podia ver, tudo em que eu podia pensar, tudo o que eu podia

querer. Sangue.

Depois da primeira noite, achei que morreria dessa sede. Depois da

segunda, achei que morreria gritando.

Depois da terceira, só sonhava com isso chorandos desesperado,

lambendo minhas próprias lágrimas de sangue nos dedos.

Depois de seis noites assim, quando já não podia agüentar a sede,

eles me trouxeram uma vítima a debater-se.

Vindo do comprido corredor escuro, farejei o sangue. Farejei-o antes

de ver os archotes deles.

Um jovem musculoso e malcheiroso que estava sendo arrastado para

minha cela, que os chutava e os amaldiçoava, grunhindo como um louco,

gritando só de ver aquela tocha com a qual eles o amedrontavam,

empurrando-o para mim.

Fiquei em pé, quase fraco demais para esse esforço, e caí em cima

dele, caí em cima daquela sua carne quente e succulenta e rasguei sua

garganta, rindo e chorando ao fazer isso, engasgando com o sangue.

Rugindo e gaguejando, ele caiu embaixo de mim. O sangue da

artéria jorrou em meus lábios e em meus dedos finos. Como pareciam ossos

os meus dedos! Bebi, bebi e bebi até não agüentar mais, e toda a dor me

deixou, e todo o desespero desapareceu na pura satisfação da fome, na

deglutição gulosa, egoísta e odienta do bendito sangue.

Entregue a esse banquete voraz, insensato e grosseiro, eles me

deixaram.

Então, caindo para o lado, senti minha visão clarear novamente no

escuro.

As paredes à minha volta faiscavam de novo com partículas de metal

como um firmamento estrelado. Olhei e vi que a vítima que eu tomara era

Riccardo, meu amado Riccardo, meu brilhante e bondoso Riccardo, nu,



imundo, um prisioneiro cevado, mantido esse tempo todo em alguma cela

fétida só para isso.

Gritei. Esmurrei as grades e bati nelas com a cabeça. Meus guardas

de cara branca correram até lá e recuaram de medo e ficaram me espiando

do corredor escuro. Caí de joelhos, chorando.

Agarrei o cadáver.

- Riccardo, beba! - Mordi a língua e cuspi o sangue em seu rosto

gorduroso de olhos vidrados. - Riccardo! - Mas ele estava morto e vazio,

e eles haviam ido embora, deixando-o para apodrecer ali comigo,

apodrecer a meu lado.

Comecei a cantar Dies irae, dies illa e a rir enquanto cantava.

Três noites depois, gritando e praguejando, arranquei os braços e as

pernas, um por um, do cadáver fétido de Riccardo a fim de poder jogar os

pedaços para fora da cela. Eu não estava agüentando! Atirei várias

vezes o tronco intumescido contra a grade e caí, soluçando, sem

conseguir enfiar o punho ou o pé para quebrá-lo. Arrastei-me para a

outra extremidade para afastar-me daquilo. Allesandra chegou.

- Filho, o que posso dizer para consolá-lo? - Um murmúrio incorpóreo na escuridão. Mas havia outro vulto ali, Santino. Virando,

vi, numa claridade errática que só olhos de vampiro conseguem captar,

que ele encostou o dedo na boca e abanou a cabeça, corrigindo-a

delicadamente. - Ele agora precisa ficar sozinho - disse. - Sangue -

gritei. Voei na grade, os braços estendidos, fazendo com que os dois se

assustassem e fugissem de mim.

Ao fim de mais sete noites, quando minha fome era tanta que nem o

cheiro de sangue me excitava mais, eles depuseram a vítima - um

meninozinho de rua clamando por piedade - diretamente em meus braços.

-Ah, não tenha medo de mim, não-murmurei, cravando-lhe depressa os

dentes no pescoço. - Hummm, confie em mim - murmurei, saboreando o

sangue, bebendo devagar, tentando não rir de prazer, minhas lágrimas de

alívio sanguinolentas caindo no rostinho dele. - Ah, sonhe, sonhe

coisas doces e bonitas. Há santos que chegarão; você os vê? Depois,

deitei-me, saciado, captando no teto aquelas ínfimas estrelas de pedra

brilhante ou de minério de ferro embutidas no barro. Deixei a cabeça

rolar para o lado, para longe do cadáver da pobre criança o qual eu

arrumara cuidadosamente, como que para a mortalha, encostado na parede

atrás de mim. Vi um vulto em minha cela, um vulto pequeno. Vi sua

silhueta diáfana contra a parede, fitando-me. Outra criança?

Levantei-me, horrorizado. O vulto não exalava cheiro algum. Virei-me e

olhei para o cadáver. Jazia no mesmo lugar.

No entanto encostado na parede em frente, estava o próprio menino,

pequeno e lívido e perdido, a me olhar.

- Como é isso? - murmurei.

Mas o pobrezinho não conseguia falar. Só conseguia olhar. Estava

vestido com a mesma camisa que seu cadáver usava, e seus olhos eram

grandes e sem cor, ternos em sua expressão contemplativa. Ouvi um som

ao longe. Eram passos na longa catacumba que levava à minha pequena

prisão. Não eram passos de vampiro. Empertiguei-me, alargando

ligeiramente as narinas, tentando sentir o cheiro dessa criatura. Nada

mudou naquele ar úmido e impregnado de mofo. Só o cheiro da morte era o

aroma de minha cela daquele pobre corpinho arrebentado.

Fixei os olhos naquele espiritozinho tenaz.

-Por que você fica aí?-perguntei-lhe baixinho, desesperado. - Por

que consigo vê-lo?

Ele mexeu a boquinha como se fosse falar, mas só sacudiu muito

ligeiramente a cabeça, tristemente eloqüente em sua confusão.

Os passos continuavam. E mais uma vez esforcei-me para sentir o

cheiro. Mas não senti nada, nem o ranço empoeirado de vestes de

vampiro, só isso, a aproximação desse barulho arrastado. E finalmente

chegou às grades o vulto alto e escuro de uma mulher magra.

Eu sabia que ela estava morta. Eu sabia. Sabia que estava tão morta

quanto aquele menino flutuando ali junto à parede.

- Fale comigo, por favor, ah, por favor, eu lhe imploro, fale comigo! gritei.

Mas nenhum fantasma conseguia deixar de olhar para o outro. A

criança pulou de mansinho para os braços da mãe, e ela, virando, após

recuperar o filho, começou a desaparecer enquanto seus pés tornavam a

produzir aquele barulho seco e arrastado no chão de barro que a

anunciara.

- Olhe para mim! - supliquei em voz baixa. - Só uma vez.

Ela parou. Já não sobrava quase mais nada dela. Mas ela virou a

cabeça e a luz pálida de seus olhos fixou-se em mim. Então, silenciosa

e completamente, ela desapareceu.

Deitei-me, e estiquei o braço num desespero descuidado e senti o

cadáver da criança, ainda ligeiramente quente a meu lado. Nem sempre eu

via o fantasma deles. Nem procurava dominar os meios de fazer isso.

Eles não eram meus amigos - isso era uma nova maldição -, esses

espíritos que de vez em quando apareciam no cenário de minha destruição

sanguinolenta. Eu não via esperança em seus rostos quando eles passavam

por aqueles momentos de minha infelicidade quando o sangue estava mais

quente dentro de mim. Não havia luz de esperança a rodeá-los. Seria a

fome que me dava este poder?

Não falei com ninguém a respeito deles. Naquela maldita cela,

naquele lugar desgraçado em que minha alma era quebrada semana após

semana, sem ao menos o conforto de um caixão para se encerrar, eu tinha

medo deles e comecei a odiá-los.

Só o grande futuro iria revelar-me que outros vampiros, em geral,

nunca os vêem. Seria isso uma graça? Eu não sabia. Mas estou me

adiantando. Deixe-me voltar para aquela época intolerável, aquele

cadinho.

Passei umas vinte semanas nessa miséria.

Eu nem acreditava mais que aquele mundo claro e fantástico de Veneza

tivesse existido algum dia. E sabia que o Mestre estava morto. Eu

sabia. Sabia que todo mundo que eu amava havia morrido.

Eu estava morto. Às vezes sonhava que estava em Kiev; no Mosteiro

das Covas, um santo. Depois acordava aflito.

Quando Santino e a grisalha Allesandra vieram me ver,  
foram gentis

como sempre, e Santino derramou lágrimas vendo como eu  
estava e disse:

- Venha para mim, agora, venha estudar comigo a sério,  
venha. Nem os

miseráveis como nós devem sofrer como você está  
sofrendo. Venha para

mim.

Caí em seus braços, abri meus lábios para os dele, abaixei a  
cabeça

para encostar o rosto em seu peito e, enquanto escutava  
seu coração

batendo, respirei fundo, como se o próprio ar me tivesse  
sido negado

até aquele momento. Allesandra pousou gentilmente em  
mim aquelas suas

mãos frias e macias.

- Pobre criança órfã - disse ela. - Criança errante, ah, que  
longa

estrada você percorreu para chegar até aqui!

E como era incrível que tudo o que eles fizeram comigo  
parecesse

apenas algo que compartilhamos, uma catástrofe comum e  
inevitável.



## A CELA DE SANTINO.

Eu estava deitado no chão nos braços de Allesandra, que me embalava

e afagava meu cabelo.

- Quero que você venha caçar conosco hoje à noite - disse Santino.

Venha conosco, com Allesandra e comigo. Não deixaremos os outros o

atormentarem. Você está com fome. Está com muita fome, não?

E então começou meu período com os Filhos da Escuridão.

Noite após noite, cacei realmente em silêncio com meus novos

companheiros, meus novos entes queridos, meu novo Mestre e minha nova

Mestra, e então fiquei pronto para começar a sério meu aprendizado;

Santino, meu professor, com Allesandra para ajudá-lo de vez em quando,

fez de mim o seu pupilo, uma grande honra na assembleia de bruxos, ou

pelo menos foi o que os outros vieram logo me dizer quando tiveram a

oportunidade.

Soube o que Lestatjá escreveu baseado no que lhe revelei,  
as grandes

leis. Primeiro, éramos formados em assembleias de bruxos  
pelo mundo

afora, e cada assembleia teria seus líderes, e eu estava  
destinado a

ser um deles, como o superior de um convento, e todas as  
questões de

autoridade estariam em minhas mãos. Eu e só eu deveria  
determinar

quando um novo vampiro deveria ser criado para juntar-se a  
nós; eu e só

eu cuidaria para que a transformação fosse feita da maneira  
adequada.

Segundo, o Dom Negro, pois é assim que o chamamos,  
nunca deveria ser

dado àqueles que não fossem bonitos, pois a escravização  
dos belos com

o Sangue Negro é mais agradável a um Deus Justo.

Terceiro, jamais um vampiro antigo deverá criar um novato,  
pois

nossos poderes aumentam com o tempo, e o poder dos  
velhos é grande

demais para os jovens. Veja a minha tragédia, criado pelo  
último Filho

dos Milênios conhecido o grande e terrível Marius. Eu tinha a força de

um demônio no corpo de uma criança.

Quarto, nenhum de nós pode destruir qualquer um de nós, exceto o

líder da assembléia, que a qualquer hora deve estar preparado para

eliminar os desobedientes de seu rebanho. Todos os vampiros errantes,

que não pertençam a nenhum grupo, devem ser eliminados pelo líder logo

que forem vistos.

Quinto, nenhum vampiro devejamais revelar sua identidade ou suas

forças mágicas a um mortal e depois disso ser deixado vivo. Nenhum

vampiro devejamais escrever quaisquer palavras que revelem estes

segredos. Na verdade, jamais o nome de um vampiro deve ser conhecido no

mundo mortal e qualquer evidência de nossa existência que porventura

tenha escapado para esse âmbito deve ser erradicada a qualquer custo,

juntamente com aqueles que houverem permitido tão terrível violação da

vontade de Deus.

Havia outras coisas. Rituais, encantamentos, havia uma espécie de

folclore.

- Não entramos em igrejas, pois Deus nos fulminaria se entrássemos

- declarou Santino. - Não olhamos para o crucifixo, e sua mera presença

numa corrente em volta do pescoço de uma vítima é suficiente para salvar

a vida desse mortal. Desviamos nossos olhos e nossos dedos das medalhas

da Virgem. Acovardamo-nos diante das imagens dos santos.

"Mas atacamos com o fogo sagrado aqueles que andam desprotegidos.

Banqueteamo-nos quando e onde desejamos e cruelmente, e banqueteamo-nos

, com o inocente e com aqueles mais dotados de beleza e riquezas. Mas

não nos gabamos do que fazemos para o mundo, nem nos gabamos uns para os

outros.

"Os grandes castelos e cortes do mundo estão fechados para nós, pois

nunca devemos nos imiscuir no destino que Cristo Nosso Senhor ordenou

para aqueles que criou à Sua Imagem, mais do que se imiscuem os vermes,

as labaredas do fogo ou a Morte Negra.

"Somos uma maldição das sombras; somos um segredo. Somos eternos.

"E quando terminamos nosso trabalho para Ele, reunimo-nos sem o

conforto de luxos ou riquezas naqueles locais subterrâneos abençoados

por nós para nosso sono, e lá, só com a iluminação de fogo e velas,

encontramo-nos para orar, cantar e dançar, sim, dançar em volta do

fogo, fortalecendo assim a nossa vontade, compartilhando assim nossa

força com nossos irmãos e irmãs."

Seis longos meses se passaram durante os quais estudei estas coisas,

durante os quais aventurei-me nos becos de Roma para caçar com os

outros, para regalar-me com os destituídos da sorte que me caíam tão

facilmente nas mãos.

Já não vasculhava a mente procurando um crime que justificasse o meu

banquete predatório. Já não praticava a requintada arte de beber sem

fazer a vítima sofrer. Já não protegia o infeliz mortal do horror de

meu rosto, minhas mãos desesperadas, minhas presas.

Uma noite, acordei e vi-me rodeado por meus irmãos. A mulher

grisalha ajudou-me a sair do caixão de chumbo e disse-me que eu deveria

acompanhá-los. Saímos juntos na noite estrelada. A fogueira que havia

sido construída era alta como na noite em que meus irmãos mortais

morreram.

O ar estava fresco e impregnado do perfume de flores primaveris.

Ouvi o rouxinol cantando e, ao longe, os sussurros da populosa cidade

de Roma. Olhei na direção da cidade. Avistei suas sete colinas cobertas

de luzes faiscantes. Avistei as nuvens no alto tingidas de dourado,

baixando sobre esses marcos belos e esparsos como se a escuridão do céu

estivesse grávida.

Vi a roda que se formara em volta do fogo. Em duas ou três fileiras,

estavam os Filhos da Escuridão. Santino, num caro hábito novo de veludo

azul, ah, que violação de nossas normas rígidas!, adiantou-se para

dar-me dois beijos no rosto.

- Estamos mandando você para longe, para o norte da Europa - disse

ele-, à cidade de Paris, para onde foi o líder da assembléia, como

todos vamos mais cedo ou mais tarde, para o fogo. Seus filhos o

aguardam. Ouviram histórias sobre você, sobre sua gentileza, sua

piedade e sua beleza. Você será o líder e o santo deles.

Meus irmãos vieram um a um me beijar. Minhas irmãs, que eram pouco

numerosas, também vieram me dar um beijo no rosto.

Fiquei calado, quieto, escutando ainda o canto dos pássaros nos

pinheiros próximos, olhando de vez em quando para os Paraísos

inferiores e pensando se a chuva viria, a chuva cujo cheiro eu podia

sentir, tão pura e límpida, a única água purificadora que agora me era

permitida, a doce chuva romana, suave e quente.

- Promete solenemente chefiar a assembléia nos Caminhos da Escuridão

como Satã chefiaria e seu Senhor e Criador, Deus, chefiaria?

- Prometo.

- Promete obedecer a todas as ordens enviadas a você da Assembléia

Romana?

- Prometo...

Palavras e palavras e palavras.

A lenha se empilhava na fogueira. Os tambores haviam começado. Os

tons solenes.

Comecei a chorar.



Então senti os braços macios de Allesandra, sua macia  
cabeleira

grisalha encostar em meu pescoço.

Irei para o norte com você, meu filho - disse ela.

Fiquei gratíssimo. Joguei os braços em volta dela, estreitei  
seu

corpo duro e frio contra o meu e tremi de tanto soluçar.

- Sim, queridinho. Ficarei com você. Sou velha e ficarei com  
você

até chegar a hora de me apresentar à Justiça Divina, como  
todos

precisamos nos apresentar.

- Então dançamos de alegria! - exclamou Santino. - Satã e  
Cristo,

irmãos na casa do Senhor, a vós oferecemos esta alma  
aperfeiçoada!

Ele jogou os braços para cima.

Allesandra afastou-se de mim, olhos marejados de lágrimas.  
Eu não

conseguia pensar em mais nada senão em minha gratidão  
por ela estar

comigo. Por eu não fazer esta terrível viagem sozinho.  
Comigo,

Allesandra comigo. Ah, bobo para Satã e o Deus que o fez!

Ela estava ao lado de Santino, alto e majestoso, e também jogou os

braços para cima e balançou os cabelos de um lado para o outro.

- Que comece a dança! - exclamou ela.

Os tambores troaram, as cornetas gemeram e a batida dos pandeiros

encheu meus ouvidos.

Um grito baixo e demorado ergueu-se da grande e densa roda de

vampiros, e todos juntos, de mãos dadas, começaram a dançar.

Fui puxado de volta para o cordão que eles fizeram em volta da

fogueira ardente. As figuras me puxavam na roda de um lado para o

outro, depois solteime e dei um pulo, rodopiando no ar.

Senti o vento na nuca ao fazer a pirueta. Estiquei os braços com

precisão para receber as mãos dos dois lados e depois balançar para a

direita e para a esquerda novamente.

Nuvens silenciosas adensavam-se, enroscavam-se e passeavam pelo céu

que escurecia. A chuva chegou, seu rugido suave abafado pelos gritos

das criaturas loucas que dançavam, pelo crepitar do fogo e pelo rufar

dos tambores.

Ouvi a chuva. Virei-me, dei um pulo e recebi-a, a chuva prateada

caindo em mim como a bênção dos paraísos escuros, as águas batismais

dos condenados. A música aumentou. Um ritmo bárbaro espalhou-se por

tudo, desmanchando o cordão organizado dos dançarinos. Na chuva e no

clarão voraz da fogueira gigantesca os vampiros jogavam os braços para o

alto, uivando, contorcendo-se, contraindo-se todos até ficarem

encurvados, batendo os pés no chão, e depois pulavam de braços abertos,

bocas também abertas, remexendo os quadris enquanto rodopiavam e

pulavam, e ouviu-se novamente o hino aos altos brados, Dies irae, dies

illa. Oh, sim, dias de miséria, oh, dias de fogo!

Depois, quando começou a chover solene e regularmente,  
quando a

fogueira era apenas carvão, quando todos eles haviam  
saído para caçar,

quando só uns poucos circulavam pelo terreno escuro do  
Sabá, entoando

suas preces num delírio aflito, fiquei quieto, deitado de cara  
no chão

enquanto a chuva me lavava.

Parecia que os monges do velho mosteiro de Kiev estavam  
lá. Eles

riam para mim, mas suavemente. Diziam:

- Andrei, o que lhe fez pensar que pudesse escapar? Não  
sabia que

Deus o chamou?

- Afastem-se de mim, vocês não estão aqui, e eu não estou  
em lugar

nenhum. Estou perdido nos ermos escuros de um inverno  
sem fim.

Tentei imaginá-lo, Seu Rosto Sagrado. Mas ali só estava  
Allesandra,

que viera ajudar-me a me levantar. Allesandra, que  
prometera contar-me

sobre os tempos negros, muito antes de Santino ser criado,  
quando ela

recebeu o Dom Negro nas florestas da França para onde  
estávamos indo

juntos.

- Ó Senhor, Senhor, ouvi minha prece - murmurei. Se ao  
menos eu

pudesse ver o Rosto Sagrado.

Mas essas coisas eram proibidas para nós. Jamais  
poderíamos olhar

para Sua Imagem! Até o fim do mundo, trabalharíamos sem  
esse consolo. O

Inferno é a ausência de Deus.

O que posso dizer agora em minha defesa? O que posso  
dizer?

Outros contaram a história de como, durante séculos, fui o  
corajoso

chefe da Assembléia de Paris, obedecendo a antigas leis até  
não existir

mais Santino nem Assembléia de Roma para enviá-las a  
mim, como,

desesperado e maltrapilho, agarrei-me à Fé Antiga e aos  
ábitos Antigos

enquanto outros entraram no fogo para se destruir, ou  
simplesmente foram

embora.

O que posso dizer em defesa do convertido e do santo que me tornei?

Passei trezentos anos sendo o anjo errante filho de Satã, seu matador

com ar infantil, seu lugartenente, seu bobo. Allesandra estava sempre

comigo. Quando os outros pereciam ou desertavam, lá estava Allesandra

que conservava a fé. Mas isso foi meu pecado, minha viagem, minha

loucura terrível, e tenho de carregar sozinho esse fardo enquanto eu

existir.

em Roma, antes de minha partida para o norte, ficou decidido que eu

deveria mudar de nome.

Amadeo, contendo a palavra que significava Deus, era extremamente

inadequado para um Filho da Escuridão, especialmente quanto a chefiar a

Assembléia de Paris.

Entre várias opções que me foram dadas, Allesandra escolheu o nome

Armand.

Assim me tornei Armand.

## PARTE II

### A Ponte dos Suspiros

-- 16 --

Recuso-me a perder mais um segundo discutindo o passado. Não gosto do passado. Não quero saber dele. Como posso lhe contar sobre alguma coisa que não me interessa?

É provável interessá-lo?

O problema é que muita coisa já foi escrita sobre meu passado. Mas e se você não tiver lido aqueles livros? E se você não tiver se espojado nas descrições rebuscadas

que o vampiro Lestat fez de mim e de meus pretensos erros e

enganos?

Tudo bem, tudo bem. Um pouquinho mais, mas só para levar-me a Nova , York, à hora em que vi o Véu de Verônica, para que você não precise voltar atrás

e ler os livros dele, para que meu livro baste.

Durante trezentos anos, fui fiel aos Costumes Antigos de Santino, mesmo depois que o próprio Santino desapareceu.



Entenda, esse vampiro

absolutamente não estava morto. Ele apareceu na era moderna, bastante saudável, forte,

calado e sem se desculpar pelos credos que me enfiou goela abaixo no ano de

1500,

antes de eu ser enviado a Paris.

Eu estava louco nessa época. Chefiar a assembleia, eu chefei, e de suas cerimônias, suas sinistras ladainhas e seus sanguinolentos batismos

extravagantes, tornei-me o arquiteto e o mestre. Minha força física aumentava ano a ano,

e como acontece com todos os vampiros, e, bebendo avidamente de minhas

vítimas, pois esse era o único prazer com o qual eu podia sonhar, alimentei meus poderes vampíricos.

Feitiços eu podia criar em torno daqueles que eu matava, e, selecionando os bonitos, os promissores, os mais audaciosos e esplêndidos para meu banquete, eu todavia

passava para eles visões fantásticas para embotar-lhes o medo do sofrimento.

Eu estava louco. Sendo-me negados os lugares de luz, o conforto de entrar na menor das igrejas, perfeitamente comprometido com os Costumes Negros, vaguei como

uma

alma penada desinteressante pelos becos mais escuros de Paris, transformando em barulho sua poesia e sua música mais nobres com a cera

da piedade e do fanatismo com a qual eu tapava os ouvidos, cego à sublime majestade de suas catedrais e seus palácios.

A assembléia tomava todo o meu amor, com discussões no escuro sobre qual a melhor maneira de sermos santos de Satã, ou se deveríamos oferecer nosso pacto demoníaco

a um lindo e ousado envenenador e torná-lo um de nós.

Mas às vezes eu passava de um estado de loucura aceitável a outro do qual só eu conhecia os perigos. Em minha cela de barro, nas catacumbas secretas por baixo do

grande cemitério Les Innocents em Paris onde estabelecemos nosso covil, todas as noites eu tinha um sonho estranho e insignificante: O que acontecera com aquele

pequeno tesouro que minha mãe mortal me dera? O que acontecera com aquele estranho objeto de Podil que ela tirara do canto do ícone e me pusera nas mãos, aquele

ovo pintado, aquele ovo pintado de carmim com a estrela tão bem-feita? Agora, onde poderia estar? O que lhe acontecera? Eu não o deixara, bem enrolado em peles,

dentro de um caixão dourado onde eu morava?, ah, terá isso tudo acontecido mesmo?, essa vida da qual eu pensava me lembrar numa cidade de reluzentes palácios revestidos

de pedra branca e canais brilhantes e um grande mar manso e cinzento cheio de navios rápidos e graciosos,

manejaando seus compridos remos perfeitamente em unísono

como se fossem coisas vivas, aqueles navios lindamente pintados, tantas vezes engalanados com flores, e com as velas mais brancas, ah, isso não poderia ter sido

real, e pensar, uma câmara dourada com um caixão dourado, e esse tesouro especial, essa coisa frágil e encantadora, esse ovo pintado, esse ovo delicado e perfeito,

cujá cobertura pintada encerrava com uma perfeição absoluta uma mistura misteriosa de fluidos vivos - ah, que idéias estranhas. Mas o que acontecera com ele? Quem

o encontrara?

Alguém encontrou.

Ou isso ou ele continuava lá, escondido nos subterrâneos de um palazzo naquela cidade flutuante, escondido numa masmorra à prova d'água construída no subsolo encharcado

por baixo das águas da laguna. Não, nunca. Nem uma coisa nem outra. Não pense nisso. Não pense em mãos profanas pegando aquilo. E você sabe, seu mentirosozinho traíçoeiro,

você jamais voltou para um lugar assim como a cidade baixa com a água gelada nas ruas, onde seu pai, certamente uma gura mítica e absurda, bebia vinho de suas mãos

e perdoou-lhe por ir tornar-se um pássaro alado negro e forte, um pássaro da noite voando mais alto até do que as cúpulas da cidade de Vladimir, como se alguém tivesse

quebrado aquele ovo, aquele ovo meticulosa e maravilhosamente pintado que sua mãe lhe dera com tanto carinho, furado aquele ovo com um dedo perverso, e daquele fluido

podre, aquele fluido fétido, você nasceu, o pássaro noturno, sobrevoando as chaminés fumarentas de Podi I, os domos da cidade de Vladimir, cada vez mais alto, distanciando-se

cada vez mais, sobrevoando as terras selvagens e o mundo

e entrando nessa floresta escura, essa floresta profunda, escura e sem fim da qual você jamais escapará, essa selva fria e sem conforto do lobo faminto e do rato

voraz, do verme que rasteja e da vítima que grita.

Allesandra vinha.

- Acorde Armand. Acorde. Você está tendo os pesadelos que precedem a loucura, não pode me deixar, meu filho, não pode, tenho mais medo da morte do que disso e não

quero ficar sozinha, você não pode entrar no fogo, não pode ir e me deixar aqui.

Não. Eu não podia. Eu não tinha a paixão para um passo desses. Não tinha esperança para coisa alguma, embora há décadas não recebesse qualquer notícia da Assembléia

de Roma.

Mas chegaram ao fim meus longos séculos a serviço de Satã.

Vestida de veludo vermelho, a criatura chegou, aquela mesma capa de que tanto gostava meu antigo Mestre, o rei

de sonho, Marius. Chegou com afetação e ares superiores pelas ruas iluminadas de Paris como se Deus a houvesse criado.

Mas era um vampiro criança, como eu, filho do século XVIII, conforme se contava que fosse a data, um bebedor de sangue esfuziante, atrevido, cheio de si, risonho

e provocante na pele de um jovem, vindo para apagar o que ainda restasse do fogo sagrado ardendo no tecido cicatrizado de minha alma e espalhar as cinzas.

Era o vampiro Lestat. Não era culpa dele. Tivesse um de nós conseguido derrubá-lo uma noite, dilacerá-lo com sua própria espada extravagante e incendiá-lo, talvez

tivéssemos mais algumas décadas de nossas miseráveis desilusões.

Mas ninguém conseguiu. O desgraçado era forte demais para nós.

Criado por um renegado poderoso e antigo, o lendário vampiro chamado Magnus, este Lestat, com a idade de vinte anos mortais, um aristocrata provinciano errante e

sem níquel das terras selvagens da Auvergne, que abandonara costumes e respeitabilidade e qualquer esperança de ambições relacionadas à corte, ambições que de qualquer

forma ele não tinha, já que não sabia ler nem escrever, e era demasiado irreverente para servir a qualquer rei ou rainha, que virou uma celebridade loura e dissoluta

do teatro baixo dos bulevares, um amante de homens e mulheres, uma espécie de gênio alegre; otimista, narcisista e cego de ambição, esse Lestat, esse Lestat de olhos

azuis e infinitamente seguro, foi orfanado na própria noite de sua criação pelo monstro antigo que o criou, recebeu uma herança numa sala secreta de uma torre medieval

em ruínas, e depois entrou no conforto eterno das chamas devoradoras.

Esse Lestat, sem nada saber sobre Assembléias Antigas e os Costumes Antigos, sobre bandidos encardidos que viviam em subterrâneos de cemitérios e achavam-se no direito

de rotulá-lo de herege, individualista e bastardo do

Sangue Negro, pavoneava-se pela Paris da moda, isolado e atormentado por seus dons sobrenaturais mas, no entanto, satisfeitíssimo com seus novos poderes, dançando

nas Tuileries com as mulheres mais magnificamente vestidas, deleitando-se nas maravilhas do balé e do teatro da alta roda e rondando não só os Lugares de Luz, como

chamávamos, mas perambulando pesaroso pela própria Notre Dame de Paris, bem em frente ao Grande Altar, sem que o raio de Deus o fulminasse onde ele estava.

Ele nos destruiu. Ele me destruiu.

xxx

Allesandra, então louca como a maioria dos antigos estavam naquela época, teve uma alegre discussão com ele depois que o prendi obedientemente e o arrastei para

nossa corte subterrânea para ser julgado, após o que ela também entrou nas chamas, deixando-me com o absurdo óbvio: de que Nossos Costumes haviam acabado, nossas

superstições eram obviamente ridículas, nossos hábitos negros e empoeirados, também, nossa penitência e nossos sacrifícios eram despropositados, nossas convicções

de que servíamos a Deus e ao Diabo eram hipócritas, ingênuas e idiotas, nossa organização era tão grotesca para o mundo parisiense alegre e ateu da Idade da Razão

como meu amado Marius veneziano deveria ter achado há séculos.

Lestat era o destruidor, o risonho, o pirata, que, sem reverenciar qualquer coisa ou qualquer pessoa, logo deixou a Europa para encontrar seu próprio território

seguro e agradável na colônia de Nova Orleans no Novo Mundo.

Ele não tinha nenhuma filosofia reconfortante para mim, o diácono com cara de criança que saíra da prisão mais atroz inteiramente descrente para vestir as roupas

elegantes da época e caminhar de novo pelas ruas nobres como eu caminhara há trezentos anos em Veneza.

E meus seguidores, aqueles poucos que não consegui dominar e entregar implacavelmente às chamas, quão confusamente se atrapalhavam com aquela nova liberdade - livres

para roubar o ouro dos bolsos de suas vítimas e vestir suas sedas e suas perucas empoadas, e sentar-se maravilhados diante das glórias do palco pintado, da harmonia

resplandecente de cem violinos, das momices de atores poetas.

Qual seria nosso destino, enquanto circulávamos deslumbrados à noite por bulevares apinhados, casas elegantes e salões de baile suntuosamente decorados?

Em alcovas forradas de cetim, alimentávamo-nos, e apoiados nas almofadas de damasco de carruagens douradas. Comprávamos belos caixões para nós, extravagantemente

entalhados e acolchoados de veludo, e encerrávamo-nos durante a noite em porões revestidos de mogno dourado.

O que teria acontecido conosco, dispersos, meus filhos com medo de mim, e eu sem saber ao certo quando ojanotismo e o frenesi da Cidade Luz francesa poderiam induzi-los

a cabriolas imprudentes e destrutivas.

Foi Lestat que me deu a chave, que me deu o local em que eu podia instalar meu coração enlouquecido e palpitante,

onde eu podia reunir meus seguidores para algo que se assemelhasse a uma sanidade contemporânea. Antes de me deixar atolado nas sobras de meus hábitos antigos,

ele me legou o próprio teatro de bulevar em que ele havia sido o jovem cisne da Commedia dell Arte. Todos os atores humanos haviam desaparecido. Restava apenas a

elegante e convidativa casca, com seu palco de panos de fundo alegremente pintados e o arco dourado do proscênio, as cortinas de veludo e os bancos vazios à espera



de uma nova platéia estrepitosa. Ali encontramos nosso refúgio mais seguro, ávidos para nos esconder atrás da máscara de maquiagem e glamour que disfarçava impecavelmente

nossa lustrosa pele branca e nossa graça e destreza fantásticas. Atores nos tornamos, uma companhia regular de imortais unidos para representar alegremente

pantomimas decadentes para platéias mortais que jamais suspeitaram que nós os mascarados de cara branca fôssemos mais monstruosos que qualquer monstro representado

por nós em nossas pequenas farsas e tragédias. Nascera o Théâtre des vampires. E, a casca sem valor que eu era, vestido como um humano com menos

direito a esse título do que nunca em todos os meus anos de fracasso, tornei-me seu mentor. Era o mínimo que eu poderia fazer para meus órfãos da Antiga

Fé, levianos e felizes como estavam num mundo espalhafatoso e ímpio à beira de uma revolução política. Por que governei esse teatro palladiano por

tanto tempo? Por que permaneci

ano após ano com essa espécie de assembléia? Não sei, só sei que precisava

daquilo precisava daquilo

com tanta certeza como jamais precisei de Marius e

de nossa casa em Veneza, ou de Allesandra e da assembléia nos subterrâneos do cemitério

Les Innocents. Eu precisava de um local para voltar antes do amanhecer onde eu soubesse que outros de minha espécie descansavam em segurança. E posso dizer

sem faltar com a verdade que meus seguidores vampiros precisavam de mim. Eles precisavam acreditar em minha liderança, e, quando aconteceu o pior, não os

deixei na mão, exercendo algum controle sobre aqueles imortais descuidados que de vez em quando nos punham em perigo com exhibições de

poder sobrenatural ou de extrema crueldade, e administrando nossos negócios com o mundo com a habilidade aritmética de um sábio idiota. Impostos, bilhetes,

contas, óleo para calefação, lâmpadas do proscênio, a promoção de fabulistas cruéis, eu administrava tudo.

E, de vez em quando, isso me dava um orgulho e um prazer requintados. Com as estações, crescemos, assim como cresceram nossas platéias, bancos

toscas dando lugar a poltronas de veludo, e pantomimas baratas, a produções mais poéticas.

Muitas noites, enquanto eu me sentava sozinho em meu camarote guarnecido com cortinas de veludo, um cavalheiro de óbvias posses vestido com as calças estreitas da

época, colete cintado de seda estampada e sobrecasaca justa de lã vistosa, o cabelo penteado para trás por baixo de uma fita preta ou W almente cortado acima do colarinho

branco alto e duro, eu pensava naqueles séculos perdidos de rituais repugnantes e sonhos demoníacos como se pode lembrar de uma longa e dolorosa doença num quarto

escuro em meio a remédios amargos e encantamentos sem propósito. Não poderia ter sido real, isso tudo, a peste andrajosa de indigentes predadores que éramos, cantando

Satã na escuridão coberta de geada.

E todas as vidas que vivi e todos os mundos que conheci pareciam até menos substanciais.

O que havia por baixo de meus babados extravagantes, por trás de meus olhos calmos que não faziam perguntas? Quem era eu? Não me lembrava de uma chama mais quente

do que aquela que prateava o sorriso pálido que eu concedia aos que me pediam para sorrir. Eu não lembrava de ninguém que tivesse vivido e respirado algum dia dentro

de meu corpo que se movia silenciosamente. Um crucifixo com sangue pintado, uma Virgem doce na página de um livro de oração ou feita de biscuit pintado em tom pastel,

o que eram essas coisas senão vestígios vulgares de um tempo duro e insondável em que poderes ora descartados flutuavam no cálice de ouro, ou brilhavam assustadoramente

dentro de um rosto sobre um altar aceso.

Eu não sabia nada dessas coisas. Os crucifixos arrancados de pescoços de virgens eram derretidos para fazer meus anéis de ouro. E rosários eram descartados com outros

brilhantes falsos enquanto dedos de ladrão, os meus, arrancavam os botões de diamante de uma vítima.

Desenvolvi-me nessas oito décadas do Théâtre des vampires-agüentamos a Revolução com espantosa resiliência, o público clamando por nossas diversões aparentemente

frívolas e mórbidas-e conservei, muito depois do desaparecimento do teatro, até o final do século XX, uma natureza calada, discreta, deixando minha cara de criança

enganar meus adversários, meus futuros inimigos (eu raramente os levava a sério) e meus escravos vampiros.

Eu era o pior dos líderes, isto é, o líder frio e indiferente que infunde medo no coração de todos salvo dos irmãos para não amar ninguém, e conservei o Théâtre

des vampires, como o chamávamos até a década de 1 870, quando o filho de Lestat, Louis, apareceu lá, procurando as respostas que seu criador insolente

e pretensioso nunca lhe dera para as perguntas antigas: De onde nós vampiros viemos? Quem nos criou e para quê?

Ah, mas antes que eu conte a vinda do famoso e irresistível vampiro Louis, e sua pequena amante requintada, a vampira Claudia, deixe-me relatar um pequeno incidente

que aconteceu comigo no início do século XIX.

Pode não significar nada; ou pode ser a traição da existência secreta de algum outro. Não sei. Só relato isso porque toca fantasiosamente, se não com certeza, alguém

que representa um papel dramático em minha história.

Não posso precisar o ano desse pequeno acontecimento. Deixe-me dizer apenas que a encantadora e sonhadora música de Chopin para piano era apreciadíssima em Paris,

que os romances de George Sand eram a coqueluche do momento e que as mulheres já haviam abandonado as roupas leves e lascivas do Império para usar aqueles vestidos

de tafetá de cintura apertada, pesados e rodados com os quais aparecem tantas vezes em velhos daguerreótipos brilhantes.

O teatro estava explodindo como diriam em linguagem moderna, e eu, o empresário, cansado de suas representações, passeava sozinho uma noite no bosque na periferia

de Paris, perto de uma casa de campo cheia de vozes alegres e candelabros acesos.

Foi lá que encontrei outra vampira.

Reconheci-a imediatamente por seu silêncio, pela ausência de cheiro e a graça quase divina com a qual ela passou pela mata, segurando uma capa esvoaçante e uma saia

farta com mãos frias e pálidas, tendo como objetivo as janelas convidativas e feericamente iluminadas ali perto.

Ela percebeu minha presença quase tão depressa quanto senti a dela; coisa bastante alarmante para mim na minha idade e com os meus poderes. Ela ficou imóvel sem

virar a cabeça.

Embora os devassos vampiros atores do teatro conservassem o direito de eliminar os individualistas ou os intrusos entre os Não Mortos, eu, o líder, após passar anos como um santo iludido, não ligava a mínima para essas coisas.

Não desejei nenhum mal à criatura, e, displicentemente, lancei um alerta, falando em francês, num tom descontraído e suave.

- Território devastado, minha cara. Aqui não há caça que não chame atenção. Vá para uma cidade mais segura antes do nascer do sol.

Nenhum ouvido humano poderia ter escutado isso.

A criatura não respondeu, o capuz de tafetá escorregando quando ela abaixou ostensivamente a cabeça. Depois, virando-se, mostrou-se a mim nas longas réstias de luz dourada que vinham das vidraças da casa.

Eu conhecia essa criatura. Conhecia seu rosto. Eu conhecia.

E num segundo terrível-um segundo fatídico-percebi que ela talvez me conhecesse, não com esse cabelo aparado a cada noite para essas épocas, não

com essas calças escuras e esse paletó sem graça, não nesse trágico momento em que eu posava de homem, tão absolutamente diferente da criança exuberantemente enfeitada

que ela conhecera, ela não podia.

Por que eu não gritava? Bianca!

Mas eu não podia entender, não podia acreditar nisso, não podia animar meu coração embotado para exultar com aquilo que meus olhos me diziam ser verdade, que aquele

rosto deslumbrante emoldurado pelo cabelo dourado e pelo capuz de tafetá era dela, definitivamente, composto exatamente como poderia estar nessa época, e era ela,

ela cujo rosto fora gravado em minha alma febril antes e depois de eu ter recebido o Dom Negro.

Bianca. Ela se fora! Durante uma fração de segundo vi seus olhos arregalados e preocupados, cheios de alarme vampírico, mais ameaçadores que qualquer humano jamais

poderia evidenciar, e aí a figura desapareceu, sumiu do bosque, desapareceu das imediações, de todos os grandes jardins irregulares que vasculhei, indolentemente,

sacudindo a cabeça, resmungando com meus botões, dizendo: Não, não pode ser, não, claro que não. Não.

Nunca mais tornei a vê-la.

Até esse minuto não sei se essa criatura era Bianca ou não. Mas agora acredito em minha alma, enquanto estou ditando essa história, acredito numa alma que está curada

e para quem a esperança não é estranha, era Bianca! Posso visualizá-la perfeitamente quando ela se virou para mim naquele bosque, e nessa imagem está um último detalhe

que me confirma isso-porque nessa noite fora de Paris, ela usava pérolas trançadas com o cabelo. Ah, como Bianca gostava de pérolas, e como gostava de trançá-las

com o cabelo. E eu vira essas pérolas no clarão da casa, embaixo da sombra de seu capuz, fios de perolazinhas trançadas com seu cabelo louro, e dentro dessa moldura

estava a beleza florentina que nunca poderei esquecer-tão delicada em sua brancura vampírica como quando colorida com as tintas de Fra Filippo Lippi.

Aquilo não me fez mal na ocasião. Não me abalou. Eu estava muito fraco de alma, muito anestesiado, muito acostumado a vertido como fantasia numa série de sonhos desligados. Muito provavelmente, eu não poderia me permitir acreditar numa coisa dessas.

Só agora rogo que seja ela, minha Bianca, e que alguém, e você pode muito bem adivinhar quem seja esse alguém, me dizer se era ou não minha querida cortesã.

Teria algum membro da odiosa e assassina Assembléia de Roma, caçando-a na noite de Veneza, ficado encantado por ela e abandonado seus Hábitos Negros, fazendo dela

sua amante para sempre? Ou teria o Mestre, sobrevivendo àquele

incêndio medonho, como sabemos que sobreviveu, procurado Bianca pelo sangue fortalecedore atrazido para a imortal idade para assisti-lo na recuperação?

Não consigo fazer essa pergunta a Marius. Talvez você consiga. E talvez eu prefira esperar que tivesse sido ela, e não dar ouvidos a negativas que diminuam essa

probabilidade.



Eu precisava lhe dizer isso. Precisava lhe dizer. Acho que era Bianca. Deixe-me voltar agora à Paris da década de 1870 - algumas décadas depois - ao instante em que

o jovem vampiro do Novo Mundo, Louis, me procurou, buscando tão tristemente as respostas para as terríveis perguntas de por que estamos aqui e para quê.

Que tristeza para Louis que ele me fizesse essas perguntas. Que tristeza para mim.

Quem poderia zombar mais friamente do que eu da idéia toda de uma estrutura redentora para as criaturas da noite que, já tendo sido humanas, jamais poderiam ser absolvidas

de fratricídio, de seu banquete com sangue humano? Eu conhecera o fascinante e inteligente humanismo da Renascença, o triste recrudescimento do ascetismo na Assembléia

de Roma e o lúgubre ceticismo da era romântica.

O que tinha eu para contar a esse vampiro de rosto doce, Louis, essa criação humaníssima do mais forte e mais afoito Lestat, senão que, no mundo, Louis encontraria

beleza suficiente para sustentá-lo, e que precisava encontrar em si mesmo coragem para existir, se realmente tivesse optado por continuar vivendo, sem olhar para

imagens de Deus ou do Diabo para lhe dar uma paz artificial ou efêmera.

Nunca comparti com Louis minha triste história; confessei-lhe, todavia, o segredo terrível e angustiante de que no ano de 1870, já existindo há cerca de quatrocentos

anos entre os Não Mortos, eu não conhecia nenhum bebedor de sangue mais velho que eu.

A própria confissão me trouxe uma sensação esmagadora de solidão, e quanto olhei para o rosto torturado de Louis, quando segui seu vulto delicado caminhando pela

confusa Paris do século XIX, vi que esse cavalheiro de cabelos escuros vestido de preto, tão magro, tão bem-feito, tão sensível em todos os seus traços, era a encarnação

sedutora da infelicidade que eu sentia.

Ele chorava pela desgraça de uma vida humana. Eu chorava pela desgraça de séculos. Receptivo aos estilos da época que o forjara - dera-lhe a vistosa sobrecasaca

e o fino colete de seda branca, o colarinho clerical eja bô de linho imaculado -, apaixonei-me perdidamente por ele, e, deixando o Théâtre des vampires em ruínas

(ele o incendiou num ataque de fúria por um ótimo motivo), vaguei pelo mundo com ele até recentemente nessa idade moderna.

O tempo acabou destruindo o amor que sentíamos um pelo outro. O tempo murchou nossa intimidade gentil. O tempo devorou todas as conversas ou prazeres que partilhávamos.

Outro terrível ingrediente inescapável e inesquecível entrou em nossa destruição. Ah, não quero falar sobre ele, mas quem de nós vai me deixar calar sobre Claudia,

a vampira criança que todos me acusam o tempo todo de ter destruído?

Claudia. Quem entre nós hoje, para quem dito essa narrativa, quem entre o público que lê essas histórias como ficção palatável não tem em mente uma vibrante imagem

dela, a vampira criança de cachos dourados criada por Louis e Lestat numa noite devassa e leviana em Nova Orleans, a criança vampiro cuja mente e cuja alma ficaram

tão imensas como a de uma mulher imortal enquanto seu corpo permaneceu o de uma preciosa e perfeita bonequinha francesa de biscuit.

Registre-se que ela foi assassinada por minha assembléia de alucinados atores demônios, pois, quando apareceu no Théâtre des lampires com Louis como seu protetor

pesaroso e corroído pela culpa, ficou evidente para muitos que ela tentara assassinar seu principal Criador, o vampiro Lestat. Era um crime punível com a morte,

o assassinato ou a tentativa de assassinato do criador de alguém, mas ela se colocou entre os condenados no momento em que se tornou conhecida da Assembléia de Paris,

pois ela era uma coisa proibida, uma criança imortal, muito pequena, muito frágil apesar de todo o seu charme e esperteza para sobreviver sozinha. Ah, pobre criatura

blasfema e formosa. Sua voz suave e monocórdia, saindo de lábios miúdos e sempre beijáveis, há de me perseguir eternamente.

Mas não provoquei sua execução. Ela teve uma morte mais medonha do que qualquer pessoajamais imaginou, e agora não tenho forças para contar a história. Deixe-me

dizer apenas que antes de ela ser jogada num poço de ventilação revestido de tijolos para aguardar a sentença de morte do deus Febo, tentei conceder-lhe seu maior

desejo. O de que ela tivesse corpo de mulher, uma forma de acordo com a dimensão trágica de sua alma.

Bem, em minha alquimia estabanada, cortando cabeças e me atrapalhando na hora de transplantá-las, falhei. Uma noite dessas em que eu esteja embriagado com o sangue

de muitas vítimas, e mais acostumado a confessar do que agora, contarei isso, minhas operações grosseiras e sinistras, conduzidas com teimosia de bruxo e estabanamento

de criança, e descreverei com detalhes lúgubres e grotescos a catástrofe que surgia a se contorcer e se debater debaixo de meu bisturi e de minha agulha e minha

linha cirúrgicas.

Deixe-me dizer aqui, ela voltará a ser ela mesma, terrivelmente ferida, um arremedo remendado da criança angelical que ela era antes de minhas tentativas,

quando foi trancada naquela manhã brutal para encontrar a morte com uma mente limpa. O fogo do Paraíso destruiu a terrível evidência não cicatrizada de minha cirurgia

satânica transformando-a em monumento de cinza. Não sobrou nenhuma evidência de suas últimas horas na câmara de tortura de meu laboratório improvisado. Ninguém jamais

precisaria saber do que estou dizendo.

Durante muitos anos, ela me perseguiu. Eu não conseguia tirar da cabeça a imagem vacilante de sua cabeça infantil com aqueles cachos caídos presa canhestramente

com linha preta ao corpo cambaleante de uma vampira cuja cabeça descartada eu jogara no fogo.

Ah, que grande desastre foi isso, a mulher mostra com cabeça de menina sem conseguir falar, dançando numa roda frenética, o sangue jorrando da boca trêmula, os

olhos revirados, braços batendo qual ossos quebrados de asas invisíveis.

Era uma verdade que prometi esconder para sempre de Louis de Pointe du Lac e de todos que me interrogassem. Melhor deixá-los pensar que eu a condenara sem tentar

garantir sua fuga dos vampiros do teatro bem como do miserável dilema de sua forma angelical sedutora e miúda, com pele aveludada e desprovida de busto.

Ela não estava preparada para ser libertada após o fracasso de meu trabalho de açougueiro; era uma prisioneira sujeita à crueldade da tortura que só consegue sorrir triste

e sonhadoramente ao ser levada, dilacerada e miserável, ao derradeiro horror da fogueira. Era uma paciente perdida, no fétido e anti-séptico cubículo mortal de um

hospital moderno, finalmente libertada das mãos de médicos jovens e excessivamente zelosos, para abandonar o fantasma sozinho num travesseiro branco.

Basta. Não quero reviver isso. Não vou reviver.

Eu nunca a amei. Não sabia como.

Eu executava meus planos com desprendimento glacial e pragmatismo fanático. Condenada e, portanto, não sendo nada para ninguém, ela era um espécime perfeito para

o meu capricho. Esse era o horror disso tudo, o horror secreto que eclipsava qualquer fé que eu pudesse ter alegado depois na coragem ruidosa de minhas experiências.

E assim o segredo permaneceu comigo, com Armand, que testemunhara séculos de crueldades refinadas e indescritíveis, uma história inadequada aos ouvidos tenros de

um Louis desesperado, que jamais poderia ter produzido essas descrições da degradação ou do sofrimento dela, e que, no íntimo, não sobreviveu verdadeiramente à

morte dela, uma morte cruel.

Quanto aos outros, meu rebanho idiota e cínico, que tão lascivamente ficava atrás de minha porta escutando os gritos, que talvez tenham adivinhado a extensão de

minha magia fracassada, esses vampiros foram mortos pela mão de Louis.

Na verdade, o teatro inteiro pagou pela dor e pela fúria dele, e talvez merecidamente.

Não posso julgar.

Eu não amava aqueles mascarados franceses decadentes e cínicos. Os que eu amava, e os que eu poderia amar, estavam, à exceção de Louis de Pointe du Lac, absolutamente

fora de meu alcance.

Eu precisava ter Louis, era essa a minha injunção. Eu não conhecia outra. Portanto, não interferei quando Louis incendiou a assembléia e o infame teatro, arriscando

a própria vida, atacando com fogo e foice exatamente no amanhecer.

Por que ele foi embora comigo depois?

Por que não abominou quem ele responsabilizou pela morte de Claudia? "Você era o líder deles; poderia tê-los detido." Ele me disse essas palavras. Por que passamos

tantos anos vagando juntos, entrando, como fantasmas

elegantes com nossas roupas de morto rendadas e de veludo, na era moderna da luz elétrica e dos ruídos eletrônicos?

Ele ficou comigo porque precisava. Para ele, era a única forma de continuar existindo, e, para a morte, ele jamais tivera coragem, e nunca terá.

Então ele resistiu após a perda de Claudia, assim como eu resistira aos séculos das masmorras e aos anos dos espetáculos de teatro barato, mas acabou aprendendo

a ficar só.

Louis, meu companheiro, secou por livre e espontânea vontade, como uma linda rosa desidratada habilmente com areia para conservar as proporções, não, para conservar

até o perfume e a cor. Apesar de todo o sangue que bebeu, ele próprio secou, ficou sem coração, um estranho para si mesmo e para mim.

Compreendendo muito bem os limites de meu espírito deformado, ele me esqueceu antes de me dispensar, mas eu também aprendera com ele.

Durante um breve período, assombrado e confuso com o mundo, eu também prossegui sozinho - talvez pela primeira vez sozinho de verdade.

Mas quanto tempo qualquer um de nós resiste sem outra criatura? Em meus momentos mais negros tive a velha freira dos Hábitos Antigos, Allesandra, ou pelo menos a tagarelice dos que me achavam um santinho.

Por que, nesta última década do século XX, procuramos uns aos outros nem que seja esporadicamente para ouvir uma palavra e trocar idéias? Por que estamos aqui reunidos

neste convento velho e empoeirado com tantas salas de paredes de tijolos para chorar pelo vampiro Lestat? Por que os muito antigos entre nós vêm aqui ver a prova

de sua derrota mais recente e mais apavorante?

Não suportamos ficar sozinhos. Não agüentamos, assim como os monges de antigamente não agüentavam, homens que, mesmo tendo renunciado a tudo por Cristo, juntavam-se

em congregações para estar uns com os outros, mesmo

quando se impunham as duras regras das celas solitárias e do silêncio total. Eles não suportavam ficar sozinhos.

Somos muito homens e mulheres; somos, porém, formados à imagem do Criador, e o que podemos dizer dele com alguma certeza senão que, seja Ele quem for - Cristo, Javé,



Alá -, Ele nos criou, não? Porque nem Ele em Sua infinita perfeição suportou ficar sozinho.

Com o tempo, concebi naturalmente outro amor, um amor por um garoto mortal, Daniel, a quem Louis contara nossa história, publicada com o título ridículo de Entrevista

com o vampiro, e que eu depois transformei em vampiro pelas mesmas razões que Marius me transformara há tanto tempo: o garoto, que fora meu fiel companheiro mortal,

e só de vez em quando um estorvo intolerável, ia morrer.

Em si, a criação de Daniel não é nenhum mistério. A solidão sempre nos forçará a fazer essas coisas. Mas eu acreditava piamente que aqueles que criamos sempre nos

desprezarão por isso. Não posso afirmar que nunca tenha desprezado Marius, tanto por ter me criado quanto por nunca ter voltado para mim para me garantir que havia

sobrevivido ao horrível incêndio provocado pela Assembléia de Roma. Eu preferira procurar Louis a criar outros. E, tendo criado Daniel, vi afinal em pouco tempo

realizar-se o que eu temia.

Daniel, embora vivo e errante, embora cortês e gentil, já não suporta minha companhia como já não suporto a dele. Equipado com meu sangue poderoso, ele pode brigar

com qualquer um que caia na tolice de interromper seus planos para uma noite, um mês ou um ano, mas não pode brigar com minha companhia constante, nem eu com a dele.

Transformei Daniel de romântico mórbido em verdadeiro matador; tornei real nas células naturais de seu sangue o horror que ele tanto imaginava entender no meu. Empurrei

seu rosto na carne do primeiro jovem inocente que ele precisou matar por causa de sua sede inevitável, e assim caí do pedestal no qual ele me colocara em sua cabeça

mortal sempre exuberante, excessivamente imaginativa e febrilmente poética.

Mas eu tinha outros em volta de mim quando perdi Daniel, ou antes, quando ganhei Daniel como cria, perdi-o como amante mortal e aos poucos comecei a soltá-lo.

Eu tinha outros porque, por razões que não posso explicar a mim mesmo nem a ninguém, criara mais outra assembléia - outra sucessora da Assembléia de Paris de Les

Innocents, e do Théâtre des vampires, e esta era um esconderijo moderno e metido a besta para os mais antigos, os mais cultos, os mais resistentes de nossa espécie.

Era uma colméia de quartos luxuosos escondida no prédio que mais coisas oculta - um hotel resort e um palácio de compras moderno numa ilha, ao lado de Miami, Flórida,

uma ilha onde as luzes nunca se apagavam e a

música nunca parava de tocar, uma ilha onde homens e mulheres chegavam aos milhares vindos do continente em barquinhos para olhar as butikues caras, ou fazer amor

em decadentes, suntuosas e sempre elegantes suítes e quartos de hotel.

"A Ilha da Noite", essa foi criação minha, com seu próprio heliporto e sua própria marina, seus cassinos clandestinos, seus ginásios revestidos de espelhos e piscinas

superaquecidas, suas fontes de cristal, suas escadas rolantes prateadas, seu empório de fascinantes objetos de consumo, seus bares, tabernas, saguões e teatros onde

eu mesmo, vestido com elegantes paletós de veludo, calças jeans apertadas e pesados óculos escuros, cabelo aparado todas as noites (pois diariamente ele cresce até

o comprimento da Renascença), podia vagar anonimamente e em paz, f(utuando nos murmúrios suaves e acariciantes dos mortais à minha volta, procurando quando a sede

determinava aquele indivíduo que realmente me desejava, ou aquele indivíduo que, por motivos de saúde, pobreza ou sanidade, desejava ser tomado nos braços hesitantes

e jamais opressivos da morte e ser sugado até se ver despojado de todo o sangue e de toda a vida.

Eu não ficava com fome. Largava minhas vítimas nas águas profundas, limpas e quentes do Caribe. Abria as portas para qualquer Não Morto que limpasse as botas antes

de entrar. Parecia que os velhos tempos de Veneza, com o palazzo de Bianca aberto a todas as damas e todos os cavalheiros, de fato, a todos os artistas, poetas,

sonhadores e intrigantes que ousassem se apresentar, tinham voltado.

Bem, não tinham voltado.

Não precisava de nenhum punhado de vagabundos vestidos de preto para dispersar a Assembléia da Ilha da Noite. Na verdade, aqueles que se escondiam ali por uma curta

temporada simplesmente iam embora sozinhos. Vampiros não querem muito a companhia de outros vampiros. Eles querem o amor de outros imortais, sim, sempre, e precisam

desse amor, e precisam dos laços profundos de lealdade que inevitavelmente crescem entre aqueles que se recusam a ficar inimigos. Mas não querem a companhia.

E meus esplêndidos salões de vidro da Ilha da Noite logo ficaram vazios, e eu mesmo já começara há muito tempo a passar semanas, e até meses, vagando sozinho.

Continua lá, a Ilha da Noite. Continua lá, e de vez em quando volto lá, sim, e encontro um mortal solitário que acabou de se registrar, como dizemos nos tempos modernos,

para ver como as coisas vão indo com o resto de nós, ou com algum outro que lá esteja de visita. A grande empresa, vendi-a por uma fortuna mortal - mas ainda sou

proprietário da mansão de quatro andares (um clube privado chamado Il Villagio), com suas criptas subterrâneas às quais todos de

nossa espécie são bem-vindos. Todos de nossa espécie.

Não há muitos. Mas deixe-me contar-lhe quem eram eles. Deixe-me contar- lhe agora quem sobreviveu aos séculos, quem reapareceu após centenas de anos de ausência

misteriosa, quem se apresentou para ser contado no censo não escrito ®, dos Mortos-Vivos modernos. Lá está Lestat,

em primeiro lugar, o autor de quatro livros

sobre sua vida e suas aventuras compreendendo tudo o que  
álguem dia você possa querer saber sobre ele e sobre nós.

Lestat, sempre o individualista e o alegre

vigarista. Um metro e oitenta e dois de altura, um jovem de  
vinte anos incompletos, de olhos azuis enormes e quentes e  
vasta cabeleira loura, queixo quadrado,

a boca generosa e bem desenhada e a pele bronzeada após  
uma estada no sol que teria matado um vampiro mais fraco,  
um galanteador, uma fantasia oscarwildeana, o espelho

da moda, às vezes o vagabundo mais audacioso, sem  
interesse e sem consideração, solitário, nômade, destruidor  
de corações e sabichão, cognominado "Príncipe Moleque"

por meu velho Mestre-é, imagine só, meu Marius, é, meu °`  
Marius, que realmente sobreviveu aos archotes da  
Assembléia de Roma - , cognominado por

Marius o "Príncipe Moleque" embora da corte de quem e  
pelo Direito Divino e o Sangue Real de quem, eu gostaria de  
saber. Lestat, alimentado ; com o sangue

dos mais antigos de nossa espécie, na verdade o próprio  
sangue da ," Eva de nossa espécie, sobrevivendo de cinco a  
sete mil anos ao Éden dela, um perfeito

horror que, emergindo do enganador título poético de  
Rainha Akasha dAqueles Que Deviam Ser Guardados, quase  
destruiu o mundo. Lestat, não um mau amigo para se ter,

e alguém por quem eu daria minha vida imortal, alguém  
cujo amor e companheirismo já supliquei tanto, alguém que  
acho enlouquecedor e fascinante e intoleravelmente

irritante, alguém sem quem eu não posso existir. Chega de falar dele. Louis de Pointe du Lac, já descrito anteriormente mas sempre engraçado de analisar: esguio,

ligeiramente mais baixo que Lestat, seu criador, cabelos pretos, pele branca e macilenta, com dedos incrivelmente longos e delicados, e pés absolutamente silenciosos.

Louis, cujos olhos verdes são emotivos, o próprio espelho do sofrimento paciente, voz macia, muito humano, fraco, com apenas duzentos anos de existência, incapaz

de ler mentes ou de levitar ou de enfeitiçar outros senão inadvertidamente, o que pode ser hilariante, um imortal por quem os mortais se apaixonam. Louis, um assassino

que mata indiscriminadamente, porque não consegue saciar sua sede sem matar, embora seja fraco demais para correr o risco de que a vítima morra em seus braços, e

por não ter orgulho nem vaidade que o levem a uma hierarquia de vítimas planejadas, e, portanto, toma aquelas que cruzarem seu caminho, independentemente de idade,

dotes físicos = 5 ou bênçãos com as quais a natureza ou o destino as tenha aquinhoadas. Louis, um vampiro mortífero e romântico, o tipo de criatura romântica

que fica pelos cantos

escuras da Ópera para escutar a Rainha da Noite de Mozart cantar sua canção penetrante e irresistível.

Louis, que nunca desapareceu, que sempre foi conhecido dos outros, que é fácil de seguir e difícil de abandonar, Louis que não criará outros depois de seus erros

trágicos com crianças vampíricas, Louis que já ultrapassou a busca de Deus, do Diabo, da Verdade e até do amor.

Doce e desinteressante Louis, lendo Keats à luz de uma vela. Louis em pé na chuva, numa rua escorregadia e deserta do centro da cidade olhando através da vitrine

da loja o brilhante jovem ator Leonardo DiCaprio como o Romeu de Shakespeare beijando sua terna e encantadora Julieta (Claire Danes) na tela de um televisor.

Gabrielle. Ela está por aí agora. Estava lá na Ilha da Noite. Todo mundo a odeia. Ela é mãe de Lestat, e o abandona durante séculos, e de alguma forma não consegue

atentar para seus gritos frenéticos de socorro inevitáveis e periódicos, os quais, embora ela não pudesse receber, sendo cria dele, podia certamente tomar conhecimento

deles por outras mentes vampíricas que se acendem pelo mundo inteiro com a notícia quando Lestat está em apuros. Gabrielle, ela é igual a ele, só que é mulher, inteiramente

mulher, ou seja, de feições mais definidas, cintura fina, busto grande, olhos doces da maneira mais enervante e desonesta, deslumbrante de vestido de baile negro

e cabelo solto, mais freqüentemente sem graça, assexuada, vestida de couro macio ou cáqui cintado, uma andarilha assídua, e uma vampira tão esperta e fria que já

esqueceu o que é ser humana e sofrer. Na verdade, acho que esqueceu q1Q j para a pQite, s é qu um dia soube o que era isso. Enquanto mortal, era uma daquelas

criaturas que sempre ficavam imaginando o que os outros estavam fazendo. Gabrielle, falando baixo,

desintencionalmente corrompida, glacial, desagradável, egoísta,

uma peregrina das florestas nevadas do extremo norte, uma matadora de ursos e tigres brancos, uma lenda indiferente para tribos selvagens, algo mais parecido com

um réptil pré-histórico do que com um humano. Bela, naturalmente, cabelo louro preso numa trança caída às costas, quase majestosa num casaco safári de couro cor de

chocolate e um chepeuzinho de aba mole, uma espreitadora, rápida para matar, uma coisa impiedosa e aparentemente atenciosa mas eternamente misteriosa. Gabrielle,

praticamente inútil para qualquer pessoa a não ser ela mesma. Uma noite dessas ela vai dizer alguma coisa para alguém, suponho.

Pandora, filha de dois milênios, consorte de meu amado Marius mil anos antes de eu nascer. Uma deusa, feita de mármore sangrento, uma beleza poderosa vinda da alma

mais profunda e mais antiga da Itália romana, impetuosa com a fibra moral da velha classe senatorial do maior império que o mundo ocidental já conheceu. Não a conheço.

Seu rosto oval brilha sob um manto de cabelos castanhos ondulados. Ela parece bela demais para fazer mal a alguém. Tem voz

macia e inocentes olhos súplices, o rosto impecável instantaneamente vulnerável e caloroso, cheio de empatia, um mistério. Não sei como Marius pôde deixá-la. Com



uma túnica curta de seda fina, um bracelete de cobra no braço nu, ela é maravilhosa demais para machos mortais e para a inveja das mulheres. Com aqueles vestidos

mais longos e ocultadores, ela anda como uma assombração pelos quartos próximos como se eles não fossem reais para ela, e ela, o fantasma de uma dançarina, procura

um cenário perfeito que só ela pode achar. Seus poderes certamente rivalizam com os de Marius. Ela bebeu da fonte do Éden, isto é, o sangue da Rainha Akasha. Conseguir jogar

objetos secos para alimentar o fogo com a força de sua mente, levitar e desaparecer no céu escuro, matar os jovens bebedores de sangue se eles a ameaçarem, e no

entanto parece inofensiva, sempre feminina embora indiferente aos gêneros, uma mulher lânguida e queixosa que desejo estreitar em meus braços.

Santino, o velho santo de Roma. Ele chegou aos desastres da era moderna com a beleza imaculada, ainda aquele homem corpulento, pele cor de oliva agora mais clara

com os efeitos do ardente sangue mágico, cabelos pretos ondulados e volumosos em geral aparados todas as noites na hora do pôr-do-sol talvez por amor ao anonimato,

desprovido de futilidade, perfeitamente vestido de preto. Ele não diz nada a ninguém. Olha para mim em silêncio, como se nunca tivéssemos conversado sobre teologia

e misticismo, como se ele nunca tivesse destruído minha felicidade, reduzido minha juventude a cinzas, impelido meu Criador para uma convalescença secular, isolado-me

de todo conforto. Talvez ele nos imagine como colegas vítimas de uma poderosa moralidade intelectual, de um fascínio pela idéia de propósito, dois perdidos, veteranos da mesma guerra.

Às vezes ele parece perverso e até odioso. Sabe muita coisa. Não superestima os poderes dos antigos, que, fugindo da invisibilidade social de muitos séculos, agora

circu(am entre nós com total desenvoltura. Quando ele me olha, seus olhos negros são firmes e passivos. A sombra de sua barba, fixada para sempre nos pêlos rapados

embutidos em sua pele, é linda como sempre foi. Considerando tudo, ele é convencionalmente viril, camisa branca engomada aberta no colarinho para mostrar a porção

dos pêlos pretos e enroscados que cobrem seu peito, uma sedutora penugem preta semelhante cobrindo a pele visível de seus braços e pulsos. Ele gosta de casacos pretos

lisos mas pesados, com lapela de couro ou de pele, carros baixos que andam a duzentos por hora, um isqueiro de ouro recendendo a fluido que ele vive acendendo só

para olhar para a chama. Onde ele realmente mora, e quando vai aparecer, ninguém sabe.

Santino. Não sei mais do que isso sobre ele. Mantemo-nos a uma distância cavalheiresca um do outro. Desconfio que o sofrimento dele tenha sido terrível. Não estou

procurando quebrar a reluzente e elegante carapaça preta de seu

comportamento para descobrir alguma tragédia erua e sangrenta por baixo. Para conhecer Santino sempre há tempo.

Agora deixe-me descrever para os leitores mais virgens o meu Mestre, Marius, como ele é agora. Há tanto tempo e tantas experiências a nos separar que é como se houvesse

uma geleira entre nós, e nos fitamos cada um de um lado dessa imensidão branca e intransponível, conseguindo falar apenas em tom baixo e polido, amabilíssimos, a

criaturajovem que pareço ser, com uma cara meiga demais para convencer informalmente, e ele, sempre o sofisticado mundano, o erudito do momento, o filósofo do século,

doutor em ética do milênio, historiador de todos os tempos.

Ele é alto como sempre foi, com porte imperial ainda em sua moda sóbria do século XX, usando cortes de veludo antigo para fazer seus paletós, que podem dar uma pálida

idéia do esplendor com que ele se vestia a cada noite. Agora ele corta de vez em quando o longo cabelo louro que tão orgulhosamente ostentava na antiga Veneza. É

sempre rápido de raciocínio e de respostas e ansioso por soluções razoáveis, dotado de uma paciência inesgotável e uma curiosidade insaciável e recusando-se a perder

as esperanças em seu destino ou no nosso ou no desse mundo. Nenhum conhecimento consegue derrotá-lo; temperado pelo fogo e pelo tempo, ele é muito forte para os

horrores da tecnologia ou os encantos da ciência. Nem microscópios nem computadores abalam sua fé no infinito, embora aqueles seus custodiados outrora solenes -

Aqueles Que Devem Ser Guardados, que preservavam essa promessa de significação redentora - há muito foram derrubados de seus tronos arcaicos.

Tenho medo dele. Não sei por quê. Talvez porque eu pudesse amá-lo de novo, e amando-o, acabaria precisando dele, e precisando dele, eu acabaria aprendendo com ele,

e aprendendo com ele, eu voltaria a ser seu fiel aluno em todas as coisas, só para descobrir que a paciência dele para comigo não substitui a paixão que antigamente

brilhava em seus olhos.

Preciso dessa paixão! Preciso dela. Mas chega de falar dele. Dois mil anos ele sobreviveu, entrando e saindo do circuito principal da vida humana sem pesar, um grande

praticante da arte de ser humano, carregando eternamente a graça e a dignidade discreta da Era de Augusto da Roma aparentemente invencível, onde ele nasceu.

Há outros que não estão aqui agora comigo, embora estivessem na Ilha da Noite, e tornarei a vê-los. Há as gêmeas anciãs, Mekare e Maharet, guardiãs da fonte de sangue

primal de onde flui a nossa vida, as raízes da trepadeira, por assim dizer, sobre a qual florescemos tão teimosa e lindamente. Elas são as nossas Rainhas dos Condenados.

Depois há Jesse Reeves, uma cria do século XX feita por Maharet, a mais velha de todas e portanto um monstro fascinante, que eu não conheço mas por

quem tenho grande admiração. Trazendo consigo para o mundo dos Não Mortos um inigualável conhecimento de

história, dos fenômenos paranormais, de filosofia e línguas,

ela é o desconhecido. Irá o fogo consumi-la como consumiu tantos outros que, cansados da vida, não podem aceitar a imortalidade? Ou irá seu espírito

do século XX lhe dar alguma armadura radical e indestrutível para as mudanças inconcebíveis que hoje sabemos que devem nos esperar? Ah,

há os outros, os errantes. Ouço a voz deles de tempos em tempos na noite. Há aqueles distantes que nada sabem sobre nossas tradições e nos intitularam, antipatizando

com nossos escritos e divertindo-se com nossas cabriolas, "A Assembléia dos Articulados", estranhos seres "sem registro" de épocas, forças, atitudes variadas, que,

às vezes, ao ver um exemplar de O vampiro Lestat numa prateleira, pegam o livro e o reduzem a pó com suas mãos poderosas e desdenhosas.

Talvez eles emprestem sua sabedoria ou sua inteligência à nossa crônica em algum futuro imprevisível. Quem sabe? Por ora, só há mais um ator que

precisa ser descrito antes que minha história possa avançar. Este ator é você, David Talbot, que eu mal conheço, que escreve com uma velocidade

furiosa todas as palavras que saem lentamente de mim enquanto eu o observo, mesmerizado em algum nível pelo simples fato de esses sentimentos que há tanto tempo

puderam arder dentro de mim serem agora registrados na página aparentemente eterna. Onde está você, David Talbot

- com mais de sete décadas de educação mortal,

um erudito, uma alma profunda e amorosa? Como alguém pode dizer? O que você foi em vida, com a experiência da idade, fortalecido pelas calamidades rotineiras e

aprofundado por todas as quatro estações da vida de um : homem na terra, foi transportado intacto com toda a memória e conhecimento para o corpo maravilhoso

de um homem mais jovem. E depois esse corpo, um precioso cálice para o Graal de sua própria pessoa, que conhecia tão bem o valor . de ambos os elementos,

foi então atacado por seu amigo mais íntimo, o monstro amoroso, o vampiro que teria você como companheiro de viagem na eternidade com ou sem a

sua licença, nosso amado Lestat. Não consigo imaginar uma violação dessas. Estou muito distante de toda a humanidade, sem nunca ter sido um homem totalmente

desenvolvido. Em seu rosto, vejo o vigor e a beleza do anglo-hindu de pele bronzeada de cujo corpo você goza e, em seus olhos, a alma calma e perigosamente bem-disposta

do velho. Seu cabelo é preto e macio e bem aparado embaixo das orelhas. Você se veste com uma grande vaidade submetida a uma forte noção de estilo britânica.

Você me olha como se sua curiosidade fosse me fazer baixar a guarda, uma coisa dessas não é verdade.

Mague-me e eu o destruirei. Pouco me importa quão forte você seja, ou que sangue Lestat lhe tenha dado. Sei mais do que você. Porque lhe mostro a minha dor, não

necessariamente gosto de você. Faço isso por mim e por outros, pela idéia mesma dos outros, por qualquer um que fosse saber, e para meus mortais, aqueles que reuni

a mim recentemente, aquelas duas criaturas preciosas que passaram a ser o cronômetro de minha capacidade de prosseguir.

Sinfonia para Sybelle. Esse bem pode ser o nome dessa confissão. E depois de fazer tudo o que eu podia fazer por Sybelle, faço tudo por você também. Já não chega

isso do passado? Já não é isso um prólogo suficiente para o momento em que vi em Nova York o Rosto de Cristo no Véu? Aí começa o último capítulo de minha vida recente. Não há mais nada a acrescentar. Você tem todo o resto

e o que precisa vir agora é apenas um breve relato doloroso do que me trouxe aqui.

Seja meu amigo, David. Eu não pretendia lhe dizer essas coisas terríveis. Meu coração dói. Preciso de você só para me dizer que eu preciso continuar. Ajude-me com

sua experiência. Isso não basta? Posso continuar? Quero escutar a música de Sybelle. Quero falar dos amados libertadores. Não posso avaliar as proporções dessa história.

Só sei que estou pronto... Cheguei do outro lado da Ponte dos Suspiros.

Ah, mas é minha decisão, sim, e espere para escrever o que vou dizer. Bem, agora deixe-me passar ao Véu.

Deixe-me ir agora para o Rosto de Cristo, como se eu estivesse subindo u n morro naquele longínquo inverno

cheio de neve em Podil, embaixo das torres quebradas da cidade de Vladimir, para procurar dentro do Mosteiro das Covas a tinta e a madeira nas quais o visse tomar forma diante de mim: o Rosto Dele. Cristo, sim, o Redentor, o Senhor vivo mais uma vez.

## PARTE I II

### Appassionata

-- 17 --

Eu não queria ir ao encontro dele. Era inverno, e eu estava satisfeito em Londres, rondando os teatros para ver as peças de Shakespeare e passando as noites a ler

as peças e os sonetos. Até agora eu só pensava em Shakespeare. Lestat dera-o a mim. E quando minha barriga se enchia de desespero, eu abria os livros e começava a ler.

Mas Lestat estava chamando. Lestat estava, ou pelo menos afirmava estar, com medo.

Eu precisava ir. Da última vez em que ele esteve em apuros, eu não estava livre para ir socorrê-lo. Há uma história ligada a isso, mas nada tão importante quanto



a que estou contando.

Agora eu sabia que minha paz de espírito conquistada a duras penas podia ser abalada pelo simples contato com ele, mas ele queria que eu fosse, então fui. Encontrei-o

primeiro em Nova York, embora ele não soubesse disso e, nem

se tentasse, poderia ter-me levado a enfrentar uma tempestade de neve pior. Ele matou um mortal naquela noite, uma vítima por quem se apaixonara, como era seu costume

ultimamente - escolher essas celebridades que cometiam crimes graves e assassinatos hediondos e segui-las antes da noite do festim.

Então o que ele queria de mim, pensei. Você estava lá, David. Poderia tê-lo ajudado. Ou assim parecia. Sendo cria dele, você não ouviu diretamente o seu chamado,

mas ele o alcançou de alguma forma, e vocês dois, cavalheiros tão distintos, encontraram-se para discutir baixinho, num tom sofisticado, os últimos temores de Lestat.

Quando o alcancei depois, ele estava em Nova Orleans. E foi claro e simples comigo. Você estava lá. O Diabo lhe aparecera em forma de homem. O Diabo podia mudar

de forma, ora sendo medonho e horripilante com asas como teias de aranha e pés de bode, ora sendo um homem normal. Lestat ficava louco com essas histórias. O Diabo

lhe oferecera uma proposta pavorosa, para que ele, Lestat, passasse a ser seu ajudante no serviço de Deus.

Você se lembra com que calma reagi à história dele, às suas perguntas, a seus pedidos de conselho? Ah, eu disse a ele categoricamente que era loucura seguir esse

espírito, acreditar que qualquer coisa desencarnada fosse lhe dizer a verdade.

Mas só agora você toma conhecimento das feridas que ele abriu com essa fábula estranha e maravilhosa. Então o Diabo faria dele um ajudante infernal e assim um servo

de Deus? Eu poderia ter rido na hora, ou chorado, jogando-lhe na cara que eujá havia me considerado um santo do mal, esfarrapado e tiritando de frio quando seguia

minhas vítimas no inverno parisiense, tudo pela honra e pela glória de Deus.

Mas ele sabia disso tudo. Não havia necessidade de feri-lo mais, de tirá-lo da ribalta de sua própria história, ribalta essa em que Lestat, sendo o brilhante astro,

precisava sempre estar.

Embaixo de carvalhos cheios de musgos pendentes, conversamos em tom civilizado. Você e eu lhe suplicamos que tivesse cuidado. Naturalmente, ele ignorou tudo o que dissemos.

Estava tudo misturadó com Dora, a fascinante mortal que estava morando exatamente nesse prédio, esse velho convento de tijolos, e era filha do homem que Lestat seguira e matara.

Quando ele nos obrigou a prestar atenção nela, fiquei irritado, mas não muito. Eu já me apaixonei por mortais. Tenho aquelas histórias para contar. Estou apaixonado

por Sybelle e Benjamin, os quais chamo de filhos, e fui um trovador secreto para outros mortais no passado obscuro.

Pois bem, ele estava apaixonado por Dora, deitara a cabeça num seio mortal, queria o sangue uterino dessa mulher o qual não seria uma perda para ela, ele estava

enamorado, enlouquecido, incitado pelo fantasma do pai dela e cortejado pelo Príncipe do Mal em Pessoa.

E ela, o que hei de dizer sobre ela? Que possuía o poder de Rasputin por trás de um rosto de postulante ao noviciado, quando na verdade ela é uma teóloga experiente

e não uma mística, uma líder eloqüente e exaltada, não uma visionária, cujas ambições celestiais fariam as de São Pedro e São Paulo juntas parecerem pequenas, e

que, naturalmente, ela é igual a qualquer flor que Lestat jamais colhera no Jardim Selvagem desse mundo: uma criatura das mais perfeitas e encantadoras, um espécime

glorioso da Criação de Deus - com cabelos negros, boca carnuda, faces de porcelana e membros vigorosos de ninfa.

Decerto eu sabia exatamente a hora em que ele deixara esse mundo. Senti isso. Eu já estava em Nova York, muito perto dele e sabendo que você também estava lá. Nós

dois não queríamos, se possível, perdê-lo de vista. Então chegou a hora em que ele desapareceu na tempestade, em que foi sugado da atmosfera terrestre como se jamais

houvesse estado aqui.

Sendo cria dele, você não pôde ouvir o silêncio absoluto que reinou quando ele desapareceu. Não pôde saber quão completamente ele foi retirado de todas as coisas

minúsculas porém materiais que antes ressoavam com o pulsar de seu coração.

Eu sabia, e acho que foi para nos distrair que propus procurarmos a mortal que devia ter ficado abalada com a morte do pai nas mãos de um monstro louro e bem-apessoado

que sugava sangue e a tornara sua confidente e amiga.

Não foi difícil ajudá-la nas noites curtas e repetidas de acontecimentos que se seguiram, quando horrores se acumulavam, o assassinato de seu pai descoberto, sua

vida sórdida logo transformada em fofoca global pela magia da mídia.

Parece que foi há um século, e não há tão pouco tempo, que nos mudamos para esses quartos no sul, o legado do pai dela de crucifixos e estátuas, de ícones que eu

manuseava com tanta frieza, como se nunca tivesse amado esses tesouros.

Parece que foi há séculos que me vesti decentemente para ela, encontrando numa dessas lojas elegantes da Quinta Avenida um paletó de veludo vermelho antigo, uma

camisa de poeta, como se diz agora, de algodão engomado e renda farta, e, para realçar isso, calças de boca estreita de lã preta e botas reluzentes que abotoavam

no tornozelo, tudo isso para melhor acompanhá-la na identificação da cabeça mutilada de seu pai sob as luzes fluorescentes de um necrotério imenso e apinhado de gente.

Uma coisa boa dessa última década do século XX é que, com qualquer idade, o homem pode usar o cabelo de qualquer comprimento.

Parece que foi há um século que penteei o meu cheio e ondulado e, pela primeira vez limpo, só para ela.

Parece que foi há um século que estávamos tão firmes ao lado dela, na verdade até abraçamos essa fascinante bruxinha de pescoço comprido e cabelo curto quando ela

chorou a morte do pai e nos crivou de perguntas febris e loucamente inteligentes e desapaixonadas sobre nossa natureza sinistra, como se um grande curso relâmpago

sobre a anatomia do vampiro pudesse de certa forma fechar o ciclo de horror ameaçando sua integridade e sua sanidade e de certa forma trazer de volta seu perverso

pai sem consciência.

Não, na verdade, não foi pela volta de Roger que ela rezou; ela acreditava piamente demais na onisciência e na misericórdia de Deus. Ademais, ver uma cabeça mutilada

de homem é um tanto chocante, mesmo se a cabeça estiver congelada, e um cachorro tiver abocanhado Roger um pouco antes de ele ser descoberto, e com as regras rígidas

de "não tocar" da perícia moderna, ele foi até para mim - uma visão e tanto. (Lembro-me da assistente do legista

dizerme comovida que eu era terrivelmente jovem

para ter de presenciar uma coisa daquelas. Ela achou que eu fosse o irmãozinho de Dora. Que mulher doce ela era!

Talvez valha a pena fazer uma incursão ao mundo oficial de vez em quando para ser chamado de "verdadeiro ator" em vez de "anjo de Botticelli", que passou a ser o

meu refrão entre os Não Mortos.)

Era com a volta de Lestat que Dora sonhava. O que mais poderia permitir que ela se livrasse do nosso feitiço senão uma bênção final do próprio príncipe coroado?

Fiquei na janela do apartamento alto, olhando para os montes de neve da Quinta Avenida, esperando e rezando com ela, desejando que a grande terra não estivesse tão

vazia de meu velho inimigo e pensando em meu insensato coração que, com o tempo, esse mistério de seu desaparecimento seria esclarecido, como eram todos os milagres,

com tristeza e pequenas perdas, apenas com pequenas revelações que me deixariam como sempre fui deixado desde aquela longínqua noite em Veneza quando o Mestre e

eu nos separamos para sempre, simplesmente um pouco mais esperto e fingindo ainda estar vivo.

Eu não estava com medo por causa de Lestat, não realmente. Não tinha esperanças para a aventura dele, salvo que ele apareceria mais cedo ou mais tarde e nos contaria

alguma história fantástica. Seria aquela sua conversa de sempre, pois ninguém exagera como ele suas aventuras absurdas. Isso não é para dizer que ele trocava de

corpo com humanos. Sei que ele fazia isso. Não é para dizer que ele não acordou nossa temível deusa mãe, Akasha; sei que acordou. Não é para dizer que ele não arrasou

com minha assembléia supersticiosa nos anos extravagantes antes da Revolução Francesa. Já lhe contei que arrasou.

Mas é a forma como ele descreve o que acontece com ele que me enlouquece, a forma como ele liga um incidente a outro como se todos esses acontecimentos aleatórios

e medonhos fossem de fato elos de uma corrente significativa. Não são. São extravagâncias. E ele sabe disso. Mas ele precisa dramatizar a topada que leva.

O James Bond dos vampiros, o Sam Spade de sua própria história! Um cantor de rock lamentando-se num palco mortal durante duas horas e, graças a isso, aposentando-se

com um monte de discos que até hoje lhe rendem lucros imundos pagos por agências humanas.

Ele tem jeito para fazer tragédia das tribulações e para se perdoar por tudo em qualquer parágrafo que escreve.

Não posso censurá-lo, realmente. Só não posso deixar de odiar o fato de ele estar em coma aqui no chão dessa capela, olhos vidrados num silêncio imperturbado, apesar

das crias que o cercam - exatamente pelo mesmo motivo que eu, para ver com os próprios olhos se o sangue de Cristo de alguma forma o transformou e ele não representa

alguma manifestação magnífica do milagre da Transubstanciação. Mas logo chegarei a isso.

Esbravejei, colocando-me numa pequena enrascada. Sei por que estou tão sentido com ele, e me dá um grande alívio bater em sua reputação, esmurrar com os dois punhos a sua imensidão.

Ele me ensinou demais. Trouxe-me a este exato momento, aqui, em que estou lhe ditando meu passado com uma coerência e uma calma que seriam impossíveis antes que eu fosse junto com o seu precioso Memnoch, o Diabo e sua vulnerável Dorazinha lhe dar assistência.

Há duzentos anos ele me deixou sem ilusões, mentiras, desculpas, e atirou-me nu no meio da rua em Paris para procurar voltar para uma glória no estrelato que eu já havia conhecido e dolorosamente perdera.

Mas enquanto esperávamos finalmente no belo apartamento por cima da Catedral de St. Patrick, eu não tinha idéia do que mais ele poderia tirar de mim, e só o odeio

porque não consigo imaginar minha alma sem ele agora, e, devendo a ele tudo o que sou, nada posso fazer para despertá-lo de seu sonho gelado.

Mas deixe-me tratar de uma coisa de cada vez. O que há de bom em voltar a essa capela aqui e encostar as mãos nele de novo e implorar que ele me ouça, quando ele

jaz como se todos os sentidos o tivessem abandonado mesmo para nunca mais voltar.



Não posso aceitar. Não vou aceitar. Já perdi a paciência. Perdi o entorpecimento que era o meu consolo. Acho esse momento intolerável.

Mas preciso lhe contar coisas.

Preciso lhe contar o que aconteceu quando vi o Véu, e quando o sol bateu em mim, mais desgraçadamente para mim, o que vi quando afinal alcancei Lestat e cheguei

tão perto dele que podia beber-lhe o sangue.

Sim, vá em frente. Agora sei por que ele faz a corrente. Não é orgulho, é? É a necessidade. A história não pode ser contada sem que um elo seja ligado ao outro,

e nós, pobres órfãos do tempo cronológico, não conhecemos outra forma de medir senão os de seqüência. Jogado numa escuridão nevada, num mundo pior que um vácuo,

tentei pegar uma corrente, não? Ah, Deus, o que eu daria naquela terrível descida para me segurar numa corrente de ferro!

Ele voltou tão de repente - para você, para Dora e para mim.

Era a manhã do terceiro dia, e não suficientemente antes da aurora. Ouvi as portas batendo lá embaixo na torre de vidro, e depois aquele barulho, aquele barulho

que a cada ano fica mais misteriosamente alto, o palpar de seu coração.

Quem foi o primeiro a levantar da mesa? Eu continuava com medo. Ele chegou depressa demais, e havia aqueles perfumes rústicos a envolvê-lo, de floresta e de terra.

Ele rompeu todas as barreiras como se estivesse sendo perseguido por aqueles que o raptaram, mas não havia ninguém atrás dele. Ele entrou sozinho no apartamento,

batendo a porta ao passar e depois postando-se

à nossa frente, mais terrível do que eu jamais podia imaginar, mais desfeito do que eu jamais havia visto em qualquer uma de suas pequenas derrotas passadas

Com um amor total, Dora correu para ele, e, com uma urgência desesperada que era bem humana, ele a agarrou tão furiosamente que achei que fosse destruí-la.

- Agora você está a salvo, querido - gritou ela, esforçando-se para fazê-lo entender.

Mas bastava olhar para ele para saber que aquilo não havia terminado, embora disséssemos as mesmas palavras vazias diante do que vimos.

278

18

Ele chegara do turbilhão. Estava com um pé calçado, o outro descalço, o paletó rasgado, o cabelo desgrenhado, cheio de espinhos e folhas secas e pedaços de flor.

Abraçava um embrulho chato de pano como se estivesse carregando todo o destino do mundo bordado ali.

Mas o pior, o pior de tudo, era que um olho havia sido arrancado de seu lindo rosto, e as pálpebras vampíricas franziam e tremiam tentando esconder a órbita, recusando-se

a reconhecer este desfi uramento medonho do cor o tor  
g p nado perfeito para sempre quando ele foi transformado  
em imortal.

Eu queria tomá-lo nos braços. Queria consolá-lo, dizer-lhe  
que, aonde quer que ele tivesse ido e o que quer que  
tivesse acontecido, agora ele estava novamente em

segurança conosco, mas nada conseguia sossegá-lo.

Uma profunda exaustão salvou-nos a todos da história  
inevitável. Precisávamos buscar nossos cantos escuros para  
nos esconder do sol que chegava, precisávamos esperar

até a noite seguinte quando ele viria nos encontrar e nos  
contar o que acontecera.

Ainda agarrado ao embrulho, recusando qualquer ajuda, ele  
se fechou com seu ferimento. Não tive outra escolha senão  
deixá-lo.

Naquela manhã, afundando em meu lugar de repouso,  
seguro na limpa escuridão moderna, chorei como uma  
criança por causa do que eu vira. Ah, por que eu fora acudi-  
lo?

Por que precisava vê-lo tão por baixo assim quando eu  
levara tantas décadas para firmar meu amor eterno por ele.

Certa vez, há cem anos, ele apareceu cambaleando no  
Théâtre des lampires atrás de suas crias renegadas, o doce  
e gentil Louis e a criança condenada, e aí não tive

pena dele, todo cheio de cicatrizes da tentativa estabanada  
e insensata de Claudia de matá-lo.

Eu o tinha amado, sim, mas este fora um desastre físico que seu sangue maligno curaria, e eu sabia pela nossa velha história que, no processo de cura, ele ganharia

ainda mais força do que poderia ganhar com o tempo sereno.

Mas o que eu havia visto agora era uma devastação da alma em seu rosto angustiado, e a visão daquele olho azul solitário, brilhando com tanta vivacidade em seu rosto

riscado e miserável, fora insuportável.

Não me lembro de termos falado, David. Só lembro que a manhã nos fez ir embora depressa, e se você também chorou, eu não escutei, não pensei em escutar. Quanto ao

embrulho que ele abraçava, o que poderia ser? Acho que nem pensei nisso.

A noite seguinte:

Ele chegou calmamente na sala do apartamento quando a escuridão baixou, estrelada por alguns preciosos momentos antes da terrível nevasca. Estava vestido e de banho

tomado, o pé ferido e ensangüentado sem dúvida já curado. Estava de sapatos novos.

Mas nada poderia minimizar a imagem grotesca de seu rosto dilacerado onde as marcas de uma garra ou de unhas rodeavam as pálpebras franzidas e vazias. Calmamente,

ele se sentou.

Olhou para mim, e um pálido sorriso encantador iluminou-lhe o rosto. -Não tenha medo por mim, Armand, seu

diabinho. Tenha medo por todos nós. Agora não sou nada.

Não sou nada.

Baixinho, contei-lhe meu plano.

- Deixe-me ir lá embaixo na rua roubar de algum mortal, algum ser perverso que tenha desperdiçado todos os dons físicos que Deus lhe deu, um olho para você! Deixe-me

colocá-lo aqui na órbita vazia. Seu sangue escorrerá nele e o fará enxergar. Você sabe. Você já viu esse milagre uma vez com a anciã, Maharet, na verdade, com um

par de olhos mortais boiando em seu sangue especial, olhos que podiam ver! Vou fazer isso. Um instante só, e terei o olho na mão e serei o médico e colocarei o olho

no lugar. Por favor.

Ele só sacudiu a cabeça. Deu-me um beijo rápido no rosto.

- Por que você me ama depois de tudo o que lhe fez? - perguntou. Era inegável a beleza de sua pele lisa e bronzeada pelo sol, até enquanto o furo escuro da órbita

parecia me espiar com um poder secreto para transmitir sua visão ao coração dele. Ele estava lindo e radioso, com um brilho avermelhado emanando do rosto como se

tivesse contemplado um mistério poderoso.

- É, mas fez - disse ele, e começou a chorar. - Fiz, e preciso lhe contar tudo. Acredite em mim, como acredita no que viu ontem à noite, as flores ainda grudadas

em meu cabelo, os cortes, olhe, minhas mãos, elas se regeneram mas não suficientemente rápido, acredite em

mim.

Você interveio então, David.

- Conte-nos, Lestat. Nós iríamos esperá-lo aqui a vida inteira. Conte-nos. Aonde esse demônio Memnoch o levou? - Como sua voz soou confortadora e

racional!, exatamente como agora. Acho que você foi feito para isso, para raciocinar, e foi dado a nós, se posso especular, para nos obrigar a ver nossas catástrofes

sob o novo prisma da consciência moderna. Mas podemos falar dessas noites por muitas noites daqui para a frente.

Deixe-me voltar à cena, nós três sentados naquelas cadeiras chinesas de laca ao redor da mesa de vidro grosso, e Dora entrando, imediatamente, impressionada com

a presença dele, da qual seus sentidos mortais não lhe haviam dado nenhuma pista, uma linda pintura com seu cabelo preto lúcido cortado num pajem curto para revelar

a delicada nuca de seu pescoço de cisne, seu corpo esguio e ágil vestido num camisolão arroxado delicadamente pregueado em volta dos seios pequenos e das coxas

delgadas. Ah, que anjo do Senhor, esse, refleti, essa herdeira da cabeça mutilada do pai rei da droga. A cada passo, ela ensina doutrinas que fariam os deuses pagãos

da luxúria canonizá-la alegremente.

No pescoço doce e alvo, ela usava um crucifixo tão pequeno que parecia um mosquito dourado pendurado numa corrente de elos minúsculos tecidos por fadas. O que são

agora esses objetos sagrados, caindo em seios leitosos com tamanha desenvoltura, senão quinquilharias de feira? Meus pensamentos eram implacáveis, mas eu era só

um catalogador indiferente de sua beleza. Seus seios redondos, o vale sombrio entre eles aparecendo bastante na costura simples de seu vestido escuro e decotado,

falavam mais sobre Deus e sobre a Divindade.

Mas o que mais a enfeitou nesses momentos foi o amor triste e ávido que sentia por ele, a falta de medo do rosto mutilado dele, a graça de seus braços brancos quando

ela o abraçou de novo, tão segura de si e tão grata pela aproximação consentida do corpo dele. Eu estava gratíssimo porque ela o amava.

- Então o Príncipe das Mentiras tinha uma história para contar, tinha? perguntou ela. Não conseguiu eliminá-lo tremorosa voz.-Então ele o levou para o Inferno dele

e o mandou de volta? - Ela segurou o rosto de Lestat e virou-o para ela. - Então conte-nos o que era esse Inferno, conte-nos por que precisamos ter medo. Conte-nos

por que você teve medo, mas acho que estou vendo em você uma coisa muito pior do que medo.

Ele balançou a cabeça para concordar. Empurrou a cadeira chinesa para trás e, torcendo as mãos, começou a andar de um lado para o outro, o indefectível prelúdio

de sua narração.

- Ouçam tudo o que eu disser, antes de ular - falou, fitando a nós três ali em volta da mesa, uma pequena platéia

ansiosa, disposta a fazer o que quer que ele

pedisse. O olhar dele se demorou em você, David, em você, o inglês erudito com seu paletó masculino de tweed, que, apesar do amor transparentíssimo, olhava-o com

um olho crítico, pronto para avaliar as palavras dele com sua sabedoria inata.

Ele começou a falar. Falou durante horas. Durante horas as palavras saíam de sua boca, inflamadas, corridas, às vezes aos borbotões, de modo que ele precisava

parar para tomar fôlego, mas ele nunca chegou realmente a fazer uma pausa, despejando noite adentro aquela história de sua aventura.

Sim, Memnoch, o Diabo, o levava para o Inferno, mas era um Inferno inventado por Memnoch, um local de purgação em que as almas de todos os que haviam vivido eram

acolhidas depois de sair espontaneamente do turbilhão da morte que as herdava. E nesse Inferno de purgação, confrontadas com tudo o que haviam feito, elas aprendiam

a lição mais horrível de todas, as consequências; intermináveis de cada ato que cometeram. Assassino e mãe, criança errante morta em aparente inocência e soldados

banhados de sangue dos campos de batalha, todos eram admitidos nesse lugar tenebroso de fumaça e fogo de enxofre, mas só para ver as chagas dos outros feitas por

suas mãos furiosas e inconscientes, para sondar as profundezas de outras almas e outros corações prejudicados por elas!



Todo horror era uma ilusão nesse lugar, mas o pior de todos era a pessoa de Deus Encarnado, que autorizara esta Escola Final para aqueles que seriam dignos de entrar

em Seu Paraíso. E isso também Lestat havia visto, o Paraíso vislumbrado milhares de vezes por santos e vítimas moribundas, com árvores sempre floridas e flores eternamente

doces e infinitas torres de cristal com seres felicíssimos, totalmente desencarnados e afinal cantando em uníssono com inúmeros coros de anjos.

Era uma velha história. Velhíssima. Fora excessivamente contada essa lenda - do Paraíso com seus portões abertos, e Deus Nosso Criador enviando Sua luz inesgotável

para aqueles que subissem a escadaria mítica a fim de reunir-se para sempre à corte celestial.

Quantos mortais despertando de um sono próximo da morte esforçaram-se para descrever as mesmas maravilhas?

Quantos santos afirmaram ter vislumbrado esse Éden indescritível e eterno? E com que inteligência esse Diabo Memnoch expôs o seu caso, pedindo a compaixão dos mortais

pelo pecado de ter sido o único a se opor a um Deus impiedoso e indiferente, suplicando a essa Divindade que olhasse com olhos misericordiosos para uma raça carnal

de seres que, graças a um amor generoso, conseguiu gerar almas dignas do interesse Dele?

Isso, então, foi a queda de Lúcifer como a Estrela da Manhã do céu - um anjo suplicando que os Filhos e Filhas dos

Homens tivessem agora o semblante e o coração  
de anjos.

- Dai-lhes o Paraíso, Senhor, quando eles tiverem aprendido  
em minha escola a amar tudo o que criastes.

Ah, um livro já foi escrito com essa aventura. Memnoch não  
pode ser condensado aqui nesses poucos parágrafos  
injustos.

Mas foi esse o resumo do que ouvi ali sentado nessa sala  
gelada em Nova York, olhando de vez em quando para a  
neve branca que caía lá fora, enquanto a figura frenética

de Lestat andava de um lado para o outro, abafando os  
barulhos da cidade lá embaixo com sua retumbante  
narrativa, e lutando contra o medo terrível que eu sentia

de desapontá-lo no clímax da narrativa. Preciso lembrá-lo de  
que ele não fez mais do que conceber de uma forma mais  
palatável ajornada mística de mil santos.

Então é uma escola que substitui aqueles círculos de fogo  
descritos pelo poeta Dante com tanta intensidade que enjoa  
o leitor, e até o terno Fra Angélico sentiu-se

compelido a pintar, onde mortais nus inundados pelas  
chamas deviam sofrer por toda a eternidade.

Uma escola, um local de esperança, uma promessa de  
redenção suficientemente grande para acolher até a nós, os  
Filhos da Escuridão, que contavam entre seus pecados

tantos assassinatos quanto os dos antigos hunos ou  
mongóis.

Ah, era muito doce essa imagem da vida no além, os horrores do mundo natural entregues a um Deus sábio porém distante, e a loucura do Diabo reproduzida com uma inteligência

tão requintada.

Quisera que isso fosse verdade, quisera que todos os poemas e todas as pinturas do mundo fossem apenas um reflexo desse esplendor esperançoso. Isso poderia ter-me

entristecido; poderia ter-me abatido, deixando-me envergonhado, sem poder olhar para ele.

Mas um único incidente desta história, um incidente que para ele foi um encontro passageiro, avultou-se para mim com proporções maiores que o resto e ficou em minha

mente, de modo que, enquanto ele prosseguia, eu não conseguia tirar aquilo da cabeça: que ele, Lestat, bebera o próprio sangue de Cristo a caminho do Calvário. Que

ele, Lestat, falara com esse Deus Encarnado, que, por sua própria vontade, caminhara para aquela horrível morte no Gólgota. Que ele, Lestat, uma testemunha tímida

e trêmula, fora obrigado a ir para as ruas de terra de Jerusalém para ver Nosso Senhor passar, e que esse Senhor, Nosso Senhor Vivo, com a cruz amarrada aos ombros,

oferecera a garganta a Lestat, o pupilo escolhido.

Ah, que fantasia essa loucura, que fantasia. Eu não esperava ficar tão magoado com alguma coisa nessa história. Não esperava que isso me deixasse com o peito ardendo

tanto, com um aperto na garganta que não deixava passar nenhuma palavra. Eu não queria isso. A única salvação para meu coração ferido era pensar em como era curioso

e insensato que um quadro desses -Jerusalém

a rua de terra, o povo irritado, o Deus sangrando, agora flagelado e mancando sob o peso da cruz-devesse incluir uma lenda antiga e doce de uma mulher com

283

ANNE RICE

um véu estendido para enxugar o Rosto ensangüentado de Cristo, e assim receber para sempre a Sua Imagem.

Não é preciso ser erudito, David, para saber que esses santos foram feitos por outros santos nos séculos seguintes como atores e atrizes escolhidos para um Teatro

da Paixão de uma cidade de interior. Verônica! Verônica, cujo nome significa Ícone Verdadeiro.

E nosso herói, nosso Lestat, nosso Prometeu, com aquele véu dado a ele pela própria mão de Deus, fugiu desse grande e medonho reino de Céu e Inferno e das Estações

da Cruz gritando não! e não vou! e voltou, esbaforido, correndo como um louco pelas ruas de Nova York, só querendo estar conosco, dando as costas para tudo isso.

Minha cabeça girava. Havia uma guerra dentro de mim. Eu não conseguia olhar para ele.

Ele foi prosseguindo, examinando aquilo, tor,ando a falar do céu de safira e da música dos anjos, discutindo consigo

mesmoe com você e com Dora, e a conversa parecia muito com vidro quebrado. Eu não estava agüentando.

O Sangue de Cristo dentro dele? O Sangue de Cristo passando por seus lábios, lábios impuros, seus lábios Não Mortos, o Sangue de Cristo fazendo dele um Cibório monstruoso?

O Sangue de Cristo?

- Deixe-me beber! - exclamei de repente. - Lestat, deixe-me beber de você, deixe-me beber seu sangue que contém o sangue Dele! - Eu não podia acreditar em minha

própria honestidade, meu violento desespero. - Lestat, deixe-me beber. Deixe-me procurar o sangue com minha língua e meu coração. Deixe-me beber, por favor; você

não pode me recusar esse único momento de intimidade. E se foi Cristo... se foi... - não consegui terminar.

-Ah, criança louca e alucinada-disse ele.-Se cravaros dentes em mim , você só vai ficar sabendo o que vemos nas visões que temos com todas as nossas vítimas. Vai

ficar sabendo o que achei ter visto. Vai ficar sabendo o que achei que me foi dado a conhecer. Vai ficar sabendo que meu sangue corre em minhas veias, coisa que

você sabe agora. Vai ficar sabendo que acredito que era Cristo, mas nada mais que isso.

Ele balançou a cabeça desapontado enquanto me fuzilava com os olhos. - Não, eu saberei. - Levantei-me da mesa, as mãos trêmulas. - Lestat ,

me dê só esse abraço e nunca mais lhe pedirei nada. Deixe-me pousar os lábios em sua garganta, Lestat, deixe-me testar a história, deixe!

- Você me corta o coração, seu tolinho-disse ele com lágrimas nos olhos. - Sempre cortou.

- Não me julgue! - protestei.

Ele prosseguiu, falando só para mim, em pensamento e também com a voz. Eu não sabia se alguém mais ali sequer o estava ouvindo. Mas eu estava. Não esqueceria nenhuma palavra.

-E se isso fosse o Sangue de Deus, Armand-perguntou ele-, e não parte de uma mentira gigantesca, o que você encontraria em mim? Vá à primeira missa da madrugada

e pegue suas vítimas daquelas que estiverem saindo da Mesa de Comunhão! Que belo jogo seria, Armand, alimentar-se para sempre só de comungantes! Você pode ter o

seu Sangue de Cristo com qualquer comungante. Eu lhe digo, não acredito nesses espíritos, Deus, Memnoch, esses mentirosos; eu me recuso! Eu não quis ficar, fugi

daquela maldita escola deles, perdi a vista lutando com eles, eles me arrancaram o olho, aqueles anjos perversos me agarrando quando fugi! Você quer o Sangue de

Cristo, então vá à missa do pescador lá naquela igreja escura e tire o padre sonolento do altar, se quiser, e tome o cálice de suas mãos consagradas. Vá, faça isso!

-Sangue de Cristo! -prosseguiu ele, o rosto um enorme olho fixando-me em seu feixe implacável. - Se algum dia esse sangue sagrado esteve em mim ,

então o meu corpo dissolveu-o e queimou-o como a cera da vela devora o pavio. Você sabe disso. O que resta de Cristo na barriga dos fiéis quando eles saem da igreja?

- Não - eu disse. - Não, mas não somos humanos! - murmurei p , rocurando usar o tom delicado para abafar sua irritação inllamada. - Lestat,

eu saberei! Era o sangue Dele, não pão e vinho transubstanciados! O sangue Dele, Lestat, e saberei se esse sangue estiver dentro de você. Ah, deixe-me beber ,

eu lhe suplico. Deixe-me beber para poder esquecer todas essas malditas coisas que você nos contou, deixe-me beber!

Eu mal conseguia me conter para não agarrá-lo e subjugá-lo à minha vontade, sem fazer caso de sua força lendária, seu gênio medonho. Eu o agarraria e faria com que

ele se entregasse. Tomaria o sangue...

Mas essas idéias eram tolas e fúteis. A história dele inteira era tola e fútil, porém eu me virei e, enfurecido, soltei-lhe essas palavras:

- Por que você não aceitou? Por que não foi com Memnoch se ele poderia tê-lo tirado desse Inferno horrível que partilhamos, por quê?

- Eles o deixaram escapar - você disse a ele, David. Você interveio, acalmando-me com um pequeno gesto de súplica.

Mas eu não estava com paciência para nenhuma análise e nenhuma interpretação inevitável. Não conseguia tirar a imagem da cabeça, Nosso Senhor Sanguinolento, Nosso

Senhor com a cruz amarrada aos ombros, e ela, Verônica, essa imagem doce, segurando o Véu. Ah, como foi possível o engodo dessa fantasia chegar tão fundo?

- Afastem-se todos de mim - gritou ele. - Tenho o Véu. Eu lhes disse. Cristo me deu. Verônica me deu. Trouxe-o comigo do Inferno de Memnoch, quando todos os diabos

dele tentaram tirá-lo de mim.

Eu mal ouvia. Véu, o Véu verdadeiro, que truque é esse? Minha cabeça doía. A missa do pescador. Se houvesse uma coisa dessas lá embaixo em St. Patrick, eu queria

ir. Estava cansado da sala dessa torre de vidro, isolado do sabor do vento e da umidade selvagem e refrescante da neve.

Por que Lestat encostou-se na parede? Por que tirou o casaco? O Véu! Um tucuque de mau gosto para selar toda essa obra-prima de violência?

Ergui os olhos, contemplando a neve caindo no escuro lá fora e só aos poucos encontrando seu alvo: o pano aberto que Lestat segurava cabisbaixo, o pano revelado

com a mesma reverência que Verônica deve ter tido.

- Meu Senhor! - murmurei. O mundo desaparecera em espirais imponderáveis de som e luz. Vi-O ali. - Meu Senhor.

Vi o Rosto Dele, não pintado, impresso ou caprichosamente estampado de alguma outra forma nas minúsculas fibras do



fino tecido branco, mas ardendo com uma chama

que não consumia o veículo de seu calor. Meu Senhor, meu Senhor o Homem, meu Senhor, Meu Cristo, o Homem com uma coroa preta de espinhos afiados. E cabelos castanhos

compridos e enrolados tão medonhamente grudados de sangue, e grandes olhos pensativos a itar-me, as doces e vivas portas da Alma de Deus, tão radiantes com seu amor

incomensurável que toda a poesia morre diante delas, e uma boca macia e sedosa de uma simplicidade que não pergunta nem julga, aberta para tomar um alento silencioso

e agonizante no momento exato em que o Véu chegou para aliviar esse sofrimento atroz.

Chorei. Tapei a boca, mas não consegui conter as palavras.

- Ah, Cristo, meu Cristo trágico - murmurei. - Não feito por mãos humanas! - exclamei. - Não feito por mãos humanas! - Quão miseráveis as minhas palavras, quão fracas,

quão cheias de dor! - O Rosto deste Homem, este Rosto de Deus e Homem. Ele está sangrando. Pelo amor de Deus Todo-Poderoso, olhem!

Mas eu não emitira nenhum som. Não conseguia me mexer. Não conseguia respirar. Caíra de joelhos chocado e indefeso. Não queria mais tirar os olhos daquilo. Só queria

olhar para Ele, e O vi, e voltei no tempo, a séculos passados, e vi o Rosto Dele à luz da lamparina de barro ardendo na casa em Podil, o Rosto Dele a me fitar do

quadro entre meus dedos trêmulos em meio às velas do escritório do Mosteiro das Covas, o Rosto Dele como

eujamais o vira naquelas paredes gloriosas de Veneza ou Florença onde eu passara tanto tempo procurando-o tão desesperadamente.

O Rosto Dele, Seu Rosto de homem infundido com o Divino, meu Senhor trágico fitando-me dos braços de minha mãe há muito tempo, numa rua coberta de neve enlameada

em Podil, meu Senhor amoroso em Majestade sanguinolenta.

Não me interessou o que Dora disse.

Não me interessou que ela gritasse o Santo Nome Dele. Não me interessava. Eu sabia.

E quando ela fez sua profissão de fé, quando arrancou o Véu das mãos de Lestat e fugiu do apartamento com aquilo, fui atrás, correndo atrás dela e atrás do Véu -

embora no refúgio de meu coração eu não tivesse me mexido. Fiquei sempre parado.

Uma grande calma dominara minha mente, e meus membros já não importavam.

Não importava que Lestat lutasse com ela, e a alertasse para não acreditar naquilo, e que nós três estivéssemos na escada da catedral e que a neve caísse como uma

bênção esplêndida dos Céus invisíveis e insondáveis.

Não importava que o sol estivesse para nascer em breve, uma bota ígnea prateada para além da cobertura de nuvens que se dissolviam.

Agora eu podia morrer.

Eu O havia visto, nada mais importava - nem as palavras de Memnoch e seu Deus fantasioso, ou os apelos de Lestat para que fôssemos embora, para que nos escondêssemos

antes que a manhã nos devorasse.

Eu podia morrer agora.

- Não feito por mãos humanas - murmurei.

Foi-se formando um ajuntamento de pessoas à nossa volta na porta da igreja. Uma deliciosa corrente de ar quente veio lá de dentro. Não importava.

- O Véu, o Véu - gritavam as pessoas. Elas viram! Elas viram o Rosto Dele.

Os gritos súplices e desesperados de Lestat estavam morrendo.

A manhã desceu com sua estrepitosa claridade quente, rolando pelos telhados e coalhando a noite em mil paredes de vidro e lentamente soltando sua glória monstruosa.

-Sejam testemunhas-disse eu. Estendi os braços para a luz cegante, essa morte prateada fundida. - Esse pecador morre por Ele! Esse pecador vai para Ele.

Jogue-me no Inferno, Ó Senhor, se for essa a Vossa vontade. Vós me destes o Paraíso. Vós me mostrastes o Vosso Rosto.

E o Vosso Rosto era humano.

Subi como um foguete. A dor que senti foi absoluta, destruindo totalmente a vontade ou o poder de escolher o ímpeto. Uma explosão interna me enviou aos céus, para

dentro da luz perolada quejorrara de repente, como semprejorra, de um olho ameaçador, inundando a cidade com seus raios infinitos, numa gigantesca onda de claridade

leve e fundida, derrubando tudo o que era grande e pequeno.

Fui subindo cada vez mais, girando como se a intensidade da força da explosão interior não estancasse, e, horrorizado, vi que minhas roupas haviam sido queimadas

e meus membros soltavam uma fumaça que era engolida pelo turbilhão do vento.

Tive uma visão total de meus membros, meus braços e minhas pernas abertos, delineados contra a luz ofuscante. Minha carne já estava carbonizada, negra e lustrosa,

colada aos tendões de meu corpo, enrugada no emaranhado de músculos que envolviam meus ossos.

A dor chegou ao auge de minha capacidade de suportar, mas como explicar que isso não me importava; eu estava a caminho de minha própria morte, e esta tortura aparentemente

interminável não era nada, nada. Eu podia suportar tudo, até a ardência nos olhos, a ciência de que eles logo iriam derreter ou explodir nessa fornalha de luz solar,

e que tudo o que eu era desencarnaria.

Bruscamente, a cena mudou. O rugido do vento passara, minha vista estava calma e focada, e ouvia-se de todos os lados um grande coro de hinos familiar. Eu estava

num altar, e, ao levantar os olhos, vi uma igreja à minha frente coalhada de gente, as colunas pintadas erguendo-se como muitos troncos de árvore numa selva de bocas

cantantes e olhos admirados. Por todos os lados, eu via essa congregação imensa e interminável. A igreja não tinha paredes para delimitá-la, e até os domos altos,

decorados com santos e anjos do ouro mais puro e mais brilhante, recuavam para o grande céu finíssimo e sem fim.

O cheiro de incenso me encheu as narinas. À minha volta, os sininhos dourados tocavam em uníssono e com refrões delicados sobrepondo-se rapi

damente. A fumaça me ardia nos olhos mas muito docemente, enquanto o ^ perfume do incenso me enchia as narinas e me fazia chorar, e minha visão se unia

a tudo o que eu saboreava, tocava ou ouvia.

Abanei os braços, e vi compridas mangas brancas debruadas de ouro a cobrilos, caindo de pulsos recobertos com aqueles pêlos masculinos naturais e macios. Eram as

minhas mãos, sim, mas minhas mãos anos depois do ponto mortal em que a vida fora fixada em mim. Eram mãos de homem.

De minha boca saiu uma canção, ecoando ruidosa e destacadamente pela congregação, e então suas vozes se elevaram em resposta, e mais uma vez cantei minha certeza,

a certeza que me dominara até a medula.

- Cristo chegou. A encarnação começou em todas as coisas e em todos os homens e mulheres, e continuará para sempre! - Isso parecia uma canção tão perfeita que as

lágrimas escorriam de meus olhos, e quando abaixei a cabeça e cruzei as mãos vi o pão e o vinho à minha frente, o pão redondo esperando para ser abençoado e partido

e o vinho no cálice dourado ali para ser transformado.

- Este é o Corpo de Cristo, e este é o Sangue derramado por nós agora e antes e para sempre, e em cada momento em que estivermos vivos! - Cantei. Segurei o pão e

ergui-o, e um grande feixe luminoso jorrou dali, e a congregação entoou o seu hino de louvor mais doce e mais alto.

Segurei o cálice nas mãos. Elevei-o enquanto os sinos repicavam nas torres, torres e torres grudadas às torres dessa igreja imponente, espalhando-se em todas as

direções, o mundo inteiro tendo-se tornado essa floresta de igrejas, e aqui ao meu lado os sininhos dourados tilintavam.

De novo as lufadas de incenso. Ao pousar o cálice, olhei para o mar de rostos que se estendia à minha frente. Virei a cabeça de um lado para o outro e depois olhei

para o céu, para os mosaicos fundindo-se com as nuvens brancas e agitadas que iam subindo.

Vi as cúpulas douradas embaixo do Paraíso. Vi os telhados sem fim de Podil.

Eu sabia que era a cidade de Vladimir em toda a sua glória, e que eu estava no grande santuário de Santa Sofia, tendo sido retirados todos os biombos que me separavam

das pessoas, e todas aquelas outras igrejas que eram apenas ruínas em minha infância longínqua agora estavam magníficas depois de restauradas, e os domos dourados

de Kiev bebiam a luz do sol e a refletiam com a força de um milhão de planetas aquecidos eternamente com o fogo de um milhão de estrelas.

-Meu senhor, meu Deus! -exclamei. Olhei para o bordado esplendoroso de minhas vestes, o cetim verde e seus fios de ouro metálico.

À minha direita e à minha esquerda estavam meus irmãos em Cristo, barbados, olhos brilhando enquanto me ajudavam, enquanto cantavam os hinos

que eu cantava, enquanto nossas vozes se misturavam, prosseguindo vigorosamente de hino a hino em notas que eu quase podia ver subindo aos céus diante de mim.

- Dêem-lhes esse pão! Dêem-lhes esse pão porque eles têm fome - gritei. Parti o pão com as mãos. Parti-o ao meio, e depois em quartos, e os quartos em pedacinhos

que encheram o prato reluzente de ouro.

A congregação em massa subiu os degraus, mãozinhas rosadas e macias pegando os pedaços, que distribuí o mais rápido possível, um de cada vez, sem derramar uma só

migalha, o pão dividido entre dezenas, e depois vintenatas, e depois centenas de pessoas que se adiantavam, as últimas mal deixando as que já haviam sido alimentadas

voltarem para seus lugares.

As pessoas iam chegando. Mas os hinos não paravam. Vozes, quietas no altar, silenciadas enquanto deglutiam o pão, logo explodiam novamente e jubilosas. O pão era eterno.

Eu ficava partindo sua crosta grossa, depositando-a naquelas mãos espalmadas ou graciosamente fechadas em concha.

- Tome, tome o Corpo de Cristo! - eu dizia.

Vultos escuros vacilantes erguiam-se à minha volta, brotando do chão refulgente de ouro e prata. Eram troncos de árvores, e seus galhos balançavam para cima e para..baixo

em minha direção, e folhas e frutos caíam desses galhos no altar, no prato de ouro e no pão consagrado agora partido numa grande quantidade de pedaços.

- Colham tudo! - exclamei. Catei as folhas verdes e macias e os frutos perfumados e os coloquei naquelas mãos ávidas. Olhei para as minhas mãos e vi grãos escorrendo

de meus dedos, grãos que ofereci a lábios abertos, grãos que despejei em bocas abertas.

O ar estava coalhado de folhas verdes que caíam silenciosamente, tanto que tudo em volta ganhou um brilhante reflexo esverdeado, todo cortado de repente por um bando

de passarinhos a voar. Um milhão de pardais voaram para o céu. Um milhão de tentilhões subiram, o sol fulgurante faiscando em suas asinhas abertas.



-Agora e para todo o sempre, sempre em cada célula e cada átomo -orei. - A Encarnação - eu disse. - E o Senhor está no meio de nós. - Minhas palavras ressoaram de

novo como se um teto nos cobrisse, um teto onde minha canção podia ecoar, embora agora nosso teto fosse apenas o céu.

As pessoas iam entrando com pressão. Elas rodearam o altar. Meus irmãos haviam se retirado, milhares de mãos puxando delicadamente suas vestes p ,

uxando-os da mesa de Deus. De todos os lados chegavam esses famintos que pegavam o pão que eu distribuía, o grão, os frutos aos punhados, e até as folhas verdes

e tenras.

Ali estava minha mãe ao meu lado, minha mãe linda e melancólica, uma touca finamente bordada enfeitando seu volumoso cabelo grisalho, com seus olhinhos enrugados

grudados em mim, e nas mãos trêmulas, com dedos ressecados e tímidos, ela segurava a mais esplêndida das oferendas, os ovos pintados! Vermelhos e azuis, amarelos

e verdes, e decorados com tiras de diamantes e correntes de flores do campo, os ovos faiscavam em seu esplendor laqueado como se fossem gigantescas jóias polidas.

E bem no centro de sua oferenda, esta oferenda que ela erguia com mãos trêmulas e enrugadas, estava exatamente o ovo que ela há tanto tempo me confiara, o ovo leve

e cru tão deslumbrantemente pintado de vermelho rubi com a estrela dourada no centro, esse precioso ovo que certamente era sua melhor criação, a melhor realização

de seu trabalho com a cera quente e a tinta fervente.

Não estava perdido. Nunca estivera. Estava ali. Mas havia alguma coisa acontecendo. Eu podia ouvir. Mesmo com a multidão cantando num tom altíssimo, eu podia ouvir

o barulhinho dentro do ovo, o barulhinho trêmulo, o gritinho.

-Mãe-eu disse. Peguei o ovo. Segurei-o com as duas mãos e pressionei a casca frágil com os polegares.

- Não, meu filho - gritou ela. Ela gemia. - Não, meu filho, não!

Mas era tarde demais. A casca laqueada quebrou em minha mão, e dos cacos surgiu um pássaro, um lindo pássaro já adulto, um pássaro de asas brancas como a neve, um

biquinho amarelo e olhinhos negros e brilhantes como pedaços de azeviche.

Soltei um longo suspiro.

O pássaro saiu do ovo, abrindo as asas brancas perfeitamente emplumadas, o biquinho aberto emitindo subitamente um guincho. Saiu voando esse pássaro, livre da casca

vermelha quebrada, subindo, cada vez mais alto, sobrevoando a congregação, atravessando a chuva de folhas e pardais alvoroçados a girar, atravessando o clamor glorioso

dos sinos que repicavam.

Os sinos das torres tocavam tão alto que sacudiam as folhas que caíam girando, tão alto que as colunas altaneiras

estremeciam, as pessoas balançavam e cantavam com mais vigor como se em uníssono com os retumbantes carrilhões de garganta dourada.

O pássaro voara. O pássaro estava livre.

- Cristo nasceu - murmurei. - Cristo subiu. Cristo está no Paraíso e na terra. Cristo está conosco.

Mas ninguém conseguia ouvir minha voz, minha voz íntima, e o que importava isso, se o mundo inteiro cantava a mesma canção?

Uma mão agarrou-me. Grosseiramente e com maldade, puxou minha manga. Virei-me. Tomei

fôlego para gritar e fiquei paralisado de medo.

Um homem, surgido do nada, estava a meu lado, tão perto que nossos rostos quase se tocavam. Ele me fuzilou com os olhos. Eu conhecia aquele cabelo e aquela barba

vermelhos, aqueles olhos ardentes e diabólicos. Eu sabia que ele era meu pai, mas ele não era meu pai e sim uma presença medonha e poderosa infundida no rosto de

meu pai, e ali, ao meu lado, um colosso, olhando para mim, ridicularizando-me com seu poder e seu tamanho.

Ele bateu com o dorso da mão no cálice de ouro. O cálice bambeou e caiu, o vinho consagrado manchando os pedaços de pão, manchando a toalha de fios de ouro do altar.

- Mas não pode! Olhe o que você fez! - Ninguém me ouvia com aquela cantoria? Ninguém me ouvia com aquele

repicar dos sinos?

Eu estava sazinho.

Estava numa sala moderna. Embaixo de um teto de estuque branco: Numa sala doméstica.

Eu era eu mesmo, um homem miúdo com aquele meu antigo cabelo desgrenhado até os ombros, casaco de veludo púrpura e jabô de renda branca. Estava encostado na parede.

Atordoadado e quieto ali, eu só sabia que cada partícula daquele lugar, cada partícula minha, era tão concreta e real como fora uma fração de segundo antes.

O tapete embaixo de meus pés era tão real como as folhas que haviam caído como flocos de neve na imensa Catedral de Santa Sofia, e minhas mãos, minhas mãos sem pêlos

e infantis, tão reais como as mãos do padre que eu fora um segundo antes é partir o pão.

Um soluço terrível me subiu na garganta, um grito terrível que eu mesmo não agüentei ouvir. Eu não conseguiria mais respirar se não o soltasse, e esse corpo, maldito

ou sagrado, mortal ou imortal, puro ou corrupto, certamente explodiria.

Mas uma música reconfortou-me. Uma música lentamente se articulou, limpa e requintada, e totalmente diferente do coro uniforme e magnífico que eu acabara de ouvir.

Do silêncio, saltavam essas notas perfeitamente formadas e discretas, essa multidão de sons cascadeantes que pareciam falar de maneira direta e animada, como se

desafiando lindamente a inundação de som de que eu tanto gostara.

Ah, pensar que apenas dez dedos podiam tirar esses sons de um instrumento de madeira, em que os martelos, com um movimento determinado e rígido, batiam numa harpa de bronze de cordas esticadíssimas.

Eu conhecia essa música. Conhecia a sonata para piano, e aliás gostava dela, e agora sua fúria me paralisava. Appassionata. As notas cresciam e decresciam em deslumbrantes

arpejos retumbantes, troando nos graves para ribombar em staccato e logo subindo nos agudos e tornando a disparar. A melodia alegre

continuava, eloqüente e exaltadora e absolutamente humana, exigindo ser sentida além de ouvida, exigindo ser acompanhada em todas as suas intrincadas circunvoluções.

Appassionata. Na torrente furiosa de notas, ouvi ressoar um piano de madeira; ouvi a vibração de sua enorme harpa de bronze. Ouvi o palpitar de suas numerosas cordas.

Ah, sim, sem parar, cada vez mais alto, mais forte, mais puro e mais perfeito, retinindo torcidas como se uma nota pudesse ser um chicote. Como mãos humanas podem

criar este encanto, como podem tirar dessas teclas de marfim esse dilúvio, essa beleza retumbante e movimentada?

A música parou. Minha agonia foi tão grande que só consegui fechar os olhos e gemer por ter perdido essas notas límpidas e aceleradas, gemer por ter perdido essa

intensidade prístina, esse som sem palavras que assim mesmo falou comigo, implorando que eu testemunhasse, que compartilhasse e entendesse o furor intenso e absolutamente

exigente de outra pessoa.

Um grito me sacudiu. Abri os olhos. A sala era ampla e atulhada de objetos ricos colocados a esmo, quadros até o teto, tapetes lóricos estendendo-se selvagemmente

embaixo das pernas retorcidas de mesas e cadeiras modernas, e o piano ali, o grande piano de onde essa música viera, reluzindo bem no centro desse caos, com sua

longa faixa de teclas brancas sorridentes, que triunfo do coração, da alma, da mente!

Diante de mim, havia um menino ajoelhado no chão, rezando, um menino árabe de cabelos curtos encaracolados e lustrosos e um bem cortado djellaba, isto é, uma túnica

de algodão usada no deserto. Ele estava de olhos fechados, o rostinho redondo virado para cima, embora sem me ver, o cenho franzido e os lábios movendo-se freneticamente,

as palavras saindo aos borbotões em árabe:

-Que algum demônio ou algum anjo venha detê-lo, que saia alguma coisa da escuridão, qualquer coisa, qualquer coisa poderosa e vingativa, qualquer coisa, venha, saia

da luz e da vontade dos deuses que não suportarão ver a opressão dos pecadores. Detenha-o antes que ele mate a minha Sybelle. Detenha-o, aqui é Benjamin, filho de

Abdulla, que o invoca, leve minha alma, leve minha vida por causa disso, mas venha, venha, quem for mais forte do que eu e salve minha Sybelle.

- Silêncio! - gritei. Eu estava sem fôlego. Sua carinha bizantina redonda podia ter saído admirada da parede da igreja, mas ele estava ali e era real e me viu e

eu era o que ele queria ver.

-Olhe, seu anjo! -gritou ele, a vozjuvenil realçada com o sotaque árabe. -Não consegue enxergar com esses seus olhos bonitos!

Enxerguei.

Toda a realidade daquilo veio de uma vez. Ela, a jovem Sybelle, brigava para ficar no piano, para não ser arrancada do banco, as mãos lutando para alcançar as teclas,

a boca fechada, e um terrível gemido pressionando seus lábios fechados, o cabelo louro esvoaçando em volta dos ombros. E o homem que a sacudia, que a puxava, que

gritava com ela, dando-lhe de repente um murro que a derrubou do banco do piano e ela deixando então escapar um grito e se estatelando desajeitadamente no chão acarpetado.

-Appassionata, Appassionata- grunhiu ele para ela, parecendo um urso com seu gênio megalomaníaco. -Não quero ouvir essa música, não quero, você não vai fazer isso

comigo, com minha vida. É a minha vida! - Ele rugia como um búfalo. -Não vou deixá-la continuar.

O menino deu um pulo e me agarrou. Segurou meus pulsos e quando me desvencilhei dele, olhando-o espantado, ele segurou meus punhos de veludo. -Detenha-o, anjo. Detenha-o,

diabo! Ele não pode mais bater nela. Ele vai

matá-la. Detenha-o, diabo, detenha-o, ela é boa!

Ela se ajoelhou, o cabelo desgrenhado escondendo-lhe o rosto. Uma grande mancha de sangue seco cobria um lado de sua cintura fina, uma mancha que impregnava o tecido florido.

Enfurecido, vi o homem se retirar. Alto, cabeça raspada, olhos saltados, ele tapou os ouvidos e amaldiçoou-a:

- Sua cadela louca e idiota, sua egoísta. Eu não tenho vida? Eu não tenho justiça? Não tenho sonhos?

Mas ela já estava de novo com as mãos no piano. Tocava o Segundo Movimento da Appassionata como se não tivesse sido interrompida. Suas mãos batiam nas teclas. Uma

torrente furiosa de notas após a outra, como se escritas com o único propósito de responder a ele, de desafiá-lo, como se para gritar: Não paro, não paro...

Vi o que estava para acontecer. Ele se virou e a fuzilou com os olhos esbugalhados, um esgar aflito na boca, mas só para deixá-la no auge da raiva. Um sorriso assassino formava-se nos lábios dele.

Para frente e para trás, ela balançava no banco do piano, cabelos esvoaçantes, uma expressão alegre, a mente



desprezando ver as notas que tocava, plotar o curso

de suas mãos que corriam de um lado para o outro, sem perder o controle da torrente.

De boca fechada, ela cantarolava baixinho, acompanhando as melodias que jorravam das teclas. Ela se curvava e abaixava a cabeça, o cabelo caindo no dorso de suas

mãos céleres. E continuou penetrando na melodia ribombante, na certeza, na recusa, no desafio, na afirmação, sim, sim, sim.

O homem partiu para cima dela.

O menino nervoso, deixando-me desesperado, correu para apartá-los, e o homem deu-lhe um bofetão com tamanha violência que o menino se estatelou no chão.

Mas antes que as mãos do homem alcançassem os ombros da moça, antes que ele sequer conseguisse tocá-la- e ela começou a tocar de novo o Primeiro Movimento, ah, ah,

aaah! a Appassionata toda de novo em toda a sua força -, eu o segurara, e o virara de frente para mim.

- Você vai matá-la? - murmurei. - Bem, veremos.

- Sim! - gritou ele, o rosto suado, os olhos saltados brilhando. - Matá-la! Ela me levou à loucura, foi isso o que ela fez, e vai morrer! -Furioso demais até para

questionar minha presença, ele tentou me empurrar, os olhos grudados novamente nela. - Sybelle, sua desgraçada, pare de tocar essa música, pare!

A melodia e os acordes estavam novamente tonitruantes. Jogando o cabelo de um lado para o outro, ela prosseguia.

Empurrei-o para trás com a mão esquerda, e, com a direita, levantei seu queixo para poder chegar à sua garganta, rasguei-a e deixei o sangue me entrar na boca. Estava

escaldante e rico e cheio do ódio dele, cheio de rancor, cheio dos sonhos desfeitos e das fantasias vingativas dele.

Como era quente! Tomei-o em sorvos profundos, vendo tudo, como ele a amara, cultivara-a, ela, sua irmã talentosa, ele, o irmão inteligente, ferino e desafinado,

guiando-a para o pináculo de seu universo precioso e refinado, até que uma tragédia comum interrompera a ascensão dela e a enlouquecera, deixando para trás o irmão,

a memória, a ambição, trancada para sempre no luto pelas vítimas daquela tragédia, seus pais amorosos e aprovadores, mortos numa estrada sinuosa que atravessava

um vale distante e sombrio na véspera de seu grande triunfo, sua estréia como gênio do piano para o mundo inteiro.

Vi o carro deles chacoalhando e correndo na escuridão. Ouvi o irmão no banco traseiro conversando, a irmã ao lado dele ferrada no sono. Vi o carro bater no outro.

Vi as estrelas assistindo caladas àquela cena cruel. Vi os corpos feridos e sem vida. Vi o rosto atordoado dela, que estava ilesa, a roupa toda rasgada, na beira

da estrada. Ouvi o irmão gritar horrorizado. Ouvi-o praguejando, sem querer acreditar. Vi vidros quebrados.

Vidro quebrado por todo canto faiscando lindamente à luz dos faróis. Vi os olhos dela, azul-claros. Vi seu coração de perto.

Minha vítima estava morta. Escorregou de minha mão. Estava tão sem vida quanto seus pais naquele deserto quente.

Ele estava morto e enrugado e jamais poderia machucá-la de novo, puxar-lhe os cabelos louros e compridos, bater nela ou impedi-la de tocar.

A sala estava docemente quieta, senão pelo piano tocando. Ela voltara ao Terceiro Movimento e balançava delicadamente com seu início mais calmo, seus passos polidos

e comedidos.

O menino dançava de alegria. Com aquele fino djellaba, descalço, a cabeça redonda coberta com um cabelo preto e grosso todo cacheado, ele era o anjo árabe pulando,

dançando e gritando:

- Ele está morto, ele está morto, ele está morto. - Batia palmas, esfregava as mãos, tornava a bater palmas, jogava as mãos para o alto. - Ele está morto, está morto,

está morto, não vai mais machucá-la, não vai mais aborrecê-la, ele já está duplamente aborrecido para sempre, está morto, está morto.

Mas ela não o ouvia. Continuava tocando, passando por essas notas baixas e sonolentas, cantarolando de boca fechada e depois abrindo a boca para entoar uma canção

monossilábica.

Eu estava cheio daquele sangue. Sentia-o me percorrer todo. Adorei-o, adorei cada gota. Recobrei o fôlego do esforço de tê-lo consumido tão depressa, e fui andando

devagarinho, fazendo o mínimo de barulho, como se ela pudesse ouvir, quando não podia, e fiquei na ponta do piano, olhando para ela.

Que rostinho terno o dela, tão infantil com olhos azul-claros grandes e fundos. Mas olhe as equimoses em seu rosto. Olhe os arranhões em suas faces. Olhe o campo

pontilhado de feridinhas sangrando em sua fonte onde uma mecha de cabelo foi arrancada pela raiz.

Ela não ligava. Os hematomas esverdeados em seus braços nus nada significavam para ela. Ela continuava tocando.

Que delicado era seu pescoço, mesmo com a marca escura deixada pelos dedos dele, e que graciosos eram seus ombros magros, mal segurando as mangas de seu vestido

de algodão fino e florido! Suas sobrancelhas fortes de um louro acinzentado juntavam-se na mais doce expressão de concentração enquanto ela olhava para frente, contemplando

apenas sua música alegre e cheia de extremos, sendo os seus dedos longos a única coisa que evidenciava sua força titânica.

Ela deixou o olhar vagar para mim e sorriu como se tivesse visto algo que momentaneamente a agradasse; baixou a cabeça uma, duas, três vezes no compasso rápido da

música, mas como se o gesto fosse dirigido a mim.

-Sybelle-murmurei. Levei os dedos aos lábios, beijei-os e soprei o beijo para ela, que continuava tocando.

Mas aí sua visão se enevoou, e ela ficou de novo ausente, o Movimento exigindo velocidade, elajogando a cabeça para trás com o esforço de seu ataque às teclas. E

a sonata entrou novamente em seu ritmo mais triunfante.

Algo mais poderoso do que a luz do sol me engoliu. Era um poder tão absoluto que me cercou completamente e me sugou para fora do quarto, para fora do mundo, para

fora do som do piano que ela tocava, para fora de meus sentidos.

- Nãaaao, não me leve agora! - gritei. Mas uma escuridão atroz e vazia

engoliu o som.

Eu estava voando, leve, com os braços e as pernas esturricados abertos, e num Inferno de dor cruciante. Este não pode ser o meu corpo, solucei, vendo a carne preta

colada nos músculos como se fosse couro, vendo cada tendão de meus braços, minhas unhas curvas e pretas como se fossem pedaços de chifre queimado. Não, não o meu

corpo, gritei, mãe, ajude-me, ajude-me! Benjamin, ajude-me...

Comecei a cair. Ah, ninguém podia me ajudar agora senão um Ser. -Deus, dai-me coragem-gritei.-Deus, se isso

tiver começado, dai-me coragem, Deus, não posso abandonar

minha razão, Deus, digei-me onde estou, Deus, deixai-me entender o que está acontecendo, Deus, onde está a igreja, Deus, onde estão o pão e o vinho, Deus, onde está

ela, Deus ajudai-me, ajudai-me.

Fui caindo, passando por flechas de vidro, por grades de janelas cegas, por telhados e torres pontiagudas. Caí no meio do vento violento e uivante da nevasca pungente.

Passei pela janela em que a inconfundível figura de Benjamin estava com a mãozinha na cortina, os olhos negros fixos em mim por uma fração de segundo, a boca aberta,

anjinho árabe. Fui caindo cada vez mais, a pele de minhas pernas murchando e encolhendo de modo que eu não podia dobrá-las, a do rosto também, de modo que eu não

podia abrir a boca, e, com uma explosão agonizante de dor, bati na neve dura.

Meus olhos estavam abertos e o fogo os inundava. O sol já ia alto.

-Morrerei agora. Morrerei! -murmurei. -E nesse derradeiro momento de paralisia ardente, quando o mundo inteiro acabou e nada mais resta, ouço a música dela! Ouço-a

tocando as últimas notas da Appassionata! Ouço-a. Ouço sua música tumultuada.

20

Não morri. Absolutamente.

Acordei e ouvi-a tocando, mas ela e seu piano estavam muito longe. Nas primeiras horas depois do crepúsculo, quando a dor estava no auge, eu usava a música dela,

usava a procura dessa música, para impedir que eu gritasse desesperado porque nada fazia a dor passar.

Profundamente envolvido na neve, eu não conseguia me mexer nem enxergar, a não ser o que minha mente podia ver se eu decidisse usá-la, e, desejando morrer, eu não

usava nada. Só ficava escutando a Appassionata, e às vezes cantava junto com ela em meus sonhos.

Passei a primeira noite e a segunda a escutá-la, isto é, quando ela se dispunha a tocar. Ela parava durante horas, para dormir, talvez. Eu não podia saber. Então

ela recomeçava e eu recomeçava com ela.

Acompanhei os Três Movimentos até sabê-los de cor, como ela devia saber. Eu sabia as variações que ela imprimia à música; sabia como nunca tocava uma frase musical

da mesma forma.

Escutei Benjamin me chamando, ouvi sua vozinha animada, falando muito depressa e muito à moda de Nova York, dizendo:

- Anjo, você não terminou conosco, o que devemos fazer com ele? Anjo, volte. Anjo, vou lhe dar cigarros. Anjo, estou cheio de cigarros bons. Volte. Anjo, isso é

só uma brincadeira. Sei que você pode arranjar seus próprios cigarros. Mas é realmente irritante você deixar esse cadáver, Anjo. Volte.

Havia horas em que eu não ouvia nenhum deles. Minha mente não tinha força para alcançá-los telepaticamente, só para vê-los, um pelos olhos do outro. Não. Esse tipo

de força acabara.

Fiquei deitado mudo e quedo, queimado tanto por tudo aquilo que eu vira e sentira quanto por qualquer luz do dia, ferido e esvaziado, a mente e o coração mortos,

exceto por meu amor por eles. Isso era fácilimo, não? Na dor mais atroz amar dois lindos estranhos, uma menina louca e um garoto malandro que gostava

dela. O meu assassinato do irmão dela era uma ação sem história. Bravo, e acabou. A dor de tudo o mais tinha quinhentos anos de história.

Havia horas em que só a cidade falava comigo, a grande cidade barulhenta, agitada e dinâmica de Nova York, com seu tráfego sempre ruidoso, mesmo na pior das nevascas,

com suas várias camadas superpostas de vozes e vidas elevando-se até o platô onde eu estava deitado, e depois ultrapassando-o, indo bem mais além em torres como

o mundo jamais havia visto antes.

Eu sabia de coisas mas não sabia o que fazer com elas. Eu sabia que a camada de neve que me cobria ficava cada vez mais espessa e mais dura, e não entendia como

é que algo como o gelo podia me esconder dos raios do sol.

Obviamente, eu precisava morrer, pensei. Se não naquele dia que chegava, então no seguinte. Pensei em Lestat segurando o Véu. Pensei no Rosto Dele. Mas o zelo me



abandonara. A esperança me abandonara totalmente.

Vou morrer, pensei. Manhã após manhã, vou morrer. Mas não morri.

Na cidade lá embaixo, ouvi outros de minha espécie. Não tentei realmente ouvi-los, logo não eram seus pensamentos que chegavam a mim, mas de vez em quando suas palavras.

Lestat e David estavam lá, Lestat e David achavam que eu estivesse morto. Lestat e David choravam por mim. Mas horrores muito piores aligiam Lestat porque Dora

e o mundo haviam tomado o Véu, e a cidade agora estava repleta de crentes. A catedral mal controlava as multidões.

Outros imortais chegaram, os jovens, os fracos e, às vezes, o que era mais apavorante, os muito. velhos, querendo ver esse milagre, entrando na igreja à noite com

os fiéis mortais e olhando o céu com olhos enlouquecidos.

Às vezes eles falavam do pobre Armand ou do bravo Armand ou do Santo Armand, que, em sua devoção ao Cristo crucificado, imolara-se exatamente na porta dessa igreja!

Às vezes eles faziam o mesmo. E justo antes de o sol estar para nascer de novo, eu tinha de ouvi-los, ouvir suas últimas preces desesperadas enquanto esperavam pela

luz fatal. Eles se deram melhor que eu? Encontraram refúgio nos braços de Deus? Ou estavam gritando de agonia, agonia como a que eu sentia, insuportavelmente queimado

e incapaz de me separar daquilo, ou estavam tão perdidos quanto eu, remanescentes em becos ou telhados distantes? Não, eles iam e vinham, fosse qual fosse o destino

deles.

Quão apagado estava aquilo tudo, quão distante. Eu estava tristíssimo por Lestat não ter se dado ao trabalho de chorar por mim, mas eu devia morrer ali. Eu devia

morrer mais cedo ou mais tarde. Fosse o que fosse que eu tivesse visto naquele momento em que entrei no sol, aquilo não tinha importância. Eu devia morrer. Era só

isso.

Na noite nevada, vozes eletrônicas falavam do milagre, que o Rosto de Cristo num Sudário de linho curara os doentes e deixara sua impressão em outros panos prensados

contra ele. Então veio uma discussão dos clérigos e dos céticos, uma confusão perfeita.

Eu não acompanhava o sentido de nada. Sofria. Ardia. Não conseguia abrir os olhos, e, quando tentava, as pestanas os arranhavam e a agonia era insuportável. No escuro,

eu esperava por ela.

Mais cedo ou mais tarde, sem falhar, chegava sua magnífica música, com todas aquelas novas e maravilhosas variações, e nada me importava então, nem o mistério de

quem eu era, nem o que eu pudesse ter visto, nem o que Lestat e David pretendiam fazer.

Só depois da sétima noite, talvez, recuperei totalmente os sentidos e compreendi plenamente o horror de meu estado.

Lestat se fora. David também. A igreja fora fechada. Pelo que os mortais cochichavam, logo percebi que o Véu fora levado embora.

Eu podia ouvir as mentes da cidade inteira, um barulho que era insuportável. Fechei-me para aquilo, temendo o imortal errante que viria me pegar se captasse uma

única centelha de minha mente telepática. Eu não podia suportar a idéia de uma tentativa de resgate por parte de estranhos imortais. Não podia suportar a idéia de

suas caras, de suas perguntas, sua possível preocupação ou sua indiferença implacável. Escondia-me deles, encolhido em minha pele rachada e esticada. Mas eu os ouvia,

como ouvia as vozes mortais em volta deles, falando de milagres, de redenção e do amor de Cristo.

Ademais, eu já tinha muita coisa em que pensar para considerar aquela minha situação atual e como ela acontecera.

Eu estava deitado num telhado. Foi onde caí. Mas não sob o céu aberto, como eu poderia ter esperado ou suposto. Ao contrário, meu corpo caíra numa chapa de metal

inclinada, alojando-se embaixo de um telheiro furado e enferrujado, onde fora sepultado por várias camadas de neve trazida pelo vento.

Como eu chegara ali? Eu só podia fazer conjeturas.

Por minha própria vontade, e com a primeira explosão de meu sangue na luz do sol da manhã, eu fora impelido para cima, talvez o mais alto aonde eu pudesse chegar.

Durante séculos, eu soube subir nas alturas e deslocar-me ali, mas nunca forcei isso até um limite concebível, mas, com meu zelo pela morte, eu me esforçara ao máximo

para subir aos céus. Minha queda foi da altura máxima.

O prédio embaixo de mim estava vazio, abandonado, perigoso sém aquecimento ou luz.

Não vinha um só barulho dos poços ociosos de suas escadas de metal ou de suas salas dilapidadas. Na verdade, o vento de vez em quando soprava aquela estrutura como

se ela fosse um órgão de tubos, e, quando Sybelle não estava ao

piano, era essa música que eu escutava, abafando a cacofonia rica da cidade que se espraiava em todos os sentidos.

De vez em quando, mortais entravam nos primeiros andares do prédio. Senti de repente uma esperança angustiante. Alguém seria suficientemente tolo para vir aqui em

cima no telhado onde eu podia agarrá-lo e beber o sangue de que eu precisava apenas para sair daquele telheiro que me protegia e assim me entregar ao sol sem nenhuma

proteção? Como eu estava agora, o sol mal chegava em mim. Só uma claridade fraca me chamuscava através da mortalha de neve em que eu estava enrolado, e, com o passar

das noites, essa dor recém-infligida se fundiria com o resto.

Mas ninguém jamais subiu lá.

A morte seria lenta, muito lenta. Talvez tivesse de esperar até o tempo quente chegar e a neve derreter.

Assim, cada manhã, enquanto desejava morrer, acabei aceitando que eu acordaria, mais queimado talvez do que nunca, mas ainda mais escondido pela tempestade de inverno,

como sempre estive escondido, das centenas de janelas acesas que davam para aquele telhado.

Quando o silêncio era mortal, quando Sybelle dormia e Benji acabava de rezar para mim e conversar comigo na janela, vinha o pior. Pensei, com frieza e desânimo, naquelas

coisas simples e estranhas que me aconteceram quando eu estava caindo no espaço, porque não conseguia pensar em mais nada.

Quão absolutamente real fora o altar de Santa Sofia e o pão que parti com as mãos. Eu soube de coisas, tantas coisas, coisas que eu já não conseguia mais lembrar

nem colocar em palavras, coisas que eu não poderia articular aqui nessa narrativa nem ao procurar reviver a história.

Real. Tangível. Eu sentira a toalha do altar e vira o vinho sendo derramado, e, antes disso, o pássaro saindo do ovo. Ouvi o barulho da casca quebrando. Ouvi a voz

de minha mãe. E tudo mais.

Mas minha mente já não queria mais isso. Não queria essas coisas. O zelo mostrara-se frágil. Acabara, como as noites com o Mestre em Veneza, como os anos na companhia

de Louis, como os meses festivos na Ilha da Noite, como aqueles séculos vergonhosos com os Filhos da Escuridão em que eu fora um tolo, um tolo completo.

Eu podia pensar no Véu, no Paraíso, em mim, ali no Altar, operando o milagre com o Corpo de Cristo nas mãos. Sim eu podia pensar nisso tudo. Mas a totalidade era

terrível demais, e eu não estava morto, e não havia nenhum Memnoch instando para que eu me tornasse seu ajudante, e nenhum Cristo de braços abertos contra o pano

de fundo da luz infinita de Deus.

Era muito mais doce pensar em Sybelle, lembrar que seu quarto vermelho com tapetes turcos azuis e quadros escuros e exagerados eratão real quanto Santa

Sofia de Kiev, pensar em seu rosto oval e branco quando ela se virou para olhar para mim, pensar no brilho súbito de seus olhos úmidos e rápidos.

Uma noite, quando meus olhos realmente se abriram, quando as pálpebras realmente deixaram descobertas as órbitas de meus olhos possibilitando que eu enxergasse através

daquele bolo branco de gelo em cima de mim, percebi que estava sarando.

Tentei dobrar os braços. Consegui levantá-los muito ligeiramente, e o gelo que me envolvia quebrou; que barulho elétrico espetacular!

O sol simplesmente não podia me alcançar ali, ou não o suficiente para agir contra a fúria preternatural do poderoso sangue que meu corpo continha. Ah, Deus, imagine

só, quinhentos anos tornando-me cada vez mais forte, e, antes de mais nada, nascido do sangue de Marius, um monstro, desde o início, um monstro que nunca soube a força que tinha.

Por um instante parecia que minha raiva e meu desespero não poderiam aumentar mais. Que a ardência em meu corpo todo não poderia piorar.

Então Sybelle começou a tocar. Começou a tocar a Appassionata e nada mais me importou.

E não importaria novamente até ela parar de tocar. A noite foi mais quente do que de hábito; a neve derreteria ligeiramente. Parecia que não havia nenhum mortal por

perto. Eu sabia que o Sudário fora mandado para o Vaticano em Roma. Agora não haveria motivo para os imortais virem cá, haveria?

Pobre Dora. O noticiário da noite diz que lhe tomaram o prêmio. Roma precisa examinar esse Sudário. Suas histórias de estranhos anjos louros foram matéria de tablóides, e ela mesma já não estava mais ali.

Num momento de coragem, preendi meu coração à música de Sybelle, e, fazendo um esforço com a cabeça dolorida, enviei minha mensagem telepática como se ela fosse uma

parte carnal minha, uma língua exigindo energia, para ver, através dos olhos de Benjamin, o quarto onde os dois

moravam.

Numa linda névoa dourada, eu vi, vi as paredes cobertas de quadros com molduras pesadas, vi a minha bela com um roupão branco felpudo e chinelos

velhos, os dedos trabalhando duro. Quanta imponência no ímpeto da música! E . Benjamin, o pequeno aflito, carrancudo, fumando um charuto preto, mãos atrás

das costas, andando descalço de um lado para o outro, abanando a cabeça . enquanto resmungava consigo mesmo.

- Anjo, eu lhe disse para voltar.

Sorri. As rugas de meu rosto doíam como se tivessem sido riscadas com a ponta de uma faca afiada. Fechei o olho telepático. Deixei-me adormecer com os crescendos

acelerados do piano. Ademais, Benjamin sentira alguma coisa; sua mente, não distorcida pela sofisticação ocidental, captara algum vislumbre de minha espionagem.

Bastava.

Então, tive outra visão, muito forte, muito especial e incomum, algo que não seria ignorado. Virei de novo a cabeça e fiz o gelo rachar. Fiquei de olhos abertos.

Eu via difusamente umas torres iluminadas.

Algun mortal lá na cidade estava pensando em mim, alguém que estava longe, a muitas quadras da catedral fechada. De fato, senti logo a presença distante de dois



vampiros poderosos, vampiros que eu conhecia, que sabiam de minha morte e lamentavam-na amargamente enquanto executavam uma tarefa importante.

Isso agora era uma coisa arriscada. Tente vê-los e eles podem captar muito mais do que aquele lampejo de minha pessoa que Benjamin captou tão rápido. Mas não havia

bebedores de sangue na cidade exceto eles, pelo que eu podia imaginar, e eu precisava saber o que os fazia andar com tanta determinação daquele modo tão furtivo.

Uma hora se passou, talvez. Sybelle estava em silêncio. Eles, os vampiros poderosos, continuavam ocupados. Decidi arriscar.

Aproximei-me com minha visão desencarnada, e logo percebi que podia enxergar através dos olhos do outro, mas que o inverso não funcionava.

A razão era simples. Agucei minha visão. Estava olhando através dos olhos de Santino, meu antigo Mestre da Assembléia de Roma, Santino, e o outro que vi era Marius,

meu Criador, cuja mente estava trancada para mim para sempre.

Era num amplo prédio público que eles vinham andando com cautela, ambos vestidos como cavalheiros modernos, com roupas azul-escuras, inclusive com colarinhos brancos

engomados e gravatas de seda estreitas. Ambos haviam cortado o cabelo de acordo com a moda empresarial. Mas não era uma empresa aquilo que eles estavam rondando,

nitidamente escravizando inofensivamente qualquer mortal que tentasse perturbá-los. Era um prédio ligado à área

médica. E logo adivinhei o que eles deviam estar fazendo.

Era no Instituto Médico Legal da cidade que eles estavam circulando. E, embora tivessem juntado calmamente os documentos que colocaram em suas pesadas pastas, eles

agora corriam para retirar dos compartimentos refrigerados os despojos daqueles vampiros que, seguindo meu exemplo, entregaram-se à mercê do sol.

Obviamente, estavam confiscando o que o mundo agora tinha de nós. Estavam recolhendo os vestígios. Em sacos de plástico simples, eles colocaram os restos que tiraram

de gavetas semelhantes a caixões e reluzentes bandejas de aço. Ossos inteiros, cinzas, dentes, ah, sim, até dentes eles enfiaram nos saquinhos. E agora retiravam

dos arquivos amostras embrulhadas em plástico de restos de roupas.

Meu coração pulou. Mexi-me dentro do gelo e o gelo respondeu-me de novo. Ah, fique quieto, coração. Deixe-me ver. Era a minha renda, a minha renda

mesmo, aquela de ponto rosa veneziano grossa, chamuscada nas pontas, e com uns farrapos de veludo púrpura! Sim minhas pobres roupas que eles tiraram do compartimento

etiquetado da gaveta do arquivo e enfiaram nos sacos.

Marius parou. Voltei a cabeça e a mente para outro lugar. Não me veja. Vejame e venha cá, ejuro por Deus que eu... eu o quê? Nem sequer tenho forças para me mexer.

Não tenho forças para fugir. Ó, Sybelle, por favor, toque para mim, preciso fugir disso.

Mas então, lembrando que ele era meu Mestre, lembrando que ele só podia me encontrar através da mente mais fraca e mais confusa de Santino, senti meu coração se acalmar.

Do banco da memória recente, saquei a música dela, emoldurei-a com números, cifras e datas, todos os pequenos detritos que eu trouxera comigo através dos séculos

para ela: que Beethoven escrevera aquela doce obra-prima, que era a Sonata n° 23 em Fá Menor, Opus 57. Pense nisso. Pense em Beethoven. Pense numa noite de faz-de-conta

na fria Viena, faz-de-conta pois eu não sabia realmente nada sobre essa noite, pense nele escrevendo música com uma pena ruidosa, que ele mesmo talvez não conseguia

ouvir. Pense nele sendo pago em pitaças. E pense com um sorriso, sim, com um sorriso dolorosamente cortante que faz seu rosto sangrar, em como levaram piano após

piano para ele, tão poderoso ele era, tão exigente, tão ardentemente ele tocava.

E ela, a linda Sybelle, que boa filha era para ele, seus dedos poderosos batendo nas teclas com um poder terrível que certamente o teria encantado, tivesse ele visto

no futuro remoto, entre seus frenéticos alunos e admiradores

, especificamente essa menina enlouquecida.

Essa noite estava mais quente. O gelo derretia. Não havia como negar. Cerrei os lábios e tornei a erguer a mão direita. Agora existia uma cavidade na qual eu podia

mexer os dedos da mão direita.

Mas eu não podia esquecer aquela dupla improvável, aquele que me criou e aquele que tentou destruir este, Marius e Santino. Precisava conferir. Cautelosamente, enviei

meu raio experimental de pensamento perscrutador. E num instante, flxei-os.

Eles estavam diante de um incinerador no interior do prédio ejogavam para dentro daquela boca de fogo todas as evidências que reuniram, saco após saco retorcendo-se

e estalando nas chamas

Que estranho. Eles não queriam olhar esses fragmentos no microscópio? Mas certamente outros de nossa espécie haveriam de ter feito isso, e por que olhar os ossos

e dentes daqueles que torraram no Inferno quando você pode cortar um pedaço de tecido claro de sua própria mão e colocar isso na lâmina de vidro enquanto sua mão

se regenera milagrosamente, como eu estava me regenerando agora mesmo?

Demorei-me na visão. Vi o porão enevoadado em volta deles. Vi as vigas baixas acima deles. Colocando todo o meu poder em meu olhar projetado, vi o rosto de Santino,

perturbadíssimo, suave, o mesmo que destruiu a única juventude que eu algum dia poderia ter tido. Vi meu antigo Mestre olhando quase melancolicamente para o fogo.

- Acabamos - disse Marius com sua voz calma e autoritária, falando perfeitamente em italiano com o outro.-Não consigo pensar em mais nada que devamos fazer.

- Arrombar o Vaticano e roubar o Sudário - respondeu Santino. - Com que direito eles reivindicam uma coisa dessas?

Só pude ver a reação de Marius, seu choque repentino, depois seu sorriso educado e sereno.

- Por quê? - perguntou ele, como se não guardasse nenhum segredo. O que é o Sudário para nós, meu amigo? Acha que esse Véu o fará recuperar o juízo? Desculpe-me,

Santino, mas você é muito jovem.

O,juízo, fazê-lo recuperar ojuízo. Isso tinha de se referir a Lestat. Não havia outra referência possível. Forcei a sorte. Vasculhei a mente de Santino à procura

de tudo o que ele sabia. Fiquei horrorizado, mas concentrei-me firmemente no que estava vendo.

Lestat, meu Lestat - pois ele nunca foi deles, foi? -, meu Lestat estava enlouquecido em consequência de sua terrível saga, e era mantido preso pelo mais velho de

nossa espécie com a sentença definitiva de que se não parasse de perturbar a paz, o que obviamente significava o nosso sigilo, ele seria destruído, da forma como

só os mais velhos podem destruir, e ninguém poderia defendê-lo de iorma alguma.

Não, isso não podia acontecer! Fiquei me contorcendo. Os choques da dor me percorreram, vermelho e violeta, e

pulsando com uma luz laranja. Eu não via essas cores

desde que caíra. Minha mente estava voltando, e voltando para quê? Lestat prestes a ser destruído! Lestat preso, como estive há séculos nos subterrâneos de Roma,

nas catacumbas de Santino. Ah, Deus, isso é pior do que o fogo do sol, pior que ver aquele irmão bastardo bater na cara roxa de Sybelle e arrancá-la do banco do piano,

é uma raiva assassina que estou sentindo.

Mas o estrago menor está feito.

- Venha, precisamos sair daqui - disse Santino. - Há alguma coisa errada, estou sentindo alguma coisa que não consigo explicar. É como se alguém estivesse bem atrás

de nós sem estar perto; como se alguém tão poderoso quanto eu ouvisse meus passos a quilômetros e quilômetros.

Marius parecia indulgente, curioso, despreocupado.

-Nova York é nossa essa noite-disse ele despreocupado. Então, com um pouco de receio, ele olhou uma última vez para a boca do incinerador. - A

menos que algum espírito de vida muito tenaz continue preso às rendas e ao veludo que usou.

Fechei os olhos. Ah, Deus, deixe-me fechar minha mente. Deixe-me fechá-la bem.

Sua voz continuou, penetrando na casquinha de minha consciência onde eu tanto a amolecera.

-Mas nunca acreditei nessas coisas -disse ele. - Somos como a própria Eucaristia, em certo sentido, não acha? Sendo Corpo e Sangue de um deus misterioso só enquanto

nos mantivermos na forma escolhida. O que são mechas de cabe(o avermelhado e renda chamuscada e esfarrapada? Ele se foi.

-Não o entendo-confessou Santino delicadamente.-Mas se pensa que nunca amei aquela criatura, está redondamente enganado.

-Então vamos-disse Marius.-Nosso trabalho está feito. Cada vestígio de cada um deles está apagado. Mas me prometa nessa sua velha alma católica romana que não vai

procurar o Sudário. Um milhão de pares de olhosjá olharam para ele, Santino, e nada mudou. O mundo é o mundo e crianças morrem de fome e sozinhas em todos os quadrantes

da face da terra.

Eu não podia me arriscar mais.

Fui embora, vascu(hando a noite como um farol alto, procurando os mortais que poderiam vê-los saírem do prédio em que eles terminaram aquele trabalho importantíssimo,

mas sua retirada foi muito clandestina, muito rápida para isso.

Senti-os indo embora. Senti uma súbita ausência de sua respiração, de sua pulsação, e sabia que os ventos os haviam levado embora.

Afinal, uma hora depois, deixei meu olho rondar pelas mesmas velhas salas por onde eles haviam circulado.

Tudo estava calmo com aqueles pobres e confusos técnicos e guardas a quem espectros de cara branca de outro reino haviam delicadamente enfeitado enquanto se desincumbiam

daquela tarefa medonha.

De manhã, o roubo e todo o trabalho por fazer seriam descobertos, e o milagre de Dora sofreria mais um triste insulto, retirando-se ainda mais rápido do tempo corrente.

Eu estava irritado; chorei um pranto seco e roo, sem conseguir sequer chegar às lágrimas.

Acho que uma vez vi minha mão no gelo faiscante, uma garra grotesca, mais como uma coisa esfolada do que queimada, e mais preta e lustrosa do que eu me lembrava ou já tinha visto.

Então um mistério começou a me afligir. Como eu poderia ter matado o irmão perverso de meu pobre amor? Como poderia essa justiça horrenda ser qualquer outra coisa

senão uma ilusão, quando eu estivera subindo e caindo sob o peso do sol da manhã?

E se isso não tivesse acontecido, se eu não tivesse chupado todo o sangue daquele horrível irmão vingativo, então minha Sybelle e meu pequeno beduíno também eram

sonho. Ah, por favor, seria esse o horror final?



A noite bateu sua pior hora. Ouviam-se as badaladas de relógios em salas pintadas. Ouviam-se rodas amassando a neve. Tornei a erguer a mão. Ouviu-se o inevitável

estalo. O gelo quebrado caiu em volta de mim como se fosse vidro!

Olhei para estrelas límpidas e faiscantes. Que lindo isso, essas flechas de vidro sentinelas com todos os seus quadrados de luz dourados cortados em fileiras verticais

e horizontais para marcar a escuridão leve da noite de inverno, e eis que chega o vento tirano assobiando nos cânions cristalinos dessa cama abandonada onde jaz

um demônio esquecido, olhando com a visão gatuna de uma grande alma para as luzes realçadas da cidade nas nuvens lá no alto. Ah, estrelinhas, como as odiei e invejei

por poderem traçar com tanta determinação esse seu curso obstinado no horrível vácuo.

Mas agora eu não odiava nada. Minha dor era como um purgante para tudo o que não valia a pena. Vi o céu se encobrir, brilhar como um diamante por um instante calmo

e deslumbrante, e novamente aquela névoa branca e suave aceitou o brilho dourado das luzes da cidade e respondeu com uma levíssima queda de neve.

A neve tocava em meu rosto. Tocava em minha mão estendida. Tocava em todo o meu corpo, enquanto seus floquinhos mágicos iam derretendo.

- E agora o sol virá - murmurei, como se um anjo da guarda estivesse abraçado comigo-, e até aqui embaixo desse telheiro de zinco vai me encontrar através dessa

cobertura furada e levar minha alma a dores ainda mais profundas.

Uma voz protestou. Uma voz suplicou que não acontecesse isso. A minha voz, pensei, claro, por que não esse auto-engano? Sou louco de achar que consigo agüentar a

dor das queimaduras que sofri e que suportaria de bom grado tudo de novo.

Mas não era a minha voz. Era a de Benjamin, Benjamin rezando. Projetando meus olhos desencarnados, vi-o. Estava ajoelhado no quarto enquanto ela estava deitada dormindo

como um pêssigo maduro e succulento entre as cobertas macias e amarfanhadas.

-Ah, anjo, Dybbuk, ajude-nos. Dybbuk, você já veio uma vez. Então volte. Fico irritado por você não vir!

Quantas horas faltam para o sol nascer, homenzinho?, eu disse na conchinha de seu ouvido, como se eu não soubesse.

- Dybbuk- gritou ele. - É você, fale comigo. Sybelle, acorde, Sybelle. Ah, mas pense antes de acordá-la. Isso é uma tarefa horrível. Não sou o ser resplandecente

que você viu e que bebeu todo o sangue de seu inimigo e se encantou com a beleza dela e com a sua alegria.. É um monstro que você

vem

buscar se pretende pagar o que me deve, um insulto a seus olhos inocentes. Mas esteju certo, homenzinho, que serei seu para sempre se me fizer essa bondade, se vier

para mim, se me socorrer, se me ajudar, porque minha vontade está me deixando, e estou sozinho, e eu me recuperaria agora e não posso me conter, e meus anos agora

nada significam, e estou com medo.

Ele se levantou. Ficou olhando para a janela ao longe, a janela através da qual, sonhando, eu o havia visto vislumbrar-me com seus olhos mortais, mas através da

qual ele não tinha a possibilidade de me ver agora, meu anjo. Endireitou os ombrinhos, e agora, o cenho franzido, numa expressão perfeitamente séria, ele era a própria

imagem da parede bizantina, um querubim menor do que eu.

- Diga, Dybbuk, vou buscá-lo! - declarou ele, cerrando o forte punho direito. - Onde está você, Dybbuk, o que você teme que não possamos conquistar juntos! Sybelle,

acorde, Sybelle! Nosso Divino Dybbuk voltou e precisa de nós!

as

21

Eles estavam vindo me buscar. Era o prédio ao lado do deles, uma ruína abandonada. Benjamin o conhecia. Em alguns fracos murmúrios telepáticos, eu lhe pedira que

viesse com uma marreta e uma picareta para quebrar o restante do gelo e trouxesse cobertores grandes e macios para me enrolar.

Eu sabia que não pesava nada. Torcendo penosamente os braços, quebrei um pouco mais da coberta transparente. Com mirtha mão semelhante a uma garra, senti que meu

cabelo voltara, grosso e avermelhado como sempre. Segurei um cacho na luz, mas depois meu braço não conseguiu mais agüentar a dor escaldante e deixei-o cair, sem

conseguir fechar ou mexer meus dedos secos e tortos.

Eu precisava fazer um feitiço, pelo menos quando eles chegassem. Eles não podiam ver essa coisa que eu era, esse monstro preto e coriáceo. Nenhum mortal poderia

suportar essa visão, fossem quais fossem as palavras que saíssem de meus lábios. Eu precisava esconder-me de alguma forma.

E, sem espelho, como saber qual era o meu aspecto ou o que eu tinha de fazer precisamente? Eu tinha de sonhar com aquela época em Veneza quando eu era lindo e conhecia

muito bem o meu rosto do espelho do alfaiate, e tinha de projetar uma visão bem na mente deles mesmo se isso exigisse toda a minha força; sim,

isso, e eu precisava lhes dar algumas instruções.

Fiquei quieto, olhando para a neve fina que caía, tão diferente das terríveis nevascas anteriores. Não ousei usar minha inteligência para rastrear o progresso deles.

De repente, ouvi o estrondo de uma vidraça se quebrando. Uma porta bateu lá embaixo. Ouvi os passos irregulares dos dois subindo as escadas de ferro, arrastando-se

pelos patamares.

Meu coração bateu com força, e, com cada pequena convulsão, a dor era bombeada através de meu corpo, como se meu próprio sangue estivesse me esaldando.

De repente, a porta de aço do telhado se abriu. Ouvi os dois correrem em minha direção. Naquela claridade fraca e onírica das torres altas ali em volta, vi seus

pequenos vultos, ela, a fada, ele, a criança de não mais de doze anos, talvez, correndo para mim.

Sybelle! Ah, ela saiu sem casaco no telhado, o cabelo escorrido, que horror, e Benjamin em situação não muito melhor com aquele djellaba de linho ino. Mas os dois

tinham uma grande colcha de veludo para me cobrir, e eu precisava criar uma visão.

Dê-me o menino que eu era, dê-me o cetim verde mais fino e jabôs superpostos de renda extravagante, dê-me meias e botas debruadas, e deixe meu cabelo estar limpo

e lustroso.

Lentamente abri os olhos, olhando de um daqueles rostinhos pálidos e enlevados para o outro. Como dois vadios da noite, eles estavam embaixo da neve fina que caía.

-Ah, mas Dybbuk, você nos deixou muito preocupados-disse Benjamin, com sua voz excitadíssima -, e olhe para você, você está lindo.

- Não, não pense que isso é o que você está vendo, Benjamin - disse eu. - Ande logo com essas ferramentas,

quebre o gelo, e me cubra com a colcha. Foi Sybelle quem pegou a marreta de ferro e cabo de madeira e, com as duas mãos, desceu-a, quebrando imediatamente a macia camada superior de gelo. Benjamin golpeava o gelo com a picareta como se fosse uma pequena máquina, batendo à esquerda e à direita sem parar, mandando estilhaços pelos ares.

O vento fazia o cabelo de Sybelle açoitar-lhe os olhos. A neve grudava em suas pálpebras.

Segurei a imagem, uma criança indefesa vestida de cetim, com mãos róseas e macias viradas para cima e incapaz de ajudá-los.

-Não chore, Dybbuk-disse Benjamin, pegando com as duas mãos uma enorme lasca de gelo. - Vamos tirá-lo daí, não chore, você agora é nosso. Nós o temos.

Jogou de lado a faiscante lâmina denteada, depois pareceu congelar, mais duro que qualquer gelo, fitando-me, sua boca formando um perfeito O de espanto.

- Dybbuk, você está mudando de cor! -exclamou. Esticou o braço para tocar meu rosto ilusório.

- Não faça isso, Benji - disse Sybelle.

Era a primeira vez que eu ouvia a voz dela, e agora vi a calma corajosa e determinada de seu semblante pálido, o vento fazendo-a chorar, embora ela continuasse firme.

Ela tirou o gelo de meu cabelo.

Senti uma friagem terrível, aplacando o calor, sim, mas levando-me às lágrimas. Seriam lágrimas de sangue?

-Não olhem para mim - disse eu. - Benji, Sybelle, olhem para o outro lado. Ponham-me só a coberta nas mãos.

Ela me fitou apertando os olhos, desobedientemente, uma das mãos fechando a gola da camisola fina de algodão para proteger-se da friagem, a outra acima de mim.

-O que lhe aconteceu desde que veio para nós?-perguntou ela com a voz mais meiga. - Quem fez isso com você?

Engoli em seco e fiz a visão voltar. Fiz com que saísse de todos os meus poros, como se meu corpo fosse um único órgão respiratório.

-Não, não faça mais isso-disse Sybelle.- Isso o enfraquece e você sofre demais.

- Posso sarar, minha doçura - eu disse. - Prometo que posso. Eu não serei sempre assim, nem por pouco tempo. Só me tire desse telhado. Tire-me desse frio e leve-me

aonde o sol não possa me pegar de novo. Foi o sol que fez isso. Só o sol. Leve-me, por favor. Eu não posso andar. Não posso me arrastar. Sou uma coisa noturna. Esconda-me

no escuro.

- Chega, não fale mais nada - exclamou Benji.

Abri os olhos e vi uma onda de um azul brilhante estender-se em cima de mim como se um céu de verão tivesse descido para me cobrir. Senti o pêlo macio do veludo,

e até isso era dor, dor na pele ardida, mas era uma dor que podia ser suportada porque eu tinha as mãos zelosas deles pousadas em mim, e por isso, por seu toque,

por seu amor, eu suportaria qualquer coisa.

Senti que me levantavam. Eu sabia que estava leve, no entanto, como era horrível ser tão indefeso, enquanto eles me enrolavam.

-Não sou suficientemente leve para vocês me carregarem?- perguntei. Minha cabeça havia caído para trás e eu podia ver a neve de novo, e imaginei que, quando aguçasse

a visão, poderia também ver as estrelas no céu esperando além da névoa de um pequeno planeta.

- Não tenha medo - murmurou Sybelle, os lábios junto à coberta. O cheiro do sangue deles de repente era rico e denso como mel.

Os dois me levantaram nos braços e correram juntos pelo telhado. Eu estava livre da neve e do gelo incômodos, quase livre para sempre. Não podia me deixar pensar

no sangue deles. Não podia deixar esse corpo voraz impor sua vontade. Isso era impensável.

Descemos pela escada de ferro, dando uma volta atrás da outra, os pés deles batendo nos degraus frágeis, meu corpo chocado e latejando de agonia. Eu podia ver o

teto ali em cima, e então o cheiro do sangue dos dois misturado me acabrunhou, e fechei os olhos e cerrei os dedos queimados, ouvindo a carne coriácea estalar quando

fiz isso. Enterrei as unhas nas palmas da mão.

Ouvi Sybelle em meu ouvido.



-Estamos com você, estamos segurando você com força, não vamos deixá-lo ir embora. Não é longe. Ah, Deus, mas olhe só para você, olhe o que o sol fez com você.

-Não olhe! -disse Benji irritado. -Apenas corra! Acha que um Dybbuk poderoso como esse não sabe o que você pensa? Seja sábia, ande logo.

Eles haviam chegado ao andar térreo e à janela quebrada. Senti Sybelle pegando-me no colo e ouvi a voz de Benji vindo de mais longe, já sem ecoar em paredes fechadas.

- Pronto, agora pode me dar o Dybbuk, eu agüento! = Quão furioso e excitado ele parecia, mas ela pulara ajanela comigo, posso dizer isso, embora minha cabeça de

Dybbuk inteligente estivesse completamente esgotada, e eu não tivesse consciência de mais nada senão dor e sangue e mais dor e sangue e que eles estavam correndo

por um beco escuro de onde não dava para ver nada do Paraíso.

Mas que doce era aquilo! Aquele balanço, o vaivém de minhas pernas queimadas e o toque macio dos dedos doces de Sybelle através do cobertor, tudo isso era perversamente

maravilhoso. Já não era mais dor, era apenas sensação. A coberta caiu em meu rosto.

Eles iam andando depressa pela neve. Benji escorregou uma vez e gritou, e Sybelle segurou-o. Ele recobrou o fôlego.

Que esforço era para eles andar assim naquela neve. Eles precisavam sair dessa.

Entramos no hotel onde eles moravam. Um bafo de ar quente e pungente saiu para nos envolver assim que as portas começaram a se abrir e antes que se fechassem, as

batidas secas dos sapatinhos de Sybelle e o arrastar apressado das sandálias de Benji ressoando pela portaria.

Com uma súbita explosão de agonia percorrendo minhas pernas e minhas costas, senti-me dobrado em dois, a cabeça próxima aos joelhos, quando entramos no elevador.

Segurei o grito na garganta. Nada poderia ter menos importância. O elevador, cheirando a motores velhos e óleo de verdade, iniciou sua sacudida viagem para cima.

-Chegamos em casa, Dybbuk-disse Benji com aquele hálito quente em meu rosto, sua mãozinha me segurando através da colcha e apertando dolorosamente meu couro cabeludo.

- Estamos a salvo agora, capturamos você e o temos.

Tilintar de fechaduras, passos em assoalho de madeira, cheiro de incenso e velas, de um perfume forte de mulher, de verniz rico para coisas finas, de telas antigas

com a pintura a óleo rachada, de lírios brancos frescos e excessivamente doces.

Meu corpo foi colocado delicadamente na cama de baixo, o cobertor afrouxado de modo que afundei em camadas de seda e veludo, os travesseiros parecendo derreter embaixo

de mim.

Era exatamente aquele ninho amarfanhado onde eu a vislumbrara com o olho da mente, dourada e dormindo com sua camisola branca, e ela o cedera para esse horror.

-Não tire a coberta-disse eu. Eu sabia que meu amiguinho queria muito fazer isso.

Sem se intimidar, ele delicadamente a puxou. Lutei para pegá-la, para puxá-la novamente com a mão que estava se refazendo, mas só consegui dobrar meus dedos queimados.

Os dois ficaram ao lado da cama, olhando para mim. A luz girava em volta deles, misturados com o calor, essas duas criaturas frágeis, a macilenta menina de porcelana,

já sem as equimoses na pele branca como ieite, e o arabezinho, o menino beduíno, pois agora eu percebia que ele era isso mesmo. Sem medo, eles ficaram olhando para

o que devia ser uma visão inefável para olhos humanos enxergarem.

- Você é tão lustroso! - disse Benji. - Dói?

- O que podemos fazer! - disse Sybelle, tão baixinho, como se sua voz pudesse me fazer mal. Ela tapava a boca com as mãos. As mechas rebeldes de seu cabelo liso

e claro balançavam na luz, e seus braços estavam roxos da friagem da rua, e ela não conseguia deixar de tiritar. Pobre ser magro, tão delicado. Sua camisola estava

amassada, algodão branco fino, com florezinhas aplicadas e debruada com uma renda resistente e fina, uma camisola de virgem. Seus olhos transbordavam simpatia.

-Conheça a minha alma, meu anjo-disse eu. - Sou uma coisa má. Deus não me quis. E nem o Diabo. Entrei no sol para que eles pudessem ter a minha alma. Foi uma coisa

amorosa, sem medo do fogo do Inferno nem da dor. Mas essa terra, essa terra aqui tem sido a minha prisão purgatorial. Não sei como cheguei a você antes. Não sei

que poder me deu esses breves segundos para estar aqui no seu quarto e me interpor entre você e a morte que assomava como uma sombra sobre você.

- Ah, não! - murmurou ela com medo, os olhos faiscando naquela claridade fraca do quarto. - Ele nunca me mataria.

-Ah, mataria sim! -disse eu, e Benjamin disse exatamente a mesma coisa junto comigo.

- Ele estava bêbado e não se preocupava com o que fazia - disse Benj i furioso. - E as mãos dele eram grandes, desajeitadas e más e ele não se preocupava com o que

fazia, e, depois da última vez em que bateu em você, você

Ficou duas horas imóvel feito morta nessa cama mesmo! Acha que um Dybbuk mata seu irmão por nada?

- Acho que ele está lhe dizendo a verdade, minha linda - disse eu. Era difícil falar. Com cada palavra eu tinha de levantar o peito. Louco de desespero, de repente

eu quis um espelho. Agitei-me e virei-me na cama, e me contraí de dor.

Os dois entraram em pânico.

-Não se mexa, Dybbuk, não! -protestou Benji. - Sybelle, a seda, pegue todos os lenços de seda e enrole-o com eles.

- Não! - murmurei. - Cubram-me com a colcha. Se precisam ver meu rosto, deixem-no sem nada, mas cubram o resto de meu corpo. Ou...

- Ou o que, Dybbuk, diga?

- Levantem-me para que eu possa ver como estou. Ponham-me diante de um espelho comprido.

Eles se calaram perplexos. O cabelo louro de Sybelle caía escorrido sobre seu busto farto. Benji mordida o beicinho.

O quarto inteiro girava colorido. Veja a seda azul grudada à argamassa das paredes, as pilhas de travesseiros ricamente enfeitados em volta de mim, olhe a franja

dourada, e mais adiante os pingentes balouçantes do lustre, de todas as cores brilhantes do espectro. Imaginei ouvir uma música de vidro tilintando quando esses

pingentes encostavam uns nos outros. Em minha cabeça fraca e perturbada, parecia que eu nunca vira um esplendor tão simples, que eu havia esquecido quão brilhante

e refinado era o mundo.

Fechei os olhos, guardando no coração uma imagem do quarto. Inspirei a doce fragrância dos lírios para não sentir o cheiro do sangue deles.

- Vocês me deixariam ver essas flores?-perguntei. Estariam meus lábios carbonizados? Podiam eles ver minhas presas, e estariam elas amareladas do fogo? Eu flutuava

em cima daquelas sedas. Flutuava e parecia que agora podia sonhar, a salvo, a salvo mesmo. Os lírios estavam perto. Tornei a esticar o braço. Senti as pétalas em

minhas mãos e as lágrimas escorreram. Seriam de sangue? Tomara que não, mas ouvi a franca exclamação de espanto de Benji e o sussurro macio de Sybelle para fazê-lo

calar-se. - Eu era um rapaz de dezessete anos

acho eu, quando isso aconteceu - falei. - Foi há centenas de anos. Eu era jovem, mesmo. Meu Mestre, amoroso. Não acreditava que fôssemos coisas más. Achava que

podíamos nos alimentar dos maus. Se eu não estivesse morrendo

aquilo não teria acontecido tão cedo. Ele queria que eu conhecesse coisas, que estivesse preparado.

Abri os olhos. Eles estavam enfeitiçados! Viram de novo o rapaz que fui. Eu fizera aquilo sem intenção.

- Ah, tão bonito - disse Benji. - Tão maravilhoso, Dybbuk. i

-Rapazinho-suspirei, sentindo a frágil ilusão ao meu redor desmanchase no ar -, chame-me pelo meu nome de agora em diante. Eu não me chamo Dybbuk. Acho que vocês

tiraram esse nome dos hebreus da Palestina.

Ele riu. Não se esquivou quando voltei à minha forma medonha. - Então diga o seu nome - pediu.

Eu disse.

- Armand - disse Sybelle. - Diga, o que podemos fazer? Se não lenços de seda, então ungüentos, babosa, babosa há de

curar as suas queimaduras. Ri, mas baixinho,  
uma risada só de gentileza.

- Minha babosa é sangue, menina. Preciso de um homem mau, um homem que mereça morrer. Agora, como hei de achá-lo?

-O que o sangue dele vai fazer?-perguntou Benji. Ele estava sentado ao meu lado, debruçando-se sobre mim como se eu fosse o mais fascinante dos espécimens. - Sabe,

Armand, você é preto como piche, é feito de couro preto,

! parece aquelas pessoas que eles pescam nos pântanos na Europa, todas brilhantes, com tudo grudado por dentro. Eu podia ter uma aula sobre músculos olhando

para você.

-- Benji, pare - disse Sybelle, lutando com a desaprovação e o susto. Precisamos pensar em como pegar um homem mau.

- Está falando sério? - perguntou ele, olhando para ela. Ela estava de mãos postas, como se estivesse rezando. - Sybelle, isso não é nada. O difícil é nos livrarmos

dele depois. - Ele olhou para mim. - Sabe o que fizemos com o irmão dela?

Ela tapou os ouvidos e abaixou a cabeça. Quaritas vezes eu fizera essa mesma coisa quando parecia que uma torrente de palavras e imagens iria me destruir completamente.

-Você está tão lustroso, Armand-disse Benji. -Mas posso lhe arranjar um homem mau sem problema, não é nada. Quer

um homem mau? Vamos fazer um plano.

Ele se debruçou em cima de mim, como se estivesse tentando espiar dentro do meu cérebro. Percebi de repente que ele estava olhando as minhas presas. - Benji - eu

disse. - Não se aproxime mais. Sybelle, leve-o embora. - Mas o que eu fiz?

- Nada - disse ela. Baixou a voz, e disse desesperadamente:  
- Ele está com fome.

- Levante de novo as cobertas, qtrer fazer isso?-perguntei. - Levante-as e olhe para mim e deixe-me olhar nos seus olhos, e deixe que isso seja meu espelho. Quero

ver a gravidade disso.

- Humm, Armand - disse Benji. - Acho que você é louco.

Sybelle abaixou-se e, com as mãos cautelosas, levantou a colcha e jogou a de lado, expondo meu corpo todo.

Entrei na mente dela.

Aquilo era pior do que eu imaginara.

O horror brilhante de um cadáver tirado do lodo, como Benji havia dito, era absolutamente verdadeiro, a não ser pelo horror da cabeça com aqueles cabelos avermelhados

e aqueles imensos olhos sem pálpebras, uma dentadura perfeita de dentes brancos atrás dl lábios totalmente murchos. O rosto de pele preta e chupada como uma passa

coriácea estava riscado com o sangue das lágrimas que eu havia chorado.



Bati a cabeça na cama e afundei-a no travesseiro macio. Senti a colcha me cobrir.

- Isso não pode continuar para vocês, mesmo que pudesse para mim disse eu. - Não é algo que eu queira que vocês vejam mais um pouco, pois quanto mais conviverem

com isso, mais probabilidade terão de conviver com qualquer coisa. Não. Isso não pode continuar.

- Qualquer coisa - disse Sybelle. Ela se abaixou ao meu lado. - Minha mão é fresca se eu a colocar na sua testa? É delicada para tocar em seu cabelo? Olhei para

ela com um olho só que era um rasgo apertado.

Seu pescoço esguio era parte de seu encanto trêmulo e macilento. Seus seios eram voluptuosos e armes. Mais adiante, naquele reflexo aconchegante do quarto, vi o

piano. Pensei nesses dedos longos e delicados tocando as teclas. Escutei mentalmente o palpitar da Appassionata.

Ouviru-se barulho metálico, uma fricção, um estalo, e o ar ficou impregnado com um cheiro de fumo de boa qualidade.

Benji andava de um lado para o outro atrás dela, com o cigarro na boca. - Tenho um plano - anunciou, discursando sem esforço com o cigarro

firmemente seguro entre os lábios. - Saio na rua. Encontro logo um cara mau. Digo a ele que estou sozinho aqui nesse apartamento de hotel com um sujeito

totalmente bêbado e temos um monte de cocaína para vender e não sei o que fazer

e preciso que alguém me ajude. Comecei a rir apesar da dor.

O pequeno beduíno encolheu os ombros e ergueu as mãos, soltando a fumaça do fumo preto que se enroscava em volta dele como uma nuvem mágica.

-O que acha? Vai funcionar. Olhe, sou um bomjuiz de caráter. Agora você, Sybelle, não atrapalhe e me deixe conduzir esse saco de imundície miserável, esse bandido

que eu atrair para a minha armadilha até essa cama aqui, e lhe dar um murro na cara, assim, passar-lhe uma rasteira, e ele cair, toim, bem nos seus braços, Armand,

o que acha disso?

- E se der errado? - perguntei.

- Então a minha linda Sybelle lhe senta uma marretada na cabeça.

- Tenho uma idéia melhor - disse eu -, embora Deus saiba que o que você acaba de imaginar é de uma inteligência insuperável. Você diz a ele, obviamente, que a cocaína

est em saquinhos plásticos bem arrumadinhos embaixo da colcha, mas se ele não acreditar e vier aqui para ver com os próprios olhos, então deixe nossa linda Sybelle

simplesmente me descobrir, e quando vir o que tem mesmo nessa cama, ele vai dar o fora daqui sem pensar em fazer mal a ninguém!

-É isso aí! -exclamou Sybelle. Ela bateu palmas. Seus olhos azul-claros estavam arregalados.

- Mas preste atenção, não saia com nenhum tostão no bolso. Se ao menos tivéssemos um pouquinho desse pó branco nocivo para atrair a fera.

- Mas nós temos - disse Sybelle. - Temos só isso, um pouquinho que tirei do bolso do meu irmão. - Ela me olhou pensativa, sem me ver mas passando o plano pela espiral

apertada de sua mente dócil. -Tiramos tudo dele para que, quando o largarmos para ser encontrado, não achem nada com ele. Tanta gente é largada assim em Nova York.

Naturalmente deu um trabalhão arrastá-lo.

- Mas temos esse pó nocivo, sim! -disse Benji, segurando subitamente o ombro de Sybelle e sumindo de minha vista para voltar num segundo com uma pequena cigarreira

prateada.

-Ponha isso aqui, onde eu possa cheirar o que tem dentro- disse eu. Deu para ver que nenhum deles sabia ao certo.

Benji abriu a caixa fina de prata. Lá dentro, num saquinho de plástico impecavelmente dobrado, estava o pó exatamente com o cheiro que eu queria que tivesse. Não

precisei prová-lo com a língua, na qual o açúcar teria um sabor igualmente estranho.

- Está ótimo. Mas joguem fora a metade na pia, para sobrar só um pouquinho, e deixem a cigarreira aqui, senão vocês ainda topam com algum idiota que os matará por

causa dela.

Sybelles estremeceu visivelmente com medo. - Benji, vou com você.

- Não, isso seria a maior insensatez - disse eu. - Ele pode fugir de qualquer pessoa muito mais depressa sem você.

-Ah, você está certíssimo! -disse Benji, dando a última tragada no cigarro e apagando-o num grande cinzeiro de vidro ao lado da cama, onde uma dúzia de outras guimbas

brancas amassadas aguardavam aquela. - E quantas vezes eu digo isso a ela quando saio no meio da noite para comprar cigarro? Ela ouve?

Ele saiu sem esperar pela resposta. Ouvi a água escorrendo da torneira. Ele estava jogando fora metade da cocaína. Deixei meus olhos percorrerem o quarto, afastando-se

daquele anjo da guarda terno cheio de sangue.

- Tem pessoas boas por natureza - disse eu -, que gostam de ajudar os outros. Você é uma delas, Sybelle. Não descansarei enquanto você viver. Estarei ao seu lado.

Estarei sempre presente para guardá-la e retribuir o que fez por mim. Ela sorriu.

Eu estava espantado.

Seu rosto magro, com aqueles lábios pálidos e bem-feitos, abriu-se no sorriso mais fresco e mais sadio, como se o descaso e o sofrimento nunca a tivessem corroído.

- Você será meu anjo da guarda, Armand? - perguntou ela. - Sempre.

- Estou saindo - anunciou Benji. Com uma estalo e uma fricção, ele acendeu outro cigarro. Seus pulmões deviam ser sacos de carvão. - Vou à noite. Mas se o filho

da mãe estiver doente ou sujo ou...

- Para mim não quer dizer nada. Sangue é sangue. Apenas traga-o para mim. Não tente dar essa rasteira extravagante. Espere até tê-lo aqui ao lado da cama, e quando

ele for levantar a coberta, você, Sybelle, torna a abaixá-la, e você, Benji, o empurra com toda a força, fazendo-o dar com as canelas na cama e cair em meus braços.

Depois disso, vou tê-lo.

Benji dirigiu-se para a porta.

- Espere - eu disse. Com aquela gula, o que eu estava pensando? Olhei para o rosto calado e risonho dela, depois para ele, a pequena máquina soltando a fumaça do

cigarro preto, sem nada para se proteger daquele frio violento da rua a não ser o maldito djellaba.

- Não, isso precisa ser feito - disse Sybelle de olhos arregalados. - E Benji escolherá um homem bem mau, não, Benji? Um homem mau que quer roubá-lo e matá-lo.

- Eu sei aonde ir - disse Benji com um sorrisinho de lado. - Apenas façam o jogo de vocês quando eu voltar. Cubra-o, Sybelle. Não olhem para o relógio. Não se preocupem comigo.

Lá saiu ele, batendo a pesada porta, o que automaticamente a trancava. Então estava chegando.

Sangue, sangue vermelho e grosso. Estava chegando, e seria quente e delicioso, sangue de um homem inteiro, e estava chegando, estava chegando em segundos.

Fechei os olhos, e, ao abri-los, deixei o quarto tomar forma novamente com suas cortinas azul-celeste em cada janela, caindo em pregas fartas até o chão, um grande

tapete oval com guirlandas de rosas repolhudas. E ela, esse espeto de ,

menina, olhando para mim com seu sorriso simples e doce, como se o crime da noite nada fosse para ela.

Ela se ajoelhou ao meu lado, perigosamente perto, e tornou a tocar delicadamente em meu cabelo. Seus seios macios e soltos encostaram em meu braço. Li seus pensamentos

como se lesse sua mão, penetrando em camada após camada de seu inconsciente, tornando a ver a estrada escura e sinuosa serpenteando pelo vale do Jordão, e os pais correndo

muito para aquela escuridão atroz e aquelas curvas fechadas e aqueles motoristas árabes que vinham correndo mais ainda, fazendo com que cada encontro de faróis se

tornasse uma disputa desagradável.

- Para comer peixe do Mar da Galiléia - disse ela, o olhar me deixando. - Eu queria. Foi idéia minha ir lá. Tínhamos mais um dia na Terra Santa, e dizem que de Jerusalém

a Nazaré é longe, e eu disse: "Mas ele andou sobre as águas." Para mim essa sempre foi a história mais estranha. Você conhece?

- Conheço - respondi.

-Diz que Ele estava andando em cima d'água, como se tivesse esquecido que os apóstolos estavam lá ou que qualquer um podia vê-Lo, e eles, do barco, disseram "Senhor!",

e Ele se assustou. Um milagre tão estranho, como se fosse uma coisa... casual. Fui eu quem quis ir. Fui eu quem quis comer peixe fresco recém-pescado nas mesmas

águas em que Pedro e os outros pescaram. Foi responsabilidade minha. Ah, não diga que foi culpa minha eles terem morrido. Foi responsabilidade minha. E estávamos

todos voltando para minha grande noite no Carnegie Hall, e a gravadora estava preparada para gravar a apresentação, ao vivo. Eu já tinha gravado um disco, sabe. Fez

muito mais sucesso que se esperava. Mas aquela noite... essa noite nunca aconteceu, isto é, eu ia tocar a Appassionata. Era tudo o que me importava. Eu adoro as

outras sonatas, a Sonata ao luar, a Pathétique, mas para mim realmente era a Appassionata. Meu pai e minha mãe estavam orgulhosíssimos. Mas meu irmão, era sempre

ele que brigava, que me arranjava o tempo, o espaço, o bom piano, os professores de que eu precisava. Foi ele quem os fez ver, mas aí, obviamente, ele não tinha

vida nenhuma, e todos nós vimos o que ia acontecer. Discutíamos isso à noite em volta da mesa, que ele precisava ter vida própria, não era bom ficar trabalhando

para mim, mas aí ele dizia que eu precisaria dele durante muitos anos, eu nem podia imaginar. Ele administrava as gravações, as apresentações, o repertório e os

cachês que pedíamos. Os agentes não eram de confiança. Eu não tinha idéia, dizia ele, de quão alto eu chegaria.

Ela fez uma pausa, pondo a cabeça de lado, o semblante honesto porém ainda simples.

- Isso não foi uma decisão minha, entende - disse ela. - Eu não queria fazer mais nada. Eles estavam mortos. Eu não queria sair. Não queria atender o

telefone. Não queria tocar mais nada. Não queria ouvir o que ele dizia. Não queria fazer planos. Não queria comer. Não queria mudar de roupa. Só tocava a Appassionata.

- Entendo - eu disse.

-Ele trouxe Benji para tomar conta de mim. Eu sempre me perguntei como. Acho que Benji foi comprado, sabe, comprado com dinheiro.

- Eu sei.

-Acho que foi isso que aconteceu. Ele não podia me deixar sozinha, disse, nem no King David, que era o hotel...

- Sim.

... porque dizia que eu ia ficar nua na frente da janela, ou não ia deixar a empregada entrar, e ia ficar tocando piano no meio da noite e ele não ia conseguir dormir.

Então arranjou Benji. Eu amo Benji.

- Eu sei.



- Sempre fiz o que Benji mandava. Ele nunca ousou bater em Benji. Só no final é que começou a me machucar mesmo. Antes era só uns tapas e uns chutes. Ou me puxava

o cabelo. Ele me agarrava pelo cabelo, segurava todo o meu cabelo com uma das mãos e me atirava no chão. Sempre fazia isso. Mas não ousava bater em Benji. Sabia

que se batesse nele eu ficaria gritando. Mas às vezes, quando Benji tentava fazê-lo parar... Mas não tenho muita certeza disso porque ele me deixava muito tonta.

Minha cabeça doía.

- Entendo - disse eu. - Claro, ele tinha batido em Benji.

Ela meditou, calada, os olhos ainda arregalados e brilhantes sem estarem rasos d'água nem franzidos.

-Somos iguais, você e eu-murmurou ela, olhando para mim. Estava com a mão perto de meu rosto, e com muita delicadeza apertou-o com a ponta macia do dedo indicador.

- Iguais? - perguntei. - Em que você pode estar pensando? - Monstros - disse ela. - Filhos.

Sorri. Mas ela não. Parecia estar devaneando.

- Fiquei tão feliz quando você chegou - disse ela. - Eu soube que ele estava morto. Soube quando você estava na ponta do piano e olhou para mim. Soube quando você

ficou ali me ouvindo. Fiquei felicíssima que tivesse alguém capaz de matá-lo.

- Faça isso para mim - eu disse.

- O quê? - ela perguntou. - Armand, farei qualquer coisa.

- Vá para o piano agora. Toque para mim. Toque a Appassionata. -Mas e o plano?-perguntou ela com uma vozinha surpresa. -O homem mau, ele já está vindo.

- Deixe isso comigo e com Benji. Não se vire para olhar. Apenas toque a Appassionata.

- Não, por favor - pediu ela gentilmente.

- Mas por que não? - perguntei. - Por que você precisa passar por uma provação dessas?

- Você não entende-disse elacom olhos arregaladíssimos.- Quero ver.

,...

321

3ia: 22

.. . ;;

Benji acabou de voltar lá embaixo. O som distante de sua voz, quase inaudível para Sybelle, imediatamente rechaçou a dor de toda a superfície de meus membros.

-Foi isso o que quis dizer, entende - ia dizendo ele -, está tudo embaixo do cadáver, e a gente não quer levantar o cadáver, e sendo você um policial, você sabe,

sendo do serviço antidrogas, eles disseram que saberia cuidar disso...

Comecei a rir. Ele realmente estava se sentindo orgulhoso. Olhei de novo para Sybelle, que me fitava com uma expressão calma e decidida, de profunda inteligência

e reflexão.

- Cubra meu rosto - disse eu - e saia de perto. Ele está nos trazendo um perfeito príncipe dos malandros. Depressa.

Ela agiu logo. Eu já sentia o cheiro dessa vítima, embora ela ainda estivesse subindo no elevador, conversando com Benji em termos pouco prudentes.

- E isso tudo vocês têm nesse apartamento, e não há ninguém mais nisso? Ah, ele era uma beleza. Eu escutava o assassino naquela voz.

- Eu lhe contei tudo - disse Benji com a maior naturalidade. - Você só me dá uma ajuda com isso, sabe, não posso deixar a polícia vir aqui ! - Baixinho. - Esse

é um hotel bom. Como eu ia saber que esse cara ia morrer aqui! A gente não usa pó, pode ficar com ele, só tire o corpo daqui. Agora, deixe-me lhe dizer...

A porta do elevador abriu no nosso andar.

esse corpo está todo desfigurado, então não venha chorando para cima de mim quando o vir.

- Chorando para cima de você - resmungou a vítima com voz abafada. Ouviam-se os passos dos dois andando rápido no tapete.

Benji fingiu que estava atrapalhado com as chaves.

- Sybelle - gritou ele para alertar-nos. - Sybelle, abra a porta.  
- Não abra - disse eu baixo.

- Claro que não - respondeu a moça com uma voz aveludada. O tambor da grande fechadura girou.

## O VAMPIRO ARIWVIAN

- E esse cara vem morrer por acaso aqui em cima no quarto de vocês com todo esse pó.

- Bem, não exatamente - disse Benji -, mas você fez um trato comigo, não? Espero que respeite esse trato.

- Olhe, seu pivetinho, eu não fiz trato nenhum com você.

-Tudo bem, então talvez eu chame a polícia normal. Conheço você. Todo mundo no bar conhece, sabe quem é você, você está sempre por lá. O que vai fazer, che ao? Me matar?

A porta fechou depois que eles entraram. O cheiro do sangue do homem inundou o apartamento. Ele estava encharcado de conhaque e também tinha aquela cocaína venenosa

nas veias, mas nada disso fazia a mínima diferença para minha sede purificadora. Eu mal conseguia me conter. Senti meus membros se retesarem e tentarem dobrar embaixo da colcha.

- Ora, ela não é uma perfeita princesa? - disse ele, tendo obviamente batido o olho em Sybelle. Sybelle não respondeu.

- Deixe-a para lá, vá olhar ali embaixo da colcha. Sybelle, venha cá para perto de mim. Venha, Sybelle.

-Ali embaixo? Você está me dizendo que o corpo está ali embaixo e que a cocaína está embaixo do corpo?

- Quantas vezes preciso lhe dizer? - perguntou Benji, sem dúvida com aquele movimento de ombros característico. - Olhe, o que você não está entendendo eu gostaria

de saber. Você não quer essa cocaína? Eu dou para alguém. Vou ficar muito popular lá no seu bar predileto. Vamos, Sybelle, esse homem está dizendo que vai ajudar,

depois não ajuda, fala, fala, fala, típica sacanagem de político.

- Quem você está chamando de sacana, garoto? - perguntou o homem fingindo gentileza, o cheiro do conhaque se intensificando. - Esse é um palavreado grosso para um

garoto do seu tamanho. Que idade você tem, menino? Como diabos entrou nesse país? Anda sempre com essa camisola?

-Claro, pode me chamar de Lawrence da Arábia-disse Benji. -Sybel le, venha cá.

Eu não queria que ela fosse. Queria vê-la o mais longe disso possível. Ela não se mexeu, e fiquei muito contente com isso.

- Gosto das minhas roupas - continuou Benji. Baforada de fumaça doce de cigarro. - Eu devia me vestir como os garotos daqui, suponho, usarjeans? Como se eu devesse.

Meu povo se vestia assim quando Maomé estava no deserto.

-Nada como o progresso-disse o homem com um profundo riso gutural. Ele se aproximou da cama com passos rápidos e secos. O cheiro de sangue era tão bom que eu sentia

os poros de minha pele queimada se abrirem para ele.

Usei uma ínfima parte de minha força para formar uma imagem telepática dele através dos olhos de Sybel le e Benji - um homem de olhos castanhos, pele amarelada,

faces macilentas, cabelo casanho rareando, vestido com um terno italiano de seda preta brilhosa feito à mão, abotoaduras faiscantes de brilhante

nos punhos de linho. Ele estava irrequieto, coçando os flancos, quase sem conseguir ficar parado, o cérebro um tumulto atordoado de humor, cinismo e

curiosidade louca. Seus olhos estavam ávidos e alegres. A crueldade superava tudo, e parecia haver nele um forte traço de genuína loucura alimentada pela droga.

Ele usava seus assassinatos com tanto orgulho quanto usava aquele terno de príncipe e aquelas reluzentes botas marrons.

Sybelle aproximou-se da cama, o perfume doce e penetrante de sua carne pura misturando-se ao cheiro mais pesado e mais forte do homem. Mas era o sangue dele que

eu saboreava, que deixava minha boca ressequida aguçando. Mal consegui conter um suspiro ali embaixo das cobertas. Senti meus membros quase saírem dançando daquela

paralisia dolorosa.

O vilão estava avaliando o local, olhando de um lado para o outro através das portas abertas, tentando escutar outras vozes, discutindo se deveria dar uma busca

nesse quarto de hotel extravagantemente atulhado e confuso antes de fazer qualquer coisa. Seus dedos não paravam quietos. Num lampejo de pensamento sem palavras,

captei rapidamente que ele havia cheirado a cocaína que Benji trouxera, e estava querendo mais imediatamente.

- Puxa, você é uma linda jovem - disse ele para Sybelle. - Quer que eu levante a colcha? - perguntou ela.

Senti o cheiro da pequena pistola que ele trazia enfiada na bota de couro de cano longo, e a outra arma, muito elegante e moderna, uma coleção distintamente diferente

de cheiros metálicos, no coldre embaixo de seu braço. Eu também sentia cheiro de dinheiro nele. Aquele inconfundível cheiro rançoso de notas sujas.

- Vamos, seu covarde - disse Benji. - Quer que eu levante a coberta? É só dizer quando. Você vai ficar realmente surpreso, pode acreditar!

-Não tem corpo nenhum aí embaixo-disse ele com um riso escarninho. -Por que a gente não senta e tem uma conversinha? Esse lugar não é realmente a sua casa, é? Acho

que vocês, crianças, precisam de um pouco de orientação paterna.

- O corpo está todo esturricado - disse Benji. - Não fique enjoado. - Esturricado? - disse o homem.

Foi a mão esguia de Sybelle que de repente puxou a coberta. O ar frio escorregou em minha pele. Olhei para o homem que recuou, um grito semi

estrangulado preso na garganta. - Pelo amor de Deus!

Meu corpo deu um pulo para cima, atraído pela gorda fonte de sangue como uma marionete medonha presa a cordéis puxados com violência. Dei-lhe um encontrão, depois

enterrei as unhas queimadas em seu pescoço e envolvi-o com o outro braço num abraço agonizante, minha língua procurando o sangue que escorria das unhas enquanto

eu inspirava e, ignorando a ardência em meu rosto, abri bem a boca e cravei as presas.

Agora eu o tinha.

Sua altura, sua força, seus ombros fortes, suas mãos enormes me apertando para machucar, nada disso poderia ajudá-lo. Eu o tinha. Chupei o primeiro gole de sangue

e achei que iria desfalecer. Mas meu corpo não permitiria isso. Meu corpo estava preso ao dele como se fosse uma coisa com tentáculos vorazes.

Imediatamente, seus pensamentos enlouquecidos e luminosos me colocaram num turbilhão fascinante de imagens de Nova York, de crueldade descuidada e horror grotesco,

de energia desenfreada provocada pela droga e pela alegria sinistra. Deixei as imagens me inundarem. Eu não podia buscar a morte rápida. Precisava ter cada gota

de sangue que havia dentro dele, e, para isso, o coração não podia parar de pulsar; não podia desistir.

Se algum dia eu havia provado um sangue forte assim, doce e salgado, eu não me lembrava. Não há como a memória



registrar uma delícia dessas, o êxtase absoluto dessa

sede saciada, da fome aplacada, da solidão dissolvida nesse abraço quente e íntimo, no qual o som de minha própria respiração agitada e forçada me apavoraria se

eu me importasse com isso.

Fiz um barulho tremendo, pantagruélico. Meus dedos massagearam seus músculos grossos, minhas narinas pressionavam sua pele mimada, cheirando a sabonete.

- Humm, amo você, não vou machucá-lo por nada nesse mundo, está sentindo isso, é doce, não? - Eu falava com ele baixinho por cima das poças rasas de sangue deslumbrante.

- Humm, sim, tão doce, melhor que o mais fino dos conhaques, hummm...

Chocado e incrédulo, ele de repente se soltou completamente, rendendo-se ao delírio que eu atijava com cada palavra. Rasguei seu pescoço, alargando o ferimento, rompendo mais a artéria. O sangue jorrou de novo.

Um intenso calafrio percorreu minhas costas, desceu-me pelos braços e passou para as nádegas e as pernas. Era um misto de dor e prazer enquanto o sangue quente e

vivo ia penetrando nas microfibras de minha pele murcha, engordando os músculos sob a carne esturricada, chegando mesmo em minha medula óssea. Mais, eu precisava

de mais sangue.

- Continue vivo, você não quer morrer, continue vivo - cantarolei esfregando os dedos no cabelo dele, sentindo que

agora minha mão não era mais aquela mão de pterodáctilo que fora até há pouco. Ah, meus dedos estavam

quentes; era de novo aquele fogo por todo o meu corpo, era o fogo ardendo em meus membros queimados, agora a morte tinha de chegar, eu não conseguia mais suportar

isso, mas um pináculo fora atingido, e agora isso era passado e uma imensa dor tranqüilizadora me percorreu.

Meu rosto estava cheio e fervilhando. Minha boca, também cheia de novo e de novo, e agora eu engolia sem esforço.

- Ah, sim, vivo, você é tão forte, tão maravilhosamente forte... - murmurei. - Humm, não, não se vá... ainda não, não chegou a hora.

Os olhos dele se dobraram. Ele foi escorregando lentamente para o tapete, e eu com ele, encostando-o delicadamente na cama e deixando-o cair ao meu lado, de modo

que ficamos deitados como amantes entrelaçados. Havia mais, muito mais, muito mais do que eu poderia beber em meu estado normal, mais do que algum dia pude querer.

Mesmo quando eu era uma cria gulosa e nova, nas raras ocasiões em que tomava duas ou três vítimas numa noite, jamais bebi tão profundamente de nenhuma delas. Eu

agora estava bebendo a borra saborosa e escura, chupando os próprios vasos em coágulos doces que derretiam na língua.

- Ah, você é tão precioso, sim, sim.

Mas seu coração já não agüentava mais. Batia cada vez mais devagar, entrando num ritmo fatal e irrecoverável. Dei-lhe uma dentada no rosto, puxando a pele para cima,

lambendo o rico emaranhado de vasos rompidos que cobria seu crânio. Havia tanto sangue ali, tanto sangue atrás dos tecidos da face. Chupei as fibras e cuspi-as exangues

e brancas, vendo-as caírem no chão como pelancas inúteis.

Eu queria o coração e o cérebro. Eu havia visto os antigos tomarem-nos. Eu sabia agora. Uma vez vi a romana Pandora atacar bem no peito.

Fui atrás do coração. Espantado ao ver minha mão completamente recuperada embora de um tom marrom-escuro, contraí os dedos formando uma espátula e enterrei-a nele,

rasgando o linho e quebrando o esterno, e alcançando suas entranhas moles até pegar o coração e segurá-lo como eu vira Pandora fazer. Chupei-o. Ah, era cheio de

sangue. Que magnífico! Chupei-o até deixá-lo como uma passa e larguei-o.

Fiquei tão imóvel como ele, ao seu lado, a mão direita em sua nuca, a cabeça encostada em seu peito, meu fôlego voltando em suspiros pesados. O sangue dançava dentro

de mim. Senti meus braços e minhas pernas se agitando. Espasmos me percorriam, de modo que a visão de sua carcaça morta cintilava em meus olhos.

-Ah, que doçura de irmão-murmurei.-Uma doçura de irmão.-Rolei no chão. Eu ouvia o rugido de seu sangue em meus ouvidos, sentia-o passando por meu crânio, formigando

em minhas faces e nas palmas de minhas mãos. Ah, bom, bom demais, deliciosamente bom demais.

- Bandido, humm? - Era a voz de Benji, ao longe no mundo dos vivos. Lá longe, em outro mundo onde pianos deviam ser tocados e garotinhos

deviam dançar, estavam os dois, como figuras pintadas e destacadas contra a luz instável do quarto, simplesmente me olhando, ele, o malandro do deserto com seu refinado

cigarro preto, soltando baforadas e estalando os lábios e erguendo as sobrancelhas, e ela apenas llutuando, ao que parecia, decidida e pensativa como antes, sem

estar chocada, talvez sem ter sido afetada.

Sentei-me e puxei os joelhos para cima. Fiquei em pé, apenas apoiando-me rapidamente na cama para me equilibrar. Eu estava nu, olhando para ela. Seus olhos tinham

um brilho cinzento rico e profundo, e ela riu ao olhar para mim.

- Ah, magnífico - murmurou ela.

- Magnífico? - disse eu. Ergui minhas mãos e afastei o cabelo do rosto. -Leve-me até o espe(ho. Depressa. Estou com sede. Já estou com sede de novo. Começara. Isso

não era mentira. Em estado de choque, olhei para o espelho.

Eujá havia visto espécimens destruídos assim, mas cada um de nós fica destruído à sua maneira, e, por razões alquímicas que eu não poderia revelar, eu era uma criatura

escura, da cor exata do chocolate, com olhos impressionantemente brancos de pupilas de um marrom avermelhado. Meus mamilos eram pretos como passas. Minhas faces

eram dolorosamente macilentas, minhas costelas, perfeitamente definidas sob minha pele reluzente, e as veias, as veias tão repletas de ação fervilhante que pareciam

cordas ao longo de meus braços e de minhas panturrilhas. Meu cabelo, obviamente, nunca fora tão lustroso, tão cheio, uma coisa tão jovem e naturalmente boa.

Abri a boca. Estava morrendo de sede. Toda a carne despertada cantava de sede e me amaldiçoava com. isso. Era como se mil células esmagadas e mudas estivessem agora

cantando por sangue.

- Preciso de mais. Preciso. Fiquem longe de mim. -Passei correndo por Benji, que só faltou dançar ao meu lado.

- O que você quer, o que posso fazer por você? Vou pegar outro. -Não, eu vou sozinho. - Caí em cima da vítima e afrouxei sua gravata de seda. Desabotoei depressa

os botões de sua camisa.

Benji logo abaixou para tirar-lhe o cinto. Sybelle, ajoe(hada, puxou-lhe as botas.

- A arma, cuidado com a arma - avisei. - Sybelle, afaste-se dele. -Estou vendo a arma-disse ela num tom de censura. Colocou-a de lado cuidadosamente, como se fosse

um peixe recém-pescado que pudesse cair de suas mãos. Tirou-lhe as meias. - Armand, essas roupas - disse ela - são grandes demais.

- Benji, você tem algum sapato? - perguntei. - Meu pé é pequeno. Levantei-me e vesti a camisa às pressas, abotoando-a com uma rapidez que

os deixou fascinados.

-Não fique aí me olhando, vá buscar os sapatos-disse eu. Vesti as calças, fechei o zíper, e, com a ajuda dos dedos ágeis de Sybelle, afivelei o cinto de couro. Apertei-o

ao máximo. Isso serviria.

Ela se abaixou diante de mim, seu vestido uma grande roda de formosura florida a cercá-la, e arregaçou as pernas da calça deixando à mostra meus pés escuros descalços.

Eu vestira a camisa sem precisar abrir as requintadas abotoaduras.

Benji jogou no chão os sapatos pretos, finos mocassins da Bally, que ele nunca usara, aquele miseravelzinho divino. Sybelle pegou uma meia para calçar em mim, Benji,

a outra.

Quando vesti o paletó, fiquei pronto. A doce comichão em minhas veias parara. A dor voltara e começava a rugir, como se eu estivesse costurado com fogo, e a bruxa

com a agulha puxasse a linha com força, para me fazer tremer.

- Uma toalha, meus caros, alguma coisa velha, comum. Não, não façam isso, não nessa época, não pensem nisso.

Cheio de asco, olhei para a pele lívida dele. Ele fitava o teto, os pêlos das narinas muito pretos contra sua pele murcha e horrenda, os dentes amarelos sobre o

lábio descorado. O cabelo em seu peito era um enxame baço no suor da morte, e junto à enorme chaga estava aquela passa que fora o seu coração, ah, esta era a evidência

maligna que precisava ser obliterada do mundo por princípio.

Abaixei-me e tornei a enfiar os restos de seu coração em sua cavidade torácica. Cuspi no ferimento e esfreguei-o com os dedos.

Benji ficou espantado.

- Olhe os cortes cicatrizando, Sybelle - exclamou ele.

-Mais ou menos-falei. -Ele está muito frio, muito vazio. - Olhei em volta. Lá estavam a carteira do homem, papéis, uma bolsa de couro, montes de notas verdinhas

presas com um prendedor de prata. Juntei tudo isso. Enfiei o dinheiro dobrado num bolso e o resto no outro. O que mais ele possuía? Cigarros, um canivete mortal

e as armas, ah, sim, as armas.

Pus isso tudo no bolso do paletó.

Engolindo a náusea, abaixei-me e peguei-o, esse homem medonho, flácido e branco de tristes cuecas de seda, com

um vistoso relógio de ouro. Minha antiga força estava mesmo voltando. Ele era pesado, mas consegui facilmente colocá-lo às costas.

-O que vai fazer; aonde vai?-gritou Sybelle.-Armand, você não pode nos deixar.

- Você vai voltar! - disse Benji. - Olhe, dê-me esse relógio, não jogue fora o relógio do homem.

- Sshhh, Benji - murmurou Sybelle. - Você sabe muito bem que lhe comprei os melhores relógios. Não toque nele. Armand, o que podemos fazer para ajudá-lo? - Ela veio

para perto de mim. - Olhe! - disse apontando para o braço do cadáver balançando bem embaixo de meu cotovelo direito. - Ele tem as unhas feitas. Que incrível.

-- Ah, sim, ele sempre se cuidou muito - disse Benji. - Você sabe que o relógio vale cinco mil dólares.

-- Silêncio sobre o relógio - disse ela. -Não queremos as coisas dele. Ela tornou a olhar para mim. - Armand, você ainda continua mudando. Seu rosto está ficando

mais cheio.

- É, e dói - disse eu. - Esperem-me. Preparem um quarto escuro para mim. Voltarei logo que tiver me alimentado. Preciso me alimentar agora, e muito para eliminar

as cicatrizes que ficaram. Abram a porta para mim.

--Deixe-me ver se tem alguém lá fora-disse Benji correndo responsavelmente para a porta.



Saí no corredor, carregando facilmente o pobre defunto, seus braços brancos pendurados, balançando e batendo ligeiramente em mim.

Que figura eu estava com essas roupas folgadas! Devia estar parecendo um daqueles estudantes malucos e poéticos depois de passar numa loja de roupas usadas para comprar as melhores becas, saindo de sapato novo bem elegante para ir à cata das bandas de rock.

--Não tem ninguém ali, meu amiguinho - disse eu. - São três da manhã e o hotel está dormindo. E, se tenho razão, aquela é a porta da escada de incêndio, lá no final

do corredor, certo? Também não tem ninguém na escada de incêndio.

-Ah, Armand esperto, você me encanta! -disse ele. Apertou os olhinhos pretos. Ficou pulando no corredor acarpetado. - Dê-me o relógio! - pediu. - Não - disse eu.

- Ela está certa. É rica e eu também e você também. Não fique mendigando.

- Armand, vamos esperar por você - disse Sybelle da porta. - Benji, entre imediatamente.

- Ah, agora ouça-a. Como ela acorda! Como ela fala! "Benji, entre", ela diz. Fi, amor, você não tem nada para fazer agora, como talvez tocar piano? Ela não conseguiu

conter uma pequena gargalhada. Sorri. Que estranha

dupla eles formavam. Não acreditavam no que viam. Mas isso era bem típico deste século. Eu queria saber quando eles começariam a ver, e, tendo visto, quando começariam

a gritar.

- Sybelle - disse eu. - O que as mulheres querem tantas vezes ouvir e esperam tanto para ouvir? Eu a amo.

Deixei-os, descendo correndo, passando o defunto para o outro ombro quando um lado ficava muito dolorido. A dor passava por mim em ondas. O choque do ar gelado da

rua foi escaldante.

- Alimentar-me - murmurei. E o que iria eu fazer com ele? Ele estava demasiado nu para andar na Quinta Avenida.

Tirei seu relógio porque era a única identificação que sobrara nele, e, quase vomitando com o nojo da proximidade daqueles despojos fétidos, peguei-o pela mão e

fui arrastando-o pela rua.

asfalto molhado.

Em segundos eu andara dois quarteirões, e, encontrando uma viela plausível, com um portão alto para impedir a entrada dos mendigos noturnos, trepei depressa na grade

ejoguei a carcaça do outro lado da viela. O corpo caiu na neve que derretia. Eu estava livre dele.

Agora eu precisava de sangue. Não havia tempo para aquele velhongo de atrair os que queriam morrer, os que realmente estavam ansiosos para receber o meu abraço,

os que já estavam apaixonados pelo país distante da morte sobre o qual eles nada sabiam.

Eu precisava ir me arrastando aos tropeções ao lado do alvo, com aquele paletó de seda mal-ajambrado e aquelas

calças arregaçadas, cabelo comprido a esconder o rosto, pobre garoto deslumbrado, perfeito para sua faca, sua arma, seu punho.

Não demorou.

O primeiro foi um bêbado infeliz que vinha andando e me encheu de perguntas antes de revelar a lâmina faiscante e partir para cravá-la em mim. Eu o empurrei contra

o prédio e me alimentei como um glutão.

O seguinte foi um jovem desesperado comum, cheio de pústulas, que já matara duas vezes para obter a heroína de que precisava tão desesperadamente quanto eu precisava

do sangue maldito dentro dele.

Bebi mais devagar.

As piores cicatrizes em meu corpo reagiam com bastante resistência , coçando, latejando e só lentamente desaparecendo. Mas a sede, a sede não passava. Meus intestinos

revolviam-se como se estivessem devorando a si mesmos. Meus olhos latejavam de dor.

Mas a cidade fria e úmida, tão barulhenta, ficava cada vez mais brilhante para mim. Eu podia ouvir vozes a

quarteirões de distância e pequenos alto- falantes em prédios altos. Podia ver as verdadeiras e inumeráveis estrelas além das nuvens que se dispersavam.

Eu

estava quase voltando a ser o que eu era. Então quem virá a mim agora, pensei, nessa hora vazia e desolada antes da aurora, quando a neve está derretendo

com o ar mais quente e as luzes de neon já se apagaram todas, e o jornal úmido voa como folhas por uma floresta listrada e congelada? Peguei todos os artigos

preciosos que pertenceram a minha primeira vítima y joguei-os fora em lixeiras salteadas pela rua. Um último assassino,

sim, por favor, destino, dê-me isso, enquanto há tempo, e ele veio mesmo, maldito idiota, saindo de um carro enquanto atrás dele o

-

motorista aguardava, o motor ligado. - Por que está demorando tanto? - perguntou o motorista afinal. - Por nada-disse eu, largando o amigo dele.

Debrucei-me na janela para olhar para ele. Ele era mau e cretino como o companheiro. Jogou a mão para o alto, mas sem defesa e tarde demais. Atirei-o no assento de

couro e bebi a hora g por prazer completo, prazer puro, doce e louco. Caminhei lentamente pela noite, braços abertos, olhos voltados para

o céu. Das negras chaminés esparsas na rua iluminada saía a fumaça branca e pura das casas aquecidas embaixo. Os sacos de lixo compunham uma exibição fantástica

e moderna nos meios-fios das calçadas cinzentas. - Árvores jovens e tenras, com folhinhas perenes como pinceladas de um verde vivo

na noite, envergavam seus troncos finos ao vento uivante. Por toda a parte, as portas de vidro dos prédios de fachada de granito continham o esplendor radiante de

portarias ricas. Vitrines exibiam seus diamantes faiscantes, peles lustrosas e casacos e vestidos bem cortados em manequins de estanho sem rosto e com toucados

imponentes. A catedral era um lugar apagado e silencioso com torres cobertas de geada : e arcos antigos pontiagudos, a calçada limpa onde

eu ficara na manhã em que o sol me pegou. Demorando-me ali, fechei os olhos, tentando talvez lembrar a surpresa e o mistério, a coragem e a esperança gloriosa.

Em vez disso, vieram, límpidas e claras pela escuridão, as notas prístinas da Appassionata. Perturbadora, retumbante, acelerada, a música estrondosa veio

me chamar de volta para casa. Segui-a. O relógio na recepção do hotel dava seis horas. A escuridão invernal se dissiparia em poucos instantes como o gelo

que me aprisionara. O comprido balcão polido estava deserto na penumbra.

Num espelho de moldura rococó dourada, eu me vi, pálido e liso e imaculado. Ah, como o sol e o gelo, cada um de uma vez, divertiram-se comigo, a fúria de um congelada

pelas garras implacáveis do outro. Não ficara uma só cicatriz onde a pele queimara até o músculo. Uma coisa colada e compacta com uma agonia inteiriça por dentro,

eu estava todo regenerado, com unhas brancas e transparentes, pestanas reviradas em volta dos olhos

castanhos, e roupas boas miseravelmente sujas e mal-ajambradas

no velho e vigoroso querubim familiar.

Nunca antes eu ficara grato por ver minha cara demasiado jovem, meu queixo demasiado imberbe, minhas mãos demasiado macias e delicadas. Mas eu poderia ter agradecido

aos deuses antigos por ter asas neste momento.

Lá em cima, a música continuava, tão imponente, expressando tanta tragédia e lascívia e espírito destemido. Eu adorava tanto essa música. No mundo inteiro, quem

poderia tocar algum dia a mesma sonata como ela, cada frase tão fresca como o canto que os pássaros cantam a vida inteira e que é o único que eles sabem.

Olhei em volta. Era um lugar elegante, caro, de lambris antigos e poltronas fundas, e chaves guardadas em escaninhos de madeira escura e manchada. Um grande vaso

de flores, a indefectível marca registrada do hotel antigo de

Nova York, era colocado audaciosa e magnificamente no meio da sala, em cima de uma mesa redonda de tampo de mármore. Passei ao lado do arranjo, arrancando um grande

lírio cor-de-rosa com um profundo tubo vermelho e pétalas enroladas e amarelas por fora, e subi calado pela escada de incêndio ao encontro de meus filhos.

Ela não parou de tocar quando Benji me deixou entrar.

- Você está com uma aparência ótima, Anjo - disse ele.

Ela continuava tocando, a cabeça balançando natural e perfeitamente no ritmo da sonata.

Ele me conduziu por uma série de quartos decorados com requinte. O meu era suntuoso demais, murmurei, vendo a colcha bordada e os travesseiros de um gracioso lamê

dourado velho e surrado. Eu só estava precisando de uma escuridão perfeita.

- Mas é o menos suntuoso que temos - disse ele, dando de ombros. Ele agora vestia um roupão de linho branco forrado com uma bela lã azul, de um tipo que eu

já vira muito em terras árabes. Usava meias brancas com as sandálias marrons. Fumava seu cigarrinho turco e apertou os olhos para me enxergar através da fumaça.

- Você me trouxe o relógio, não! -Ele balançou a cabeça afirmativamente, todo sarcástico e divertido.

-Não - disse eu. Pus a mão no bolso. - Mas pode ficar com o dinheiro. Diga-me, você já tem uma mente trançadíssima e eu não tenho chave, alguém viu você trazer cá

para cima esse vilão que andava com distintivo e armado?

- Eu o vejo sempre - disse ele com um gesto cansado.

- Saímos do bar separados. Matei dois coelhos com uma cajadada só. Sou muito esperto.

- Como assim? - perguntei. Pus o lírio na mãozinha dele.

- O irmão de Sybelle comprava com ele. Esse tira foi o único cara que sentiu falta dele. - Deu uma risadinha. Espetou o

lírio nos cachos grossos em cima da orelha

esquerda, depois tirou-o dali e ficou girando o pequeno cálice entre os dedos. - Esperto, não? Agora ninguém, pergunta quem ele é.

- Ah, de fato, dois coelhos com uma cajadada só, tem razão.  
- disse eu. - Embora eu tenha certeza de que nisso há muito mais coisas.

- Mas você vai nos ajudar agora, não vai?

- Vou sim. Sou muito rico, já lhe disse. Vou consertar as coisas. Tenho instinto para isso. Tive um grande teatro numa cidade longínqua, e depois disso uma ilha

de lojas elegantes e outras coisas desse tipo. Sou um monstro em muitas soorancema e aando-me uma rápida piscadela. Deu uma tragada em seu cigarro aparentemente

saboroso e me ofereceu outra. Sua mão esquerda mantinha o lírio a salvo.

- Não posso. Só bebo sangue - disse eu. - Um vampiro normal como manda o figurino. Preciso de escuridão total durante o dia, quejá está chegando. Você não deve tocar

nessa porta.

- Rá! - ele riu com um prazer travesso. - Foi isso o que eu disse a ela! -Ele revirou os olhos e olhou na direção da sala.- Eu disse que precisávamos roubar imediatamente

um caixão para você, mas ela disse não, você pensaria nisso.



- Como ela estava certa! O quarto vai servir. Mas eu gosto muito de caixões. Gosto mesmo.

- E você pode nos transformar em vampiros também?

-Ah, nunca. Dejeito nenhum. Vocês são puros de coração e vivos demais, e eu não tenho este poder. Isso nunca foi feito. Não pode ser.

Ele tornou a dar de ombros.

- Então quem criou você? - perguntou ele.

- Eu nasci de um ovo preto - disse eu. - Todos nascemos. Ele deu uma gargalhada escarninha.

- Bem, você já viu o resto - disse eu. - Por que não acreditar na melhor parte?

Ele apenas sorriu e soltou a fumaça, e olhou para mim com a cara mais safada.

O piano cascadeava sonoramente, as notas rápidas dissolvendo-se tão depressa quanto nasciam, tão parecidas com os locos de neve fininhos, esvanecendo-se antes de

bater no chão.

- Posso beijá-la antes de ir dormir? - perguntei. Ele pôs a cabeça de lado e deu de ombros.

- Se não gostar, ela não vai parar de tocar para dizer.

Entrei na sala. Como tudo era claro! O desenho imponente de paisagens francesas suntuosas com suas nuvens douradas e céus azul-cobalto, os vasos chineses em suas

bases, as cortinas de veludo penduradas em varas de bronze altas em cima das estreitas janelas antigas. Vi tudo isso de uma vez, incluindo a cama onde eu estivera

deitado, agora cheia de colchas macias e travesseiros bordados com rostos antigos.

E ela, o diamante central de tudo aquilo, com uma camisola comprida de flanela branca, com uma rica barra de renda irlandesa antiga nos punhos e na bainha, tocando

seu piano laqueado de cauda inteira com dedos ágeis e seguros, o cabelo um grande reflexo amarelo em volta dos ombros.

Beijei seus cachos perfumados, e depois sua garganta tenra, e captei seu sorriso e seu olhar infantis enquanto ela tocava, virando para trás a cabeça que encostou

na frente de meu paletó.

Envolvi seu pescoço com os braços. Ela se apoiou em mim. De braços cruzados, segurei-a pela cintura. Senti o movimento de seus ombros acompanhando seus dedos rápidos.

Ousei cantarolar a música baixinho, de boca fechada, e ela cantarolou comigo. . - Appassionata - sussurrei em seu ouvido. Eu estava chorando. Não

queria tocá-la com sangue. Ela era limpa demais, bonita demais. Virei a cabeça. Ela continuou tocando. Suas mãos martelavam o final tempestuoso. Fez-se um silêncio,

brusco e cristalino como a música que o precedera. Ela se virou e jogou os braços em volta de mim, e me estreitou e me disse

as palavras que jamais ouvi mortal algum dizer em toda a minha longa vida imortal:

Armand, eu o amo.

Preciso dizer que eles são os companheiros perfeitos?

Nenhum deles ligava para os assassinatos. Jamais consegui entender isso. Eles ligavam para outras coisas, como a paz mundial, os pobres e sofrendores sem-teto no

frio do inverno nova-iorquino que chegava ao fim, o preço dos medicamentos para os doentes e para o horror que era o fato de Israel e Palestina viverem em guerra

um com o outro. Mas e(es não ligavam a mínima para os horrores que viam com os próprios olhos. Não ligavam que eu matasse todas as noites para beber sangue, que

eu só vivesse de sangue e nada mais, e que eu fosse uma criatura ligada por minha própria natureza à destruição humana.

Eles não se importavam a mínima com o irmão morto (o nome dele era Fox , por sinal, e é melhor não mencionar o sobrenome de minha linda menina).

Na verdade, se este texto algum dia vir à luz do mundo real, você vai ter de mudar o nome dela e o de Benjamin.

No entanto, isso agora não me preocupa. Não consigo pensar no destino dessas páginas, a não ser que são principalmente para ela, como já lhe mencionei ,

e, se me for permitido lhes dar um título, acho que será Sinfonia para Sybelle. Não, por favor, entenda que não amo menos Benji. É só que não tenho o mesmo sentimento

de proteção esmagador para com ele. Sei que Benji viverá uma vida ótima e cheia de aventuras, não importa o que acontecer comigo ou com Sybelle, nem mesmo com os

tempos. Está na natureza flexível e resistente dos beduínos. Ele é um verdadeiro filho das tendas e das areias sopradas pelo vento, embora, no caso dele, a casa

fosse um triste casebre de blocos de concreto de cinzas na periferia de Jerusalém onde ele induzia turistas a posarem para fotos superfaturadas com ele e um camelo

imundo que rosnava.

Ele foi mesmo raptado por Fox nos termos criminosos de um contrato de longo prazo de servidão pelo qual Fox pagou ao pai de Benji cinco mil dólares. Um passaporte

falso de emigração foi incluído no trato. Ele era o gênio da tribo, sem dúvida, estava dividido quanto a ir para casa e aprender nas ruas de Nova York a roubar,

fumar e praguejar, nessa ordem. Embora jurasse de pés juntos que

não sabia ler, ele sabia, e começou a fazê-lo obsessivamente quando fui lhe dando livros.

De fato, ele sabia ler inglês, hebraico e árabe, tendo lido esses três idiomas nos jornais de sua terra desde que se entendia.

Adorava cuidar de Sybelle. Cuidava para que ela comesse, bebesse leite, tomasse banho e trocasse de roupa quando nenhuma dessas tarefas rotineiras lhe interessavam.

Orgulhava-se de poder obter, através de sua inteligência, tudo de que ela precisava, independentemente do que acontecesse com ela.

Era seu testa-de-ferro com o hotel, gratificando as empregadas, tendo conversas normais na recepção, que incluíam mentiras bem urdidas sobre o paradeiro do falecido

Fox, que, na saga sem fim de Benji, virara um fabuloso viajante do mundo e um fotógrafo amador. Lidava com o afinador de piano, que era chamado uma vez por semana

porque o piano ficava junto à janela, exposto ao sol e ao frio, e também porque Sybelle realmente o martelava com uma fúria que de fato impressionaria o grande Beethoven.

Telefonava para o banco, onde todos os funcionários achavam que ele fosse o irmão mais velho dela, David, pronunciado Davüd, e depois se apresentava no caixa para sacar como o pequeno Benjamin.

Depois de várias noites conversando com ele, convenci-me de que poderia lhe dar uma formação tão boa quanto Marius me dera, e que ele acabaria podendo escolher a

universidade, a profissão ou os hobbies que desejasse. Não superestimei as cartas que tinha na mão. Mas antes que a semana terminasse, eu estava sonhando com internatos

para ele de onde poderia sair como um conquistador social da costa leste americana com seu blazer azul de botões dourados.

Eu o amo o bastante para arrancar cada membro de quem encostar um dedo nele.

Mas entre mim e Sybelle existe uma simpatia que às vezes engana mortais e imortais a vida inteira. Conheço Sybelle. Conheço-a. Conheci-a da primeira vez que a ouvi

tocar, e conheço-a agora, e não estaria aqui com você se ela não estivesse sob a proteção de Marius. Enquanto Sybelle viver, nunca me separarei dela, e não há nada

que ela possa vir a me pedir que eu não faça.

Sofrerei uma dor inefável no dia em que Sybelle inevitavelmente morrer. Mas isso é algo que precisa ser suportado. Não tenho escolha. Não sou a criatura que eu era

quando deparei com o Sudário de Verônica, quando entrei no sol.

Sou outra pessoa, e essa pessoa se apaixonou perdidamente por Sybelle e Benjamin e não pode voltar atrás.

Obviamente tenho consciência plena de que esse amor me faz bem. Sendo mais feliz do que jamais fui em toda a minha existência mortal, ganhei muita força tendo esses

dois como companheiros. A situação é quase perfeita demais para não ser obra do acaso.

pôs as mãos nas teclas, não quis saber de mais nada. E sua "carreira", do modo como foi tão generosamente planejada para ela por seus orgulhosos pais e pelo ardentemente

ambicioso Fox, nunca significou grande coisa para ela.

Fosse ela pobre, talvez o reconhecimento fosse indispensável para o seu caso de amor com o piano, pois

lhe proporcionaria a necessária fuga das tediosas armadilhas

e rotinas domésticas. Mas pobre ela nunca foi. E, do fundo do coração, tanto se lhe dá se as pessoas ouvem a sua música ou não.

Basta ela ouvi-la e saber que não está incomodando os outros.

No velho hotel, cheio principalmente de quartos alugados ao dia, com apenas um punhado de inquilinos suficientemente ricos para lá residirem ano após ano, como fazia

a família de Sybelle, ela pode tocar para sempre sem perturbar ninguém.

E depois da trágica morte de seus pais, depois que perdeu as duas únicas testemunhas que tinham intimidade com seu desenvolvimento, ela simplesmente não pôde mais

cooperar com os planos de Fox para sua carreira.

Bem, tudo isso eu entendi, quase desde o início. Entendi em sua incessante repetição da Sonata nº 23, e acho que se você a ouvisse também entenderia. Quero que a

ouça.

Entenda, Sybelle não se perturbará se outras pessoas se reunirem para ouvi-la. Ela não se incomodará se for gravada. Se outras pessoas gostam de ouvi-la tocar e lhe

dizem isso, ela fica encantada. Mas isso é uma coisa simples com ela. "Ah, então você está gostando", ela pensa. "Não é linda?" Foi isso o que me disse com os olhos

e os sorrisos na primeira vez que dela me aproximei.

E, antes de prosseguir-e tenho mais coisas a dizer sobre meus filhos , suponho que deveria fazer essa

pergunta: Como me aproximei dela? Como fui

parar em seu apartamento naquela manhã fatídica, quando Dora estava na catedral discursando para o povo sobre o Véu milagroso, e eu, tendo o sangue em minhas veias

entrado em combustão, estava de fato subindo aos céus como um foguete.

Não sei. Tenho explicações sobrenaturais bastante cansativas cuja leitura lembra os compêndios escritos por membros da Sociedade para o Estudo dos Fenômenos Mediúnicos,

ou o roteiro para Mulder e Scully no programa de televisão chamado Arquivo X. Ou uma pasta secreta sobre o caso nos arquivos da ordem dos detetives mediúnicos chamada

Talamasca.

Claramente, vejo dessa maneira. Tenho as maiores habilidades para fazer feitiços, deslocar minha visão e transmitir minha imagem para qualquer distância e para afetar

tanto a matéria que estiver próxima quanto a que não estiver à vista. Naquela viagem matinal rumo às nuvens, de alguma forma, devo ter usado

esse poder. Ele deve ter sido afastado de mim num momento de dor cruciante quando para todos os efeitos eu estava perturbado e completamente inconsciente do que



estava acontecendo comigo. Talvez tenha sido uma última recusa desesperada de aceitar a possibilidade da morte ou da situação terrível, tão perto da morte, em que

eu me encontrava.

Isto é, tendo caído no telhado, todo queimado e num sofrimento inefável, devo ter procurado uma fuga mental desesperada, projetando minha imagem e minha força no

apartamento de Sybelle por um tempo que foi suficiente para matar seu irmão. Seguramente, os espíritos podem exercer sobre a matéria uma pressão suficiente para

transformá-la. Logo, talvez eu tenha feito exatamente isso - projetado-me na forma de espírito e posto as mãos na substância que era Fox, e matado-o.

Mas eu não acredito realmente nisso tudo. Vou lhe dizer por quê.

Em primeiro lugar, embora Sybelle e Benjamin não sejam especialistas, apesar de todo aquele desprendimento aparente de quem sabe das coisas, no que diz respeito

à morte e à subsequente análise da perícia, ambos insistiram que o corpo de Fox estava exangue quando livraram-se dele. Apareciam as perfurações em seu pescoço.

Em suma, eles acreditam até agora que eu estive lá, em forma substancial, e que realmente bebi o sangue de Fox.

Agora, uma imagem projetada não serve, pelo menos até onde eu sei. Não, ela não pode devorar o sangue de todo um sistema circulatório e depois se dissolver, voltando

à cicatriz da mente de onde veio. Não, não é possível.

Obviamente Sybelle e Benji poderiam estar errados. O que sabem eles sobre sangue e corpos? Mas o fato é que eles deixaram Fox morto ali uns dois dias, ou pelo menos

foi isso o que disseram, enquanto aguardavam a volta do Dybbuk ou Anjo que iria ajudá-los, eles tinham certeza. Eles não notavam essas coisas.

Ah, isso me faz doer o cérebro! O fato é que não sei como cheguei ao apartamento deles, nem por quê. Não sei o que aconteceu. E sei, como já disse, que, no que diz

respeito à experiência toda - tudo o que vi e senti na grande catedral de Kiev restaurada, um lugar impossível -, era tão real quanto o que conheci no apartamento

de Sybelle.

Há um outro pequeno ponto que, apesar de pequeno, é crucial. Depois que matei Fox, Benji realmente viu meu corpo caindo do céu. Ele me viu, da mesma forma como eu

o vi, da janela.

Há uma possibilidade muito terrível. É a seguinte: eu ia morrer naquela manhã. Isso ia acontecer. Minha ascensão foi impelida por uma imensa vontade e um imenso

amor a Deus, amor esse que não ponho em dúvida ao ditar essas palavras agora.

Mas talvez, no instante crucial, minha coragem tenha fraquejado. Meu corpo fraquejou. E procurando um abrigo do sol, algum modo de frustrar o meu

martírio, dei com a situação de Sybelle e seu irmão, e, sentindo a grande necessidade que ela tinha de mim, comecei a cair na direção do telheiro onde a neve e o

gelo logo me cobriram. Minha visita a Sybèllè poderia ter sido, segundo essa interpretação, apenas uma ilusão passageira, uma poderosa projeção do eu, como já disse,

um desejo realizado da necessidade dessa menina instável e vulnerável que estava para ser fatalmente espancada pelo irmão.

Quanto a Fox, matei-o, sem dúvida. Mas ele morreu de medo, de parada cardíaca, talvez, da pressão de minhas mãos ilusórias em sua garganta frágil, do poder da telecinesia

ou sugestão.

Mas como já afirmei, não acredito nisso.

Eu estava lá na catedral em Kiev. Quebrei o ovo com os polegares. Vi o pássaro voar.

Sei que minha mãe estava ao meu lado, sei que meu pai derrubou o cálice. Sei porque sei que nenhuma parte minha poderia ter imaginado uma coisa dessas. E sei também

porque as cores que vi então e a música que ouvi não eram compostas de coisa alguma que eu já tivesse experimentado.

Agora, eu simplesmente nunca tive sonho algum sobre o qual eu possa dizer isso. Quando rezei a missa na cidade de Vladimir, eu estava num reino feito de ingredientes

que simplesmente não estão à disposição de minha imaginação.

Não quero dizer nada mas sobre esse assunto. É muito doloroso e muito terrível tentar analisar isso. Eu não quis isso, não conscientemente, e não tive nenhum poder

consciente sobre o que aconteceu. Simplesmente aconteceu.

Se pudesse, eu esqueceria isso completamente. Estou tão extraordinariamente feliz com Sybelle e Benji que certamente quero esquecer tudo isso enquanto eles forem vivos. Só quero estar com eles, como tenho estado desde a noite que descrevi para você.

Como vê, não me apressei em vir aqui. Tendo voltado às fileiras dos perigosos Não Mortos, era muito fácil para mim discernir das mentes errantes dos outros vampiros

que Lestat estava em segurança aqui em sua prisão, e de fato estava ditando para você toda a história do que aconteceu com ele e o Deus Encarnado e Memnoch, o Diabo.

Foi muito fácil para mim discernir, sem revelar minha presença, que havia um mundo inteiro de vampiros chorando por mim com mais angústia e mais lágrimas do que

eu jamais previra. .

Portanto, certo da segurança de Lestat, desconcertado mas aliviado com o misterioso fato de seu olho roubado lhe ter sido devolvido, eu estava à vontade para ficar

com Sybelle e Benji, e fiz isso.

Com Benji e Sybelle, voltei a estar no mundo de uma forma que eu não estava desde que minha cria, minha única cria, Daniel Molloy, deixou-me. Meu amor por Daniel

nunca foi inteiramente honesto, foi sempre perversamente

possessivo e muito misturado com meu ódio do mundo como um todo, e minha confusão em face dos tempos modernos desconcertantes que começaram a se abrir para mim quando

emergi no final do século XVIII das catacumbas nos subterrâneos de Paris.

O próprio Daniel não precisava do mundo, e viera para mim com fome de nosso Sangue Negro, impressionado com histórias grotescas que Louis de Pointe du Lac lhe contara.

Cumulando-o de luxos, eu só o enjoava com doces mortais de modo que ele acabou dando as costas para as riquezas que eu lhe oferecia e tornando-se um vagabundo. Louco,

perambulando todo andrajoso pelas ruas, ele quase morreu de tanto que se isolou do mundo, e eu, fraco, confuso, atormentado por sua beleza, e desejando o homem vivo

e não o vampiro que ele poderia se tornar, só o trouxe para nós através do Truque Negro porque do contrário ele teria morrido.

Não fui nenhum Marius para ele depois. Aconteceu tudo muito exatamente como supus: no fundo, ele me abominava por tê-lo iniciado na Morte Viva, por tê-lo transformado

numa noite em imortal e num completo assassino.

Como homem mortal, ele não tinha idéia real do preço que pagamos pelo que somos nem queria saber da verdade; ele fugia da verdade em sonhos agitados e perambulações

rancorosas.

E assim foi como eu temia. Criando-o para ser meu par, criei um amante que me via ainda mais claramente como um monstro.

Não havia inocência para nós, não havia primavera. Não havia a menor chance, por mais lindos que fossem os jardins por onde perambulávamos ao crepúsculo. Nossas

almas estavam fora de sintonia, nossos desejos, cruzados, e nossos ressentimentos demasiado comuns e bem irrigados para a floração final. Agora é diferente.

Passei dois meses em Nova York com Sybelle e Benji, vivendo como eu jamais havia vivido, desde aquelas longínquas noites com Marius em Veneza. Sybelle é rica, acho

que já lhe contei, mas só tem uma riqueza trabalhosa e

tediosa, com uma renda que dá para pagar seu apartamento exorbitante e as refeições levadas no quarto, com uma margem para roupas finas, ingressos para a sinfonia

e uma eventual orgia de gastos.

Eu sou fabulosamente rico. Então a primeira coisa que fiz, com prazer, foi cumular Sybelle e Benjamin com todas as riquezas com que outrora eu cumulara Daniel Molloy,

com um resultado muito melhor.

Eles adoraram.

Sybelle, quando não estava tocando piano, não fazia nenhuma objeção a ir comigo e com Benji ao cinema, ou aos concertos e à ópera. Ela adorava balé, e adorava levar

Benji aos melhores restaurantes, onde ele se tornou uma maravilha constante para os garçons com aquela sua vozinha viva e entusiasmada e aquele

jeito cantante de dizer o nome dos pratos, franceses ou italianos, e pedir vinhos datados que eles lhe serviam, sem fazer perguntas, apesar de todas as leis bemintencionadas que proíbem servir bebidas alcoólicas a crianças.

Eu também adorava isso, obviamente, e fiquei encantado ao descobrir que Sybelle também de vez em quando achava divertido me vestir, escolher nas prateleiras, apontando

rapidamente com o dedo, paletós, camisas e coisas desse gênero, e selecionar em bandejas de veludo para mim todos os tipos de anéis, abotoaduras, correntes e pequenos

crucifixos de rubi e ouro, prendedores de dinheiro de ouro maciço e coisas desse tipo.

Era eu quem fazia esse jogo magistral com Daniel Molloy. Sybelle o faz comigo à sua moda sonhadora, enquanto cuida dos cansativos detalhes do

pagamento das contas.

Eu, por minha vez, tenho o prazer supremo de carregar Benji para baixo e para cima como um boneco, e fazer com

que ele use todas as roupas e jóias ocidentais da

melhor qualidade que compro, pelo menos de vez em quando, durante uma ou duas horas.

Formamos um trio impressionante, nós três jantando no Lutèce ou no Sparks (claro que eu não como) - Benji com seu imaculado camisolão do deserto, ou com um terninho

bem cortadíssimo de lapelas estreitas, camisa branca e gravata; eu com meu altamente aceitável veludo antigo e gargantilha de renda antiga puída; e Sybelle com vestidos

lindos sempre atransbordando seu armário, roupas compradas para ela pela mãe e por Fox, modelando o busto farto e a cintura fina e sempre com uma roda mágica em

volta de suas pernas compridas, um comprimento que revela a esplêndida curva e a rigidez de sua panturrilha quando ela enfia os pés calçados com meias escuras em

sapatos de salto agulha. Os cachos aparados de Benji são sempre aquele halo bizantino para seu rostinho enigmático, ela usa o cabelo solto, e eu uso de novo aquelas

longas melenas revoltas que costumavam ser minha vaidade secreta no Renascimento.

Meu maior prazer com Benji é educação. Desde o início, começamos a ter poderosas conversas sobre história e sobre o mundo e nos vimos deitados no tapete do apartamento,

olhando mapas, enquanto discutíamos todo o progresso do Ocidente e do Oriente e a inevitável influência do clima, da cultura e da geografia sobre a história da humanidade.



Benji tagarela o tempo todo durante os noticiários da televisão, chamando cada âncora pelo nome na maior intimidade, dando murros de raiva por causa dos atos dos

líderes mundiais e chorando por causa da morte de grandes princesas e benfeitores da humanidade. Benji pode assistir às notícias, falar sem parar, comer pipoca,

fumar e cantar intermitentemente enquanto Sybelle toca piano, sempre no tom-tudo mais ou menos ao mesmo tempo.

Se começo a olhar a chuva cair como se eu tivesse visto um fantasma, é Benji quem bate no meu braço e diz:

- O que vamos fazer, Armand? Temos três filmes maravilhosos para ver hoje. Estou aborrecido, estou lhe dizendo, aborrecido, porque se formos ao cinema, vamos perder

o Pavarotti no Met e vou ficar injuriado.

Muitas vezes nós dois vestimos Sybelle, que olha para nós como se não soubesse o que estamos fazendo. Sempre ficamos conversando com ela no banheiro enquanto ela

toma banho, porque, do contrário, ela pode acabar dormindo na banheira, ou simplesmente passar horas lá dentro lavando seus belos seios.

Às vezes, a única coisa que ela diz a noite inteira são frases como: "Benji, amarre os sapatos", ou "Armand, ele roubou a prataria. Mande-o devolver", ou subitamente

espantada: "Está quente, não?"

Jamais contei a ninguém a minha história como estou contando aqui para você, mas, conversando com Benji, vi que estava lhe contando muitas coisas que Marius me

contou - sobre a natureza humana e a história do direito, sobre pintura e até sobre música.

Foi nessas conversas, mais do que em qualquer outra coisa, que vim perceber nesses últimos dois meses que eu era um ser transformado.

Perdi um certo asfixiante terror sinistro. Não vejo a história como um panorama de desastres, como acho que via antes; e muitas vezes me pego lembrando das previsões

generosas e lindamente otimistas de Marius - de que o mundo está sempre melhorando; que a guerra, apesar de toda a tensão que vemos em volta de nós, saiu de modajunto

aos que detêm o poder, e logojá não estará mais nas arenas do Terceiro Mundo comojá não está nas do Ocidente; e realmente daremos comida aos que têm fome e abrigo

aos que não têm teto e cuidaremos dos que precisam de amor.

Com Sybelle, educação e discussão não são a substância de nosso amor. Com Sybelle é intimidade. Não me importo que ela nunca diga nada. Não entro na mente dela.

Ela não quer que ninguém faça isso.

Tão completamente quanto ela me aceita e aceita a minha natureza, eu a aceito e aceito sua obsessão pelaAppassionata. Hora após hora, noite após noite, ouço Sybelle

tocar, e cada vez que ela começa, percebo as mínimas mudanças de intensidade e expressão que jorram de sua interpretação. Aos poucos, por causa disso, tornei-me

o único ouvinte de quem Sybelle já teve consciência.

Aos poucos, tornei-me parte da música de Sybelle. Estou lá com ela e as frases e movimentos da Appassionata. Estou lá e sou uma pessoa que jamais pediu nada a Sybelle

senão que ela faça o que tem vontade de fazer e o que sabe fazer com tanta perfeição.

Isso é tudo o que Sybelle precisa fazer para mim - é o que ela fará.

Na hora em que ela quiser subir em "riqueza e aos olhos dos homens", abrirei "o caminho para

ela. Na hora em que ela desejar ficar sozinha, ela não me verá ° nem me ouvirá. E, na hora em que ela amar um mortal ou uma mortal, farei o que ela

desejar que eu faça. Posso viver nas sombras. Idolatrando-a, posso viver para sempre na sombra porque não há sombra quando estou perto dela. ;

Sybelle

muitas vezes me acompanha quando vou caçar. Ela gosta de me ver matar e me alimentar. Acho que nunca permiti que um mortal fizesse isso. Ela tenta ajudar-me a dar

cabo dos despojos ou confundir as provas da causa da morte, mas sou muito forte e rápido e eficiente nisso, portanto, em geral, ela é a testemunha. Procuro

evitar levar Benji nessas aventuras porque ele fica excitadíssimo, e isso não lhe faz bem. Quanto a Sybelle, isso simplesmente não a afeta nada. Há outras

coisas que eu poderia lhe contar-como lidamos com os detalhes do desaparecimento do irmão dela, como transferi imensas somas de dinheiro para o nome dela e abri

para Benji fundos em fideicomisso adequados e invioláveis, como comprei para ela uma participação substancial no hotel onde ela mora e coloquei em seu apartamento,

que é enorme para um apartamento de hotel, vários outros bons pianos que ela aproveita, e como reservei para mim, a uma distância segura do apartamento, um esconderijo

com um caixão que é impossível de encontrar, inexpugnável e indestrutível, e aonde vou de vez em quando, embora esteja mais acostumado a dormir no quatinho que

eles me deram de início, cuja única janela para o poço de ventilação foi bem tapada por cortinas de veludo. Mas ao inferno com isso tudo! Você sabe

o que quero que você saiba. O que nos resta senão trazer isso à baila, terminar alegremente nessa noite em que cheguei aqui, entrando no covil dos vampiros

com meu irmão e minha irmã, um de cada lado para ver Lestat afinal.

-- 24 --

Isso tudo é um pouco simples demais, não? Estou falando de minha transformação da criança zelosa em pé na porta da catedral no monstro feliz que, numa noite de primavera

na cidade de Nova York, resolveu que estava na hora de ir para o sul procurar seu velho amigo.

Você sabe por que vim aqui.

Deixe-me começar com o início dessa noite. Você estava lá na capela quando cheguei.

Você me cumprimentou com indisfarçado prazer, contentíssimo de me ver vivo e inteiro. Louis quase chorou.

Aqueles outros, aqueles jovens maltrapilhos que estavam ali juntos, dois meninos, acho eu, e uma menina, não sei quem eram, e continuo sem saber, só que depois eles

foram embora.

Fiquei horrorizado de vê-lo desprotegido, deitado no chão, e sua mãe, Gabrielle, num canto, só olhando para ele, friamente, do jeito que ela olha para tudo e para

todos, como se nunca tivesse conhecido um sentimento humano pelo que era.

Fiquei horrorizado com o fato de os jovens vagabundos estarem por ali, e imediatamente me veio um sentimento protetor por Sybelle e Benji. Eu não tinha medo que

eles vissem os clássicos entre nós, as lendas, os guerreiros - você, amado Louis, até Gabrielle, e certamente não Pandora ou Marius, que estavam todos ali.

Mas eu não queria que meus filhos olhassem para um lixo comum infundido com seu sangue, e me perguntava, de maneira arrogante e fútil talvez, como sempre me pergunto

em momentos assim, como esses vampiros moleques, imaturos e palermas existiram. Quem os criou e por quê e quando?

Nessas horas, o velho e feroz Filho da Escuridão acorda em mim, o chefe da assembléia nos subterrâneos do cemitério de Paris que decretou onde e quando o Dom Negro

deveria ser dado e, sobretudo, a quem. Mas esse velho hábito de autoridade é fraudulento e um estorvo na melhor das hipóteses.

Eu odiava esses desocupados porque eles ficavam olhando para Lestat como se ele fosse uma curiosidade de carnaval, e eu não aceitava isso. De repente senti uma irritação, uma necessidade de destruir.

Mas não há regras entre nós que autorizem essas ações precipitadas. E quem era eu para fazer um motim aqui debaixo do seu teto? Eu não sabia que você morava aqui

então, não, mas certamente você tinha custódia do Mestre da Casa, e permitiu isso, e reparei que os malfeitores e os outros três ou quatro deles que chegaram logo

depois e ousaram rodeá-lo não se aproximaram muito.

Obviamente todos estavam na maior curiosidade a respeito de Sybelle e Benjamin. Eu lhes disse calmamente para ficarem bem atrás de mim e não se afastarem. Sybelle

não conseguia tirar da cabeça que o piano estava ali tão pertinho e teria um som totalmente novo para sua sonata. Quanto a Benji, ele ia caminhando como um pequeno

samurai a inspecionar monstros por todo lado, com seus olhos parecendo pires embora sua boca estivesse muito contraída e séria e orgulhosa.

A capela me impressionou pela beleza. Como não impressionaria? As paredes são brancas e puras. E o teto é suavemente abobadado, como nas igrejas mais antigas, e

há uma concha profundamente côncava onde antes ficava o altar, que dá uma boa acústica, de modo que, ali, um passo ecoa suavemente por toda a igreja. Eu tinha visto

o vitral feericamente iluminado da rua. Apesar de não figurativo, era lindo com suas cores vivas, seus azuis, vermelhos e amarelos, e seus desenhos simples de volutas.

Gostei das inscrições antigas em preto dos mortais há muito desaparecidos em cuja memória cadajanela havia sido erguida. Gostei das antigas estátuas de gesso espalhadas

por ali, as quais eu o ajudara a tirar do apartamento de Nova York e mandar para o sul.

Eu não olhara muito para elas; eu havia me escondido de seus olhos de vidro como se eles fossem basiliscos. Mas certamente olhei para elas agora. Lá estava a doce

e sofredora Santa Rita com seu hábito preto e sua touca branca, com aquela terrível e medonha chaga como um terceiro olho na testa. Lá estava a encantadora Thérèse

de Lisieux, a pequena flor de Jesus, com seu crucifixo e seu ramo de rosas cor-de-rosa nos braços.

Lá estava Santa Teresa de Ávila, entalhada em madeira e finamente pintada, com os olhos voltados para cima, a mística, e empunhando a pena que a marcava como uma

Doutora da Igreja. Lá estava São Luís de França com sua coroa real; São Francisco, naturalmente, com o humilde hábito marrom de monge e seus animais domados; e alguns outros cujos nomes envergonho-me de dizer que não sabia.

O que me impressionou talvez até mais do que essas estátuas, espalhadas como muitos guardiães de uma história antiga e sagrada, foram as pinturas na parede que marcavam

o caminho de Cristo para o Calvário: as Estações da Cruz.

Elas haviam sido colocadas ali na ordem correta, talvez até antes de termos chegado ao mundo deste lugar.

Adivinhei que elas eram pintadas a óleo sobre cobre, e eram em estilo renascentista, certamente uma imitação, mas um estilo que eu achava normal e que me agradava.

Imediatamente, o medo que pairava dentro de mim durante todas as minhas semanas felizes em Nova York apareceu. Não, não era tanto medo quanto pavor. Meu Senhor,

murmurei. Virei-me e olhei para o Rosto de Cristo no Crucifixo pendurado acima da cabeça de Lestat.

Esse foi um momento cruciante. Acho que a imagem do Sudário de Verônica cobriu o que vi ali na madeira entalhada. Sei que cobriu. Eu estava de novo em Nova York e Dora nos mostrava o pano.

Vi Seus olhos escuros lindamente sombreados perfeitamente gravados no tecido, como se fosse parte dele mas de modo algum absorvido por ele, e os riscos escuros de



Suas sobrancelhas e, acima de Seu olhar firme e inalterável, a marca do sangue que escorreu por causa dos espinhos. Vi Seus lábios entreabertos como se Ele tivesse

muito o que dizer.

Com um susto, percebi que, lá do altar, Gabrielle fixara em mim seus olhos cinzentos glaciais, e tranquei minha mente e digeri a chave. Eu não queria que ela tocasse

em mim nem em meus pensamentos. E todas as pessoas ali reunidas estavam me irritando.

Então chegou Louis. Estava felicíssimo por eu não ter morrido. Louis tinha algo a dizer. Sabia que eu estava interessado e ele estava aflito com a presença dos outros.

Conservava aquele seu ar ascético, vestido com roupas pretas surradas lindamente bem cortadas mas incrivelmente empoeiradas e uma camisa tão fina e puída que mais

parecia uma estranha teia de arcos do que tecido e renda verdadeira.

-Nós os deixamos entrar porque do contrário eles ficam circulando como chacais e lobos, e não vão embora. Assim, eles vêm, olham e saem. Você sabe o que eles querem.

Balancei a cabeça afirmativamente. Não tive coragem de admitir para ele que eu queria exatamente a mesma coisa. Eu nunca parara realmente de pensar sobre isso, por

um momento sequer, por trás do grande ritmo de tudo o que me aconteceu desde que falei com ele naquela última noite de minha antiga vida.

Eu queria o sangue dele. Queria bebê-lo. Calmamente, disse isso a Louis. - Ele o destruirá - murmurou Louis. Subitamente corou apavorado. Olhou interrogativamente

para a gentil Sybelle ali calada a segurar minha mão com força, e para Benjamin, que o estudava com entusiasmo no olhar vivo. Armand, você não pode arriscar isso.

Um deles chegou perto demais. Ele destruiu a criatura. O movimento foi rápido, automático. Mas ele tem um braço

que parece de pedra e deixou a criatura em pedaços lá no chão. Não se aproxime dele, não tente isso.

- E os anciãos, os fortes, eles nunca tentaram?

Pandora então falou. Esteve nos observando o tempo todo, brincando no escuro. Eu havia esquecido como ela era linda, de uma beleza discreta e muito básica. Tinha

o cabelo castanho e comprido penteado para trás, uma sombra atrás do pescoço esguio, e estava linda e brilhosa, porque untara o rosto com um óleo escuro para ficar

com uma aparência mais humana. Seus olhos eram atrevidos e apaixonados. Ela me segurou com uma liberdade feminina. Estava feliz de ver que eu estava vivo.

- Você sabe o que Lestat é - disse ela em tom de súplica. - Armand, ele é uma fornalha de poder e ninguém sabe o que ele pode fazer.

- Mas você nunca pensou nisso, Pandora? Ao menos nunca lhe passou pela cabeça beber o sangue da garganta dele e procurar a visão de Cristo enquanto estivesse bebendo?

E se dentro dele houver a prova infalível de que ele bebeu o sangue de Deus?

- Mas Armand - disse ela. - Cristo nunca foi o meu deus. Isso era tão simples, tão chocante, tão conclusivo.

Ela suspirou, mas só por consideração a mim. Sorriu.

-Eu não reconheceria o seu Cristo se ele estivesse dentro de Lestat-disse ela delicadamente.

- Você não entende -disse eu. -Alguma coisa aconteceu, alguma coisa aconteceu com ele quando ele foi com esse espírito chamado Memnoch e voltou com aquele Véu. Eu

vi. Vi o... poder aí.

- Você viu a ilusão - disse Louis simpático.

- Não, vi o poder - respondi. Então, num momento, duvidei totalmente de mim. Os longos corredores da história se enrolaram para trás, e me vi mergulhado na escuridão,

levando uma única vela, procurando os ícones que eu pintara. E a tristeza dessa cena, sua banalidade, sua desesperança esmagaram minha alma.

Percebi que eu assustara Sybelle e Benji. Eles tinham os olhos grudados em mim. Nunca haviam me visto como eu estava agora.

Abracei-os e puxei-os para mim. Eujá havia caçado naquela noite antes de encontrá-los, para estar em plena forma, e sabia que minha pele estava agradavelmente quente.

Beijei os lábios rosados de Sybelle, e depois a cabeça de Benji.

-Armand, você me irrita, realmente-disse Benji.-Nunca me disse que acreditava nesse Sudário.

-E você, homenzinho-disse eu num tom de voz baixo, sem querer fazer uma cena para os outros. -Algum dia você entrou na catedral para vê-lo quando ele estava sendo exibido lá?

- Entrei, e lhe disse o que essa grande dama disse. - Ele deu de ombros, obviamente. - Ele nunca foi o meu deus.

-Olhe para eles, espreitando-disse Louis baixinho. Ele estava macilento e tremendo ligeiramente. Havia negligenciado a própria fome para ficar aqui de guarda. -

Eu deveria botá-los para fora agora, Pandora - disse ele com uma voz que não ameaçaria nem a mais tímida das almas.

- Deixe que eles vejam o que vieram ver - disse ela friamente com voz abafada. - Eles talvez não tenham muito tempo para gozar essa satisfação. Dificultam o mundo

para nós e nos desgraçam, e nada fazem pelos vivos nem pelos mortos.

Achei isso uma ameaça encantadora. Esperava que ela eliminasse aquele bando todo, mas obviamente sabia que muitos Filhos dos Milênios pensavam a mesma coisa daqueles

como eu. E que criatura impertinente eu era para levar, sem a autorização de ninguém, meus filhos para ver meu amigo ali deitado no chão.

- Esses dois estão em segurança conosco - disse Pandora, obviamente lendo meus pensamentos alitos.- Você percebe

que eles estão contentes de vêlos, jovens e velhos-disse

ela fazendo um pequeno gesto para incluir o quarto inteiro. - Há alguns que não querem sair das sombras, mas eles sabem sobre você. Não queriam que você fosse embora.

- Não, ninguém queria - disse Louis bastante emotivo. - E como um sonho, você voltou. Nós todos ouvimos insinuações disso, rumores de que você havia sido visto em

Nova York, mais bonito e vigoroso do que nunca. Mas eu precisava vê-lo com meus próprios olhos para acreditar.

Balancei a cabeça agradecendo essas gentis palavras. Mas estava pensando no Véu. Olhei para o Cristo de madeira na árvore novamente e para a figura adormecida de

Lestat.

Foi aí que Marius chegou. Ele tremia.

- Sem queimaduras, inteiro - murmurou. - Meu filho.

Ele estava com aquela velha e maltratada capa cinzenta nos ombros, mas não reparei na hora. Abraçou-me imediatamente, o que obrigou minha menina e meu menino a se

afastarem. Porém não se afastaram muito. Acho que se tranquilizaram ao me ver abraçá-lo e lhe dar vários beijos no rosto e na boca, como era nosso hábito antigamente.

Ele era tão esplêndido, tão delicadamente cheio de amor.

-Manterei estes mortais em segurança se você estiver decidido a tentardisse ele: Ele lera toda a fala em meu coração. Sabia que eu fatalmente faria isso. - O que

posso dizer para impedi-lo? - perguntou.

Eu apenas abanei a cabeça. Ódio e expectativa não me permitiriam fazer mais nada. Entreguei Benji e Sybelle aos seus cuidados.

Fui até Lestat, chegando pela frente, isto é, por sua esquerda, já que ele estava à minha direita. Ajoelhei rapidamente, surpreso com o frio do mármore,

esquecendo, suponho, como é úmido aqui em Nova Orleans e como a friagem pode ser furtiva.

Ajoelhei com as mãos no chão e olhei para ele. Ele estava plácido, imóvel, ambos os olhos azuis igualmente claros, como se um deles jamais houvesse sido arrancado

de seu rosto. Olhava através de mim, como se diz, com um olhar parado, saído de uma mente que parecia tão vazia quanto uma crisálida morta.

Seu cabelo estava emaranhado e todo empoeirado. Nem sequer aquela sua mãe fria e detestável o penteara, supus, e isso me enfureceu, mas aí, num lampejo de emoção

gelada, ela sibilou:

- Ele não deixa ninguém tocar nele, Armand. - Sua voz distante ecoou profundamente na capela. - Se tentar, logo descobrirá por você mesmo. Olhei para ela. Ela abraçava

displícitamente as pernas, encostada na

parede. Usava o conjunto cáqui grosso e batido, as calças justas e o paletó safári britânico pelos quais já era mais ou menos famosa manchados de suas aventuras na

selva, o cabelo louro tão amarelo e brilhante como o dele, numa trança que lhe caía às costas.

Ela se levantou, de repente, e veio em minha direção, batendo no chão as botas de couro simples, com passos duros que ecoaram desrespeitosamente pela capela.

- O que o faz pensar que os espíritos que ele viu são deuses? - perguntou ela. - O que o faz pensar que as travessuras de qualquer um desses seres arrogantes que

brincam conosco não passam de excentricidades, e que não somos mais do que animais, do mais baixo até o mais alto sobre a face da Terra? - Ela estava a poucos passos

dele. Cruzou os braços. - Ele tentou alguma coisa. Aquela entidade não podia resistir a ele. E qual foi o resultado? Diga-me. Você devia saber.

- Eu não sei -disse eu num tom de voz baixo. -Eu gostaria que você me deixasse em paz.

-Ah, é, bem, deixe-me lhe dizer qual foi o resultado. Uma jovem, de nome Dora, uma líder de almas, como chamam, que proclamava as conseqüências positivas da assistência

dada aos fracos necessitados, foi desencaminhada! O resultado foi esse: suas pregações, baseadas na caridade e cantadas num outro tom para que as pessoas pudessem

ouvi-las, foram obliteradas pelo rosto sanguinolento de um deus sanguinolento.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Odiei que ela visse isso com tanta clareza, mas não podia lhe responder e não podia fazê-la calar-se. Levantei-me. -- Eles se

bandearam para as catedrais - disse ela com desprezo -, todos,

e de volta a uma teologia arcaica, ridícula e absolutamente inútil que obviamente você parece ter esquecido.

- Sei muito bem disso - eu disse baixinho. - Você me deixa infeliz. O que estou fazendo com você? Estou me ajoelhando ao lado dele, só isso.

- Ah, mas você pretende fazer mais, e suas lágrimas me ofendem disse ela.

Ouvi alguém atrás de mim falar alto com ela. Achei que talvez fosse Pandora, mas não tinha certeza. Num lampejo súbito e evanescente, tive consciência de todos aqueles

que se divertiram com meu sofrimento, mas nem liguei.

-O que espera, Armand?-perguntou ela esperta e implacavelmente. Seu rosto estreito e oval era parecidíssimo com o dele e, no entanto, nada parecido. Ele nunca estivera

tão desligado dos sentimentos, tão abstrato em sua raiva quanto ela agora. - Você acha que verá o que ele viu, ou que o Sangue de Cristo ainda estará lá para você

saborear com sua língua? Deverei citar o catecismo para você?

- Não há necessidade, Gabrielle - disse eu de novo num tom manso. As lágrimas estavam me cegando.

- O pão e o vinho são o Corpo e o Sangue desde que permaneçam isso, Armand; mas quando já não são mais pão e vinho, então não são mais Corpo e Sangue. Então o que



acha do Sangue de Cristo nele, que de certa forma conservou o poder mágico, apesar da máquina de seu coração que devora o sangue de mortais como se fosse simplesmente

o ar que ele respirasse?

Não respondi. Pensei com meus botões. Não era o pão e o vinho; era Seu Sangue, Seu Sangue Sagrado e ele o deu no caminho do Calvário, e para este ser que jaz aqui.

Engoli em seco minha dor e minha fúria por ela ter me obrigado a me envolver nesses termos. Eu queria olhar para meus pobres Sybelle e Benj i, pois o cheiro deles

me dizia que eles ainda estavam ali. Por que Marius não os levou embora! Ah, mas isso era bastante óbvio. Marius queria ver o que eu pretendia fazer.

- Não me diga - disse Gabrielle engolindo as sílabas - que se trata de uma questão de fé. - Ela riu com escárnio e abanou a cabeça. - Você vem como São Tomé botar

essas suas presas sanguinolentas na ferida.

-Ah, pare, eu lhe suplico-murmurei. Ergui as mãos.-Deixe-me tentar, e deixe-o ferir-me, então sinta-se satisfeita e vá embora.

O que eu quis dizer foi apenas aquilo, e não senti nenhum poder nisso, só humildade e imensa tristeza.

Mas ela ficou muito abalada, e pela primeira vez seu semblante ficou total e absolutamente triste, e seus olhos também ficaram úmidos e vermelhos, e seus lábios

até se contraíram quando ela olhou para mim.

- Pobre criança perdida, Armand - disse ela. - Sinto muito por você. Eu estava tão contente por você ter sobrevivido ao sol.

- Então quer dizer que posso perdoá-la, Gabrielle- eu disse -, por todas as crueldades que você me disse.

Ela ergueu as sobrancelhas pensativamente, e em seguida balançou a cabeça lentamente em sinal de assentimento. Depois, erguendo as mãos, recuou em silêncio e assumiu

a antiga posição, sentando no degrau do altar, a cabeça encostada na mesa de Comunhão. Encolheu os joelhos como antes, e apenas ficou me olhando, o rosto na sombra.

Esperei. Ela estava imóvel e calada, e nenhum barulho vinha dos ocupantes esparsos da capela. Eu podia ouvir o pulsar do coração de Sybelle e a respiração aflita

de Benji, mas eles estavam a muitos metros de mim.

Olhei para Lestat, que estava igual, o cabelo caído como antes, um pouco sobre o olho esquerdo. Seu braço direito estava para fora, e seus dedos, dobrados para cima,

e dele não vinha o menor movimento, nem mesmo um alente dA seus pulmões ou um suspiro de seus poros.

Ajoelhei ao seu lado. Estiquei o braço e, sem hesitar, afastei-lhe o cabelo do rosto.

Deu para sentir o choque na capela. Ouvi os suspiros, as exclamações dos outros. Mas Lestat mesmo não se mexeu.

Lentamente, alisei seu cabelo com mais ternura, e vi para meu próprio espanto mudo uma de minhas lágrimas cair bem no rosto dele.

Era vermelha porém rala e transparente, e parecia dissolver-se enquanto escorria pela curva de sua maçã do rosto, para dentro da depressão natural abaixo. Fui chegando

mais perto de mansinho, encarando-o, a mão ainda em seu cabelo. Deitei-me de bruços ao seu lado, pousando o rosto em seu braço esticado. Mais uma vez ouviram-se as expressões de surpresa, e tentei conservar o coração

absolutamente livre de orgulho e de qualquer coisa que não fosse amor.

Não era um amor diferenciado nem definido, mas apenas amor, o amor que eu poderia sentir por alguém que eu matasse ou socorresse, ou que passasse na rua, ou que eu conhecesse e valorizasse tanto quanto ele.

Todo o fardo de suas tristezas me pareciam inimagináveis, e, em minha mente, essa noção se expandiu para incluir a tragédia de todos nós, aqueles que matam para

viver e vicejam na morte como a própria terra decreta, e são amaldiçoados com uma consciência para saber disso, e conhecem as menores etapas da lenta agonia e da

morte de todas as coisas que nos alimentam. Tristeza. Tristeza muito maior que a culpa, e muito mais pronta para ser contabilizada, tristeza grande demais para o

mundo.

Ergui-me. Apoiei-me no cotovelo e afaguei delicadamente seu pescoço com a ponta dos dedos da mão direita. Lentamente, pressionei a boca contra sua pele esbranquiçada

e aveludada e senti seu velho e inconfundível sabor e cheiro idem, algo doce e indefinível e absolutamente pessoal, algo composto de todos os seus

dons físicos e aqueles que lhe foram dados depois, e furei sua pele com meus caninos afiados para provar seu sangue.

Aí, para mim não existia capela, não existiam suspiros indignados nem gritos reverentes. Não ouvi nada, porém sabia o que estava se passando em volta. Eu sabia como

se aquele lugar conereto fosse apenas um fantasma, pois o que era real era o sangue dele.

Era grosso como mel, de sabor intenso e forte, um xarope para os anjos. Bebi-o gemendo, sentindo seu calor extremo, tão diferente de qualquer sangue humano. Com

cada lenta batida de seu coração poderoso veio mais uma pequena onda de sangue, até que minha boca ficou cheia e minha garganta engoliu sem minha ordem, e o barulho

de seu coração foi aumentando cada vez mais, e um reflexo avermelhado encheu minha visão, e através desse reflexo vi um grande rodamoinho de poeira.

Um rumor tristíssimo foi surgindo lentamente do nada, misturado com uma areia ácida que machucou meus olhos. Era um local deserto, sim, e cheio de coisas malcheirosas

e comuns, de suor e imundície e morte. O rumor eram vozes gritando e ecoando nas paredes apertadas e encardidas. Vozes superpostas, insultos e zombarias e gritos

de horror, e ríspidas cadências de cochichos torpes e indiferentes sobressaindo aos mais pungentes e terríveis gritos de indignação e alarme.

Fui pressionado contra os corpos suados, lutando, o sol baixo queimando meu braço estendido. Entendi aquele rumor à minha volta, a língua antiga gritada e gemida

em meus ouvidos enquanto eu lutava para chegar cada vez mais perto da fonte de toda aquela comoção molhada e feia que me atolava e tentava me segurar.

Parecia que eu ia morrer esmagado por essas mulheres veladas e esses homens esfarrapados de pele áspera, vestidos com roupas de tecidos grosseiros fiados em casa,

que me davam cotoveladas e me pisavam os pés. Eu não podia ver o que estava à minha frente. Abri os braços, ensurdecido com os gritos e as gargalhadas perversas,

e subitamente, como se por uma ordem, a turba se dividiu, e vi a medonha obra-prima.

Ele estava com Seu camisolão branco rasgado e ensangüentado, essa mesma Figura cujo Rosto eu havia visto impresso nas fibras do Sudário. Braços presos por correntes

de ferro irregulares namonstruosa e pesada trave da cruz. Ele curvado embaixo dela, o cabelo escorrido dos dois lados do rosto cheio de cortes e equimoses. O sangue

dos espinhos escorria para Seus olhos abertos e inabaláveis.

Ele olhou para mim, bastante assustado, até ligeiramente espantado. Tinha os olhos arregalados como se a multidão não O cercasse, e um chicote não tivesse estalado

em Suas costas e depois em Sua cabeça baixa. Por baixo de Suas

pálpebras em carne viva e sangratido, Ele ftav algo  
questava além do cabelo emaranhado de Lestat.

- Senhor! - gritei.

Devo ter tentado alcançá-Lo, pois aquelas eram minhas  
mãos, minhas mãos brancas e miúdas que vi! Vi-as lutando  
para alcançar Seu Rosto.

- Senhor! - tornei a gritar.

E ele me olhou de volta, impassível, olhos encontrando com  
os meus, mãos pendendo das cadeias de ferro e sangue  
escorrendo da boca.

De repente um golpe feroz e terrível me acertou. Lançou-me  
à frente. Seu Rosto encheu minha visão. Diante de meus  
olhos estava a medida mesma de tudo o que eu poderia

ver- Sua pele suja e rachada, o emaranhado úmido e escuro  
de Seus cílios, as grandes órbitas brilhantes de Seus olhos  
escuros.

Aquilo se aproximava cada vez mais, o sangue escorrendo  
em Suas sobrancelhas grossas e pingando em Suas faces  
macilentas. Ele abriu a boca e deixou escapar um som.

No começo era um suspiro depois virou uma respiração  
surda que se elevava e ia ficando cada vez mais ruidosa à  
medida que Seu Rosto ia aumentando, perdendo os próprios

contornos, e virava a soma de todas as suas cores agitadas,  
o rumor agora um ruído positivo e ensurdecador.

Apavorado, gritei. Fui empurrado para trás. No entanto,  
enquanto eu via Seu Vulto familiar e o antigo contorno de  
Seu Rosto com Sua Coroa de Espinhos, o Rosto foi

ficando cada vez maior e absolutamente indistinto e parecia novamente abaixar-se para mim, e aí de repente sufocar todo o meu rosto com Seu peso imenso e total.

Gritei. Eu estava indefeso, leve, sem conseguir respirar.

Gritei como nunca gritei em todos os meus miseráveis anos, o grito tão alto que abafou o ruído que me enchia os ouvidos, mas a visão continuava pressionando, uma

grande massa inescapável em movimento que fora Seu Rosto.

- Oh, Senhor! - gritei com toda a força de meus pulmões que ardiam. O vento zuniu em meus ouvidos.

Alguma coisa bateu em minha cabeça com tanta força que me rachou o crânio. Ouvi o estalo. Senti o sangue correr.

Abri os olhos. Estava olhando para a frente, caído do outro lado da capela, estatelado junto à parede, pernas à frente, braços pendurados, a cabeça em fogo com a

dor da pancada violenta.

Lestat não se mexera. Eu sabia que não.

Ninguém precisava me dizer. Não foi ele quem me jogara para trás.

Caí de cara no chão, com o braço por baixo da cabeça. Eu sabia que estava cercado de pés, que Louis estava ali perto e que até Gabrielle viera, e sabia também que

Marius estava levando Sybelle e Benjamin embora.

Eu só conseguia ouvir aquele silêncio vibrante a vozinha aguda e mortal de Benjamin.

- Mas o que aconteceu com ele? O que aconteceu? O louro não acertou nele. Eu vi. Não aconteceu. Ele não...

Escondendo o rosto, o rosto banhado em lágrimas, cobri a cabeça com as mãos trêmulas, o sorriso amargo oculto, embora meus soluços fossem ouvidos. Chorei e chorei

durante um bom tempo, depois, aos poucos, como eu sabia

que aconteceria, minha cabeça começou a fechar. O sangue ruim aflorou em minha pele fervilhando e ministrou seus préstimos malignos, costurando a carne como um pequeno

raio laser do Inferno.

Alguém me deu uma toalha. Nela, senti de leve o cheiro de Louis, mas eu não podia ter certeza. Passou-se muito tempo, talvez uma hora antes que eu finalmente a pegasse

e limpasse o rosto.

Passou-se mais uma hora, uma hora em silêncio com as pessoas saindo de mansinho, antes de eu me virar e sentar encostado na parede. Minha cabeça já não doía, já não

havia ferimento, o sangue seco no local logo desapareceria.

Fitei-o calmamente durante um bom tempo.

Eu estava com frio, sozinho e sensível. Nenhum murmúrio penetrava minha audição. Eu não notava os gestos nem os movimentos à minha volta.

Na parte mais reservada de minha mente repassei, bem lentamente, exatamente o que eu havia visto, ouvido - tudo o que lhe disse aqui.

Finalmente levantei-me. Fui até onde ele estava e olhei-o.



Gabrielle me disse algo. Foi uma coisa dura e mesquinha. Na verdade, não ouvi direito. Escutei apenas o som, a cadência das palavras, isto é, como se aquele francês

antigo, que me era tão familiar, fosse uma língua que eu não soubesse.

Ajoelhei-me e beijei os cabelos dele.

Ele não se moveu. Não se alterou. Eu não estava nem um pouco com medo de que ele o fizesse, tampouco esperançoso. Beije-o mais uma vez no rosto ,

levantei-me e limpei as mãos na toalha que eu ainda tinha, e saí.

Acho que passei um bom tempo num estado de torpor, e depois alguma coisa me veio à cabeça, algo que Dora havia dito há muito tempo, sobre uma criança ter morrido

num sótão, sobre um fantasminha e sobre roupas velhas.

Agarrando com força essa lembrança, consegui me dirigir para a escada. Foi lá que o encontrei pouco depois. Agora você sabe, com todas as conseqüências que isso

acarreta, o que vi ou o que não vi.

E assim minha sinfonia está terminada. Deixe-me assiná-la com meu nome. Quando você acabar de copiar, darei minha transcrição a Sybelle. E a Benji talvez. E você

pode fazer o que quiser com o resto.

-- 25 --

Isto não é um epílogo. É o último capítulo de uma história que julguei já encerrada. Estou escrevendo de próprio

punho. O capítulo será breve, pois já não tenho

mais o que contar e preciso manipular com o maior cuidado o esqueleto da história.

Talvez, mais tarde, as palavras adequadas me venham para aprofundar minha descrição do que aconteceu, mas, por ora, tudo o que posso fazer é registrar.

Não deixei o convento depois de assinar o relato que David tão fielmente escreveu. Era muito tarde.

Passei a noite falando, e precisei me recolher a uma das câmaras de tijolo secretas do lugar que David me mostrara, um lugar onde Lestat já estivera preso, e lá,

estirado no chão numa escuridão absoluta, excitadíssimo com tudo o que contara a David e mais exausto do que nunca, adormeci com o nascer do sol.

Ao pôr-do-sol, levantei-me, estiquei minhas roupas e voltei à capela. Ajoelhei e dei um beijo com todo o afeto em Lestat, como já dera na noite anterior. Não vi

ninguém nem sequer soube quem estava lá.

Acreditando na palavra de Marius, saí do convento, naquela luz violeta do início da noite, meus olhos passeando confiantes pelas lores, tentando escutar os acordes

da sonata de Sybelle para que eles me guiassem à casa certa.

Em segundos, ouvi a música, as frases distantes porém rápidas do Allegro assai, ou Primeiro Movimento, aquela música familiar de Sybelle.

Ela estava tocando com uma precisão incomum, de fato, uma nova cadência lânguida que imprimia à música uma autoridade rubra e poderosa que imediatamente me agradou.

Portanto eu não enlouquecera minha menininha de susto. Ela estava bem e prosperava, talvez encantada com a umidade modorrenta de Nova Orleans como muitos de nós se encantam.

Corri imediatamente para o local, e me vi em pé, só um pouco descabelado pelo vento, diante de um enorme sobrado de tijolinhos de três andares em

Metairie, um bairro com características rurais da região metropolitana de Nova Orleans que na verdade fica muito perto da cidade e às vezes parece milagrosa-

mente afastado. , Os carvalhos gigantes que Marius descreveu cercavam essa mansão ameri- cana recente, e, como ele prometera, todas as portas janelas

com suas vidraças transparentes estavam abertas para receber a brisa do início da noite. A relva alta era macia de pisar, e uma luz esplêndida, tão preciosa

para Marius, derramava-se de cada janela assim como a música da Appassionata, que agora acabava de entrar com uma graça excepcional no Segundo Movimen-

to, Andante con motto, que promete ser um segmento calmo da obra mas rapidamente se transforma na mesma loucura do resto. Detive-me para escutar a música.

Eu nunca ouvira as notas tão límpidas e transparentes assim, tão rápidas e tão intensamente distintas. Tentei por

puro p razer adivinhar as diferenças entre essa

interpretação e tantas outras que eu já ouvira. Eram todas diferentes, mágicas e profundamente comoventes, mas essa era mais que espetacular, graças em parte

ao imenso corpo do que eu sabia ser um piano de concerto. Por um instante, bateu-me uma tristeza, uma lembrança terrível e absorven- te daquilo

que eu vira ao beber o sangue de Lestat na noite anterior. Deixei-me ,. < reviver essa lembrança, como dizemos tão inocentemente e, depois, com um

i susto agradável que me fez corar, vi que não precisava contar aquilo a ninguém, que tudo havia sido ditado a David e que quando ele me entregasse

as minhas cópias eu poderia confiá-las a qualquer pessoa que eu amasse, que algum dia quisesse saber o que eu havia visto. Quanto a mim, eu não tentaria

imaginar isso. Eu não podia. Tinha um sentimento forte demais de que a pessoa que eu havia visto a caminho do Calvário, fosse essa pessoa real ou uma criação de

meu coração culpado, não quis que eu a visse e monstruosamente me mandara embora. Realmente, o sentimento de rejeição era tão completo que eu mal podia acreditar

que conse- guira descrevê-lo a David. Eu precisava tirar os pensamentos da cabeça. Expulsei todas as reverbera- ções dessa experiência e deixei-me

cair novamente na música de S belle , ficando simplesmente ali em pé à sombra dos carvalhos, com a

eterna brisa do rio, que sempre nos alcança aqui

onde quer que estejamos, refrescando-me e tranquilizando-me e dando-me a sensação de que havia na terra uma beleza irreprimível, até para alguém como eu.

a música do Terceiro Movimento atingiu seu clímax mais brilhante, e achei . que meu coração fosse explodir. Só então, enquanto os últimos compassos

eram tocados, percebi algo que deveria ter sido óbvio desde o início.

356

O VAMPIRO AR-liAND

Não era Sybelle que estava tocando. Não podia ser. Eu conhecia cada nuance de suas interpretações. Conhecia seus modos de expressão; conhecia as qualidades tonais

que seu toque particular sempre produzia. Embora suas interpretações fossem infinitamente espontâneas, eu conhecia sua música, como uma pessoa conhece a escrita

de outra ou o estilo de um pintor. Essa não era Sybelle.

Então entendi toda a verdade. Era Sybelle, mas Sybellejá não era Sybelle. Por um instante, não consegui acreditar. Meu coração parou de bater. Então entrei na casa

com um passo regular e furioso, e nada me deteria antes de descobrir se o que eu achava era verdade.

Logo vi com meus próprios olhos. Numa sala esplêndida, eles estavam reunidos, a bela e graciosa figura de Pandora com uma túnica de seda marrom com uma faixa na

cintura à moda grega, Marius de paletó de veludo e calças de seda, e meus filhos, meus lindos filhos, o radioso Benji com aquele seu camisolão branco, dançando descalço

e selvagemmente pela sala com as mãos espalmadas como se quisesse agarrar o ar e Sybelle, minha deslumbrante Sybelle, os braços de fora, com um vestido de seda cor-de-rosa

forte, ao piano, o cabelo comprido caindo-lhe nos ombros, acabando de voltar ao Primeiro Movimento. Todos eles vampiros, todos.

Cerrei os dentes com força e tapei a boca para que meus rugidos não acordassem o mundo. Fiquei rugindo em minhas mãos sem forças.

Fiquei gritando aquela sílaba desafiadora Não, Não, Não. Não conseguia enxergar mais nada, gritar mais nada, fazer mais nada.

Gritei e gritei.

Eu cerrava os dentes com tanta força que meu maxilar doía e minhas mãos tremiam como asas de um pássaro que não quisesse me deixar tapar a boca direito, e de novo

as lágrimas escorreram de meus olhos tão abundantemente como quando beijei Lestat.

Não, Não, Não, Não!

Então, de repente abri os braços, cerrando os punhos, e o rugido teria escapado de dentro de mim, teria explodido como uma torrente violenta, mas Marius segurou-me

com força e puxou-me para ele e apertou meu rosto contra o peito.

Lutei para desvencilhar-me. Chutei-o com toda a força e esmurrei-o. - Como pôde fazer isso! - rugi.

Ele segurou minha cabeça sem me dar chance de fugir e ficou me cobrindo de beijos que odiei e detestei, e fiquei agitando desesperadamente os braços para livrar-me deles.

- Como pôde? Como ousa? Como pôde?

Afinal consegui ficar numa posição que me permitiu dar-lhe vários murros na cara.

Mas o que isso me adiantou? Quão fracos e insignificantes eram meus punhos comparados com a força dele. Quão indefesos e tolos eram meus gestos, e ele ficou ali,

agüentando tudo, o rosto inefavelmente triste, os olhos secos e no entanto cheios de consideração.

- Como pôde fazer isso, como pôde fazer isso! - perguntei. Eu não iria parar de perguntar.

Mas de repente Sybelle levantou-se do piano e correu para mim de braços abertos. E Benji, que estivera o tempo todo observando, também correu para mim, e os dois

me prenderam delicadamente em seus braços ternos.

- Ah, Armand, não fique zangado, não, não fique triste - disse Sybelle baixinho em meu ouvido. - Ah, meu magnífico Armand, não fique triste, não fique. Não fique

irritado. Estamos com você para sempre.

-Armand, estamos com você! Ele fez a mágica-exclamou Benji. -Não precisamos nascer de ovos pretos, seu Dybbuk, contar-nos uma história dessas! Armand, agora não

morreremos nunca, não adoeceremos nunca, e nunca seremos feridos nem sentiremos medo. - Ele ficou pulando de alegria e deu mais uma pirueta alegre, espantado e rindo

com seu novo vigor, por poder pular tão alto e com tanta graça. - Armand, estamos tão felizes.

- Ah, sim, por favor - disse Sybelle com aquela sua voz mais profunda e mais gentil. -Eu o amo tanto, Armand, eu o amo demais. Precisávamos fazer isso. Precisávamos.

Precisávamos fazer isso para estar com você eternamente.

Meus dedos rondavam-na, querendo reconfortá-la, e então, quando ela esfregou desesperadamente a testa em meu pescoço, abraçando meu peito com força, não pude tocá-la, não pude abraçá-la, não pude tranquilizá-la.

-Armand, eu o amo, eu o adoro, Armand, só vivo para você, e agora sempre com você - disse ela.

Balancei a cabeça para cima e para baixo. Tentei falar. Ela beijou minhas lágrimas. Começou a beijá-las rápida e desesperadamente.

-Pare, pare de chorar, não chore-ela ficava sussurrando em tom urgente. - Armand, nós o amamos.

-Armand, estamos tão felizes! -exclamou Benji.-Olhe, Armand, olhe! Agora podemos dançar juntos a música dela. - Ele saltou para junto de mim e dobrou os joelhos, preparado



para pular de excitação como se para enfatizar seu ponto. Então suspirou e tornou a jogar os braços para mim. - Ah, pobre Armand, você está completamente equivocado

e cheio de sonhos errados. Armand, você não vê?

- Eu a amo - disse eu baixinho no ouvido de Sybelle. Repeti isso, e aí minha resistênciã quebrou por completo, e abracei-a delicadamente e, com dedos incontrolláveis,

senti sua pele branca e aveludada e a beleza esfuziante de seu cabelo lustroso.

Ainda abraçado com ela, murmurei:

- Não trema, eu a amo, eu a amo. Segurei Benji com a mão esquerda.

- E você, tratante, você pode me contar tudo daqui a pouco. Agora deixeme abraçá-lo. Deixe-me abraçá-lo.

Eu estava tremendo. Era eu quem tremia. Eles me abraçaram de novo com toda a ternura, procurando aquecer-me.

Finalmente, dando tapinhas nos dois, despedindo-me deles com beijos, saí todo encolhido e desabei exausto numa grande poltrona antiga de veludo. Minha cabeça latejava

e senti as lágrimas querendo voltar, mas as engoli

com toda a força por causa deles. Eu não tinha escolha.

Sybelle voltara ao piano e recomeçara a tocar a sonata. Agora ela cantava as notas monossilabicamente com uma linda voz baixa de soprano, e Benji recomeçou a dançar,

rodopiando e saracoteando, batendo com os pés descalços no chão, acompanhando encantadoramente o ritmo de Sybelle.

Inclinei-me à frente na cadeira, segurando a cabeça. Queria que meu cabelo caísse à frente para me esconder de todos os olhares, mas minha cabeleira, embora volumosa,

não dava para isso.

Senti uma mão no ombro e fiquei tenso, mas não pude dizer uma palavra, senão começaria a chorar de novo e a praguejar com toda a força. Fiquei calado. -Não espero

que você entenda - ele disse com uma voz abafada. Endireitei-me na cadeira. Ele estava a meu lado, sentado no braço da poltrona. Olhou para mim.

Fiz uma expressão agradável, toda risonha até, e falei com uma voz tão aveludada e plácida que ninguém poderia achar que eu estivesse falando com ele de qualquer

coisa que não fosse amor.

- Como pôde fazer isso? Por que fez isso? Você me odeia tanto assim? Não minta para mim. Não me diga idiotices nas quais você sabe que não acreditarei nunca. Não

mintar para mim por causa de Pandora ou deles. Eu os amarei para sempre. Mas não minta. Você fez isso de vingança, não, Mestre, fez isso de ódio?

- Como eu poderia? - perguntou ele com a mesma voz, expressando de amor puro, e parecia a voz genuína do amor falando comigo a partir de seu rosto sincero e súplice.

- Se algum dia fiz alguma coisa por amor, foi isso. Fiz isso por amor e por você. Por todos os erros cometidos contra você e pela solidão que você sofreu, e pelos

horrores que o mundo o fez enfrentar quando você era jovem e inexperiente demais para saber combatê-los e derrotado demais para se empenhar de todo coração numa batalha.

Fiz isso por você.

- Ah, você está mentindo, está mentindo com o coração - disse eu - se não com a língua. Você fez isso por despeito, e acaba de me revelar esse fato com a maior clareza.

Fez isso por despeito porque não fui a cria que você queria fazer

de mim. Não fui o rebelde inteligente que podia enfrentar Santino e seu bando de monstros, e, depois desses séculos todos, fui o que tornou a desapontá-lo horivelmente

porque fui para o sol depois que vi o Sudário. Por isso você fez

isso. Fez isso por vingança e por amargura e por desapontamento, e o pior é que você mesmo não sabe. Você não agüentou que meu coração tivesse quase estourado

quando vi o Rosto Dele no Véu. Não agüentou que essa criança que

você tirou do bordel de Veneza e alimentou com seu próprio sangue, essa criança . que você ensinou com seus livros e com sua mão, gritasse para Ele quando viu

o Rosto Dele no Sudário.

- Não, isso está tão longe da verdade que me corta o coração. - Ele balançou a cabeça. E, sem lágrimas e branco como ele estava, seu rosto era uma perfeita imagem

de tristeza como se tivesse sido retratada por ele. - Fiz isso porque eles o amam como ninguém jamais o amou, e eles são livres e têm dentro de seus corações generosos

uma profunda sagacidade que não se esquivava de você nem de tudo o que você é. Fiz isso porque eles foram forjados na mesma forja que eu, com grande capacidade de

raciocínio e força para resistir. Fiz isso porque ela não foi vencida pela loucura e ele não foi vencido pela pobreza nem pela ignorância. Fiz isso porque eles eram

os seus escolhidos, absolutamente perfei

tos, e eu sabia que você não faria, e eles acabariam odiando-o por isso, odiando-o, como você já me odiou por lhe sonegar isso, e, antes de você ceder, a

alienação e a morte já os teriam levado.

"Eles agora são seus. Nada os separa. E é meu sangue, antigo e poderoso, que os deixa quase transbordando de poder permitindo que possam ser seus companheiros dignos

e não a pálida sombra de sua alma que Louis sempre foi.

"Não há barreira de Mestre e Cria entre vocês, e você pode aprender os segredos do coração deles como eles podem aprender os do seu."

Eu queria acreditar nisso.

Queria tanto que me levantei e o deixei, e, abrindo o mais gentil dos sorrisos para Benjamin e dando-lhe um leve beijo ao passar, retirei-me para o jardim e fiquei

sozinho embaixo de dois carvalhos gigantescos.

Suas raízes possantes afluavam no chão formando montes duros e escuros . de madeira nodosa. Descansei os pés nesse lugar acidentado e a cabeça na árvore

mais próxima.

Os galhos vinham até embaixo e faziam uma cortina para mim, como eu quisera que os meus cabelos fizessem. Senti-me protegido e seguro nas sombras. Meu coração estava

calmo, mas estava partido e minha mente estava despedaçada, e bastava-me olhar pela porta aberta para meus dois anjos vampiros brancos naquela claridade gloriosa

lá dentro para recomeçar a chorar.

Marius ficou um bom tempo numa porta distante. Ele não olhava para mim. E, quando olhei para Pandora, vi-a encolhida como se para se defender de uma

dor terrível - possivelmente apenas nossa discórdia - em outra grande poltrona de veludo velha.

Finalmente, Marius empertigou-se e veio em minha direção, e acho que precisou de força de vontade para fazer isso. De repente parecia só um pouquinho irritado e

até arrogante.

Não liguei a mínima.

Ele se postou à minha frente mas não disse nada, e parecia que estava ali para enfrentar o que quer que eu tivesse a dizer.

- Por que você não os deixou ter a vida deles! - cobrei. - Logo você, o que quer que sentisse por mim e por minhas loucuras, por que não os deixou ter o que a natureza

lhes deu? Por que interferiu?

Ele não respondeu, mas não levei isso em consideração. Baixando o tom para não alarmá-los, prossegui.

- Em minhas épocas mais negras - disse eu - eram sempre suas palavras que me davam apoio. Ah, não me refiro aos séculos em que eu estava servindo a um credo pervertido

e a uma ilusão mórbida. Refiro-me a bem depois disso, depois que si dó p8rã8, aeitnd8 8 desft8 d Lestt, e li ó u Lestt escrevèü sobre você, e depois o ouvi

pessoalmente. Foi você, Mestre, que me deixou ver o pouco que consegui ver do mundo maravilhoso que se desenrolava ao meu redor de formas que eu não poderia ter

imaginado na terra nem na época em que nasci.

Não consegui me conter. Parei para ganhar fôlego e para ouvi-la tocar, e, percebendo quão linda era a música, quão lamentosa e expressiva e misteriosa de uma nova

maneira, quase chorei de novo. Mas não podia permitir que isso acontecesse. Eu tinha muito mais a dizer, ou assim achava.

- Mestre, foi você quem disse que estávamos vivendo num mundo em que as velhas religiões de superstição e violência estavam morrendo. Foi você quem disse que vivíamos

numa época em que o mal já não aspirava a nenhum lugar necessário. Lembre-se, Mestre, você disse a Lestat que não havia credo nem código capaz de justificar nossa

existência, pois os homens agora sabiam o que era o verdadeiro mal, e o verdadeiro mal era a fome, a necessidade, a ignorância, a guerra e o frio. Você disse tudo

isso, Mestre, com muito mais elegância e de modo muito mais completo do que eu jamais poderia dizer, mas foi baseado nesse grande argumento racional que você defendeu,

você, com os piores de nós, a santidade e a preciosa glória desse mundo humano e natural. Foi você quem defendeu a alma humana, dizendo que ela havia se tornado

mais profunda e mais sensível, que os homens já não viviam para o glamour da guerra mas conheciam as coisas mais refinadas que outrora eram exclusividade dos mais

ricos, e agora eram acessíveis a todos. Foi você quem disse que um novo esclarecimento, um esclarecimento da razão e da ética e de compaixão genuína, voltara após

séculos

negros de religião sangrenta, para espalhar não apenas sua luz mas também seu calor.

-Pare Armand, não fale mais nada-disse ele. Ele foi delicado mas muito severo. - Lembro-me dessas palavras. Lembro-me de todas elas. Mas não acredito mais nisso.

Eu estava pasmo. Pasma com a assombrosa simplicidade de sua renegação. Eu não podia imaginar uma coisa mais completa, e no entanto eu o conhecia suficientemente

para saber que ele queria dizer exatamente aquilo. Ele me olhou com firmeza.

- Eu já acreditei nisso, sim. Mas, sabe, não era uma convicção baseada na razão e na observação da humanidade como tentei achar que era. Nunca foi ,

e acabei percebendo, e aí, quando vi exatamente o que era, um preconceito cego, desesperado e irracional, senti de repente que tudo desmoronou com letamente. " p

Armand, eu disse essas coisas porque precisava acreditar que eram verda

deiras. Elas eram o próprio credo deles, o credo dos racionalistas, dos ateus, dos lógicos, do sofisticado senador romano que precisava fechar os olhos para as realidades

nauseantes do mundo à sua volta, porque se fosse admitir o que via na infelicidade de seus irmãos e irmãs, enlouqueceria."

Ele inspirou e continuou, voltando as costas para a sala iluminada como que para proteger as crias do calor de suas palavras, certamente como eu queria que ele fizesse.

-Conheço história, leio história como outras pessoas lêem suas Bíblias, e não ficarei satisfeito antes de ter desencavado todas as histórias que tiverem sido escritas

e forem cognoscíveis, e decodificado todas as culturas que tiverem me deixado qualquer evidência tantalizadora que eu possa extrair da terra ou da pedra ou do papiro



ou do barro.

"Mas meu otimismo estava errado, eu era ignorante, tanto quanto acusava os outros de serem, e recusava-me a ver os horrores que me cercavam, mais do que nunca neste

século, este século racional, mais do que em qualquer época do mundo.

"Olhe para trás, filho, se quiser, se quiser discutir a questão. Olhe para a dourada Kiev, que você só conheceu em canções depois que os selvagens mongóis incendiaram

suas catedrais e massacraram sua população como se fosse gado, como fizeram por toda a Kiev Rus durante duzentos anos. Olhe para as crônicas de toda a Europa e veja

as guerras travadas em toda parte, na Terra Santa, nas florestas da França ou da Alemanha, por toda a fértil Inglaterra, sim, abençoada Inglaterra, e em cada rincão

asiático do globo."

Ah, por que me enganei durante tanto tempo? Não vi aquelas pradarias russas, aquelas cidades incendiadas? Ora, toda a Europa poderia ter sido conquistada por Gêngis

Khan. Pense nas grandes catedrais inglesas destruídas pelo arrogante rei Henrique.

Pense nos livros dos maias que os padres espanhóis lançaram no fogo. Incas, astecas, olmecas - povos e todas as nações pulverizados e esquecidos...

- Isso tudo são horrores em cima de horrores, e sempre foi assim, e não posso fingir mais. Quando vejo milhões mortos em câmaras de gás por causa dos caprichos de

um austríaco louco, quando vejo tribos africanas inteiras massacradas até os rios se coalharem de corpos inchados, quando vejo a fome dizimar países inteiros numa

era de abundância insaciável, não consigo mais acreditar nessas banalidades.

"Não sei o que foi que destruiu minha ilusão. Não sei que horror desmascarou minhas mentiras. Terão sido os milhões que morreram de fome na Ucrânia, presos ali por

seu próprio ditador, ou os milhares que morreram depois de envenenados pela radiação nuclear despejada nas pastagens, desprotegidos pelos mesmos poderes governamentais

que já os fizera passar fome? Terão os mosteiros do nobre Nepal, cidadelas de meditação e graça que resistiram milhares de anos, sendo mais velhos até do que eu

e toda a minha filosofia, sido destruídos por um exército de militaristas gananciosos que fizeram uma guerra implacável contra monges de hábitos cor de açafrão,

e atiraram ao fogo livros de valor inestimável, e derreteram sinos antigos que já não mais chamavam os fidalgos para a oração? E isso tudo nessas duas últimas décadas,

enquanto as nações ocidentais dançavam nas discotecas e se encharcavam de álcool, lamentando perfunctoriamente o destino triste do remoto Dalai Lama, e trocando

o canal do televisor.

"Não sei o que foi. Talvez tenham sido os milhões - chineses, japoneses, cambodjanos, hebreus, ucranianos, poloneses, russos, curdos, ah, meu Deus, a ladainha é

interminável. Eu não tenho fé, não tenho otimismo, não acredito nos modos da razão ou da ética. Não o censuro enquanto você está na escadaria da catedral abrindo

os braços para seu Deus onisciente e perfeito.

"Não sei nada, porque sei demais, e não entendo o bastante nem entenderei. Mas você me ensinou tanto quanto qualquer um que conheci, que o amor é necessário, tanto

quanto a chuva para as flores e para as árvores, e o alimento para a criança faminta, e sangue para esses animais predadores que se alimentam de carniça famintos

e sedentos que nós somos. Precisamos de amor, e o amor pode nos fazer esquecer toda a selvageria, como talvez nada mais possa.

"E por isso tirei-os de seu mundo moderno fabuloso e promissor com suas doenças e suas massas desesperadas. Tirei-os daí e dei-lhes a única força que possuo, e fiz

isso por você. Dei-lhes tempo, tempo talvez para encontrar uma resposta que aqueles mortais que vivem atualmente talvez jamais encontrem.

"A história toda foi essa. E eu sabia que você iria chorar e sofrer, mas sabia que você os teria e os amaria quando tudo terminasse, e sabia que você precisava desesperadamente

deles. Então, aí está você... aliado agora à serpente e ao leão

e ao lobo, e muito superior ao pior dos homens que atualmente provaram ser monstros colossais, e livre para se alimentar com cuidado num mundo perverso capaz de

engolir qualquer coisa que eles quisessem podar."

f Um silêncio caiu entre nós.

Fiquei pensando bastante, em vez de começar a falar.

Sybelle tinha acabado de tocar, e eu sabia que ela estava preocupada comigo e precisava de mim. Eu sentia isso, sentia a investida forte de sua alma vampírica.

Eu precisaria ir logo para ela. Mas aproveitei para dizer com calma mais algumas palavras.

- Você deveria ter confiado neles, Mestre, deveria ter deixado que tivessem

sua oportunidade. Fosse qual fosse a sua idéia do mundo, você deveria ter i , deixado que eles tivessem o tempo deles aí. Era o mundo deles e o tempo deles.

Ele sacudiu a cabeça como se estivesse desapontado comigo e um pouco cansado, e, já tendo resolvido essas questões todas há muito na cabeça, talvez

, antes até de eu ter aparecido na noite passada, ele parecia disposto a deixar isso

tudo passar.

- Armand, você é meu filho para sempre - disse ele com grande dignidade. - Tudo o que é mágico e divino em mim é ligado pelo humano e

sempre foi.

; - Você deveria ter deixado que eles tivessem o tempo deles. Nenhum amor

pela minha pessoa deveria ter assinado a sentença de morte deles, nem a

admissão dos dois ao nosso mundo estranho e inexplicável. Podemos ser piores . que os humanos em nossas avaliações, mas você poderia ter seguido o seu

conselho. Poderia tê-los deixado em paz. Isso era suficiente.

Ademais, David aparecera. Ele já tinha uma cópia da transcrição em que havíamos trabalhado, mas isso não lhe interessava. Ele se aproximou de nós lentamente, anunciando

sua presença obviamente pra nos dar a chance de nos

calarmos, o que fizemos. Virei-me para ele, sem conseguir me conter.

- Você sabia que isso aconteceria? Sabia quando aconteceu?

- Não, não sabia - disse ele solenemente. . . . - Obrigado - respondi. -Eles precisam de você, esses seus jovens-disse David. -Marius, pode

ser o criador, mas eles são completamente seus.

- Eu sei - disse eu. - Estou indo. Vou fazer o que preciso fazer. . Marius esticou o braço e me tocou no ombro. De repente vi que ele estava

prestes a se descontrolar.

Quando falou, sua voz estava embargada de sentimento. Ele estava odiando a tempestade dentro dele e arrasado com a minha tristeza. Eu via isso com

bastante clareza. Não me dava nenhuma satisfação.

- Você agora me despreza, e talvez tenha razão. Eu sabia que você iria chorar, mas de uma forma muito profunda, eu o julguei mal. Não percebi uma coisa sobre você.

Talvez nunca tenha percebido.

- O que, Mestre - perguntei com um azedume teatral. , -  
Você os amava sem egoísmo - murmurou. - Apesar de todas as estranhas falhas e maldades deles, eles não se

comprometeram por sua causa.

Você os amou talvez com mais respeito do que eu... do que eu o amei. Ele parecia espantadíssimo.

Eu só conseguia balançar a cabeça. Não tinha muita certeza se ele tinha razão. Minha necessidade deles nunca fora testada, mas eu não queria lhe dizer isso. - Armand

- disse ele. - Você sabe que pode ficar aqui o tempo que desejar.

- Ótimo, porque talvez eu fique - disse eu. - Eles gostam, e eu estou cansado. Então muito obrigado por isso.

- Mas uma outra coisa - prosseguiu ele -, e estou dizendo isso de todo

o coração.

- O que é, Mestre? - perguntei.

David estava por perto, o que me deixou feliz, pois sua presença parecia reprimir minhas lágrimas.

-Honestamente não sei a resposta para isso, e humildemente lhe pergunto -disse Marius. -Quando viu o

Véu, o que você realmente viu? Ah, não estou perguntando se

foi Cristo, ou Deus, ou um milagre. Estou perguntando isso. Havia o rosto de um ser, banhado de sangue, que originou uma religião culpada de mais guerras e mais

crueldade que qualquer outro credo que o mundo já conheceu. Não se zangue comigo, por favor, apenas me explique. O que você viu? Foi apenas uma lembrança magnífica

dos ícones que você pintava? Ou foi realmente algo banhado de amor e não de sangue? Diga-me. Se era amor e não sangue, eu honestamente gostaria de saber.

- Você está fazendo uma pergunta simples e antiga - disse eu -, e pelo que sei você não sabe realmente de nada. Você quer saber como ele poderia ter sido o meu Senhor,

dado esse mundo ser como você descreve, e com o conhecimento que você tem dos Evangelhos e dos testamentos escritos em nome Dele. Quer saber como pude acreditar

nisso tudo porque você não acredita, não é?

Ele concordou com um gesto de cabeça.

-É, quero mesmo. Porque eu o conheço. E eu sei que fé é algo que simplesmente você não tem.

Fiquei espantado. Mas imediatamente vi que ele estava certo.

Sorri. Senti de repente uma espécie de felicidade trágica e eletrizante.

- Bem, entendo o que você quer dizer- disse eu. - E vou lhe responder. Eu vi Cristo. Uma espécie de luz sanguinolenta. Uma personalidade, um

humano, uma presença que pensei conhecer. E Ele não era o Senhor Deus Pai TodoPoderoso nem era o criador do universo e do mundo inteiro. E não era o Salvador nem o

Redentor de pecados inscritos em minha alma antes que eu nascesse. Não era a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade nem o Teólogo expondo Seus ensinamentos na Montanha

Sagrada. Ele não era essas coisas para mim. Talvez fosse para outros mas não para mim.

- Mas quem era Ele, então, Armand? - perguntou David. - Tenho aqui a sua história, repleta de maravilhas e sofrimento, e no entanto não sei. Qual era o conceito

de Senhor quando você disse a palavra?

-Senhor-repeti. -Isso não signifca o que você pensa. É uma palavra falada com intimidade demais e carinho demais. E como um segredo e um nome sagrado. Senhor. -

Fiz uma pausa e prossegui: - Ele é o Senhor, sim, mas só porque é o símbolo de algo infinitamente mais acessível, algo muito mais significativo do que um governante

ou um rei ou um senhor poderá ser algum dia.

De novo, ele hesitou, querendo encontrar as palavras certas já que elas eram tão sinceras.

-Ele era... meu irmão-disse eu.-Sim. Era isso que Ele era, meu irmão, e o símbolo de todos os irmãos, e é por isso que Ele era o Senhor, e é por isso que o cerne



Dele é simplesmente amor. Você está rindo. Vê com ironia o que digo. Mas não capta a complexidade do que Ele era. É fácil sentir, talvez, mas não é tão fácil ver

realmente. Ele era um homem como eu. E talvez para muitos de nós, milhões e milhões, isso seja tudo o que Ele fô! Somos todos filhos e filhas de alguém e Ele era

filho de alguém. Ele era humano, fosse Ele Deus ou não, e estava sofrendo e fazendo isso por coisas que Ele achava pura e universalmente boas. E isso significava

que o sangue Dele poderia muito bem ser o meu sangue também. Ora, tinha de ser. E talvez seja essa a verdadeira fonte de toda a Sua magnificência para pensadores

como eu. Você disse que eu não tinha fé. Não tenho. Não em títulos nem em lendas ou hierarquias feitas por outros seres como nós. Ele não fez uma hierarquia, não

verdadeiramente. Ele era a própria hierarquia. Vi Nele magnificência por razões simples. Iavia carne e sangue no que Ele era! E isso poderia ser pão e vinho para

alimentar a terra toda. Você não entende. Não pode. Muitas mentiras a respeito Dele pairam em seu conhecimento. Vi-O antes de ouvir muita coisa sobre Ele. Vi-O quando

olhava para os ícones em minha casa, e quando pinte!-O muito antes de saber todos os nomes Dele. Não consigo tirá-Lo da cabeça. Nunca consegui. Nunca conseguirei.

Eu não tinha mais nada a dizer.

Eles estavam muito espantados mas sem particularmente acatar, ponderando as palavras de todas as maneiras

erradas, talvez, eu não podia saber absolutamente. De qualquer

maneira, não importava o que eles sentiam. Não era realmente muito bom que eles tivessem me perguntado ou que eu tivesse tentado

contar a minha verdade. Vi o velho ícone em minha mente, o que minha mãe ; trouxera na neve. Encarnação. Impossível explicar a filosofia deles. Eu me rguntava.

Talvez o horror de minha própria vida fosse que, não importava o e eu fizesse nem aonde eu fosse, eu sempre entendia. Encarnação. Uma écie de luz sanguinolenta.

Eu queria que eles agora me deixassem em paz.

Sybelle estava esperando, o que era muito mais importante, e fui abraçá-la. Passamos muitas horas conversando, Sybelle, Benji e eu, e fnalmente ndora, que estava

muito perturbada mas não dizia uma palavra sobre isso, veio nbém conversar dísplicente e alegremente conosco. Marius juntou-se á nós e .vid também.

Estávamos reunidos numa roda na relva, sob as estrelas. Pelos jovens, umi a expressão mais corajosa e conversamos sobre coisas belas e lugares por de andaríamos,

e maravilhas que Marius e Pandora haviam visto, e de vez em ando discutíamos amigavelmente sobre coisas corriqueiras.

Cerca de duas horas antes do amanhecer, havíamos nos separado. Sybelle ava sentada sozinha no fundo do jardim, olhando para uma flor atrás da outra m grande cuidado.

Benji descobrira que conseguia ler com uma velocidade ;ternatural e estava devorando a biblioteca, o que era realmente muito im;ssionante.

David, sentado à escrivaninha de Marius, corrigia seus erros de ortografia s abreviações da transcrição datilografada, corrigindo metículosamente a pia que fizera

apressadamente para mim.

Marius e eu estávamos encostados no mesmo carvalho, sentados juntos. Não ávamos. Estávamos observando as coisas, e talvez ouvindo as mesmas canes da noite.

Eu queria que Sybelle tornasse a tocar. Eu nunca a vira ficar tanto tempo sem ;ar, e queria muito vê-la tocar a sonata novamente.

Foi Marius quem ouviu primeiro o som inusitado, e empertigou-se alarma, só para relaxar e tornar a encostar novamente ao meu lado.

- O que foi? - perguntei.

- Só um barulhinho. Não consegui... Não consegui entender-disse ele. rnou a apoiar-se em meu ombro, como antes.

Quase imediatamente, ví David levantar os olhos do trabalho que estava :endo. E aí Pandora apareceu, dirigindo-se lenta mas desconfiadamente para a das portas iluminadas.

Agora, ouvi o barulho. E Sybelle também, pois elatambém olhou na direção portão do jardim. Até Benji finalmente se dignara a reparar no som, e largou vro no meio

da frase e marchou para a porta com um arzinho muito severo a avaliar essa nova situação e tê-la firmemente sob controle.

A princípio, achei que estivesse vendo errado, mas logo identifiquei o vulto que apareceu quando o portão abriu e fechou em silêncio atrás de seu braço rígido e deselegante.

O vulto vinha mancando, ou, antes, parecia alguém cansado ou desacostumado do simples ato de caminhar ao surgir na claridade que iluminava o gramado diante de nossos pés.

Fiquei espantado. Ninguém conhecia suas intenções. Ninguém se mexeu. Era Lestat, e ele estava tão esfarrapado e empoeirado como no chão da capela. Nenhum pensamento

emanava de sua mente até onde eu podia supor, e seus olhos pareciam vagos e cheios de uma admiração exaustiva. Ele se postou à nossa frente, apenas contemplando,

e então eu me levantei atabalhoadamente para abraçá-lo; ele se aproximou de mim e falou em meu ouvido.

Sua voz estava entrecortada e fraca por falta de uso, e ele falou muito baixinho, seu hálito apenas encostando em mim.

- Sybelle - disse ele.

- Sim, Lestat, o que foi, o que há com ela, diga-me - pedi. Eu segurava suas mãos com o máximo de carinho e firmeza.

- Sybelle -tornou ele a dizer. - Acha que ela tocaria a sonata para mim se você lhe pedisse? A Appassionata?

Recuei e olhei em seus olhos azuis vagos e sonolentos.

-Ah, sim-respondi, quase sem fôlego de tão excitado, transbordando de sentimento. - Lestat, tenho certeza que sim. Sybelle!

Elajá se virara. Observou-o espantada enquanto ele atravessou lentamente o gramado para entrar na casa. Pandora deu um passo atrás, e todos nós ficamos num silêncio

respeitoso observando-o sentar-se junto ao piano, de costas para a perna dianteira direita do instrumento, os joelhos levantados e a cabeça apoiada pesadamente nos

braços cruzados. Ele fechou os olhos.

- Sybelle - perguntei -, quer tocar para ele? A Appassionata de novo se você quiser.

E obviamente ela tocou.

6 de janeiro de 1998 Dia de Reis

onosso. Marius juntou-se á nós e .vid também.

Estávamos reunidos numa roda na relva, sob as estrelas. Pelos jovens, umi a expressão mais corajosa e conversamos sobre coisas belas e lugares por de andaríamos,

e maravilhas que Marius e Pandora haviam visto, e de vez em quando discutíamos amigavelmente sobre coisas corriqueiras.

Cerca de duas horas antes do amanhecer, havíamos nos separado. Sybelle estava sentada sozinha no fundo do jardim, olhando para uma flor atrás da outra com grande cuidado.

Benji descobrira que conseguia ler com uma velocidade extraordinária e estava devorando a biblioteca, o que era realmente muito impressionante.

David, sentado à escrivaninha de Marius, corrigia seus erros de ortografia e abreviações da transcrição datilografada, corrigindo meticulosamente a página que fizera

apressadamente para mim.

Marius e eu estávamos encostados no mesmo carvalho, sentados juntos. Não falávamos. Estávamos observando as coisas, e talvez ouvindo as mesmas coisas da noite.

Eu queria que Sybelle tornasse a tocar. Eu nunca a vira ficar tanto tempo sem tocar, e queria muito vê-la tocar a sonata novamente.

Foi Marius quem ouviu primeiro o som inusitado, e empertigou-se alarmado, só para relaxar e tornar a encostar novamente ao meu lado.

- O que foi? - perguntei.

- Só um barulhinho. Não consegui... Não consegui entender - disse ele. Ele começou a apoiar-se em meu ombro, como antes.

Quase imediatamente, vi David levantar os olhos do trabalho que estava fazendo. E aí Pandora apareceu, dirigindo-

se lenta mas desconfiadamente para a das portas iluminadas.

Agora, ouvi o barulho. E Sybelle também, pois ela também olhou na direção portão do jardim. Até Benji finalmente se dignara a reparar no som, e largou vó no meio

da frase e marchou para a porta com um arzinho muito severo a avaliar essa nova situação e tê-la firmemente sob controle.

A princípio, achei que estivesse vendo errado, mas logo identifiquei o vulto que apareceu quando o portão abriu e fechou em silêncio atrás de seu braço rígido e

deselegante.

O vulto vinha mancando, ou, antes, parecia alguém cansado ou desacostumado do simples ato de caminhar ao surgir na claridade que iluminava o gramado diante de nossos

pés.

Fiquei espantado. Ninguém conhecia suas intenções. Ninguém se mexeu. Era Lestat, e ele estava tão esfar